IV ENCONTRO EM ANÁLISE DO DISCURSO:
Fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas

ANAIS DO EVENTO

UNESP/Araraquara
DE 14 A 17 DE AGOSTO DE 2013

IV ENCONTRO EM ANÁLISE DO DISCURSO

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E ABORDAGENS METODOLÓGICAS

ANAIS DO
IV ENCONTRO EM ANÁLISE DO DISCURSO

Araraquara – S.P.
FCL-UNESP
2013

Organizadores dos Anais:
Camila Cristina de Oliveira Alves
Gesiel Prado
Marina Célia Mendonça
Thiago Ferreira da Silva

Comissão Organizadora:
Marina Célia Mendonça
Arnaldo Cortina
Jauranice Rodrigues Cavalcanti
Maria do Rosário V. Gregolin
Marlon Leal Rodrigues
Renata Coelho Marchezan
Wedencley Alves Santana
Paulo Cesar Tafarello
Ana Carolina Cardoso Bedenik
Camila Cristina de Oliveira Alves
Carlos Eduardo da Silva Ferreira
Carolina Reis
Eneida Gomes Nalini de Oliveira
Felipe Sousa de Andrade
Gesiel Prado
José Cezinaldo Rocha Bessa
José Radamés Benevides de Melo
Lígia Mendes Boareto
Luiza Bedê Barbosa
Maria Teresa Silva Biajoti
Renan Belmonte Mazzola
Thiago Ferreira da Silva
Yuri Araujo Mello

Encontro em Análise do Discurso (4. : 2013 : Araraquara, SP)

Encontro em Análise do Discurso : fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas : Anais do Evento / IV Encontro em Análise do Discurso; Araraquara, 2013 (Brasil). – Documento eletrônico. - Araraquara : FCL - UNESP, 2013.

ISBN 978-85-8359-002-6

1. Linguística. 2. Análise do Discurso. I. Encontro em Análise do discurso (4. : 2013 : Araraquara, SP)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da FCLAr – UNESP.

APRESENTAÇÃO

O ***IV Encontro em Análise do Discurso****: fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas* foi promovido, em 2013, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara (SP), em parceria com os grupos de pesquisa NEAD, SLOVO, GEADA e GPS-UNESP.

Esta edição do evento, ocorrida na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Araraquara, pretendeu propiciar reflexão sobre diferentes bases epistemológicas e abordagens metodológicas nos estudos discursivos, dando-se ênfase a linhas de pesquisa desenvolvidas no Brasil. O objetivo foi discutir a identidade das pesquisas brasileiras que têm por objeto o discurso.

O evento contou com mesas compostas por pesquisadores convidados, sessão de painéis, sessões de comunicações individuais e minicursos. As temáticas das mesas e dos minicursos procuraram dar visibilidade a diferentes abordagens dos estudos do discurso, entre elas as que se sustentam em trabalhos do Círculo de Bakhtin, em escritos de Pêcheux, Foucault, Maingueneau e em trabalhos em semiótica discursiva. Os artigos que compõem estes Anais dão ao leitor uma ideia da diversidade de pesquisas em discurso que foram apresentadas no encontro.

A Comissão Organizadora coloca à disposição do leitor interessado em estudos do discurso, com estes Anais, esse leque de diferentes pesquisas e aproveita para agradecer a todos aqueles que ajudaram a construir esse encontro.

A Comissão Organizadora

SUMÁRIO

ADRIANA REIS E CLARA LUZIA CARNEIRO BORGES. REFLEXÕES SOBRE OS DISCURSOS DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE CONCEIÇÃO DO JACUÍPE - BA **10**

ALINE SADDI CHAVES E MARTA LUZZI. O FUNCIONAMENTO DA ALUSÃO NOS CARTAZES DE PROTESTOS POLÍTICOS **20**

ANDRÉ SILVA.VER, OUVIR... LER: UMA PROPOSTA DE AD DA ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DE TELEJORNAIS *ALL NEWS* **36**

ANE RIBEIRO PATTI E LUCÍLIA MARIA SOUSA ROMÃO. ALGUNS VESTÍGIOS DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO SOB O OLHAR DA ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE **46**

CARINE FONSECA CAETANO DE PAULA. O DISPOSITIVO COMO CONCEITO OPERATÓRIO ENTRE AS ANÁLISES ARQUEOLÓGICA E GENEALÓGICA EM MICHEL FOUCAULT **58**

CARLA CRISTINA BRAGA DOS SANTOS. DISCURSO, ENSINO E REFLEXIVIDADE: TRAJETÓRIA PARA O EMPODERAMENTO **66**

CARLOS EDUARDO DA SILVA FERREIRA. REFLEXÕES ACERCA DO ESTILO NA SALA DE AULA: ESTILO COMO MARCA DIALÓGICA **82**

DANILO VIZIBELI. MARCAS DE AUTORIA NAS CANÇÕES DO RAPPER "LETODIE": SENTIDOS CONTESTATÓRIOS QUE CIRCULAM NAS REDES SOCIAIS EM TEMPOS DE #VEMPRARUA BRASIL **97**

DAYANE CAROLINE PEREIRA E ROSEMERI PASSOS BALTAZAR MACHADO. O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO GÊNERO TIRA E O CAMPO DO HUMOR **110**

DENISE ABREU TURCO. OS CHAPÉUS QUE ABSOLVEM: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO-MULHER NO/PELO DISCURSO JURÍDICO **125**

DIANE HEIRE SILVA PALUDETTO. O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O TRABALHO DOMÉSTICO APÓS A PROMULGAÇÃO DA EC N. 72 DE 2013 **138**

ELISÂNGELA LEAL DA SILVA AMARAL, SORAIA APARECIDA ROQUES PEREIRA E SIMONE DOS SANTOS FRANÇA. IDENTIDADE SOB ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS: AS FACES REVELADAS DOS SUJEITOS DO DISCURSO **154**

ELISÂNGELA SANTOS DE CARVALHO. APENAS UM JOVEM LEITOR: PRÁTICAS ESCRILEITORAS NO FACEBOOK **165**

ELZA CAROLINA BECKMAN PIEPER E MARCOS LÚCIO DE SOUSA GÓIS. UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE *NÃO TENHO CULPA QUE A VIDA SEJA COMO ELA É*, DE NELSON RODRIGUES **172**

ENEIDA GOMES NALINI DE OLIVEIRA E RENATA COELHO MARCHEZAN. TRADUÇÃO E AS CATEGORIAS BAKHTINIANAS **187**

EUZENIR FRANCISCA DA SILVA. ANÁLISE SEMIÓTICA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FIGURATIVIDADE E ESPACIALIZAÇÃO NA OBRA "MEU MATO GROSSO DO SUL, MINHA TERRA" DE OLIVA ENCISO: O DISCURSO EM QUESTÃO. **204**

FABRÍCIA APARECIDA MIGLIORATO CORSI. AS PRÁTICAS DE LEITURA INSTITUCIONALIZADAS PELOS PCNS SOB UM OLHAR FOUCAULTIANO **216**

FLÁGILA MARINHO DA SILVA LIMA E PALMIRA HEINE. REFLEXÕES SOBRE A LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA **224**

FLÁVIA RODRIGUES DOS SANTOS. *ETHOS* E MEMÓRIA: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO FEIRAGUAI **240**

HELLEN NÍVIA TIAGO. 1984: RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVAÇÃO **249**

JACILENE DA SILVA SOUZA E PALMIRA HEINE. A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA BAIANIDADE EM CHARGES E TIRINHAS VEICULADOS NO FACEBOOK **260**

JOÃO FLÁVIO DE ALMEIDA. DECUPAGEM CINEMATOGRÁFICA E IDEOLOGIA **269**

JOSÉ GOMES FILHO. DISCURSO E PODER DO MORADOR DE RUA: ESTUDO DA HETEROGENEIDADE DISCURSIVA E DA POLIFONIA NOS TEXTOS DO JORNAL "AURORA DA RUA" **282**

KAREN STEPHANIE MELO. A CIGARRA E AS FORMIGAS, DE MONTEIRO LOBATO: UMA ANÁLISE DA FÁBULA **294**

LUZMARA CURCINO. DISCURSOS SOBRE A LEITURA: UMA ANÁLISE DA EMERGÊNCIA E REMANÊNCIA DE CERTAS REPRESENTAÇÕES DO LEITOR NA ATUALIDADE **302**

MAGNA LEITE CARVALHO LIMA. A AUTORIA NAS REDAÇÕES DE PARTICIPANTES DO ENEM 2012 **310**

MÁRCIA HELENA FRANCO SANTOS GODOY E MARLON LEAL RODRIGUES. ANÁLISE DO DISCURSO E TABU: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO (SEM-) SENTIDO NO DISCURSO DO INCESTO CONSENTIDO **325**

MARIA LUÍSA LOPES CHICOTE. PERCURSOS VOCACIONAIS NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DIRCUSIVA DAS NARRACÕES SOBRE OS PROCESSOS DE TOMADA DE DECISÃO VOCACIONAL **340**

MARILURDES CRUZ BORGES. AS RELAÇÕES DIALÓGICAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO DISCURSO DE MARCÍLIO GODOI, NA REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA **352**

MELLY FÁTIMA GOES SENA E MARLON LEAL RODRIGUES. ANÁLISE DO DISCURSO E MASCULINIDADE: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE DISCURSIVA MASCULINA PELA REVISTA *MEN'S HEALTH* **368**

MICHELLE APARECIDA PEREIRA LOPES. O CORPO *PLUS SIZE* COMO OBJETO DISCURSIVO: UMA ANÁLISE DE DIZERES SOBRE O PESO DA CANTORA ADELE **375**

NATAL CANALLE JÚNIOR. A LEITURA (DIS)TRAÍDA: O ESTUDO DE UMA METÁFORA NA CRÍTICA LITERÁRIA **390**

PALMIRA HEINE. CHEINHA OU MAGÉRRIMA? DISCURSO, CORPO E SENTIDO SOBRE A MULHER EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS **400**

RAFAEL MAGALHÃES ANGRISANO. COMO ANALISAR REPORTAGENS TELEVISIVAS? UMA BREVE PROPOSTA DE ANÁLISE DAS NARRATIVAS TELEVISUAIS DOS ACONTECIMENTOS **412**

REGINETE DE JESUS LOPES MEIRA E PALMIRA HEINE. O CARICATO DO BAIANO: REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA EM ANÚNCIOS DE TURISMO **424**

RINALDO GUARIGLIA. O GÊNERO ARGUMENTATIVO ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE OS ENUNCIADOS DE CONSENSO E DE POLÊMICA **438**

SIMONE CRISTINA MUSSIO. DIALOGANDO COM A ESCRITA ACADÊMICA NO AMBIENTE DIGITAL **452**

TAÍS TURAÇA ARANTES E NATANIEL DOS SANTOS GOMES. O DISCURSO ERÓTICO DO CORPO FEMININO NOS QUADRINHOS ITALIANOS: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM VALENTINA, DE GUIDO CREPAX **467**

TANIA VALÉRIA AJALA MORENO. A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER *PLUS SIZE* **476**

THIAGO BARBOSA SOARES E CARLOS PIOVEZANI. DISCURSOS DO SUCESSO: A PRODUÇÃO DE SUJEITOS E SENTIDOS DO SUCESSO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO **489**

THIAGO FERREIRA DA SILVA. IDENTIDADES SOCIAIS E EXALTAÇÃO DAS MINORIAS NO SERIADO *GLEE* **496**

REFLEXÕES SOBRE OS DISCURSOS DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE CONCEIÇÃO DO JACUÍPE - BA

ADRIANA REIS (AUTOR)
CARLA LUZIA CARNEIRO BORGES (CO-AUTOR)
UEFS – BA

Resumo

Elementos discursivos atuantes em jovens, dentro do ambiente escolar, lhes imputam uma condição de empoderamento e os coloca na condição de líderes, impelindo outros jovens às práticas condenadas pela sociedade, e que, ao mesmo tempo, os sujeitam a estas condutas por suas influências sociohistóricas. O objetivo deste estudo é, portanto, analisar o discurso destes jovens, avaliando em que medida lhes é atribuído o respeito, o temor, a confiabilidade da comunidade escolar da qual fazem parte e que arrogam a condição de transgressores da ordem estabelecida. A Análise do Discurso permite trabalhar com as relações entre língua e sujeito, na perspectiva de observar os ditos e também os não-ditos no discurso de liderança dos adolescentes, refletindo sobre como o sujeito se constitui e é constituído pela linguagem. Analisaremos as representações simbólicas de empoderamento pelo adolescente de comportamento marginal que se impõe dentro da escola com suas construções discursivas que dão a estes sujeitos a condição de liderança frente aos seus grupos sociais e à sua comunidade. As convicções políticas, culturais, sociais, religiosas e ideológicas coexistem lado a lado moldando, fundamentando, inscrevendo-se na língua, erigindo todas as suas condições de produção. Investigar as representações discutidas e reconfiguradas do adolescente que se impõe como marginal, dentro dos espaços educativos das escolas públicas de Conceição do Jacuípe é o que move esta pesquisa. A relevância deste trabalho perfaz-se na compreensão pedagógica e social do papel do adolescente em sua comunidade de vivência, como forma de auxiliar na difícil tarefa de prevenir a delinquência juvenil, e consequentemente, aproximar, cada vez mais, a dignidade, o respeito e a liberdade de um maior número de jovens, no sentido de entender suas possíveis razões para apresentarem este perfil, analisando discursivamente a importância dos discursos que interpelam sua vida. O corpus desta pesquisa está sendo constituído com o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, descritiva, com dados analisados através de interpretações dos fenômenos à luz da Análise do Discurso, na linha de Pêcheux, e a partir da base teórica de Foucault e Bourdieu, observando os efeitos de sentidos que são atribuídos socialmente às figuras humanas e aos tipos estabelecidos pelo corpo administrativo e docente, através dos quais se verificará o olhar perpassado de ditos e não ditos sociais para o adolescente rebelde e o sujeito marginal e suas implicações no ideário popular.

Palavras-chave: Discurso; Adolescência; Poder; Empoderamento; Violência.

Introdução

O presente estudo objetiva uma reflexão sobre a língua e seu poder na adolescência marginal, ou seja, as construções discursivas de empoderamento dos jovens que assumem

posturas de líderes marginais dentro de escolas públicas de Ensino Médio, na cidade de Conceição do Jacuípe - BA.

A finalidade principal é trazer à discussão os elementos discursivos que, atuantes nestes jovens, dentro do ambiente escolar, que lhes imputa uma condição de empoderamento que os coloca na condição de líderes, impelindo outros jovens a práticas condenadas pela sociedade, e que ao mesmo tempo os sujeita a estas condutas por suas influências sociohistóricas, que muitas vezes são responsáveis pelo desenvolvimento destes comportamentos. O objetivo é analisar o discurso dos sujeitos que ocupam a posição de jovens marginais avaliando quais os interdiscursos que alimentam o respeito, o temor, a confiabilidade da comunidade escolar da qual fazem parte e que arrogam a condição de transgressores da ordem estabelecida; como sujeitos, tendo ciência ou não de sua condição de assujeitados.

Estas considerações tomam como fundamentais as reflexões de Michel Foucault, e apreciam para sua evolução, as ideias pedagógicas calcadas nos escritos de Bourdieu e Passeron. O lugar do qual falamos é de base teórica da Análise do Discurso (doravante AD), na perspectiva de Michel Pêcheux. A relevância de se apoiar na ótica teórica da AD se deve à articulação que ela faz entre a dimensão linguística e a histórica/psicanalítica social. Iniciada por Michel Pêcheux, nos anos 60, a AD observa a relação da língua com os sujeitos que produzem o dizer. É necessário analisar o sujeito como um ser membro de uma conjuntura social e histórica atravessado por uma ideologia. Assim, a partir daí, percebe-se como a língua faz sentido e como o sujeito se apropria de outras vozes (os já ditos do interdiscurso) que construirão suas materialidades discursivas.

Trabalhando com as relações entre língua e sujeito, na perspectiva de observar os ditos e também os não-ditos no discurso de liderança dos adolescentes, refletiremos sobre como o sujeito se constitui e é constituído pela linguagem. Há marcas da língua no sujeito, e estas são percebidas nas materialidades do discurso. Análise do Discurso é uma prática e um campo interdisciplinar da Linguística, História e Psicanálise e o que nos propomos, a partir dela, é analisar construções ideológicas considerando que os sujeitos são marcados por estas dada a sua inscrição numa determinada formação discursiva. A AD é proposta a partir da filosofia materialista que põe em questão a prática das ciências humanas e a divisão do trabalho intelectual, de forma reflexiva e contextualizada.

Utilizando a AD como embasamento teórico, imprimiu-se aqui a necessidade de se trabalhar os sujeitos da adolescência para melhor entender o papel da memória discursiva na

constituição de si e de sua própria história. Vale ressaltar que os sujeitos adolescentes a que me refiro neste artigo não são empíricos. Eles são sujeitos em posições sociais que se inscrevem em várias formações discursivas: a de adolescentes, de filhos, de alunos, de companheiros, de amigo, de aliciadores, de comandados, de comandantes, etc.

Discurso e sociedade

O homem, segundo Levi-Straus, é produto da natureza e da cultura. Portanto ele está sujeito a leis naturais e culturais que, muitas vezes conflitantes, coloca-o diante dos mais diversos conceitos de valores, de ética e da moral. Estes conceitos são absorvidos a partir da experiência de vida. Experiência esta que se espraia e é transmitida através da língua, delineando-se através da historicidade que é própria à produção e transformação de quaisquer objetos éticos e sociais tomados para análise e sob um olhar que vislumbra que a descontinuidade, as modificações e (re)produções é um princípio para falar sobre as longas temporalidades da existência. Estes objetos são construídos no discurso, não preexistem às falas.

Como propriedade natural e constitutiva do ser humano, temos a língua. As condições sociais que envolvem o uso da língua propiciam à sociedade possibilidades de diversos usos, diversas maneiras de empregá-la e para os mais diversos fins. Burke (1992, p. 10) afirma que "tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante passado", ou seja, todos os acontecimentos têm um lugar na história, e serão descritos a partir de perspectivas realísticas e culturais de outrem, ainda que sejam de naturezas diversas. Os lugares na história adquirem sentidos que são revistos, redimensionados, ressignificados e se cristalizam em discursos.

A noção de discurso implica considerar as condições histórico-sociais de produção que o envolvem e determinam. Como exterioridade à língua e à fala, o discurso constitui-se de conflitos próprios à existência histórica de tudo que tem vida social. Assim, propõe-se que a história é uma prática, e os discursos são históricos porque, como práticas, envolverão posicionamento dos sujeitos no interior dos grupos sociais, que serão compreendidos a partir dos sentidos, que mudam de um lugar para outro na história. Às condições políticas, sociais, e culturais que não podemos dissociar da história, atribuímos a razão pela qual há combinações de diferentes discursos, submetidos e entrecruzados a regras de produção na organização de uma regularidade de sentido para os enunciados sobre a história da sociedade.

> Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; (...) (FOUCAULT,1986, p. 135-136)

O discurso, como um conjunto de enunciados que ocorrem como atuações verbais em função enunciativa, isto é, no campo heterogêneo do conhecimento, que põe em jogo o sujeito e sua relação com a língua e com o sentido, é apresentado sob a forma de práticas (discursivas). Desta maneira, defendido por esse modo de analisar os enunciados, considerando-os inconstantes, reconhece-os como objeto de luta, regulados por uma ordem do dizível, definida no interior de lutas políticas do ser humano.

O ser humano é exposto a múltiplas relações em sua existência, e nelas, as relações de poder o envolvem de modo a, baseados ou não em modelos legais, formarem-se e serem formados pelas ideologias que legitimam modos de pensar, e consequentemente, de agir, de acordo com modelos institucionalizados que balizarão as ações de outros sujeitos que tentam desestruturar estas relações.

Pois, tratar da produção de sentidos leva à visão clara de que à linguagem estão atrelados sujeitos socialmente organizados, dispondo de determinados "contratos" para instituir os significados. É a partir das construções sociais, interações, conteúdos e ideologias que se percebem o estabelecimento do sentido. Todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, inscrita na formação discursiva a que estes sujeitos estão vinculados.

O discurso não é original; o sujeito se apropria de um sentido e o assume ideologicamente como seu. O funcionamento do discurso se torna de muita relevância, porque é no texto, parte materializadora do mesmo, que ele é exposto e apreendido. É marcada a importância da formulação dos discursos como sendo a de atualizar, de dar sequência, de se constituir em texto. E o que se pode dizer, somente em determinada época e espaço social deve ser dito em condições de produção específicas, historicamente definidas. Nestes espaços, circulam os ditos e não-ditos sobre a língua, a adolescência e o poder.

Adolescência marginal

A adolescência é um período de intensas modificações comportamentais, psicológicas, físicas, sociais. A violência praticada nos centros urbanos, em maior ou em menor extensão, tem se refletido na conduta de muitos jovens, principalmente dentro do ambiente escolar. As influências são muitas: a mídia, as histórias individuais e paradigmáticas – ou sem paradigmas – vivenciadas por cada um e relatadas de maneira a trazer representações simbólicas marcantes de revolta com as situações vivenciadas por eles. A convivência em grupos é própria desta etapa da vida e, muitos jovens acabam se impondo como líderes destes grupos por características individuais apreciadas pelos outros e um discurso autoritário e dominador que se sobrepõe para além da violência física ou psicológica que muitas vezes é utilizada nesta liderança. São as lutas diárias de sua existência. Neste sentido, trazemos Foucault considerando que

> São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por outro lado, afirmam o direito de serem diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta sua vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo. (FOUCAULT, 1995. p. 234-235)

A adolescência é o período de autoafirmação. Nela os jovens se espelham, contrapõem-se, imitam-se, condenam-se nas construções sociais de suas posições sociais, que nem sempre é a representação de condutas cidadãs e empreendedoras de intervenções em benefício de todos. Há um individualismo reinante, produto sócio-histórico de lutas pela sobrevivência que afetam os nossos jovens delimitando-os como sujeitos assujeitados, dentro e fora do ambiente escolar, de modo que alguns se impõem de modo político emancipatório, perfilando caminhos da marginalidade e exercendo sobre outros jovens, uma posição de liderança que muitas vezes se constrói para além do poder bélico, desenvolvendo o poder exercido discursivamente e, muitas vezes, com maior eficácia e durabilidade do que com a violência física. Por esta razão, estabeleceu-se nesta pesquisa o intuito de investigar discursivamente o que compõe o perfil destes jovens líderes tão temidos, estimados, respeitados e como eles constroem sua liderança por caminhos que não são aqueles estabelecidos maniqueisticamente como “do bem”.

Estes comportamentos juvenis configuram-se num problema complexo, pois as causas que os geram são as mais variadas possíveis, está presente nas diversas classes sociais e seus

efeitos recaem sobre toda a sociedade. As soluções não são aparentes, mas podem se tornar mais claras se o problema for visualizado com comprometimento ético. As instituições: Estado, sociedade e família precisam se unificar e promover reflexões que visem melhorias neste quadro, através das políticas públicas, e de forma muito especial, a educação exerce papel de muita relevância nesta análise.

A adolescência é conhecida como um período de busca da identidade, o que se deixaria perceber no emprego de uma simbologia de grupo interpretada pelos especialistas como uma forma de "semi-identidade" expressa nas roupas, na linguagem diferenciada e em atitudes próprias, muitas vezes identificadas com grupos criminosos. Estreitando ainda mais as relações entre adolescência e delinquência, outros autores ainda argumentaram que a maioria dos adolescentes do sexo masculino e um grande número de adolescentes do sexo feminino teriam necessariamente praticado atos de delinquência.

> No combate à pobreza, a abordagem de empoderamento implica no desenvolvimento das capacidades (*capabilities*) das pessoas pobres e excluídas e de suas organizações para transformar as relações de poder que limitam o acesso e as relações emgeral com o Estado, o mercado e a sociedade civil. Assim, através do empoderamento visa-se a que essas pessoas pobres e excluídas venham a superar as principais fontes de privação das liberdades, possam construir e escolher novas opções, possam implementar suas escolhas e se beneficiar delas.As capacidades (*capabilities*) são poderes para fazer ou deixar de fazer coisas. Assim, o conceito de capacidades não significa só as habilidades (*abilities*) das pessoas, mas também as oportunidades reais que essas pessoas têm de fazer o que querem fazer (Sen A, 1992).

O empoderamento é um processo conflituoso que envolve relações entre os seres humanos, enquanto desenvolvimento das capacidades das pessoas pobres e excluídas e suas estruturações sociais. E na escola os adolescentes

A relevância deste trabalho se perfaz na compreensão pedagógica e social do papel do adolescente em sua comunidade de vivência. Intenta-se trazer à tona os discursos que constituem estes sujeitos, como forma de auxiliar a difícil tarefa de prevenir a delinquência juvenil e consequentemente, aproximar, cada vez mais, a dignidade, o respeito e a liberdade de um maior número de jovens, no sentido de entender suas possíveis razões para apresentarem este perfil. Assim sendo, intentamos contribuir para a formação de um cidadão melhor, com valores considerados coletivamente como primordiais no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Discurso, poder e adolescência: o "jogo simbólico" da violência

A cultura é definida logicamente como pertencente a um grupo ou a uma classe como sistema simbólico, assim sendo, arbitrário, na medida em que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, não estando unidas por nenhuma espécie de relação interna à "natureza das coisas" ou a uma "natureza humana" (BOURDIEU e PASSERON, 1975, p. 23).

Como não existe uma cultura única, devido ao fato de que elas correspondem a interesses materiais e simbólicos de grupos ou classes contrapostos no jogo das relações de força, os agentes em função pedagógica tendem sempre a espelhar a estrutura de distribuição do capital cultural entre esses grupos ou classes, colaborando do mesmo modo para a reprodução da estrutura social: sem dúvida, as leis do mercado em que se forma o valor econômico ou simbólico, isto é, o "valor enquanto capital cultural".

Na perspectiva de Bourdieu, a sociedade como um todo estruturado em classes sociais que se encontram em luta. A ideia de espaço social é a que dá conta do caráter estrutural deste todo. O espaço social se estende como uma rede constituída pelas relações entre as diferentes posições que os agentes ocupam na distribuição ou possessão diferencial de certos bens que dão poder no mundo social dos agentes. E torno destes bens se geram espaços de um jogo "historicamente constituído com suas instituições específicas e suas leis de funcionamento próprias".

Inscrever-se em algumas formações discursivas e obedecer a um certo regime de verdade, significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. O dito, portanto, é imprescindivelmente amarrado às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. O conceito de prática discursiva, para Foucault, não é apenas a mera expressão de idéias, pensamentos ou formulação de frases. Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso.

Pierre Bourdieu (1996) vai dizer que se pode conferir a linguagem uma eficácia propriamente simbólica de construção da realidade, isto porque estrutura a percepção que os agentes sociais têm do mundo, e como eles se relacionam nesse mundo. Nesse sentido, a língua pode então ser compreendida como um sistema simbólico que constitui dessa forma instrumentos de conhecimento e de comunicação, e, portanto, de visões de mundo, de percepção do mundo social. Com relação a isto, Bourdieu vai afirmar que:

> A percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social: do lado objectivo, ela está socialmente estruturada porque as autoridades ligadas aos agentes ou às instituições não oferecem à percepção de maneira independente, mas em combinações de probabilidade muito desigual (...); do lado subjetivo, ela está estruturada porque os esquemas de percepção e de apreciação susceptíveis de serem utilizados no momento considerado, e, sobretudo, os que estão sedimentados na linguagem, são produtos das lutas simbólicas anteriores e exprimem, de forma mais ou menos transformada, o estado das relações de força simbólica. (BOURDIEU, 2004. p. 139.)

A partir do momento em que o homem se conscientiza de que a sociedade constrói todo um discurso ao qual ele é sujeito, este pode passar a ter voz ativa sobre suas ações, inscrevendo-se em várias formações discursivas, isso não significa dizer que, ele terá total liberdade sobre seus modos de agir e pensar. Mas, o adolescente terá, ao menos, consciência a respeito do jogo de ideologias em seu entorno e poderá questionar as verdades veiculadas pelas instituições de ensino em relação a ele e ao mundo que o cerca.

> A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos, no entanto, que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo. (FOUCAULT, 2004a, p. 12)

A violência dos jovens, enquanto elemento simbólico, traz que a cultura simbólica não assenta numa realidade dada como natural; nas visões de realidade que os discursos nos imprimem, o sistema simbólico de uma determinada cultura é uma concedido pelo social, e manter esse *status* é fundamental para a perpetuação de uma sociedade, pois assim a cultura desta será inerente a todos, ainda que por apropriação dos discursos que circulam através das condições de produção que a sociedade permite aos adolescentes.

Considerações finais

Os conflitos entre adolescentes, as formações discursivas em que se inscrevem, opacificam os resultados esperados pelos intentos de colocá-los no caminho do bem, das atitudes cidadãs que os levem a um caminho de respeito a si e aos outros, preservando assim, a sua integridade física e moral, sendo éticos. A solução procurada seria o fruto do progresso

das relações sociais, do desenvolvimento das instituições e da superação das falhas dos dizeres que suscitam significados mediante a interpelação da história nos jovens. O propulsor desta visão de progresso seria o empoderamento. Para a neutralização de conflitos, busca-se reduzir os efeitos do empoderamento, no melhor dos casos não permitir que suas possibilidades enquanto desencadeador de opressões e abusos de poder.

Através do empoderamento, busca-se eliminar as relações de dominação que sustentam a pobreza e a tirania, fontes de privação das liberdades dos seres humanos. Procura-se combater a ordem naturalizada ou institucionalizada dessa dominação (seja ela pessoal, grupal, nacional, internacional; seja ela econômica, política, cultural ou social) para construir relações e ordens mais justas e equitativas. Empoderar-se implica tomar partido pelos pobres e oprimidos e em estar preparado para lidar quase todo o tempo com conflitos.

As diferentes formas de poder presentes na escola, exercido por jovens de comportamento marginal poderiam ser explicadas se compreendermos a violência como um ato excessivo que se verifica no exercício de cada relação de poder presente nas relações sociais de produção do social.

Ainda que o acesso ao ensino por meio da escola pública e gratuita seja democratizado, infelizmente continuará existindo uma forte correlação entre as desigualdades sociais, sobretudo culturais. Isto só poderá ser explicado quando se considera que a escola valoriza e exige dos alunos determinadas qualidades que são desigualmente distribuídas entre as classes sociais, o capital cultural e certa naturalidade no trato com a cultura e o saber, que apenas aqueles que foram desde a infância socializados na cultura legítima podem ter.

Referências

ALÉSSIO, Fernanda Cristina. **A violência simbólica na escola**: uma abordagem a partir da visão de educando e educadores. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2007.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado:** nota sobre aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BURKE, Peter (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, 360pp.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742001000300009& script=sci_arttext>. Acesso em: 30 set. 2013

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir***:* nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação E Democracia. **Anais**. Florianópolis: UFSC, 2007. p. 485-506.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foulcault, uma trajetória filosófica** (para além do estruturalismo e da hermenêutica).Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ROMANO, Jorge O; ANTUNES, Marta. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, *1977*, 116p.

SOUZA, Liliane Pereira de. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. **Revista LABOR,** nº7, v.1, 2012 IS SN: 19835000. Disponível em: <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/ volume7/2_ A_violencia_simbolica_na_escola_-_Liliane_Pereira.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

SEN, A. K. **Inequality Reexamined**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1992.

O FUNCIONAMENTO DA ALUSÃO NOS CARTAZES DE PROTESTOS POLÍTICOS

ALINE SADDI CHAVES[1]
MARTA LUZZI[2]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo
Os recentes protestos desencadeados em junho de 2013 levaram às ruas dos grandes centros urbanos brasileiros uma profusão de vozes motivadas por causas difusas, razão pela qual ainda é cedo para analisar as motivações profundas desses fatos. O que se percebe, contudo, é que essas vozes heterogêneas se constituem, no *discurso*, como explicitamente atravessadas por uma alteridade. É para esse *outro*, marcado e constitutivo desses sujeitos, que este artigo se volta. Nossa hipótese é a de que para se fazerem ouvir, essas vozes se valem das mais variadas estratégias alusivas: canções, acontecimentos históricos, ditos populares, debates da atualidade, estereótipos de cunho ideológico, publicidades, lemas oficiais, etc. A referência ao *outro*, *exterior* à pretensa unicidade do sujeito/discurso, revela ela própria a variedade de estratégias envolvidas: ora a referência diz respeito a um determinado tipo de discurso, ora a um gênero discursivo, ora a textos efetivamente produzidos, dentre outros recursos.

Palavras-chave: Cartaz político; heterogeneidade discursiva; alusão; memória interdiscursiva; dialogismo.

1. Os protestos de 2013: um acontecimento discursivo

Na história recente do Brasil, duas grandes mobilizações populares de cunho político modificaram a rotina do cidadão comum. Elas tinham como pano de fundo transformações políticas decisivas para o futuro do país, a exemplo das Diretas Já, nos anos 1980, e das reivindicações pelo impeachment do ex-Presidente Fernando Collor, nos anos 1990. O hiato de vinte anos seria ocupado por um novo acontecimento: os protestos maciços ocorridos nas ruas dos grandes centros urbanos brasileiros, desencadeados em junho de 2013.

Dentre as características proeminentes desse acontecimento, observa-se de antemão uma heterogeneidade sob vários aspectos, a começar pelas causas. Com efeito, a causa

---

[1] Docente do Curso de Letras-Linguística da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), campus de Campo Grande. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2010).

[2] Mestranda no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), campus de Campo Grande. Este trabalho integra uma pesquisa de mestrado financiada pelo Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de pós-graduação (Resolução CEPE-UEMS Nº 874, de 13/02/2009) da UEMS – PIBAP.

primeira fora a reivindicação da “tarifa zero” do transporte público pelo Movimento Passe Livre, uma pauta antiga de pelo menos dez anos, quando surgiram as primeiras manifestações na cidade de Salvador. Nos dias 6, 7 e 11 de junho de 2013, essa causa ressurge num cenário particular: a Avenida Paulista, maior centro financeiro, político e cultural do país. Sob forte repressão policial, o evento não demora a atrair a atenção das mídias. Na quinta-feira, 13 de junho, os protestos se espalham por inúmeras cidades brasileiras, uma espécie de efeito dominó. Às mídias sociais é atribuído o grande poder de organização das manifestações, um fenômeno inédito no país, que não demoraria a se repercutir pelo mundo afora.

Pôde-se observar, em seguida, o aparecimento de uma profusão de causas aparentemente desconectadas da causa primeira, que se dividiram entre pelo menos três categorias: (i) causas bem delineadas – a realização da Copa de 2014 no Brasil, um projeto de emenda constitucional (PEC 37), a vinda de médicos cubanos –, (ii) causas genéricas – corrupção política, precariedade na educação e na saúde, questão indígena –, (iii) causas derivadas dos protestos em si, relacionadas ao direito à manifestação, notadamente contra os repressores da manifestação (Polícia Militar, governadores), para citar os exemplares recolhidos no corpus.

Consequentemente, o perfil dos manifestantes também se mostrou heterogêneo. Dos jovens estudantes preocupados com o aumento da tarifa do transporte público, vimos surgir no espaço público das ruas algumas categorias sociais (professores, médicos), os manifestantes grisalhos dos anos 1960, e, pode-se dizer mesmo, curiosos das mais variadas faixas etárias, com interesses nem sempre bem delimitados.

Nesse cenário, a heterogeneidade constitui, efetivamente, a palavra de ordem. Ao lado das causas – políticas e sócio-históricas – e do perfil sócio-ideológico dos manifestantes, vemos aparecer, ainda, uma alteridade linguística manifesta nos dizeres dos cartazes. Esse *outro* encontra sua referência no exterior do discurso – em outro gênero discursivo, outro texto efetivamente produzido –, no cruzamento de formações discursivas que entretêm uma relação de aliança ou de antagonismo, para retormar os dizeres de Pêcheux (1988). O procedimento linguageiro empregado é a alusão, de modo que os efeitos de sentido só podem ser plenamente percebidos mediante a ativação de uma memória (inter)discursiva, como explicaremos mais adiante.

Contrariando, entretanto, a ideia de que essa heterogeneidade configura-se em impossibilidade de sentido, é possível ver aí uma “sistematicidade descontínua” (Gregolin,

2006), que toma a forma de um programa de leitura historicamente instituído, como condição mesmo do dizível no interior de um contexto enunciativo *sui generis*.

Na perspectiva investigativa assumida neste artigo, os protestos de 2013 são vislumbrados como um "acontecimento discursivo" (Calabrese, 2013), a partir do momento em que o fato em si, fadado ao esquecimento em meio à grande quantidade de informações diárias a que estamos expostos, é nomeado, em particular pela imprensa, passando, assim, a integrar a massa circulante dos discursos, constituindo um elo da "comunicação verbal ininterrupta" (Bakhtin/Volochinov, 2002, p. 123).

Surgiram, assim, diferentes categorizações do acontecimento por parte de alguns dos mais importantes veículos de imprensa brasileiros, a exemplo de "onda de manifestações" (*Veja*), "protestos pelo país" (*Folha de S. Paulo*) e "epidemia' de manifestações" (*O Estado de São Paulo*). Por si só, tais designações constituem um observatório dos modos de representação/construção do acontecimento pelo discurso da imprensa, indicando verdadeiros "programas de sentidos" (Calabrese, 2013, p. 13).

Sobremaneira, considerar os protestos de 2013 como um acontecimento discursivo confere ao analista uma rentabilidade tanto teórica quanto metodológica, visto se estar diante de uma certa "ordem do discurso" (Foucault, 2009), isto é, de uma regularidade dos enunciados em meio ao aparente caos da linguagem.

Emitimos a hipótese de que essa ordem está intrinsecamente relacionada à dimensão histórica, logo, memorial, de/dos discursos que circularam anteriormente. Sob esse prisma, as palavras não ganham sentido no ato da enunciação, visto que o sentido está inscrito na história, isto é, ele já está posto antes do dizer e a despeito do sujeito. Tal atitude implica postular a relação entre o *dito*, enunciado na/pela língua, e o *já-dito*, considerando que tais enunciados dialogam, de modo alusivo, com *outros* enunciados, fazendo ecoar *outras* vozes, algumas delas esquecidas e até mesmo silenciadas.

Com base nesses pressupostos inciais, o presente artigo tem por finalidade descrever o funcionamento linguístico-discursivo da heterogeneidade discursiva de alguns cartazes, no intuito maior de explicar os efeitos de sentido produzidos. Partimos, pois, da materialidade linguística (intradiscurso) rumo à transversalidade do dizer (interdiscurso).

2. A estratégia alusiva nos cartazes dos protestos de 2013

Uma característica forte da linguagem empregada nos cartazes dos protestos de 2013 é a referência a enunciados, isto é, fragmentos de discursos, que podem ser identificados como pertencentes a outros domínios discursivos.

Uma primeira análise consistiria em considerar tal referência como um fenômeno de intertextualidade, a exemplo do que ocorre nas análises tradicionais do texto literário, notadamente com base na tipologia proposta por Genette (1982).

Segundo essa análise, estaríamos diante da operação clássica de incorporação de um texto em outro: a intertextualidade, que compreende as operações de citação, plágio e alusão. Vejamos esse exemplo de um cartaz dos protestos de 2013:

> **E1: Não é por R$ 0,20.** ***É por João de Santo Cristo que queria falar pro Presidente pra ajudar toda essa gente que só faz sofrer*****.** (grifo nosso)

Empregando a tipologia proposta por Genette (1982) para dar conta das variadas operações de co-presença entre textos, o enunciado destacado acima corresponderia a uma operação intertextual de tipo "citação", na medida em que ocorre menção explícita aos versos finais da canção "Faroeste Caboclo", de autoria de Renato Russo, a saber:

> **Ele queria era falar com o presidente**
> **Pra ajudar toda essa gente que só faz sofrer!**

Mas, comparando-se os versos originais com os dizeres do cartaz, nota-se o resgate do referente "João de Santo Cristo", que constitui a personagem retratada pela canção. Observa-se, ainda, que o enunciado *convocado*, isto é, do texto-fonte (canção), é integrado à estrutura sintática do enunciado *convocante* (cartaz), o que caracteriza uma transformação no plano sintático. Por outro lado, a menção ao enunciado da canção não é explicitada pela fonte enunciadora, ou seja, não há marcas unívocas da presença da alteridade, o que permite aferir que esse tipo de incorporação textual só é validado se o co-enunciador detiver a informação sobre tal alteridade.

A respeito da alusão, Genette (1982) afirma se tratar da incorporação de outro texto de forma implícita e não literal. Para o autor, a alusão é uma estratégia intertextual que "supõe a percepção de uma relação entre ele [o texto] e um outro ao qual remete necessariamente uma

ou outra de suas inflexões, que, de outro modo, não seria aceitável" (Genette, 1982, p. 8). Seria o caso do enunciado a seguir:

E2: *Somos os filhos da revolução*. Acredite, não é só por R$ 0,20. (grifo nosso)

Neste exemplo de cartaz, o enunciado destacado em itálico é reconhecido/percebido como alteridade, ou seja, como um verso da canção "Geração Coca-Cola", de autoria de Renato Russo, apenas se o co-enunciador estiver apto a interpretá-lo enquanto tal. De outro modo, estaríamos diante de um enunciado aparentemente "normal", em que o enunciador "nós" ("somos") remete, por conotação autonímica, ao "nós" do enunciador "manifestante", presente naquele momento nas ruas para fazer sua "revolução".

Isso nos permite, por ora, concluir que, apesar de haver uma incorporação substancial do enunciado convocado (canção), sua identidade está mais diretamente relacionada ao enunciado convocante (cartaz), tendo em vista sua apropriação no plano linguístico, notadamente sintático. Essa é uma das razões – nesse caso, metodológica – pela qual optamos por considerar a referência aos enunciados convocados como uma estratégia de alusão, antes do que como intertextualidade.

A outra razão é que há casos em que a referência é feita a um gênero discursivo (Bakhtin, 2003), e não somente a um texto particular. Vejamos esse outro exemplo:

E3: *Desculpe o transtorno*. Estamos mudando o Brasil. (grifo nosso)

Neste exemplo, o enunciado em itálico remete ao estilo prototípico do gênero discursivo "cartaz". Ele evoca a função mais primária do cartaz de rua, qual seja a de informar/advertir os usuários, ou mesmo pedir desculpas pelo transtorno causado pela obra/reforma realizada.

Observa-se, desse modo, que a intertextualidade se apresenta como uma solução restritiva para a análise, tendo em vista que a questão como um todo parece se limitar ao problema do(s) texto(s), o que, ademais, diluiria a força interpretativa ocasionada pela "repetição" do enunciado convocado em sua nova enunciação.

Para conferir, pois, uma coerência teórica e metodológica à análise dos cartazes, optamos por considerar a referência aos enunciados do *outro* como uma estratégia tipicamente alusiva, o que nos autoriza a ultrapassar o problema local do texto e, no mesmo movimento, mobilizar o conceito de memória (inter)discursiva. Consideramos, pois, a alusão como

fenômeno típico da interdiscursividade, concordando, com Fiorin (1994), que "a interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta" (Fiorin, 1994, p. 35).

O quadro teórico-metodológico de Jacqueline Authier (2004) parece ser o que melhor se adapta a essa perspectiva de análise dos cartazes dos protestos de 2013. Isso porque, em seus trabalhos sobre os modos de representação da alteridade na língua, a linguista forneceu categorias de análise que permitem ir além do quadro pragmático, estendendo essa questão para um debate sobre o caráter fundamentalmente heterogêneo da linguagem humana, em particular pela articulação da teoria do discurso à teoria do dialogismo.

Para fornecer esse quadro descritivo, Authier (2004) opera uma distinção entre o que ela denomina "heterogeneidade mostrada" na língua e/ou no discurso, e a "heterogeneidade constitutiva" da linguagem. A heterogeneidade mostrada se divide entre formas explícitas e implícitas de presença da alteridade.

Segundo a autora, as *formas explícitas da heterogeneidade mostrada* correspondem a "um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso" (Authier, 2004, p. 12), que "inscrevem, em sua linearidade, o *outro*" (idem, p. 12). São mecanismos linguísticos que desvelam a não-unicidade do discurso, mediante marcas inconfundíveis, a exemplo do que ocorre com o discurso direto e indireto, o uso das aspas, o itálico, a entonação oral, os variados tipos de comentário – glosa, retoque, ajustamento –, os estrangeirismos, além de termos que revelam a negociação do sujeito-enunciador para com uma palavra, coisa ou situação.

Já as *formas implícitas da heterogeneidade mostrada* operam, segundo a autora, "no espaço do não-explícito, do 'semidesvelado', do 'sugerido', mais do que do mostrado e do dito" (idem, p. 18). São elas: o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a imitação, a *alusão*, o estereótipo. Segundo Authier, essas formas não apresentam marcas unívocas, sendo seu reconhecimento/interpretação possível apenas "*a partir de índices recuperáveis no discurso* em função de seu exterior" (idem, p. 18, grifos da autora). É precisamente a essa noção, restrita, da alusão que nos referimos para descrever e explicar os enunciados dos cartazes dos protestos de 2013.

No texto "Aux risques de l'allusion" (*Ao risco da alusão*), Authier (2000) desenvolve a questão da alusão para além do discurso literário. Interessa, para a autora, vislumbrar a alusão antes como "fato linguageiro, que coloca em jogo a enunciação e suas

heterogeneidades, a discursividade, o sentido (...) não explícito para as palavras ‘de alhures” (Authier, 2000, p. 209), do que como “fato literário” (idem, p. 209). Com efeito, neste e em outros textos, é claro o comprometimento da linguista com a questão do sentido para além dos domínios discursivos restritos.

Percorrendo a origem etimológica da palavra “alusão” – em latim, “ludus”, ou “jogo”, “divertimento” –, a autora frisa a relação inequívoca do termo com sua origem. A alusão entretém, pois, uma relação fina com a noção de “jogo de palavras”, no sentido de que “nas palavras que enuncia, o enunciador brinca em fazer ouvir, não outras palavras da língua (...), mas as palavras de outros dizeres, suscitando através de sua voz a música de uma outra voz” (idem, p. 210). Surge, então, a definição da alusão como uma configuração enunciativa complexa, que corresponde ao “desdobramento – meta-enunciativo – de um dizer que, ao mesmo tempo, faz uso das palavras para falar das ‘coisas’, e volta para essas mesmas palavras, tomadas como objetos, em menção” (idem, p. 211).

Esse jogo alusivo pode ser percebido no enunciado a seguir:

E4: Você *acordou agora*. A periferia *nunca dormiu*.

Neste enunciado de um cartaz dos protestos de 2013, o termo “acordou” constitui o local de inscrição da alteridade (*boucle*), não devendo ser lido/interpretado como signo transparente, mas, antes, como “representação opacificante” (Authier, 2000, p. 211) de um dizer que remete a um *outro* discurso: o slogan “O Gigante acordou”, da campanha publicitária da marca escocesa de uísque Johnny Walker, datada de 2011. O vídeo desta campanha mostra um gigante de pedras, que se levanta do morro do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, personificando o Brasil (“gigante adormecido”).

Essa não-transparência do dizer é assim explicada por Authier:

> ... o dizer se representa como não sendo mais natural: o signo, ao invés de preenchê-lo, “transparente”, no apagamento de si, sua função mediadora, interpõe-se como real, presença ou corpo, encontrado no trajeto do dizer, e se impõe como objeto deste último; a enunciação, ao invés de se efetivar “simplesmente” no esquecimento que acompanha as evidências inquestionadas, desdobra-se em uma auto-representação opacificante. (AUTHIER, 2000, p. 211)

Aparece, então, outra dimensão importante do jogo alusivo. Segundo Authier (2000), "um segmento reconhecido como alusão é posto, ao mesmo tempo, como '*outro'*, com relação a seu contexto, e como '*mesmo'*, relativamente ao exterior discursivo – com o qual ele 'forma um" (Authier, 2000, p. 218).

Isso se verifica plenamente em E4, em que o termo "acordou" permanece inalterado com relação ao slogan do uísque, ao mesmo tempo em que constitui um novo enunciado, porque vinculado a uma nova enunciação, qual seja o contexto dos protestos de rua.

Configura-se, assim, o caráter fundamentalmente discursivo da alusão, isto é, a relação intrínseca entre a língua-sistema e seu exterior, o que viria a se tornar, para a linguística, um passo decisivo para se depreender seu elo com a história e o social.

Neste ponto, vemos convergir os trabalhos de Authier com a perspectiva teórica da análise do discurso francesa e, ainda, com a teoria do dialogismo, formulada pelo Círculo de Bakhtin em diferentes escritos. Essa aproximação faz-se necessária, nesse ponto, para reivindicarmos, como faz Authier (2004), o princípio da dialogicidade dos enunciados, uma questão cara aos filósofos russos, e pertinente para nossa análise.

Conforme vimos, Authier (2004) desenvolve uma descrição linguística das formas de heterogeneidade discursiva, explícitas e implícitas. A autora menciona, igualmente, a heterogeneidade constitutiva, que constitui um princípio geral dos discursos e, nesse sentido, se sobrepõe à heterogeneidade mostrada, que não seria nada mais do que a "vontade" de tornar visíveis os exteriores do discurso.

Authier (2004) busca as bases da heterogeneidade constitutiva na psicanálise de Lacan e na teoria do dialogismo de Bakhin. Para este trabalho em particular, reteremos a concepção dialógica do Círculo de Bakhtin, no intuito de explicar os efeitos de sentido produzidos pela estratégia alusiva dos cartazes analisados.

3. Polifonia e alteridade constitutiva no gênero discursivo "cartaz de protesto"

O múltiplos enunciados que foram lançados nas ruas pelos manifestantes nos levam a refletir, quase que de imediato, a sentidos que nos constituem como seres sociais, históricos e principalmente ideológicos. Nesse sentido, o princípio da linguagem como sendo fundamentalmente dialógica nos remete à comunicação discursiva como ato social, que constitui todo e qualquer discurso, carregado de dizeres e de já-ditos que apresentam uma

"natureza ativamente responsiva" (Bakhtin, 2003, 271), dando vida ao que Bakthin concebe, metaforicamente, como a réplica do diálogo.

Nesse confronto de dizeres, segundo a perspectiva dialógica, o enunciado ganha corpo e sentido no que Bakhtin (2003) denomina "gênero discursivo", isto é, conjuntos de enunciados detentores de uma relativa estabilidade, no tocante ao tema (esfera de sentido), ao estilo (arranjos gramaticais) e à construção composicional (organização textual).

O enunciado, porém, para o círculo de Bakhtin, não corresponde em nada à concepção saussuriana da língua. Na origem dessa reflexão, encontra-se um estudo sobre os gêneros literários, em contraposição à tendência formalista. Essencialmente, os autores do Círculo concebem a linguagem como "produto da vida social" (Voloshinov, 1981, p. 288), e o enunciado ("concreto"), como "unidade de comunicação e totalidade semântica [que] se constitui e se efetiva precisamente em uma interação verbal determinada e engendrada por certa relação de comunicação social" (idem, p. 290).

Desse modo, nossos enunciados se constituem, por princípio, numa relação constitutiva com os enunciados do *outro*, essa alteridade podendo ser marcada nas formas da língua, ou simplesmente ausentes da materialidade verbal. Assim sendo, para Bakhtin (2003):

> Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; consequentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. (BAKHTIN, 2003, p. 291, grifos do autor)

Dialogando, portanto, com os enunciados produzidos em outros campos da comunicação discursiva, podemos dizer, em outras formações sócio-ideológico-discursivas, para retormar a leitura peucheutiana de Marx, os gêneros discursivos refletem, na realidade, os diferentes posicionamentos sócio-ideológicos com os quais entram em polêmica, mas também com os quais concordam, replicam, etc.

Há de se considerar, evidentemente, que a necessidade de comunicação conduz a um constrangimento do gênero discursivo, não obstante a multiplicidade desses dispositivos na sociedade, como explica Bakhtin nesta citação:

> A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso,

> que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKTHIN, 2003, p.262)

Nesse sentido, além do jogo de palavras alusivas, evidencia-se essa riqueza da linguagem como atividade humana, empregada no gênero discursivo. Os cartazes dos protestos ganham, então, sentidos sociais, históricos e ideológicos, que de certa forma transpassam por sua própria linguagem. Ressaltamos a importância da heterogeneidade dos gêneros discursivos, pois, segundo Bakhtin (2003), não se trata de uma diferença funcional entre gêneros primários e secundários, mas eles se (re)estruturam e se incorporam uns aos outros, dando vazão à atualização de novos sentidos a cada nova relação dialógica enunciada.

Considerando, com base em Martins (2007), que os gêneros constituem "mega-instrumentos para agir em situações de linguagem" (Martins, 2007, p. 7), e, ainda, que "a mestria de um gênero aparece como co-constitutiva de mestria de situações de comunicação" (idem, p. 7), podemos afirmar que os cartazes dos protestos de 2013 são mega-instrumentos que carregam em si um discurso polifônico, que remetem inevitavelmente ao *outro*. Nesse sentido, como diz Authier (2004), "o lugar do 'outro discurso' não é *ao lado*, mas *no* discurso" (Authier, 2004, p. 37, grifos da autora). O sujeito se constitui como inevitavelmente destinado à alteridade, é o *outro* que me constitui, como explica Authier:

> O dialogismo é dado assim como *condição* de constituição do sentido (...). (...) não é senão *em relação* aos outros discursos, *no* "meio" que eles formam e "*com*" eles, que se constrói todo discurso; os outros discursos são seu "exterior constitutivo, se assim podemos dizer. (AUTHIER, 2004, p. 36)

Vejamos o exemplo desse enunciado de um cartaz:

E5: A mentira tem perna curta, *9 dedos e língua presa.* (grifos nossos)

Temos aqui um exemplo de desdobramento meta-enunciativo, na medida em que o enunciado ecoa duas vozes: o discurso proverbial ("Mentira tem perna curta") e o discurso da ideologia manifestante, por assim dizer, que opera uma reformulação do provérbio adaptada à situação enunciativa, qual seja a associação entre os problemas atuais do Brasil e o governo do PT, presente no poder desde a eleição de Luís Inácio da Silva, Lula, em 2003, perpetuado, nos dias de hoje, com a eleição de Dilma Rousseff para a presidência do Brasil (2011-). A referência a Lula aparece no trecho reformulado, por nós assinalado em itálico: o ex-

presidente apresenta as características físicas indicadas (9 dedos da mão e a língua presa), suficientemente representativas da imagem pejorativa veiculada a seu respeito.

As enunciações proverbiais constituem, com efeito, um bom exemplo de alteridade mostrada e constitutiva. Apesar de implícita – visto que demanda o conhecimento prévio do provérbio -, esse tipo de alteridade é mostrada, encaixando-se, como vimos, na estratégia alusiva, em que há ausência de marcas linguísticas unívocas, mas uma referência implícita a outro discurso, mesmo que de forma não literal.

E é justamente a interpelação velada desse outro, exterior ao discurso, o que confere todo o sentido ao enunciado. Para Voloshinov (1981), "é somente porque existe algo de 'subentendido' que a comunicação e a interação verbais se tornam possíveis" (Voloshinov, 1981, p. 303). Vejamos por quê.

Nota-se, sem dificuldade, que o enunciado convocante (discurso dos manifestantes) dialoga com o enunciado convocado (provérbio) no modo polêmico, subversivo. Segundo Maingueneau e Grésillon (1984), no senso comum, a asserção do provérbio constitui um fenômeno banal, explicado como uma estratégia similar ao argumento/citação de autoridade. Segundo os autores, para o locutor, a enunciação proverbial "maximiza a validade de seu dizer" (Maingueneau; Grésillon, 1984, p. 114), permitindo-lhe "assentar a autoridade de seus enunciados" (idem, p. 114), ou, ao contrário, constituindo um "anti-modelo ideal para aqueles que pretendem arruinar as verdades estabelecidas" (idem, p. 114).

Verifica-se, em E5, a segunda característica apontada pelos linguistas. Com efeito, observa-se aí a inversão moral do provérbio, poderíamos dizer, duas finalidades pragmáticas antagônicas: no enunciado convocado, a *boa* moral – num mundo justo, orientado por valores morais do bem, a mentira deve ser condenada –, no discurso convocante, a moral *distorcida* – na conjuntura política atual do Brasil, a mentira tem nome, é personificada por Lula. Tem-se, assim, uma estratégia de "desvio" do provérbio, mais especificamente, como explicam os autores, uma estratégia de subversão, isto é, quando há "contradição entre o sentido veiculado por abandono da estrutura original (...) e o sentido do abandono da estrutura resultante do desvio (...)" (idem, p. 115). Como se pode notar, estamos em plena estratégia alusiva que desqualifica uma fala "atestada" (Maingueneau; Grésillon, 1984).

Com efeito, em E5, o emprego dos termos subvertidos constitui a apropriação de um discurso linguageiro de tipo proverbial, que é incorporado nas mais variadas circunstâncias, dando vida e voz a um enunciador que, na realidade, é universal. Considerando essa nova

situação, agora em um cartaz de protesto, palco de debates e confrontos, observa-se uma reformulação dessa fala, cuja fonte enunciadora já não é possível delimitar ao certo.

Nesse sentido, o enunciado "Mentira tem perna curta, nove dedos e língua presa" remete, ao mesmo tempo ao enunciado do gênero provérbio, mas também a *outro* enunciado, o do gênero do cartaz de protesto de rua, ocasião em que E5 é proferido em outro tom. Não mais o tom moralista do provérbio, mas o tom crítico e subversivo que caracteriza as manifestações de cunho político e, notadamente, ideológico.

Ora, é justamente esse jogo de espelhos, para retomar uma metáfora cara ao analista do discurso, que permite dizer e, no mesmo movimento, não dizer. O implícito, neste caso, não é dito, mas pode ser recuperado mediante a mobilização de uma memória discursiva. Mais especificamente, uma memória histórica que oculta um certo programa de leitura, uma "ordem do discurso", que torna possível a identificação de um sujeito, ícone da política brasileira.

É nesse sentido que o gênero discursivo cartaz de protesto constitui um mega-instrumento. Além de seus sentidos polifônicos, este gênero constrói e (re)formula outros dizeres, outros ditos, como em E5. E mais uma vez, os manifestantes utilizam-se dos discursos *outros*, ao modo de um dialogismo intergenérico (Martins, 2007; Chaves, 2010).

4. Sentido e memória nos cartazes políticos

A ideia de que um enunciado pode ser o mesmo e, paradoxalmente, outro, é tratada por Pêcheux (2012) nos termos do "equívoco" da língua, o que pode ser melhor compreendido por essa citação:

> ... todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-semanticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar para a interpretação. (PÊCHEUX, 2012, p. 53)

Prosseguindo nesse raciocínio, vemos aparecer algumas noções correlatas, igualmente tratadas pela Análise do discurso em seu diálogo com a psicanálise. A noção de "equívoco" remete à "perda", à "falha", isto é, a tudo aquilo que escapa ao controle do sujeito, o próprio

sentido, visto que este se encontra para além do indivíduo; está presente na história e na memória (Maldidier, 2003). Vejamos o exemplo deste cartaz, acompanhado de sua foto.

E6: Pro Índio, aldeia; pro Cabral: cadeia

Neste exemplo, os manifestantes incorporam um discurso polifônico, que evoca a história do descobrimento do Brasil, e que de certa forma continua sendo (re)escrita nos grandes momentos da História com "h" maiúsculo (Maldidier, 2003), como estes de junho de 2013. É importante ressaltar que este momento desestrutura todo discurso político, que era enunciado até há pouco tempo, e que agora ganha outro(s) sentido(s).

Figura 1: Cartaz de manifestante dos protestos de junho de 2013

Se o efeito de sentido pôde receber tal interpretação, é porque existe, de fato, uma memória circulante, no imaginário brasileiro, acerca da história "mal contada" do descobrimento do Brasil pelos portugueses no século XVI. Podemos nos perguntar, entretanto, em que medida a manifestante que empunha o cartaz tinha (ou não) consciência desse exemplo modelar de enunciado que carrega uma memória *inter*discursiva (Moirand, 2003).

Em E6, as marcas do acontecimento histórico e discursivo só podem ser recuperados para além do enunciado, mais apropriadamente, na história. A leitura dupla, ou, o desdobramento meta-enunciativo é o que dá vazão ao questionamento : está-se falando do *mesmo* índio, aquele da época do descobrimento, ou do *outro* índio, aquele que conhece,

hoje, um conflito de identidade? No mesmo sentido, está-se falando do *mesmo* Cabral, o navegador português que desembarcou em terras brasileiras, ou do *outro* Cabral, o governador do Rio de Janeiro, acusado de corrupção e responsável pelas ordens de forte repressão aos protestos?

Parece não haver dúvidas de que não se trata de simples conotações, mas de verdadeiras contradições; esse índio é o que vive hoje: angustiado, sem identidade, maltratado, mal visto e que continua sendo explorado e marginalizado até mesmo por seu próprio povo (etnia), talvez esse índio é o que mais nos representa, enquanto povo, pois vivemos em um país cujo poder ainda pertence aos "Cabrais". É sabido que as disputas por terras travada entre índios e proprietários rurais são comandadas por uma política de descobrimento, que almeja um resultado: o explorado e o seu explorador. No entanto, o que esse enunciado faz é evidenciar que o povo brasileiro – não apenas o indígena – carece de um lugar na sociedade e na História.

Observamos, assim, mediante a análise de alguns cartazes dos protestos de 2013, o impacto da estratégia alusiva sobre a emergência de múltiplos sentidos. Desse ponto de vista, podemos falar em uma "memória curta" e uma "memória longa" dos acontecimentos. Presenciamos, assim, nos exemplos analisados, a relação indissociável entre o sujeito, o momento e o lugar da *enunciação* (memória curta) e, na opacidade da língua, uma alteridade manifesta do *outro* sujeito, em outra história, aquela que já nos foi contada repetidas vezes.

Considerações finais

Para concluir, tarefa árdua quando se tem por objeto discursos tão "prenhe[s] de resposta" (Bakhtin, 2003, p. 271), sobre os quais haveria ainda muito a ser dito, observamos que os enunciados mais simples, como a repetição de um provérbio, a citação de um trecho de canção, de um verso do Hino Nacional ("Verás que um filho teu não foge à luta"), ou ainda, de estereótipos linguísticos ("Lugar de mulher é na política"), dentre tantos outros, carregam consigo, além da referência a textos produzidos anteriormente (intertexto), uma relação dialógica e interdiscursiva com verdadeiros posicionamentos ideológicos, em permanente conflito. A esse respeito, Bakhtin (2003) nos elucida:

> Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados

> precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavras "resposta" no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles (...). É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. (BAKHTIN 2003, p. 297)

Referências

AUTHIER, J. Aux risques de l'allusion. In : **L' Allusion dans la littérature**. Paris : Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2000, p. 209-225.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

CALABRESE, Laura. **L'événement en discours: presse et mémoire sociale**. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattan, 2013.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In : Barros, Diana Luz Pessoa; Fiorin, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1994, p. 29-36.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Loyola, 2009.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes. La littérature au second degré**. Paris: Editions du Seuil, 1982.

GREGOLIN, Mário do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso : diálogos & duelos**. São Carlos : Ed. Claraluz, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique ; GRÉSILLON, Almuth. Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre. **Langages**, n. 73, 1984, p.112-125.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje**. Trad. de E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARTINS, Silvane Aparecida de Freitas. O gênero do discurso "frase de protesto": do interdiscurso ao intergênero. In: **Revista da Abralin**, v. 6, n. 2, p. 171-194, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2007-vol-6-n-2/silvane-aparecida-de-freitas.pdf>. Acesso em 15.07.2013.

MOIRAND, Sophie. Les lieux d'inscription d'une mémoire interdiscursive. In : Härmä, J. (org.). **Le langage des médias : discours éphémères** *?*. Paris : L'Harmattan, p. 83-111, 2003.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora Pontes, 2012.

VOLOSHINOV, V. N. La structure de l'énoncé. In : Todorov, Tzvetan. **Mikhaïl Bakhtine : le principe dialogique suivi des Écrits du Cercle de Bakhtine**. Paris : Seuil, 1981, p. 287-316.

VER, OUVIR... LER: UMA PROPOSTA DE AD DA ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DE TELEJORNAIS *ALL NEWS*

ANDRÉ SILVA
CEFET-MG

Resumo
Os telejornais, de TV aberta ou por assinatura, são discursivamente complexos e permeados de interdiscursos. Esse (sub)gênero possibilita leituras multissemióticas, pela presença de textos (escritos/falados), imagens estáticas e em movimento, som etc. Desde o seu surgimento, na década de 40, nos Estados Unidos, passou por três fases até hoje. Num primeiro momento, consistia na leitura de notícias, sobretudo de política, economia e meteorológicas. Quase não havia imagens, quando muito de eventos já passados ou de gráficos, mapas, fotografias. A década de 60 inaugura a segunda fase do telejornalismo, com o videoteipe e os satélites. Nesse momento, o (sub)gênero se tornou a mais importante atração das emissoras. A terceira e atual fase do telejornalismo se iniciou com a *Cable News Network* (CNN) na década de 80. Essa fase tem como característica, sobretudo, a informação onipresente e contínua, em que são exibidos acontecimentos de diferentes pontos da Terra, bem como suas repercussões. Em consequência dessas duas características (onipresença e velocidade da informação), os telejornais de emissoras *all news* (aquelas cuja programação é exclusivamente de conteúdo jornalístico) têm lançado mão de um dispositivo característico desses canais só de notícias: os textos em movimento. Durante os telejornais das emissoras *all news*, os textos em movimento são mais uma maneira de informar o telespectador, ademais da voz do âncora e de outros dispositivos cênicos. Dessa maneira, neste trabalho, quer se propor um modelo de análise discursiva tendo como base a Teoria Semiolinguística e seus aspectos teórico-metodológicos (situação de comunicação, seres sociais e seres de fala, modos de organização do discurso etc.), bem como um esquema semiótico de análise de telejornais, levando em consideração elementos indispensáveis à constituição desse (sub)gênero: vinheta, escalada, temáticas etc. Será dada atenção específica aos textos em movimento – coesos, modulares, a-sequenciais – presentes no rodapé da tela dos telejornais *all news*.

Palavras-Chave: *All news*; Análise do Discurso; Textos em movimento.

1 Contextualização

Sabendo que os telejornais de emissoras all news1 são incipientes2, sobretudo no Brasil3, que suas características diferem das dos telejornais tradicionais (RAMONET, 2005

[1] Entende-se por emissoras *all news* aquelas cuja programação é exclusivamente de conteúdo jornalístico.

[2] A *CNN* (*Cable News Network* na sigla em inglês) foi pioneira no segmento de canal de notícias na televisão, tendo iniciado suas transmissões em 1980 (ARONCHI DE SOUZA, 2005).

[3] A *Globo News*, da Globosat (empresa da Rede Globo de Televisão), foi a primeira emissora de jornalismo 24 horas do País, começou a operar em 15 de outubro de 1996 (PATERNOSTRO, 2006).

apud SOUSA, 2006; ARONCHI DE SOUZA, 2005), e que há poucas pesquisas sobre esse (sub)gênero televisivo1, é relevante tentar explorar, sob o enfoque da análise do discurso de linha francesa2 e da semiótica peirceana3, como são as estratégias de construção de sentido da apresentação, a estrutura de organização e a relação entre os elementos fotográficos (cenário, apresentador, articulistas etc.) e pós-fotográficos4 (texto em movimento, selo, hora etc.) desses telejornais.

No Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (BRASIL, 2004), há de se ressaltar a baixa quantidade de pesquisas, em âmbito de mestrado e doutorado, abordando telejornalismo (de emissoras *all news* ou não) sob enfoque da teoria semiolinguística. Enquanto há 6.774 dissertações ou teses sobre Análise do Discurso e 385 dissertações ou teses sobre telejornalismo, em se tratando de pesquisas sobre Análise do Discurso e telejornalismo, há 104 trabalhos. Quando se pesquisa sobre Teoria Semiolinguística e telejornalismo, o número de trabalhos se reduz a cinco e em nenhum deles são abordadas as emissoras *all news*, tampouco os textos em movimento característicos desse (sub)gênero. Os textos em movimento do telejornalismo de emissoras *all news* são abordados em uma única tese (GHAZIRI, 2012). Sua pesquisa consiste em estudar práticas de leitura de textos em movimento da *Record News* na escola. Dessa maneira, neste artigo, busca-se contribuir para preencher lacunas em relação aos estudos da mídia televisiva, a saber: o funcionamento semiótico-discursivo dos telejornais *all news* brasileiros e as características dos textos em movimento – dispositivo característico desse (sub)gênero[5].

1.1 Telejornal de emissoras *all news*

[1] Sabe-se de pesquisas sobre rádios *all news* no Brasil. Ver Betti (2009) e Lopez (2009).

[2] Segundo Gill (2011), há pelo menos 57 variedades de análise do discurso. "O que estas perspectivas partilham é uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descreve o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social." (p. 244).

[3] "A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido." (SANTAELLA, 2005, p. 13).

[4] Os conceitos pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico são de Santaella e Nöth (2008).

[5] Por ora, neste artigo, a ideia é propor um modelo teórico-metodológico em que seja possível perceber relações semiótica-discursivas dos telejornais *all news* a partir de elementos indispensáveis à sua constituição.

Segundo Ignacio Ramonet (2005 *apud* SOUSA, 2006), o telejornalismo passou por três fases desde o seu surgimento, na década de 40, nos Estados Unidos. Num primeiro momento, o telejornalismo consistia na leitura de notícias, sobretudo de política, economia, bem como notícias internacionais e meteorológicas. Quase não havia imagens nesse período, quando muito de eventos já passados ou de gráficos, mapas, fotografias. No caso brasileiro, sobretudo por questões econômicas, o jornal era quase todo feito direto do estúdio, ao vivo, só com a presença do âncora-leitor e sua "voz vibrante" característica do rádio.

A década de 1960 inaugura a segunda fase do telejornalismo, com o advento do videoteipe e dos satélites. O telejornalismo se tornou mais dinâmico, ágil e ganhou em mobilidade. Nesse momento, o (sub)gênero se tornou a principal atração das emissoras.

Esse modelo, para Ramonet (2005 *apud* SOUSA, 2006), criou o "apresentador--vedete" ou "âncora-pivô": "[...] ele que confere unidade ao programa, pela sua presença constante e familiar, e credibiliza a informação, pois parece sentado ao mesmo nível do telespectador e olha-o nos olhos" (p. 171).

A terceira e atual fase do telejornalismo, de acordo com o sociólogo espanhol, iniciou-se com o surgimento da *CNN* (*Cable News Network* na sigla em inglês) e de outras emissoras de TV *all news*. Este teria como característica principal a informação onipresente e contínua, em que são mostrados acontecimentos em diferentes pontos da Terra, bem como a sua repercussão.

Além dessa, outra particularidade do "novo telejornalismo" se destaca: a velocidade da informação. "Para saciar essa necessidade de informação instantânea, o jornalismo eficiente agora deve ser em 'tempo real', os fatos devem ser divulgados simultaneamente ao acontecimento, ou o mais breve possível." (ARONCHI DE SOUZA, 2005, p. 71-72).

Em consequência dessas duas características (onipresença e velocidade da informação), os telejornais de emissoras *all news* têm lançado mão de um, entre os muitos dispositivos cênicos, que os distinguem dos telejornais tradicionais: o texto em movimento. Durante os telejornais das emissoras *all news*, o texto em movimento é mais uma maneira de (des)informar o telespectador, além da voz do âncora e de outros dispositivos fotográficos e pós-fotográficos.

Segundo Ghaziri (2012), tais textos são objetivos, coesos, modulares, a-sequenciais e multitemáticos. As definições do autor, em boa medida, têm como base os estudos semióticos. Apesar disso, em dados momentos, Ghaziri (2012) tece comentários acerca, por exemplo, da

relação dos textos em movimento e da estrutura de organização dos telejornais, mas não entra, especificamente, no âmbito discursivo. Para o autor, tais textos são uma revolução na história da escrita: "[...] daqui em diante, começamos a tratar de uma nova etapa da história da escrita, de mais um capítulo da história dos textos, a saber: o de sua inscrição em suportes móveis; não mais como objeto estático, mas em movimento [...]" (p. 182).

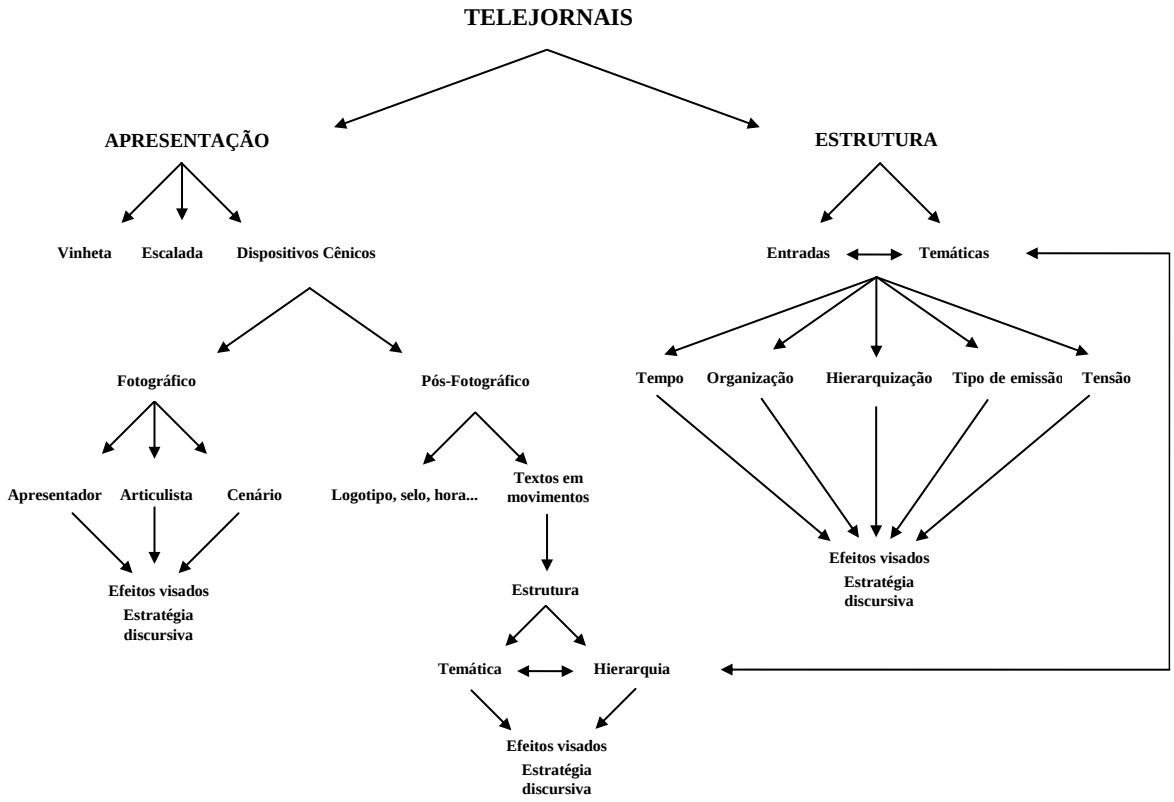
2 Proposta metodológica

O telejornal, de emissoras *all news* ou não, é um (sub)gênero discursivamente complexo (CHARAUDEAU, 2010; DAVID-SILVA; COURA-SOBRINHO, 2012), permeado de interdiscursos e que possibilita leituras multissemióticas, em razão da presença de textos escrito/falado, imagens em movimento e estáticas, som etc.

Sendo assim, torna-se necessário, para fins de coleta e análise dos dados, sistematizar esse sub(gênero) permeado por inter-relações, mesmo sabendo os riscos inerentes a esse processo. Não obstante, Rose (2011, p. 344) ressalta: "[...] não há um modo de coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados que seja 'verdadeiro' com referência ao texto original. A questão, então é ser o mais explícito possível, a respeito dos recursos que foram empregados pelos vários modos de translação e simplificação".

Buscando essa clareza é que se propõe o ESQUEMA 1, por meio do qual se tem a pretensão de demonstrar os elementos que compõem os telejornais *all news*. Optou-se por utilizar o modelo elaborado por Jost (1999) e adaptado por David-Silva (2005), uma vez que reproduz e leva em consideração elementos indispensáveis à constituição dos telejornais (de emissoras *all news* ou não), a saber: apresentação dos telejornais, tema e hierarquização da informação.

Especificamente para o telejornal de emissoras *all news*, foi necessário realizar algumas readaptações tendo em vista que esse (sub)gênero possui características e dinâmicas próprias. Dessa maneira, o modelo gestado por Jost (1999) ganha novo contorno, sem deixar, porém, que sua essência pereça.



ESQUEMA 1 – Composição de um telejornal *all news*

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.1 Percurso de coleta e análise dos dados

Com base no ESQUEMA 1, a ideia é propor um (entre muitos) percurso de coleta e análise de dados[1] que contemple os elementos semiótico-discursivos que compõem os telejornais de emissoras *all news*, de maneira a identificar e compreender seus potenciais de significação. Para que isso ocorra, acredita-se que quatro movimentos sejam necessários.

O primeiro deles é definir os telejornais de emissoras *all news* como (sub)gênero do discurso midiático e apontar suas particularidades. Nesse sentido, uma possibilidade é recorrer à teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau (2009, 2010). Alguns de seus conceitos-chave vão ajudar a perceber a presença/ausência do discurso midiático nos telejornais de emissoras *all news*, bem como caracterizar esse (sub)gênero, a saber: a mecânica de construção do

[1] O caminho aqui proposto passa pelas concepções da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente, das proposições de Patrick Charaudeau (2009, 2010), bem como de outros autores que, em maior ou menor grau, estudaram os elementos semiótico-discursivos aqui destacados.

sentido, o contrato de comunicação, a ambivalência da instância de produção *versus* instância de recepção, os modos de organização do discurso etc.

O segundo movimento é provavelmente o de maior esforço, qual seja: analisar as estratégias de construção de sentido da apresentação, focando em elementos semiótico--discursivos (vinheta, escalada e dispositivos cênicos), buscando, sobretudo, verificar se há uma lógica estruturante dos textos em movimento. Ele se desdobra em outras duas subcategorias (fotográficos e pós-fotográficos), e estas em várias outras (cenário, âncora, articulistas, textos em movimento, selo, hora etc.) numa espécie de fractal. Inicialmente, sugere-se que sejam analisadas a vinheta e a escalada (ou sumarização) dos telejornais.

As vinhetas podem ser observadas em seus aspectos visuais, sonoros e textuais. Para isso, são de grande importância as bibliografias acerca desse recurso semiótico--discursivo presente na abertura e, não raramente, entre um bloco e outro dos telejornais, a saber: Porcello (2006), Aznar (1997), Schiavoni (2008). Sobretudo em sua faceta visual, a semiótica peirceana é de grande valia. Do mesmo modo, pesquisas anteriores sobre escalada, tais como Porcello (2006) e David-Silva (2005), servem de referências para se analisar a escalada e seu caráter dinâmico[1].

Feito isso, o próximo passo é compreender os dispositivos cênicos fotográficos dos telejornais, ou seja, apresentador (ou âncora), articulistas e cenário. Para os dois primeiros, a análise passa pela mensuração dos capitais visual e sonoro (tempo de aparição e audição), pela ideia de sujeitos sociais e discursivos proposta por Charaudeau (2009; 2010), pela presença/ausência de interdiscursos, pelo modo como estão organizados o discurso, pela análise dos planos fílmicos (*close-up*, plano americano etc.) e a relação com as distâncias sociais propostas por Hall (1989). Outras referências (HAGEN, 1982; 2007; 2008; 2009; HAGEN; BENETTI, 2004; CUNHA, 1990; SQUIRRA, 1993a, 1993b), no entanto, ajudam a compreender os papéis dos âncoras e dos articulistas. O cenário, por sua vez, pode contar, entre outras, com contribuições de Hanot (2002), para quem a cenografia é construída pela percepção do receptor com base em suas referências; Soulages (1999), o qual acredita que o cenário é um espaço nodal entre o estúdio e o "mundo dos acontecimentos"; Cardoso (2009, p. 14), que afirma que a função do cenário é, entre outras coisas, "[...] funcionar como

[1] Ambas as análises, como todas as outras propostas, têm como objetivo maior compreender como as partes vão compor o todo discursivo, isto é, os telejornais de emissoras *all news* como instâncias de produção discursivas.

elemento de significação que, na articulação sincrética com os outros elementos da cena (figurino, música, texto etc.), transmite ao telespectador uma mensagem".

Os dispositivos cênicos pós-fotográficos, nesse segundo movimento, podem ser analisados tendo como base, além da teoria semiolinguística para a discursividade, a semiótica peirceana (para o aspecto visual, especialmente os pontos de vista qualitativo--icônico, singular-indicativo e convencional-simbólico desses dispositivos). A ideia é estabelecer possíveis interpretantes para os diversos elementos "calculados por computação" constitutivos dos telejornais de emissoras *all news* (logotipo, selo, hora, títulos/manchetes atribuídos às enunciações informativas etc.). Ainda nessa proposta, os textos em movimento vão receber atenção particular, já que se trata de um elemento informativo de extrema relevância para a construção semiótica-discursiva dos telejornais de emissoras *all news*.

O terceiro movimento busca analisar a estrutura dos telejornais de emissoras *all news* a partir da relação das temáticas (política, economia, esporte etc.) e das entradas (nota seca, reportagem, entrevista etc.). Para isso, deve ser levado em consideração o tempo de emissão, a organização e a hierarquização delas dentro dos telejornais, o tipo de emissão (interna, externa, gráficos) e a tensão (DAVID-SILVA, 2005) das notícias (alta tensão, tensão moderada e distensão).

Esgotada a análise do movimento número três (estrutura dos telejornais *all news*) e compreendidas as funções individuais dos dispositivos cênicos fotográficos e pós--fotográficos (movimento número dois), a ideia é comparar as estratégias de construção de sentido da apresentação e a estrutura de organização dos telejornais, principalmente a relação dos textos em movimento e a organização dos telejornais de emissoras *all news* (movimento quatro). Nesse ponto da pesquisa, são postas em foco as temáticas e a hierarquia dos textos em movimento em relação às elementos constitutivos da estrutura de organização dos telejornais (entradas, temáticas, tempo, organização, hierarquização, tipo de emissão, tensão), analisados no movimento número três.

Concluindo a proposta, depois de percorrido todo esse longo processo de análise, acredita-se ser possível tecer considerações sobre a(s) visada(s), as estratégias discursivas e o funcionamento dos textos em movimento e sua relação com a estrutura de organização dos telejornais de emissoras *all news*.

3 Considerações finais

A ideia de propor um modelo teórico-metodológico em que seja possível perceber relações semiótica-discursivas dos telejornais de emissoras *all news* a partir de dispositivos indispensáveis à sua constituição pode contribuir para compreender o fazer e o ensinar jornalismo. Isso porque o fato de propor uma reflexão sobre as possibilidades linguageiras do telejornalismo e suas consequências, especialmente quando o coloca como uma atividade de construção da realidade, pode suscitar questionamentos sobre essa práxis. Essa proposta aqui desenvolvida, no entanto, como é de se supor, é uma entre muitas possíveis para se pensar o discurso midiático desse "novo telejornalismo".

Referências

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Seja o primeiro a saber:** a CNN e a globalização da informação. São Paulo: Editora Summus, 2005.

AZNAR, Sidney Carlos. **Vinheta:** do Pergaminho ao Vídeo. São Paulo: Arete & Ciência/ UNIMAR, 1997.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **A especificidade das redes de rádio all-news brasileiras:** os casos da Band News FM e da CBN. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Banco de Teses. 2004. Disponível em: < http://goo.gl/tfKLH>. Acesso em: 11 maio 2013.

CARDOSO, João Batista Freitas. **Cenário televisivo:** linguagens múltiplas fragmentadas. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso:** modos de organização. Tradução Angela Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo.** São Paulo: Atlas, 1990.

DAVID-SILVA, Giani. **A informação televisiva:** uma encenação da realidade (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses). Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

DAVID-SILVA, Giani; COURA-SOBRINHO, Jerônimo. A hipertextualidade constitutiva do discurso de informação televisiva. In: RIBEIRO, Ana Elisa *et al.* **Linguagem, tecnologia e educação.** São Paulo: Peirópolis, 2012. p. 40-52.

GHAZIRI, Samir. **Entre o ler e o assistir:** experiências de leitura de textos em movimento do telejornalismo *news* na escola. 237f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 244-270.

HAGEN, Sean. A emoção como complemento à objetividade na imagem dos apresentadores de telejornal. Uma análise do processo de fidelização do telespectador. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 17., 2008b, São Bernardo do Campo, SP. **Resumos dos trabalhos apresentados...** São Bernardo do Campo, SP: [s.n.], 1982.

HAGEN, Sean. A construção do sentido simbiótico entre o Jornal Nacional e William Bonner. **Sessões do Imaginário,** v. 1, p. 77-85, 2007.

HAGEN, S. Jornalismo, mito e linguagem: uma abordagem teórica dos apresentadores estrela. In: VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 29-46.

HAGEN, Sean. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal:** um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HAGEN, Sean; BENETTI, Márcia. A glamourosa vida de uma estrela do jornalismo: como as revistas femininas representam a diva Fátima Bernardes. **Em Questão,** v. 10, n. 1, p. 1-9, 2004.

HALL, Edward Twitchell. **A dimensão oculta.** 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

HANOT, Muriel. **Télevision-realité ou réalisme?** Bruxelas: De Boeck Université, 2002.

JOST, François. **Introduction à l'analyse de la télévision.** Paris: Elypses Editions Marketing, 1999.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático:** tendências e perspectivas do jornalismo de rádio *all news* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PORCELLO, Flávio. Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV? **Revista FAMECOS,** n. 31, dez. 2006.

RAMONET, Ignacio. In: SEMINÁRIO AOS ALUNOS DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, Santiago de Compostela, Espanha, 1995 *apud* SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media.** 2. ed. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 343-364.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção primeiros passos; 103).

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SCHIAVONI, Jaqueline Esther. **Vinheta:** uma questão de identidade na televisão. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru (SP), 2008.

SOULAGES, Jean-Claude. **Les mises en scène visuelles de l'Information.** Paris: Nathan-INA, 1999.

SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy.** O âncora do telejornalismo brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993a.

SQUIRRA, Sebastião. Boris Casoy: o ancora brasileiro e o modelo norte-americano. **Cultura Vozes,** Petrópolis, v. 87, n. 4 , p. 3-12, jul. 1993b.

ALGUNS VESTÍGIOS DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO SOB O OLHAR DA ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE

ANE RIBEIRO PATTI
LUCÍLIA MARIA SOUSA ROMÃO
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP)

Resumo
O presente trabalho é um fragmento de nossa tese de doutoramento que encontra-se em fase de qualificação na PPG da FFCLRP/USP, em que propomos realizar algumas reflexões teóricas e análises discursivas feitas sob o andaime teórico-metodológico da Análise do Discurso de Escola francesa, doravante AD, formulada por Michel Pêcheux (1969-1983). Em consonância com o fundador, dedicamo-nos à interface desta teoria com a Psicanálise freudiana relida por Jacques Lacan, onde alguns conceitos são revisitados e postos a trabalhar nas análises, tais como o sujeito – do discurso e do inconsciente -, a ideologia, o inconsciente, silêncio e silenciamento. A materialidade discursiva que compõe nosso corpus, de onde extrairemos um recorte para este artigo, é composta por discursos enunciados e imagéticos coletados na Internet, em blogues e sites específicos que abordam a temática da tese, a saber, sentidos produzidos por discursos sobre a rebornagem, em que observamos discursivamente o avivamento do morto, em uma FD que faz de um boneco um bebê. No bojo da teoria pecheutiana, as condições de produção discursivas compreendem não só a ocasião da enunciação, mas engloba, em amplo sentido, um contexto sócio-histórico, de onde emergem os sentidos e não-sentidos, silenciamentos, repetição do já-dito e ressignificações do mesmo. Para ilustrar a temática em andamento na contemporaneidade, abordaremos sobre as condições de produção discursivas na pós-modernidade em que o movimento basculante entre o morto e o vivo emergem pelo sujeito discursivo que promove o encadeamento do discurso entre (re)significações e silenciamentos. A entrada discursiva da análise de dados, nos possibilita investigar sentidos de maternidade, felicidade e perfeição, por sua regularidade e encadeamento na FD reborn filiada, por sua vez, às formações ideológicas que dão engrenagem ao discurso capitalista com sua regência de mercado no contemporâneo. A internet aqui, tem papel fundamental e nos relança a pensar sobre estas novas formas de subjetividades que colocam novas práticas sociais no horizonte sócio-histórico, produzindo um sujeito histórico, uma memória social em que o heterogêneo e o polissêmico são postos em jogo o tempo todo, e a partir dela pinçamos os vestígios deste sujeito, sobre os quais teceremos gestos de interpretação em interlocução com alguns teóricos da Psicanálise, da Filosofia, da Sociologia, da História, e da Antropologia para abordarmos matizes da cibercultura, que participa de um momento histórico único e singular do capitalismo tardio. Que sujeito é este que historicamente vivifica o inanimado como um vivo?
(Apoio FAPESP: 2011/01395-3).

Palavras-chave: Sujeito da linguagem; Análise do Discurso pecheutiana; Psicanálise; Condições de produção contemporânea; Ciberespaço.

Análise do Discurso de Michel Pêcheux

"Nenhuma tentativa teórica se engendra de um vazio inicial. É sempre num campo cultural já duramente trabalhado que um pensamento se torna possível." (Coelho, 1967, p.4). A partir desta concepção estruturalista, ou melhor, de um efeito seu no atual discurso, continuamos o passo dado por autores que nos antecederam e firmaram os andaimes por onde Pêcheux forjou uma Análise do Discurso (AD) de matriz francesa com suas ramificações e releituras exercidas hoje no Brasil. Afinadas à esta perspectiva de trabalho, lançamos nosso olhar para a língua em funcionamento na história, advertidas de seus sujeitos (forma-sujeito) atravessados por um outro Sujeito (Pêcheux, [1975] 2009), que emerge no discurso promovendo deslocamentos nos sentidos, na volatilidade das novas mídias que permitem às materialidades linguísticas comporem um novo arquivo, fluido, frágil, mundializado, globalizado, tal qual a internet e seus nichos de ciberespaço permitem acontecer. O normal, o natural, a verdade são vistos como construções, evidências de sentido sustentados a partir de discursos "já-ditos"[1], já legitimados, dominantes, ainda que por um recorte de tempo em determinado espaço. A ideologia trabalha na naturalização, normatização e padronização através de práticas discursivas de/por/para sujeitos. Não cabe aqui a palavra neutralidade. O analista do discurso assume posições assim como seu leitor, interlocutor, espectador, etc. com quem (imaginariamente) estabelece um diálogo – diálogo que, enquanto materialidade da língua, serve tanto para comunicar quanto para não comunicar (Pêcheux, [1975] 2009). Até mesmo o silêncio significa (Orlandi, 2007).

Em nossa leitura, a AD emerge historicamente como herdeira do estruturalismo, surge como uma das respostas produzidas aos acontecimentos de "Maio de 68" na fervilhante Paris, participando da confluência de trabalhos em torno do (conceito de) discurso, como os de Lacan, Foucault, Dubois, Harris e Pêcheux (Carvalho, 2008). Ainda que a convergência destes pensadores de vários campos do conhecimento tenha sido no ponto nodal do discurso,

[1] O já-dito remete-nos por nossa filiação teórica à noção de já-lá, comumente utilizada na AD, que refere-se ao que Pêcheux chama de "pré-construído" - apoiado em Paul Henry (p.251) - e que ele articula da seguinte forma: "(...) o "pré-construído" corresponde ao "sempre-já-aí" da interpelação ideológica que fornece-impõe a "realidade" e seu "sentido" sob a forma da universalidade (o "mundo das coisas"), ao passo que a "articulação" constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito" (Pêcheux, 2009, p.151).

cada um imprimiu sua particularidade de forma a sustentar a causa que parecia realmente os unir, em prol de uma desconstrução dos discursos vigentes nas Universidades, nas ruas, nos AIEs (Igreja, Exército, Escolas), que tendiam "ao mesmo". O desassossego promovido pelo estruturalismo figurou como marca das mais diversas expressões humanas, nas Artes, na Psicanálise, na Linguística, na Filosofia, na Antropologia, na Sociologia, etc. e teve suas ressonâncias por toda a extensão dos conhecimentos daquela época, sulcando efeitos até em nossa contemporaneidade. As liberdades individuais manifestaram sua força já naquela época, assim como a luta (e algumas conquistas) pelos direitos emancipatórios das mulheres e das demais "minorias", como as raciais, os direitos das crianças, o direito de "(re)pensar" nas Universidades, funcionando como exercícios de interpretação da promulgada Declaração Universal dos Direitos Humanos (datada de 1948). Caíram vários dos absolutismos vigentes e a história foi traçada de forma a dar as bases para o que podemos vivenciar hoje, teórica e praticamente.

O norte da discussão, da qual participou ativamente Louis Althusser (1976), apontava na direção de escapar da planificação do sujeito feito pelos "biologismo, psicologismo e sociologismo" (discurso dominante) da época, influenciada, principalmente pela leitura das escolas americanas (de Psicanálise, de Psicologia Social, de Linguística – as Análise de Conteúdo, etc.) que buscavam dar conta do ser humano pelo viés comportamental. Althusser (op. cit.), que era Professor de Pêcheux nesta época, inclusive, levanta a bandeira de retornar aos textos fundadores, de Marx e de Freud, na tentativa de proporcionar uma nova leitura que propiciasse, por sua vez, um novo posicionamento. São nestas condições de produção que Pêcheux é estimulado rumo ao novo, à construção de uma nova teoria que desse consequência à articulação de uma "tríplice aliança" (PÊCHEUX, 2009), feita dos nomes próprios: Marx, Saussure e Freud.

A ciência absolutista não nos convém, já que trabalhamos dentro de uma relatividade, de um campo de relações para construir sentidos e não com a certeza de uma verdade única e universal, resistente ao tempo. Ainda que todo discurso seja um dizer em curso, ou, "efeitos de sentidos entre os pontos A e B" (ou entre interlocutores) (PÊCHEUX, 2010, p.81), "[...] as palavras, as expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam" (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 146-147), "todo discurso é ocultação do inconsciente" (op. cit., p. 164) que todo interdiscurso seja uma memória do dizer, ainda que a Ideologia mascare o seu próprio funcionamento, que o sujeito seja dividido e errante, tomado como processo, como posição, são verdades que causam questões tanto

quanto produzem efeitos de sentidos, que construam verdades para nosso campo de forma a não se saturarem, a sempre permitirem o levantamento de questões, pois são semi-dizeres, construídos com semi-verdades, o que não inferioriza o campo, pelo contrário, é o que garante seu valor, pois sustenta um posicionamento de trabalhar com uma teoria do incompleto, que leva em consideração a falta constituinte[1].

É preciso delimitarmos, então, um outro espaço de trabalho, com suas especificidades, inclusive diferenciando-o dos diversos métodos e metodologias dentro do campo das ciências humanas. Pêcheux ([1983] 1999) faz isso em seu texto "Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso", deixando rastros de suas últimas preocupações com o campo – já que é um texto seu que fora publicado na França no ano de seu desaparecimento - ao buscar situar o ponto de vista epistemológico da Análise de Discurso de Escola Francesa proposta por ele, que é marcantemente diferente inclusive das ciências sociais legitimadas de até então, tais como a História e a Psicologia Social. Pêcheux (op. cit.) propõe trabalhar sobre os textos a partir das ideologias ao por em xeque a transparência da língua.

O autor instala um olhar crítico no trabalho do analista do discurso, ao dizer que é preciso "abandonar as certezas associadas ao enunciado documental" (PÊCHEUX, [1983]1999, p.8), abrindo uma brecha nos discursos "oficiais" fortemente legitimados pelas concepções classificatórias e pré-categorizações fornecidas pelas análises de conteúdo tão vigentes nos eixos psico-sócio-linguísticos da época. Mas relembremos que, em 1966, Pêcheux (2011) já lançara a aposta de dar uma "escuta social" (p.53) ao discurso, propondo uma nova forma de trabalhar cientificamente atentando para a possível transformação no processo do fazer científico, era sua "aventura teórica".

O sujeito discursivo

Para além de uma estética, a AD põe no horizonte do trabalho do analista uma responsabilidade ética, pois, no lidar com a materialidade discursiva, o analista tenta promover gestos de interpretação que têm seu limite, sua delimitação, busca pela historicidade que encadeia o discurso, se põe atenta às condições de produção dos discursos e, principalmente, valoriza a heterogeneidade (constitutiva) que atravessa e compõe os

[1] Coelho (s/d, p.33) sintetiza que a "[...] estruturalidade da estrutura define-se pela ausência de centro, seja ele um sujeito individual, uma classe social ou a própria *praxis*".

discursos. Assim, não só textos e narrativas oficiais entram em pauta, mas também as vozes populares, as materialidades diversas que emergem nos muros das cidades, nos posts da/na internet, (re)fazendo a política do dizer a cada tomada de palavra que é compartilhada socialmente, publicamente ou em pequenos territórios virtuais, tais como as comunidades. O sujeito descentrado da AD emerge no discurso como forma-discurso, ocupando posições diversas, produzindo hibridismos e segregações, filiando-se em FDs para poder enunciar produzindo determinados sentidos e silenciando tantos outros. O sujeito do discurso é uma forma-sujeito histórica, portanto. Seu corpo é um corpo discursivo, constituído de história, língua e atravessamentos inconscientes. Segundo Orlandi (2012):

> [...] a forma-histórica do sujeito moderno é a forma capitalista caracterizada como sujeito jurídico, com seus direitos e deveres e sua livre circulação social. As formas de individualização do sujeito, pelo Estado, estabelecidas pelas instituições e discursividades, resultam, assim, em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade, com direitos e deveres e direito de ir e vir. (...) [...] uma vez individuado, este indivíduo (sujeito individuado) é que vai estabelecer uma relação de identificação com esta ou aquela formação discursiva. E assim se constitui em uma posição-sujeito na sociedade. E isto deriva de seus modos de individuação pelo Estado (ou pela falha do Estado), pela articulação simbólica através das instituições e discursos, daí resultando sua inscrição em uma formação discursiva e sua posição sujeito que se inscreve então na formação social (posição-sujeito patrão, traficante, Falcão etc.) com os sentidos que o identificam em sua posição sujeito na sociedade (ORLANDI, 2012, p.228).

A ideologia faz o trabalho de assujeitamento do sujeito, torna o indivíduo, sujeito, faz com que ele enuncie como um "eu sou realmente eu" (Pêcheux, [1975] 2009, p.145) que tem a ilusão de ser a origem de seu dizer e de que escolhe a melhor ou única forma de enunciar seu discurso, seja reproduzindo (paráfrase), seja transformando as relações de produção (o novo). São efeitos dos dois *esquecimentos* propostos por M. Pêcehux ([1975] 2009), que se relacionam ao recalque inconsciente (formulado por Freud), o esquecimento número 1, e à interpelação ideológica que designa "o que é e o que deve ser" (op. Cit., p.146) nas retomadas do processo discursivo, o esquecimento número 2[1]. Esta forma de olhar o funcionamento

[1] Esta é a forma como lemos a formulação de Pêcheux (op. Cit.) sobre o "esquecimento" n. 2 aquele pelo qual "[...] todo sujeito-falante "seleciona" no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, frmas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase" (Pêcheux, [1975] 2009, p.161), ou seja, o sujeito não se dá conta de que é interpelado ao enunciar X e deixar de enunciar Y, Z, A, B, C. Já o esquecimento n.1 é caracterizado pelo sistema inconsciente "[...] que dá conta do fato de que o sujeito-falante

discursivo torna a linguagem opaca, não transparente, que fornece vestígios para o analista retomar o discurso relançando-o na historicidade e em suas condições de produção, o que pode fazer do "óbvio" algo enigmático.

Abertura e pluralidade são características próprias à nossa época, diversificando o mercado de trabalho, de produtos, de consumidores, pois subjetiva o sujeito moderno em uma cultura que preza a liberdade (ainda que ela figure como uma utopia a nortear as escolhas do sujeito moderno) ao mesmo passo em que dita padronizações e produção em série que massificam esse mesmo sujeito. É um tempo de paradoxos e complexas relações entre o sujeito e sua exterioridade. Um entroncamento cultural entre os fios da Economia de Mercado, da Globalização e da difusão da Internet compõe a tessitura de onde emergem os mais diversos discursos, seus sujeitos e seus múltiplos sentidos e consequências. Alguns autores com os quais trabalhamos, tais como Žižek (2006), Castells (2003) e Debord (1997), Orlandi (2012) colocam em debate este contemporâneo advindo destas condições em que encontramos a coisificação do sujeito, já que (quase) tudo pode vir a ser objeto de consumo, ocorreria também uma planificação ou empobrecimento simbólico na cultura de massa, um empuxo à ilusória criação de si mesmo (as "liberdades individuais"), onde avém o império do espetáculo e do exibicionismo, amplamente compartilhados via internet, que tem seu avanço incessante com o constante desenvolvimento de tecnologias e da esfera computacional. Com a vitória dos EUA na 2ª Guerra Mundial, temos alastrados o savoir-faire do life-style americano, traduzido equivocadamente pelo discurso capitalista nos termos: "Consuma e serás feliz". Não basta consumir, há também que se mostrar, exibir o poder de consumo, compartilhar nas redes sosciais em uma narrativa composta de relatos, fotos e vídeos postados publicamente ou semi-publicamente. Viver sem limites, eis a proposta indecente que o novo discurso do Mestre faz ao sujeito moderno.

Uma destas "novas" modalidades de trabalho-produto-consumidor emerge em torno de 1990, através da reivenção do mercado das/os bocecas/os rumo à arte, conhecida como *arte reborn*. Trata-de de uma prática de fazer com que bonecos, feitos a partir de moldes, alcancem ao máximo a semelhança de um bebê de verdade, sendo "renascidos" a partir de sua morfologia, suas cores e detalhes confeccionados de forma a serem únicos, irreprodutíveis,

---

não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. (...) esse exterior determina a formação discursiva em questão." (op. Cit., p.162). Este esquecimento n.1 dá a impressão de realidade ao pensamento para o sujeito-falante.

com peso semelhante a de um recém-nascido, com detalhes em sua pele que confundam quem o vê – à primeira vista, pelo menos – devido às marcas de "saliva", "lágrimas", "vasinhos e veinhas" em matizes de verde, azul, vermelho, manchinhas na pele, textura de pele, penugens nas têmporas, cabelinhos, dobrinhas e expressões típicas de um bebê. O discurso deste universo é composto de artistas, consumidoras e (a forma como é tomado) esse objeto de consumo, que é vestido e cuidado como se fosse um bebê real por alguns sujeitos-reborneiras que encarnam o papel de "mamãe-reborns". Este nicho de mercado surge aparentemente conciliando a tendência capitalista a expandir o mercado através da divulgação e difusão de sua arte que vem conquistando cada vez mais consumidores, com a tendência a elitizar seu público apreciador em âmbitos restritos, pois é um produto caro e enunciado como muito especial. Canclini (2006) sustenta que:

> "[...] toda arte supõe a confecção dos artefatos materiais necessários, a criação de uma linguagem convencional compartilhada, o treinamento de especialistas e espectadores no uso dessa linguagem e a criação, experimentação ou mistura desses elementos para construir obras particulares" (p.38).

Assim, o universo *reborn* funciona com a mola propulsora da rede, em nichos do ciberespaço em que funcionam sites, blogues e comunidades de redes sociais especializados no tema. Ainda segundo Canclini (op. cit), "Em sociedade modernas e democráticas, onde não há superioridade de sangue nem títulos de nobreza, o consumo se torna uma área fundamental para instaurar e comunicar as diferenças" (p.36). A questão da distinção deste produto encontra-se discursivisado nas vozes das artistas (*reborners*) e das consumidoras (as "*mamães reborns*") que enunciam-no como algo "perfeito", "realístico demais", "muito especial", feitos a partir de moldes enumerados, rebornados (ou tornados realísticos como um bebê real) pelas mãos de artistas que também têm seu nome agregados à um valor comercial (maior ou menor) de acordo com seu nível de especialização, além de receberem nomes (e um kit de enxoval que pode incluir, dentre mútiplos itens, uma certidão de nascimento). Esta prática e seu objeto tornam-se, assim, objetos simbólicos que nos reclamam interpretação: o que significa hoje uma mulher, adulta, às vezes bem sucedida profissionalmente, às vezes já realizada em termos de maternidade, de casamento, enfim, brincar à sério de boneca? Quais os sentidos colocados em movimento sobre a maternidade, a infância, a felicidade, perfeição? Como funciona o silenciamento nesses processos discursivos que fazem avivar o morto? São algumas questões que tocaremos com a apresentação de um pequeno recorte de nosso corpus de pesquisa.

O sujeito discursivo da/na *reborn*(agem)

O que é ser mãe não é uma obviedade, mas faz sentido em cada época e cultura de determinadas formas: como deve ser uma mãe? O que é esperado de uma mãe? O que ela deve/pode dizer e fazer e deixar de dizer e fazer para ocupar seu lugar de mãe no discurso? Ser mãe significa parir um bebê? Adotar uma criança? Cuidar de um bebê ou criança em pleno sentido? Protegê-la?

Em nossa "sociedade do espetáculo" (DEBORD, [1967] 1997), o corpo parece ser reduzido a organismo por alguns discursos biologizantes, especialmente pela Genética, que tem promovido com seu fast-discourse, inclusive, demandas por cirurgias para retirada de órgãos (como mastectomias) não mais como medidas paliativas ou como parte de um tratamento que visasse a cura das potenciais doenças desenvolvidas (como o câncer de mama), mas como medidas preventivas, amputações no real da carne deste sujeito, realizadas a partir de um mapeamento genético de altíssimo custo, e que silenciam o sujeito em sua capacidade criativa, em seu savoir-faire de vida, para determiná-lo a um conjunto de genes que funcionarão de um jeito e não de outro de acordo com a estatística das probabilidades de se desenvolver ou não a tal doença . Porque será que o sujeito se identifica com a porção que o determina a desenvolver a doença e não com a outra parte, com a porção que faria dele exceção à (alta ou baixa) probabilidade de desenvolver a doença?

O risco de morrer está ali dobrando a esquina, para todos nós, acometidos ou não por defeitos genéticos ou características indesejáveis pelos ideais pós-modernos. Mas a captura do sujeito pelo discurso biologizante é flagrante em nossa sociedade contemporânea de mercado, que naturaliza o despedaçamento, corte e costura do corpo, alimentando a voracidade do apetite devastador, muitas vezes, do mercado de cirurgias plásticas. Esta questão nos remete à Marx, quando este diz que "não é somente o trabalho que é dividido, subdividido, repartido entre diversos indivíduos, é o próprio indivíduo que é despedaçado e metamorfoseado em mola automática de uma operação (...) um certo definhamento do corpo e do espírito é inseparável da divisão do trabalho na sociedade" (MARX apud ORLANDI, 2012, p.222).

Decorridas algumas décadas das conquistas legais emancipatórias do feminismo em prol das liberdades e direitos das mulheres, vemos surgir novos funcionamentos na órbita do feminino, o que concerne, por exemplo, novos sentidos de maternidade. O faz-de-conta de maternidade ilustrado nas práticas das reborneiras que frequentam parques, fazem festas, batizados, rodas de brincadeiras com encontros de *reborns* (ou melhor, de "*mamães-reborns*"

como designam a si mesmas), circulam socialmente em Supermercados, Aeroportos, Bancos, etc., evocam para os "outros", que estão de fora deste faz-de-conta, os sentidos já legitimados de maternidade, de cuidados com as crianças, de maternagem, de forma a causar efeitos de riso, de estranhamento, ou mesmo de xingamentos neste "outro" quando decorrido o susto da surpresa, da descoberta de que se trata de um faz-de-conta, de que se trata de um boneco feito bebê.

Nos casos mais extremados, este discurso promove atos como relatam algumas "mamães-reborns" e notícias de jornal on-line, em que são narrados dois fatos: em um caso, policiais quebraram os vidros de um carro por acahrem que se tratava de um bebê dentro de um carro fechado e sem o motorista (a "mãe" do "bebê"). Em outro relato, uma "mamãe-reborn" conta de como já foi chamada de louca por passar seus bonecos no RX do aeroporto, ou outra, que relata quando dois estranhos ficaram olhando-na com expressão de indiganção ao verem ela guardar seus bonecos no porta-malas do carro. Há depoimentos de outras que contam dos privilégios concedidos por taxis, filas de supermercado, filas de banco, por também serem tomadas como "mães" de "bebês".

Importante frisarmos que trabalhamos em nossa pesquisa unicamente com depoimentos e imagens postados na Internet publicamente, e que interessa-nos produzir gestos de interpretação que desnaturalizem os sentidos de maternidade, que apontem para o funcionamento discursivo em que o ser humano faz avivar o morto assim como em outro trabalho (Patti, 2009) tivemos a ocasião de debater profundamente a mortificação do vivo.

Com efeitos de fim...

Pela perspectiva psicanalítica, o viver em cultura, por si só, já é causa de angústia e sofrimento ao sujeito que convive na civilização, pois precisa abrir mão parcialmente de seus instintos primitivos, de parte de suas moções pulsionais, para conviver socialmente, consentir nas normas, regras e leis que acordam as relações sociais. Pela perspectiva discursiva, o sujeito migra e exercita a metáfora ao realizar suas errâncias e trocas simbólicas. O que decorre desse novo mal-estar na cultura?

Podemos especular que ocorra três movimentos (ao menos) que se destacam em oposição um ao outro: um movimento de dar valor, dar crédito, investimento ao objeto do consumo (e aqui entram em série diversos objetos, até o próprio sujeito identificado com a mercadoria). Em uma primeira posição, o sujeito aviva o que não é vivo por si só: ele investe

milhões em um carro, em um pedaço de terra que talvez nem vá conhecer em vida, ele nega/rechaça as marcas do tempo em seu corpo e submete-se a ser cortado e costurado no real da carne, ele investe em plásticas sem fim para alcançar uma imagem que lhe escapará sempre, ele investe em relações onde a alteridade é apagada ou minimizada ao mínimo possível (ama suas coleções, sua máquina, seus animais, sua rede social cibernética (onde muitas vezes ele nunca se sentou para conversar com boa parte dos chamados "amigos"), etc.). É o sujeito colecionador, que emerge no discurso capitalista com seus objetos fálicos, investidos de sentidos que lhe dão aspecto de algo vivo, ou vivificado.

Em uma segunda posição, que vem atrelada à primeira, o sujeito parece mortificar o vivo: ele se oferece como objeto de gozo do Sistema (exemplificado pela atividade do narcotráfico em nossa dissertação de mestrado, já referida anteriormente), ele se oferece como cabide para roupas (universo fashion e seus "modelos" e "übermodels"), ele pode gozar do outro como puro objeto de gozo (a pedofilia pode ilustrar bem este tipo de uso, ou um assédio sexual, ou um estupro, por exemplo), ele não se inscreve "de corpo e alma" nas relações - ele pode estar casado no papel e não ocupar o tal lugar, ele pode estabelecer relações sempre à distância, ele pode bancar ser o amigão do filho, ao invés de ocupar o lugar de pai, ela pode bancar a amiguinha/rival da filha, ao invés de ocupar o lugar de mãe, ele não suporta uma mulher viva (tal qual o Don Juan descrito por Žižek (2006)), então mortifica essa mulher até reduzi-la a um objeto de consumo – em parceria com o consentimento desta mulher, que dedica-se a ser a "boneca do papai", a "mais uma" do harém numa cultura que preza a monogamia, etc.). As modalidades podem ser investigadas ao nosso redor, disponíveis na clínica, na mídia, no cotidiano pessoal, etc.

Uma terceira via seria o que conhecemos atrevés da psicanálise pela "travessia do fantasma", onde um sujeito percorre os caminhos de uma análise, subjetiva parcialmente o "Tu és isso" que a genética oferece como saber pronto, como verdade do sujeito, simboliza (também parcialmente) o discurso capitalista que dita também sobre "És isso que consome e exibe", e pode perceber-se implicado em sua história, em sua construção de seu ser no mundo, afetando e sendo afetado por esse "mundo", com a percepção de que algo manca naqueles dois circuitos (o buraco é sempre mais embaixo, além, aquém, etc.), onde nem o objeto tampona o mal-estar por muito tempo (as mortificações são sacudidas), não satisfaz seu consumidor completamente, e nem mesmo mortificando o vivo o vivo se deixa mortificar: o vivo insiste e persiste em interrogá-lo em seu lugar de "morto-vivo", pois "O que constitui o indivíduo não é o corpo, contrariamente ao que acreditava Aristóteles, mas o Um do

significante" (SOLER, op. cit., p.101), e uma vez na cadeia discursiva, o sujeito é movimentado, transformado, provocado a realizar mudanças reais e efetivas em sua vida, e neste sentido, ele virtualiza-se simbolicamente, pois é suspenso no que se crê ser, para deixar advir ou vir-a-ser um outro (é o mesmo e é o diferente), exercício que não se conclui de forma gratuita ou aleatória, pois é causado pela Coisa perdida atualizada na figura do analista como objeto a, como causa de desejo. A partir desta terceira via, pretendemos levantar e sustentar um questionamento que tem em vista a ética nesta travessia, pois do sintoma e do capitalismo, ninguém escapa.

Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CARVALHO, Frederico. Z. Feu. **O sujeito no discurso:** Pêcheux e Lacan. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Doutor em Lingüística. Área de Concentração: Linha E – Análise do Discurso. Orientadora: Profa. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. Belo Horizonte, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet** – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915). O recalque. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, Vol 1: 1911-1915. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

_____ (1930). O Mal-estar na civilização. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Orlandi, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Discurso em Análise:** Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PATTI, Ane Ribeiro. **Sentidos e sujeitos discursivos:** filhos e netos do narcotráfico no movimento do discurso. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências, área: Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Lucília Maria

Sousa Romão e junto ao programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo, SP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. (1966). Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, Especialmente, da Psicologia Social. In: **Análise de Discurso: Michel Pêcheux.** Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p.21- 54.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise e HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani [et al], 4ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, pp.59-158.

_____. (1975). **Semântica e discurso** - uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Orlandi (et. al), 4ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1983) Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: Escritos – linguagem, cidade, política, sociedade. N.4. LABEURB/Nudecri- Laboratório de Estudos Urbanos, Unicamp, 1999.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Fio de grito na rede: navega-dores (d)enunciam o extermínio. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise (Orgs.). **Discurso e...**: ideologia, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, *witz*, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo)sexualidade. Rio de Janeiro: 7Letras: FAPERJ, 2012.

SOLER, Colette. **A psicanálise na civilização.** Tradução: Vera Avellar Ribeiro; Manoel Motta. Rio de Janeiro, RJ: Contracapa Livraria, 1998.

ŽIŽEK, Slavoj; DALY, Glyn. **Arriscar o impossível** – Conversas com Žižek. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

O DISPOSITIVO COMO CONCEITO OPERATÓRIO ENTRE AS ANÁLISES ARQUEOLÓGICA E GENEALÓGICA EM MICHEL FOUCAULT

CARINE FONSECA CAETANO DE PAULA
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo
Partindo de uma problematização teórica inicial que buscou compreender a relação entre o discursivo e o não-discursivo na obra de Michel Foucault e tendo por objetivo prosseguir na trajetória de um levantamento teórico-metodológico que investigue a relação entre o saber e o poder, bem como a relação entre a análise arqueológica e a análise genealógica, o presente artigo pretende explorar teoricamente a noção de dispositivo proposta pelo mesmo autor, para nela verificar uma possível articulação entre o discursivo e o não-discursivo, o saber e o poder, as análises arqueológica e genealógica. Em um trabalho desenvolvido anteriormente, chegou-se à compreensão acerca da relação entre o discursivo e o não-discursivo, de modo que entre essas duas práticas estabelece-se uma relação de distinção e também de "pressuposição recíproca". Acrescentar a essa trajetória de investigação teórica uma passagem da perspectiva arqueológica à perspectiva genealógica é dar ênfase nisso que esta última traz de pensar os discursos enquanto práticas sociais, em seus funcionamentos e estratégias, quando eles, enquanto discursividades, obedecem não só a regras e regularidades internas, mas também a relações de poder pertencentes a uma exterioridade discursiva. Nessa implicação teórico-metodológica entre a arqueologia do saber e a genealogia das relações de poder nas quais e pelas quais os discursos operam, a noção de dispositivo torna-se um conceito analítico fértil a partir do qual se possa operacionalizar analíticas arquegenealógicas, já que arqueologia e genealogia se implicam e se complementam no pensamento foucaultiano.

Palavras-chave: Prática discursiva; prática não-discursiva; saber/poder; dispositivo; arqueologia/genealogia.

1. Problematização inicial

Dois trabalhos desenvolvidos anteriormente e este presente artigo constituem uma trajetória de investigação teórico-metodológica acerca de algumas noções que fundamentam as reflexões de Michel Foucault. No primeiro trabalho intitulado *O discursivo e o não-discursivo: uma relação de implicação mútua no saber/poder de Michel Foucault*[1], chegou-se à conclusão de que as práticas discursivas e não-discursivas se implicam e, embora sejam

[1] Trabalho apresentado e ainda não publicado nos Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – SIMELP, realizado pela Universidade Federal de Goiás, em julho de 2013, onde foi feito um levantamento teórico acerca da relação entre o discursivo e o não-discursivo em Michel Foucault.

noções distintas[1], podemos afirmar que não há práticas sociais e saberes que não produzam discursos e não há discursos que não estejam vinculados a práticas sociais e a domínios de saberes. A relação entre o institucional, o social e aquilo que é dito a partir dessas instituições, desses domínios de saberes, estão ambos historicamente ambientados e metodologicamente implicados numa relação de "pressuposição recíproca", nas palavras de Deleuze (1998). De modo antecipado, o discursivo e o não-discursivo, tanto empiricamente quanto em termos de categorias de análise, se presumem.

Já o segundo trabalho, intitulado *Saber/poder em Michel Foucault: a noção de dispositivo como operador de verdades no discurso científico*[2], a noção de dispositivo ganha relevância nas reflexões de Foucault e para o autor, este termo configura-se como algo muito mais geral que a *epistéme*, o saber ou a formação discursiva. Com a noção de dispositivo, por sua natureza heterogênea, essa distinção entre discursivo e não-discursivo não mais faz sentido, uma vez que para Foucault (1979, p.247) "em relação ao dispositivo, não é muito importante dizer: eis o que é discursivo, eis o que não é.", já que esta noção, inscrita num momento mais genealógico que arqueológico do pensamento de Foucault, traz consigo os enunciados e tudo o mais que funciona como sistema de coerção numa sociedade, e portanto de poder.

Neste presente trabalho, o que se pretende é iniciar uma trajetória de como a noção de dispositivo, desde os escritos arqueológicos em que este termo estava potencialmente contido em outros termos, como o de positividade (AGAMBEN, 2009), por exemplo, foi se constituindo em um conceito analítico importante para a genealogia de Michel Foucault. Na convergência de elementos heterogêneos que o termo dispositivo traz consigo, podemos entendê-lo como um conceito operatório fértil que alinhava a compreensão entre o discursivo

---

[1] O discursivo diz respeito àquilo que é dito, mediante algumas regularidades que possibilitam a emergência desse dito, desse fala-se, desse murmúrio que se pronuncia acerca de, que se inscreve historicamente num domínio prático, autônomo, anônimo; o não-discursivo diz respeito às condições que possibilitam, de uma exterioridade e por isso mesmo não exercem um primado sobre o discursivo, o surgimento das discursividades, como as instituições, os acontecimentos políticos e econômicos, culturais e históricos, todos eles com as especificidades de suas práticas e regras, as quais singularizam e modelam os discursos.

[2] Trabalho a ser apresentado e publicado nos Anais do *III Colóquio Nacional Michel Foucault: política – pensamento e ação* a realizar-se em outubro de 2013, na Universidade Federal de Uberlândia, onde se buscou compreender a noção de dispositivo como conceito operatório e analítico da relação saber-poder-verdade nas ciências humanas.

e o não-discursivo, o saber e o poder, e permite, simultaneamente, desenvolver as analíticas arqueológica e genealógica e ainda indicar como a noção de dispositivo ajuda a pensar nos efeitos que a relação saber/poder gera em termos de fabricação de verdades e constituição de subjetividades.

2. Desenvolvimento da problemática

Há uma reciprocidade entre o saber e o poder no pensamento foucaultiano de modo que as analíticas arqueológica e genealógica se implicam, questão já trabalhada por Prado Filho (1998) em sua tese de doutorado. Para o autor, ao longo de mais de vinte anos, as reflexões de Foucault desenvolvem-se em torno de um dos três eixos - o saber, o poder e a subjetividade – de modo que, mesmo se implicando mutuamente, ora o saber, ora o poder, ora a subjetividade adquirem primazia nas reflexões, caracterizando os momentos arqueológico, genealógico e ético que comportam o pensamento de Foucault. O autor sugere que ocorrem deslocamentos entre os centros de gravidade do eixo central – saber/poder/subjetividade, de modo que a cada eixo deste percurso, um em particular adquire maior ênfase. Naquilo que principalmente interessa a este trabalho, a problematização principal se dará na trajetória do eixo "saber" para o eixo "poder" e suas relações, lembrando que

> se a arqueologia ocupa-se dos procedimentos de produção de saberes, a genealogia refere-se a uma microfísica dos poderes, colocando em questão o exercício produtivo do poder. Equivale a dizer que se passa em seus trabalhos, predominantemente, de uma análise das práticas discursivas a uma análise de práticas não-discursivas de poder. (PRADO FILHO, 1998, p.3)

Embora ainda não problematizada de maneira explícita, a reciprocidade entre as analíticas arqueológica e genealógica já se faz presente nos primeiros escritos de Foucault, uma vez que as condições de produção do saber discursivo e as relações de poder que esses saberes acionam quando colocados em funcionamento estão em dependência, como fica claro em um texto de 1967: "Naquilo que os homens fazem, tudo não é, afinal de contas, um ruído decifrável. [...] O discurso e a figura têm, cada um, seu modo de ser; mas eles mantêm entre si relações complexas e embaralhadas. É seu funcionamento recíproco que se trata de descrever." (FOUCAULT, 2008, p.79-80).

Em *A arqueologia do saber* (2009) já encontramos o pressuposto de que o discursivo e o não-discursivo se determinam mutuamente e enquanto práticas, na ocorrência mesma de

seus usos e estratégias, não é possível pensar a ordem do discurso, o aparecimento do discursivo sem essa modelagem por parte das condições, não-discursivas, que possibilitam seu surgimento. Robin (1973), acerca da constituição dos objetos arqueológicos em Foucault, afirma que no conjunto dos primeiros escritos do autor[1], "é menos o discurso em si que constitui o objeto de M. Foucault do que as condições de possibilidade deste discurso" (ROBIN, 1973, p.96), o que reforça essa implicação entre o discursivo e o não-discursivo, o saber e as relações de poder que dele derivam quando este entra nas regras e na ordem de seu funcionamento social e histórico.

Dreyfus e Rabinow (2010), em *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*, afirmam que entre *A arqueologia do saber* de 1969 e *Vigiar e punir* de 1975 passaram-se seis anos, período em que o autor repensou e remodelou seus "instrumentos intelectuais", colocando outras questões, de natureza genealógica, portanto, relacionadas à problematização do saber, da verdade, dos valores, e as práticas e instituições sociais nas quais eles emergem. Nesta dimensão em que se pergunta pelo uso dos discursos, nas relações de poder as quais eles instituem e nas quais eles operam, configura-se um outro eixo de pesquisa, mais próximo daquilo que até então vinha sendo nominado como não-discursivo. Em *A ordem do discurso*, momento em que pensamento do autor já problematiza mais as relações de poder e menos a produção dos saberes, numa passagem da arqueologia à genealogia, Michel Foucault explicitamente afirma que: "...as descrições críticas e as descrições genealógicas devem alternar-se, apoiar-se umas nas outras e se completarem." (FOUCAULT, 2012, p.65)

Em *A verdade e as formas jurídicas* (1996) e *A ordem do discurso* (2012), o autor já explicita que da perspectiva do funcionamento dos discursos, ou seja, do uso dos discursos em suas operações práticas, em sua apropriação social, efeitos para além do discursivo são produzidos e eles estão inscritos em relações políticas, em jogos de exercício de poder que buscam, estrategicamente, constituir domínios de verdade. A análise genealógica nisso que ela traz de ênfase na forma de operar e de se apropriar dos discursos enquanto práticas sociais, em seus funcionamentos e estratégias é, assim como a análise arqueológica, equivalente em termos teórico-metodológicos no pensamento foucaultiano, pois articulam o saber e o poder que as práticas discursivas e não discursivas trazem consigo. Essa equivalência e

[1] Conforme Robin (1973), *A História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber*. No entanto, é válido ressaltar que o caráter metodológico de *A Arqueologia do saber* faz dela um livro metadiscursivo, sendo considerado um "discurso sobre discursos".

reciprocidade arquegenealógica é mais uma vez explicitada pelo autor quando ele afirma, na primeira conferência de *A verdade e as formas jurídicas* (1996) que

> Há alguns anos foi original e importante dizer e mostrar que o que era feito com a linguagem obedecia a um certo número de leis e regularidades internas [...] Teria então chegado o momento de considerar esses fatos de discurso, não mais simplesmente sob seu aspecto linguístico, mas, de certa forma como jogos (*games*), jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta. O discurso é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro. (FOUCAULT, 1996, p.9)

Assim, a análise arqueológica parece já trazer consigo todo um campo de efetivação à análise genealógica. Como efetuar a descrição arqueológica das condições socioculturais, econômicas, políticas, epistêmicas que possibilitam o surgimento das coisas ditas sem se perguntar pelas relações de força e de poder que explicam e determinam as trajetórias desses acontecimentos discursivos? Essa reciprocidade arquegenealógica reafirmada desde o início deste artigo parece encontrar seu entrecruzamento com a heterogênea noção de dispositivo introduzida no pensamento foucaultiano quando a problemática do poder abre uma brecha para se pensar os efeitos que a relação saber/poder produz na constituição de subjetividades.

Agamben (2009) busca rastrear o caminho de surgimento desta noção de dispositivo no pensamento de Foucault e o remete à noção de "positividade" posta ainda em *A Arqueologia do saber*. Para aquele autor é este termo que mais tarde corresponderá à noção de dispositivo, quando Foucault efetivamente atinge sua problemática crucial em torno do saber, do poder e da constituição de subjetividades:

> a relação entre os indivíduos como seres viventes e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder. [...] Trata-se para ele, antes, de investigar os modos concretos em que as positividades (ou os dispositivos) agem nas relações, nos mecanismos ou nos 'jogos' de poder. (AGAMBEN, 2009, p.32-33)

O dispositivo parece ser simultaneamente discursivo e não-discursivo, constituído de elementos heterogêneos o que confere a ele um caráter estratégico de acionar diferentes fatores reunidos em uma única categoria de análise e de agenciamento. Nas palavras de Deleuze (1996), o dispositivo parece uma "meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente" e Foucault (1979) o enuncia em três etapas:

> Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.
> Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que existe entre estes elementos heterogêneos. [...] entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.
> Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, 1979, p.244)

A noção de dispositivo parece aglutinar todas as linhas de raciocínio do pensamento foucaultiano: uma rede que embaralha elementos provenientes do dito e do não-dito, das regras e comportamentos, dos valores e práticas sociais, das crenças e proposições provenientes das instituições e que circulam entre elas como saberes, conhecimentos. Uma rede entre os "seres viventes" de Agamben (2009) e o institucional o qual impõem uma ordem de funcionamento, exerce um sistema coercitivo sobre as subjetividades que podem (ou não) resistir a essa força e inovar, num tipo de jogo específico às regras de cada domínio de saber, no exercício específico de cada mecanismo de poder, os quais buscam estrategicamente se posicionar nos enfrentamentos cotidianos para garantirem a validade de suas verdades; ao mesmo tempo, nas brechas dessas relações de força, surgem rotas de fuga, onde emergem singularidades, subjetividades resistentes, inovações. (DELEUZE, 1996). Veyne (2009) coloca que o dispositivo deve ser visto menos como uma coerção que enquadra subjetividades do que obstáculos a serem transpostos, já que o seu próprio mecanismo permite e incita a inovação.

Deleuze (1996) chega a referir-se à filosofia de Foucault como uma análise de dispositivos dado o alcance desta noção em suas reflexões já que, conforme aquele autor, "os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjectivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar uma nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento.", ou seja, os dispositivos são mesmo um conjunto multilinear de elementos heterogêneos.

3. Considerações finais

Como encaminhamento à problematização inicial de compreender a reciprocidade entre saber e poder, arqueologia e genealogia, tendo a noção de dispositivo como a categoria analítica para a qual convergem esses elementos e outros que compõem o pensamento de Foucault, tais como a constituição de subjetividades e a produção de verdades, percorrer cada linha desse conjunto multilinear que são os dispositivos configura-se como possibilidade de mapear, cartografar relações múltiplas que envolvem saber, poder, verdades e subjetividades. Ao convergir para si todas essas linhas reforçando sua heterogeneidade, a noção de dispositivo demonstra seu potencial analítico trazendo consigo uma dimensão mais geral e dispersa, o que confere ao termo uma metodologia de análise ampla, adequável a fenômenos variados, bem como a capacidade de estimular a análise crítica. Nessa mesma direção, Agamben (2009) atribui ao termo a qualidade de ser "um conceito operativo de caráter geral [...]" (id., p.33).

Enquanto conceito analítico estratégico, de caráter geral, a noção de dispositivo, além de permitir a análise de elementos heterogêneos que formam configurações de saberes/poderes/subjetividades/verdades, oferece também a possibilidade de gerar análises críticas no sentido de mapear os micro e macroelementos que se organizam de forma a concentrar poder e saber e, com essa concentração, se perpetuarem em práticas conservadoras. E, principalmente, essa noção também permite ser o dispositivo um agente de resistência e de ação inovadora, um desarticulador de formas conservadoras de poder justamente por ele ser um conceito operatório que mapeia e analisa os fatores que conservam poder/saber/verdade e nesse caráter estratégico, apontar rotas de fugas que agenciem resistências e inovações frente às configurações abusivas de saber/poder/verdade, como por exemplo a prática dos hackers que invadem sistemas de segurança da rede mundial de computadores, monopolizada por poucos agentes políticos e econômicos. Assunto para outras problematizações.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Chapecó, SC: Argos, 2009.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. *In:* **O mistério de Ariana.** Lisboa: Ed. Veja – Passagens, 1996.

_____ **Foucault**. Editions de Minuit, 1998.

DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____ A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.

_____ As Palavras e as Imagens. *In:* **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (org.) Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Ditos e escritos; II) p.78-81.

_____ **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____ **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PRADO FILHO, Kleber. **Trajetórias para a leitura de uma história crítica das subjetividades na produção intelectual de Michel Foucault.** Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP - São Paulo: 1998. 283 p.

ROBIN, Régine. Michel Foucault e a constituição do objeto discursivo. *In:* **História e Linguística.** Régine Robin – São Paulo: Editora Cultrix, 1973. p.92-99

VEYNE, Paul. **Foucault, o pensamento, a pessoa.** Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

DISCURSO, ENSINO E REFLEXIVIDADE: TRAJETÓRIA PARA O EMPODERAMENTO

CARLA CRISTINA BRAGA DOS SANTOS[1]
Universidade de Brasília

Resumo
O presente trabalho, cujo marco teórico central é a Análise do Discurso Crítica, protagonizada por Norman Fairclough, e seus desdobramentos para o ensino, traz uma reflexão sobre a prática do ensino da escrita na pós-modernidade, com ênfase no empoderamento e (re)construção identitária de alunos do ensino médio. Em função da potencialidade da linguagem nas sociedades atuais e da postura de questionamento constante imbricada em suas práticas, este trabalho torna-se útil, na medida em que parte dos princípios da Conscientização Linguística Crítica (CLC), uma proposta de linguistas da Universidade de Lancaster (Grã-Bretanha) que consideram a linguagem como constitutiva em relação à sociedade, no âmbito ideológico e das relações de poder. A Conscientização Linguística Crítica se constrói por meio de um estudo crítico da linguagem, utilizando a Análise de Discurso Crítica como meio para alcançar um discurso emancipatório, já que, "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado" (Fairclough, 1992:63). As atividades de conscientização estão inseridas no próprio corpo de conhecimento escolar, uma vez que o conhecimento é uma construção social ligada a normas e valores que precisam ser debatidos na educação crítica (Giroux & Aronowitz, 1987). O que esses autores chamam de letramento crítico é exatamente o que os proponentes da CLC chamam de "uma conscientização crítica do mundo e das possibilidades de mudá-lo", não só em termos linguísticos como em relação à educação em geral (Clark *et al*. 1991:52). A partir destes pressupostos teóricos, apresento um relato de experiência vivenciada no bojo da prática pedagógica, cujo foco principal centra-se no diálogo entre a teoria explorada no âmbito acadêmico e a prática do professor-pesquisador em sala de aula, na tentativa de preencher uma lacuna a partir dos postulados da CLC. Como resultados, destaco a mudança nas práticas de leitura dos alunos a partir de uma visão mais crítica da linguagem, alicerçada nos ideais emancipatórios.

Palavras-chave: Empoderamento; Consciência Linguística Crítica; Identidade Social.

1 - Introdução

A pós-modernidade alterou a face do mundo devido às diversas, velozes e constantes mudanças tecnológicas, científicas e culturais, ligadas ao processo de globalização (HALL, 2003). Tais mudanças perpassam sobre a linguagem, que tem se tornado mais significativa na

[1] Aluna de mestrado e pesquisadora na área de Linguagem e Sociedade do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB).

vida social ao longo da modernidade (CHOULARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 74). Em virtude disso, a escola, conforme postula Rojo (2009), deve propiciar a participação do aluno nas várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita, de maneira ética, crítica e democrática. No contexto da pós-modernidade, é de suma importância e urgência trazer a linguagem para o centro da vida escolar, como sugerem as orientações curriculares do ensino médio elaboradas por Moita-Lopes & Rojo (2004: 46):

> É preciso então trazer a linguagem para o centro de atenção na vida escolar, tendo em vista o papel do discurso nas sociedades densamente semiotizadas em que vivemos. São muitos os discursos que nos chegam e são muitas as necessidades de lidar com eles no mundo do trabalho e fora do trabalho, não só para o desempenho profissional, como também para saber fazer escolhas éticas entre discursos em competição e saber lidar com as incertezas e diferenças características de nossas sociedades atuais. Ensinar a usar e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa crucial da escola na construção da cidadania, a menos que queiramos deixar grande parte da população do mundo face a face, excluída das benesses do mundo contemporâneo das comunicações rápidas, da tecnoinformação e da possibilidade de expor e fazer escolhas entre discursos contrastantes sobre a vida social

A partir dessa nova necessidade, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros curriculares Nacionais (PCN) alinharam-se à visão de linguagem como prática social, mas apesar de a nova LBD ter 17 anos (e continuar atual), os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) mostram que o uso flexível e relacional dos conceitos, a interpretação crítica e posicionada sobre fatos e opiniões, a capacidade de defender posições e protagonizar soluções não está sendo suficientemente trabalhada na escola (ROJO, 2009), o que indica a necessidade de trabalhos interventivos nesse sentido.

Em um contexto pós-moderno, em que as práticas sociais são constantemente reformadas e renovadas, à luz de informações das próprias práticas, alterando suas caraterísticas (processo denominado de reflexividade), há um movimento constante de rupturas e fragmentações interiores (HARVEY, 1989), causando fragmentação, descentração e colapso nas identidades. Todavia, o efeito perturbador dessa desarticulação é provisório, e a partir disso abrem-se possibilidades para novas articulações, criando-se novas identidades e produzindo novos sujeitos (LACLAU, 1990).

Nesse contexto, o sujeito precisa ser altamente reflexivo, ou seja, conforme postula Giddens (2002), ser capaz de reestruturar, renovar e reformar as práticas sociais, reconfigurando sistemas de valores, crenças e conceitos que resultarão em mudanças em suas

identidades e relações sociais. Todo esse processo está profundamente relacionado à mudança discursiva, como será demonstrado ao longo deste trabalho. Nesse *ínterim*, por meio dessa reflexividade, o sujeito pós-moderno busca a coerência necessária para se viver em mundo globalizado e perturbador. Tal reflexividade trata-se de uma postura de questionamentos constantes a respeito dos modos de viver a vida social que perpassa pela consciência de que vivemos em um mundo multicultural, o que afeta nossa vida local.

Dessa forma, defendo que a escola não pode ser alheia às transformações da modernidade tardia e deve propiciar práticas e eventos que propiciem a reflexividade, abordada brevemente acima. Especificamente, proponho-me a dar uma contribuição rumo a esse grande objetivo, por meio da análise de uma experiência pessoal no ensino de produção textual no ensino médio, que poderá contribuir de alguma forma e em algum grau para a formação desse sujeito reflexivo e consciente que as sociedades atuais reclamam. A propósito, Laura Miccoli (2005:47-8) alerta para a necessidade de se compartilhar resultados, sucessos e insucessos, para que o compromisso com a mudança, inerente da educação e do papel do professor, possa de fato acontecer.

2 - Teorias que subjazem à prática

2.1 - Análise do Discurso Crítica (ADC) e Consciência Linguística Crítica (CLC)

Antes de iniciar a exposição teórica sobre a Análise do Discurso Crítica, doravante ADC, e sua aplicação na área educacional - Consciência Linguística Crítica, doravante CLC - é pertinente explanar, sucintamente, a respeito de algumas visões e conceitos utilizados ao longo deste trabalho.

O conceito teórico de *prática social* de Choularaki & Fairclough (1999: 22-4), é útil para este trabalho, já que "pessoas produzem seu mundo social em todas as suas práticas" (COLLIER, 1994 *apud* CHOULARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 23 - tradução minha). O conceito de prática diz respeito às formas de produção da vida social, não somente econômica, mas também cultural e política, em que cada prática é realizada dentro de uma rede de práticas secundárias que determinam a constituição interna da prática primeira, no caso, as aulas de produção de texto. Assim sendo, "cada prática pode simultaneamente articular, junto com outras práticas, posições sociais múltiplas e seus efeitos sociais" (CHOULARAKI & FAIRCLOUGH, 1999: 24).

Além do conceito de prática social este trabalho alinha-se a visão de sujeito de Choularki & Fairclough (1999:25): sujeitos não só são interpelados (conforme nomeou ALTHUSSER, 1971 apud CHOULARKI & FAIRCLOUGH, 1999:25), mas também são agentes que constroem posições e por meio dessas posições também constroem caminhos transformadores. Tais sujeitos têm como principal prática do mundo a explicitação da experiência, como parte do seu envolvimento em práticas sociais (BOURDIEU 1977:3 *apud* CHOULARAKI & FAIRCLOUGH 1999: 29), a qual será profundamente explorada no presente trabalho, visto que a explicitação das experiências de alunos em relação à linguagem formará o seu *corpus* (ver seção 3).

O conceito de reflexividade (GIDDENS, 2002:25-6) também será utilizado como aporte para este trabalho. A reflexividade da modernidade vai além do monitoramento reflexivo da ação, pois "solapa a certeza do conhecimento" e baseia-se no princípio da dúvida. Nesse sentido, até doutrinas científicas cristalizadas estão sujeitas à revisão. Aqui reflexividade será entendida como uma "revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação (ibidem, p.26) e complementada por Choularaki & Fairclough (1999, p. 25-27) na medida em que a reflexividade sugere que não há simples oposição entre teoria e prática, mas sim uma relação estreita entre elas, já que "pessoas constantemente geram representações do que elas fazem, como parte do que elas fazem" (p.25, tradução minha).

Ademais, reflexividade implica em luta social - conhecimentos reflexivamente aplicados sobre uma prática posicionam saberes e sujeitos - e envolve um "aspecto discursivo irredutível" (p. 26, tradução minha), visto que práticas envolvem linguagem e construções discursivas são parte da prática. A propósito disso, Choularaki & Fairclough (1999:27, tradução minha) postulam: "práticas teóricas podem e devem ser reflexivas, no sentido de iluminar suas próprias condições de possibilidade".

A partir da reflexão dos conceitos supracitados, chegamos à definição de discurso como parte da prática social, o que "implica entender o discurso como um modo de ação sobre a constituição do mundo, como um modo de representação desse mundo e ainda como um modo de identificação dos sujeitos que interagem no mundo" (Fairclough, 2003: 28 *apud* DIAS, 2011:214). Em sua obra anterior, de 2001, Fairclough já asseverava essa definição, ao afirmar que o discurso pode figurar nas práticas sociais de três maneiras: no significado acional, relacionado aos gêneros, no significado representacional, relacionado aos discursos e no significado identificacional, relacionado aos estilos. Esses três modos de utilizar a linguagem como prática social estão relacionados entre si, numa relação dialética.

Textos são os principais materiais empíricos da ADC e são entendidos como “partes de eventos sociais, pois tem a primazia de gerarem efeitos, ao ponto de alterar os conhecimentos, as crenças, as atitudes e os valores” (DIAS, 2011:222). Em virtude disso, Giddens (2002), ao explanar sobre as transformações sociais da modernidade tardia, assevera que a modernidade não pode ser separada de suas mídias: textos impressos e sinal eletrônico, que revelam um grande aumento da mediação da experiência. Analisar textos, portanto, permite constituir e reformular práticas de ensino de línguas rumo a uma conscientização crítica da linguagem e transformação sociocultural dos ambientes educativos.

A consciência Linguística Crítica (CLC) é uma teoria linguística que surgiu na Universidade de Lancaster, a partir da constatação de que os programas educacionais não estavam sendo suficientemente críticos, negligenciando aspectos sociais da linguagem, especialmente no que tange ao relacionamento linguagem e poder (FAIRCLOUGH, 1992). Nesse sentido alinha-se a este trabalho, pois apesar de passados mais de 20 anos desde o início dos estudos da CLC na Inglaterra, o quadro educacional continua deficiente em relação ao trato com a linguagem. Nesse sentido, há uma orientação intervencionista em direção à linguagem, na medida em que conceitua, em termos de habilidades e técnicas, uma linguagem penetrante que objetiva o desenvolvimento das capacidades linguísticas do aluno de forma crítica.

Fairclough (1992) postula que a Consciência Linguística Crítica é construída sobre o estudo da linguagem crítica, análise do discurso crítica e linguística crítica, portanto, adota uma concepção crítica da educação, da instrução e da escolaridade. Sobretudo com as mudanças contemporâneas do papel da linguagem na vida social, deve ser uma prática urgentemente aplicada no contexto do ensino fundamental e médio, por se tratar de um pré-requisito para cidadãos efetivamente democráticos, pois as atividades de conscientização dentro do espaço escolar que a CLC propõe objetivam um discurso emancipatório:

> A consciência Linguística Crítica é, eu acredito, um pré-requisito para a cidadania democrática eficaz, e deve, portanto, ser vista como um direito dos cidadãos que deve se desenvolver, especialmente, no sistema educacional. (FAIRCLOUGH, 1992:3 - tradução minha)

Clark *et. al*.(1991:14) observa três importantes assuntos que um programa de Conscientização Crítica da Linguagem deve abordar, a saber, conscientização social do discurso, conscientização crítica da diversidade e consciência e práticas voltadas para a

mudança (emancipação social). Os mesmos autores também observam que a CLC é formada a partir das capacidades de linguagem existentes e das experiências dos aprendizes, dessa maneira, analisar narrativas de suas experiências autobiográficas e durante o processo de conscientização no ambiente escolar.

2.2 – Letramentos e a visão socioconstrucionista das identidades

Uma visão crítica da construção social da identidade reconhece a influência de ideologias dominantes e, especialmente a possibilidade de combatê-las. As armas para este combate permeiam discursos, bem como a capacidade de construir significados. Essa capacidade para construir significados é potencializada através do letramento, aqui entendido como o domínio dos usos e funções da escrita para acesso a outros mundos, públicos e institucionais como o da mídia, da burocracia, da tecnologia, e através deles a possibilidade de acesso ao poder. Esse empoderamento potencializa o cidadão para lidar com as estruturas de poder na sociedade (KLEIMAN, 1995:8).

Conforme postula Rojo (2009), a educação linguística, de foma ética e democrática, deve abarcar os multiletramentos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos e protagonistas. Os multiletramentos proporcionam contato com letramentos valorizados, universais e institucionais sem apagar letramentos de culturas locais. Brian Street (2012) amplia este conceito, ao argumentar que os multiletramentos sinalizam um novo mundo em que práticas de letramento envolvendo a leitura e escrita são apenas partes dos que as pessoas têm de aprender a fim de serem letradas, já que sistemas semióticos que transcendem a leitura, a escrita e a fala. Segundo o autor, letramento não é um modo ou canal, que deixa de levar em conta as práticas sociais ligadas à construção, aos usos e aos significados do letramento em cada contexto: são as práticas sociais que atribuem significados e conduzem a efeitos.

Roxane Rojo (2009) acrescenta aos multiletramentos, os letramentos críticos e protagonistas, que englobam o trato ético dos discursos, já que a linguagem não ocorre no vácuo social, pelo contrário, constrói significados contextualizados para agir na vida social. Além disso, o contexto contemporâneo exige os letramentos multissemióticos, para somar as imagens, as músicas e outras semioses à formação do aluno.

A partir do pressuposto que a definição de quem somos, ou melhor, dos nossos modos de ser, está totalmente vinculada nos discursos pelos quais circulamos, concordo com a visão socioconstrucionista da identidade de Moita-Lopes (2003) quando afirma que identidades são

construções sociais e, nesse sentido, somos construídos nos encontros interacionais, como por exemplo, a sala de aula. Desse modo, identidades são constantemente construídas, remodeladas e transformadas a partir dos sentidos que damos às nossas experiências.

Ao atribuir sentidos às relações sociais e às práticas imbricadas nelas, construímos características do eu pessoal e consequentemente do eu social. Assim sendo, programas de CLC podem posicionar sujeitos em identidades conforme sua vinculação em um discurso. Nesse sentido, os discursos são instrumentos de reflexão, interpretação e compreensão da vida social (sobretudo na pós-modernidade) e consequentemente constroem e reconstroem identidades sociais a partir das informações, da comunicação e produção de sentidos. O professor de língua portuguesa pode se utilizar de diversos temas para o processo leitura e escrita, que além de abarcarem a dimensão linguística, contribuem na produção de sistemas simbólicos (FAIRCLOUGH, 2001) que (re)formularão identidades rumo a inclusão social.

3 - Breve explanação sobre o projeto de pesquisa

3.1 – Contexto e Metodologia de pesquisa

Luís Eduardo Magalhães é uma cidade do oeste baiano com apenas 13 anos de emancipação. Recebeu muitos migrantes do sul do país, antes mesmo de ser município, em meados da década de 80. Agricultores sulistas venderam suas pequenas propriedades em seus estados de origem e se tornaram proprietários de grandes extensões de terra no oeste baiano. Assim, esses agricultores de Luís Eduardo Magalhães, munidos com a força de trabalho e o espírito desbravador do paranaense e do gaúcho, enriqueceram.

Ao iniciar meu trabalho de professora de língua portuguesa nessa cidade, no ano de 2007, me deparei com os filhos desses pioneiros, já no Ensino Médio. A falta de interesse nos estudos e a postura de muitos alunos de não querer prestar vestibular nem seguir nos estudos, me chamou a atenção. Os alunos não atribuíam à possibilidade de uma vida bem-sucedida por meio dos saberes que a escola ensinava. Chegavam à terceira série do Ensino Médio para cumprir um protocolo, fazendo o mínimo, já que para trabalhar na lavoura com os pais, estudar não era necessário (pelo menos nos modos como enxergavam a situação). Os saberes transmitidos pelos pais, aprendidos no dia a dia do trabalho, bastavam.

A metodologia utilizada foi Pesquisa-ação, ou seja, parte-se de um problema e investiga-se uma possível solução. A pesquisa foi realizada na sala de aula e teve o professor como próprio pesquisador.

Diante dos problemas detectados ((i) conformismo e comodismo diante de situações desafiadoras e diante de suas vontades/desejos enquanto sujeitos, (ii) ideia equivocada de que aula de português só ensina regras gramaticais, (iii) consciência quase nula de que os processos e relações sociais são constituídos de discursos, materializados na língua materna, e que dominar o uso da língua portuguesa é imprescindível para circular de forma protagonista por esses discursos, (iv) falta de polidez, uso de violência verbal, (v) incapacidade de expressar opiniões e posicionar-se com fundamento, especialmente na escrita, (vi) falta de articulação e segurança na linguagem oral, (vii) erros de coesão gravíssimos nos textos escritos, (viii) erros de ortografia graves, (ix) baixíssimo repertório cultural), me propus a trabalhar de modo que os sujeitos pesquisados tivessem consciência do papel e da importância da língua(gem) como constituinte de suas condições de vida enquanto sujeitos.

Por meio do ciclo: leitura, interpretação/discussão/reflexão, escrita e reescrita(s), sobretudo de textos jornalísticos/opinativos busquei intervir para que a consciência linguística fosse um instrumento de empoderamento, de constituição de indivíduos socialmente aceitos e ativos na sociedade, maduros culturalmente e não alienados por falta de condições de ler criticamente o mundo a sua volta.

Com o objetivo de estimular a reflexividade, depois de um ano letivo aplicando a metodologia, contatei, informalmente, meus ex-alunos (que concluíram o ensino médio em 2011 e já haviam saído da escola, faixa etária entre 16 e 18 anos) por meio de mensagens eletrônicas numa rede social, perguntando se os trabalhos realizados nas aulas de produção textual transcenderam as paredes da sala de aula e os ajudaram enquanto pessoas, sujeitos na sociedade. Esses depoimentos, escritos por eles no dia 16 de maio de 2012, serão objetos de análise ao longo deste trabalho.

4 – Análise de dados

As análises feitas ao longo dessa seção delimitam-se apenas a questão do empoderamento, e consequente reconstrução identitária do aluno. As questões relacionadas à identidade e a criação de seu vínculo com o aluno, apesar de aparentes nas notas de pesquisa,

serão brevemente comentadas na seção 5 – "Considerações finais" – por não ser o foco primeiro deste trabalho.

4.1 – Nota de campo 1

> profe, esses dias mesmo na minha família, eles sao bem tradicionais e acreditam ainda em muitos tabus, esses dias eles estavam discutindo sobre a genética e das certezas que ia sair a criança, mas então eu fui paciente e procurei explicar da forma mais clara possível um pouco sobre genética, para melhor demonstrar as probabilidades e não certezas de como seriam os bebês, foi um pouco difícil no começo por eles terem a crença de que todo adolescente acha que sabe tudo, mas eu não podia deixá-los naquela circunstância que pra mim era constrangedora de criar certeza em cima de algo que se baseia em probabilidades!!

A nota mostra como a reflexividade do sujeito dirige suas relações e práticas sociais. Consciente dos conflitos que poderiam surgir do choque (identidade tradicional dos pais e identidade reflexiva dele), o sujeito, o qual assume postura de pesquisador, se utiliza da polidez e das informações/conhecimento que possui para mostrar aos pais que algumas maneiras de pensar estão sendo descontruídas e reconstruídas (é possível saber com exatidão quais serão as características de uma criança).

Além disso, certas crenças (adolescentes não sabem nada) não funcionam em uma sociedade globalizada, em que o acesso às informações transforma sujeitos (CASTELLS, 1999), na medida em que somos convocados, continuamente, a refletir, repensar e reconfigurar nossas vidas e relações sociais. O fato de os pais do aluno não estarem munidos da informação é enfraquecedor e "constrangedor" para ele, que está consciente do poder e do posicionamento que a informação lhe confere.

4.2 – Nota de campo 2

> Uaiii prof, um episódio q eu nunca vou esquecer foi qndo vc ajudou agnt a formular argumentos para a coordenação onde o L. não conseguisse retrucar... Ou seja, isso ajudou na escola e isso esta me ajudando hj na minha vida, pois sempre q vou lutar por algo preparo meus argumentos, baseados em fatos concretos, e q não possam ser contraditos... Ademais isso me ajudou a conquistar as coisas com meus pais, hehehe, eu aponto meus argumentos e flo q os pontos positivos são melhores e mais q os negativos, ateh eu conquistar elesss.. hehehe.... Cnsigo leva mt eles na labia kkkkkk... Beijooo prof, se precisar mais... Saudadesss

Observa-se na nota 2 que a jovem está consciente de que o discurso é um instrumento ideológico que possibilita a expressão das lutas de poder, e a empodera por meio da possibilidade de persuasão. A utilização de expressões típicas da linguagem culta escrita (como os conectivos ‘ou seja’, ‘ademais’, ‘onde’) mostram que o sujeito pesquisado empodera-se por meio do conhecimento da linguagem culta, sobretudo quando leva-se em conta o fato de este texto ter sido veiculado numa rede social, em que o monitoramento linguístico é costumeiramente baixo.

4.3 – Nota de campo 3

> Bem, os ensinos de redação estão sendo muitos úteis nesse processo de graduação. Logo no começo, mais precisamente no primeiro mês de faculdade, relembrei muito das aulas de redação, pois tinha que escrever muitos trabalhos, relatórios e um projeto de pesquisa, o qual foi entregue a duas semanas. Minha forma de escrever foi elogiada pelos professores, pois tinha concordância entre os assuntos e eu ligava as ideias, fazendo com que cada tivesse sentido dentro do texto. Além disso, me ajuda muito na argumentação oral nas aulas e nas discussões sobre o modo de aplicação das aulas. Também me ajudou a expressar melhor minhas ideias tanto com amigos, familiares ou pessoas de fora.

Um ponto a se destacar nesta nota, além do empoderamento que o domínio considerável do uso padrão da língua demonstra ao longo do texto, é a questão da "argumentação oral" que o sujeito pesquisado julga ter aprimorado. Nesse sentido, a afirmação de Ong (1982:93) é pertinente ao comentar sobre o poder transformador que a escrita, dentro das práticas sociais, confere:

> Um conhecimento mais profundo da oralidade primitiva ou primária permite-nos compreender melhor o novo mundo da escrita, o que ele verdadeiramente é e o que os seres humanos funcionalmente letrados realmente são: seres cujos processos de pensamento não nascem de capacidades meramente naturais, mas da estruturação dessas capacidades, direta ou indiretamente, pela tecnologia da escrita. Sem a escrita, a mente letrada não pensaria e não poderia pensar como pensa, não apenas quando se ocupa da escrita, mas normalmente, até mesmo quando está compondo os seus pensamentos de forma oral. Mas do que qualquer outra invenção individual, a escrita transformou a consciência humana.

Ao longo de todas as notas de pesquisa (supracitadas e seguintes) percebe-se fortemente a questão da consciência da linguagem, externada através do exercício de reflexividade proposto após a intervenção do projeto. Fairclough (1992) afirma que as relações de poder estão crescendo no exercício da linguagem – as práticas de linguagem estão cada vez mais conscientes. Além disso, o autor assevera que o desenvolvimento de consciência crítica do mundo e as possibilidades de mudança é o principal objetivo de toda a educação, e da educação linguística, de modo especial.

4.4 - Nota de campo 4

> Bem Carla, na faculdade venho recebendo muitos elogios em consequencia á minha escrita. Semanalmente tenho que escrever 2 relatórios, e desde o ínicio venho me saindo muito bem, com notas de 9 e meio a 10 (estou ate corrigindo a parte dos outros integrantes do grupo..kkkkk), e da mesma forma, vem me ajudando em tudo em relaçao a faculdade.
>
> Houve tbm um fato essa semana que nao sei se vem ao caso, mas é um fato no qual suas aulas sobre argumentação me ajudaram tbm. Por ser uma faculdade federal, aqui esta havendo uma grande discussao com relaçao a greve dos professores, e como os alunos sao os maiores prejudicados dessa história, havia muitas queixas e ate fatos de intolerancia, e entao aconteceu uma assemblea organizada pelo Diretório Academico para que nós alunos discutissemos esse fator. Porem, no momento em que ela aconteceria, a minha turma teria aula, foi entao que eu e uma colega pedimos vez a professora, e fomos ate a frente da turma convenser a professora e motivar nossos colegas a participarem do movimento.No final de um grande discurso, coseguimos convencer a professora a nos liberar e ate a nos incentivar, e convencemos nossos colegas a irem ouvir o Diretório academico. Desta forma, junto aos outros alunos da faculdade, discutimos bastante sobre a greve, seus pontos importantes como pelos direitos dos professores e dos alunos, o que vem amenisando bastante a situaçao, uma vez que os alunos agora, ao menos enchergam os motivos pelos quais a greve esta acontecendo.
>
> Enfim, existem inumeros casos onde a escrita e a argumentaçao sempre foram de fundamental importancia na minha vida, mas no momento, por ser um fato recente achei legal comentar.
>
> Bjuxx

Consciente da importância da linguagem nas práticas sociais, a aluna sente-se capaz de munir-se dessa arma para persuadir e buscar acordos. Um fato especial no processo de conscientização dessa aluna, foi o de ela sentir-se enfraquecida devido suas sérias dificuldades em relação a ortografia. Ao perceber a linguagem como algo muito além de sua materialidade, como a narrativa sobre a situação da greve demonstra, o empoderamento iniciou-se e consequentemente a ortografia melhorou.

Nesta nota percebe-se que a consciência das propriedades da linguagem, além de contribuir para a emancipação social da aluna (afinal, ela foi aprovada em um vestibular e está em uma universidade) levou um grupo maior à reflexão, na situação da greve. A propósito disso, na teoria da identidade de Ivanic (1998), postula-se que a visão crítica da construção socioidentitária reconhece a possibilidade de luta para definições alternativas, como vemos na situação relatada. A jovem de 18 anos está cônscia que a linguagem permeia sua vida, sua identidade e percebe que quanto maior o letramento, maiores são as emancipações e sucessos em sua vida social e pessoal.

4.5 - Nota de campo 5

Oi Carla,

Então, lembrando de suas aulas eu me inspirei em você e fui atrás dos meus direitos.

Eu tenho uma guitarra 7 cordas, que é incomum aqui na cidade, preciso pedir sempre as cordas de fora, tem uma loja aqui da cidade que faz os pedidos para mim e me fornecem.

Após um ano comprando as cordas com ele, um belo dia chego em casa com meu jogo de corda 7 strings, abro o pacote e lá dentro só encontro 6.

O pacote estava escrito 7 cordas, a embalagem anti ferrugem onde vem a corda também estava escrito 7 cordas e tinha o numero do lote.

Mandei um e-mail diretamente para o fabricante relatando a falha no produto, tirei fotos, mandei todos os dados.

Eles entraram em contato, pediram mil desculpas, reconheceram o erro e me mandaram um jogo novo.

Espero ter te ajudado, beijooooo...

A consciência do poder da linguagem enquanto discurso transforma identidades, atribuindo mais polidez, mais engajamento e politização dos sujeitos envolvidos. Essa trajetória de consciência linguística crítica atua no processo de fortalecimento dos sujeitos os quais passam a compreender que o domínio de sua língua materna os impede de ser enganados, excluídos e inferiorizados, produzindo novas marcas identitárias.

No caso do sujeito da nota acima, percebe-se uma grande capacidade de leitura da situação retratada, já que o aluno encontra-se seguro em relação as atitudes que tomou (‘e-mail’ – credibilidade e relevância social da língua escrita padrão - / ‘direto para o fabricante’ – entendeu que o tipo de problema não estava vinculado à loja e sim à fabricação do produto - / ‘com todos os dados do produto’ – demonstra consciência do poder que a informação confere).

5- Considerações finais

Segundo Fairclough (1992), a educação deve ser focada em habilidades em linguagem voltadas para o social e sem esse componente crítico, falha em suas responsabilidades com os alunos. Se uma real preocupação com o estabelecimento dos recursos educacionais para a cidadania acontece, pode-se afirmar que consciência crítica é um direito. A partir das palavras do autor, a escola e especialmente seus professores de língua materna precisam ser agentes para que esse direito seja alcançado.

A partir das pressuposições teóricas da Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) de que o discurso molda e é moldado pela sociedade em uma relação dialética, ajuda a constituir e mudar conhecimentos e seus objetos, relações sociais e identidade social, e que formar discursos é participar de lutas de poder, chega-se a conclusão de que consciência é a pré-condição para o desenvolvimento de novas práticas e convenções que podem contribuir para a emancipação social, por meio de um discurso emancipatório.

O professor, como agente dessa consciência nos eventos de letramento que protagoniza deve também ser consciente. Nas palavras de Giroux (1997: 28-9), o papel dos educadores está ligado a como encarar o propósito da escolarização. Quando se encara a escola como esfera pública democrática, construída ao redor de investigações críticas que dignificam o diálogo significativo e a atividade humana, as bases para o trabalho docente e as formas progressistas de pedagogia são construídas. Nesse sentido, o professor precisa ser consciente de seu papel enquanto intelectual, que opera em condições especiais de trabalho e que desempenha uma função política e social particular. Acredito que essa deva ser uma marca identitária essencial para um educador: ser cônscio de que precisa atuar como intelectual transformador.

Laura Miccoli (2005:51) complementa ricamente a reflexão de Giroux, condenando a cultura do ‘‘eu-não-sou-responsável-por-isso’’. A autora salienta que acreditar na mudança passa pelos professores de modo individual e encoraja professores a se posicionarem como pesquisadores, sobretudo por meio da pesquisação.

Desse modo, aceitar os desafios leva o professor a buscar ações que transformem, apesar da realidade educacional brasileira. Mesmo sendo legítimo, esperar mudanças nas políticas do governo para a educação ou nas atitudes do diretor do colégio para então assumir a responsabilidade de oferecer melhores oportunidades para os alunos é condenar toda uma geração. É importante lembrar, que na democracia, o governo é a representação do povo e o

professor como intelectual, como postulou Giroux (1997:29), é responsável por transformar suas condições de trabalho.

Referências

ARONOWITZ, S. e GIROUX, H. **Education under siege**. Londres: Routledge, 1987

CASTELLS, M. **Information technology, globalization and social development***: U*nited Nations Research Institute for Social Development discussion paper No. 114, 1999.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity:** rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh University Press, 1999.

CLARK *et al*. **Critical Language Awareness** – a critical review of three current approaches to language awareness. In: Language and Education, Vol. 4, nº 4, 1990.

DIAS, J.F. **Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v 12 (2), UnB: 2011, p. 213-246.

FAIRCLOUGH, N. (ed.) **Critical Language Awareness**. Harlow: London, 1992

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse** – textual analisys for social research. Routledge: London, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Coordenadora de tradução:Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

GIDDENS, Anthony. Introdução. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991, p. 11-37.

GIDDENS, Anthony. Os contornos da alta modernidade. In.: **Modernidade e Identidade.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 17-60.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem [Trad. Daniel Bueno]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HALL, S. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade em questão**. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, D. **The Condition of Post-Modernity.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

IVANIC, R. **Writing and Identity:** *The discoursal construction of identity in academic writing*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

KLEIMAN, Angela (org). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LACLAU, E. **New reflections on the resolution of our time**. Londres: Verso, 1990

MICCOLI, Laura. **O desafio da prática docente em inglês:** o compromisso com a mudança. Conexão Ciência, r. cient. FUOM, Formiga, v.2, n.2, ago/dez 2005, p.37-51.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In:_____. **Discursos de identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 13-34.

MOITA-LOPES, L.P. & ROJO, R.H.R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: BRASIL/MEC/SEB/DPEM. **Orientações curriculares de ensino médio**. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004, pp 14-56).

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita** – a tecnologização da palavra. Campinas, Papirus: 1998 [1982].

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In.: MAGALHÃES, Izabel (org.). **Discursos e práticas de letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

REFLEXÕES ACERCA DO ESTILO NA SALA DE AULA: ESTILO COMO MARCA DIALÓGICA[1]

CARLOS EDUARDO DA SILVA FERREIRA[2]
Unesp/Araraquara

Resumo

Em estudos sobre Estilística, percebemos que há muito tempo trabalhou-se a noção de estilo como um desvio da norma, sendo assim uma marca individual, já que a norma era o coletivo. Esta conceituação está longe das concepções bakhtinianas a respeito de estilo. Na compreensão bakhtiniana sobre estilo, o enunciado é elaborado por recursos linguísticos seletivos que estão à disposição do enunciador na língua, no horizonte apreciativo em que ocorre a enunciação. Isto significa que o estilo é um agrupamento de marcas de traços fônicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos, enunciativos, discursivos, etc., que assentam a estabilidade enunciativa, ou seja, que definem as especificidades enunciativas demarcando, assim, o sentido de individualidade na relação do sujeito com o discurso já instituído e a ser recebido por seu destinatário. Por meio de tirinhas retiradas do *Facebook* – rede social de interações textuais – trago propostas de trabalhos com alunos do Ensino Básico sobre questões de Estilística, discutindo noções de estilo dentro da teoria enunciativa dos estudos bakhtinianos do discurso. Variando as tirinhas, porém mantendo certas marcas de recorrência – remissões a lugares de produção, as comunidades/grupos/páginas do *Facebook* –, analiso como podemos discutir gênese criativa nas práticas textuais dos aprendentes escolares. Nesta perspectiva, posiciono-me em discussões educacionais a fim de refletir sobre o desenvolvimento da competência linguístico-discursiva e sobre interpretação e produção de textos, baseando-me em discussões estilísticas no meio social do *Facebook*, lugar midiático este que é bastante conhecido e utilizado como suporte-mediador das interações entre os sujeitos. Questões que mobilizam a pesquisa são: Qual é a relação existente entre o estilo e o autor em sua individualidade? Como os textos em circulação nesta mídia promovem um dinamismo na produção/recepção dos sujeitos? Pensando estilo como processo composicional, como se dão os efeitos interpretativos nas esferas sociais, tanto pelos diálogos das instâncias da textualidade quanto dos sujeitos em 'jogos'? Afinal, produção e análise se mesclam? Assim, pensar o discurso escolar em sua produção e interpretação pelos aprendentes é poder trabalhar com ressignificação de vozes, ideologias, heterogeneidade. É importante que sejam desenvolvidas pesquisas que abordem os embates de questões teórico-

[1] Este texto teve origens nas discussões das aulas de 2012 da disciplina ministrada pela Professora Doutora Gladis Massini-Cagliari, na Unesp de Araraquara. Como trabalho final, meu grupo e eu produzimos o texto "Reflexões estilísticas: aplicações textuais na sala de aula. Discussões sobre estilo como marca dialógica", texto bastante próximo em relação a estas reflexões que desenvolvo neste momento. Agradeço à professora Gladis e às minha amigas Gisele Nicacio Silva e Lilian Marques dos Anjos que contribuíram para minhas análises.

[2] Mestrando em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Orientado pela Professora Doutora Marina Célia Mendonça. Bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação da faculdade citada.

práticas do momento aula a fim de aprofundarmos discussões que nos levem, a nós educadores, a lugares que dinamizem os processos intersubjetivos e nos proporcionem reflexões sobre o estar, o ser e o vir a ser no mundo, permitindo ampliar as discussões sobre formação de professores e sobre a produção de identidade na escola.

Palavras-chave: Estilo e Estilística; Análise Dialógica do Discurso; Discurso escolar; Ensino e Aprendizagem; Gênero meme.

"O estilo constitui-se em oposição a outros estilos" (FIORIN, 2006, p. 47)
"Uma imagem do discurso não deixa de ser a imagem de um homem que fala"
(Bakhtin)

Objetivo: Por meio de textos retirados do Facebook – rede social de interações textuais – traremos propostas de trabalhos com os alunos sobre questões de Estilística, discutindo noções de Estilo dentro da Teoria Enunciativa bakhtiniana.

Motivação: Desenvolvimento da competência linguístico-discursiva pelas discussões estilísticas no meio social do Facebook, já que esse lugar midiático é bastante conhecido utilizado como suporte-mediador das interações entre os sujeitos.

Trabalho com Estilística via dialogismo bakhtiniano. Questionamentos levantados em sala:

- O *eu* e o *outro*
- Enunciado – enunciação
- O que é falar de estilo nas reflexões do Círculo de Bakhtin?
- As *VOZES*

Reflexões sobre *sujeito, ideologia* e *estilo* em Bakhtin

O estudo sobre *sujeito* em Bakhtin (apud BRAIT, 1999) revela-nos um sujeito não só histórico, social, ideológico, mas também corpo, vivência. Tem-se um sujeito construído na linguagem, pelo "outro", com uma construção de si mesmo pelas experiências de olhares de "outros", em divergências e convergências. Em Bakhtin, o *sujeito* possui um projeto de fala que não depende apenas de sua intenção, mas sim de um "outro (primeiramente é o "outro" com quem fala, depois o "outro" ideológico, tecido por variedades de discursos do contexto) e, ao mesmo tempo, o *sujeito* é corpo (são as outras vozes que o constituem). De acordo

com Compagnon (apud BRAIT, 1996, p. 107), toda enunciação produz simultaneamente um enunciado e um sujeito; não há sujeito anterior à enunciação ou à escritura. A enunciação é constitutiva do sujeito, o sujeito advém da enunciação para se posicionar, se referenciar, ancorar.

A constituição de sujeito para Bakhtin se posiciona por meio da interação e (re)produção nos seus dizeres, revalorizando interpretações, e na sua *práxis* do contexto imediato e social. Segundo ele, a "consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. A consciência individual é um fato sócio-ideológico." (BAKHTIN, 1992, p. 35). Tem-se aqui a noção de construção de sentidos em que para se produzir um sentido, deve-se haver uma compreensão na situação, no dentro (texto) e no fora (história).

Toda essa trama de dizeres que constituem os sujeitos liga-se a que Bakhtin denomina dialogismo. Tomemos que com Bakhtin o dialogismo é o cerne da constituição do sujeito, inclusive do conhecimento no campo das Ciências Humanas. Sendo assim, não há um único ser humano cuja condição de humanidade não advenha da sua interlocução com os demais, posto que sua existência é dotada de significados anteriormente predicados e marcada pelo modo como *um* se posicionará na continuidade a essa *interlocução*.

O "sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato de compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento" (Bakhtin, 2003, p. 378).

Sobre a ressignificação da língua, expõe-nos Bakhtin (2003):

> O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como palavra revela os seus significados somente no contexto). Um sentido atual não pertence a um (só) sentido mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e contataram. Não pode haver "sentido em si" ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele. Não pode haver um sentido único, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer (p. 382).

A respeito da apropriação e uso que o ser humano atribui à língua, o filósofo russo Mikhail Bakhtin, com seu grupo, mostra se posicionar à frente de seu tempo, já que estabelece

preliminarmente uma teoria que primazia o caráter da enunciação como processo não reiterável , pressuposto de outras enunciações, ou seja, é um "acontecimento discursivo projetado a partir de uma memória" (SANTOS, p. 1)[1].

Na Teoria da Estilística percebemos que há muito tempo trabalhou-se a noção de desvio como um desvio da norma, sendo assim uma subjetivação, já que a norma era o coletivo. Esta conceituação está longe das concepções bakhtinianas a respeito de estilo.

Na compreensão bakhtiniana sobre estilo, o enunciado é elaborado por recursos linguísticos seletivos que estão à disposição do enunciador. Isto significa que o estilo é um agrupamento de marcas de traços fônicos, morfológico, lexicais, sintáticos, semânticos, enunciativos, discursivos, etc., que assentam a estabilidade enunciativa, ou seja, que definem as especificidades enunciativas demarcando, assim, o sentido de individualidade.

Fiorin (2006), em Introdução ao pensamento de Bakhtin, reflete sobre o conceito de estilo dentro da obra bakhtiniana:

> O estilo é o conjunto de particularidades discursivas e textuais que cria uma imagem do autor, que é o que denominamos efeito de individualidade. Esta individualidade pode ser singular (pode-se falar do estilo de Guimarães Rosa, que cria uma imagem de Rosa) ou coletiva (pode-se falar no estilo do parnasianismo, que cria a imagem do poeta parnasiano em geral). Os imitadores, os que parodiam, os falsificadores em pintura, os covers, etc. "copiam" exatamente esse conjunto de traços, o estilo daquele que é imitado, falsificado, etc. Por outro lado, é esse conjunto de características que permite dizer, quando lemos um texto cujo autor não conhecemos: "parece Alencar", "soa a Gregório de Matos", "assemelha-se a Cabral". (2006, p. 47)

O estilo opera é na estruturação e unificação dos enunciados produzidos pelo sujeito enunciador.

Porém, se a Bakhtin lhe bastasse até este ponto, o filósofo russo estaria de fato negando a noção de que o dialogismo é um elemento constitutivo do enunciado. Sendo assim, há uma precisão dos parceiros da comunicação verbal para que haja discussões entre formações textual entre o "eu" e o "outro" em dinamização: um "eu " construído pelo "outro", na medida que o estilo do "eu" é uma marca formada pelo "outro", já que há uma confluência

[1] Texto em versão digitalizada: SANTOS, Jefferson Fernando Voss dos. *A respeito de Bakhtin e Foucault:* aproximações e disparidades entre os conceitos de enunciado. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao12/art_04.php. Acesso em 05/09/2012.

entre “eu” e “outro” e não um aniquilamento dicotômico-estático entre “eu” - subjetivo e “outro” - coletivo.

A discussão sobre estilo estará fortemente discutido em algumas obras do Círculo de Bakhtin: “O autor e o herói na atividade estética”, “Os gêneros do discurso” e “A tradição do estilo” In: *Estética da criação verbal*; *O discurso na vida e o discurso na arte*; *Marxismo e filosofia da linguagem*; *Problemas da poética de Dostoiévsk;*, *Questões de literatura e de estétic*a: a teoria do romance; *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:* o contexto de François Rabelais.

Assim, chegamos a um ponto crucial de nossa abordagem: tomaremos o estilo como uma marca recorrente dos textos, estes em circulação (textos e esferas sociais: discussão bakhtiniana em “Os gêneros do discurso”), para focalizarmos na inter-relação entre os sujeitos participantes dos jogos enunciativos, sendo esta nossa análise no ambiente midiático do Facebook.

Levantemos duas exposições sobre estilo dentro dos eixos bakhtinianos, uma do próprio Bakhtin em “A tradição do estilo” e outra de Beth Brait, estudiosa do autor russo:

> Chamamos estilo a unidade constituída pelos procedimentos empregados para dar forma e acabamento ao herói e ao seu mundo e pelos recursos, determinados por esses procedimentos, empregados para elaborar e adaptar (para superar de modo imanente) um material. (BAKHTIN, 1992, p. 215)

> As formas possíveis do discurso citado, que têm historicidade e não permanecem idênticas ao longo do tempo e nas diferentes culturas, assumem também a condição de estilo, confirmando a idéia de que o estilo, longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados. (BRAIT, 2008, p. 83)

A concepção de estilo discutida até agora perpassa sempre na consideração que o estilo permeia a complexidade da autoria nos processos da elaboração, em planos intersubjetivos, ou seja, há uma marca que está sendo ‘compartilhada’ pelo próprio posicionamento discursivo de um sujeito, que ao produzir um texto com sua “marca” registra no material textual os rastros de um conhecimento em compartilhamento, um ‘eu’ expondo e sendo exposto pelo ‘outro’, interpretando-se, assim, o classificado leitor como um participante constituinte das interpretações chamadas subjetivas, contendo nesta trama complexa um diálogo entre ‘eu’ e ‘outro’, onde não há barreiras divisórias nos processos interpretacionais

do discurso, e sim uma matriz formante de investimentos da gênese criativa producional/recepcionária.

Neste sentido, podemos dialogar com o escritor e naturalista francês Buffon, em seu *Discours sur le style* (1753) no qual enuncia que "estilo é o próprio homem".

Podemos nos meter, digamos, a uma proposta de definição, como exercício reflexivo. Deste modo, analisamos que o estilo tende a ser um processo analítico da composição textual que, pela recorrência na materialidade linguística, marca os procedimentos estéticos (expressivos, como componente composicional) produzindo efeitos nas esferas sociais, tanto pelos diálogos das instâncias da textualidade quanto dos sujeitos em 'jogos': produção e análise se mesclam entre os 'autores' (os sujeitos em interação dialógica).

Análises

São as páginas (lugares de retirada) no Facebook:

Willy Wonka Irônico
Chapolin
Joseph Ducreux meme
Os revolucionários (retirados em memestirando.com)

O formato de escrita amplamente usado nas redes sociais e bastante recriado, os *memes*, apresenta uma modalidade singular de discurso evidenciado através das repetições, das apropriações de ditos populares e suas variantes, onde a singularidade deste fenômeno encontra reduto de significação e maior expressividade pelo veículo que a difunde, no caso do nosso estudo o *Facebook*, conforme lemos:

> O público atingido por esses textos escritos não é mais a audiência primitiva dos textos orais, são as extensas redes de leitores, unidos apenas por seu acesso a essas formas de discurso. (OLSON & TORRANCE, 1995, p.272)

Encontramos uma forma de discurso peculiar que une os participantes da rede social em questão, criando novos mecanismos de interdiscursividade, arranjos metalinguísticos inovadores que proporcionam meios alternativos de comunicação (escrita interagindo com imagem), que suscitam fruição, reflexão, indignação entre outros.

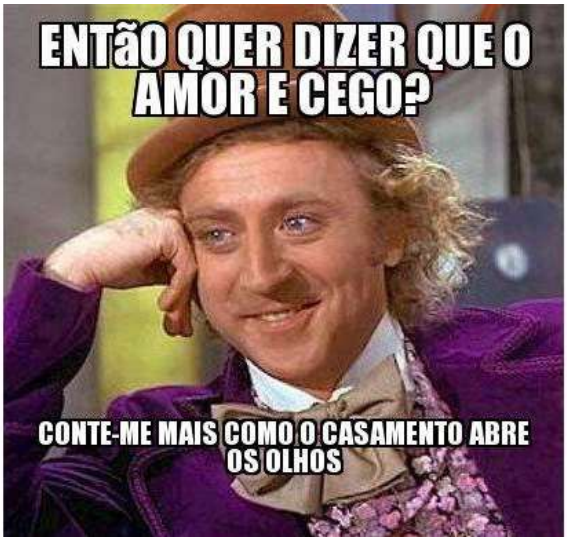
A situação comunicativa apresentada pelos *memes* aglutina um grupo específico de leitores, os integrantes e/ou usuários da rede social.

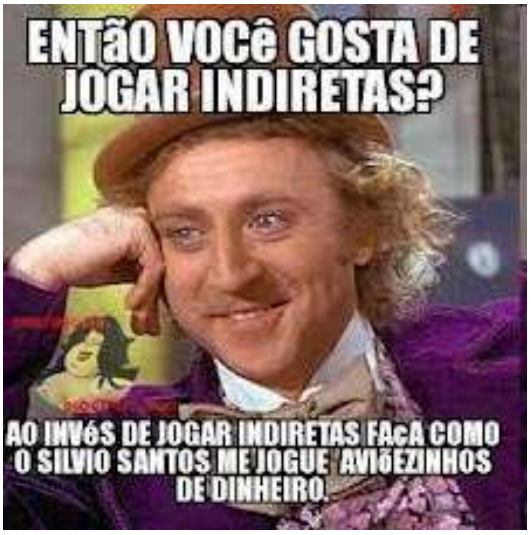
Devido à diversidade de temas, e possibilidades infinitas de ideologias que possam ser recriadas, reescritas, reutilizadas e apresentadas nos formatos dos *memes*, exige que o leitor que transfira a atenção dos significados das palavras empregadas para a forma estrutural do *meme* num todo, alçando posto de indivíduos metalinguisticamente conscientes.

A construção de significados para os leitores dos *memes* passa pelo processo de dialogismo linguístico (já que do entendimento bakhtiniano temos que a compreensão é uma forma de diálogo) que não pode desconsiderar os significados subjetivos, as dimensões psicológicas e sociológicas da linguagem utilizada onde "[...] só é capaz de formular seus pensamentos e compreender a fala dos outros quando adquire uma posição individual/ criativa sobre o dado social e imitativo." (REZENDE, 1999), numa verdadeira atividade metalinguística, intertextual e de múltiplas significações.

E ainda considerando que este formato comunicativo faz associação de imagens ao conteúdo linguístico e serve-se de um conjunto variado personagens extraídos mais diversas fontes como: histórias em quadrinhos, da política, das novelas, dos filmes, dos comerciais e seriados de TV, dos produtos da moda, das situações cotidianas, dos comportamentos grupais etc.

Elencamos para este trabalho alguns dos *memes* mais populares, ou seja, mais repetidos em diversas temáticas, como o personagem Chapolin Colorado, do seriado *Chapolin* e do cinema Willy Wonka do filme *Fantástica Fábrica de Chocolates*, os quais:





No primeiro *meme* Wonka: “Então você gosta de jogar indiretas? Ao invés de jogar indiretas, faça como o Silvio Santos e me jogue aviõezinhos de dinheiro!” onde o leitor deve ter a memória dos programas televisivos exibidos aos domingos onde o apresentador citado tem por hábito, para animar as participantes do auditório, arremessa dobraduras de aviões feitos com cédulas de dinheiro. No segundo *meme* Wonka: “Então quer dizer que o amor é cego? Conte-me mais como o casamento abre os olhos?” ele questiona sobre a validade do casamento, ou ainda suscita, que tal situação (casar-se) não traria em si mesma soluções ou a “cura para a cegueira” do amor.

Nos *memes* do Chapolin Colorado: “A pessoa diz que precisa conversar com você: e você já começa a pensar em todas as coisas erradas que já fez na vida.” e no seguinte “Eu vivo na terra do nunca: nunca tenho, nunca tenho dinheiro, nunca pego ninguém, nunca as coisas dão certo” vem expressando um certo negativismo e ironia diante dos fatos cotidianos, como alguém chamar para uma conversa ou da situação de estar desprovido de dinheiro.

Nos quatro exemplos, resguardando as particularidades, se trabalha com as expressões do senso comum “jogar indiretas”, “abrir os olhos”, “precisa conversar”, porém no último exemplo do *meme* Chapolin “vivo na terra do nunca” que parafraseia com outra expressão de senso comum como “vivo no mundo da lua” que por sua vez faz referência às pessoas distraídas e faz também faz intertexto para a *Terra do Nunca* universo das histórias de *Peter Pan* onde as crianças “nunca crescem”.

Página: Joseph Ducroix meme

Quadro-origem: *Portrait de l'artiste sous les traits d'un moqueur*, Self-portrait, ca. 1793

Figura 1

Figura 2

Os *memes* de Joseph Ducroix são paródias de músicas ou ditados populares conhecidos. . É válido ress altar que esses jogos de simples e complexos revelam via comicidade o quão hilário se materializa o discurso científico neste gênero. A estilística aqui está mais aprofundada no nível da palavra, pois há uma procura por um léxico rebuscado, que muitas vezes dificulta o entendimento, mas também provoca o efeito de humor, considerando que muitas vezes a matriz que usam é de registro coloquial. Essa seleção de sinonímia dá-se quando "um só termo é escolhido num paradigma ou conjunto sinonímico, para atender à emoção, à harmonia ao tom geral do conjunto" (MARTINS, 1989, p.107). Por exemplo, a

figura 1 é uma paródia da música "Pelados em Santos" do grupo musical brasileiro *Mamonas Assassinas*. A seguir, a letra original e o destaque para alguns termos:

1- "Mina, seus cabelo é da hora
Seu corpão violão
Meu docinho de coco
Tá me deixando louco"

a) "Mina" passa a ser "Moçoila";
b) "Seu corpão violão" torna-se "Seu corpo musical de um instrumento de cordas".

Vale salientar que para Marouzeau (apud MARTINS, 1989, p.105) "a sinonímia é frequentemente real, mas é limitada e sujeita a condições", nesses termos podemos considerar o trecho *a* composto por sinônimos, mas em *b* não temos essa certeza, o instrumento de cordas poderia ser outro, só constatamos que é o violão quando conseguimos recuperar a música original.

A *figura 2* é uma paródia do ditado popular: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura". O trecho da paródia "Líquido composto de hidrogênio e oxigênio" também não é um sinônimo exato para água, outros elementos se encaixam na descrição, mas uma vez que recuperamos o texto original temos certeza de que se trata da água.

Esse *meme* traz uma estrutura de duas frases fixas, alterando apenas a motivação entre uma e outra. A repetição ocorre em “O que nós queremos?” e “E quando nós queremos?”. Em ambas o efeito de humor se constrói na oposição entre o motim que pretendem fazer com relação a algo que não querem mais, o malogro da situação pretendida e mesmo assim considerarem seu objetivo cumprido e ficam satisfeitos.

A marca da recorrência deste grupo de tirinhas é a ironia. Sempre há uma quebra da expectativa discursiva nestas tirinhas.

Um aspecto da Linguística/ Estilística que vem merecendo destaque é que nem tudo que o emissor diz está explícito no seu discurso, sendo assim há "sentidos que o interlocutor pode apreender, visto estarem sugeridos com grau variável de sutileza" (Martins, 1989, p.218). Tendo isso em vista essa noção, percebemos que o *meme* acima se utiliza desse implícito nos três primeiros quadros, recorrendo sempre a mesma estrutura que traz o nome do objeto relacionado a uma cor, e em seguida a cor que ele 'realmente' tem.

O discurso é conduzido de forma objetiva nos três primeiros quadros, pois se considera objetivo um enunciado cuja exatidão pode ser averiguada pelo receptor. Isso ocorre

porque empiricamente ao olharmos os elementos descritos comprovamos que as cores que têm associadas aos seus nomes não correspondem ao que vemos.

No último quadro a personagem faz uma particularização dizendo "Ai meu Deus... sou daltônico", concluindo isso a partir de suas premissas, causando efeito de humor, pois a conclusão esperada seria que nomeamos os objetos com cores que não são suas próprias, mas explicam-se de alguma forma. O quadro negro existiu e foi substituído pelo verde, o milho verde faz referência a sua palha e o Halls a sua embalagem. Outra interpretação para a fala da personagem é que fez uso da ironia, como se apenas ele percebesse tal diferença, assim denomina-se daltônico.

O gênero *meme* em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais

A respeito de trabalhos desenvolvidos na discussão sobre os memes, PASSOS (2012). Nos ditos do pesquisador:

> Em meio à diversidade de gêneros produzidos e sustentados em ambientes digitais, percebe-se a necessidade de se trabalhar com este material linguístico, tecnológico e evidentemente social. Por exemplo, percebeu-se entre os anos 2000, uma incidência de tirinhas, histórias em quadrinho, piadas colocadas em provas de língua portuguesa. Era natural articular conhecimento de língua, adequação contextual, níveis de linguagem, entre outros aspectos. Obviamente se percebe que isso era a influência dos PCNs nos modos de avaliação das escolas e dos exames vestibulares. Hoje também continuamos a ver essa prática de forma contundente e sistemática. No entanto, o que proponho aqui não é a omissão desses gêneros, mas sim também o questionamento sobre um gênero advindo dos Estados Unidos, nos finais dos anos de 2008, com a explosão de sítios eletrônicos de compartilhamento de vídeos e imagens, a produção de "memes", que provavelmente farão com que se promova uma reflexão sobre a imagem, a construção linguística, o conhecimento prévio, entre outros aspectos que são relevantes ao conhecimento do aluno e sua consciência crítica sobre o uso das linguagens. (PASSOS, 2012, p. 10)

Observamos que esta concepção textual produzida pelas mídias trata de uma mesma imagem, porém mudando as informações verbais. Consegue-se ainda integrar um tom irônico na produção da mensagem verbal, mas, de onde vêm essas inferências? Estão aqui buscas intrigantes para estabilizações enunciativas.

Como coloca REZENDE (2011, p. 707-708):

> (...) quando dizemos que as expressões linguísticas não transmitem significado, quer dizer, que a língua não é um código, que quando falamos e escrevemos não passamos mensagem uns aos outros e que os seres humanos não se comunicam, dizemos simultaneamente que a linguagem é uma atividade significante.
> (...) os interlocutores são simultaneamente emissores e receptores. Há uma assimetria entre eles e o material físico, gráfico ou sonoro, não transmite nenhuma mensagem. Cabe aos interlocutores investir os textos de significados, seja na leitura, na escrita, na fala ou na escuta.

Posiciono-me aqui na legitimação genérica dos memes, pois trazem no horizonte toda uma configuração dialógica entre tema, formas composicionais e marcas linguístico-enunciativas, o estilo. Tomei neste estudo o papel central do estilo, discutindo e ampliando as reflexões da Estilística via análise bakhtiniana.

A argumentação mais justa que se possa ter é a exe quibilidade dos processos textuais na sala de aula por sujeitos nas esferas de circulação. Onde há estilo há sujeito. Onde há sujeito há posicionamentos textuais em ação.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. "A tradição do estilo". In: *Estética da criação verbal.* Trad. do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHINOV). Tema e significação na língua. In.:___**Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 10e. São Paulo: AnnaBlume, 2002. p.128-136.

BUFFON. **Discours sur le style.** Paris: Hatier, s.d. p. 23 – 24.

FERNANDES, S.D.; DEL RE, A.(org.) O jogo das representações gráficas. In:___**Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolingüística. São Paulo: Contexto, 2006.p.169-181

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo : Ática, 2006.

MARTINS, N.S. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4e. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

OLSON, D.R.; TORRANCE, N. (orgs). A escrita como atividade metalinguística. In: **Cultura, escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995. p.267-294.

PASSOS, Marcos Vinícius Ferreira. O gênero "meme" em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais. **Anais do SIELP.** Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

REZENDE, L.M. A natureza dialógica da linguagem. In:_____ **Revista Brasileira de Letras**, vol, nº1, p.45-47.1999.

_____. A indeterminação da linguagem e o conceito de atividade no ensino de língua materna. In:_____ **Estudos linguísticos**, São Paulo, 40 (2): p. 707-714, mai-ago 2011.

MARCAS DE AUTORIA NAS CANÇÕES DO RAPPER "LETODIE": SENTIDOS CONTESTATÓRIOS QUE CIRCULAM NAS REDES SOCIAIS EM TEMPOS DE #VEMPRARUA BRASIL

DANILO VIZIBELI
UNIFRAN

Resumo
O objetivo deste trabalho é apresentar as marcas de autoria presentes (ou não) no discurso das letras de música do rapper LetoDie e a movimentação dos sentidos pelas redes sociais, principalmente o Facebook e o YouTube num momento histórico do Brasil com o movimento popular contestatório #Vemprarua. Como material de estudo que compõe o corpus, foram selecionadas duas canções do rapper, que é um adolescente que se diz adepto às práticas do fisiculturismo e da malhação, intituladas "Sistema" e "Brasilusão". Serão observadas ainda a página pública do cantor no Facebook (http://www.facebook.com/letodieoficial?fref=ts) e o canal de vídeos no YouTube (http:// www.youtube.com/mrletodie). Empreende-se uma análise pautada no referencial teórico da Análise de Discurso Francesa, tendo como referencial bibliográfico Michel Pêcheux do qual articula-se o conceito de "arquivo"; as questões da autoria e da escrita de si na ótica de Michel Foucault. É objetivo também conceituar os movimentos interpretativos em que se (des)estabilizam sentidos em torno da Indústria Cultural – conceito tomado dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer - tendo as manifestações artísticas marginais como o Rap, como movimento de contestação para verificar a polissemia ou paráfrase e a historicidade de quando se começou o movimento popular revolucionário de Junho de 2013 no Brasil. Pela data de postagem dos vídeos de LetoDie, as manifestações começaram antes que se chegasse às ruas, pelas redes sociais. Assim, questiona-se e problematiza-se a questão da virtualidade e da cibercultura na contemporaneidade como tecnologias de si e da coletividade, nas quais se empreendem interpretações e simbolizações que devem ser vasculhadas. Com esse estudo, procura-se identificar práticas de leitura e escrita, entendendo a leitura não só do texto verbal, mas de toda materialidade significante, das quais são adeptos estudantes pré-vestibulandos. Justifica-se esse propósito devido ao fato de o acesso ao corpus ter acontecido por meio de um adolescente estudante de um curso pré-vestibular comunitário da cidade de Passos-MG. Esse arquivo discursivo marca que a leitura e a escrita são práticas de constituição do sujeito que efetiva os mecanismos de instauração de micropoderes na busca da construção de sua identidade.

Palavras-chave: Discurso; Redes Sociais; Manifestação.

Introdução

A música é um produto cultural que vai ao encontro das identidades das pessoas. Dessa forma, gostar ou não gostar, ser fã ou abominar um determinado tipo de música faz com que a pessoa se mostre e se marque como sujeito-autor.

Um adolescente de aproximadamente 17 anos em uma aula de Redação[1] em que se discutia por meio das músicas “Admirável Gado Novo” (Zé Ramalho) e “Ideologia” (Cazuza) movimentos para se chegar a um texto dissertativo-argumentativo, se sentiu à vontade para passar ao professor o perfil de um adolescente rapper, adepto ao fisiculturismo e que escreve letras de contestação que culminavam com o momento vivido no Brasil em meados de Junho de 2013, com as manifestações denominadas #Vemprarua Brasil.

Tinha-se então acesso ao corpus desse estudo que se pauta como um exercício de análise discursiva. O objetivo geral é apresentar as marcas de autoria presentes (ou não) no discurso das letras de música do rapper LetoDie. Os objetivos específicos são verificar a movimentação dos sentidos do momento histórico brasileiro com o movimento popular contestatório #Vemprarua, pelas redes sociais – Facebook e YouTube – e conceituar os movimentos interpretativos em que se (des)estabilizam sentidos em torno da Indústria Cultural.

Foram tomadas para análise duas canções do rapper intituladas “Sistema” e “Brasilusão”. LetoDie é o codinome de Welington Gilvan, 18 anos, morador da cidade de Joaçaba, em Santa Catarina e que se intitula como Marombeiro nas canções.

Entende-se o rap como um movimento marginal que marca a historicidade dos protestos e contestações no Brasil. O movimento #Vemprarua tem seu marco de origem desconhecido, pois antes mesmo de se tomar as ruas, os debates e reflexões já aconteciam nas redes sociais. LetoDie usa da metáfora da força do marombeiro para atribuir sentidos, veiculando um discurso da contestação e da força jovem.

Nas canções analisadas há marcas de autoria que configuram movimentos ora polissêmicos instaurando outros sentidos contestatórios por meio das redes sociais, ora parafrásticos enfatizando conceitos já repetidos e próprios de uma linguagem opaca no que se refere a movimentos populares no Brasil.

Nesse aspecto, buscando os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Francesa, destaca-se como referencial bibliográfico os estudos de Michel Pêcheux acerca do arquivo. Da ótica foucaultina, enfatiza-se os estudos sobre a autoria e a escrita de si. Procura-se, dentro

[1] A aula citada, bem como todas as demais citações sobre esse episódio, se referem ao trabalho voluntário do autor como professor de Literatura e Redação no Curso Pré-Vestibular Comunitário Núcleo Dércio Andrade, em Passos (MG), associado à ONG Nacional Educafro, que promove a educação e cidadania de negros e pessoas carentes.

dessa perspectiva, questionar: como é a manifestação da autoria no discurso das canções de LetoDie?

Além da questão da escrita de si desenvolvida por Foucault, atenta-se ainda para um conceito mais amplo e genérico acerca das tecnologias de si verificando o movimento contestatório nas redes sociais como uma tecnologia de si e da coletividade (ou não). A questão da leitura e da escrita, partindo de estudos anteriores do autor desse artigo, faz-se importante, pois a partir do momento em que um adolescente se mostra adepto de um gênero musical, configura-se aí também uma prática de leitura – não só do texto verbal – de multimodalidades das quais são adeptos estudantes pré-vestibulandos. Como um exercício de análise discursiva, urge vasculhar se essas leituras refletem um arquivo de discursos que conferem historicidade e memória à luta pela legitimação e reconhecimento da democracia no Brasil.

Arquivo, autoria e escrita de si: a memória institucionalizada e algumas funções do sujeito discursivo na busca pelo movimento polissêmico da democracia

Partindo do pressuposto de que todo movimento discursivo é um movimento de atribuição de sentidos, pensa-se assim também na leitura (Orlandi, 2008). Nesse campo dos sentidos múltiplos, já que para a Análise de Discurso (AD) os sentidos não estão postos e dados, mas sempre são possíveis de se tornarem outros, há o efeito ideológico das palavras, dizeres e escritos que marcam posições, tomadas como posições de um dado sujeito discursivo. Este sujeito não é pessoa, não é empírico, mas é um inconsciente coletivo construído na tríade discursiva perpassando a psicanálise, a linguística e o materialismo histórico.

Nessa perspectiva tem sido preocupação constante incentivar a leitura e escrita entre crianças, adolescentes e adultos. Se a leitura é atribuição de sentidos, escrever é também um dos atos simbólicos e políticos em que o sujeito se coloca (ou não) como autor e assume uma função que vai gerar no outro o efeito-leitor. Esse outro ao absorver o discurso emitido por um autor pode também vir a se constituir enquanto sujeito e a se colocar em par de igualdade, assumindo também uma posição-autor, já que a interpretação lhe abre caminhos.

Para Orlandi (2007), interpretar adquire uma conotação diferente para o analista do discurso do se que prega no senso comum ou em outras teorias humanas e linguísticas. “É

compreender, ou seja, explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentidos, o que resulta em saber que o sentido sempre pode ser outro" (p.64).

Foi nesse lugar enunciativo, ou seja, nesse momento em que se percebe o jogo interpretativo ligado às suas condições de produção, que um aluno de um curso pré-vestibular comunitário em sua adolescência conferiu ao discurso de um rapper algo que lhe captou sentidos outros e nesse instante instaurou-se um acontecimento discursivo.

Pode-se tomar acontecimento num sentido amplo, como o define Ferreira (2001, p.11): "ponto em que um enunciado rompe com a estrutura vigente, instaurando um novo processo discursivo. O acontecimento inaugura uma nova forma de dizer, estabelecendo um marco inicial de onde uma nova rede de dizeres possíveis irá emergir".

Todo esse jogo polissêmico entendido como acontecimento no viés da AD se marca, pois de outro lado temos o que podemos conceituar como Indústria Cultural (IC). Ela, a IC, é uma maquinaria composta de discursos de alienação, de domesticação e de censura ou interdição de sentidos, proposta por bens culturais a partir da produção em massa dos mesmos. Tal conceito é tomado dos estudiosos da Escola de Frankfurt, tais como Adorno que diz:

> Na era da indústria cultural, o indivíduo não decide mais autonomamente: o conflito entre impulsos e consciência é resolvido com a adesão acrítica aos valores impostos: O que há tempos os filósofos chamavam de vida reduziu-se à esfera do privado e depois do puro e simples consumo, que é apenas um apêndice do processo material da produção, sem autonomia e sem substância própria. (ADORNO, 1951, p.3 apud WOLF, Mauro, 2003, p.77).

Pensando nesse viés da Indústria Cultural em que tudo se resume a consumo e a produção cultural é algo vendável, no caso das músicas muitos cantam e nem conseguem atribuir sentidos outros, ou seja, são artefatos que interditam a possibilidade da interpretação e o movimento discursivo. Dessa forma, quando um aluno traz uma música no estilo hip-hop, mas precisamente do rap brasileiro, desvincula-se da ordem do discurso da Indústria Cultural e percebe-se que numa periferia também se produz reflexão, contestação que até mesmo geram manifestações sociais, históricas e políticas.

O rap é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades negras dos Estados Unidos. É um dos cinco pilares fundamentais da cultura hip hop. Com a fluidez do espaço virtual, a relação com o texto, a cultura do rap e os discursos contestatórios tem sido feita de uma maneira em que a atribuição de sentidos parece

não passar despercebida e os sentidos múltiplos que a linguagem oferece estão dispersos nas redes sociais e no caso deste estudo, nas letras das canções em questão.

Nesse sentido, pode-se entender o discurso, enquanto dispersão tomado por Foucault (2009), "formado por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade" (p. 12). O exercício da AD é descrever a dispersão e as regras que regem a formação do discurso. Dada as várias posições discursivas que um sujeito pode e deve ocupar, ele é disperso num jogo que se realiza constantemente.

A autoria surge como conceito essencial quando se fala nas posições ocupadas pelo sujeito nesse jogo em que se tenta controlar a dispersão e a deriva na instauração do processo discursivo. Pra Foucault, "a função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos" (2006, p.46). O filósofo francês traz ainda a noção de escrita de si, pois quando o sujeito se coloca como autor ele também apodera-se das técnicas de si utilizadas no movimento do escrever: "É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficam gravados na sua alma" (FOUCAULT, 2006, p.144).

Pensando nesses conceitos brevemente mobilizados – arquivo, sujeito, autoria e escrita de si – é possível perguntar: como se constitui o arquivo sobre a contestação e manifestação popular nas letras em questão? Como este arquivo evoca um acontecimento discursivo? Esse acontecimento discursivo é suficiente para contestar e problematizar os emblemas da Indústria Cultural?

A proposta a seguir é tentar mostrar um pequeno exercício de AD sobre duas letras do rapper LetoDie.

Sistema e Brasilusão: escritas e leituras que refletem discursos da historicidade e memória da luta pela democracia legítima no Brasil

A primeira canção analisada é "Sistema", que pode ser encontrada no endereço eletrônico: http://www.youtube.com/watch?v=VcHo-6IQuks A música apresenta uma crítica ao sistema capitalista não só no seu aspecto econômico, mas principalmente no seu aspecto ideológico. A letra sugere um adolescente insatisfeito com o contexto sociocultural atual e que do seu lugar de adepto da musculação – marombeiro, como se intitula – tenta trazer para a discussão outras vozes, as quais muitas vezes são caladas, e aproximar um público que é visto

pelos holofotes da mídia como avesso às discussões políticas. Inaugura um dizer que para fazer sentido traz um já-dito ou já-lá de que a periferia também tem voz na contestação e nas manifestações. Apresenta-se abaixo a letra da canção na íntegra:

SISTEMA
(LetoDie)

Até que ponto o sistema controla você?
até que ponto tu dexa o sistema dize
o que tu tem que faze, o que tu tem que falar
o que tu tem que vestir, o que tu tem que usar

Nascemos controlados, vivemos controlados
morremos controlados e ainda assim calados
somos alienados, reféns da TV
até que ponto cê deixa ela controlar você?

O sistema é imposto desde quando nós nascemos
nós não percebemos mas ainda assim vivemos
controlados por dinheiro, regras que ninguém rebate
somos tipo ovelhinhas no caminho pro abate

Seja o mais bonito, seja o popular
eles ditam tudo, até como tu tem que andar
trabalhe por dinheiro, gaste tua juventude
depois gaste seu dinheiro pra recuperar a saúde

Case-se, tenha filhos, tenha religião
se você for diferente eles te julgam então
nunca contrarie irmão, isso é um pecado
a maneira de ir pro céu é permanecer calado

Engula as respostas prontas que já foram mastigadas
e nunca faça perguntas, elas não servem pra nada
tenha um carro bom, que é pra pegar mulher

tenha dinheiro e fama pra você ver como é que é

Mas tente ser diferente, tente contrariar
eles vão rir de você, eles vão ir te zoar
vão falar que tu é anormal, vão dizer que tu é loco
que tu fuma um baseado, chera coca e mais um pouco

Vão falar que é da idade, que essa ira é passageira
mas quem geralmente fala tá com a bunda na cadeira
olhando a vida passar, assistindo o BBB
não querem se perguntar, alienados da TV

Mas o que nos vemos: só nego acomodado
conformado com salário de bosta, manipulado
trabalham o mês inteiro pra bebe fim de semana
o que pensam do futuro é qual puta leva pra cama

Vivendo sem nenhum ideal, quer dize, até tem
comer as cocotinha, bebe e fumar também
depois postar as foto das baladinha no Face
pra galera comenta: hein tu é foda, comeu a Grayce??

Posta frase no Twitter banca o puto revoltado
mas na rua é só mais um robozinho alienado
Che Guevara do Twitter, fala sério vagabundo
você não entendeu? hastag não muda o mundo

Ideal de cú é rola, vê se vamo acorda
saia da utopia, comece a se pergunta
nego já vem dizer que revolta nunca dá certo
mas se continuá assim nosso futuro é que é incerto[1]

[1] As letras foram transcritas conservando a grafia e concordâncias utilizadas.

O sujeito-autor da música, mesmo contrariando algumas normas gramaticais e de coerência e coesão, demonstra domínio de alguns mecanismos linguísticos. A marca autoral se constitui pelo emprego de repetição de palavras e expressões: sistema/sistema – o que tu tem que fazer, o que tu tem que falar. O uso dos verbos no imperativo mostra um sujeito preocupado, por meio da sua posição de autor de uma letra em ritmo de manifestação cultural marginal, em instaurar micropoderes para confrontar a alienação imposta pela indústria cultural.

O uso de alguns verbos no particípio, "controlados, alienados, calados", gera um efeito de sentido da passividade gerando um grito contestador antes mesmo de se instaurar o movimento #Vemprarua. No enunciado: "o sistema é imposto desde quando nós nascemos", há um trocadilho com a palavra imposto, que marca a imposição do sistema e ao mesmo tempo querendo significar que no sistema tudo é por meio de impostos pagos, cobrados, marcando que não há uma democracia legítima, onde não se há o poder de escolha, mas sim imposições.

Nesse sentido, o discurso polêmico e lúdico de LetoDie abre um arquivo de questionamento da democracia, solicitando maior participação popular. O rapper provoca um acontecimento discursivo no sentido de, por meio de uma forma artística lúdica, recreativa, libertária, promover a discussão de assuntos sérios e propiciar o acesso a um grande público diversificado das questões que vêm sendo debatidas na imprensa. O rap funciona, assim, como um meio de comunicação democrático, educomunicativo, participativo e libertário. Porém, em alguns momentos não se mostra a assunção da autoria, levando-se para movimentos parafrásticos de repetição dos sentidos, usando e abusando de termos chulos, da sexualidade, para impor novos valores por meio da rebeldia e da violência dos sentidos e dos corpos.

Ao final da canção LetoDie faz alusão aos movimentos dos sujeitos discursivos nas redes sociais marcando que "tira foto pra postar no Facebook" e até contesta a alienação e a mudança de identidades na rede "Che Guevara do Twitter, fala sério vagabundo, você não entendeu? Hastag não muda o mundo". Há aqui um interdiscurso possível com o movimento #Vemprarua, pois LetoDie convida o povo a lutar e a sair da passividade que ele mostrou no início da música com os verbos em particípio e imperativo mostrando que há um poder que domina e uma classe que é dominada, evocando o discurso da luta de classes, confirmando ainda a construção do arquivo histórico e memorial sobre a democracia no Brasil e no mundo.

A última estrofe mostra ainda mais o movimento polissêmico e o convite às manifestações populares mostrando que a força jovem já é um micropoder e que pode buscar essa maior participação popular: ideal de cú é rola, vê se vamo acorda;/ saia da utopia, comece a se perguntá;/ nego já vem dizer que revolta nunca dá certo;/ mas se continua assim nosso futuro é que é incerto".

Na segunda canção, a qual foi submetida à análise, "Brasilusão", o vocabulário chulo e pejorativo é ainda mais marcante. LetoDie usa das gírias e neologismos advindos da cultura do fisiculturismo para marcar o seu discurso. Abaixo está transcrita a letra da canção que pode ser encontrada no endereço eletrônico: http://www.youtube.com/watch?v=UVy5nG7ulOU.

BRASILUSÃO

LETODIE

Chegou a hora de mudar, de sair de cima do muro.
Vamos mostra pra esses puto que marombeiro não é burro
Vamos se unir, sai toda a alienação,
Eles podem até vender, mas a gente não compra ilusão.

Seja bem-vindo ao Brasil, aqui é a terra do nunca.
Nunca nada funciona, essa merda é uma bagunça.
Nunca ninguém reclama nunca dá certo nada
Educação, saúde? Toda essa porra é uma piada

Se você está doente então reza pra Jesus
Porque se ficar aqui vai morrer na fila do SUS
Se você é educado então reza pra Buda,
Aqui cérebro não conta, o importante é a bunda.

Órgão governamental fodendo os marombeiro
Se corrompem até mais do que puta por dinheiro
Aparecem na tevê mentindo pra todo mundo
E os leigos acreditam essa merda é um absurdo

Tô falando da ANVISA que proibiu a porra toda
Suplemento alimentar está no naipe de maconha

Não da mais pra importar, pra fazer porra nenhuma.
Mas arma você acha fácil da esquina da tua rua

Pagam de protetores da nossa população
Mas deixam vir cocaína da Colômbia em avião
Pivetinho na quebrada está portando um oitão
Mas isso pode tá ligado? Suplemento é que o vilão

Aqui tem crack, tem maconha, cocaína heroína.
Mas a ANVISA se preocupa com a porra da creatina
Aqui tem morte, tem doença, não tem escola prá estudá.
Mas a mídia se preocupa com o cabelo do Neymar

Na novela é legal o jovem enchendo a cara
Mas jovem suplementando, treinando, é coisa errada
Matam sonhos, pensamentos, manipulam há muito tempo.
Não apoiam os atletas, só se fodem ao relento.

Preferem um noiado com um fuzil na mão
Do que um moleque bem focado treinando musculação
Pais de jovens babacas tudo otário e vadia
Que não têm objetivos, não falo de academia.

Eu falo tipo na vida o cara se focar e estudar
Pra ter um futuro bom, só que não, só pensa em trepar.
Em zoar, blá blá blá, festinha pra cá e pra lá.
Compra vestidinho curto pros babaca impressioná

Que porra vocês tem na mente, acorda, é nossa vez
Se o Brasil está uma merda a culpa é toda de vocês
Que alienam, ficam quietos, calados há muitos anos.
O governo te estupra e tu dizes que tá gostando

Da condução lotada tu mal consegues sair
Enquanto a porra do prefeito esta surfando no Havaí
Pra comprar um suplemento guarda grana o mês inteiro

E o dinheiro do teu imposto eles torram em algum puteiro

Está na hora de mudá, vamos, bora acordá.
E se violência for preciso, então, porra vamos usar.
A gente é a maioria, vamos chegar e invadir,
Descer o pau na porra toda e vamos ver eles cair

Um por um, cada um pagando pelo o que fez.
Nos não temos tempo, ataquem com rapidez.
Políticos se preparem, chegou a nossa vez.
Aí vai ser o ódio de um país contra vocês.

A canção "Brasilusão", vocábulo formado pela aglutinação de Brasil + Ilusão, mostra uma paráfrase da outra canção "Sistema". Esse fato mostra a repetição dos sentidos e das ideologias e ao mesmo tempo confere ao rap a característica da repetição, da necessidade de estar sempre voltando à mesma temática para conferir autoridade ao discurso proferido.

Nessa canção há um mecanismo de aproximação do público-alvo contextualizando toda a estrutura da música às questões do fisiculturismo, da malhação. O sujeito se coloca como o "marombeiro contestador" e emite o seu discurso dessa posição que se evidencia como uma posição inferior que a mídia traça como minoritária e que os suplementos e químicos utilizados no esculpir do corpo torneado está catalogado pela ANVISA como drogas.

Na canção anterior, nos versos finais, usou-se das redes sociais para marcar o processo de alienação, nesta, LetoDie usa um tom de defesa para se marcar como o autor que conhece a prática da qual é adepto e por isso tem a autoridade para dizer sobre o assunto. Na estrofe: "Seja bem ao Brasil, aqui é a terra do nunca./ Nunca nada funciona, essa merda é uma bagunça./ Nunca ninguém reclama nunca dá certo nada/ Educação, saúde? Toda essa porra é uma piada", há um interdiscurso e uma prática de leitura voltada para um livro lançado recentemente do cantor Lobão, que intitula-se: "Manifesto do nada na terra do nunca", conferindo ao Brasil o status de Terra do Nunca, devido às acepções do ex-presidente Lula em seus discursos ao dizer que "Nunca na história do Brasil se viu um crescimento tão grande..." etc. Mesmo talvez sem conhecer essa obra, LetoDie evoca esse arquivo e ao mesmo tempo cria novos gestos e interpretações mostrando que é preciso transformação.

A letra da canção, entretanto, não rompe os ideários da Indústria Cultural, pois há já-ditos presentes na letra que repetem os mesmos mecanismos de alienação da mídia tradicional. Quando o autor diz que “Se você é educado então reza pra Buda,/ Aqui cérebro não conta, o importante é a bunda”, há um movimento divergente e contraditório, pois ao mesmo tempo em que se critica a bunda, idolatra-se o corpo e os músculos no fisiculturismo. Assim fica comprometida a argumentação do texto.

“Brasilusão” repete o pedido por contestação e manifestação popular empreendido em “Sistema”. Pode-se conferir a LetoDie uma posição política e do sujeito emaranhado nos fios do discurso tecendo relações de sentidos, relação de poder-saber, mesmo que o inconsciente e a interpelação pelas ideologias vigentes esteja ainda à espreita, a sondar para que se possa cair em suas artimanhas. Há sentidos contestatórios que não são acabados e fixos nesse momento histórico brasileiro, mas que está por se construir e se a solidificar no futuro e nos desafios na nação que virão.

Considerações Finais

Tomado o discurso enquanto “efeito de sentido entre interlocutores” podemos considerar que toda manifestação artística, no caso a marginal, gera efeitos de sentido e que esses conferem a estabilização dos modelos vigentes na relação de poder-saber ou tentam instaurar conflitos e questionamentos nessa mesma relação.

Dado que é pela linguagem ou na linguagem que o sujeito se constitui enquanto sujeito discursivo, as letras do rap é uma tentativa de constituição do sujeito perante as temáticas que circulam na sociedade

Desconstrói-se a realidade e nesse processo, por meio da tentativa da assunção da autoria, movimentam-se discursos lúdicos ou polêmicos buscando-se sempre a polissemia, por mais insistente que seja o movimento parafrástico, por meio da interpelação ideológica.

Pode-se conferir a LetoDie uma posição política e do sujeito emaranhado nos fios do discurso tecendo relações de sentidos, relação de poder-saber, mesmo que o inconsciente e a interpelação pelas ideologias vigentes esteja ainda à espreita, a sondar para que se possa cair em suas artimanhas.

Há em suas canções sentidos contestatórios que não são acabados e fixos nesse momento histórico brasileiro, mas que está por se construir e se a solidificar no futuro e nos desafios na nação que virão.

Referências

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso.** Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010

_____. **O que é um autor?** Tradução António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 5ª Edição. Veja, Passagens

GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso:** diálogos e duelos. 3ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

REVEL, Judith. **Foucault:** conceitos essenciais. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. IN: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Trad. Bethania S. C. Mariani (et al). 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO GÊNERO TIRA E O CAMPO DO HUMOR

DAYANE CAROLINE PEREIRA[1]
ROSEMERI PASSOS BALTAZAR MACHADO[2]
UEL

Resumo
Os enunciados não significam em si mesmos e eles só passam a produzir sentidos quando são colocados em jogo nos processos discursivos, assim, a busca pelos sentidos não objetiva estudar, exclusivamente, os significados das palavras, mas também, compreender a significação social que resulta de seu emprego, nas mais variadas situações comunicativas. Esse estudo pretende mostrar algumas possibilidades e caminhos interpretativos para a constituição dos sentidos, atentando para o fato de que esses processos de significação dependem de inúmeros fatores e que os sentidos sempre podem ser outros dependendo das inscrições do sujeito. Para as análises aqui propostas, o *corpus* selecionado é composto de tiras pertencentes ao campo do humor e cujo foco é referente a assuntos relacionados à esfera religiosa. Por meio desse gênero é possível perceber como são trazidas à tona várias questões presentes em nossa sociedade. Desse modo, para o presente estudo, utilizamos o aporte teórico da Análise do Discurso de orientação francesa, abrangendo os temas associados às preocupações dessa vertente, como por exemplo, as questões relacionadas aos processos enunciativo, histórico, interativo e linguístico que, numa relação de complementaridade, auxiliam na compreensão dos fenômenos relacionados à linguagem numa dimensão mais ampla. Contamos, também, com estudos acerca do discurso humorístico, tendo em vista que, por meio da análise desse discurso, podemos compreender e apreender inúmeros sentidos que circulam socialmente e que refletem os aspectos sociais e ideológicos de uma sociedade, além de revelar as próprias práticas discursivas dos sujeitos.

Palavras-chave: Análise do Discurso; humor; práticas discursivas.

Análise do Discurso: o processo de constituição dos sentidos

No mundo contemporâneo, os estudos sobre a linguagem abrangem várias áreas do conhecimento e isso ocorre devido ao seu caráter multidisciplinar, uma vez que, ao tratarmos desse objeto de estudo, consequentemente, perpassamos por inúmeros campos do saber, como por exemplo, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a História, a Linguística, entre outros. Esses aportes nos fornecem instrumentos teórico-metodológicos que nos auxiliam a

[1] Aluna regular do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: dayane.caroline@sercomtel.com.br
[2] Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. E-mail: rosemeri@uel.br

compreender melhor as relações sociais e a constituição dos sentidos (processos nos quais estamos inseridos).

A Análise do Discurso[1] evidencia todas as questões que são colocadas em jogo nos processos discursivos, visando apreender, além da significação das palavras, a significação social que o seu emprego desencadeia, nas mais diversas situações comunicativas. Desse modo, de acordo com as afirmações de Figaro (2012, p.13-14) entendemos o discurso

> […] como o tecido que serve à vestimenta, revela sua existência pelo uso, por estar na corrente da sociedade. A materialidade dele é percebida, palpável e avaliada nessa corrente de apropriações. A tessitura e o texto só serão revelados, sucessíveis de análise, na sua existência como tecido da vestimenta, discurso.

Brandão (2012, p.19) argumenta que ao trabalharmos com o discurso encontramos, de modo geral, três elementos que o define. Primeiro, o fato de que o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, ou seja, significa que ao atuarmos no nível discursivo mobilizamos dois outros níveis, o nível do linguístico e o nível extralinguístico. Segundo, em relação à perspectiva discursiva, devemos entender que esses estudos visam a descrever como a língua funciona diante de seu uso efetivo e como se dá a produção dos efeitos de sentido entre interlocutores (sujeitos que são situados social e historicamente). Assim, os estudos discursivos priorizam como objeto o enunciado concreto, e não a frase. Terceiro, o fato de que os sujeitos do discurso falante/ouvinte, escritor/leitor devem dominar a língua e também os conhecimentos extralinguísticos para que, dessa forma, os discursos sejam produzidos adequadamente aos diferentes contextos de comunicação.

Vários estudiosos contribuíram para que chegássemos às concepções trabalhadas atualmente e, consequentemente, para o desenvolvimento da AD. Dentre eles, temos Bakhtin e Foucault que, em seus estudos, priorizavam a relação do discurso com a história e com os aspectos que constituem o sujeito.

A questão central em Bakhtin é a interação, pois, para ele, a linguagem é de natureza social e tem como princípio básico o dialogismo, sempre focando no aspecto social. Para o referido autor, a palavra é plurivalente e carregada de ideologia, condições essenciais para a constituição dos sentidos. A partir desses pressupostos, Bakhtin elabora o conceito de polifonia, no qual o enunciador representa várias vozes no discurso e, assim, revela diferentes

[1] Doravante AD.

posicionamentos ideológicos. Diante da concepção interativa da linguagem, Brandão (2012, p.33) diz que Bakhtin

> […] pressupõe a ideia de que toda comunicação verbal, de qualquer tipo, faz parte de uma corrente de comunicação ininterrupta em que o "outro" está sempre pressuposto não de forma passiva, mas ativa, orientando a construção do discurso. Essa valorização do papel do outro vai levar Bakhtin a formular a questão da compreensão, opondo uma compreensão passiva a uma compreensão ativa.

No que diz respeito, ainda, à constituição dos sentidos, temos as Formações Discursivas (FDs), conceito apresentado por Foucault e que se refere a um conjunto de regras que sobredetermina o que pode e deve ser dito a partir de determinados lugares sociais, ou seja, são regras capazes de reger a produção/recepção dos efeitos de sentido entre os interlocutores. Para Orlandi (2007, 45),

> É pela formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. Por exemplo, a palavra "terra" não significa o mesmo para um índio, para um agricultor sem terra e para um grande proprietário rural. Ela significa diferente se a escrevemos com letra maiúscula Terra ou com minúscula terra etc. Todos esses usos se dão em condições de produção diferentes e podem ser referidos a diferentes formações discursivas. E isso define em grande parte o trabalho do analista: observando as condições de produção e verificando o funcionamento da memória, ele deve remeter o dizer a uma formação discursiva (e não outra) para compreender o sentido que ali está dito.

Dessa forma, a partir das especificidades do funcionamento discursivo estudadas por Bakhtin e Foucault (o caráter dialógico e heterogêneo do discurso), entendemos que os sujeitos são interpelados ideologicamente nas próprias FDs, pois, se os discursos são, a todo tempo, atravessados por outros discursos, consequentemente, os sujeitos também são. Authier-Revuz (2004) afirma que o sujeito é dividido, clivado, cindido, fendido entre o inconsciente e consciente. Nesse sentido, dependendo das inscrições do sujeito em determinadas FDs, certos dizeres vêm à tona em detrimento de outros, assim, temos um sujeito descentrado que, por meio de seu dizer, torna possível identificarmos uma filiação de outros dizeres constituídos historicamente. Esses apontamentos reforçam a ideia de que o sujeito é efeito de linguagem. (Authier-Revuz, 2004).

Conforme observamos, a ideologia é indissociável do sujeito, tendo em vista que a ideologia se materializa no discurso e que não há discurso sem sujeito. Assim sendo, Orlandi (2007, p. 47) argumenta que

> O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever.

Cabe ressaltar que os processos de significação dependem de inúmeros fatores e que os sentidos sempre podem ser outros, dependendo das inscrições do sujeito. Desse modo, ao estudarmos as questões relacionadas aos processos enunciativos, mais especificamente, os efeitos de sentido entre os interlocutores, precisamos levar em conta uma série de fatores, dentre eles, o histórico, o social, o linguístico, enfim, analisar as condições de produção[1] dos discursos, pois são elas que nos auxiliam a compreender os fenômenos de linguagem em uma dimensão mais ampla.

Cenas em foco

No que tange à constituição dos discursos e dos sentidos, Maingueneau formula o conceito de cenas da enunciação. Para o autor, as cenas da enunciação dizem respeito à representação que o discurso faz da própria situação em que é enunciado. Essa análise é feita em três níveis. Maingueneau (2008) explica as especificidades de cada um desses níveis. Primeiramente, temos a cena englobante, que corresponde ao tipo de discurso, ou seja, quando recebemos um panfleto na rua, devemos ser capazes de identificar a qual esfera esse discurso pertence, por exemplo, se o texto apresentado remete a um discurso religioso, publicitário, político, e assim por diante. Dessa forma, ao interpretarmos um determinado texto, devemos saber identificar em qual cena englobante ele está inscrito, e assim saber de que modo ele

[1] As condições de produção tomam por princípio a ideia de que a concepção central do discurso é determinada por um "exterior", ou seja, é preciso pensar no aspecto sócio-histórico como constituinte do discurso. Assim, ao considerarmos a noção de condições de produção nos discursos, ampliamos muito as possibilidades de análise dos discursos, além de contribuirmos com os estudos interdisciplinares a respeito da linguagem. (MALDIDIER, 2003).

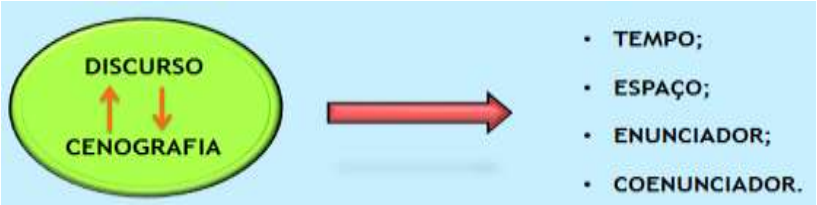
interpela o seu interlocutor, pois para que os sentidos façam sentido, é necessário que se estabeleça as relações com os aspectos sócio-históricos, ou seja, com as condições de produção dos discursos.

O segundo nível de análise que Maingueneau (2008) explica, diz respeito à cena genérica, correspondente aos gêneros do discurso. O referido autor acrescenta que o gênero do discurso implica um contexto específico: papéis, circunstâncias, um suporte material e uma finalidade. No entanto, a cena genérica não deve se restringir apenas à estrutura do gênero, mas, acima de tudo, deve atender à sua funcionalidade. As cenas, englobante e genérica, constituem, juntas, o espaço do dizível, o espaço no qual o enunciado ganha sentido. Em muitos casos, a cena de enunciação se resume a essas duas cenas, como é o caso, por exemplo, da bula de remédio, do catálogo telefônico, que são gêneros exclusivamente utilitários. Porém, outra cena também pode intervir nos discursos, como é o caso da cenografia, que não é definida pelo tipo ou gênero de discurso, mas sim constituída pelo próprio discurso, na enunciação. Há determinados gêneros que mobilizam variadas cenografias, como por exemplo: o gênero publicitário, pois, ao persuadir o enunciatário, esse tipo de gênero visa captar o imaginário e construir um discurso que atenda às expectativas tanto do enunciador como do coenunciador, revelando, assim, identidades e produzindo efeitos de sentido.

Seguindo as orientações de Maingueneau (2001, p. 87-88), entendemos que

> A cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para anunciar o que convém.

Assim, o discurso sustenta e é sustentado por uma cenografia, ou seja, uma relação entre o tempo, o espaço e os sujeitos, sendo essa relação, condição essencial para a enunciação.



Por meio da cenografia, o discurso busca convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. Assim,

> […] O discurso impões sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe. Para isso, é necessário que ele faça seus leitores aceitarem o lugar que ele pretende lhes designar nessa cenografia e, de modo mais amplo, no universo de sentido do qual ela participa [...]. (MAINGUENEAU, 2008, p. 117).

Para desempenhar o seu papel, a cenografia não deve ser considerada como um simples quadro fechado, um elemento de decoração do discurso, ou algo para, simplesmente, ocupar o interior de um espaço já construído. Nesse sentido, a enunciação, ao se desenvolver, vai construindo o seu próprio dispositivo de fala. Assim, ao ser colocada em jogo no processo enunciativo, a palavra supõe uma determinada situação de enunciação que, com efeito, vai sendo validada progressivamente por meio da própria enunciação.

Nessas condições,

> […] a cenografia é, ao mesmo tempo, origem e produto do discurso; ela legitima um enunciado que, retroativamente, deve legitimá-la e estabelecer que essa cenografia de onde se origina a palavra é precisamente a cenografia requerida para contar uma história, para denunciar uma injustiça etc. Quanto mais o enunciador avança no texto, mais ele deve se persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso. (MAINGUENEAU, 2008, p.118).

Assim sendo, apreendemos que o dito e o dizer se sustentam reciprocamente e que as cenas enunciativas constituem a dinâmica do discurso, provocando diferentes efeitos de sentido e, ao mesmo tempo, propondo e buscando caminhos interpretativos diversos:

> A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. [...] Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam "escutar" outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. (ORLANDI, 2007, p. 26)

As especificidades do discurso pertencente ao campo do humor

Os textos humorísticos se definem por sua dimensão estritamente social e, muitas vezes, abordam assuntos polêmicos e estigmatizados que causam certos desconfortos ao

serem tratados na sociedade. No entanto, para que o discurso humorístico produza e faça sentido, cumprindo, dessa forma, com sua função discursiva, é necessária uma série de elementos que, em uma relação de complementaridade, constituem esses discursos. Dentre eles, podemos destacar: o enunciado, a enunciação, as FDs, as condições de produção, enfim, fatores que são determinantes e corroboram com os efeitos de sentido dos discursos.

Na ordem material do discurso, temos o enunciado. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004), seu emprego se organiza seguindo dois grandes eixos: como produto do ato de produção, ou, simplesmente, como uma sequência verbal de extensão variável, assim, quando tratamos do enunciado, estamos exercendo um olhar sob a estruturação da língua. A partir de uma dimensão mais ampla, temos a enunciação que, seguindo as orientações dos referidos autores, constitui o elo da relação entre língua e mundo. Se por um lado, ela permite representar fatos no enunciado, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço.

Em relação às condições de produção e às FDs, entendemos que elas são fundamentais para a constituição dos sentidos, tendo em vista que o humor é cultural e que, de acordo com Possenti (2010), independentemente do gênero em que se materializa, o discurso humorístico faz apelo a um saber, a uma memória. Dessa feita, podemos afirmar que esse tipo de discurso retoma acontecimentos construídos sócio-historicamente e os ressignificam em novos contextos, resultando em outros efeitos de sentido que, muitas vezes, acabam por revelar determinados posicionamentos ideológicos.

Brandist (2012), citando Cassirer, afirma que o humor ajuda a revelar o nascimento de um novo senso histórico, pois dentro dele "as épocas se encontram e se misturam de estranhas formas… o humor olha o antes e o depois; ele ajuda a introduzir formas vitais do futuro sem renunciar ao passado" (Cassirer *apud* BRANDIST, 2012, p.25). Ainda, para Cassirer, o humor sinaliza a emergência da consciência crítica.

O humor tem se mostrado um excelente campo para os estudos linguísticos, textuais, discursivos, cognitivos, entre outros. Os enunciados relacionados ao mundo do risível acabam por revelar efeitos de sentidos não apenas do enunciador e de seus desdobramentos, mas também do Outro, do interdiscurso e, consequentemente, da ideologia da sociedade em questão.

Os discursos pertencentes ao campo do humor têm o objetivo primordial de desvelar certos conceitos, provocar a quebra de valores e/ou ideias cristalizadas, tanto pela sociedade como pela própria história. Por isso, muitas vezes, tais discursos são encarados como

geradores de polêmica, como formadores de um caráter libertador e, ao mesmo tempo, provocadores de conflitos, principalmente ao tratar de temas delicados como preconceito, diferenças. Conforme afirma TRAVAGLIA (1990, p. 68) "o humor permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo".

Nesse sentido podemos dizer que ao humor aliam-se outros aspectos, dentre eles, a aspecto da comicidade. O cômico está vinculado ao riso, ou seja, o riso é o efeito do cômico e é, essencialmente, social, por isso é necessária a presença do outro para que ele ocorra. É preciso pensar no riso como um efeito desvinculado de qualquer sentimento, principalmente o de pena. Apesar de ser um gesto social, onde vigora o riso, não vigora o sentimento. Para BERGSON (1983, p. 7), é preciso "emudecer" os sentimentos para que haja o riso:

> O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade.

É importante destacar que o campo do humor, apesar de vasto e heterogêneo, possui uma forma e, consequentemente, leva a desempenhar determinada função de acordo com os diferentes gêneros (charges, tiras, paródias, piadas etc...) a ele relacionados. Assim, os discursos humorísticos seguem ao conjunto de regras específicas do campo específico do humor.

O funcionamento discursivo do gênero tira

As tiras em quadrinhos mesclam a linguagem verbal e a não verbal, em uma relação de complementaridade para a produção dos sentidos. Em seu artigo, intitulado "O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível", Silva discorre que:

> As tiras descrevem o contexto com ilustrações que representam cenários, gestos e expressões dos personagens. Além de informações ditas nos balões e ilustradas nos quadrinhos, existe um espaço do não-dito e do não-visto que configuram implícitos responsáveis pela produção do humor. Insere-se no âmbito deste gênero um conjunto de elementos responsável pela evolução e graça da narrativa. Se de um lado, o leitor ri das atitudes e da fala produzidas pelos personagens, de outro lado, o leitor identifica um trabalho de arregimentação de vozes que o quadrinhista articula para produzir ironias.

São vários os espaços de circulação das tiras, como por exemplo, jornais, revistas, gibis, *internet*, entre outros. Elas podem possuir várias temáticas, como: política, educação, economia, religião, entre outras, e tratar de assuntos polêmicos ou mesmo, instaurá-los.

De acordo com Moura e Borges (2009), as tiras são tipos de histórias em quadrinhos mais curtas que operam com a fórmula de piada. Nesse sentido, no ensaio "O humor e a língua", publicado na *Revista Ciência Hoje*, vol. 30, Possenti afirma que

> […] as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro. Se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo.

No que diz respeito às tiras humorísticas, Moura e Borges (2009) apontam algumas especificidades desse gênero:

- o efeito de humor é obtido por meio do modo de como as personagens são construídas e as temáticas abordadas;
- as ações das personagens entram em contradição com o pré-construído[1] ideológico;
- nas tiras humorísticas, encontramos representações que refletem inúmeros conhecimentos e crenças as quais podem reproduzir e subverter a realidade social em que se inserem, pois sofrem, ao mesmo tempo, influências sociais, históricas, culturais e, sobretudo ideológica;
- esses discursos podem refletir conflitos, frustrações, grandezas e misérias da vida humana e do meio no qual estão inseridas;
- certas tiras podem levar os leitores a se posicionarem diante das temáticas abordadas, levando o enunciatário a rever conceitos e a desenvolver sua criticidade;
- por meio do humor, as tiras disseminam crenças e valores que circulam socialmente. Nesse sentido, elas podem se transformar num poderoso instrumento de crítica social,

[1] O pré-construído é a marca, no enunciado, de um discurso anterior, ou seja, é o já-dito que sustenta cada tomada de palavra. É o que nos permite remeter o dizer a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos.

aguçando os olhares para a diversidade humana ou, ao contrário, contribuindo para a reprodução de algumas "verdades" socioculturamente construídas.

Esse gênero de discurso pode, ainda, apresentar críticas veladas ou apenas apresentar questões relacionadas ao humor, mas sempre deixando transparecer o posicionamento ideológico do enunciador.

As tiras selecionadas para a análise possuem cunho religioso e têm como foco principal a figura de Deus. Criadas a partir de 2008, pelo designer gráfico Carlos Ruas, esse material foi criado para circular diretamente na *internet*[1]. Atualmente, este trabalho é conhecido por um grande número de pessoas e, a cada dia, essas tiras vêm conquistando mais espaço e sucesso, devido à forma bem humorada como apresenta determinados assuntos relacionados ao cotidiano e à cultura dos sujeitos.

Análise

1. Deus e Freud

http://www.umsabadoqualquer.com/

Logo no primeiro quadro da tira é possível identificarmos o interdiscurso, ou seja, a ideia do início do mundo, do início da criação do mundo por Deus, remetendo-nos aos enunciados bíblicos do livro de Gênesis 1: 1 "No princípio criou Deus o céu e a terra"; 1: 27 "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os

[1] Informações retiradas do site: www.uarevaa.com/2010/12/tiras-abencoadas.htlm

criou”[1]. Assim, de acordo com a cena apresentada na tira (Deus participando de uma sessão de terapia com Freud), vários efeitos de sentido vão se materializando por meio do discurso. Nesse sentido, levanta-se a questão implícita da “onipotência” de Deus, pois, para os religiosos (crentes em Deus), a figura de Deus é representada como a mais perfeita e a única, realmente, poderosa. No entanto, na tira, esses “dogmas” religiosos são colocados em discussão, pois toda essa “onipotência” passa a ser questionada, tendo em vista que até mesmo Deus precisa de sessões de terapia para ajudar a resolver os seus conflitos internos e para desabafar as suas “decepções”. Podemos, por meio da imagem, remeter ao clichê do “ombro amigo”, ou seja, assim como qualquer ser humano, Deus é representado como alguém que também possui as suas fraquezas e que necessita de alguém especialista para ajudar a reencontrar o equilíbrio.

A tira propicia, ainda, o olhar para novos posicionamentos sociais e ideológicos, para as novas concepções, inclusive, religiosas. A partir de determinados posicionamentos, há uma crítica sobre a visão religiosa que se tem sobre os homossexuais, devido ao fato de que “Deus” chora ao tomar conhecimento das diferentes orientações sexuais de suas “criaturas”. Dessa forma, essa descrição leva ao entendimento ou reconhecimento de uma realidade diferente, ou seja, uma realidade social passa a ressignificar um aspecto histórico marcado ideologicamente. De acordo com Hall (1996, p. 26), esse traço ideológico nada mais que é um outro modo de representar, uma nova sistemática de entender a sociedade:

> Por ideologia, refiro-me às estruturas mentais – as linguagens, os conceitos, as categorias, imagens do pensamento e os sistemas de representação que diferentes classes e grupos sociais desenvolvem com o propósito de dar sentido, definir, simbolizar e imprimir inteligibilidade ao modo como a sociedade funciona.

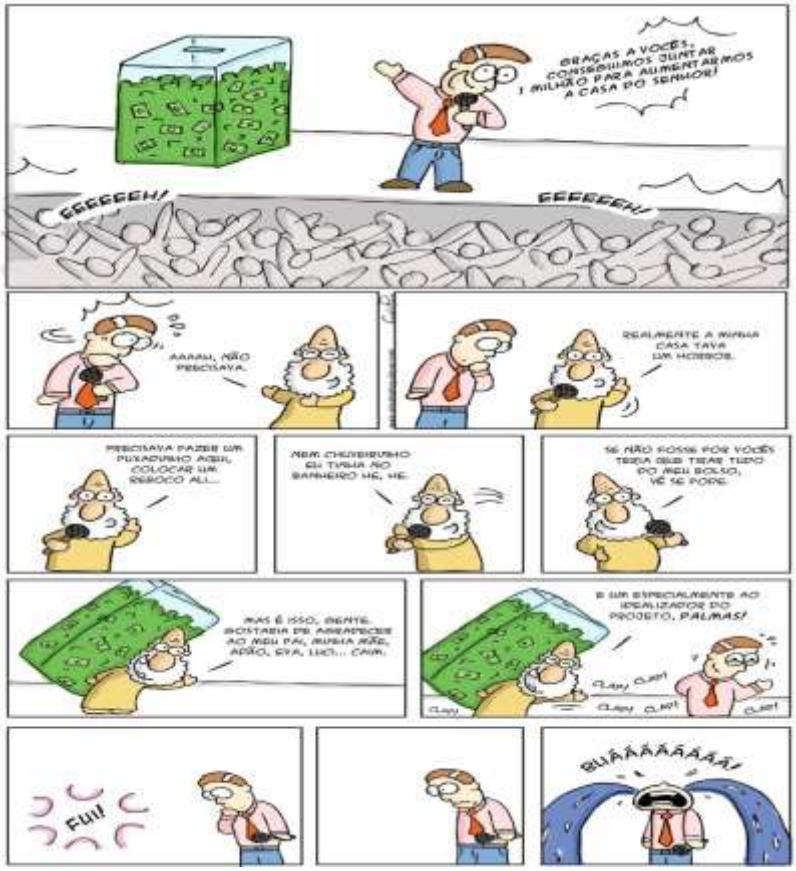
Por meio do humor, várias questões presentes em nossa sociedade são imbricadas e, consequentemente, colocadas em jogo nos processos enunciativos, construindo, assim, as relações polêmicas que são responsáveis pela produção dos sentidos e dos sujeitos, como por exemplo, na tira em foco, a relação polêmica é construída pelo entrecruzamento dos discursos que envolvem a sexualidade e a religiosidade.

De acordo com Brandão (2012), o sujeito se forma e se constitui na sua relação com o outro, percebendo sua alteridade, em outras palavras, o sujeito toma consciência de si mesmo

[1] Citações retiradas da versão eletrônica da Bíblia, disponíveis no site: www.bibliaonline.com.br

a partir da sua relação com esse outro, o sujeito reconhece a sua identidade na medida em que interage com outros discursos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo, enfim, o sujeito é fruto do processo de interação entre o eu/outro. Nesse sentido, diferentes efeitos de sentido são produzidos a partir de diferentes posicionamentos ideológicos. Assim, a forma de apreender esse discurso está fundamentalmente ligada ao lugar de inscrição de cada sujeito, pois, para cada ser (héteros, homossexuais, religiosos, enfim…), os dizeres remeterão a uma filiação de dizeres inscritos no universo de cada um, produzindo determinados efeitos de sentido.

2. Casa do Senhor



http://www.umsabadoqualquer.com/

Courtine (2005), ao falar sobre a imagem, afirma

> Não há texto, não há discursos que não sejam interpretáveis, compreensíveis, sem referência a uma tal memória. Diria a mesma coisa de uma imagem, toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e essa cultura visual supõe a existência, para o indivíduo, de uma memória visual, de uma memória das imagens, toda imagem tem um eco. (COURTINE, 2005).

Na segunda tira, a relação entre o verbal e o não verbal complementam-se na produção do humor e dos sentidos. Dentre os sentidos possíveis, as nossas condições de produção e as nossas filiações ideológicas nos permitem apreender que o discurso apresentado revela uma crítica à atual realidade das igrejas, na qual "explora-se" os fiéis na busca por contribuições financeiras e prega-se um discurso de nobreza espiritual e conforto para a alma, mas que na realidade, visa, de fato, à ascensão material (aspecto este revelado, principalmente, por meio do não verbal – a imagem do pastor chorando copiosamente - presente nos últimos quadrinhos da tira).

Outra questão tratada na tira é a referência ao fato daquele visto como o mais importante representante da figura divina se utilizar do nome de "Deus", no intuito de persuadir e comover os fiéis para conseguir arrecadar dinheiro. Este comportamento é bastante questionado na atualidade, pois conforme divulgação da mídia, cada vez mais, líderes religiosos são presos por utilizarem o dinheiro arrecadado em benefício próprio ou por sonegarem impostos, entre outras ilegalidades.

Quanto aos efeitos de sentido e aos aspectos ideológicos, é interessante observarmos, também, a reflexão proposta pela tira, principalmente, por meio do jogo irônico representado pelo não verbal, isto é, mesmo diante de tantas dúvidas em relação à idoneidade de tais líderes religiosos e da constatação da falta de caráter de muitos, ainda assim, há pessoas que continuam a frequentar esses ambientes (igrejas) e, por mais que sejam revelados/comprovados fatos que vão contra a concepção religiosa, a busca pelo conforto religioso continua existindo. Poderíamos dizer que o humor revelado na tira possui relação com o efeito de sentido traduzido pelo humor negro, é o rir da própria "desgraça". Assim, por meio do humor, poderíamos pensar em uma crítica à própria condição humana que, ao contribuir financeiramente com essas entidades, visa não só a uma ação benevolente, mas sim, a uma ação na qual o sujeito acredita que terá um retorno, ou seja, a sua ascensão material, mais especificamente.

Considerações finais

Tendo em vista que os mecanismos empregados na compreensão e formulação dos sentidos ocorrem de forma inconsciente e a formação discursiva e ideológica na qual o sujeito está inscrito são fatores determinantes para a constituição dos sentidos, entendemos que o efeito do humor é altamente subjetivo, podendo afetar mais ou menos o sujeito, dependendo

das condições que o implicam. Nesse sentido, as tiras utilizam o humor para trazer à tona assuntos que estão presentes no cotidiano dos indivíduos e que, muitas vezes, geram desconforto na/pela sociedade, como é o caso, por exemplo, de assuntos relacionados à religião, à cultura, à política, entre outros. Assim, várias estratégias comunicativas são empregadas na construção do discurso humorístico, produzindo sentidos e interpelando indivíduos em sujeitos sociais.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a Transparência e a Opacidade:* um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Brandão e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre. EDUPUCRS, 2004.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico.* Traduzido da 375º edição francesa, publicada em 1978 por Presses Universitaires de France, de Paris, França.

BRAIT, Beth. *Ironia em Perspectiva Polifônica*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 008.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. *In:* FIGARO, Roseli (org.). *Comunicação e Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Introdução à análise do discurso.* 8ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakthin:* novas perspectivas na história intelectual. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso.* Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. *Intericonicidade.* Entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Entrevistador: Nilton Nilanez. Grudiocorpo. Out., 2005. Disponibilidade em: http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html. Acesso em: 10/03/2013.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso:* reflexões introdutórias. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2012.

HALL, Stuart. *The problem of ideology:* marxism without guarantees. *In*: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (Orgs.). Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies. New York: Routledge.1996 (p. 25-46).

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso:* (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Cenas da Enunciação*. POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOURA, Sérgio Arruda de; BORGES, Eliana Maria. Discursos de identidades em tiras de humor: análise em duas vertentes críticas. *LOGOS 31*: Comunicação e Filosofia. Ano 17, 2º semestre de 2009.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística:* domínios e fronteiras. V. 2. 6. Edição. São Paulo: Cortez, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

POSSENTI, Sírio. O humor e a língua. in: *Ciência Hoje*, V. 30 (176). Rio de Janeiro, SBPC, p. 72-74, 2001.

_____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto. 2010.

_____. *Os humores da língua*: análises lingüísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHNEIDER, Fernanda. *Enunciação e humor:* uma análise linguística de tiras. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Passo Fundo, 2011.

SILVA, José Ricardo Carvalho da. *O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível*. Disponível em: http://www.filologia.org.br. Acesso em: 02/12/2012.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. *Conhecendo Análise de Discurso:* linguagem, sociedade e ideologia. Manaus: Editora Valer, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. *DELTA*, São Paulo, v. 6, n. 1, pp. 55-82, fev. 1990.

OS CHAPÉUS QUE ABSOLVEM: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO-MULHER NO/PELO DISCURSO JURÍDICO

DENISE ABREU TURCO

UNICENTRO - PR

Resumo

"O réu no amanhecer do dia 3 de fevereiro de 1963, na casa da sua ex-namorada desferiu na vítima, tiro de revólver, produzindo-lhe o ferimento descrito no auto de exame cadavérico? Responderam: não, por sete votos". Esse excerto, retirado de um processo crime, incita-me a investigar se, ao responder sim ou não, quando questionado sobre a condenação ou absolvição do réu, o Conselho de Sentença atribui culpa a quem? Por quê? Considerando o universo de diferentes áreas do Direito, elejo o discurso jurídico inserido em uma formação discursiva do Direito Penal brasileiro. Para a reflexão proposta, recorro à Análise do Discurso, entendida como uma disciplina de entremeio que oferece ferramentas conceituais para a análise de acontecimentos discursivos, particularmente os aportes de Michel Foucault para esse campo do saber. Partindo dessa perspectiva teórico-metodológica, busco na materialidade do discurso legal vestígios que me permitem analisar a construção subjetiva do sujeito-mulher envolvida em um crime de paixão, em que seu ex-namorado é o réu julgado por um júri formado por sujeitos homens. O *corpus* de análise é constituído por um processo que tramitou na Primeira Vara Criminal da Comarca de Guarapuava, Estado do Paraná, em 1963. O crime em questão permite reflexões acerca do funcionamento do discurso jurídico que fabrica o sujeito feminino, além da memória na absolvição do acusado. Objetivo, assim, dar visibilidade aos processos de subjetivação, analisando os dizeres dos defensores, acusadores, testemunhas e do próprio réu, com o intuito de verificar como esses discursos definiram tanto a decisão do jurado quanto a posição-sujeito da mulher, numa sociedade tradicionalmente marcada por posições machistas. Nesses entrecruzamentos de discursos, interrogo-me sobre o papel da memória na produção das imagens do feminino construídas no/pelo discurso jurídico em relação ao crime passional. No crime em análise, o assassino é absolvido. Há implícitos e pré-construídos entrelaçados no interdiscurso que identificam a mulher como um ser para o homem, este que ainda hoje é visto como aquele dotado de razão e poder; já a mulher é vista como a desencadeadora e, portanto, culpada pelo crime passional.

Palavras-chave: Discurso, memória, mulher, homicídio passional.

Considerações iniciais

Se o que interessou ao Foucault foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos (Foucault, 1995), parto disso para pensar, a partir de uma análise da espessura histórica do acontecimento, como se produziu, discursivamente, o sujeito-mulher em um processo-crime. Lembro-os que essa

constituição nunca é definitiva; ela se dá nas tramas do poder-saber e, consequentemente, nos jogos de verdade que historicamente subjetivam os sujeitos.

Saliento que se trata de uma pesquisa recém iniciada, na medida em que ingressei no mestrado no corrente ano. Trago, portanto, as primeiras inquietações e discussões que subsidiarão minha dissertação.

Para tornar possível a reflexão sobre a absolvição de um assassino e compreender os elementos que interferem no processo de identificação do sujeito mulher, trabalho neste estudo, com a Análise do Discurso como solo teórico para as análises que empreenderei no decorrer desse artigo. Prioritariamente, me interessa a noção de memória discursiva, consoante os ensinamentos de J.J. Courtine, e com as releituras de Michel Pêcheux e Michel Foucault.

Elegi como *corpus* o discurso jurídico materializado em um processo-crime em que o réu foi acusado por homicídio doloso agravado por motivo fútil, pois matou o companheiro (namorado) de sua ex-namorada com arma de fogo por ciúmes ao vê-lo num baile acompanhando-a e, posteriormente, por encontrá-lo na casa da mesma.

Nessa perspectiva, busco refletir sobre o funcionamento do discurso penal nas redes de memória que historicamente subjetivaram o sujeito mulher. Mais precisamente, procuro refletir sobre o seguinte questionamento: o que foi efetivamente dito nos autos que inocentaram o réu? Quem é o sujeito-mulher pela memória no julgamento do crime em epígrafe?

Mulheres – sedutoras, vadias[1] ou vítimas?

"Uma mulher não deve sair do círculo estreito traçado em torno dela". Frase citada por Perrot (2005, p. 279) e proclamada por Marie-Reine Gindorf, operária obstinada a quebrar tal paradigma.

Nesse sentido, me interessa lançar um breve olhar em relação à figura feminina, para tornar perceptível o efeito da memória discursiva numa sociedade machista que julgou um crime, em 1967, de homicídio passional. Essa noção da trajetória da mulher no entremeio entre o espaço privado e público ressoará na análise do *corpus.*

[1] Vadias – acepção utilizada no/pelo movimento denominado "a marcha das vadias".

Retomando a citação de Perrot, me deparo com um histórico de que muitas mulheres souberam apossar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados, para desenvolverem suas influências frente ao poder masculino (PERROT, 2005). Elas lutaram para sair de uma luta de gêneros para conseguir um lugar em toda a parte. “Sair fisicamente: deambular fora de sua casa, na rua, penetrar em lugares proibidos – um café, um comício – viajar. Sair moralmente dos papéis designados” (PERROT, 2005, p. 280). É em razão desse “sair” que a mulher Laura de Tal se tornou o “pivô” de um assassinato e a “liberdade”de um assassino!

Em decorrência do exposto, no decorrer do trabalho, com base no arcabouço teórico que fundamenta esse trabalho, mergulharei minha reflexão nos efeitos de sentido da memória. Limitar-me-ei a mostrar algumas noções que permitirão entender o discurso jurídico da absolvição de um réu, pois esse discurso atualiza e faz circular saberes históricos tomados em certo momento e em certo lugar como saberes verdadeiros, podendo implicar na ordem do desenvolvimento do trâmite processual o que a figura mulher pode significar num crime da paixão.

Pretendo percorrer por certos entrecruzamentos de discursos que legitimam saberes, instituem poderes normatizadores, constroem simulacros e paradigmas, circunscrevendo dois movimentos identitários da mulher na sociedade: a mulher submissa e a mulher que afronta o homem machista.

Perspectivas teóricas

A Análise do Discurso edificada por Michel Pêcheux, a partir da década de sessenta, na França, surgiu pelas inquietações sobre a epistemologia da Linguística imanente, cujo interesse de estudo era a língua enquanto abstração. Assim, a Análise do Discurso se fortaleceu como uma disciplina de entremeio, que se localiza em três campos do saber - o marxismo, a psicanálise e a linguística:

> Mas é preciso antes sublinhar que em nome de Marx, de Freud e de Saussure, uma base teórica nova, politicamente muito heterogênea, tomava forma e desembocava em uma construção crítica que abalava as evidencias literárias do ‘vivido’, assim como as certezas ‘científicas’ do funcionalismo positivista. (PÊCHEUX, 2006, p. 44-45).

Frente a isso, a Análise do Discurso provoca um deslocamento no modo de se conceber tanto a linguagem quanto o sujeito.

E, o que é o discurso? É o objeto de investigação da Análise do Discurso, pelo qual os sujeitos de uma determinada sociedade significam e são significados.. É preciso desconstruir a materialidade discursiva por meio da operação de batimento (PÊCHEUX, 2006) para enxergá-lo. Não se trabalha a língua como um sistema fechado de signos, assim como proposto por Saussure, mas na sua relação com a história e o sujeito.

Foucault (2003), por sua vez, ensina que os fatos do discurso não são simplesmente do aspecto linguístico, mas devem ser vistos como jogos estratégicos. Com isso, define que discurso: "é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro" (FOUCAULT, (2003, p. 9). Essa definição me leva a considerar as relações de poder, sendo abordadas pela disciplina Análise do Discurso como o "jogo de ação e de reação, de dominação e de esquiva" (FOUCAULT, (2003, p. 9). Que ao ver desse filósofo (2003, p. 10-11) deve ser considerada a "constituição histórica de um sujeito de conhecimento através de um discurso tomado como um conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais". Ademais afirma (2003, p. 141): "Os discursos são efetivamente acontecimentos, os discursos tem materialidade", corroborando com a conclusão de Pêcheux que discurso é estrutura e acontecimento (2006).

Como já sinalizado, para transitar pelo *corpus* e ver como o discurso jurídico foi construído, preciso trazer a memória e o interdiscurso como fontes de sustentação e argumentação. Em razão disso, a reflexão sobre o *corpus* partirá do princípio de que a memória, na perspectiva discursiva, não é uma memória psicológica, mas um corpo sócio-histórico de traços que fundamentam o discurso.

O primeiro estudioso a falar e pulverizar a memória discursiva foi Jean-Jacques Courtine (2009, p. 104): "Introduzimos assim a noção de memória discursiva na problemática da análise do discurso político". Explica Courtine (2009, p. 105): "o que entendemos pelo termo memória discursiva é distinto de toda memorização psicológica do tipo (...) a memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos". O lugar da memória é um sistema de conservação de arquivo, uma rede de difusão que permite fazer ressurgir os enunciados (Courtine, 1999). Assim, é possível entender como funciona o lugar da memória não apenas no discurso político, mas também em outros discursos, como o ora escolhido: o jurídico.

Os conceitos sobre a memória ganham também campo com os estudos de Pêcheux quando ele dissemina o *Papel da Memória* (2010, p. 49) numa mesa redonda em Paris, no ano de 1983 (2010, p. 7). Pêcheux (2010, p. 50) explica o funcionamento desse papel da memória

no processo discursivo em que a "memória deve ser entendida não no sentido diretamente psicologista da memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador". Assim, devemos entender a memória não temporalizada e em relação com a história como cronologia, mas as historicidades que atualizam o dizer pelo funcionamento do interdiscurso, lembrando que a memória não se reduz ao sujeito como fonte do sentido.

Explica Pêcheux (2010, p. 56) que a memória é "um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos". A memória é coletiva e se enraíza no que faz sentido na formação social. É no mesmo sentido, ao tomar o sujeito em relação ao lugar social onde está agrupado aos esquecimentos que se "formam" várias memórias. De acordo com Pêcheux (1997) a memória recebe sempre uma sobredeterminação do social e do inconsciente.

Ante a isso, adentro na memória discursiva expressada como um fio do discurso que puxa outros fios e tece o discurso, estruturando nossa investigação quanto ao processo-crime. Assim, os enunciados que constituem a memória discursiva fazem sentido no intradiscurso porque pertencem à ordem do sempre-já-lá dito e dos pré-construídos, de uma formação social (PÊCHEUX, 2010).

Compreendo, com toda essa base teórica que, o sentido vai se relacionar com o que foi dito e retorna por meio da figura do interdiscurso, acionado pelos pré-construídos, cujo funcionamento para Pêcheux (1997) fornece a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse viés, os discursos são produzidos no interior das formações discursivas e estão constantemente dialogando com outros discursos produzidos em outras formações discursivas, fazendo surgir daí o interdiscurso.

Ao tomar a noção de memória discursiva, como ao retorno a algo que ficou na história e que por isso produz esquecimento, mas se atualiza no interdiscurso, é possível dizer que é pelo interdiscurso, que se situa a imagem social da mulher "pivô" do crime homicídio passional.

Nesse contexto, a memória discursiva no âmbito da Análise do Discurso refere-se ao reaparecimento de discursos e/ou outros acontecimentos – é uma memória suposta pelo discurso, sempre reconstruída na enunciação, que implica a reforma e a circulação de

discursos. Há uma volta de discursos em novas condições sócio-históricas. Estes por sua vez, exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inseridos.

Então, compreender o funcionamento da memória discursiva implica entender o funcionamento do social e da história como lugares em que os sujeitos se inscrevem.

A história envolve o saber – tomado como verdade, produzido por condições exteriores ao sujeito. Com isso a memória forma uma rede em que discursos e dizeres dispersos produzem uma trajetória dos sentidos. A memória ancora o discurso na história.

Em consonância com o discurso, história e memória tem-se a noção de acontecimento discursivo pensada por Foucault. Vejamos:

> Eu me dei como objeto uma análise do discurso [...] O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantém com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. (FOUCAULT, 2003)

O acontecimento discursivo constitui acontecimento da história, resulta da memória em funcionamento, e produz enunciados que integram uma rede e coloca os sujeitos como objetos de discurso, a serem desvelados pelos saberes que constituem a disciplina Análise do Discurso.

Corpus **analítico**

No âmbito deste estudo, considero que o exercício da linguagem implica em produzir discurso. E parto do princípio de que a memória, na perspectiva discursiva, não é uma memória psicológica, mas um corpo sócio-histórico de traços que fundamentam o discurso. Verifica-se o novo na/pela repetição.

Destaco a escolha do processo criminal em questão, pois pela tipologia do crime o réu foi julgado pelo Tribunal do Júri, por esse tutelar o bem jurídico: vida, e por corresponder aos processos nos quais os depoimentos das testemunhas de defesa e acusação podem dar rumos diferentes das provas materiais re(produzidas) na hora do julgamento pelo conselho de sentença/ jurados.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, tal quais os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros. Assim, o processo penal é uma forma jurídica de produção e autenticação da verdade judiciária. Na base dessa forma jurídica há uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2012). Trata-se de um mecanismo de coerção no processo de produção dos discursos, cuja produção de verdade possa ser interpretada como prova no campo jurídico. Nessa perspectiva, afirmo que os procedimentos decorrentes do processo penal são uma narrativa, que me faz pensar em suas condições de produção. O que torna o dizer um enunciado é o fato de ele ser produzido por um sujeito em um lugar institucional, delimitado por regras que definem as condições e as possibilidades do dizer.

Retomo como recorte do processo-crime a denúncia oferecida pelo Ministério Público local, no ano de 1963, baseada nos testemunhos colhidos e o depoimento do próprio réu durante o inquérito policial. Os depoentes e mesmo o réu, via de regra, desconhecem a ordem do ritual, o código penal e processual penal e as estratégias de defesa e acusação.

Diante disso, agrega ao presente trabalho a seguinte observação de Foucault (2012) sobre o ritual que define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam. Para ele: "os discursos religiosos, judiciários e políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (FOUCAULT, 2012, p. 37).

No Direito se tem para cada área um código que estabelece procedimentos, de como se deve agir na sociedade. Voltando ao nosso *corpus*, o Código de Processo Penal brasileiro elege o Título III, como o "Da Ação Penal", impondo como deverá ser procedida a investigação judicial, haja vista que alguém infringiu a norma abstrata do Código Penal – qual seja: "Matar alguém".

> Art. 24. Nos crimes de ação pública, esta será promovida por denúncia do Ministério Público, mas dependerá, quando a lei o exigir, de requisição do Ministro da Justiça, ou de representação do ofendido ou de quem tiver qualidade para representá-lo. § 1º No caso de morte do ofendido ou quando declarado ausente por decisão judicial, o direito de representação passará ao cônjuge, ascendente, descendente ou irmão.

Assim, oferecida a denúncia, deve-se seguir a seguinte disposição:

> Art. 41. A denúncia ou queixa conterá a exposição do fato criminoso, com todas as suas circunstâncias, a qualificação do acusado ou esclarecimentos pelos quais se possa identificá-lo, a classificação do crime e, quando necessário, o rol das testemunhas.

E nesse diapasão, descrevo a denúncia na íntegra, que compõem o *corpus* pelo qual farei o trajeto de leitura e reflexão no batimento com a perspectiva teórica da Análise do Discurso, em especial sob o enfoque da memória discursiva.

> O representante do Ministério Público, no exercício de suas funções e com base no anexo inquérito policial, denuncia a V. Excelência o Sr. Caetano de Tal, brasileiro, solteiro, engenheiro agrônomo, com 36 anos de idade, residente em Campo Mourão, Estado do Paraná, pelo que expõe a seguir: 'Na noite de 2 para 3 de fevereiro de 1963, o denunciado se encontrava em um baile, onde também estava Laura de Tal e Waldomiro de Tal, a vítima, que se realizava na Sociedade Recreativa Operária, nesta cidade, quando intentou dançar com Laura, com quem mantivera relações de natureza íntima. No instante porém em que se dirigia à mesa da mesma, para convidá-la, foi precedido por Sr. Solon de Tal. Sabedor que Laura mantinha com a vítima as mesmas relações que ele, denunciado, mantivera, e que intentava, inclusive, casar-se no exterior, Caetano sentiu-se enraivecido e, posteriormente à dança, procurou Solon perguntando por Laura. Ao receber a resposta de que a mesma se encontrava no salão, pois o baile não terminara, o denunciado, recalceando o olhar pelo recinto e a não vendo, disse: então o turco a levou; queria com isso dizer que Laura de retirara com a vítima. Por volta das cinco horas da manhã do dia 03 de fevereiro, após o baile, Laura e Waldomiro se encontravam na casa da primeira, quando a mesma foi chamada por Catarina de Tal, que residia nos fundos. Atendendo, Catarina afirmou que havia um homem que pretendia falar com ela e só se retiraria após conseguido esse intento. Abrindo a porta, Laura deparou com Caetano que disse: então você fugiu de mim lá no baile; ao que respondeu que não, já que nada mais existia entre ele, denunciado, e ela; nesse momento o denunciado procurou agarrar Laura a fim de beijá-la à força, sendo que esta conseguiu esquivar-se. Procurando evitar um choque entre o denunciado e Waldomiro, Laura levou o primeiro ao fundo do quintal, onde foi agarrada pelo mesmo. A vítima, então, curioso pela demora, foi ver o que se passava e vislumbrou Laura que se debatia nas mãos do denunciado, correndo pois a auxiliá-la. Revoltado, Caetano saltou sobre a vítima com um revolver, embolando-se os dois. Logo se levantaram, propondo-se a vítima, retirar-se, caminhando em direção à casa, a fim de apanhar seu chapéu, que lá se encontrava. No percurso, o denunciado foi sempre apontando o revólver para a vítima até que essa adentrou a cozinha, quando então, foi alvejado (auto de exame cadavérico de fl.x) recebendo ferimentos letais, Ferido, ainda conseguiu alertar Caetano sobre o seu ato, dizendo: covarde, você me matou. O denunciado então, retirou-se da casa, fugindo'.

Em que pesem as "evidências", Caetano matou Waldomiro – houve testemunhas e a própria confissão do réu – e, o ASSASSINO foi absolvido! Assim, o que foi efetivamente dito nos autos que inocentaram o réu? São esses dizeres que me incitam a propor um percurso analítico focado na constituição do sujeito mulher, esta que, no discurso, emerge como a responsável pelo crime motivado por elementos torpes.

Em face do acontecimento discursivo em epígrafe analiso alguns elementos por meio da memória discursiva que me permitem refletir sobre o funcionamento do discurso penal nas redes de memória que historicamente subjetivaram o sujeito-mulher:

> Na noite de 2 para 3 de fevereiro de 1963, o denunciado se encontrava em um baile, onde também estava Laura de Tal e Waldomiro de Tal, a vítima, que se realizava na Sociedade Recreativa Operária.

A denúncia inicia com o elemento *noite* e *baile* onde se encontrava Laura. Ve-se na abertura do processo judicial a subjetivação quanto a mulher, acentuada pelo órgão público acusador, ao descrever os momentos que antecederam o crime. É possível visualizar que a construção da peça inicial do processo em questão já definiria o resultado dos votos do conselho de sentença quanto a absolvição de Caetano de Tal, pois Laura transcendeu os limites de uma senhora viúva, qual seja estar a noite em um baile acompanhada por um cavalheiro que não era seu marido! Afirma Perrot (1998, p. 7):

> No espaço público, aquele da Cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante, reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder (...) Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz a 'rapariga' – pública é uma 'criatura', mulher comum que pertence a todos.

Nessa citação de Perrot, observo como a mulher é tratada no espaço público, em especial à época em que ocorreu o crime! A sociedade não concebia uma mulher a frente do seu tempo tomando decisões que interessavam a ela. Assim como Laura o fez. Ela deixou Caetano porque queria alguém que casasse com ela. Laura se projetou como uma mulher do espaço privado, preocupada com os comentários e com sua reputação, porém, pela descrição da peça inicial do processo, não é essa a imagem que o Ministério Público repassa.

Percebo que todo o discurso materializado nos autos, encontra-se consoante Foucault articulado nesse "meio-silêncio que lhe é prévio". É assim que vejo essa materialidade da linguagem nos acontecimentos positivados antes da cena do crime. Há traços que demonstram espaços de atitudes machistas, e que corroboram com a resposta negativa dos sete jurados que propiciaram a absolvição do réu, conforme demonstra o excerto abaixo:

> O réu no amanhecer do dia 3 de fevereiro de 1963, na casa da sua ex-namorada desferiu na vítima, tiro de revólver, produzindo-lhe o ferimento descrito no auto de exame cadavérico? Responderam: NÃO.

Por meio da resposta de que Caetano não matou Waldomiro, vemos direções sobre o poder em relação ao sujeito, pensado nas relações cotidianas. E é por essa resposta que ilustro esse trabalho com referencias sobre Laura, pois visam definir posicionamentos do sujeito-mulher, que assim constituem singularidades e identidades, e me proporcionará a entender esse entrecruzamento de discursos e os efeitos de sentidos daí decorrentes.

Depreendo os enunciados "no amanhecer" e "na casa de sua ex-namorada" como marcas negativas no discurso jurídico, pois esses discursos positivados como o primeiro requisito/ questionamento que foi votado para definir a condição do assassino, levou os jurados homens a pensarem em primeiro lugar na figura de Laura, e não em se fazer justiça à vítima e dar a resposta que a sociedade esperava para a resolução do crime.

Outros enunciados me chamam atenção na peça inaugural da ação penal, pois são afirmações que evidenciam Laura e não a ação criminal em si:

> quando intentou dançar com Laura, com quem mantivera relações de natureza íntima (...) Sabedor que Laura mantinha com a vítima as mesmas relações que ele, denunciado, mantivera, e que intentava, inclusive, casar-se no exterior, Caetano sentiu-se enraivecido e, posteriormente à dança, procurou Solon perguntando por Laura.

Percebo uma narrativa entorno de Laura. Uma descrição da vida íntima dela. Vejo uma preocupação contínua em demonstrar os passos públicos de uma jovem senhora viúva (informações da ficha de qualificação de Laura que está nos autos) talvez com o intuito de poupar o assassino. Ato contínuo, me inquieta e me faz refutar tal pensamento ora afirmado, por saber qual é a posição sujeito que o Ministério Público ocupa. Lado outro, como já escrito, as evidências nos demonstram que Laura sempre é referenciada como o pivô do crime.

Em consonância com os fragmentos acima, o Ministério Público ainda enfatiza que:

> Ao receber a resposta de que a mesma se encontrava no salão, pois o baile não terminara, o denunciado, recalceando o olhar pelo recinto e a não vendo, disse: então o turco a levou. (...) Por volta das cinco horas da manhã do dia 03 de fevereiro, após o baile, Laura e Waldomiro se encontravam na casa da primeira.

Volto a nos questionar se a narrativa do promotor público homem era parcial? Ele fez a denúncia com o objetivo de dar resposta a sociedade na solução do crime citado? Com os textos em destaque, cabe escrever a percepção de Perrot quando retoma a figura da mulher pública: "A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria" (1998, p. 7). Essas palavras foram escritas para descrever Laura de Tal, a mulher "pivô" do homicídio motivado por ciúme ou por sentimento desenfreado de posse machista?

No processo como um todo, não há palavras diretas que culpam Laura pelo crime, porém, claramente se vê pelo interdiscurso, por meio dos depoimentos das testemunhas de acusação e defesa (que não trouxe para esse artigo) elementos da memória discursiva que apontam para a inocência de Caetano e a culpa de Laura, por não ter se portado como uma mulher nos moldes que a sociedade Guarapuava esperava, haja vista sua classe social.

Outra questão que me intriga é: e o que foi dito durante o Tribunal do Júri? Esses discursos foram orais e não há gravação. Porque o júri masculino absolveu Caetano tendo provas que foi ele quem disparou a arma que matou Waldomiro?

São essas questões que me levam a retomar o sujeito-mulher público que motivou as primeiras linhas do processo, sendo exaustivamente apontados os lugares que estava na noite de 2 para 3 de fevereiro, bem como as ações de Laura. Corrobora com isso o entendimento de Perrot (1998, p. 8): "Prende-se a percepção da mulher uma ideia de desordem. Selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça".

Dessa forma, reforço a noção de memória discursiva como reaparecimento de discursos e/ou acontecimentos outros, de diferentes momentos históricos, cujos sentidos produzidos são sempre outros. Informações essas visualizadas desde a denúncia até a resposta dos jurados quanto a condenação ou não de Caetano. Isso ocorre porque há uma retomada e uma circulação de discursos que são (re)significados em outros, em novas condições sociohistóricas de produção dos discursos, que exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos.

Assim, o efeito da memória atualiza o já-dito, ou seja, as vozes da acusação enfatizam como era o comportamento do réu e da sua ex-namorada, que não surge por acaso no discurso proferido na sessão do Tribunal do Júri – qual seja, o da negação por parte dos jurados de que foi Caetano quem matou Waldomiro.

Apontamentos Finais

A questão que me propus nesse artigo foi identificar os traços que recaíram sobre o sujeito-mulher na denúncia oferecida pelo Ministério Público quanto ao assassinato de Waldomiro de Tal no amanhecer do dia 03 de fevereiro de 1963, além dos efeitos de sentido desses destaques ao sujeito-mulher no processo, buscando os espaços de memória que funcionam no discurso jurídico.

Ao olhar para o *corpus* me questionei em que medida os discursos, ditos jurídicos, por suas características, instauram movimentos de sentido que constituem certos efeitos de verdade perante a memória discursiva. Procurei então, a partir das não-evidências do dizer, descrever os processos de subjetivação do sujeito-mulher.

Observei também regularidades enunciativas que, além de definirem e caracterizarem o homicídio passional evidenciaram uma história descontínua que proporcionou relações assimétricas entre homens e mulheres, bem como uma sociedade tradicionalmente marcada por posições machistas que nos dão pistas do discurso proferido durante o Tribunal do Júri que culminou na absolvição do assassino, que se entregou à polícia e confessou o crime.

Depreendo assim, enunciados que, ao tratarem da relação amorosa que finda em morte da mulher ou do seu atual companheiro por causa de ciúme, interligam-se a outros formatando uma rede de memória que, desde os primórdios, definiram o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade.

Referências

CÓDIGO DE PROCESSO PENAL. Disponível em*:* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689.htm, acesso em 06 de maio de 2013.

COURTINE, Jean-Jaques. **Chapéu de Clementis**. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Trad. Freda Indursky. *In:* INDUSRKY, Freda. Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Sagra/ Luzzato, 1999.

_____. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUSFCar, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final Léa Porto de Abreu Novaes *et al.*Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

_____. **O Sujeito e o Poder**. In RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermeneutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

PÊCHEUX, Michel. ***Semântica e discurso***: uma crítica à afirmação do óbvio. campinas: Unicamp, 1997.

_____. **Papel da Memória**. *In:* Achard *et all*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PERROT. Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Mulheres Públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O TRABALHO DOMÉSTICO APÓS A PROMULGAÇÃO DA EC N. 72 DE 2013

DIANE HEIRE SILVA PALUDETTO
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo
Em data de 3 de abril de 2013, entrou em vigor a Emenda Constitucional n. 72, que amplia os direitos da categoria do trabalhador doméstico no Brasil. Desde então, uma diversidade de enunciados discursivos têm sido proferida acerca desse acontecimento em um universo midiático que complexifica a produção de sentidos. Com efeito, nesse universo, os acontecimentos passam por operações de linguagem que não raro os mascaram, os pervertem ou os revelam parcialmente. Essa forma, por meio da linguagem midiática, de se fazer gerar novos processos de sentido aos acontecimentos, afeta o funcionamento das discursividades e das práticas sociais. Nesse cenário, há de se observar o papel da memória e do apagamento de sentidos na produção midiática, para se discorrer, com base em Foucault, acerca das relações de saber e poder na construção do discurso midiático e sobre como os conflitos advindos dessas relações repercutem na sociedade. Nesse cenário, no meio a uma multiplicidade de dispositivos textuais disponíveis, pretende-se refletir acerca de como o discurso midiático cria efeitos de sentido de que "nada será como antes". Para tanto, serão analisados recortes de notícias veiculadas na mídia especialmente entre os meses de março e junho de 2013.

Palavras-chave: trabalho doméstico, discurso midiático, emenda constitucional.

Discurso midiático: a construção de acontecimentos e efeitos de sentido

A Análise do Discurso (AD) é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise dos acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. Por isso, os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico, a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais (GREGOLIN, 2007, p. 13).

Sabe-se que, conforme Charaudeau (2012, p. 17), o universo de informação midiática não é um simples reflexo do que acontece no espaço público, mas um universo construído. Trata-se de uma "máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores". Com efeito, as notícias, "ao surgirem no tecido social por ação dos meios

jornalísticos, participam da realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa mesma realidade" (SOUSA, 2002, p. 119).

Esses processos modificadores que intervém na realidade social são, por vezes, manipuladores, já que a informação é essencialmente uma questão de linguagem e esta, por sua vez, conforme lembra Charaudeau (2012, p. 19) não é transparente ao mundo, pelo contrário, apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão particular do mundo.

Nesse cenário, pretende-se pensar a relação entre memória e acontecimento pelo viés foucaultiano, possibilitando uma melhor compreensão das marcas discursivas implícitas nas estratégias de produção e validação dos discursos midiáticos. Em outras palavras, pretende-se ir além do que está manifesto, a partir da análise da correlação entre enunciados, isto é, a partir da análise discursiva e interdiscursiva. Partindo-se da premissa de que o discurso extrapola o plano da textualidade, é preciso fazer aparecer, na esteira de Michel Foucault, esse *plus* discursivo, e daí descrevê-lo.

É, pois, nesse cenário do universo midiático que se pretende descobrir "as significações possíveis que se encontram por trás do jogo de aparências" (CHARAUDEAU, 2012, p. 29) estampadas nos discursos acerca do trabalho doméstico após a promulgação da emenda constitucional n. 72 de 2013. Antes, contudo, de se partir para a análise do *corpus* eleito, para que a interpretação implique um resultado satisfatório (ainda que breve) das análises, necessário se faz percorrer a trajetória do trabalhador doméstico na conquista de direitos trabalhistas, desde a promulgação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), em 1943, até o advento da nova emenda constitucional.

A luta por reconhecimento e garantias sociais

Analisar os discursos midiáticos sobre o trabalho doméstico após ter sido aprovada a Emenda Constitucional n. 72, em data de 3 de abril de 2013, impõe investigar e percorrer o cenário de evolução jurídica que marcou a luta da categoria pela proteção trabalhista desde a década de 1940, possibilitando-se constatar as transformações sociais e políticas dos sujeitos dos discursos.

Em 1943, a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) especificou que seus preceitos, salvo determinação em contrário, não se aplicam aos empregados domésticos, regra ainda contida nesse texto legal. Tal exclusão marcou, assim, a marginalização da categoria, que foi

vencida na luta de se ver reconhecida no mundo do trabalho, luta cujo oponente foi a representação da resistência das classes dominantes, do discurso centralizador de que o trabalho doméstico não seria um trabalho equiparado aos demais.

A situação da categoria obteve uma melhora com o advento da lei nº 5.859, de 1972, que incluiu o doméstico na condição de segurado obrigatório da Previdência Social e determinou a obrigatoriedade da anotação do contrato de trabalho em sua Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS). Ademais, concedeu-lhe o direito a férias de 20 dias úteis. Nota-se que essas garantias legais foram aprovadas depois de decorridos quase 30 anos do advento da CLT. Durante todo esse tempo, o direito serviu como lugar de luta, de jogo, de reprodução de saberes e de poderes e de resistências quanto às mudanças sociais pleiteadas pela categoria (DULTRA; MORI, 2008, p. 76).

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, houve mais um avanço na conquista da classe no que diz respeito aos direitos trabalhistas, uma vez que concedeu a garantia do salário mínimo, da irredutibilidade do salário, do décimo terceiro salário, do repouso semanal remunerado, das férias anuais, da licença à gestante, da licença paternidade, do aviso prévio e da aposentadoria. No texto constitucional, o artigo 7º relacionava os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, previstos em 34 incisos, mas, em seu parágrafo único, excluía o trabalhador doméstico da maioria dos direitos, visto que a eles assegurava apenas nove dos direitos relacionados. O dispositivo legal excludente tinha a seguinte redação: "[...] Parágrafo único. São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos os direitos previstos nos incisos IV, VI, VIII, XV, XVII, XVIII, XIX, XXI e XXIV, bem como a sua integração à previdência social."

Luta adiante, outra conquista: a lei 10.208, de 23 de março de 2001, facultou ao empregador o recolhimento das contribuições ao FGTS, o que permite aos beneficiados usufruir o seguro-desemprego no caso de dispensa imotivada. Contudo, devido ao caráter de liberalidade, a medida atingiu menos que 2% dos empregados com registro formal.

Outro marco legislativo importante se deu com a promulgação da lei nº 11.324, de 19 de julho de 2006, que representou um dos poucos acréscimos normativos referentes ao trabalho doméstico nos últimos 20 anos até a promulgação da Emenda Constitucional n. 72. Na ocasião, foram garantidos os seguintes direitos: férias de 30 dias, estabilidade gestante e a proibição do desconto no salário por fornecimento de alimentação, higiene, moradia e vestuário. Porém, ficaram de fora direitos elementares, reconhecidos aos demais

trabalhadores, como a limitação de jornada, o adicional noturno, o FGTS obrigatório e a indenização por tempo de serviço.

Também em 2008, houve avanço em relação ao tratamento dado ao trabalho doméstico no Brasil, através do decreto 6.481, em que o governo federal proibiu o trabalho doméstico para menores de 18 anos, acatando assim a Convenção 182 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) de 1999, ratificada pelo Brasil, que considera o labor doméstico como uma das piores formas de trabalho infantil.

Nota-se, então, que após a Constituição brasileira de 1988, leis esparsas ampliaram os direitos dos domésticos, mas não a ponto de equipará-los às demais categorias. Daí a razão pela qual tramitou a discussão sobre a Proposta de Emenda Constitucional, a PEC n. 478, que propôs a exclusão do parágrafo único do artigo 7º, da Constituição Federal, como forma de superar o histórico déficit de direitos assegurados a essa classe trabalhadora. É, pois, de longa data o movimento histórico que revela a tendência de se tornarem cada vez mais equânimes os direitos dos trabalhadores domésticos em relação aos direitos das demais categorias profissionais.

Em junho de 2010, em Genebra, na Suíça, a Conferência Internacional do Trabalho, em sua 99ª edição, pela primeira vez incluiu em sua pauta a discussão acerca dos problemas e desafios do emprego doméstico no mundo, tratando-o como tema central (JB ONLINE, [s.d]). O evento foi realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifen), e contou com o apoio do governo brasileiro por meio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Cerca de 20 representantes da categoria no Brasil participaram como debatedores (INFONET, [s.d]). O resultado foi uma importante conquista: a garantia da criação de uma convenção, seguida de recomendação para garantir a proteção para esses trabalhadores (SINDIPETRO, [s.d]).

Esta convenção foi concretizada em junho de 2011, também em Genebra, bem como a Recomendação sobre as Trabalhadoras e Trabalhadores Domésticos, que, no meio a várias disposições, recomendou aos países membros da ONU adotarem medidas para a eliminação da discriminação em matéria de emprego e ocupação.

O Brasil foi participante ativo na Convenção[1] e, portanto, se pensava que seria o primeiro país a ratificá-la. Devido à inércia, movimentos surgiram para pressionar o governo

[1] Uma Convenção da OIT funciona como uma lei internacional, que pode ou não ser ratificada pelos países-membros, mas, se ratificada, o país é obrigado a cumprir e aplicar as exigências da convenção através de sua legislação.

brasileiro (CONTRACS, 2012). Isso fez com que se reascendesse a discussão da Proposta de Emenda Constitucional n. 478 de 2010, que na ocasião estava interrompida. Com a efetiva votação da PEC, que originou a EC n. 72, o Brasil, ao menos teoricamente, aderiu à Convenção da OIT.

Emenda Constitucional n. 72 de 2013: o marco de um acontecimento

Faz-se aqui relevante apresentar as mutações sofridas pela proposta inicial de emenda à Constituição, pois a análise desse trajeto remete ao conhecimento dos jogos de poder preexistentes, além de reconstruir os caminhos do que produz o acontecimento na linguagem. Com efeito, de início o preâmbulo do texto da PEC foi apresentado pelo legislador da seguinte forma:

> PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL N. 478 DE 2010
> Revoga o parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal, para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os empregados domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais.

Caso aprovada nesse formato, entende-se que a equiparação trabalhista seria plena. É importante frisar que além dos nove direitos reconhecidos pela Constituição antes da Emenda n. 72, vários outros já eram garantidos por leis comuns, as chamadas leis ordinárias, conforme se demonstrou no título anterior. O que a proposta faria, se aprovada, seria equiparar plenamente os trabalhadores.

Contudo, circulou um discurso de que o parágrafo único do artigo 7º do texto de 1988 incluiu o trabalhador doméstico para que gozasse de alguns direitos que antes não lhes eram garantidos, ou seja, não se tratava de um texto que excluía o trabalhador dos demais direitos, mas sim que o incluía para gozar alguns. Sendo assim, caso houvesse a supressão do dito parágrafo único, poderia haver interpretação no sentido de que os domésticos não estariam mais protegidos pela Constituição brasileira. Com isso, ao invés de ter todos os direitos garantidos, passariam a não receber qualquer proteção legal (CONTRACS, 2012).

Esse e outros entendimentos foram debatidos em audiências públicas realizadas para discussão da PEC, nas quais participaram diversos organismos públicos e privados. Apesar de ser majoritário o entendimento de que a PEC teria que ser aprovada no formato de seu texto

original, essa corrente não obteve êxito e o texto foi novamente apresentado para votação, porém com outro conteúdo, que recebeu o nome de Substitutivo, conforme segue:

> SUBSTITUTIVO ÀS PROPOSTAS DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO N. 478-A, DE 2010
>
> Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para incluir outros direitos entre os assegurados aos trabalhadores domésticos.
>
> Artigo único. O parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:
>
> "Art. 7º [...]
>
> Parágrafo único. São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos os direitos previstos nos incisos I, II, III, IV, VI, VII, VIII, IX, X, XII, XIII, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XXI, XXII, XXIV, XXV, XXVI, XXVIII, XXX, XXXI, XXXIII, XXXIV, bem como a sua integração à previdência social.

Depreende-se que o Substitutivo excluiu o texto "para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os empregados domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais", conforme se via no texto original, evidenciando-se, assim, a manutenção do tratamento diferenciado e, por consequência, modificando a finalidade da proposta originária de emenda à Constituição. Contudo, fazendo-se incluir novos direitos, esse Substitutivo, apesar de não utilizar a palavra "igualdade", adicionou à relação de direitos trabalhistas todos aqueles que condizem com a profissão, excetuando-se apenas aqueles incompatíveis, como, por exemplo, "a participação nos lucros da empresa".

Também esse Substitutivo não recebeu aprovação e, sem que houvesse outras audiências públicas, isto é, sem a participação popular, a PEC se tornou lei após apresentação do segundo Substitutivo, que deu a seguinte redação à EC n. 72:

> EMENDA CONSTITUCIONAL N. 72, DE 2 DE ABRIL DE 2013.
>
> Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais.
>
> Artigo único. O parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:
>
> "Art. 7º [...]
>
> Parágrafo único. São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos os direitos previstos nos incisos IV, VI, VII, VIII, X, XIII, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XXI, XXII, XXIV, XXVI, XXX, XXXI e XXXIII e, atendidas as condições estabelecidas em lei e observada a simplificação do cumprimento das obrigações tributárias, principais e acessórias, decorrentes da relação de trabalho e suas peculiaridades, os previstos nos incisos I, II, III, IX, XII, XXV e XXVIII, bem como a sua integração à previdência social."

Nota-se que o enunciado “para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os empregados domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais” retornou ao texto legal, mesmo diante da evidência de que a finalidade original da PEC n. 478, que era de equiparar plenamente as categorias trabalhistas, não mais foi atendida.

Com a observância do texto final aprovado, vê-se que tem aplicação imediata os seguintes direitos, a partir de então previstos constitucionalmente: garantia de salário não inferior ao mínimo; proteção do salário, proibida a retenção; limitação da carga horária, que não poderá ultrapassar 44 horas semanais; pagamento de horas extras, caso haja; redução dos riscos inerentes ao trabalho; reconhecimento das convenções e acordos coletivos; proibição de diferença de salários por motivo de sexo, raça, idade ou estado civil; proibição de discriminação do trabalhador portador de deficiência; licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de 120 dias; e proibição de trabalho noturno ou insalubre a menores de 18 anos e de qualquer trabalho aos menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos.

Curioso é que, com exceção da limitação de jornada e do pagamento por horas extraordinárias, que, de fato, são significativas conquistas, os demais direitos, em sua maioria, já eram concedidos à categoria, ainda que dependessem da provocação jurisdicional para serem garantidos. O que mudou em relação a eles foi tão somente o fato de adquirirem *status* de normas garantidas constitucionalmente.

Nesse ínterim, a nova lei, que faz parte do dispositivo de arquivo percorrido para a análise discursiva do *corpus* eleito, é o produto de um grande número de debates e confrontos que vêm preparando, há tempos, a sociedade para uma gradual transformação, em que pese a emergência de uma multiplicidade de enunciados midiáticos que anunciam uma brusca ruptura nos modos de ser do trabalho doméstico no Brasil.

No próximo tópico serão apresentados recortes de notícias veiculadas acerca da EC n. 72, que servirão de instrumentos de análise que permitirão refletir sobre os efeitos de significância que os discursos midiáticos produzem em situação de troca social.

Espetáculo, disparate e apagamento

Não se pode olvidar que as mídias, enquanto suporte organizacional, tornam-se objeto das atenções com tamanha fluidez, que permite-lhes atuar em todas as esferas sociais. Contudo, nesse universo de informação midiática, muitas vezes o que prevalece é a confusão,

a imagem distorcida, a desinformação passível de provocar o alvoroço, afetando negativamente o convívio social e as relações de poder.

Há de se observar, que os discursos encontrados nos recortes das notícias escolhidas como *corpus* de análise inscrevem-se em um mesmo arquivo e no interior de uma mesma formação discursiva, a partir de um jogo de relações de poder e de regularidades específicas.

Por meio dos recortes, é possível perceber o que a sociedade diz da representatividade do trabalho doméstico no país, pois que são perceptíveis as práticas discursivas e identitárias dos sujeitos que integram o arquivo, bem como a memória discursiva que reitera o já dito.

De fato, os discursos sobre o trabalho doméstico no Brasil, e sobre os trabalhadores que integram essa categoria, circulam na sociedade por diversas formas concomitantes: através das leis, da mídia e pela própria voz dos trabalhadores e empregadores. Diante disso, as investigações sobre as construções discursivas produzidas pelas leis, conforme tratadas nos tópicos anteriores, conduziram à investigação, outrossim, do modo como a mídia responde, em suas práticas discursivas, ao processo de mudanças legislativas.

Conforme visto, a categoria do trabalhador doméstico não estava desamparada no momento da aprovação da Emenda n. 72, muito embora os discursos que advêm de boa parte do universo midiático têm repercutido em sentido oposto, problematizando assim a ordem discursiva. Com efeito, o primeiro recorte, que segue abaixo, identifica claramente essa questão.

terra

Confira o que muda na relação trabalhista com empregadas domésticas

Confira o que mudou e quando a alteração passa a valer:

Direitos que os empregados domésticos passarão a ter
- Jornada máxima de trabalho de 44 horas semanais (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Recebimento de seguro-desemprego (aguarda regulamentação do Ministério do Trabalho)
- Recebimento de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) (aguarda regulamentação do Ministério do Trabalho)
- Garantia de salário mínimo (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- 13º salário (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Hora extra (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Férias remuneradas (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Redução aos riscos de saúde por meio de normas de higiene e segurança (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Reconhecimento de acordos coletivos de trabalho (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Proibição de diferença de salários por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Proibição de discriminação do trabalhador portador de deficiência (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Proibição do trabalho noturno a menores de 18 anos (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Indenização por demissão sem justa causa (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Benefício salário família para trabalhadores com ganhos até R$ 971,78 (aguarda regulamentação do Ministério do Trabalho)
- Auxílio escola e creche para filhos com até cinco anos (aguarda regulamentação do Ministério do Trabalho)

Deveres que os empregadores passarão a ter
- Registrar o trabalhador na carteira de trabalho (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Recolhimento da contribuição junto à Previdência todos os meses (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Remunerar período de férias (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Recolher FGTS junto à Caixa todos os meses (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Determinar jornada fixa de trabalho semanal (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Pagar 13º salário (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Pagar hora extra (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Reconhecer acordos coletivos (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Pagar salário família em razão do dependente do trabalhador de baixa renda (aguarda regulamentação do Ministério do Trabalho)
- Pagar adicional noturno (aguarda regulamentação do Ministério do Trabalho)
- Indenizar o trabalhador em caso de demissão sem justa causa (entra em vigor com a promulgação da PEC)
- Pagar auxílio creche (aguarda regulamentação do Ministério do Trabalho)

Fonte: http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idnoticia=201303271133_TRR_82107150

Muitos direitos que já estavam previstos e garantidos em legislações anteriores, alguns desde 1972, foram, nessa notícia, mencionados como se tivessem sido garantidos apenas com a promulgação da EC n. 72.

É como se houvesse um apagamento das legislações anteriores e, consequentemente, tal feito leva ao disparate de que os empregadores, anteriormente à recente legislação, não teriam qualquer encargo financeiro em relação ao contrato de trabalho doméstico, nem mesmo com relação aos direitos basilares de qualquer relação trabalhista, que são a anotação na carteira de trabalho e os recolhimentos mensais das contribuições previdenciárias. Devido a isso, ganha peso o discurso de que houve um aumento acentuado quanto aos encargos para manter um doméstico, ainda que, na realidade, as únicas mudanças práticas tenham sido a limitação da jornada de trabalho e o pagamento de hora extraordinária (estas condicionadas à sua realização).

Nota-se que a matéria foi produzida por um conhecido e respeitado *site* de notícias, o que garante o efeito de sentido de ser verdadeira, confiável. Contudo, conforme ensinamentos foucaultianos, há de se questionar a verdade desse discurso produzido, questionar o verdadeiro teor simbólico desses atos que mascaram a própria regularidade de um discurso.

Contudo, dependendo do grau de esclarecimento do destinatário da notícia, a forma como o assunto é mostrado ganha proporções de veracidade talvez irreversíveis, especialmente pensando-se no atual momento histórico, no qual a população, especialmente a empregadora de trabalhadores domésticos, está ávida por orientação jurídica especializada. A mídia faz assim o papel do consultor jurídico, porém à sua maneira, qual seja, sem se responsabilizar pelo saber que está transmitindo.

Porém, a questão primordial, conforme ensinamentos foucaultianos, não é analisar simplesmente se os discursos produzidos são mais verdadeiros ou falsos em relação aos seus sujeitos, mas os efeitos que produzem na sociedade, o que eles fazem ver e dizer sobre aquilo a que se referem.

Com efeito, um trabalho de interpretação jurídica que acarreta uma transformação da realidade social, e que conta com um bom suporte midiático, pode entrar na ordem discursiva de maneira que dificilmente ficará neutro ou será ignorado. Pelo contrário, cria, a partir do disparate, uma verdade que poderá tornar-se centralizadora, conforme a força que emana do sujeito enunciador.

O recorte seguinte, também divulgado pelo mesmo suporte midiático, é outro exemplo de apagamento da legislação anterior, pois que o direito à licença maternidade já era garantido às trabalhadoras domésticas asseguradas pela Previdência Social desde 1988.

terra

Nova lei das domésticas garante licença-maternidade de 120 dias

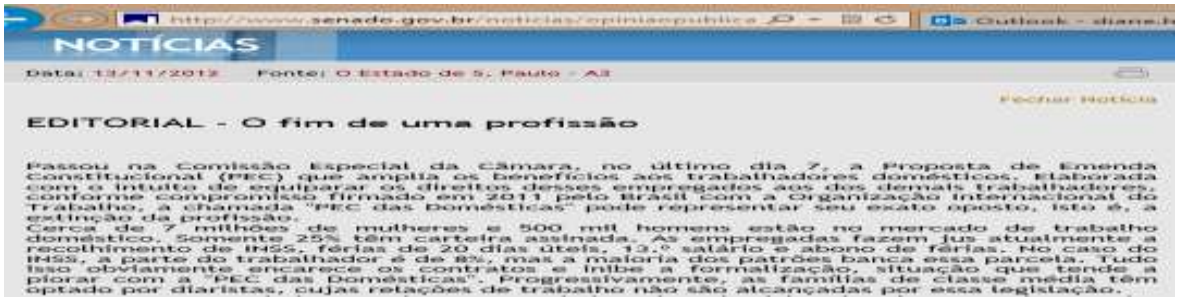
LUCIANA COBUCCI

A comissão especial formada para regulamentar a nova lei dos empregados domésticos aprovou o parecer do senador Romero Jucá (PMDB-RR). A última alteração feita pelo relator da matéria foi a inclusão do item que estabelece o prazo de 120 dias de licença-maternidade para as empregadas domésticas. A matéria vai para votação no plenário do Senado.

Fonte: http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201306061902_TRR_82267276

Essa caracterização de inovação para algo já garantido, e garantido constitucionalmente há mais de 20 anos, mostra a forma como o discurso midiático pode construir uma imagem afastada do reflexo real da sociedade. De fato, denota-se que as legislações criadas em prol dos trabalhadores domésticos representam, cada qual, um acontecimento, mas a forma como isso se faz visível a partir do discurso midiático é outro acontecimento, outra forma de significá-las, e isso provoca um constructo deformado que toma o lugar da realidade.

A partir dos próximos recortes, o primeiro do endereço eletrônico do Senado Federal e os demais de populares revistas brasileiras, sendo um da Revista “Isto é”, de 28 de março de 2013, e os últimos da Revista Veja, de 3 de abril de 2013, é possível identificar efeitos de dramatização que, provavelmente, não surtirão efeitos nos destinatários “esclarecidos” acerca do tema, pois esses já dispõem de informações para avaliar o conteúdo da matéria. De outra senda, os mesmos enunciados poderão chocar o público com exigência de confiabilidade menor e que se prende aos discursos estereotipados mais facilmente. Diferente dos anteriores, que possuem um caráter de jornalismo informativo, nos recortes das matérias que se seguem, exatamente por conta do efeito de dramatização que possuem, é possível identificar a construção de acontecimentos políticos.


NOTÍCIAS

Data: 13/11/2012 Fonte: O Estado de S. Paulo - A3

Fechar Notícia

EDITORIAL - O fim de uma profissão

Passou na Comissão Especial da Câmara, no último dia 7, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que amplia os benefícios aos trabalhadores domésticos. Elaborada com o intuito de equiparar os direitos desses empregados aos dos demais trabalhadores, conforme compromisso firmado em 2011 pelo Brasil com a Organização Internacional do Trabalho, a chamada "PEC das Domésticas" pode representar seu exato oposto, isto é, a extinção da profissão.

Cerca de 7 milhões de mulheres e 500 mil homens estão no mercado de trabalho doméstico. Somente 25% têm carteira assinada. As empregadas fazem jus atualmente a recolhimento de INSS, férias de 20 dias úteis, 13.º salário e abono de férias. No caso do INSS, a parte do trabalhador é de 8%, mas a maioria dos patrões banca essa parcela. Tudo isso obviamente encarece os contratos e inibe a formalização, situação que tende a piorar com a "PEC das Domésticas". Progressivamente, as famílias de classe média têm optado por diaristas, cujas relações de trabalho não são alcançadas por essa legislação.

Fonte: http://www.senado.gov.br/noticias/opiniaopublica/inc/senamidia/notSenamidia.asp?ud=20121113&datNoticia=20121113&codNoticia=777252&nomeOrgao=&nomeJornal=O+Estado+de+S.+Paulo&codOrgao=490&tipPagina=1

A instituição de “verdades” é um elemento significativo de persuasão e busca do poder, já que essas “verdades” podem ser aceitas pelo interlocutor. O recorte da notícia acima é exemplo claro dessa instalação de “verdades” pela imposição do poder, na medida em que utiliza, estrategicamente, instrumentos de pressão com o propósito de instituir medo. É o que se depreende com os enunciados: “o fim de uma profissão”; “elaborada com o intuito de equiparar [...], pode representar seu exato oposto”; e “as famílias de classe média têm optado por diaristas”.

Vê-se que se trata de uma notícia retirada de outra fonte midiática (O Estado de São Paulo), ou seja, uma notícia cujo enunciador é outro veículo de comunicação, e não o próprio *site* hospedeiro. Contudo, a partir do momento em que houve reprodução do conteúdo, presume-se que o reprodutor coaduna do mesmo entendimento, isto é, participa da mesma formação discursiva. Causa estranhamento, porém, o fato de que o veículo reprodutor (Senado Federal) é o próprio organismo político que, fazendo parte do Congresso Nacional, aprovou a nova legislação.

A linguagem informal e com ótica manifestamente negativa em relação à ampliação de direitos para os domésticos, observada na notícia, em nada coaduna com os textos técnicos eivados de termos jurídicos enunciados nos pareceres da discussão da PEC no Congresso. Entretanto, ambas as formações discursivas advêm do mesmo enunciador, fato que causa o estranhamento.

De outra senda, o Senado Federal, conhecedor da ciência jurídica, tem um papel institucional e seu discurso se apoia no poder institucional que daí decorre. Tal poder é que lhe garante boa parte de aquiescência dos destinatários do seu discurso, especialmente quando recorre estrategicamente aos dispositivos legais para corroborar sua opinião, possibilitando

um efeito de sentido de credibilidade e neutralidade, endossando, daí, a aparência de verdadeiro de seu enunciado.

Tal efeito de sentido de credibilidade vem do fato de o sujeito do discurso reunir as condições de possibilidade, uma vez que enuncia de uma posição discursiva legitimada para se manifestar criticamente sobre a legislação em pauta.

Depreende-se, assim, que é esse o poder capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos. Daí se questionar, a partir dos ensinamentos de Michel Foucault, como o poder que se exerce sobre o sujeito trabalhador doméstico produziu o discurso "verdadeiro" acerca do futuro dessa categoria profissional.

Nos próximos recortes também é possível observar a construção de efeitos de verdade a partir de discursos de aparente neutralidade.

ISTOÉ independente

ASSUNTOS CAPA NOTÍCIAS COLUNAS E BLOGS

CAPA ISTOÉ COMPORTAMENTO

COMPORTAMENTO | Nº Edição: 2263 | 28.Mar.13 - 21:00 | Atualizado em 20.Jun.13 - 18:01

A bomba-relógio no trabalho doméstico

A PEC aprovada no Congresso corrige injustiça histórica, mas equipara cidadãos a corporações ao onerar o empregador. É preciso reduzir os encargos para não ampliar a informalidade e provocar demissões

Fonte: http://www.istoe.com.br/reportagens/286696_A+BOMBA+RELOGIO+NO+TRABALHO+DOMESTICO

O título de chamada da matéria, implícita na seção comportamento, representa a dramatização e o espetáculo a partir do uso do termo "bomba-relógio", fazendo chamar a atenção dos leitores, na sequência, para a necessidade de mudança na legislação tributária para que a bomba não exploda, ou seja, trata-se de um discurso de alerta.

Percebe-se que o discurso do enunciador vem pela história, pela memória discursiva, pela filiação de sentidos constituídos em muitas outras vozes ("Congresso corrige injustiça histórica") e pelas relações de poder. Assim, sua manifestação constitui identidades através da reativação da memória discursiva.

O que aparece no discurso não é o jornalista visto empiricamente, mas sim enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. O jornalista se expressa de um lugar em que suas palavras têm autoridade junto àqueles que ignoram a informação reproduzida. Logo, sua escrita, sustentada não na verdade, mas no poder do lugar de onde a diz, é passível de controlar e dominar a reprodução discursiva na sociedade.

Devido ao formato de aparente imparcialidade, há um apagamento de que o conteúdo do enunciado "é preciso reduzir os encargos para não ampliar a informalidade e provocar demissões" é uma visão particular do enunciador. Essa sentença taxativa leva à construção de um efeito de verdade de que, caso não haja redução dos encargos, haverá aumento da informalidade e demissões. Partindo-se da norma de que apenas a União pode instituir ou reduzir impostos, o enunciador transfere para o governo a responsabilidade pelo futuro da profissão.

É ainda possível identificar em seu enunciado "equipara cidadãos a corporações" um efeito de sentido de que houve uma efetiva equiparação trabalhista em prol da categoria dos trabalhadores domésticos. O formato de afirmativa em sua escrita representa a utilização de uma técnica para referendar a opinião que se defende e dar a ela *status* de verdade. O mesmo se pode observar nos próximos recortes.

Fonte: http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx

Não apenas o que se diz, mas também as imagens são aptas a produzirem efeitos de sentido manipulatórios e negativos. Com efeito, conforme Charaudeau (2012, p. 20), essa ideologia de "selecionar o que é mais surpreendente" faz com que se construa uma imagem fragmentada da realidade, uma visão adequada aos objetivos da mídia, mas bem afastada de um reflexo fiel.

Em plena era de ascensão das famílias monoparentais e após a efetiva entrada da mulher no mercado de trabalho, os enunciados acima mostram, na forma de novidade, que, por conta da nova legislação, os homens farão serviços domésticos ("Você amanhã") e as

mulheres com filhos e inseridas no mercado de trabalho terão que fazer jornada dupla (“Nada será como antes”). É como se isso já não fizesse parte da rotina de muitos brasileiros.

Nesse sentido, crê-se que para parte do alvo receptor desses enunciados, dependendo do grau de esclarecimento acerca da questão posta à mostra, os efeitos supostos pelo suporte midiático não teriam sido os efeitos efetivamente produzidos. Contudo, essa discrepância não desfaz a intencionalidade de surpreender e seduzir os leitores para incitar neles o interesse pela informação difundida, seja ela retrato da realidade ou tão somente fragmentos de uma meia-verdade.

Com efeito, as imagens não aparecem aleatoriamente junto aos textos midiáticos, elas se articulam com outros discursos e formam (imagens e palavras) uma rede discursiva que intervém no modo de (re)construção de verdades legitimadas e de sujeitos de discurso. Observa-se que o formato escolhido diz muito sobre a construção discursiva acerca do tratamento dado ao doméstico, especialmente no tocante ao desprestígio da profissão, a partir do momento em que coloca pessoas na qualidade de ex-empregadores realizando tarefas domésticas com aparente contrariedade.

Partindo-se da evidência de que o público alvo da Revista Veja, entre os sujeitos discursivos aqui tratados, é de empregadores e não de trabalhadores domésticos, é possível perceber que o enunciador diz para um público que é seu cúmplice (“Você amanhã”). É também possível observar, ainda que de maneira bem mais sutil que nas reportagens anteriores, a evidência do discurso de que a nova lei provocará demissões (“em breve as tarefas domésticas serão divididas para toda a família”).

De outra senda, denota-se, assim como na reportagem da revista IstoÉ, o lugar de marginalidade em que os trabalhadores domésticos estariam inseridos antes da nova lei, que “corrige injustiça histórica”, é “um marco civilizatório para o Brasil” e “melhora a vida das domésticas”. Porém, essas relações sociais, essa memória que remete ao discurso que concebe ao trabalho doméstico uma representação de segregação sócio-histórica, são vistas nessas reportagens do ponto de vista do empregador, construindo um efeito de sentido de que a ampliação de direitos será mais prejudicial à categoria que o tratamento jurídico desigual.

Com efeito, a persuasão utilizada em “Nada será como antes” permite que a linguagem se consolide na criação de sentimentos políticos de resistência passível de coibir, na prática, os avanços da categoria pelo tratamento igualitário, pois coloca como algo já concretizado um hipotético processo de demissão em massa.

Existe, portanto, nesses discursos midiáticos, a construção de um efeito de verdade que visa mostrar que efetivamente “nada será como antes”.

Considerações finais

O discurso midiático reproduzido por veículos que possuem elevado grau de confiabilidade popular coloca o enunciador em uma posição no espaço social que lhe permite o exercício do domínio discursivo, por se mostrar habilitado para dizer o que diz. E, esse poder de dizer e de ser ouvido (escrever e ser lido), ou seja, esse domínio exercido através da linguagem é passível de produzir efeitos e distorções na sociedade.

Com efeito, há de se observar que as relações de trabalho doméstico têm mudado desde os primeiros direitos concedidos a essa categoria trabalhadora. Não há registro de mudança abrupta no passado e nada indica que haveria na atual conjuntura. Contudo, o discurso instaurado no universo midiático tem revelado o acontecimento de uma ruptura nas relações de trabalho doméstico a partir do apagamento das leis anteriores que, gradativamente, vinham ampliando os direitos concedidos à categoria. Tal feito reforça o discurso de um aumento significativo e súbito na carga tributária para a manutenção de um empregado doméstico.

Crê-se que é nessa capacidade que o discurso midiático possui de fazer de um acontecimento outro, diferente da realidade, que reside o perigo da linguagem nas práticas sociais, já que as transgressões ocasionadas por esse discurso podem contribuir para um desnecessário apavoramento social.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CONTRACS. Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços. **2º Encontro nacional das trabalhadoras domésticas**. Apostila, dez. 2012.

DULTRA, Eneida Vinhares; MORI, Natalia (orgs.). **Trabalhadoras domésticas em luta:** direitos, igualdade e reconhecimento. 1. ed. Brasília: CFEMEA, 2008.

FERREIRA, Giovandro Marcus; SAMPAIO, Adriano de Oliveira; FAUSTO NETO, Antonio. **Mídia, discurso e sentido**. Salvador: EDUFBA, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosario. **Análise do discurso e mídia**: a (re)produção de identidades. In: Comunicação, mídia e consumo n. 11. v. 4. São Paulo, nov. 2007. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidi aeconsumo/article/viewFile/6865/6201>. Acesso em: 25 jun. 2013.

INFONET. *Empregada doméstica representa Sergipe em conferência em Genebra.* Disponível em: <http://www.infonet.com.br/economia/ler.asp?id=9829 0&titulo=especial>. Acesso em 5 jun. 2013.

JB ONLINE. *Encargos e pouca fiscalização mantêm trabalhador doméstico na informalidade.* Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/pextra/2010/04/26/e2604 7511.asp>. Acesso em 5 jun. 2013.

SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

IDENTIDADE SOB ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS: AS FACES REVELADAS DOS SUJEITOS DO DISCURSO

SORAIA APARECIDA ROQUES PEREIRA[1]
SIMONE DOS SANTOS FRANÇA[2]
ELISÂNGELA LEAL DA SILVA AMARAL[3]
Prof. Dr. Co-autora: ADRIANA LÚCIA E. CHAVES DE BARROS[4]
UEMS

Resumo
Ao longo da história, a humanidade caminhou buscando entendimento do mundo que a cerca. Conhecer é a palavra motivadora na busca pela transformação, é estímulo para a descoberta. Maior de que o desejo de desvendar os mistérios exteriores, pode-se dizer que seja a constante batalha pela definição do perfil, ou do conjunto de características que apontam para a imagem do sujeito, elemento que, em relação de reciprocidade, constrói a história e por ela também é construído e se materializa no mesmo instante em que o discurso passa a ser compreendido, a significar - estágio da materialização da ideologia por meio do discurso. Como o discurso reclama sentido, o sujeito reclama identidade; o outro indaga quem ele é, num questionário que, na realidade, ocorre mutuamente nessa demarcação do lugar de onde se profere o discurso, bem como da definição de quem o proferirá. Nos domínios teóricos da Análise do Discurso, em que o discurso é o objeto de estudo e se constitui paralelo à constituição do sujeito, todo o processo, até então mencionado, tem sido estudado de forma muito criteriosa por diversos teóricos e pesquisadores. Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo apresentar e discutir as perspectivas de alguns teóricos como Pêcheux, Orlandi, Rodrigues, e Hall, a fim de aprimorar conhecimentos acerca da identidade, além de definir as possíveis teorias que melhor se apliquem a cada especificidade das nossas respectivas pesquisas individuais.

Palavras- chave: Identidade; Sujeito; Discurso.

Introdução

Ao longo da história a identidade passa a ser pensada de diversas formas, e estudada de diferentes perspectivas, como por exemplo, nos estudos da Psicanálise e da Linguística, tida em alguns momentos como produto do social. Segundo pesquisas no campo da psicologia, a identidade geralmente é estudada de forma dicotômica de maneira que se seguem os eixos: identidade individual e identidade social, como nos revela Deschamps e Moliner entre outros que atuam principalmente no âmbito da Psicologia Social.

Em Análise do Discurso de linha francesa, falar de identidade significa falar de sujeito, uma vez que ambos se revelam conjuntamente entre si e, concomitantemente, entre os demais elementos articulados dentro do contexto das condições de produção do discurso. Nesse sentido, abordar o assunto em questão exige algumas noções sobre conceitos básicos da

referida especificidade, doravante intitulada AD, que serão mencionados no desenvolvimento deste estudo.

Em contrapartida, diversas outras ciências e disciplinas possuem objetos de estudo ou pontos de abordagens que, da mesma forma, requerem alguma compreensão do elemento citado: identidade. Desse modo, ao selecionar os referenciais teóricos que possam vir ao encontro das necessidades de nossas linhas de pesquisa, a fim de preencher as lacunas demandadas pelas mesmas, constatamos variadas abordagens sobre a questão.

Atendendo a essas perspectivas mencionadas anteriormente, passamos a abordar algumas considerações de autores considerados relevantes para a fundamentação teórica a que nos propomos investigar nesse trabalho e em nossas respectivas pesquisas do programa de mestrado a que estamos ligadas.

1. Considerações sobre identidade no campo teórico da Psicologia

Atualmente, no campo das Ciências Sociais, estudos têm mostrado que os modelos antigos de identidade estão sofrendo um processo de transformação, dando espaço a um novo formato, processo que tem gerado um desequilíbrio e merece atenção especial por parte dos estudiosos da área social. Contudo, identidade é um tema de interesse também de outros campos como, por exemplo, a Psicanálise e a Psicologia, uma vez que alguns pesquisadores acreditam que as identidades possa estar entrando no que pode se chamar de colapso.

Surgem indagações do tipo “Como posso ser professor, pai, filho e membro da comunidade ao mesmo tempo, sendo que, em alguns momentos, umas dessas identidades se sobressaem?” Isso porque um “eu” pode comportar todas essas facetas de identidade. Outra indagação: “e será que sempre prevalece uma determinada identidade sobre as outras?” São questionamentos como esses que mostram a complexidade do tema identidade e a necessidade de estudos transdisciplinares que contribuam para uma abordagem mais ampla. De forma que a Psicologia Social assim como a Psicanálise podem abordar, de maneira bastante satisfatória, a célebre questão do confronto entre vontades e liberdades individuais somadas ao peso das normas sociais.

Os estudos revelam que o conceito de identidade surgiu na Grécia antiga, de forma que, com o passar do tempo, se caracterizou por meio de diversas acepções em conformidade com a mentalidade de cada época. A história da identidade surge interligada com a história do

pensamento por isso o interesse da psicologia nos estudos identitários e nas tensões que são produzidas entre o "eu" e o "outro".

Na área da Psicologia, o estudo da identidade parece ter se desenvolvido em duas subáreas: por um lado, a Psicologia Social, que favorece o estudo das identidades sociais; por outro lado, a Psicologia Clínica, que desenvolveu o conceito de identidade pessoal, primordialmente definida como "a consciência de si como individualidade, singularidade, dotada de constância e de certa unicidade". (Lipiansky, 1992 *apud* Moreira & Oliveira 2000). Para a Psicologia, a identidade social é um aspecto da identidade individual, por isso, com o propósito de estabelecer a articulação entre o psicológico e o social, por meio da compreensão de que o sujeito se estrutura em contexto social, cultural e histórico, alguns autores normalmente articulam a noção de identidade social e pessoal partindo do pressuposto de que elas se justapõem.

O conceito de identidade pessoal, por muitas vezes utilizado pela Psicologia, traz uma contradição: por um lado, remete às noções de unicidade e especificidade, por outro à concepção de igualdade. Porém, os principais estudos apontam para o conceito de identidade relacionado a ser alguém único e igual aos outros, isso porque, para o campo da Psicologia, a identidade social se mistura à identidade individual.

Acresce que a identidade é um dos elementos chave para estudos que buscam a compreensão do social e até mesmo do indivíduo, pois a identidade é formada no social, na interação entre "eu" e o "outro".

2. Considerações sobre identidade no campo teórico da Análise do Discurso

Em Análise do Discurso, falar de identidade requer alguma medida de reflexão sobre conceitos básicos que permeiam essa ciência em forma de rede[1], conforme a definem seus principais teóricos. O que significa pensar alguns conceitos que são caros a essa cientificidade.

[1] Ferreira explica: *"Os analistas de discurso dispõem, então, de um aparato teórico complexo, composto por conceitos que se articulam engenhosamente na famosa "rede" do discurso, aquela composta de fios e furos operando com igual relevo: contam com um dispositivo analítico sólido, sem ser engessado, que ganha vitalidade ao ser mobilizado nas análises, e conseguem assim, a partir dos materiais e arquivos selecionados, produzir gestos de leitura muito particulares."*

Como seres simbólicos que somos, sempre aptos a reclamar os sentidos (das palavras, dos discursos ou das situações), logo nos predispomos a conceituar um significante, se já não é raro fazermos isso com outros, muito mais insistentemente o fazemos com a identidade, que diretamente nos define e nos significa. Começaremos por desconstruir uma referência básica de senso comum presente no conjunto de conceitos comumente arraigado à concepção de identidade: a relação entre identidade e indivíduo. A AD Pêcheutiana, ao se constituir nos entremeios da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise (Orlandi, 2012, p.19) vem a fazer da linguagem, a ferramenta da materialização da ideologia por meio dos atributos do inconsciente. Para a autora, principal representante da Análise do Discurso de linha francesa no Brasil, o homem percebe o mundo e com ele interage por meio da linguagem, isto é, do simbólico.

No entanto, o que ocorre nesse relacionamento entre homem e mundo, não é uma apreciação passiva, mas uma relação dialógica em que o homem, por meio da historicidade, significa o mundo ao mesmo tempo em que é envolvido pela ideologia que perpassa a história mundial sendo, da mesma forma, significado por ele.

Nesse sentido, Orlandi (2008, p.100) vem se fazer entender ao afirmar que "a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história".

Alguns estudiosos, alicerçados em outros campos teóricos, vão explicar a identidade a partir do indivíduo, bem como de suas relações com o outro, com a sociedade, com o ambiente cultural, etc. Todavia, para a AD de linha francesa, o indivíduo, ao ser atravessado pela ideologia, passa da condição de homem "consciente de suas ações" para a projeção de sujeito no momento em que, assujeitando-se à linguagem, diz, expressa algo. Esse dizer, que se funde e se confunde entre o passado e o presente da história, entre os ditos e os não ditos, acaba sendo realizado em meio a ilusões. Ato denominado por Pêcheux de esquecimentos: no esquecimento número 2 "todo sujeito falante "seleciona [...] um enunciado, forma e sequência e não outro"" (1997, p.161); ao passo que, o esquecimento número 1 "dá conta do fato de que o sujeito falante não pode por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina" (p.162).

Essa teoria explicita a necessidade do indivíduo de se apresentar como único, portador de uma identidade capaz de singularizá-lo, na medida em que, ao se posicionar como "construtor" do que diz, ilude-se, mas não abre mão de estar assegurado de ser ele a pensar, a escolher as palavras que significam o que ele quer, a fim de transmitir a mensagem na qual ele

acredita, e mais, sendo ele a origem da formulação do dizer, desconhecendo a própria realidade em que é inscrito como corporização[1] de tantos outros que já passaram. Além disso, o sujeito se define de tal forma que é capaz de transmitir ao seu interlocutor, ilusoriamente, o sentido que "atribui", enxergando-se como uma entidade única e original.

Em contrapartida, na realidade da AD, o dizer do sujeito não ocorre em quaisquer circunstâncias, mas se inscreve em dadas condições de produção. Na concomitância em que sujeito e sentido se constituem mutuamente, em meio a dispersões, esquecimentos, historicidade, sempre embalados pela ideologia, paradoxalmente, atemporal e de todos os tempos.

A identidade do sujeito, desse modo, é tão efêmera quanto ele, um tanto instável e imaginária; na mesma medida em que é apenas uma projeção em oposição ao outro, o mesmo outro que só é outro enquanto durar a existência do sujeito, ou seja, a identidade desse sujeito é tão representativa quanto ele, isto é, na mesma medida em que o sujeito é representado num jogo de imagens, sua identidade aflora em representação simbólica; o sujeito se mostra revelando um perfil identitário que nada mais é do que o reflexo das relações estabelecidas pelos elementos que compõem o jogo de imagens (jogo de imagens entre aspas) de Pêcheux.

Nesse sentido, a preocupação mútua entre interlocutores que se analisam e se questionam intrinsecamente: "Quem sou eu para lhe falar assim?/ Quem é ele para que eu lhe fale assim?/ Quem sou eu para que ele me fale assim?/ Quem é ele para que me fale assim?" reclama a definição de identidade, uma vez que, ao ser interpelado em sujeito pela ideologia, o indivíduo, segundo Orlandi, se desloca do "bio, psico para o social", ou seja, da forma sujeito-histórico para a individualização causada pelo Estado num sistema capitalista (2008, p. 106), tornando-se uma nova projeção, de acordo com "as instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde" (*ibid*.).

Essa transposição vem a auxiliar na compreensão ou delimitação da identidade localizada nesse sujeito. Ela será a soma das características impostas pela instituição por ele representada, ou seja, situado num lugar de sujeito, no momento e no espaço da formação discursiva, atravessado pela ideologia que o interpela, visitado por interdiscursos, que reverterá em intradiscurso, o sujeito ganhará forma ao mesmo tempo em que terá o discurso formulado por meio do assujeitamento à linguagem.

---

[1] Do verbo *corporizar*, entenda-se como dar forma de corpo; materializar.

Nessa complexidade de ocorrências, a identidade se revela representante da postura refletida pelo então sujeito, tão ideológica quanto ele, ao mesmo tempo registrada na história e pronta para se dispersar; ganhando significado em concomitância com o sentido que vai sendo construído entre o sujeito e o outro, inscritos na historicidade.

Sobre esse assunto Rodrigues (2010, p.85) se posiciona da seguinte maneira: "A identidade se apresenta e representa para si e para o(s) outro(s) que estiver (em) em questão e/ou disputa". Isso quer dizer que ela nasce no jogo tenso de representação das imagens, no embate entre o sujeito e o outro, na contradição dos posicionamentos, proveniente do lugar de onde fala. No momento em que os sentidos se constroem, é que a identidade do sujeito se revela e permanecerá construída enquanto durar o "cargo" desse sujeito, que só existe por causa da ideologia que o interpela, até que novas "formações imaginárias" (Pêcheux, 1997) venham apagá-lo e/ou (re) significá-lo.

Nesse sentido, como para a AD o sujeito não é uma materialidade vitalícia, mas uma inscrição imaginária e temporária, um elemento "pode assumir diversas identidades a partir de momentos específicos" (Rodrigues, 2010, p.87). O que vem a contribuir para o entendimento de que a identidade, para esse campo teórico, independe da constituição humana, individual. Ao contrário, é, de alguma forma, desligada da vida como um ciclo ou como uma evidência continuada de um ser, que nasce, cresce, reproduz e morre.

O sujeito, detentor da identidade existe submetido às condições de produção e ao sentido do discurso que materializa pela linguagem, enquanto é atravessado pela ideologia que move uma dada instituição, refletindo uma identidade condizente com o seu papel. Ao passo que o ser natural poderá ser projetado como sujeito de outros lugares onde for afetado por outras instituições, poderá também refletir outras identidades. Podemos depreender, na fala de Rodrigues que:

> [...] a identidade não é algo sempre lá, em algum lugar na/da linguagem, mas algo cuja característica é a de ser construída, reconstruída, transformada, "preservada", adaptada, significada a cada enunciação ou conjunto de enunciações, considerando as "circunstâncias sócio-históricas". (, 2010, p.88) – *grifos do autor*.

Ou seja, para a Análise do Discurso de linha francesa, a identidade é resultado da projeção da imagem de um determinado sujeito a partir de um dado lugar discursivo, reclamada por ele mesmo e pelo outro; e como a relação entre um, e outro, e mundo só se dá por meio da linguagem, que é um importante material de construção do discurso, que, por sua

vez é a materialização da ideologia, é coerente dizer que a identidade, em AD, está diretamente ligada à linguagem, não à sua estrutura, mas à sua funcionalidade, que é o discurso.

3. A importância de si e do outro na construção da identidade

A sociedade atual passa por mudanças significativas, como o avanço tecnológico, evolução do conhecimento e da produção, com uma rapidez que assusta, no entanto todas essas transformações são necessárias para a evolução da sociedade, essas mudanças históricas são continuação daquelas que ocorreram em todas as civilizações passadas.

Acredita-se que um dos desafios da atual sociedade e talvez o mais complexo seja a re-significação do lugar do outro na difícil representação da vida em sociedade, posto que muitos indivíduos como o negro, o índio, a mulher, o deficiente e outros eram, e muitos ainda o são, tratados à margem da sociedade, tida como desviante. Mesmo ocupando um espaço no meio social como escola, mercado de trabalho, mídia e outros segmentos sociais. Esses grupos vêm sendo historicamente marginalizados e discriminados.

Segundo (PFISTER, 1997, p. 93 *apud* FARIA, 2008, p. 99), essas categorias [...] "são privadas de qualquer possibilidade, o que dificulta a formação e a manutenção de uma identidade individual e coletiva" [...] No entanto, nessa relação entre o "eu" e o "outro", se faz necessário compreender que isso é de caráter binário, ou seja, para que um exista, se faz necessária a existência do outro. Portanto, ao afirmarmos o espaço do "eu", estamos imediatamente atribuindo os valores do "outro" e reforçando seu lugar como sujeito social e histórico.

Segundo Laing (1986: p.78), "não podemos fazer o relato fiel de "uma pessoa" sem falar da sua forma de se relacionar com o outro." Pois a identidade é construída pela relação do sujeito na relação com outros sujeitos, ou seja, cada sujeito se constrói e se completa no meio social, na troca de experiência. É nessa aproximação entre o "eu" e o "outro" que será construída a identidade do "eu".

Nesse sentido vale ressaltar que não se trata de sujeitos isolados, ou fora dos espaços sociais. Sabe-se que, nessa relação entre os sujeitos, existe uma estrutura política, psicológica, histórica e ideológica da qual esse sujeito faz parte, e com a qual interage. Dessa forma, a estrutura é uma peça chave, pois é através da influência dela que ocorrerá a efetivação da identidade.

Para Foucault, (1998.p.69) a relação entre o sujeito e a estrutura seria determinada pela interação com o meio e, ao mesmo tempo em que os sujeitos são transformados, eles também transformam o outro. Desse modo, a relação entre o sujeito e os espaços sociais, materiais, valores e ideologias influenciam e submetem a sua práxis. Enfim o sujeito é reflexo do meio, então é a maneira de relacionar com o meio social que irá fornecer condições para compreendê-lo, criticá-lo e transformá-lo, ou seja, está mergulhado nos valores ideológicos que se perpetuam na sociedade.

Sendo assim, Laing (1986: p. 90) diz que, "A primeira identidade social da pessoa lhe é conferida pelos demais. Aprendemos a ser quem nos dizem que somos." O que podemos entender sobre isso é que o nosso comportamento e ações são determinados na relação com o outro. De certa maneira, os sujeitos são personagens que se representam por meio de vários papéis e cada um deles é construído conforme as influências recebidas dos demais sujeitos que o rodeiam.

4. "Crise de identidade" ou identidade em crise?

Os estudos da área social em relação à identidade revelam que o sujeito, outrora visto como unificado, já não pode ser entendido como tal, uma vez que as velhas identidades, aquelas estabilizadas estão cada vez mais em declínio, dando espaço ás 'identidades fragmentadas'. Assim surge a "crise de identidade", que é parte de um processo ainda mais abrangente pelo qual a sociedade moderna tem passado, ou seja, as transformações sócio-políticas que o mundo tem sofrido, como por exemplo, a globalização, isso porque o que transmitia segurança aos indivíduos agora parece desfeito dentro da atual conjuntura econômico-político-social.

Segundo Hall (2011) o deslocamento, descentralização dos indivíduos tanto de seu local no mundo social e ou cultural como de si mesmos é o que chamamos de "crise de identidade". Vivemos tempos, que despertam uma série de incertezas, como, por exemplo, sujeitos de identidades fragmentas e múltiplas.

> Desta forma, a identidade na modernidade tornou-se crescentemente problemática e o assunto da própria identidade tornou-se por si só um problema. De fato, somente em uma sociedade ansiosa com sua identidade, poderiam surgir os problemas de identidade pessoal, ou auto-identidade, ou crise de identidade e tornarem-se preocupações e assuntos de debate (KELLNER, 1992 p. 143).

A identidade, por muito tempo, era considerada como uma questão pouco importante, e hoje é vista como um conceito que aponta para a problemática: as certezas de um mundo cartesiano começam a ser questionadas no período moderno. O fato de o sujeito não ter uma identidade unificada e sim fragmentada, ou seja, possuir várias identidades faz com que surjam questionamentos, dúvidas existenciais caracterizando assim a "crise de identidade".

Quanto mais o mundo se torna globalizado, ditado pelo mercado internacional e, consequentemente, pelo capitalismo, mais as identidades se mostram desvinculadas e deslocadas. Assim, depara-se com uma infinidade de identidades, cada uma apelando de forma diferente, espalhando-se a crença de que é possível escolher uma dentre tantas. É principalmente o consumismo e as mudanças constantes que contribui para esse efeito desconcertante em que o caos se instala no íntimo de cada indivíduo fazendo com que se sinta fragmentado e deslocado.

Em suma, discussões sobre identidade e "crise de identidade" servem como uma importante ferramenta para pesquisas de qualquer área que envolva a sociedade, em tempos em que o panorama é de crise, no qual há uma incessante busca por identificações e legitimações individuais e sociais. Então surge uma possibilidade de reflexão: o que tem sido visto como identidade em crise poderia ser entendido apenas como identidade em construção, nunca pronta e acabada, já que ela vai se formando e se constituindo conforme as relações com o outro.

Considerações Finais

Durante o desenvolvimento desse artigo sobre identidades, pôde-se verificar que os sujeitos são seres "de relação", ou seja, que só se realizam no momento em que se relacionam,.visto serem incompletos e inacabados. Sujeitos incompletos porque sem o outro não há existência, pois segundo os teóricos citados acima, o que diferencia o ser humano dos outros seres é sua capacidade de dar respostas aos diversos desafios que a realidade impõe. Mas essa apreensão da realidade e esse agir no mundo não se dão de maneira isolada. Portanto é na relação com os outros sujeitos ou entre as várias categorias existentes e, a partir da interação com o mundo, que uma nova realidade se constrói e novos sujeitos se fazem. Vão criando cultura, Ideologias, se materializando e, assim a vida segue construindo-se nova história.

As noções de identidade para a Psicologia aparecem de forma dicotômica: identidade individual e identidade social, mas as duas formas se articulam de forma quase imperceptível, pois identidades sociais se apresentam como um elemento da identidade pessoal.

Para a Análise de Discurso de linha francesa, a identidade é um elemento que se constitui em concomitância com a constituição do sujeito. O que vem a ocorrer em meio às condições de produção de um dado discurso. Nesse sentido, falar de identidade significa falar de sujeito. É importante, ainda, ressaltar que ambos só serão forjados em oposição a um *outro*, ou seja, mediante análises mútuas entre o sujeito e o outro, que, ao assumirem seus papéis, se definirão. Sempre a partir do lugar de onde falam, representando uma dada entidade detentora de uma ideologia em nome da qual falam. Na mesma medida em que podem se alternar nos papéis de sujeito e de outro.

O que precisamos ter em mente é que identidade não é algo simples que se possa definir em poucas palavras, a identidade é aquilo que se é em relação ao que não se é, uma pessoa não pode ser ela mesma e ser o outro, se é brasileira não é japonesa, no entanto, pode ser jovem, pode ser heterossexual. Do mesmo modo, existem posições de sujeito que não podem ser ocupadas ao mesmo tempo, vai depender do lugar de onde se fala. A relação com o outro é também a relação com a própria identidade, assim quando alguém está em conflito com o outro, também está em crise com a própria identidade, essa crise não é nada incomum, ou "algo de outro mundo" a identidade não é imóvel e estática, está em constante transformação e/ ou construção, os conflitos fazem parte também desse processo descontínuo.

Desse modo, evidencia-se que o processo de instauração da identidade é inerente às relações diretas e indiretas estabelecidas entre os pares em contextos sociais, seja no campo teórico da psicologia, da sociologia ou da Análise do discurso, entre outras cientificidades, além de ser processo em constante construção.

Referências

BRANCO FILHO, José Carlos Castelo (s.d.). A construção da identidade: tentativa de empreender um diálogo sobre a temática; Castelo Branco; Consultório de Psicologia, p. 24. Disponível em <http://www.castelobrancopsi.com/artigos.html>. Acesso em 12/07/2013

DESCHAMPS, Jean Claude; MOLINER, Pascal. A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis:Vozes, 2009.

FARIA, Eliete do Carmo Garcia Verbena.MULHER: algumas reflexões.*In* MARQUES, L. P. MARQUES, C. A..(Orgs.). *(Re)significando o outro*. Juiz de Fora. Ed. UFJF.2008.

FERREIRA, M. C. L. (2006). Análise do Discurso no Brasil: notas à sua história. Análise do Discurso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. http://spider.ufrgs.br/ discurso. Disponível em: <http:www.Discurso.ufrgs.br/impressão.ph3?id_article=18>. Acesso em 23 julho 2008.

FOUCAULT, Michel.**História da sexualidade a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio.** Trad. de Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o** moderno **e o pós-moderno.** Bauru: EDUSC, 2001.

LAING, Ronald D.: **Identidade Complementar**. In: O Eu e os Outros- O Relacionamento Interpessoal. Petrópolis: Vozes. 1986. Disponível em: http://www.dad.puc-rio.br.

LOPES, Luiz Paulo da Mota & BASTOS, Liliana Cabral: **Identidade recortes Multi e Interdisciplinares** – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MISHLER,Elliot G.**Narrativa e Identidade: A mão dupla do tempo** In: LOPES Luis Paulo de Moita e BASTOS, (Org) Identidades multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina de (Orgs.). Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Editora Goiânia: AB. Goiânia, 2000. 2a. ed.

ORLANDI, E. P. **Análise *de* Discurso*: princípios e procedimentos***. Campinas, SP: Pontes, 2012

_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**.Campinas, SP: Pontes, 2001.

PFISTER, Gertrud. **A história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista?** In ROMERO, elaine(org.). Mulheres em movimento. (Vitória:EDUFES, 1997, p.91-111).

RODRIGUES, M. L. **Identidade: movimento do sujeito** *In*: PEREIRA, D. C.; RODRIGUES, M. L. (Orgs) Língua e Literatura I: questões teóricas e práticas. São Paulo: Nelpa. 2010.

APENAS UM JOVEM LEITOR: PRÁTICAS ESCRILEITORAS NO FACEBOOK

ELISANGELA SANTOS DE CARVALHO
UNIFRAN

Resumo
As TICs (Tecnologia da Informação e da Comunicação) promoveram e estimularam diversas mudanças em vários âmbitos da vida social. Um dos espaços, em que se podem observar essas mudanças, com maior intensidade, é o ciberespaço, principalmente, as redes sociais. Atualmente, o facebook tornou-se uma das redes sociais mais utilizadas e apreciadas, em especial por adolescentes, e essa rede pode ser considerada um lugar profícuo para o estudo das práticas de leitura e escrita na atualidade. Alguns questionamentos se fazem para este estudo: Qual o comportamento linguístico e discursivo de adolescentes sobre suas práticas de leitura e de escrita no facebook , ou seja, o que comentam, escrevem na homepage sobre suas preferências de leitura, o que discutem sobre elas e o que sugerem de leitura aos seus pares? Objetiva-se, portanto, refletir sobre as práticas de leitura e de escrita presentes no facebook "Apenas um jovem leitor" e como essas práticas determinam o comportamento linguístico, discursivo e identitário dos leitores/escritores dessa homepage. O corpus do trabalho constitui-se dos discursos presentes no facebook "Apenas um jovem leitor", comunidade que possui mais de 2.848 "curtidores" e 09 "Top Fans" que participam publicando neste espaço. Para o referido estudo parte-se da reflexão sobre as mudanças nas práticas de leitura e de escrita e as diferenças dessas mudanças na cultura impressa e na cultura da tela ou cibercultura ancorando-se nos estudos culturais e no pensador Roger Chartier. Em seguida, para as questões que envolvem o comportamento linguístico, discursivo e identitário utiliza-se o aporte teórico-metodológico discursivo de linha francesa, precursor Michel Pêcheux, e nos estudos foucaultianos sobre discurso, prática social e discursiva, ordem do discurso e técnicas de si. No que tange a cibercultura e a contemporaneidade as reflexões pautam-se em Levy, Lemos, Recuero e para a identidade Bauman, Hall e Giddens. Os resultados preliminares apontam que os jovens leem e escrevem muito na atualidade, nem sempre o que leem são clássicos da literatura canônica apreciados principalmente pela escola, mas uma "literatura pop", tais como as sagas que são sucesso na contemporaneidade como Harry Porter e/ou autores como Percy Jakson.

Palavras-chave: Leitura e Escrita, Redes sociais, Discurso.

Introdução

Tem-se conhecimento que falar em leitura se torna por muitas vezes um tema envolvente e polêmico, cujas preocupações e incertezas percorrem um longo processo histórico-cultural, estreitando a relação entre a leitura de mundo e a leitura da palavra, fator fundamental para constituir a leitura como prática social.

No século XXI pode-se dizer que ler tornou-se um desafio, pois o número de linguagens e práticas de leitura em função das novas tecnologias da informação e do

conhecimento é diferente e estabelece por muitas vezes novas práticas, novos saberes e poderes (MOMESSO, 2006).

As TICs (Tecnologia da Informação e da Comunicação) promoveram e estimularam diversas mudanças em vários âmbitos da vida social. Um dos espaços, em que se podem observar essas mudanças, com maior intensidade, é o ciberespaço, principalmente, as redes sociais. Atualmente, o *facebook* tornou-se uma das redes sociais mais utilizadas e apreciadas, em especial por adolescentes, e essa rede pode ser considerada um lugar profícuo para o estudo das práticas de leitura e escrita na atualidade. Assim este estudo baseia-se nas práticas *escrileitoras* de adolescentes que utilizam as redes sociais no caso (*facebook*) para interagir, postar comentários a respeito de suas praticas de leituras, que na maioria das vezes se diferem das apresentadas na escola.

O presente estudo dessa forma justifica-se em função de alguns questionamentos: Qual o comportamento linguístico e discursivo de adolescentes sobre suas práticas de leitura e de escrita no *facebook*, ou seja, o que comentam, escrevem na homepage sobre suas preferências de leitura, o que discutem sobre elas e o que sugerem de leitura aos seus pares? O que os leva a considerar o *facebook* esse lugar privilegiado para apresentar suas preferências de leitura ?

Objetivo

Objetiva-se, refletir sobre as práticas de leitura e de escrita presentes na homepage do *facebook* "Apenas um jovem leitor".

Objetivo específico:

a) Analisar como essas práticas de leitura e de escrita determinam o comportamento linguístico, discursivo e identitário dos leitores/escritores da homepage "Apenas um jovem leitor".

b) Observar os efeitos de sentido que tais práticas adquirem na produção de representações e identidades dos sujeitos.

Descrição do *corpus*

O corpus do trabalho constitui-se dos discursos presentes no *facebook* "Apenas um jovem leitor", comunidade que possui mais de 3.287 "curtidores" e 09 *"TopFans"* que participam publicando neste espaço. Gerenciado pelos jovens Tefa e Maycon o espaço foi criado como afirmam seus criadores:

> O lugar perfeito para pessoas que gostam de uma boa história, pessoas que perdem a noção do tempo mergulhadas em nas paginas dos livros.Um café na mão e na outra um conto qualquer, apenas um jovem leitor.
> (Tefa e Maycon)

Possui ainda 5.248 fotos que representam pensamentos sobre a leitura, comentários sobre leituras realizadas que se relacionam com suas vidas em determinado momento. Apresenta-se como um lugar de informação e troca de vivências sobre leitura de jovens com uma faixa etária de 15 a 23 anos, que de certa forma elegem sua literatura, demonstrando preferência, por histórias fantásticas com personagens com quem se identificam, deixando assim de lado nesse ciberespaço as leituras consideradas importantes pela escola (canônicas) por considerarem o *facebook* lugar privilegiado onde não há supervisão nem cobranças a respeito do que se deve ou não ler, ou ainda, ser ou não uma boa leitura.

Arcabouço teórico

Para o referido estudo parte-se da reflexão sobre as mudanças nas práticas de leitura e de escrita e as diferenças dessas mudanças na cultura impressa e na cultura da tela ou cibercultura ancorando-se nos estudos culturais e no pensador Roger Chartier.

A leitura na internet costuma ser descontínua e fragmentária, e o leitor raramente percebe o sentido do todo e da contiguidade, que, por exemplo, o simples manuseio de um jornal.

> Alias, é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas esse objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a

> partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1998, p.12-13)

Em seguida, para as questões que envolvem o comportamento linguístico, discursivo e identitário utiliza-se o aporte teórico-metodológico discursivo de linha francesa, precursor Michel Pêcheux, e os estudos foucaultianos sobre discurso, prática social e discursiva, ordem do discurso e técnicas de si. Segundo Foulcault (1997) o sujeito não é algo sempre dado, mas constituído por meio de praticas discursivas, sociais, históricas entre outras.

No que tange a cibercultura, e a contemporaneidade as reflexões pautam-se em Levy, Lemos, Recuero e para a identidade Bauman, Hall e Giddens que apresentam teorias a respeito do homem moderno na web 2.0.

> As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades lúdicas, econômicas ou intelectuais, que seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. (LEVY,2010,pag. 135)

Metodologia

A metodologia utilizada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica e exploratória. Para tanto, buscou-se coletar textos e imagens da página em questão e submetê-los ao arcabouço teórico descrito. O estudo está sendo realizado de forma analítica e qualitativa das postagens e comentários da homepage "Apenas um jovem leitor" do período de janeiro de 2013 a agosto de 2013 , os recursos utilizados são artigos científicos, livros teóricos e outros apontados acima. A análise da página do *facebook* está relacionada aos estudos de pesquisadores da AD e filósofos da linguagem que desenvolvem importantes pesquisas nas áreas em questão. A pesquisa será apresentada em capítulos que trataram dos seguintes temas: 1) Práticas de leituras e escrita na atualidade; 2) Discurso, cibercultura e modernidade líquida; 3) Linguagem e hipertexto e 4) Análise do *corpus homepage/ facebook "Apenas um jovem leitor".*

Resultados preliminares

Os resultados preliminares apontam que os jovens leem e escrevem muito na atualidade, nem sempre o que leem são clássicos da literatura canônica apreciados principalmente pela escola, mas uma "literatura pop", Segundo Eni Orlandi:

> Uma vez que a escola tem procedido a um corte categórico das práticas do aluno que não se definem no espaço escolar, já fica excluído o fato de que o aluno não lê só na escola, mas também fora dela. Portanto, na definição desse aluno-leitor, já temos duas determinações negativas, exclui-se a sua relação com outras linguagens e exclui-se a sua prática de leitura não-escolar .Entre as propriedades desse aluno-leitor podemos então destacar a que o relaciona somente com a linguagem verbal e no interior da escola.Essa imagem do aluno é que tem sido o fundamental para as metodologias da leitura que são propostas. (ORLANDI, 2008, p.39).

A Internet proporciona para Bagno (2000), uma fala digitalizada, uma mistura das duas modalidades da língua nos quais seriam: fala e escrita. O teor só interessa a quem escreve e a quem lê. Do mesmo modo como é inútil tentar retificar a língua falada, igualmente seria inútil tentar corrigir a língua escrita na Web, porque ela é fugaz, efêmera e se dissipa no ar. Neste ponto de vista, vale destacar o que diz Chartier (2002):

> Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem)de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. (CHARTIER, 2002:62).

Tais fenômenos da internet fascinam principalmente adolescentes, confrontando com o pedagogismo que segundo Orlandi:

> Esse pedagogismo que aí se mostra desvincula de seu contexto social as soluções para os problemas de ensino.Ou seja,decide-se que não se sabe ler e propõe técnicas de leitura para que se dê conta, rapidamente, dessa dita incapacidade,generalizada,e que alguns até acreditam que seja inata, de que sofre o brasileiro ("brasileiro não le") (ORLANDI, 2008, p.30).

Como observa Braga (2005), nesta perspectiva, a linguagem tende a se convencionar aos limites e às probabilidades de expressão do novo meio. Tem de se entender que a comunicação mediada pelo computador, doravante CMC, aparece como uma via eficaz de alcance instantâneo na ampliação de horizontes e proliferação de ideias. Os e-mails, os chats,

os fóruns de discussão, as redes sociais, os blogs, etc. são meios apresentados pela Web que instigam as pessoas a se comunicarem através da escrita e a se tornarem leitores mais ativos também.

> Quanto mais se restituir ao trabalho intelectual sua complexidade e sua realidade histórico-social, menos "escolarizada" estará a reflexão e haverá mais possibilidades de que a leitura ganhe um contexto em que não precisará de "incentivos" para se que se cotidianize. Ela responderá então a uma necessidade real. (ORLANDI, 2008, p.33).

Referências

AMARAL, Sérgio F. As **novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade.** In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). A leitura nos oceanos da internet. São Paulo, Cortez, 2003.

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico.** São Paulo: Loyola, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegado**r. São Paulo: EditoraUNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999, 159p.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

INFANTE, U. **Texto: Leitura e escritas**. São Paulo: Scipione, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa.** 3. Ed. Campinas-SP: Pontes, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2003. 160p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do discurso.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MARCUSCHI. L. Antonio. Linearização**, cognição e referência: o desafio do hipertexto. Línguas e instrumentos lingüísticos.** Campinas, v.3, 21-45. Jan./jun. 1999.

MOMESSO, M. R. Sujeito Virtual: o ser entre a simulação e a realidade. *Diálogos Pertinentes*! *Revista Científica de Letras*, Universidade de Franca, Franca, v. 1, n. 1 p. 88-101, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso** - Princípios e procedimentos. 7. Edição, Campinas, SP, 2007.

_____. **Discurso e leitura**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.TAKAHASHI, Tadao. (org). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE *NÃO TENHO CULPA QUE A VIDA SEJA COMO ELA É*, DE NELSON RODRIGUES

ELZA CAROLINA BECKMAN PIEPER
MARCOS LÚCIO DE SOUSA GÓIS
UFGD

Resumo
O objetivo deste artigo é apresentar uma analisar discursiva de textos de Nelson Rodrigues, mobilizando Dominique Maingueneau como principal referência teórica. O problema de pesquisa que se propõe tem a ver com a seguinte observação: até que ponto Nelson Rodrigues pode, de fato, ser considerado um autor pornográfico? Para tanto, partir-se-á da leitura do texto Não tenho culpa que a vida seja como ela é (2009), de Nelson Rodrigues, autor qualificado duplamente como "Anjo" e "Pornográfico" no livro O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues (1992), de Ruy Castro. O principal objetivo dessa reflexão é problematizar o adjetivo "pornográfico" atribuído a esse autor. Metodologicamente, serão adotados dois procedimentos: primeiro, partir-se-á da leitura do livro de Ruy Castro para tentar entender o que faz, segundo Castro, de Nelson Rodrigues um autor pornográfico. Em outros termos, de que mirante Castro qualifica-o de "pornográfico". Segundo, far-se-á uma análise do livro de Nelson Rodrigues à luz de Dominique Maingueneau. A hipótese que se defenderá é a de que Rodrigues está mais próximo da literatura obscena, enquanto discurso, do que da pornográfica. Esta se apresenta como discurso atópico, situado num não-lugar, nos interstícios sociais, oscilando entre proibição e tolerância. Subjugada a uma censura universal, pois todas as sociedades estabelecem distinções entre o que é permitido e proibido na representação da sexualidade. Pretende-se mostrar que o livro Não tenho culpa que a vida seja como ela é pode ser definido como predominantemente obsceno, com variações eróticas e pornografia canônica velada. Embora se considere que os dados analisados não sejam suficientes para se chegar a conclusões finais sobre o assunto, acredita-se em sua importância, por, pelo menos, lançar dúvidas sobre o adjetivo "pornográfico" atribuído a Nelson Rodrigues. Espera-se, portanto, que o resultado da investigação contribua para a formação de saberes a partir da obra desse renomado escritor brasileiro.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Nelson Rodrigues; Discurso Pornográfico.

NELSON RODRIGUES: UM AUTOR PORNOGRÁFICO?

Nelson Rodrigues é considerado o fundador do teatro brasileiro. Segundo Pereira (1998, p. 17-18) antes das peças rodrigueanas, as representações predominantes baseavam-se em textos clássicos estrangeiros. Há também a questão da identidade cultural construída pelas telenovelas. Grande parte de atores veteranos iniciou a carreira nas peças de Nelson Rodrigues.

Tendo vivido a maior parte do tempo no Rio de Janeiro, metrópole comparada a São Paulo, além de ter sido a capital federal até 1960, sua atuação como jornalista e escritor exerce influência direta e indireta sobre intelectuais e artistas, tanto para louvá-lo quanto para amaldiçoá-lo.

O programa Fantástico da Rede Globo exibiu durante quatro domingos, a partir da semana do centenário de Nelson Rodrigues, que faria aniversário em 23 de agosto de 2012, episódios que representavam crônicas-contos da coluna *A vida como ela é...*. Os textos foram publicados inicialmente nos jornais onde Nelson Rodrigues trabalhou no período de 1950/70, sendo posteriormente adaptados para publicação em livro e representação no teatro, cinema e televisão.

A durabilidade da produção ficcional de Nelson Rodrigues, bem como sua popularidade, pode ser tomada como indicador de que o "anjo pornográfico" se mantém vivo na memória cultural brasileira e a "obsessão diabólica: o sexo e a morte de mãos dadas (CASTRO, 1992, p.25)" ainda causa desconforto e desperta interesse, apesar da suposta "liberação de costumes".

Partindo da alcunha de "anjo pornográfico", atribuída a Nelson Rodrigues pelo biógrafo Ruy Castro, pretendemos analisar a presença de elementos, em sua vida e obra, que o caracterizam ou não como um autor pornográfico. A escolha de *Não tenho culpa que a vida seja como ela é* (RODRIGUES, 2009), como objeto de investigação, deve-se a um motivo principal: são textos inéditos em livro. Foram escritos para a coluna *A vida como ela é...*, e não incorporados à obra homônima. Além disso, fazem parte do conjunto de textos em análise, duas crônicas-contos assinadas pelo pseudônimo "Suzana Flag".

Segundo Eco (2010, p. 22), um dos critérios que garante cientificidade a uma pesquisa refere-se à leitura crítica dos conceitos e interpretações estabelecidos. Deve-se partir de textos legítimos, autores clássicos, argumentos de autoridade, construir a própria visão sobre o tema e produzir análises baseadas em evidências que estimulem novas pesquisas, com novas contestações e novas hipóteses, alimentando a produção de conhecimento sobre o objeto.

Isso posto, importante iniciar as discussões perguntando-nos por que Ruy Castro define Nelson Rodrigues como um "anjo pornográfico"? O que o torna um "anjo"? Quais fatos de sua vida sustentam a denominação "pornográfico"? Considerando que as décadas de 1950/60 foram transicionais para a "liberação de costumes", Nelson Rodrigues era mais reacionário ou revolucionário? O que há de erótico, obsceno e pornográfico nas crônicas-contos do livro *Não tenho culpa que a vida seja como ela é*?

Há vários estudos sobre Nelson Rodrigues na Literatura, mas em Linguística, a pesquisa ainda é escassa. Encontramos diversos artigos, dissertações e teses voltados para os Estudos Culturais e Comparados[1], porém, faltam produções na Análise do Discurso.

Sobre o discurso pornográfico também não há muitas publicações. Os pesquisadores da Linguística Textual e Discursiva precisam atentar mais para as questões da "vontade de nobreza" do erotismo, dos "traços agregadores" da obscenidade e da "vontade de verdade" da pornografia (MAINGUENEAU, 2010).

Mais raras ainda são as investigações sobre a presença da pornografia na obra de Nelson Rodrigues. Consideramos necessária a problematização dos simulacros contraditórios de "autor puritano" e "autor escandaloso". Baseando-nos em Maingueneau, quais são as "condições do dizer que atravessam o dito (2001b, p. ix-x)" sobre o "sagrado" e o "profano" em Nelson Rodrigues?

OBSCENO, ERÓTICO E PORNOGRÁFICO À LUZ DE MAINGUENEAU

A produção pornográfica constitui um regime discursivo que requer teorizações sobre sua ordem, visto que se trata de objeto de estudo derivado da literatura, pois o sufixo *grafia* se relaciona diretamente ao prefixo *littera*, designando inscrição, literatura de temática sexual.

Nomeada com prefixo derivado do grego antigo, *porné*, designando prostituta, no século XIX, pornografia passa a nomear representações de "coisas obscenas". A pornografia costuma ser, por assim dizer, direta na apresentação da atividade sexual, visando à estimulação libidinal do leitor.

Na delicada questão da censura, sobre a literatura pornográfica não há, para Maingueneau (2010), critérios fixos porque é o contexto sócio-histórico que determina o que é lícito, ilícito, tolerado. Há textos assumidamente pornográficos que circulam extraoficialmente; enquanto outros se tornam pornográficos na leitura, sem que o autor tenha desejado isso.

Ainda nessa linha de apresentação, Maingueneau faz distinção também entre gêneros pornográficos e práticas verbais que investem na sexualidade: histórias obscenas, canções

[1] Foram pesquisadas nas seguintes fontes:
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) - http://bdtd.ibict.br/
Portal de Periódicos CAPES - http://www.periodicos.capes.gov.br/

caseiras, insultos, manuais de educação sexual. Por exemplo, é a radicalização ocidental da oposição mente/corpo, cultura/natureza, que provoca a rotulação pornográfica de obras didáticas como o *Kama Sutra* (MAINGUENEAU, 2010, p.21).

Assim, Maingueneau (idem, p.18) nos apresenta a literatura pornográfica como um tipo de discurso assim dividido:

a) sequências pornográficas: textos pornográficos que enfatizam os momentos estimulantes, com trechos suscetíveis de consumo pornográfico. Nos séculos XVI e XVII, o diálogo é o gênero predominante nas obras pornográficas. O padrão é a iniciação na prostituição ensinada por mulheres maduras a mulheres jovens.

b) obras pornográficas: paraliteratura romanesca direcionada para o todo do texto, com intenção global de estimulação sexual. No século XVIII, o romance é o gênero representante do relato pornográfico.

Enquanto tipo discursivo, a literatura pornográfica sofre dupla negação (idem, p.24):

1) Ordem do fato: toda sociedade produz, mas não assume: palavrões, pornografia, etc.

2) Ordem do direito: a legitimação da pornografia fere a cultura.

A literatura pornográfica é um discurso atópico, situado num não-lugar, nos interstícios sociais, oscilando entre proibição e tolerância. Subjugada a uma censura universal, pois todas as sociedades estabelecem distinções entre o que é permitido e proibido na representação da sexualidade.

Nos próximos itens, apresentamos o ponto de vista de Maingueneau sobre os pares obsceno-masculino, erótico-feminino, objetivando deixar explícito os conceitos que serão utilizados na leitura do livro que compõe o *corpus* desta pesquisa.

Pretendemos demonstrar que o livro *Não tenho culpa que a vida seja como ela é* pode ser definido como predominantemente obsceno, com variações eróticas e pornografia canônica velada.

Obsceno e Masculinidade

O traço mais forte do obsceno é a diferenciação sexual, pois a dominação discursiva masculina provoca a hostilização ao feminino e, ao tomar a mulher como objeto, retira-lhe o direito à voz.

Trabalhando sobre os deslizes possíveis da linguagem, o discurso obsceno busca evocar transgressivamente a sexualidade. Busca a inversão de valores. Promove a contestação

verbal das hierarquias sociais, religiosas, políticas e econômicas. Há uma conexão entre prazer verbal e prazer sexual.

O núcleo do relato obsceno está no conflito entre um forte e um esperto, em que este consegue sua vitória enganando àquele. O objetivo do relato obsceno não é descrever a relação sexual, mas o prazer da transgressão jurídico-religiosa, tendo como principal alvo a instituição “casamento”.

A pornografia, pressupondo um leitor desejoso-solitário, incentiva a excitação sexual assumindo um caráter sério. Inversamente, a obscenidade implica um leitor malicioso-coletivo, buscando o riso como substituto do prazer sexual.

Erótico e Feminilidade

O pornográfico apresenta uma vontade de verdade que se realiza, na visão de Maingueneau (2010), na descrição direta, com tendências masculinas, selvagens, grosseiras, prosaicas, comerciais, materiais. No erótico, observa-se, por usa vez, uma vontade de nobreza pela rejeição à pornografia, com a valorização do feminino, do civilizado, do refinado, do poético, do artístico, do espiritual.

A literatura se aproximaria, assim, mais do erótico do que do pornográfico. Enquanto este tem finalidades pragmáticas e mercadológicas, aquele assume uma postura estética e poética por meio de linguagens que enfatizam o deslocamento semântico, o embelezamento da representação, o duplo sentido, a indireção.

A pornografia é caracterizada por ausência de pontuação, forte oralidade, visando provocar a excitação sexual, recorrendo à aceleração rítmica, transparência nas descrições, foco nos órgãos genitais, ênfase no ato.

No erótico enfatizam-se as transições e ambiguidades, focalização de zonas erógenas indiretas, alusões (metáforas e metonímias), mediações (evocação de paisagens surreais, ênfase no pensamento e na emoção).

Pornográfico e Sexualidade Mercadológica

A transformação da pornografia em mercadoria surge como reação dos dispositivos de poder, conforme Foucault (1979, p.147), à manifestação de resistência dos corpos que

recorrem à busca de prazer visando contornar as normas morais impostas pelas diversas instâncias disciplinares.

A postura pornográfica revela, para Maingueneau (2010), tendências transgressoras à medida que promove uma invasão na intimidade e torna profano o que deveria ser mantido como sagrado. O espaço delimitador do pornográfico obedece, no entanto, às normas morais vigentes na sociedade, pois a eficácia da pornografia é obtida pela transgressão do limite.

O conteúdo da pornografia é baseado em relações sexuais comuns, orgias e estupros. Para atingir o objetivo de despertar a libido do leitor, é preciso valer-se de atividades sexuais extraordinárias, visando à sensação libertadora da ficção e realistas, facilitando a identificação com os personagens.

Considerando o princípio de cooperação ou satisfação partilhada, Maingueneau apresenta três zonas reguladoras do mercado pornográfico:

1) Pornografia canônica: cooperação e representação de atividades aceitáveis do ponto de vista dos valores sociais.

2) Pornografia tolerada: satisfação partilhada mantida, porém realizada através de práticas anormais, oriundas de comunidades marginalizadas.

3) Pornografia interdita: desobediência à regra de satisfação partilhada e infração legal: pedofilia, estupro.

A pornografia canônica revela uma vontade de permissividade, por meio de incentivo à exposição aberta dos desejos, sem grandes consequências morais ou legais. A legitimação decorre da ênfase nas questões biológicas, porque se trata de adultos buscando sua satisfação sexual.

ALGUMAS ANÁLISES

Discurso Erótico: "A Morte Pornográfica"[1]

Heliodoro e Odaleia são noivos. Ele é descontraído nos modos e na linguagem, morador da periferia. Ela é refinada na educação, delicada nos gestos e tem uma timidez indicativa de família tradicional. Três dias antes do casamento, o noivo se queixa do

[1] Publicado em 28 de outubro de 1959. (RODRIGUES, 2009, p.40-44).

constrangimento que a diferença entre eles lhe causa. Então pede que ela fale um palavrão, alegando que iriam se casar por isso não deveriam ter pudores entre si. Apesar de chocada com o apelo, a noiva não se exaltou e reagiu desconversando.

> Ele teria preferido que, em vez dessa polidez extraterrena, a pequena lhe cuspisse na cara. Foi para casa numa humilhação atroz. Eis a verdade: - aquela menina, que jamais dera uma gargalhada, fazia-o sentir-se inferior. A pornografia, que ele pedira, seria uma solução igualitária ou, por outra, viria nivelá-los.
> A caminho de casa, Heliodoro fez para si mesmo a graça lúgubre: - "Não sei como é que Odaleia tem uma coisa tão deselegante como a saliva!" Mais tarde, no quarto, enfiando-se no pijama, gemia: - "Ah, se ela me dissesse um palavrão!"
> No dia seguinte, ele saiu de casa muito cedo. Já de férias no emprego, ia fazer o cabelo para o casamento. [...] mal pôs o pé fora do meio-fio, quando acontece tudo: - um lotação que vinha numa velocidade assassina o apanha, de raspão. [...] Só foi acordar 24 horas depois, no pronto socorro. [...] E mal sabia que o médico chamara os parentes e avisara: - É o fim. [...]
> Dir-se-ia que o moribundo precisava de um nome feio para morrer em paz. Mas a pequena resistia. Um tio do rapaz ofereceu-lhe para dizer a pornografia no lugar da noiva. Heliodoro reagiu: - "Quero Odaleia... Um palavrão, diz..." Então, a família fez pressão sobre a pequena. Até o médico pigarreia: - "Escuta, não custa. É o último pedido." Por fim, com alívio geral, ela decidiu-se. Mas esbarrou com um problema: - qual? – Seu olhar é interrogativo. A mãe a puxa para um canto e sopra a sugestão. Então, a menina volta e diz o nome feio baixinho. O agonizante exige: - "Alto..." Com um leve rubor, Odaleia pronuncia, nitidamente, todas as letras. Ao ouvir, o rosto de moribundo tomou uma expressão de felicidade sobre-humana. Assim morreu. (RODRIGUES, 2009, p.40-44).

Apesar do direcionamento do título, confirmamos a tese de que a literatura costuma se aproximar mais do discurso erótico do que do pornográfico (MAINGUENEAU, 2010, p.33-35). Pois, enquanto este tem finalidades pragmáticas e mercadológicas, aquele assume uma postura estética e poética por meio de linguagens que enfatizam o deslocamento semântico, o embelezamento da representação, o duplo sentido, a indireção.

Ainda segundo Maingueneau (idem), as diferenças entre pornografia e erotismo são marcadas por polarizações. O pornográfico é distinto pela vontade de verdade por meio de descrição direta, tendência machista, biologia como norma e grosseria, conforme observamos nas seguintes passagens: "Ele teria preferido que, em vez dessa polidez extraterrena, a pequena lhe cuspisse na cara"; "Não sei como é que Odaleia tem uma coisa tão deselegante como a saliva!".

O erótico se apresenta, por sua vez, como vontade de nobreza, pela superação das características simplistas da pornografia, valendo-se de polissemia, romantismo, princípios morais como forças educadoras e reguladoras, além da delicadeza, presentes nos trechos a seguir: "Mais tarde, no quarto, enfiando-se no pijama, gemia: - 'Ah, se ela me dissesse um palavrão!'" e "Então, a menina volta e diz o nome feio baixinho. O agonizante exige: - 'Alto...' Com um leve rubor, Odaleia pronuncia, nitidamente, todas as letras."

Os personagens Heliodoro e Odaleia foram caracterizados de modo a representar o conflito entre pornografia e erotismo. E o mecanismo que equilibra essa luta se encontra na linguagem, pois, segundo Preti (2010, p. 84), o palavrão tem função catártica, proporcionando um relaxamento em relação às pressões sofridas pelas pessoas de todas as classes sociais. Posicionamento semelhante encontramos em Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 377), quando definem o erotismo como a força que move o ser humano, comum à pornografia, à literatura refinada e às relações marcadas por traços espirituais.

Discurso obsceno: "Viuvíssima"[1]

Josué é um solteiro convicto de 45 anos. Apesar de sedutor de mulheres bem mais jovens, encontra-se seduzido por uma senhora de 46 anos, com filhos adultos e viúva, chamada Diva. Durante um ano e meio, Josué tentou conquistar a "mulher difícil" e apaixonada por Alexandre, o finado marido. Após dois anos de namoro recatado, noivaram.

> Faltando uns 15 dias para o casamento, ela crava no peito do noivo, o seguinte pedido: – 'Deixa que eu te chame de Alexandre, deixa!' Toma um susto: – 'Pra quê? E que piada é essa?' Diva, porém, fora de si, apertou-lhe o rosto entre as mãos e sorveu-lhe a boca, num beijo sem fim. E, depois, dizendo: 'Alexandre, Alexandre.' O pobre diabo sentia que ela estava beijando, através dele, o defunto marido. Ao se despedirem, Diva insistia: 'Deixa que eu te chame de Alexandre!' Fez das tripas coração e admitiu: – 'Está bem, está bem'.
>
> Podia ser uma extravagância, que, todavia, apresentava uma vantagem: – 'Diva pensava no outro, mas beijava a ele.' Enfim, casaram-se. [...] estão sós, no quarto nupcial. Ela se lança nos seus braços e há um primeiro beijo, depois outro, um terceiro. Súbito, Diva desprende-se com violência. [...] e tem um fundo lamento de mulher: – 'Não é a mesma coisa. Ninguém beija como meu marido, ninguém'.
>
> Ele estaria disposto a ser chamado de Alexandre o resto da vida. [...] a ser o médium entre a esposa e o marido anterior. Mas o episódio do beijo o

[1] Assinado por Suzana Flag e publicado em 30 de junho de 1955. (RODRIGUES, 2009, p. 250-256).

> alucinou. Deu-lhe uma raiva cega, obtusa, um ódio contra tudo e contra todos. Primeiro investiu contra os móveis: afundou o pé no espelho; arremessou pela janela o rádio de cabeceira. Em seguida, virou-se contra a mulher apavorada: – deu-lhe uma surra tremenda. A partir de então, foi amado. (RODRIGUES, 2009, p.254-256).

Esta crônica-conto está relacionada ao episódio presenciado por Nelson Rodrigues, e narrado por Ruy Castro, em que um marido submisso era constantemente maltratado pela esposa. Um dia, cansado da humilhação, bate na esposa e, finalmente, ela o reconhece como homem e passa a lhe respeitar.

Merece destaque o fato de o texto ser assinado por pseudônimo, pois conforme Maingueneau em *Elementos de linguística para o texto literário*, no capítulo sobre a polifonia, discutindo a diferença entre sujeito falante e locutor:

> O simples fato de que bem frequentemente os escritores publicam sob um **pseudônimo** é revelador do corte que o discurso literário estabelece entre a instância produtora e a instância que assume a enunciação. Assinar por pseudônimo é construir ao lado do "eu" biográfico a identidade de um sujeito que só tem existência na e pela instituição literária. O recurso ao pseudônimo implica a possibilidade de isolar, no conjunto ilimitado das propriedades que definem o escritor, uma propriedade particular, a de escrever literatura, e de fazer dela o suporte de um nome próprio (MAINGUENEAU, 2001a, p. 87).

Desse modo, o sujeito falante corresponde à pessoa física do escritor ou autor empírico. Enquanto o locutor remete ao narrador enquanto pessoa jurídica, autor institucional. O enunciado estaria mais relacionado ao produtor concreto, à pessoa real que escreveu de fato o texto. A enunciação deriva das questões pragmáticas que constituem o discurso literário, da dimensão transcendental que demonstra seus ideais de beleza, bondade e justiça.

O *archéion* é a transcendentalidade que atribui o estatuto do discurso constituinte no interior do interdiscurso. Os enunciadores se comprometem com seus princípios fundadores para responder quem pode falar e quem deve ouvir; o que falar em tal momento e em tal lugar; quais os gêneros textuais adequados para cada situação.

Segundo Maingueneau (2010, p.25), o texto obsceno visa à transgressão de forma justificada pelas circunstâncias. É uma prática discursiva identitária, pois se fundamenta em valores característicos de determinados grupos. Sua origem está na oralidade, na interação informal entre representantes de comunidades culturais. Por isso, tende a expressar valores politicamente incorretos, ou agressivos a outros grupos.

A obscenidade também tem princípio na convivência dos grupos formados por maioria masculina (MAINGUENEAU, p.26). A fórmula básica implicaria: o contador da história, o ouvinte cúmplice e a mulher agredida. Visando à substituição imaginária do gozo sexual pelo riso, o narrador provoca o humor, o narratário avalia a cena, e a mulher é excluída do diálogo.

Essa fórmula deriva do conceito de chiste obsceno, desenvolvido por Freud em 1905. Enquanto o chiste hostil visa principalmente à agressividade, o chiste obsceno busca o desnudamento:

> As esferas da sexualidade e da obscenidade oferecem a maior ocasião para a obtenção do prazer cômico juntamente com uma agradável excitação sexual; pois elas podem mostrar os seres humanos em sua dependência das funções corporais (degradação) ou podem revelar os requisitos físicos subjacentes à proclamação do amor mental (desmascaramento) (FREUD, 1996, p. 207).

O chiste constitui produção verbal que causa riso em seu enunciador à medida que este adota o ponto de vista de observador e não de observado (FREUD, 1996, p. 17). Busca-se uma contradição, algo constrangedor a alguma pessoa ou coisa, e emite-se uma opinião que relativiza o escândalo, ao mesmo tempo, que o expõe.

Em *Viuvíssima*, Josué é o observador que reprimiu seus desejos em relação à Diva, a observada, durante todo o tempo de namoro e noivado, cumprindo todas as condições estabelecidas, esperando que ela cumprisse sua parte na noite de núpcias. Porém, a partir do momento em que ela resiste, alegando que o finado marido é insubstituível, o leitor cúmplice se identifica com a indignação de Josué, justifica a punição recebida por Diva, e instala-se o riso.

O texto obsceno promove a carnavalização literária por meio da troca de papéis, do deslocamento de lugares sagrados e profanos (MAINGUENEAU, p.26). No caso de Josué, o marido inverte a posição dominada e assume a posição dominante no casamento. O filósofo-linguista russo Mikhail Bakhtin afirma que a origem histórica da carnavalização e do discurso romanesco está ligada ao riso e ao plurilinguismo presentes na cultura popular da Antiguidade Greco-Romana. O riso tem o poder de promover a quebra de hierarquia cultural e social nas obras artístico-literárias como forma de resistência da classe popular:

> A consciência artístico-literária dos romanos não concebia uma forma sem o seu equivalente cômico. [...] A literatura romana, em particular a que era inferior, popular, produziu imensa quantidade de formas de travestimento paródico. [...] A cultura européia aprendeu com os romanos a rir e

> ridicularizar. [...] Deste modo, a Antiguidade, ao lado dos grandes modelos dos gêneros diretos e do discurso direto não-alusivo, constituiu um mundo complexo, rico das mais variadas formas, tipos e variações paródico-travestizantes do discurso indireto e alusivo. (BAKHTIN, 2010, p.377).

O relato obsceno não focaliza a relação sexual, mas o prazer da transgressão para a própria satisfação (MAINGUENEAU, p.27). Josué transgrediu a lei imposta por Diva de anular-se para não tomar o lugar de Alexandre, o marido morto. O leitor é interpelado como participante de uma malícia coletiva (MAINGUENEAU, p.27). Esse coletivo costuma assumir discursos de caráter egoísta e irresponsável que se manifestam tanto na história vivida pelos personagens quanto na postura do narrador.

A esperança na superação da agressividade masculina depende da quebra da oposição binária entre homem e mulher, complexificação do olhar e da atribuição de papeis privados e públicos a ambos os sexos, respeito efetivo aos indivíduos não heterossexuais, integração do sexo a outras atividades humanas.

Conforme Maingueneau (2010, p.132), o discurso obsceno/pornográfico não é a verdadeira sexualidade masculina, e sim uma compensação das angústias causadas pelos combates entre identidade masculina e feminina. A valorização da linguagem politicamente correta demonstra que a obscenidade extrapola o campo sexual. Mas os novos interditos mantêm relação direta com a sexualidade, que reforça o que a sociedade omite.

Discurso pornográfico: "Vendida"[1]

Jandira e Ronaldo são um casal em lua de mel. Ela, oriunda de família rica, acreditava que depois de casada deveria ser sustentada pelo marido; ele abandonou o emprego na véspera do casamento, contando com a ajuda do pai da noiva. Após quinze dias de casados, as expectativas são expostas e frustradas. Confirmada a decisão de Jandira de não pedir ajuda à família, Ronaldo avisa que vai sair, voltará para jantar com visita e tem um plano para conseguir dinheiro. Na volta, apresenta à esposa um senhor chamado Portela. Jandira estranha a forma insistente com que o marido e a visita elogiam sua beleza. Após o jantar, Ronaldo sai para comprar cigarros e deixa a esposa a sós com Portela. Ele se sente à vontade para se aproximar de Jandira, insiste em elogiar a beleza da mulher e começa beijar-lhe as mãos. Assustada, ela corre pela sala e ameaça chamar o marido. Portela não entende e se irrita com a

[1] Publicado em 23 de outubro de 1958. (RODRIGUES, 2009, p.146-150).

resistência. Então,

> Passa-lhe o cheque, que Jandira apanha e examina. Ofegante, não resiste mais; balbucia, no seu assombro: — "Quer dizer que foi ele?... Vendeu-me por cem contos?... E na lua de mel? Cem contos?" Então, na sua fúria meticulosa, rasgou o cheque em pedacinhos e atirou para o ar o papel picado como confete. Portela pergunta: "Que é isso?" E ela:
> — Não resistirei mais. Pode me beijar, mas de graça. Vou ser de um, de muitos, de todos, mas não quero custar nada, um tostão, um vintém!
> Uma hora depois, aparece Ronaldo. Portela já estava de saída. Jandira leva-o até a porta. E Ronaldo ouviu-a dizer:
> — Volte quando quiser, mas de graça. Avise a seus conhecidos que o cão do meu marido não vai ganhar um tostão comigo! (RODRIGUES, 2009, p.150).

Este recorte pode ser relacionado ao trecho do romance de Zola, analisado por Maingueneau em *O Discurso Pornográfico* (2010, p.52), por se tratar de um relato pornográfico sob a forma de elisão de cena:

> Então, como que tomada por uma necessidade de sono, ela se deixou cair sobre o ombro de Henri, ela se deixou levar. Atrás deles, a outra cortina da portinhola escapou da braçadeira.
> Quando Hélène voltou, de pés nus, a procurar seus sapatos diante do fogo que morria, ela pensava que eles jamais tinham se amado tão pouco quanto naquele dia (ZOLA, p.359 *apud* MAINGUENEAU, 2010, p.52).

Apesar de não ter sido descrita, a cena foi concluída, cumprindo o contrato tácito do texto pornográfico. Segundo Maingueneau (2010, p.51), entre o momento do reconhecimento mútuo dos parceiros sexuais e a satisfação do desejo, ocorre a cena. Esta não pode ser interrompida antes do orgasmo.

Considerando-se a finalidade do texto pornográfico de representação, não do desejo, mas sim de sua satisfação (MAINGUENEAU, 2010, p.51), do estabelecimento do contrato pornográfico na sentença: "Não resistirei mais [...]" à finalização comprovada em "Uma hora depois [...]", no espaço em branco entre dois parágrafos, encontramos, de forma implícita, a efetivação do relato pornográfico.

Os personagens são apresentados sem sobrenome, visando uma identificação universal e a focalização na vida sexual (MAINGUENEAU, 2010, p.63). Exceto Portela, identificado pelo sobrenome para simbolizar a inserção social relacionada ao dinheiro[1].

[1] No poema "Quadrilha", Carlos Drummond de Andrade constrói uma cena semelhante à de Nelson Rodrigues, em relação à utilização de nomes e sobrenomes para ilustrar as diferenciações entre classes socioeconômicas:

Nas histórias pornográficas, em geral, as mulheres inexperientes demonstram inibição no início do relato, mas a ajuda de uma mulher vivida ou de um homem sedutor proporciona o resultado esperado, a satisfação do desejo. Quando as protagonistas são mulheres já iniciadas, como é o caso da personagem Jandira que consumou o casamento na lua de mel, a partir do momento em que aceitam o contrato pornográfico, agem como se não houvessem obstáculos relacionados às diferenças de gênero (MAINGUENEAU, 2010, p.65).

Na frase: "Pode me beijar [...]", identificamos o princípio de cooperação (MAINGUENEAU, 2010, p.44-45), o qual estabelece o natural como norma, pressupondo que, ao assumir os próprios desejos, os parceiros automaticamente correspondem às expectativas do outro participante da relação. Ao manifestar sua revolta com a atitude do marido: "— 'Quer dizer que foi ele?... Vendeu-me por cem contos?... E na lua de mel? [...]", Jandira decide se vingar: "[...] não quero custar nada, um tostão, um vintém!". Dessa forma, o relato pornográfico justifica sua legitimidade visando aliviar o sentimento de culpa do personagem e do leitor.

Na sentença "Vou ser de um, de muitos, de todos [...]", a personagem expressa sua decisão de assumir uma nova vida, caracterizada pela permanente troca de parceiros (MAINGUENEAU, 2010, p.64) e do oferecimento sexual. O protagonista feminino é típico do relato pornográfico, pois visa aproximar a mulher da sexualidade masculina, pressupondo-se que o homem é "liberado" por natureza (idem, p.64-65).

A escrita pornográfica se mostra desprovida de censura, mas, conforme Maingueneau (2010, p.66), sua origem está na censura que nega as diferenças comportamentais existentes na forma de lidar com a verdade do sexo por parte de homens e mulheres.

"João amava Teresa que amava Raimundo / Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / Que não amava ninguém / João foi prá os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história". Observemos que nessa "dança', nessa "formação", apenas Lili (em geral, apelido) e J. Pinto Fernandes (sobrenome) não têm nome. O que nos permite dizer que Lili não se casou com alguém (um nome), por amor, mas com um sobrenome, comercial, burguês. Não há amor entre eles; apenas firmaram um contrato casando-se. Cf. SILVA, 2009.

Considerações Finais

A partir de certa a imagem de "pornográfico" de Nelson Rodrigues, construída por Ruy Castro, no livro *O Anjo Pornográfico*, bem como a caracterização dos conflitos com a sociedade brasileira de sua época, percebemos um simulacro de autor escandaloso. Apesar de fortemente marcado por influência de religiosidade, insistia em representar personagens dominados pelos instintos sexuais e de morte.

Ainda considerando Castro, encontramos indícios de que Nelson Rodrigues ora reforçava seu papel de escritor ofensivo, ora justificava que tal lugar lhe era atribuído devido à incapacidade do público de aceitar suas fragilidades. Quando precisava impor sua originalidade, exagerava nas histórias de adultério, suicídio, assassinato. Para conseguir certo acolhimento, valia-se do humor.

Com a leitura da obra *Não tenho culpa que a vida seja como ela é*, tomando como perspectiva de análise os conceitos de discurso erótico, obsceno e pornográfico desenvolvidos por Dominique Maingueneau (2010), encontramos a predominância de traços obscenos, com algumas variações eróticas e a presença mínima de pornografia, mesmo assim de forma implícita.

Nos textos analisados, confirmamos certa tese de Maingueneau (2010, p.28) de que o relato obsceno não visa à descrição do ato sexual, mas o prazer da transgressão jurídico-religiosa, por meio da destruição simbólica de instituições sérias e sagradas, como o "casamento". Enquanto a pornografia, pressupondo um leitor desejoso-solitário, incentiva à excitação sexual assumindo a verossimilhança, a obscenidade implica um leitor malicioso-coletivo, adotando o humor como substituto do prazer sexual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética:* a teoria do romance. Trad.Aurora Bernardini [et. al.]. São Paulo: Hucitec, 2010.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*: A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos* – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva... [et. al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo:

Perspectiva, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. *Os Chistes e a Sua Relação com o Inconsciente*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário.* Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. *O Discurso Pornográfico*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. *A Musa Carrancuda*: teatro e poder no Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PRETI, Dino. *A linguagem proibida* - um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: LPB, 2010.

RODRIGUES, Nelson. *Não tenho culpa que a vida seja como ela é.* Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SILVA, Andréia A. Quadrilha: uma análise da relação poesia e música. In: *Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários*. 3, 2007, Maringá. ANAIS. 2009, p. 138-149. Disponível em <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/014.pdf>. Acesso em 4 de julho de 2012.

TRADUÇÃO E AS CATEGORIAS BAKHTINIANAS

ENEIDA GOMES NALINI DE OLIVEIRA
RENATA COELHO MARCHEZAN
UNESP/Araraquara

Resumo
Este artigo examina a prática da tradução sob a perspectiva das obras de M. Bakhtin e seu Círculo com destaque para as noções das relações dialógicas e analisar a crônica de Clarice Lispector sobre tradução. Através de estudos complementares sobre o fazer tradutório, nossa meta é investigar os processos que esse caminho envolve. Buscamos os estudos do Círculo Bakhtiniano, Brandist (2009), Zbinden (2006), Ponzio (2010), Sobral (2010) e Petrilli (2012) para analisar questões relevantes deste estudo.

Palavras-chave: Círculo bakhtiniano; Clarice Lispector; teatro; tradução.

Abstract
This article examines the practice of translation taking into account Bahktin Circle's masterpieces emphasizing the notions of dialogic relations and analyse Clarice Lispector's chronicle about translation. Through supplementary studies about the matters related to translation, our aim is to investigate the processes that this practice involves. We based our research in the studies of Bakhtin's Circle, Brandist (2009), Zbinden (2006), Ponzio (2010), Sobral (2010) and Petrilli (2012).

Key words: Bakhtin Circle; Clarice Lispector; theatre; translation.

Introdução

O objetivo central desse artigo é identificar na crônica escrita por Clarice Lispector comentários sobre tradução, relacionar essa prática com os conceitos de Diálogo elencados por Bakhtin e registrar como alguns aspectos da tradução e seus processos são vistos na perspectiva das obras de M. Bakhtin e seu Círculo, com destaque para as noções de relações dialógicas.

A crônica de Clarice *Traduzir procurando não trair*, publicada na "Revista Jóia" em 1968, tem importância fundamental no processo dos estudos da tradução de Clarice Lispector, pois nela a autora demonstra a preocupação em manter-se fiel às intenções do autor e expõe suas reflexões sobre o trabalho de tradução. Dessa maneira, busca-se contribuir para uma reflexão sobre a tradução.

O momento único da criação da obra serve de ponto de partida em nossos estudos quando pensamos na diferença que há entre a obra em sua língua original e as implicações que uma tradução pode trazer e quais os diálogos que se iniciam a partir daí. Ao visualizarmos os caminhos da tradução, fazemo-nos algumas perguntas: o que significa um texto traduzido para o leitor, como o sujeito-tradutor vê a própria tradução e seu processo, e como isso tudo reflete no nosso objetivo de analisar esses caminhos? Como a obra traduzida dialoga com o original?

Assim, a negociação das escolhas, dando ao texto o sentido é a tarefa mais importante mediada pelo tradutor, pois há inúmeras considerações lexicais, estruturais e de sentido que devem permear um trabalho de tradução.

Desde tempos muito antigos a tradução tem sido o principal espaço de intermediação entre culturas diferentes, dando a possibilidade de quem não conhece o idioma, ler o que é escrito em outra língua.

Um ganho, inegável em termos lógicos e culturais, porém nem sempre visto com bons olhos pelos estudiosos da área, pois alguns ainda pecam na hora da tradução, deixando que expressões com falsos cognatos levem a pressuposição de traduções que nem sempre condizem com o verdadeiro sentido dado pelo autor da obra. Observamos que nesse espaço de intermediação sempre haverá a precisão de alterar, adaptar, substituir elementos estrangeiros por outros que são mais comuns na língua que recebe a tradução, no entanto, muitas vezes, somente a equivalência não consegue suprir as necessidades de uma boa tradução, partindo-se do princípio que a língua de partida tem peculiaridades que não existam, por exemplo, na língua de chegada. É importante ressaltar que o posicionamento do tradutor frente às culturas apresentadas e suas escolhas definem a qualidade da tradução.

Bakhtin escreveu sobre algumas categorias dentro da linguagem, dividindo-as e refletindo sobre elas. Daremos destaque às noções de Diálogo para que possamos entender em quais momentos crônica e processo tradutório se encontram e como esse processo pode ser pensado.

Dialogismo

O diálogo faz parte da comunicação e da linguagem, e para nós, nesse momento, é importante em ambas as questões, pois estamos tratando de obras literárias e estamos lidando com a palavra em forma de diálogo (conceito primeiro da palavra), pois o texto dramatúrgico

tem, como principal característica, a conversa, o diálogo, ligado, indubitavelmente ao Enunciado.

De acordo com Marchezan:

> Diálogo e enunciado são, assim, dois conceitos interdependentes. O enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada, permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico (2010, p.116).

Se observarmos a perspectiva da relação entre a peça em inglês com a tradução, como podemos identificar o dialogismo? Na tradução, a palavra é a chave em questão. Ela é a ponte que vai levar o leitor ao entendimento, pois:

> A dialogicidade não é característica exclusiva de um certo tipo de palavra, mas é a dimensão constitutiva de qualquer ato de palavra. De discurso. Cada palavra própria se realiza numa relação dialógica e recupera os sentidos da palavra alheia; é sempre réplica de um diálogo explícito ou implícito, e não pertence nunca a uma só consciência, a uma só voz. E isso já pelo fato de que cada falante recebe a palavra de uma voz alheia, e a intenção pessoal que ele posteriormente confere encontra a palavra "já habitada", como diz Bakhtin, por uma intenção alheia (PONZIO, 2010, p. 37).

No caso da tradução o ato da palavra acontece em duas dimensões diferentes: a da língua de partida e da língua de chegada. Podemos perceber que em textos traduzidos há sempre a marca de seu tradutor, muitas vezes não caracterizando as marcas do próprio autor.

Segundo Bakhtin:

> O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação (...) o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso e na sua construção sintática, por assim dizer 'em pessoa', mas uma unidade integral em construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou." (1981, p.144).

Ainda sobre o diálogo afirma Marchezan:

> o verdadeiro diálogo, o diálogo "real", concreto, não é aquele que já se fez letra morta, decorada mecanicamente, repetida sem razão e sem vontade. Diálogo e enunciado são assim, dois conceitos interdependentes" (2006, p.117).

Marchezan (2006) diz-nos então, que em um diálogo, sempre há a perspectiva da réplica, numa "alternância de vozes" (p.117). Como também lembra a autora e faz-se necessário registrar:

> a reflexão bakhtiniana reúne sujeito, tempo e espaço – e o diálogo o mostra de maneira modelar -, mas, diferentemente de outras perspectivas, lhes conserva e revela a constituição histórica, social e cultura, também explorada por meio de conceito de cronótopo[1]. (MARCHEZAN, 2006, p.117).

Dialogia não é uma teoria científica, mas sim uma filosofia, um conjunto de conceitos. Segundo Fiorin (2008) Bakhtin também não é um teórico do diálogo face-a-face, interessa-lhe pouco o diálogo tal como é tradicionalmente conhecido. Ele chega mesmo a dizer que essa forma composicional do discurso é uma concepção estreita do dialogismo.

As relações dialógicas que se estabelecem entre dois enunciados quaisquer postos em contato é o que lhe interessa. A lógica das relações dialógicas não é, portanto, de natureza linguística *stricto sensu*, o que nela ocorre é a defrontação. O termo diálogo em Bakhtin (2006) designa a grande metáfora conceitual que organiza sua filosofia; é o nome para o simpósio universal que define o existir humano e não para uma forma específica de interação face-a-face e menos ainda para uma forma composicional do texto:

> a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, com os lábios, com as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2006, p.348)

Para Bakhtin (2006) a língua é na essência dialógica; todo enunciado propõe uma atitude responsiva e na traduções esse fato não é diferente. Por atitude responsiva podemos entender a relação entre o homem habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais e o mundo habitado por ele. É nessa relação que se cria a perspectiva de diálogo que gera a possibilidade de modificação recíproca. Na concepção bakhtiniana o diálogo não se limita à comunicação face a face, mas abrange todo o processo de

[1] Cronótropo – "Cronótopo e exotopia são dois termos que falam da relação tempo-espaço. O primeiro foi concebido no campo restrito do texto literário; o segundo se refere à atividade criadora em geral" (BRAIT, 2006, p. 95).

comunicação verbal e não verbal, incluindo o texto falado ou escrito. O discurso é, portanto, um espaço marcado por diversas vozes vindas de outros discursos. A responsividade pode ser ativa ou passiva. Afirma Bakhtin (2006, p. 271) que:

> ...o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma atitude responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente, a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Uma atitude responsiva ativa implica uma ação concreta dotada de intencionalidade voluntária praticada por alguém, responder a alguém ou a alguma coisa, e como estamos tratando aqui de uma peça teatral traduzida para o português, existe a importância de se destacar tais pensamentos. Nesse caso, há uma ruptura com as ideias de assujeitamento ou sujeito-fonte trazidas pelo dialogismo. Bakhtin (2006) explica que a linguagem nunca está completa, ela é uma tarefa, um projeto sempre em construção, sempre inacabado. O discurso está ligado à vida em si e não pode ser separado dela sem perder sua significação. A palavra pode, então, tornar-se prioritária nos estudos sócio históricos somente se a analisarmos e analisarmos seus signos isoladamente. Como a palavra está inserida num contexto, num conjunto de valores ou fatores que a fará tornar-se enunciado, a resposta ao discurso se dará de diversas maneiras.

O ato responsivo deve ser entendido, portanto, como aquele realizado por um sujeito social em interação com um ou mais sujeitos, e pode ser executado de maneira verbal ou através de gestos. Se for uma comunicação verbal ou escrita, podemos chamar essa atitude de responsiva ativa. Para Bakhtin (2006), o falante está decidido, ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que duble seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância ou até uma participação. A atitude responsiva, para Bakhtin (2006) está ligada à questão de formação do sujeito, na sua consciência, revelada por sua forma de pensar e agir.

O conceito de dialogismo é dividido em três partes. O primeiro conceito, destacado por Fiorin (2008) revela que primordialmente vemos distinguirem as vozes sociais das individuais, crendo que as individuais podem ser colocadas como vozes que expressam a

"visão de mundo". É aquele que se funda em contradição, réplicas de vozes sociais que divergem. Essas vozes podem ser individuais ou sociais, incluindo grandes discussões filosóficas ou diálogos do dia a dia. De acordo com Fiorin:

> ao tomar em consideração tanto o social como o individual, a proposta bakhtiniana permite examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estéticas, econômicas (...) mas também fenômenos da fala cotidiana, como a modelagem do enunciado pela opinião do interlocutor imediato ou reprodução da fala de outro com uma entonação distinta da que foi utilizada, admirativa, zombeteira (...). Todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem (2008, p. 27).

O segundo conceito de dialogismo é o que traz uma forma composicional ao mesmo, mostrando visivelmente vozes distintas nos discursos. Bakhtin chama essa forma de composição estreita de dialogismo. Conforme Fiorin:

> com esse adjetivo, o que o filósofo pretende mostrar é que o dialogismo vai além dessas formas composicionais, ele é o modo de funcionamento real da linguagem, é o próprio modo de constituição do enunciado (2008, p. 33).

Bakhtin (*apud* Fiorin 2008) coloca duas maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado: o discurso objetivado e o discurso bivocal. O primeiro é o discurso citado e mostrado em que se usam o discurso direto e indireto; aspas; negação; e o segundo, internamente dialogizado, em que não há separação nítida entre quem cita e quem enuncia, nesse aparecem as paródias, a estilização e a polêmica. Bakhtin (2006, p. 275) explica ainda que:

> Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros ou amo menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão.

O terceiro conceito de dialogismo está ligado diretamente ao sujeito que professa o discurso. Para Bakhtin não existe o assujeitamento, mas o sujeito não é, também, autônomo em relação à sociedade. Fiorin menciona que:

> o sujeito não é assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais, nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade. O princípio geral do

> agir é que o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação (2008, p. 55).

O princípio básico dessa ideia é que o ser humano está em constante transformação, constituindo-se de vozes sociais que o formam e que o formarão, construindo o seu arsenal de ações e discursos. Não há indivíduo acabado, e não recebemos de uma só voz social, mas de muitas. Somos e estamos integrados num contexto de ações e reações. Temos atitudes responsivas diante dos fatos e das falas, respondemos a isso o tempo todo. Portanto, o indivíduo é totalmente dialógico.

As vozes sociais são complexos verbo-axiológicos (completos de valores) cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas relações com o mundo ao mesmo tempo em que o refletem, o refratam. Nossa cognição é necessariamente historicizada e semioticizada. Em conjunto com essas vozes sociais há uma heterogeneidade axiológica. Definem-se como dialogização essas vozes sociais, pela boca dos falantes. São contatos contínuos e múltiplos na imensa teia dialógica (heteroglossia dialogizada).

Tradução

O estudo da tradução abrange aspectos da língua que temos que refletir a respeito, desde o léxico até a gramática. As línguas têm também suas especificidades e ao mesmo tempo alguns pontos em comum com outros idiomas. Abordaremos a língua traduzida por Clarice Lispector (o Inglês – língua de partida) em sua tradução da peça *The member of the wedding.* Segundo Ponzio (2010):

> Existem línguas de todo respeito enquanto garantidas pela nacionalidade. Existem dialetos, socioletos e idioletos. Os últimos pertencem ao indivíduo ao indivíduo que, como a própria palavra, é unitário, inteiro; é, logo, justo que tenha ele a sua língua pessoal unitária, o idioleto, precisamente. O pertencer da linguagem é do falante enquanto ele por sua vez pertence a um grupo familiar, de trabalho, profissional, social, nacional. Cada língua tem origem e também cada falante. Em ambos os casos a origem assegura a unidade e unicidade de um processo de desenvolvimento". (PONZIO, 2010, p. 17)

O domínio sobre a língua, segundo o autor mencionado acima, também é ilusório. Esse domínio varia de trabalho para trabalho, quando se pensa em tradução, pois tem a ver com estilos e produções. A alteridade e a identidade estão presentes nesse processo:

> O domínio sobre a palavra é ilusório. Colocar em discussão a propriedade, o pertencimento, o domínio, é um ponto de partida para a busca da liberdade da palavra. O domínio da propriedade, o pertencimento tem a ver inevitavelmente com a identidade." (PONZIO, 2010, p. 20)

A responsabilidade do ato abrange também o ato da tradução quando se trata do evento, olhando-o sob o aspecto da singularidade do acontecimento. O tradutor há de pensar, num contexto mais abrangente, nos acontecimentos históricos em que a obra foi concebida, assim como sua relevância no momento presente, as condições de produção e tradução, bem como a escolha de palavras, adequando-as a todas as situações propostas, e também ao conteúdo abordado nela. A escolha do léxico deve ser bem cuidada, pois as palavras mudam de significado e uso dependendo de sua aplicação e momento histórico.

O momento único da criação da obra serve de ponto de partida em nossas reflexões quando pensamos na diferença que há entre a obra em sua língua original e as implicações que uma tradução pode trazer. Ao visualizamos os caminhos da tradução, fazemo-nos algumas perguntas: o que significa um texto traduzido para o leitor, como o tradutor vê a própria tradução e seu processo, e como isso tudo reflete no nosso objetivo de analisar esses caminhos?

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin exemplifica que:

> também a atividade estética não consegue ligar-se à característica de existir[1] que consiste na sua contingência e no seu caráter de evento aberto; e o produto da atividade estética, no sentido que lhe é próprio, não é o existir em seu efetivo devir, e, no que concerne à sua existência, ele se integra no existir mediante o ato histórico de uma ativa percepção estética (2010, p. 41).

Quando pensamos na tradução como uma atividade estética, refletimos sobre a importância de tratá-la como evento único, responsável muitas vezes pela transição do texto entre uma cultura e outra. O tradutor precisa ter essa ativa percepção estética; no sentido de deixar no texto marcas próprias de sua criação. No caso da peça traduzida por Clarice Lispector, que é nosso objeto de estudo, observamos a preocupação da tradutora em tratar o texto teatral como deve ser tratado, com suas particularidades em termos de sonoridade e

[1] É importante ressaltar que há uma nota de rodapé na tradução feita de "Para uma Filosofia do Ato responsável" que explica a opção pela palavra *existir*, ligando-a ao evento em si: *"Bytie*: existir. Significa também ser, mas aqui a referência é ao existir" (BAKHTIN, 2010, p. 41).

palavras que, no seu ponto de vista soaria melhor que outras. Então, não tendo a característica de "evento aberto" que passa a existir somente mediante o "ato histórico", percebemos que ela se abre em possibilidades diversas de estudos (quando relacionada ao tempo de criação, e nesse caso, ao tempo/época da tradução). Cada texto traz suas especificidades, sua percepção estética dentro de certos contextos, e pensar no texto traduzido, levando em consideração essas percepções é papel do tradutor. Cabe, então, a quem faz esse trabalho, ter consciência de seu desenvolvimento em cada texto traduzido.

As particularidades da história narrada na língua mãe merecem um acabamento especial no caso da tradução. Se pensarmos na tradução de uma peça teatral, por exemplo, devemos observar a entoação que esse tipo de texto propõe. Essa seria uma particularidade que destacamos no estudo de textos traduzidos. Clarice Lispector, por exemplo, menciona esse fato em sua crônica:

> De tanto lidar com personagens americanos, "peguei" uma entonação inteiramente americana nas inflexões da voz. Passei a cantar as palavras, exatamente como um americano que fala português. Queixei-me a Tati, pois já estava enjoada de me ouvir, e ela respondeu com a maior ironia: "Quem manda você ser uma atriz inata" (LISPECTOR, 1968).

Nesse trecho Clarice nos dá a pista do idioma traduzido e das inflexões usadas por ela para encontrar a melhor maneira de produzir a mesma frase em um outro idioma – o lugar de onde se fez a tradução; as especificidades do idioma trabalhado e suas características culturais.

Em Discurso na Vida, Discurso na Arte (1926), por exemplo, Voloshinov e Bakhtin propõem uma reflexão sobre a entoação, tratando a palavra no seu existir solitário (exemplificada no texto como a palavra *bem*) ou em seu contexto, no qual podemos perceber o *verbal e não verbal.* Voltamos neste ponto nas reflexões sobre os tipos de tradução exemplificados por Jakobson (2007) em *Linguística e comunicação,* no qual ele cita os tipos de tradução e suas ligações com o *verbal* e *não verba* ou *extraverbal:*

> A entoação sempre está na fronteira do verbal como não verbal, do dito e não dito. Na entoação, o discurso entra diretamente em contato com a vida. E é na entoação, sobretudo que o falante entra em contato com o interlocutor ou interlocutores – a entoação é social por excelência. Ela é especialmente

> sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante. (1926, p.7) [1].

Na tradução de um texto teatral, que tem por objetivo uma montagem cênica, a entoação entra como ponto fundamental para que a tradução seja bem sucedida. Clarice Lispector preocupava-se com a entoação que daria ao texto traduzido por ela, e por isso usava o recurso de ler o texto traduzido em voz alta para que encontrasse a melhor sonoridade para aquela 'fala'. Segundo Voloshinov e Bakhtin (1926, p.7): "A entoação estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal – a entoação genuína, viva, transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer".

Alguns autores defendem a ideia de que quando se traduz um texto, estamos, na verdade, criando outra obra. Já não há, muitas vezes, vestígios do autor criador, como na obra original. Pensar a palavra no contexto da língua traduzida somente pode trazer ambiguidade em seu uso. Por isso, o tradutor precisa tornar-se um pouco autor da obra em processo de tradução, pois as escolhas feitas são fundamentais para que o trabalho seja de qualidade.

Quando o texto traduzido é dramatúrgico e, quando o tradutor possui o conhecimento das especificidades dos textos teatrais, certamente ele vai tentar transferir o lado prosódico deste tipo de texto, pois o gênero dramatúrgico preocupa-se com a montagem/produção que ocorrerá depois.

Aspectos da prosódia podem ser observados e, alguns trabalhos de tradução, por exemplo, no que diz respeito às falas das personagens no texto dramatúrgico, preocupam-se com essa característica. Quando o tradutor tenta aproximar as falas do texto às especificidades do dizer (no sentido de palavra falada, dita, expressada), por se tratar de uma peça teatral, a tradução ganha sentido maior e expressividade mais contundente, pois segue os preceitos da construção dramatúrgica, que se preocupa com o texto vivo, no sentido da montagem cênica. Em *The member of the wedding*, por exemplo, Clarice Lispector usa a sonoridade para tornar o texto tipicamente teatral.

---

[1] Esse texto foi originalmente publicado em russo em 1926, sob o título "Slovo v zhizni i slovo v poesie", na revista Zvezda n 6, e assinado por V.N.Voloshinov. A tradução para o português, feita por Carlos Alerto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, tomou como base a tradução inglesa de I.R.Titunik ("discourse in life and discourse in art – converning sociological poetics"), publicada em V. N Voloshinov, Freudism, New York. Academic Press, 1976.

Quando falamos em tradução pensamos no processo da re-criação do texto, levando-se em conta a língua como arte e linguagem, e não somente o que se pode tirar das traduções em termos gramaticais e estruturais. Para Brandist:

> Arte e linguagem eram vistas como a auto-expressão criativa do indivíduo e das massas nacionais-populares, e como tal, não poderiam estar sujeitas a esquemas de gramáticos, que servem para limitar e restringir a criatividade popular (2009, p.61).[1]

Portanto, a língua precisa ser vista nos aspectos de criatividade e das críticas sociais, não se limitando somente à sua estrutura, e esta observação serve também para o tratamento das traduções.

A considerar a ductilidade no que diz respeito às normas gramaticais, em suas obras de forma geral, pode-se inferir que quando se tratava de traduções, ela era muito mais crítica, pois sabia que estava lidando com textos que não eram seus, buscando preservar a naturalidade desses, sem fugir da responsabilidade que acreditava que um tradutor devia ter:

> ... você não imagina o trabalho de minúcias que dá traduzir uma peça (...) primeiro, traduzir pode correr o risco de não parar nunca: quanto mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos. Sem falar da necessária fidelidade ao texto do autor, enquanto ao mesmo tempo há a língua portuguesa que não traduz facilmente certas expressões americanas típicas, o que exige uma adaptação mais livre. E a exaustiva leitura da peça em voz alta para podermos sentir os diálogos? Estes têm que ser coloquiais: de acordo com as circunstâncias, ora mais ou menos cerimoniosos, ora mais ou menos relaxados (LISPECTOR, 1968).

Clarice Lispector menciona as escolhas e dificuldades da tradução, pensando na linguagem como um todo de significado, dentro, neste caso, das especificidades do linguajar teatral.

Quanto à linguagem escolhida no trabalho do tradutor, podemos ainda destacar as opiniões de outros estudiosos sobre o assunto. Para Zbinden (2006) as traduções podem gerar conflitos ideológicos. Há um estudo sobre as obras de Bakhtin em se que levanta esta questão da escolha do léxico, da estrutura gramatical e como estas obras chegam até nós, traduzidas

---

[1] Art and language were seen as the creative self-expression of the individual and the national-popular masses and, as such, could not be subject to the abstract schemas of grammarians, which serve to limit and restrict popular creativity[1]. (2009, p.61)

do russo para inglês ou francês e suas diferenças. Na opinião de Belinky (2004) no prefácio escrito para a obra *Traduzir é uma arte,* a escritora menciona que:

> ...por falar em original, é importante lembrar que, na medida do humanamente possível, a tradução respeitosa e respeitável deve ser feita com base na língua original do texto traduzido, evitando a tradução intermediada; tradução da tradução da tradução, muitas vezes nada menos que calamitosa (*in* Silveira, 2004, p.10).

Observamos que estas diferenças e conceitos ainda se agravam quando pensamos nas traduções, que só depois são feitas para a Língua Portuguesa. Transpondo esta problemática para o trabalho em questão, afirma Zbinden (2006, p. 157) que "Se é aceito amplamente que os problemas da tradução estão intimamente ligados às questões de interpretação..." (2006, p.157)[1] Concordamos neste aspecto que a tradução é uma questão também de interpretação. Portanto, as escolhas léxicas, o crivo racional e as pesquisas do tradutor podem tornar sua tradução mais do que simplesmente interpretação.

Se pensarmos na linguagem como um fator que não é individual, que por ela perpassam culturas e filosofias e que na sua tradução há interpretações variadas, interferências sociais e contextos diferenciados, podemos afirmar que a língua é um fenômeno cultural e filosófico embora represente uma maneira individual de *pensar*, apesar de sua coletividade, como menciona Brandist (2009, p. 61):

> A manifestação linguística desta diversidade é uma multiplicidade de estilos a níveis individual e nacional, que interagem através da meditação da tradução (2009, p.61).

A diversidade aqui mencionada refere-se aos diferentes estilos e níveis intelectual e nacional, abrangendo a área cultural do país da língua traduzida[2].

---

[1]Na linguagem real, o discurso social existente não é um fenômeno individual, como Croce e Saussure argumentaram sob perspectivas diferentes, mas 'também significa cultura e filosofia (mesmo que apenas ao nível do senso comum)'. Embora no limite, pode-se dizer que cada indivíduo tem uma linguagem pessoal própria, um jeito particular de pensar e agir (2009, p.61).

[2]Language as real, existing social discourse is not an individual phenomenon, as Croce and Saussure both argued from opposed perspectives, but 'also means culture and philosophy (even if only at the level of common sense)'. While at a limit one might say that each individual has a personal language of his or her own, a particular way of thinking and feeling (2009, p.61)

Também podemos pensar na tradução como um processo de complementação para estudiosos da língua, em diferentes aspectos, pois o tradutor precisa pensar no texto, refletindo as diferentes possibilidades de interferências culturais, as distintas escolhas léxicas que poderá fazer, assim como a variada multiplicidade dos estilos: "A manifestação linguística dessa diversidade é a multiplicidade de estilos em níveis individual e nacional que interagem sobre a meditação da tradução" [1].

Há também os que acreditam que a obra precisa ser lida no original. Outros, no entanto, acreditam que as traduções auxiliam a comunicação humana, pois temos acessos a textos em diferentes línguas, graças ao trabalho do tradutor. Esse é o debate entre as colocações de Vossler e Croce, segundo Brandist (2009):

> Croce negou a possibilidade da tradução, argumentando que qualquer tentativa de representação de um significado para outro em outra língua era produção de uma outra expressão única e intuitiva, mas Vossler coloca (o ato de traduzir) como a essência da toda comunicação humana[2].

Uma vez que a língua carrega uma gama de ideias e possibilidades, dentro de um contexto, e que também é um sistema de representação, não podemos, simplesmente converter palavras de uma língua à outra, para fazermos uma tradução.

Abaixo, uma pequena amostra da tradução em processo feita por Clarice Lispector: Nesta tradução, em negrito, vemos a correção feita pela própria autora:

ORIGINAL em inglês	Tradução	Correções e Alterações
p.2		
Berenice Sadie Brown is busy in the kitchen.	(Berenice Sadie Brown está ocupada na cozinha.)	
JARVIS: Seems to me like this old arbor	JARVIS: Tenho a impressão qu e esse	JARVIS: Tenho a impressão **de** que esse **velho**

[1] The linguistic manifestation of this diversity is a multiplicity of styles at individual at national levels, which interact through the meditation of translation… (BRANDIST, 2009, p.61).

[2]Croce had denied the possibility of translation, arguing that any attempt to render a meaning in another language was the production of another unique intuition-expression, but Vossler now posed it as the essence of all human communication. (2009, p. 61)

has shrunk. I remember when I was a child it used to seem absolutely enormous. When I was Frankie's age, I had a vine swing here. Remember, papa?	*carramanchão* encolheu. Lembro que quando eu era criança, ele parecia positivamente enorme. Na idade de Frankie, eu tinha um balanço aí. Lembra-se, papai?	car~~r~~amanchão encolheu. **Me l**embro que ~~quando~~ eu era criança, ele parecia ~~positivamente~~/**absolutamente** enorme**, quando eu era criança com a** idade de Frankie, eu tinha um balanço aí **mesmo.** Lembra-se, papai?
FRANKIE: It don't seem so absolutely enormous to me, because I am so tall.	FRANKIE: Para mim não parece assim tão enorme porque eu sou muito alta.	FRANKIE: ~~Para~~ mim não parece assim tão enorme porque ~~eu~~ sou ~~muito~~ alta. **Pois pra mim não parece tão absolutamente enorme assim porque sou tão alta.**
JARVIS: I never saw a human grow so fast in all my life. I think maybe we ought to tie a brick to your head.	JARVIS: Nunca na minha vida vi uma criatura crescer assim tão *dpressa* (Sic). Acho que talvez fosse bom se amarrar um tijolo na sua cabeça.	JARVIS: ~~Nunca na~~ minha vida ~~vi uma~~ criatura crescer assim tão *dpressa* (Sic). Acho que talvez fosse ~~bom~~ se amarrar um tijolo na ~~sua~~ cabeça. **Em toda minha vida nunca vi criatura humana crescer tão *dpressa* (sic). Talvez fosse boa ideia amarrar um tijolo na tua cabeça.**
FRANKIE: [hunching down in obvious distress]: Oh, Jarvis! Don't.	FRANKIE: (recurvando-se com evidente aflição): Oh, não, Jarvis! Por favor!	FRANKIE: (~~recurvando-se~~ com evidente aflição): Oh, não, Jarvis, ~~por favor!~~ **(abaixando-se com evidente aflição): Ah, não, Jarvis! Não faça isso!**
JANICE: Don't tease your little sister. I don't think Frankie is too tall. She probably won't grow much more. I had the biggest portion of my growth by the time I was thirteen.	JANICE: Não implique com sua irmã menor. Não acho que Frankie seja alta demais. E provavelmente não vai crescer muito mais. Aos treze anos eu já tinha crescido quase tudo o que me faltava ainda para chegar à minha altura.	JANICE: Não implique com sua ~~irmã menor~~. Não acho ~~que~~ Frankie ~~seja~~ alta ~~demais.~~ E ~~provavelmente não~~ vai crescer muito mais. ~~Aos~~ treze anos eu já tinha crescido quase tudo o que ~~me faltava ainda para chegar à minha altura.~~ **Não implique com sua**

		irmãzinha. Não acho Frankie tão alta assim. Na certa nem vai crescer muito mais. Com treze anos, eu já tinha crescido quase tudo o que tinha que crescer.

Podemos observar a busca da tradutora por termos, algumas vezes, informais, e que soem com naturalidade, como devem ser as falas teatrais.

FRANKIE: It don't seem so absolutely enormous to me, because I am so tall.	FRANKIE: Para mim não parece assim tão enorme porque eu sou muito alta.	FRANKIE: ~~Para~~ mim não ~~parece~~ assim tão enorme porque ~~eu~~ sou ~~muito~~ alta. **Pois pra mim não parece tão absolutamente enorme assim porque sou tão alta.**

Na tradução em destaque colocada acima, vemos em inglês a seguinte frase: "It don't seem so absolutely enormous to me, because I am so tall." Sabemos que gramaticalmente 'it don't' está incorreto. Isso demonstra também uma preocupação da autora do livro em buscar falas coloquiais que pudessem transparecer a ideia de informalidade em uma conversa entre a empregada da casa e duas crianças. Na tradução, Clarice Lispector refaz a frase da seguinte forma: "FRANKIE: ~~Para~~ mim não ~~parece~~ assim tão enorme porque ~~eu~~ sou ~~muito~~ alta." "**Pois pra mim não parece tão absolutamente enorme assim porque sou tão alta."** Há a ênfase em "absolutamente enorme", e a omissão do pronome 'eu' na correção de Clarice Lispector.

Nesse aspecto podemos concluir que a palavra do outro, inserida em um contexto específico, pode ser vista, segundo Ponzio, como singular:

> A busca pela outra palavra é inseparável daquela que, referendo-se ao texto de Bakhtin do início dos anos 20 (Bakhtin 1920-24), podemos chamar "filosofia do ato". De fato, enquanto se trata, no nosso caso, do ato da palavra, da palavra na sua singularidade, da enunciação na sua irrepetibilidade, a nossa busca pela palavra, pela palavra outra, fora do lugar em relação aos lugares-comuns do discurso, em relação à língua estereotipada, ao falar homologado, cai naquele projeto que Bakhtin delineia em seus primeiros escritos e que pode ser indicado como "filosofia do ato" – do ato entendido como "dar um passo", *portupok*, do "ato responsável" (2010, p. 31-32b).

Ponzio (2010, p.32b) classifica aqui a diferenciação entre "palavra da enunciação como célula viva do falar e da frase como célula morta da língua". Esse pensar cabe perfeitamente no ato teatral, no texto que tem que ser escrito, levando-se em conta a atitude, entoação e interpretação do ator. Para o dramaturgo a frase escrita em seu texto deve ganhar a força da palavra, como definida por Ponzio (2010). O autor ainda explica que:

> a palavra viva subtrai-se à relação do sujeito –objeto. O outro a quem se dirige, a quem é destinada, é o outro participante a quem a palavra pede uma compreensão respondente, a quem pede, à sua vez, um ato, um passo, uma tomada de posição, e não de ser individuada, identificada, decifrada, interpretada, determinada como se se tratasse de um objeto, melhor examinável quanto maior a distância que se toma dele (2010, p. 32b).

Em crônicas escritas pela tradutora Clarice Lispector, podemos observar essa preocupação com a palavra enquanto 'célula viva'.

Considerações finais

Concluímos que a tradução perpassa por muitos teóricos e muitos caminhos, se o tradutor se propor a ser um estudioso, o que vai além do ofício. A priori, entendemos que a palavra do outro e a minha palavra encontram-se e mudam sentidos diversos durante uma conversa, uma leitura e uma tradução. As categorias bakhtinianas têm papel relevante nesse caminho de descobertas do fazer tradutório.

No processo de busca dos caminhos percorridos pela tradutora e suas escolhas, podemos perceber as diferentes visões comentadas por estudiosos que se dedicaram a entender e explicar esses processos, bem como seus resultados. Observamos ainda que há um longo caminho a ser percorrido na área de pesquisa sobre estes processos. Percebemos que a linguagem não pode ser separada da cultura, sociedade e história dos seus usuários e a linguagem muda e se desenvolve quando línguas diferentes entram em contato uma com a outra, no processo da tradução.

Referências

Livros

LISPECTOR, Clarice. **Traduzir procurando não trair.** Texto publicado na revista Jóia, RJ, n177, maio de 1968.

SILVEIRA, Brenno. **A arte de traduzir**. São Paulo: melhoramentos: Editora Unesp, 2004.

ZBINDEN. Karine. **The Bakhtin circle and translation**. Source: The year book of English studies, vol.36, No 1, Translation (2006), pp.157-167. Published by: Modern Humanities Reaserch Association. Stor, 2006.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável.** São Carlos: Pedro & João editores: 2010. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE/UFScar. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco.

_____, Mikhail M., Voloshinov, V.N**. Slovo v zhizni i slovo v poesie**. Traduzido como: Discurso na vida, discurso na arte (sobre a poética sociológica). Tradução do russo para o português de I.R.Titukik (Discourse in life, discourse in art – concerning sociological poetics) Tradução do Inglês para o português de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. New York, Academic Press: 1976.

_____, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato.** Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza, 1993.

_____, Mikhail**. Estética da Criação Verbal.** Tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PONZIO, Augusto. **Encontro de palavras, o outro no discurso.** Trad Valdemir Miotello e alunos. São Carlos: Pedro & João editores: 2010. (a)

_____, Augusto. **Procurando uma palavra outra.** Trad Valdemir Miotello e alunos. São Carlos: Pedro & João editores: 2010. (b)

JAKOBSON, Roman**. Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

_____. **The member of the wedding**. A play. USA: A new directions book, 2009. (First published in 1951).

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Editora Ática, 2006.

Artigos online

BRANDIST, Craig**. Theory, Culture and Society**. The official and the Popular in Gramsci and Bakhtin. Disponível em http://tcs.sagepub.com. Published by: SAGE. Acesso em 28/07/2013.

ANÁLISE SEMIÓTICA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FIGURATIVIDADE E ESPACIALIZAÇÃO NA OBRA "MEU MATO GROSSO DO SUL, MINHA TERRA" DE OLIVA ENCISO: O DISCURSO EM QUESTÃO.

EUZENIR FRANCISCA DA SILVA
UFMS

Resumo
Esse artigo tem como objetivo analisar o livro autobiográfico "Mato Grosso do Sul, minha terra", de autoria de Oliva Enciso, sob o respaldo da teoria da significação, a semiótica francesa ou greimasiana. A semântica estrutural vê o texto como um todo de significação. Buscamos com essa análise, descrever os mecanismos internos do agenciamento de sentido no texto, para isso faz-se necessário um recorte, no qual a parte a ser analisada será o capítulo I. Sabemos que o texto é uma unidade que se dirige para a manifestação, a partir desse capítulo buscaremos encontrar isotopias figurativas que descrevam os espaços citados no livro. Há nessa obra, desde o próprio título, forte referencia a espacialização. Com o uso do percurso gerativo e seus patamares, as estruturas fundamentais, estruturas narrativas e estruturas discursivas, essa última manifestada como texto, quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação, faremos o processo de investigação científica nos valendo da relação entre a figuratividade e tematização, estes elementos discursivos manifestam os valores do enunciador, e, por conseguinte, estão relacionados à instância da enunciação. São operações enunciativas, que desvelam os valores, as crenças, as posições do sujeito da enunciação, no contexto tais valores crenças e posições são da enunciadora Oliva Enciso, uma vez que a referida obra é uma autobiografia, inserida no contexto de formação do espaço social, a cidade de Campo Grande-MS.

Palavras-chave: Semiótica discursiva; Tematização e Figurativização; Autobiografia.

1.1-Considerações preliminares sobre a semiótica discursiva de Greimas: história, discurso e enunciação.

> O mundo natural, do "senso comum", na medida em que é logo de saída instruído pela percepção, constitui em si mesmo um universo significante, ou seja, uma semiótica.
> Bertrand.

A análise do livro de Oliva Enciso "Mato Grosso do Sul", minha terra, surgiu pelo interesse em conhecer essa obra, que trata do contexto social e político do Estado de Mato Grosso do Sul. Percebermos que a referida obra, não é apenas uma simples enunciação da bibliografia pessoal da autora, mas traz na sua arquitetura uma narrativa histórica de um determinado espaço e um determinado tempo, em suas páginas há figuras que caracterizam os espaços físicos da natureza e da urbanização do Estado de Mato Grosso do Sul.

Abaixo segue um esclarecimento apontado por Todorov sobre os aspectos da obra literária, no que diz repeito ao conceito de história e discurso inserido nela, e a partir desse conceito, justificamos a análise a que nos propomos efetuar:

> Em um nível mais geral, a obra literária tem dois aspectos: ela é ao mesmo tempo uma história e um discurso. Ela é história no sentido em que evoca a uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista se confunde com os da vida real. [...] Mas a obra, é ao mesmo tempo, discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a percebe. Neste nível não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los. (TODOROV, *in.* BARTHES, 2008, p. 220 – 221).

Na citação acima, Todorov, distingue a relação entre história e discurso no contexto de uma obra literária, com base na abordagem do referido autor, concluímos que a obra de Oliva Enciso, também faz uso do contexto histórico e discursivo, abrangendo os espaços entre sua cidade natal, Corumbá e a o seu deslocamento para outra cidade, Campo Grande, ambas no mesmo Estado; contudo uma série de acontecimentos políticos e sociais, estão inseridos dentro desse contexto, onde o discurso traz ao leitor o relato de fatos e momentos históricos locais, assim como por via do discurso, a autora descreve ao leitor as características da natureza local do espaço em Corumbá denominado " Taquaral."

Delimitaremos a análise, recortando passagens onde evidenciam as figuras da natureza local, com cenas de momentos de sua vida pessoal. Trata-se da fase em que a autora deixa o espaço natural a região de Corumbá-MS e vai para outro local, a então capital em formação, a cidade de Campo Grande-MS.

O valor histórico caracteriza-se pelos relatos dos fatos sociais e políticos, que contam parte do desenvolvimento dos espaços abordados, no contexto de uma determinada época.

Com o respaldo na teoria da significação, procuramos adentrar nos detalhes da construção do discurso enunciado por Enciso, visando saber como se deu a construção dessa abordagem figurativa e temática no se que refere aos espaços citados no enredo: Corumbá, o Taquaral, Campo Grande, contextualizados na obra da autora.

Buscamos com esse trabalho, descobrir quais figuras revestem o discurso que caracteriza o Estado de Mato Grosso do Sul e seus espaços envolvidos no referido texto/contexto. È nesse tecer discursivo que o leitor nativo, visualizará pela descrição da autora os espaços mencionados no enredo, reconhecendo nas figuras os elementos específicos da região.

Desse modo, o discurso perpassa a narrativa bibliográfica, dando origem ao discurso enunciado, onde a questão da identidade social de um da região é enunciada pela narração de Oliva Enciso. Sobre o que engloba a questão da enunciação é preciso saber que:

> [...] a enunciação é considerada como um ato entre outros, porque como todo ato é orientado, voltada para um objetivo e "uma visão de mundo", ela pode ser considerada como um enunciado cuja função é a "intencionalidade". [...] Compreendemos então que a análise do sujeito enunciador, apreendido como um sujeito actante, cujo objeto é o "enunciado-discurso", pode ser submetida às mesmas regras que a regem, no interior do enunciado, a realização do próprio discurso. (BERTRAND, 2003, p.97)

Esse discurso inserido no enunciado de Enciso, sob a forma de bibliografia, ativa o dever e o querer saber sobre os primeiros momentos históricos do Estado de Mato Grosso do Sul, isso posto para o leitor pela intencionalidade inserida na enunciação.

Façamos primeiro, um esclarecimento sobre qual discurso estamos tratando, uma vez que existem outras ciências dentro da linguística que fazem uso desse termo, em cada corrente o referido termo possui um significado, no entanto, para execução de nossa análise, faremos uso da teoria semiótica do texto ou semântica discursiva de Greimas, abaixo segue explicações sobre o termo discurso no contexto semiótico:

> Discurso é uma unidade do plano de conteúdo, é o nível do percurso gerativo de sentido em que formas narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos. Quando um discurso é manifestado por um plano de expressão qualquer, temos um texto. (FIORIN, 2006, p.44-45).

O discurso ao qual o especialista se refere é o do terceiro patamar do percurso gerativo de sentido, utilizado pela ciência da significação, ou semiótica greimasiana. A referida teoria da significação ou semiótica francesa toma o texto como objeto e o estudo de sua arquitetura por meio do percurso gerativo de sentido, constituídos pelos níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Outra informação importante aqui posta pela fala de Barros aborda que:

> No nível discursivo, a organização narrativa é temporalizada, espacializada e actorizada, ou seja, as ações e os estados narrativos são localizados e programados temporalmente e espacialmente, e os actantes narrativos são investidos pela categoria de pessoa. [...] os valores do nível narrativo são disseminados no discurso, de modo abstrato, sob a forma de percursos temáticos, que por sua vez, podem ser investidos e concretizados em figuras. (BARROS, *in.* FIORIN, 2004, p.204).

Temos como hipóteses que as figuras e tema (s) contido (s) no livro: *"Mato Grosso do Sul, minha terra",* sejam as molas geradoras do discurso, onde observamos a intenção de criar uma altobiografia com a funcionalidade de registrar fatos históricos e característicos do Estado de Mato Grosso do Sul.

Para execução do trabalho faremos recortes do cap. I, *"Meus pais, minha infância, o Taquaral."*, observando que, no subtítulo há indícios da espacialização local (o Taquaral), da actorização (meus pais) e da temporalização (minha infância), indicador de um determinado (tempo/ fase) da vida da autora Oliva Enciso.

Nota-se um enunciado particular, revestido de isotopias figurativas, termo denominado por Greimas (1976, p.12) como sendo a permanência recorrente, ao longo do discurso, de um mesmo feixe de categorias justificáveis de uma organização paradigmática.

Busca-se contemplar pela análise desse recorte, como a autora arquitetou seu discurso de forma a transpor para o público leitor, não só o sentido do que fora enunciado, mas fazer a representação por via do discurso da espacialização, actorização e tematização, para representar o espaço dessa região, bem como seus recursos naturais e beleza natural. Para tanto a teoria escolhida como ferramenta de suporte teórico e científico é a semiótica greimasiana, abaixo apresentada:

> [...] A semiótica tem, portanto, o texto, e não a palavra ou a frase, como seu objeto e procura explicar os sentidos, isto é, o que o texto diz, e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os sentidos. Esses procedimentos são os de dois tipos: a organização linguística e discursiva do texto e as relações com a sociedade e a história.
> [...] o texto se organiza e produz sentidos, como um objeto de significação e também se constrói na relação com os demais objetos culturais, pois está inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e é determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de comunicação. (BARROS, *in*. FIORIN, 2004, p.187-188).

Conforme Barros aponta acima, a semiótica francesa nos dá condições de verificar como são feitos os estudos dos procedimentos que constroem os sentidos dos textos, sua organização linguística e discursiva, a relação com a sociedade e a história, desse modo, reforçamos a relevância social da obra de Oliva Enciso para cultura e memória local, uma vez que, existe no livro*" Mato Grosso do Sul, minha terra"*, uma abordagem discursiva sobre atores, temas e figuras de um determinado momento histórico da formação do Estado.

Relatos sobre momentos e fatos históricos, desconhecidos pela nova geração e que por seu peso histórico e social, vão além de uma simples narrativa de vida, da autora.

> [...] no nível discursivo, o tempo, espaço e as pessoas, instalados no discurso dependem dos dispositivos de debreagem, por meio dos quais o enunciador do texto, ao temporalizar, espacializar e actorizar o discurso produz também, o efeito de sentido de aproximação e distanciamento. [...] a desembreagem pode ser enunciativa, quando o efeito é de proximidade da enunciação, graças ao uso da primeira pessoa *eu*, do tempo presente, *agora* e do espaço do *aqui*, ou enunciva, quando se produz o efeito de distanciamento da enunciação, com o emprego da terceira pessoa *ele*, do tempo do *então e* do espaço do *lá*. (*Ibid*. p.204).

Na análise que segue poderemos visualizar essa questão nos recortes abaixo, e mais nitidamente, no próprio subtítulo: *"Meus pais, minha infância, o Taquaral",* há nesse enunciado um efeito de distanciamento (meus pais = eles), (minha infância = então), o (Taquaral = lá) há uma debreagem enunciva, a temporalização de uma ação do passado, retomada pelo recurso linguístico do discurso enunciado.

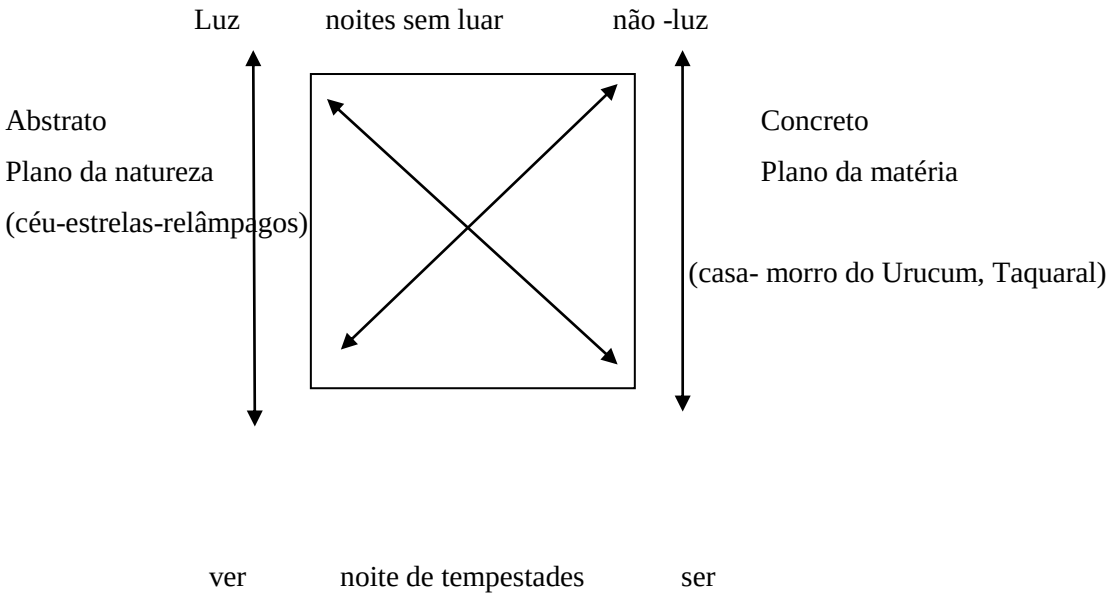
> [....] das categorias básicas que servem de suporte para o enunciado:é o mecanismo de *desembreagem.* [....] Ele projeta um não-eu (debreagem actancial), um não-aqui (debreagem espacial) e um não-agora (debreagem temporal). [...] a desembreagem é a condição primeira para que se manifeste o discurso sensato e partilhável: ela permite estabelecer, e assim objetivar, o universo do "ele" (para a pessoa), o universo do "lá" (para o espaço) e o universo do "então" (para o tempo). (BERTRAND, 2003, p.90)

Nessa passagem a autora descreve as características e atribuições ao córrego, podemos perceber o uso da desembreagem, temos o "ele" inserido no contexto como sendo: o córrego , o universo do " lá" figurativizado pela recorrência semântica: "mais adiante" , o " então", recebe a isotopia temporal de causa pelo uso do termo: " e aí", conforme podemos verificar na cena extraída (Enciso, 1986, p.13) " [...] Mais adiante (um lá) o córrego se espraiava um pouco e aí (um então) vinha o gado (pessoa) beber água."

> [...] De casa se avistavam os morros azulados do Urucum. E nas noites sem luar, o céu azul escuro era bordado de estrelas. Nas noites de tempestades, muito escuras, eu me extasiava ao ver os relâmpagos rasgando o céu. Esse era o Taquaral. (ENCISO, 1986, p. 13- 14).

ENUNCIADO DE ESTADO	ESPACIALIZAÇÃO	TEMPORALIZAÇÃO
Se avistavam era bordado de estrelas muito escuras, eu me extasiava ao ver os relâmpagos rasgando Esse era	De casa Os morros azulados do Urucum O céu azul escuro O céu O Taquaral	Nas noites sem luar Nas noites de tempestades

No enunciado de estado observamos a atora como observadora deslumbrada ao contemplar a natureza e suas manifestações nas noites sem luar e de tempestades, seus sentidos são alterados pela visão. Os elementos naturais exercem poder alucinógenos provocando um distanciamento da realidade, mas precisamente do plano concreto (de casa, os morros azulados do Urucum, o céu), o Taquaral é o espaço entre o equilíbrio do abstrato e do concreto (o céu e a terra) , sendo o Taquaral, a figura mediadora da natureza abstrata e versus natureza concreta.



Das categorias inseridas no enunciado de estado, a ação e o ser estão caracterizados verbalmente pela atora que *vê* versus a natureza no estado do *ser*.

> [...] A tematização consiste em dotar uma sequência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar os seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais. [...] o figurativo precisa ser assumido por um tema. Este último dá sentido e valor às figuras. (BERTRAND, 2003, p.213)

Os elementos do *ser* estão posto no plano da superioridade (céu), representa o infinito pela categorização das estrelas, Oliva Enciso, encontra-se no plano da inferioridade, na planície do espaço denominado pela cultura (de casa, espaço térreo) seus sentidos foram alterados pela visão ao contemplar outro espaço, os morros azulados do Urucum (espaço fixo - térreo), onde os elementos da natureza resplandecem nas noites sem luar (ausência de luz), os relâmpagos que rasgam o céu (presença da luz) deixa visível ao olhar o Taquaral, sendo figurativizado pelo espaço de beleza singular entre o céu e a terra.

1.2-Meus pais, minha infância, o taquaral: o enunciar entre figuras e temas uma questão de valor.

> Ver não é apenas identificar objetos do mundo, é simultaneamente apreender relações entre tais objetos, para construir significações.
> Bertrand

Da relação entre ver e apreender relações entre os elementos do mundo natural nasce à construção da significação, de modo, dá-se a semiótica. No discurso o modo como enunciamos traz consigo uma carga semântica de significações, dentro do contexto na situação que abaixo extraímos do recorte do cap. I, do livro de Oliva Enciso.

A autora vê e apreende pela manifestação discursiva, um conjunto de informações e situações que vão denominar e caracterizar um determinado espaço físico, localizado na região onde figuras e temas transitam por meio do seu enunciado mediando entre as passagens das estruturas profundas, narrativas e por fim discursivas, figuras e temas são revestidos para caracterizar os fatos ocorridos, no tempo de outrora, dentro do contexto político e social do Estado de MS, mas em que medida a enunciação aparece no contexto?

> [...] a enunciação aparece então como a instância de mediação e de conservação crucial entre estruturas profundas e estruturas superficiais. Por meio da operação de "discursivização", ela organiza a passagem das estruturas profundas elementares e semionarrativas virtuais, consideradas aquém da enunciação, como um estoque de formas disponíveis (uma gramática), para as estruturas discursivas (temáticas e figurativas), que atualizam e especificam, em cada ocorrência, no interior do discurso que se realiza. (*Ibid*. p.84)

Vale ressaltar que para ter sentido um objeto deve estabelecer uma relação com outro objeto de contrariedade, apresentando uma oposição semântica, ainda, segundo, Silva (2013, p.51), toda figurativização e tematização manifestam os valores do enunciador e, por conseguinte, estão relacionados com a instância da enunciação.

Desse modo, Enciso, depositara no discurso suas crenças e valores sobre o espaço da região do Taquaral em Corumbá-MS, sendo disfórico no primeiro momento o contato com outro espaço físico a cidade de Campo Grande-MS, figurativizada com características predominantes da urbanização, longe dos valores da natureza de sua terra natal.

Surge no discurso enunciado uma relação de contrariedade entre os espaços que representam o viver no mundo natural versus vida social, há a divisão do contexto familiar versus contexto social, relacionando esses elementos na construção do sentido histórico e social implícitos no discurso em *"Meu Mato Grosso do Sul, minha terra"*.

Observamos o uso de isotopias espaciais, que são recorrências semânticas, as quais caracterizam os espaços do ambiente natural (o Taquaral em Corumbá- MS) elemento da natureza e do espaço físico residencial, moldado pela cultura com características específicas. Abaixo procuramos identificar essas categorias de base natureza versus cultura.

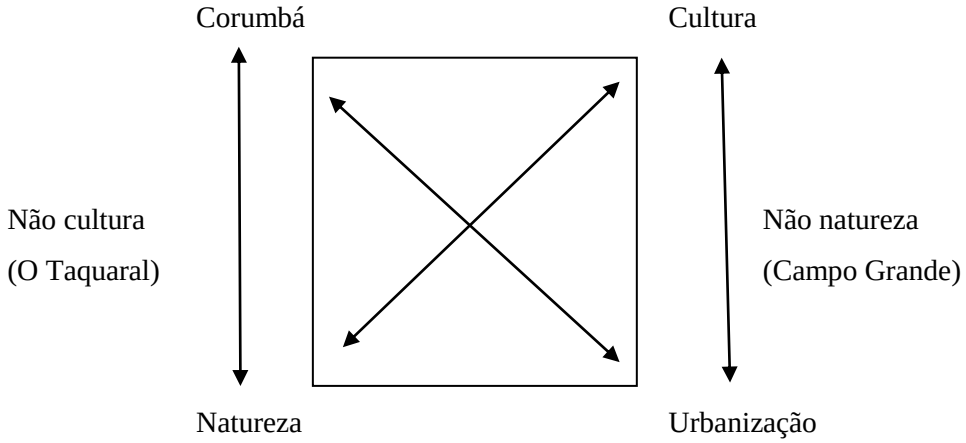
Isotopias dos atores:

Isotopias figurativa da natureza: de árvores frondosas, com parasitas (orquídeias) e ninhos de passarinhos/ macacos, onças pardas e pintadas, quatis, caxinguelês, veados, cobras enormes!

nasci/ Meu pai

Isotopias figurativa da cultura: animais domesticáveis- gado, cavalos, porcos e galinhas, patos brancos e marrecos de penas coloridas.

Isotopias espacial: Nossa casa- grande de chão batido, coberta de palmas traçadas de acorí e as paredes eram de esteios de madeira / uma sala, dois quartos, um salão, que tinha no fundo a cozinha com um grande fogão e na frente ficava um amplo refeitório etc.



Ao vermos a cena transporta da obra, compreendemos Denis Bertrand (2003, p.94), "o lermos o texto literário, entramos imediatamente na figuratividade", nesse contexto as figuras transportas para o papel, pelo olhar do nativo, sob o mundo que o rodeia, ainda segundo Bertrand, " [...] uma imagem do mundo se delineia, instalando tempo, espaço, objetos, valores[...]", temos na obra, o olhar da autora sob o espaço denominado Taquaral, situado na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, o discurso é enunciado de forma usar recorrências

semânticas (isotopias figurativas) elas permitem distinguir a unidade do discurso, nesse caso, trata-se de uma "descrição" com debreagens espaciais ou temporais.

> Nasci no Taquaral, uma grande fazenda, a 2 léguas de Corumbá-Mato Grosso do Sul- no dia 17 de abril de 1909.
> [...] O taquaral vive na minha lembrança. Era um lugar de árvores frondosas, com parasitas (orquídeias) e ninhos de passarinhos. Também havia macacos, onças pardas e pintadas, quatis, caxinguelês, veados, cobras enormes! – Meu pai criava além de gado, cavalos, porcos e galinhas, patos brancos e marrecos de penas coloridas.
> A nossa casa era grande de chão batido, coberta de palmas traçadas de acorí e as paredes eram de esteios de madeira. Tinha uma sala, dois quartos, um salão, que tinha no fundo a cozinha com um grande fogão e na frente ficava um amplo refeitório etc. A uns 60 metros ficava o córrego de água límpia, cristalina e um pouco salobra. Meu pai mandou cercar de palmas de acorí num trecho-uns 5 metros- que era de uns 3 metros de largura e 2 de profundidade e mandou pôr uma porta-era o banheiro. (ENCISO, 1986, p. 14-15).

ENUNCIADO DE ESTADO	ESPACIALIZAÇÃO	TEMPORALIZAÇÃO
era	na minha lembrança	no dia 17 de abril de 1909
havia	no Taquaral	
criava	2 léguas de Corumbá-Mato Grosso do Sul	
era		
Tinha	a uns 60 metros	
Mandou cercar	num trecho-uns 5 metros	
mandou pôr	de uns 3 metros de largura e 2 de profundidade	
Havia		
atravessava	o Taquaral	
Ficava	o córrego	
Era	Mais adiante	
Era	um lugar	
vive		

O que podemos observar durante esse percurso é que houve sim a transposição das figuras da região de Corumbá-MS, especificamente o espaço denominado Taquaral recebera

um sentido de maior destaque entre as demais figuras, por dar concretude à beleza extraída da natureza abstrata para a concreta.

A autora, recebe a denominação semiótica sob o ponto de vista da enunciação de atora participante na narrativa, classifica-se como sendo um *ator observador*, proporcionando no contexto uma desembreagem completa, vejamos o que significa o referido termo:

> [...] a embreagem é completa: ela é actancial (estabelecendo um sujeito da ação), espaço temporal (instalada no lugar e tempo da narrativa), actorial (é uma personagem, frequentemente um dos principais papéis), temática (sua percepção tem um sentido e um valor em relação ao contexto). O discurso figurativo (ou descritivo) é a partir de então inteiramente assumido por esse ator instalado na narrativa e associado a ele. (*Ibid*. p.125).

Embasados na citação, verificamos que nossa personagem frequente (Oliva Enciso) atua na bibliografia com o papel principal, sua abordagem temática, traz a tona a percepção do mundo que a rodeia, levantando valores em relação ao contexto social e cultural a qual pertencera, fizera uso do discurso figurativo (descritivo) dos tempos e espaços instaurados na narrativa, associando aos referidos espaços, figuras da natureza local, deixando ao leitor, as impressões do que vira e sentira como atora social e sujeito histórico do Estado de Mato Grosso do Sul.

Aventuramos-nos, adentrando na complexidade do texto e concluímos que diante de uma enunciação de um discurso particularizado que se torna público, a busca do saber é um trilhar pelo caminho do conhecimento, onde encontramos mais dúvidas e novas hipóteses e essa busca é incessante, porque segundo Greimas "A vida essa busca de sentidos".

Referências

BARTHES, Roland [et al]. **Análise Estrutural da Narrativa**. trad. PINTO,Maria Zélia Barbosa,int. ed. BR por PINTO, José Milton. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru. SP: EDUSC, 2003.

ENCISO, Oliva. **Mato Grosso do Sul, minha terra**. Ed. Resenha LTDA. São Paulo,1986.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II: princípios de análise.** (org.). 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise de discurso**. 14ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GREIMAS**,** A . J. **Sémiotique et Sciences Sociales**. Èditions Du Seuil,1976. (Semiótica e Ciências Sociais.) Trad. LORENCINI, NITRINI. Álvaro e Sandra. Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, SP da Unesp. Ed. Cultrix.

SILVA, Euzenir Francisca da. **A Semiótica lê José de Alencar: Figuras e intertextos em A Pata da Gazela**. 1ª ed. Curitiba: Prismas, 2013.

AS PRÁTICAS DE LEITURA INSTITUCIONALIZADAS PELOS PCNS SOB UM OLHAR FOUCAULTIANO

FABRÍCIA APARECIDA MIGLIORATO CORSI
UFSCAR

Resumo
Tendo em vista o importante papel da escola na difusão, consagração e reiteração de certos discursos sobre a leitura os quais, por sua vez, são oriundos, entre outras fontes, de documentos oficiais que regulam o ensino, neste trabalho faremos uma breve incursão sobre o que dizem os PCNs de Ensino Médio a respeito da leitura. Nosso objetivo é o de investigar discursivamente as instruções contidas nesses documentos sobre o trabalho com a leitura em sala de aula, enfim, sobre a definição dessa prática, sobre seu ensino e seu fomento. Abordaremos os discursos instituídos nos PCNs de Ensino Médio, estes são documentos elaborados pelo Ministério da Educação que devem ser utilizados como referência para o ensino, em todo território nacional, desde 1998. Apoiaremo-nos em alguns princípios da Análise de Discurso francesa de Michel Foucault acerca da "ordem do discurso", segundo a qual todo e qualquer dizer está submetido a formas de controle e de emergência que atuam de modo a validar/autorizar o quê e como se deve/se pode enunciar, de acordo com um regime institucional dado, faremos a análise aqui proposta valendo-nos mais especificamente dos conceitos de poder-saber, arquivo e memória.

Palavras-chave: Leitura; Discurso; PCNs; Michel Foucault.

1- Introdução

A preocupação da escola sempre foi, em suas práticas educativas, formar um cidadão capaz de comunicar-se, interagir com e através da língua em diferentes grupos sociais e, ao longo do tempo, inúmeras e representativas alterações institucionais foram executadas visando o aprimoramento de instruções e técnicas de ensino que normatizaram e instituíram maneiras, condutas, formas de agir e conduzir as atividades escolares objetivando melhorar os resultados e métodos do ensino-aprendizagem.

Os discursos instituídos por decretos, absorvidos pela escola e representados nos livros didático que, durante longas décadas foram ponto de apoio e sustentação teórico-metodológica de muitos educadores, sustentaram o imaginário das práticas de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa. Trabalhava-se com textos, classificados e referendados como boa leitura segundo observa-se nas orientações de boa leitura do currículo humanista. Textos que utilizavam tão somente a linguagem verbal como suporte para seus dizeres e leitores que

liam, absorviam, reproduziam e construíam seus textos segundo esses modelos de leitura ideal e referendada.

Hoje, porém, o domínio da decodificação da linguagem oral, escrita, imagética é fundamental para que todo sujeito interaja discursivamente no meio social no qual se encontra inserido. A ação de se posicionar discursivamente constitui o sujeito e expõe sua visão de mundo, sua ideologia; por isso, a escola tem grande responsabilidade ao trabalhar com a leitura e escrita. É ela que garante ao sujeito-aluno outra forma de acesso ao conhecimento: o dos saberes linguísticos, em seu registro, em seu uso, em suas variações; conhecimento este necessário para o exercício da cidadania. Diz-se outra forma de acesso ao conhecimento já que todo indivíduo que vive em uma sociedade letrada é letrado, sendo alfabetizados ou não[1]. O trabalho que a escola faz é direcionar o sujeito no processo de aquisição da linguagem junto à leitura através do desenvolvimento da capacidade do uso do código linguístico. Essa apropriação é social e promovida quando o sujeito é colocado em contato com os arquivos existentes, com os discursos instaurados numa formação discursiva. É através da relação de interação que o sujeito se constitui[2]·, se forma como leitor, aciona e constrói novos arquivos a partir de suas experiências de interação e socialização.

Segundo os preceitos de Foucault, compreendemos arquivo como "a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares" (2009, p.147); é certo que são apresentados outros conjuntos de regras, que numa dada época de uma sociedade definem a noção de arquivo, o autor supracitado aponta como regras os limites e as formas da: dizibilidade; de conservação; da memória; da reativação e da apropriação. É no processo de interação social e no uso das práticas discursivas que as formulações do dizer do sujeito-aluno vão se construindo, se formulando e reformulando em enunciados como acontecimento singulares. Enunciados esses que podem ser formulados e representados em práticas verbais ou não-verbais.

> temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo e

[1] O letramento não se ensina, ele é um fenômeno inerente ao sujeito. O que se ensina são os eventos de letramento. Para maior aprofundamento: KLEIMAN, A. Os significados do letramento. Mercado das letras, 1995.

[2] Essa premissa parte do conceito de dialogismo de Bakhtin: o sujeito se constitui a partir das relações dialógicas, assim se completa na palavra do outro.

> utilização). São todos esses sistemas de enunciados [...] que proponho chamar de arquivo. (FOUCAULT, 2009, p. 146)

Todo enunciado verbal possui linearidade e é composto por signos linguísticos, já os enunciados não-verbais requerem outros tipos de formas de interpretação. Os arquivos de que dispõe o leitor, auxiliam no processo de interpretação, de análise do enunciado.

Durante todo transcorrer dos anos de escolaridade no Ensino Fundamental, a leitura é trabalhada como forma de interação entre as disciplinas escolares, na aquisição e ampliação de conhecimentos. Além disso, é incentivada a leitura por prazer. Mas, como se trabalha a leitura no âmbito dos anos finais da educação básica, ou seja, no Ensino Médio segundo as orientações regulamentadas pelo MEC através dos PCNs?

2- A institucionalização dos PCNs como referencial de ensino

Durante a década de 1990 foram propostas reformas educacionais pelo Ministério da Educação e, dentre elas, foram implantados entre 1997 e 1998 os PCNs: documentos criados para nortearem o ensino nas diferentes áreas de conhecimento, nas quais as disciplinas escolares foram agrupadas. Analisaremos aqui o PCN de Língua Portuguesa, que integra a área de Códigos Linguagens e suas Tecnologias. As outras disciplinas que se agrupam nessa área são: Artes, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Informática.

Os PCNS são documentos apresentados como um ponto norteador do trabalho didático-pedagógico do professor, procura estabelecer parâmetros de organização curricular e expõe as competências mínimas com as quais os alunos do Ensino Médio deverão travar contato para que possam ter possibilidade de prosseguir seus estudos. Em virtude de tal objetivo, o documento deixa claro que, faz-se necessário ampliar o trabalho com as competências mínimas atribuídas e, na sua introdução, já expõe a necessidade de uso da leitura e de interatividade entre a realidade social dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Assim se registra: “Cabe ao leitor entender que o documento é de natureza indicativa e interpretativa, propondo a interatividade, o diálogo, à construção de significados na, pela e com a linguagem”. (PCN, p. 4)

É fundamental compreender que, os documentos que norteiam todas as áreas de ensino, são determinados por uma instância superior com poderes para tal. À escola é concedido o direito de uma pequena adaptação das normas estabelecidas em virtude das

diferenças das realidades culturais, sociais e regionais, nas quais os sujeitos, que fazem parte e integram a instituição de ensino, estão inseridos. Essa determinação de normas a serem seguidas, segundo Foucault, reflete o conceito do poder-saber, como determinação do que se pode e deve saber. O saber se organiza para atender o poder. Nesse caso esse poder não está centralizado somente na figura da União e/ou do Estado, mas é ramificado, capilarizado em micropoderes; ou seja, está na fala do poder público, na fala das superintendências de ensino, na fala dos diretores e orientadores educacionais e se concretiza na fala e nas ações dos professores para a comunidade escolar.

O resultado do que é determinado à escola, em relação aos saberes que o aluno deve dominar, é averiguado através de avaliações sistêmicas, como SIMAVE, PAAE, SARESP, com as quais o governo mede o resultado percentual de progressão ou não de aprendizagem dos alunos das instituições públicas de ensino, bem como averigua a forma como as orientações normatizadas, através das orientações programáticas, estão sendo efetivamente trabalhadas ou não.

O exercício do poder está em conduzir, apontar, ditar condutas que devam ser seguidas; em ordenar a probabilidade. O poder é definido com uma forma de ação sobre os outros, uma nova forma de administrar com enfoque sobre o desenvolvimento do homem. No caso das normatizações das orientações metodológicas pode-se observar que a instituição do poder visa regulamentar e unificar uma forma de trabalho para que seja geral a todas as instituições de ensino do país.

3- Os que dizem os PCN de ensino médio sobre o trabalho com a leitura

A produção de sentidos, no trabalho com a leitura segundo os PCNs, é resultados da interação das práticas sociais bem como do processo histórico-cultural. O trabalho com os momentos históricos propiciam ao educando a possibilidade de analisar o seu presente, sendo, portanto, capaz de analisar, diferenciar e comparar através da língua, fatos, episódios, gêneros textuais, contextos, recursos estilísticos dentre outros.

O estudo dos gêneros discursivos é ainda destacado como fonte de possibilidades de uso da linguagem, em virtude da forma como se articulam e se articularam no passado, podendo assim apontar indícios de lutas discursivas numa determinada época histórica. “Aprimorando-se do discurso, verifica-se a coerência de sua posição. Dessa forma, além de compreender o discurso do outro, ele teria a possibilidade de divulgar suas ideias com

objetividade e fluência." (PCN, p.9). Os gêneros do discurso[1] são diferentes formas de uso da linguagem que variam de acordo com o contexto social e necessidade de produção. Apropriar-se da linguagem é saber fazer uso dela em vastas e heterogêneas situações discursivas.

As várias linguagens[2], apresentadas nas orientações, aparecem como instrumentos de análise e interpretação, por formarem uma rede integrante de significados formativos, informativos e comunicativos com os quais o aluno poderá dialogar. Todas as manifestações de linguagem podem conviver entre si, completando ou se diferenciando, sem que uma anule a outra. É através dessas leituras e interpretações que o aluno, respeitando e preservando as diferentes linguagens dos diferentes grupos sociais, poderá construir categorias de diferenciação, apreciação e criação através da compreensão das linguagens e suas manifestações; como sinônimo da própria humanidade em seu uso social.

Podemos refletir aqui sobre a noção de formação de memória discursiva. Através dos exercícios praticados sobre a linguagem o sujeito vai estruturando suas formulações, experimentando, construindo sua memória. Toda formulação corresponde a um domínio de memória e, é na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso que, ao longo de sua existência e de acordo com as experiências com as quais o sujeito trava contato, que se estrutura o eixo da memória. É através das experiências vividas e dos discursos absorvidos que o sujeito se constrói.

O desenvolvimento da competência linguística do aluno do ensino médio e sua capacidade de analisar e avaliar a forma do uso da língua deve ser capaz de conduzi-lo a reconhecer a possibilidade e necessidade de uso dos diversos discursos concorrentes nas situações comunicativas. Foucault reflete que,

> em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (2011, p.8-9)

---

[1] Bakhtin define gêneros do discurso como "tipos relativamente estáveis de enunciados" (2010, p.262)
[2] Linguagem verbal, não-verbal e mista: textos, imagens, pinturas, escultura, filmes, teatro, tabelas, gráficos, HQ, etc.

Por isso, é sabido que não se pode dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer lugar, evento ou circunstância, que não se pode falar de qualquer maneira, enfim, que não se pode falar de tudo e de qualquer maneira.

A leitura assume assim, o caráter de interação entre os conteúdos curriculares, o mundo e o aluno, tendo este que analisar, refletir e interagir com o seu universo social através dos vários discursos produzidos. O contexto de produção dos discursos deve ainda ser analisado e

> depende de se ter conhecimento sobre o dito/ escrito (leitura/análise), a escolha de gêneros e tipos de discurso. Tais escolhas refletem conhecimento e domínio de "contratos" textuais não declarados, mas que estão implícitos. Tais contratos exigem que se fale/escreva desta ou daquela forma, segundo este ou aquele modelo de gênero. (PCN, p.22)

Logo, tem-se a percepção que, para que o sujeito se insira num ambiente social e possa expressar-se através dos vários gêneros num processo de interação, é necessário dominar, compreender e adaptar as diversas formas de expressão, tanto verbal quanto não verbal. A adequação do que se deve ou pode dizer em determinada situação, em determinado contexto. Essa adequação é proveniente dos arquivos que o sujeito constrói. Lembramos, porém, que o arquivo não é formado somente pelo linguístico, vai além do que pode ser dito, ele rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos reais, relacionando o arquivo à enunciabilidade. Foucault assim se posiciona em relação ao arquivo:

> O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares [...] mas arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas [...] se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; (2009, p. 147)

O leitor proficiente é capaz de construir, refutar e reformular seus arquivos a partir das experiências de leitura com as quais terá contato durante sua trajetória escolar. Vale ressaltar que arquivo é tomado aqui, não como algo individual, no qual cada leitor cria o seu, mas sim como um sistema geral de formação e transformação de enunciados construídos num grupo, numa sociedade. O trabalho interdisciplinar proposto pelos PCNs orienta que os professores entrelacem diferentes gêneros e tipos textuais, que enriqueçam e diversifiquem o trabalho com os conteúdos e assuntos que devam ser trabalhados. O trabalho interdisciplinar tem como

proposta enriquecer e possibilitar a ampliação dos conhecimentos, realizar um trabalho integrado para que o aluno perceba as diferentes possibilidades de acontecimento de um evento numa dada época histórica, refletir sobre as formações discursivas geradas por um evento e o efeito de memória instaurado por um dado acontecimento.

A leitura deve ser trabalhada em sua diversidade buscando atrelar fatos históricos aos contemporâneos. Observar através dos discursos atuais, recorrentes e apagados ao longo de seu pronunciamento é uma forma de trabalhar com a língua em seu contexto social e histórico refletindo sobre as intenções e formas de uso do enunciado. O uso de diferentes tipos e gêneros textuais oferecer meios ao leitor de reconhecer as formas e intenção do uso da língua e da linguagem em diferentes acontecimentos. Segundo os PCNs a leitura não deve ser trabalhada somente como decodificação e, sim como uma forma de interação ao se analisar, interpretar, compreender, refletir, refutar, dialogar sobre as diferentes formas e maneiras de uso e registro da linguagem.

Considerações Finais

As mudanças propostas pelos PCNs, bem como outras mudanças que se encontram em trâmites de apresentação, são, na verdade, reflexo do momento histórico pelo qual a sociedade está em percurso. As mudanças no ensino ocorrem para que a instituição escolar possa acompanhar e tentar caminhar paralelamente ao que se encontra histórico e socialmente marcado na contemporaneidade. A escola deve assegurar ao aluno capacidade de inserir-se no meio social no qual vive, refletir sobre ele e modificá-lo. Por isso, deve acompanhar a evolução dos tempos, didática e pedagogicamente para que as ações pospostas dentro do âmbito escolar não profiram discursos e práticas diferentes daquelas encontradas pelos alunos fora da escola. É preciso atrelar as orientações curriculares aos saberes práticos e às necessidades reais de vida do aluno.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCALT, Michel. **A Ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 1999.

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

FLÁGILA MARINHO DA SILVA LIMA [1]
PALMIRA HEINE [2]
GEPEAD[3]
Universidade Estadual de Feria de Santana – UEFS

Resumo
A Análise de Discurso propõe modos de problematizar a leitura considerando a opacidade uma característica constitutiva da língua e parte do princípio de que não existe um sentido pronto e acabado que deva ser apenas recuperado pelo sujeito leitor, mas sentidos possíveis que podem ser atrelados ao texto em questão. Logo, sendo o texto, na AD, a materialidade do discurso, este por usa vez precisa ser estudado à luz da sua discursividade, isto é, fazendo relação com o social, o histórico e o ideológico, já que não existe discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como a leitura é tratada no livro didático de Língua Portuguesa, bem como perceber como o livro constrói o sujeito imaginário a partir de suas atividades de interpretação de textos. Para tal objetivo foi selecionado como *corpus* o livro de Língua Portuguesa – 6º ano, da coleção Diálogo. É sabido também que o livro didático é, por muitas vezes, o único recurso pedagógico do professor, sendo, portanto, fundamental que este possa ser objeto de variados estudos, tendo em vista sua larga utilização em sala de aula. Como resultado preliminar da pesquisa em curso, é possível afirmar que as seções observadas ainda consideram o texto como tendo um único sentido que deve ser captado pelo aluno, sem instigar uma problematização da leitura, expondo o olhar leitor, apenas, para "partes do texto" e não para a opacidade da língua e nem mesmo para a relação desta com a história e o ideológico que permeia o processo de leitura na construção dos sentidos. Os gestos de intrepretação produzidos pelas atividades propostas conduzem a uma determinada interpretação, isto é, a um determinado sentido que deverá ser resgatado pelo sujeito imaginário e, posteriormente pelo sujeito leitor. Dessa forma o trabalho com a leitura fica entre os níveis da decodificação e interpretação, não avançando para o nível da compreensão. Logo, o discurso, as representações discursivas e ideológicas presentes no texto são silenciados no processo de leitura. É importante ressaltar, também, que o aporte teórico do referido trabalho é, pois, a teoria da Análise de Discurso de Linha Francesa que tem como seu principal representante Michel Pêcheux.

Palavras- chave: Leitura; sentidos; compreensão; texto; discurso.

---

[1]Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feria de Santana -UEFS, email: flagila.eneb@gmail.com – Apoio - FAPESB
[2]Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Letras UEFS, email: pheine@ig.com.br
[3]Grupo de Estudo e Pesquisa em Análise de Discurso

INTRODUÇÃO

A leitura assume um papel de grande relevância na sociedade. O ato de ler implica em descobertas, amplia a capacidade crítica do sujeito e, consequentemente, aumenta sua participação social. Contudo, defini-la não se configura como uma tarefa fácil tendo em vista a diversidade teórica e metodológica que a toma como objeto de estudo. Assim, o presente trabalho aborda a leitura numa perspectiva discursiva, partindo do princípio de que não existe uma única leitura possível, ou seja, de que os sentidos de um texto dependem das posições sujeitos assumidas por estes no momento da leitura. Na perspectiva discursiva a língua não é transparente, pelo contrário é opaca, e essa opacidade reflete as multileituras que podem ser realizadas. Como bem cita Orlandi ao definir leitura:

> (...) Trabalho simbólico no espaço aberto da significação que aparece quando há textualização do discurso. Há pois muitas versões de leitura possíveis. São vários os efeitos-leitor produzidos a partir de um texto. São diferentes possibilidades de leitura que não se alternam, mas coexistem assim como coexistem diferentes possibilidades de formulação em um mesmo sítio de significação (ORLANDI, 2001, p.71).

Portanto, é levando em consideração o processo de leitura na perspectiva discursiva que a referida pesquisa procura trabalhar com o livro didático, uma vez que este é, muitas vezes, a única ferramenta que o professor dispõe para o trabalho de ensino e aprendizagem. Além de assumir uma postura de portador de "verdades" que devem ser seguidas por professores e alunos (CORACINI, 1999). É importante ressaltar também que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa têm colocado o texto como objeto central de ensino da língua e dado extrema importância ao processo de leitura. Dessa forma, os PCNS salientam a importância da escola como mola propulsora da leitura, evidenciando sua importância no ambiente escolar.

Assim sendo, o objetivo central desse trabalho é compreender como os livros didáticos trabalham a leitura, e como os mesmos, através dos seus gestos de interpretação apreendidos a partir das atividades de trabalho com o texto, constituem o sujeito imaginário. Para tanto o aporte teórico é a Análise de Discurso de linha francesa, de filiação pecheutiana.

1 A LEITURA NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Na perspectiva discursiva, a leitura está sempre em construção, não sendo um simples ato de captação de ideias prontas, mas sim um processo complexo de atribuição de sentidos ao texto. É preciso, portanto, que se considere no processo de leitura, a interação[1] entre os enunciadores para que a mesma seja, de fato, concretizada. Segundo Orlandi:

> A leitura é o momento crítico da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto (ORLANDI,1996, p. 186).

Sendo assim, levar em consideração os processos de significação é de suma importância para a Análise de Discurso de Linha Francesa (doravante ADLF), uma vez que os sentidos não estão prontos, acabados e cristalizados no texto, mas são construídos nos gestos de interpretação dos sujeitos. É preciso destacar ainda que a leitura na AD francesa não se detém apenas ao trabalho com a semântica interna do texto, como descrevem algumas teorias formais e até como foi concebido nas primeiras fases da Linguística de Texto. Todavia, representa algo mais profundo e significativo ao levar em conta a relação com a história e com a ideologia, pois, de acordo com Orlandi (2001, p. 27), "Para significar, insistimos, a língua se inscreve na história." Deste modo, o texto será marcado pelas formações discursivas e ideológicas que interpelam o sujeito no decorrer da leitura. Como se pode observar nas palavras de Pêcheux:

> [...] as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas [...] (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Isso implica dizer que, para Pêcheux (1997), o sentido não se constitui isoladamente ou em significados desvinculados das palavras, expressões ou proposições, mas sim, a partir das posições ocupadas pelos sujeitos em interlocução, e estas são determinadas pelas

[1] É importante ressaltar que a palavra interação não está sendo usada com o mesmo sentido que é utilizada na Pragmática, por exemplo, que defende a existência de um sujeito individual. O termo interação está sendo usado nesta pesquisa, como o processo que leva a relação entre dois sujeitos, desde sempre assujeitados pelas ideologias e cujos discursos se constroem a partir de formações discursivas diversas.

condições ideológicas e históricas que envolvem o sujeito discursivo. Logo, no processo de produção da leitura, a historicidade e a ideologia são constitutivas do dizer (escrever).

O texto, segundo Orlandi (2012), é uma unidade empírica que o sujeito leitor tem diante de si, feita de som, letra, imagem, construído (imaginariamente) de início, meio e fim. Contudo, o texto materializa discursos, e esses discursos por sua vez serão sempre intrinsecamente constituídos pelo interdiscurso (conjunto dos já ditos) e que torna possível todo dizer. Sendo, o texto compreendido como discurso, precisa ser estudado à luz da sua discursividade, fazendo-se compreender que os sentidos não estão *a priori*, mas, são construídos pela interação entre os enunciadores por meio dos gestos de interpretação e associados diretamente às condições de produção desse discurso. Como assevera Pêcheux (1997):

> Nosso propósito não é, com efeito, o de discutir uma *sociologia* das condições de produção do discurso, mas definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos em sua generalidade: *enunciaremos a título de proposição geral que os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento*, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este *funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo* e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos de "condição de produção" do discurso (PÊCHEUX, 1997, p. 78).

Assim, Pêcheux (1997) chama atenção para o fato de pensar que o processo discursivo vai além de descrever ou entender os fenômenos estritamente linguísticos e, neste caso, o autor está fazendo referências às esferas morfológicas, fonológicas e sintáticas. Tais fenômenos servem sim, para compreender o funcionamento da língua, mas para ser vista à luz da discursividade deve se acrescentar de imediato os demais elementos que darão efetivamente conta desse funcionamento da língua e que fazem parte do que ele vai chamar de condição de produção do discurso.

Por condições de produção, na ADLF, segundo Orlandi (2007), entende-se a relação entre os sujeitos e a situação, ou seja, os elementos sociais, históricos e ideológicos que interpelam esses sujeitos em uma dada construção discursiva e que são possíveis de serem identificados por meio das construções linguísticas.

Deste modo, abordar o texto na perspectiva discursiva é entender que qualquer acontecimento enunciativo será sempre permeado pela tensão e pelo conflito, afinal as

relações de sentido são caracterizadas pela falha e pelo equívoco, não previstos em regras. Como bem cita Pêcheux:

> [...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

É nesse sentido que Pechêux (1997) vai dizer que a língua é relativamente autônoma, ou seja, o próprio sistema linguístico é marcado por fatores ideológicos e históricos, o que dá margem para sentidos outros, tendo em vista que a língua não funciona isoladamente, e sim em decorrência desses fatores que lhes são constitutivos. Afinal, o sujeito não tem total domínio dos efeitos de sentidos dos seus enunciados. E, por isso, todo dizer pode tornar-se outro, resgatados a partir da falha, do equívoco, e da tensão que permeiam o processo de produção de sentidos.

No processo de atribuição de sentidos ao texto, Orlandi (1988) faz uma reflexão sobre a relação que o sujeito faz no processo de significação do mesmo e aponta três dimensões, quais sejam: o inteligível, o interpretável e o compreensível. O inteligível é processo de decodificação. Nesse caso a leitura se restringe a apreender o sentido dicionarizado, convencionado. O sujeito leitor precisa apenas decodificar os signos e repetir sentidos prontos. O interpretável constitui em atribuir um sentido ao texto levando em conta o cotexto, ou seja, a semântica interna do texto. E, por fim, o nível da compreensão que resulta em atribuição de sentidos, levando em conta seus mecanismos de produção (sujeito, ideologia, a memória e as situações) assim sendo, compreender é ir além da interpretação, pois, além de apreender o sentido regido pela semântica interna do texto, é preciso perceber que este poderia ser outro. Como bem cita Orlandi (1988, p. 74), "O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito que se relaciona criticamente com sua posição, que problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende."

Na AD a língua não é transparente, o que dá margem para formas de significação (efeito-leitor) a partir da condição básica da linguagem que é a incompletude. Assim, nem os sujeitos nem os sentidos estão fixados e completos, mas abertos ao processo de significação. Isso não implica dizer que, pelo fato de ser aberto, não seja regido, controlado, pelo contrário,

é justamente pela sua abertura que o processo de significação sofre suas determinações. É nesse contexto que se trabalha a paráfrase (o repetível) e a polissemia (o diferente), como afirma Orlandi (2012 p. 53), "Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua formação discursiva [...]"

Sendo assim, a AD vem (re)significar as noções sobre leitura, leitor e sentidos. Oferece suportes teóricos/metodológicos com o intuito de gerar condições de trabalho com a leitura de forma mais significativa, procurando trazer à tona os processos de significação.

1.1 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO E O SUJEITO IMAGINÁRIO NA ANÁLISE DE DISCURSO PECHEUTIANA

Sabe-se que a Análise de Discurso de Linha Francesa tem como objeto de estudo o discurso. Contudo, é importante explanar que discurso, na ADLF, será entendido como historicamente produzido e ideologicamente marcado. Isso implica que todo discurso é, por natureza, ideológico e reflete a/as posições sociais dos sujeitos que enunciam.

Assim sendo, o discurso tem como materialidade a língua que por sua vez pode se materializar, dentre outras formas, através de variados textos. Logo, estudar o texto a partir de uma visão discursiva é compreender o funcionamento da linguagem por meio da sua relação com o social, com o histórico e o ideológico, como cita Orlandi (2012, p. 32), "O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua."

O texto enquanto unidade de análise, é uma unidade empírica estruturada (imaginariamente) de início meio e fim, mas quando lançado para a dimensão do discurso, o texto é aberto a significações, o que possibilita, de acordo com Orlandi (2012), uma multiplicidade de leituras.

Deste modo, para trabalhar o texto no viés do discursivo o analista precisa debruçar-se sobre este para compreender o funcionamento da linguagem por meio dos seus gestos de interpretação. Como assevera Orlandi (2012, p. 171): "No próprio texto, em sua constituição, há gestos de interpretação que mostram a ou as posições do sujeito que o produziu. Compreender significa, então, explicitar os gestos de interpretação constituídos pelo sujeito, gestos estes inscritos no texto." Isso implica dizer que não é só quem lê que gera gestos de

interpretação, o sujeito que produz o texto também constrói seus gestos, estes, por sua vez, são marcados no seu dizer/escrever.

Contudo, cabe ressaltar que não haverá uma "chave" de interpretação que possa "abrir" a porta para um sentido que vai estar ali, nesse caso atrás do texto, o que se tem é um método, é o dispositivo teórico que auxilia o analista para a compreensão dos sentidos, assim há gestos que constituem o texto e que o analista, com seu dispositivo, precisa ser capaz de compreender (Orlandi, 2012). Nesse sentido, interpretar não é encontrar um determinado sentido, mas, entender o processo de construção de sentidos.

Por conseguinte, ao entrar em contato com o texto os sujeitos produzem gestos de interpretação para constituição dos sentidos, lançam seu olhar leitor para determinadas partes do texto, que logicamente será direcionado pela ideologia que os interpela. Todavia vale ressaltar que gestos na ADLF são atos ao nível simbólico, diferente de outras correntes (a saber, a pragmática) que o veem como atos no sentido de um fazer/ação. Logo, enquanto gestos eles significam, afinal, não existe linguagem sem interpretação, isto é, sem gestos de interpretação.

Consequentemente, na construção do texto, por meio da sua textualidade haverá formulações que direcionam o olhar leitor, bem como evidenciam a posição-sujeito de quem o escreveu. Por conseguinte, é isso que ocorre quando o livro didático faz perguntas que já direcionam para determinada interpretação, e com isso fecham o sentido do texto, assim, as atividades de leitura são concebidas apenas como atividades de extração de sentidos prévios. São essas formulações, esses direcionamentos e, sobretudo, os silenciamentos que geram os gestos de interpretação que podem ser percebidos ao trabalhar a discursividade do texto.

Outro ponto de extrema importância para compreensão dos gestos de interpretação é o que vai se chamar de sujeito imaginário, também conhecido como leitor virtual, que nada mais é do que a antecipação que o sujeito autor[1] faz do sujeito leitor. É a projeção que este faz do possível leitor ao qual o texto será direcionado. No caso das atividades do livro, o sujeito imaginário se constitui a partir da imagem que o sujeito autor das atividades cria do possível sujeito leitor. Assim, é possível perguntar: quem é o sujeito leitor para aquele que produz a

[1] Cabe também pensar no que em análise de discurso vai-se entender por autor, isto é, autoria. Assim, na ad, o autor é uma função do sujeito, visto que nesse momento o sujeito está mais submetido a regras institucionais, e toma a linguagem como sua produção e, ainda segundo Orlandi (2012) a função-autor é efetivada quando este sujeito se coloca como dono e origem da sua produção. Logo, a relação do sujeito com linguagem é definida pela ilusão ideológica de ser origem e fonte do seu dizer, quanto na verdade ele retoma sentidos pré existentes e inscritos em formações discursivas.

atividade? Como ele é concebido? A ele é imputada a possibilidade de compreender o texto ou de só reproduzir sentidos? Deste modo, no trabalho com a leitura, as atividades de interpretação procuram construir uma determinada interpretação, isso implica necessariamente afirmar que se pensou antes em um determinado sujeito para essas atividades - o sujeito imaginário, que corresponderá às formações imaginárias[1] que conhecemos na ADLF, nesse sentido é a imagem que o sujeito autor faz do aluno (lugar social) para a leitura do seu texto. Logo, há um leitor imaginário inscrito no texto, que é constituído no próprio ato da escrita (Orlandi, 2012).

Dessa forma, quando o autor cria determinadas perguntas, ele parte do princípio de que esse sujeito leitor, até então imaginado por ele irá interpretar de um determinado modo, constituindo assim, gestos de interpretação que deverão ser captados pelo sujeito imaginário. Em decorrência, as atividades acabam limitando as possibilidades de leitura, ao buscar que esse sujeito se restrinja aos gestos de interpretação criados pelo autor, fazendo com que os sentidos que possam ser estabelecidos pelo sujeito imaginário sejam os mesmos que foram criados pelo sujeito autor, e com isso limita o sujeito imaginário de criar gestos outros. Como bem cita Orlandi (2012 p.63), "Essa materialidade textual já traz, em si, um efeito-leitor, produzido, entre outros, pelos gestos de interpretação de quem o produziu, pela resistência material da textualidade (formulação) e pela memória do sujeito que lê. A textualidade é feita desses gestos."

É importante salientar que o referido trabalho se atentará ao sujeito imaginário, este que é projetado pelo autor e se constitui pelos gestos de interpretação das atividades propostas pelos livros didáticos. Deste modo, parte-se do princípio de que ao se observar as seções que propõem esse trabalho com a leitura nos LDs, pode-se por meio da sua textualidade perceber determinados gestos que "inclinam" o olhar leitor, conduzindo-o a uma determinada interpretação e assim, acaba por fechar as possibilidades dos deslizamentos de sentidos dentro de um sítio de significação.

[1]Sobre formações imaginárias na ADLF assevera Pêcheux: "[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismo de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)"(PÊCHEUX, 1997, p.82).

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS

O livro didático (doravante LD) é uma ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem que se configura como sendo um suporte para o conhecimento, bem como de métodos para o ensino. Apesar dos avanços tecnológicos ofertados pela sociedade moderna, o livro didático, ainda continua sendo o recurso mais usado entre professores e alunos. Esse *status* lhe confere uma demasiada importância, tendo em vista que o LD é, de certa forma, a base para organização do trabalho docente e também para aprendizagem dos alunos, sendo, portanto, fundamental traçar algumas considerações acerca do mesmo, principalmente no que concerne a sua história, seu uso e a seu valor dentro do espaço escolar.

De acordo com Freitag (1997) a história do livro didático no Brasil está diretamente ligada a uma sequência de decretos, leis e medidas governamentais. Cabe ressaltar que cada etapa da história do LD está envolvida no seu contexto social, em especial o político. No referido trabalho ressaltamos alguns pontos considerados mais pertinentes para a história do livro didático.

É em 1937, período do Estado Novo, que procurando dar mais legitimação ao livro didático, cria-se o INL (Instituto Nacional do Livro) e com o decreto 1.006 de 30/12/1938 é que o livro didático toma um caráter mais organizacional e sistemático, inclusive com a criação do CNLD – Comissão Nacional do Livro Didático. A CNLD tinha como função "[...] examinar e julgar os livros didáticos, indicar livros de valor para tradução e sugerir abertura de concurso para produção de determinadas espécies de livros didáticos ainda não existentes no país" (FREITAG, 1997 p. 13). Contudo, o que se percebia de tal comissão, ainda de acordo com autora, era uma função muito mais de controle político-ideológico que propriamente uma função didática e apesar de intensas críticas nas quais se questionava a legitimidade de tal comissão, ela seguia cada vez mais forte.

No período Vargas são assinados vários acordos, dentre eles um acordo entre o MEC e USAID (Ministério da Educação e Sindicato Nacional de Editores de Livros e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional) que visava a disponibilidade gratuita de milhares de livros para os estudantes brasileiros. Esses livros, porém, eram válidos por apenas um ano, tinha-se o chamado livro descartável (e eram desconsiderados). Todavia, mais uma vez várias críticas e até denúncias de um suposto "controle americano do mercado livreiro", controle não apenas pedagógico, mas também ideológico, foram deferidas pelos críticos da educação brasileira, tendo em vista que ao USAID caberia toda a organização dos

livros, desde os detalhes técnicos até os mais importantes como a elaboração e distribuição do material, ficando o MEC apenas responsável pela execução.

Com o fim desses acordos, criou-se em 1983 pela lei 7.091 a Fundação de Assistência ao Estudante - FAE. Mais um órgão subordinado ao MEC que tinha como função apoiar as secretarias de 1º e 2º grau, desenvolver programas de subsídio aos estudantes, para tanto foram criados vários programas[1] de assistências pelo governo. Em suma, sua função era basicamente comprar e distribuir os livros didáticos, enquanto que a avaliação da qualidade desses livros não era efetivamente realizada, mais uma vez os críticos alertavam fervorosamente para os problemas decorrentes dessa centralização da política assistencialista do governo (FREITAG, 1997).

Posteriormente é criada em 1985 o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) com a função de avaliar o livro didático, dando-lhe um caráter mais qualitativo. Houve também a descentralização do PNLD e as esferas estaduais tiveram mais autonomia na escolha do livro didático, o que já acontecia com alguns estados considerados mais progressistas, mas essa decisão tomou um caráter federal e passou a generalizar a participação dos estados, e mais precisamente dos professores nas escolhas do livro didático. Desde então, o PNLD vem se aperfeiçoando para atingir seu maior objetivo – a qualidade do livro didático, para tanto, de acordo com RANGEL (2003), institui-se o em 1993 uma comissão de especialistas encarregados de definir critérios de avaliação do LD e a partir de 1996 o MEC passou a subordinar a compra dos LDs inscritos no PNLD a uma aprovação prévia dos avaliadores oficiais.

Depois desse breve histórico nota-se que a história do livro didático no Brasil está absolutamente ligada a questões sociopolíticas do país, o que não poderia ser diferente, já que é obrigação do Estado proporcionar uma educação pública e de qualidade.

Por fim, duas ressalvas são importantes quando se pensa ou estuda sobre os LDs, a primeira é a importância de o livro didático ser, constantemente, objeto de estudos acadêmicos, pois tais pesquisas podem contribuir para elaboração/reformulação de livros cada vez mais próximos das exigências sociais. Outro ponto igualmente importante é o fato de o LD assumir um controle sobre a prática do professor, isso implica perceber uma "alienação" no uso do livro didático. Como bem cita Freitag, Costa e Motta (1997 p. 124), "O livro didático não é visto como um instrumento de trabalho auxiliar na sala de aula, mas sim como

uma autoridade, a última instância, o critério absoluto de verdade, o padrão de excelência a ser adotado na aula."

Sabe-se que este é um suporte de conhecimentos e de orientações didáticas, nesse sentido ele é um recurso para o professor e não seu substituto, assim é *mister* que o educador não perca sua autonomia na sala de aula e possa sentir-se livre para usar outros recursos pedagógicos que corroboram com o processo de ensino-aprendizagem.

Não se pode perder de vista também que o LD é uma ferramentas política-ideológica e, portanto, materializa um discurso que estará sempre atrelado a ideologias diversas. Haverá nestes discursos "ditos" verdadeiros, tendências para inclinação de olhares e pensares de discursos predominantes, de tal forma, que alunos e professores toma-os como verdadeiros. Sendo assim, tê-lo como referência é a maneira mais sensata de se trabalhar pedagogicamente e não como verdade absoluta e inquestionável a ser seguida.

3 AS ATIVIDADES DE LEITURA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DA COLEÇÃO DIÁLOGO: UMA REFLEXÃO

Este trabalho é derivado da pesquisa de mestrado, ainda em curso, que procura analisar como a leitura é tratada no livro didático de Língua Portuguesa da Coleção Diálogo da editora FTD, mais precisamente com os livros de 6º e 9º ano, bem como perceber como o sujeito imaginário é constituído discursivamente a partir das atividades de leitura do referido livro. Portanto, este estudo é um recorte do *corpus* desta pesquisa, na qual são analisadas as seções "Dialogando com o texto" presentes em todos os módulos do LD. A orientação teórica é a Análise de discurso de linha francesa, que tem como seu principal representante o filósofo Michel Pêcheux.

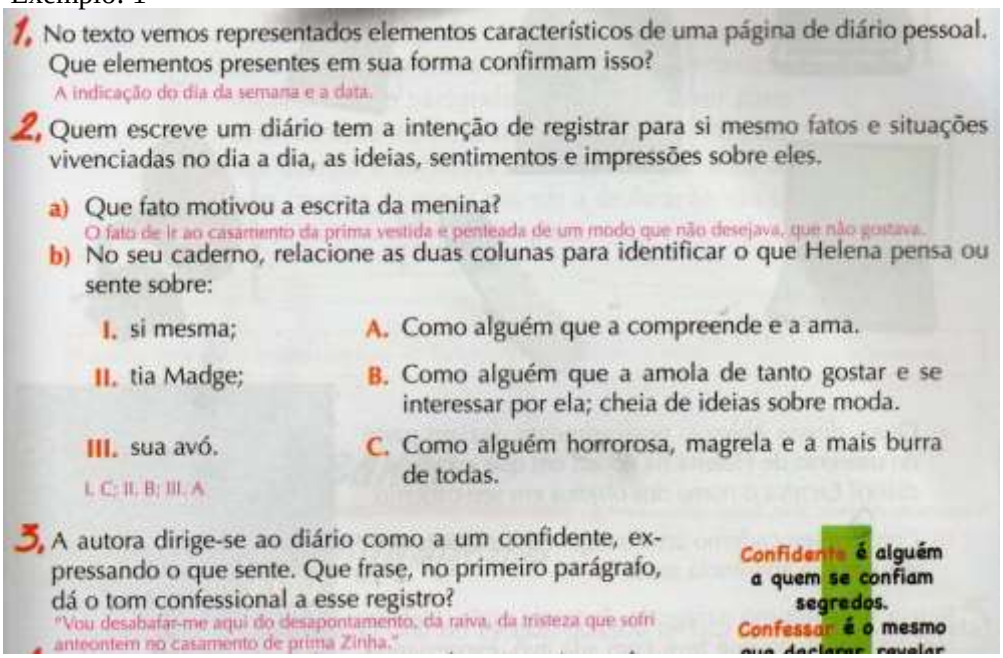
O que é possível perceber a partir do material analisado é que a leitura ainda é trabalhada de maneira superficial, não opta por uma problematização em seus questionamentos; o texto é visto como um produto pronto e os sentidos aparecem como cristalizados no texto o que confere a esse sujeito imaginário apenas a função de depreender informações contidas na semântica interna do mesmo, ficando apenas, segundo Orlandi (2012), no nível da decodificação e da interpretação. Outro ponto relevante é o silenciamento do LD em relação aos discursos presentes em sua materialidade – o texto. Isso decorre pela

[1]A saber o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), o PLIDEF (Programa do Livro Didático –

falta de uma abordagem discursiva da leitura no LD, o que faz com que os aspectos históricos e sociais sejam silenciados e fiquem à margem desse processo.

O texto que foi trabalhado pelas questões do LD é um texto de Helena Morley, intitulado: Minha vida de menina, de 1998. Tal texto narra a história de uma menina que escreve em seu diário. Como ilustração lança-se mão dos seguintes exemplos:

Exemplo: 1



1. No texto vemos representados elementos característicos de uma página de diário pessoal. Que elementos presentes em sua forma confirmam isso?
A indicação do dia da semana e a data.

2. Quem escreve um diário tem a intenção de registrar para si mesmo fatos e situações vivenciadas no dia a dia, as ideias, sentimentos e impressões sobre eles.

a) Que fato motivou a escrita da menina?
O fato de ir ao casamento da prima vestida e penteada de um modo que não desejava, que não gostava.

b) No seu caderno, relacione as duas colunas para identificar o que Helena pensa ou sente sobre:

I. si mesma;	A. Como alguém que a compreende e a ama.
II. tia Madge;	B. Como alguém que a amola de tanto gostar e se interessar por ela; cheia de ideias sobre moda.
III. sua avó.	C. Como alguém horrorosa, magrela e a mais burra de todas.

I. C; II. B; III. A

3. A autora dirige-se ao diário como a um confidente, expressando o que sente. Que frase, no primeiro parágrafo, dá o tom confessional a esse registro?
"Vou desabafar-me aqui do desapontamento, da raiva, da tristeza que sofri anteontem no casamento de prima Zinha."

Confidente é alguém a quem se confiam segredos.
Confessar é o mesmo

(Fonte: Livro didático de Língua Portuguesa, Coleção Diálogo, 6º)

Antes de iniciar a análise das referidas questões faz-se necessário retomar as três dimensões abordadas por Orlandi (2012), quando esta se refere ao trabalho com a leitura: O inteligível – atribui sentido dicionarizado; o interpretável – atribuição de sentido levando em conta a semântica interna do texto (coesão); e o compreensível – é extrapolar a semântica interna do texto e relacioná-lo ao contexto de enunciação ao que se inscreve; perceber o processo de significação, relacionando-os a sua exterioridade.

Entretanto, percebe-se pelas questões em destaque que a leitura é tratada meramente no nível da decodificação, isto é, o sujeito autor explora as informações superficiais do texto, sem nenhum envolvimento para geração de sentidos possíveis. Observa-se que na primeira questão, o autor destaca os aspectos formais do diário pessoal, sem trabalhar os elementos discursivos que o compõem, não explora a discursividade, os discursos presentes no texto e

---

Ensino Fundamental) dentre outros.

que fazem emergir diferentes vozes constitutivas do dizer (interdiscurso); outro fato a se chamar a atenção é que enunciados como: “Que elementos”; “Que fato”; “Que frase” dentre outros já sinalizados na imagem acima, direcionam o olhar leitor para determinadas partes do texto, não possibilitando a criação de outros gestos de interpretação por esse sujeito-leitor, até então imaginário. Essas atividades já podem mostrar como o livro didático constrói a imagem do sujeito imaginário: é um sujeito que deve em sua passividade repetir sentidos, captar interpretações, reproduzir informações.

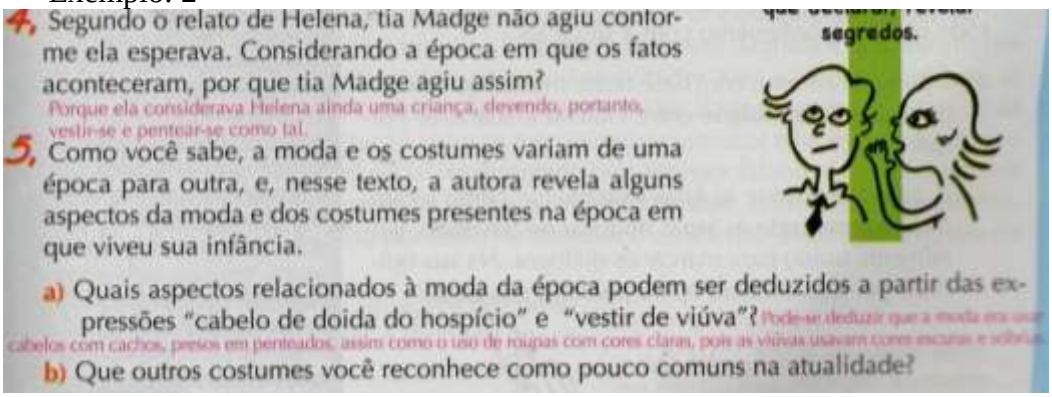
3.1 OS SILÊNCIOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA ATRIBUIÇÃO DOS SENTIDOS

Na sociedade, de uma forma geral, o silêncio é entendido como “passividade” ou como algo “negativo”; para AD a linguagem tem como característica predominante a incompletude. E essa “falta”, esse não-dito é de igual modo significante. Afinal, essa incompletude da linguagem se caracteriza como sendo o lugar do possível, dos deslizes, da deriva, dos sentidos outros; trabalho da metáfora. Lugar da historicidade, da ideologia que permeia os processos de produção dos sentidos.

Destarte, o silêncio é constitutivo do dizer, afinal o sujeito ao enunciar gera determinadas palavras e determinados sentidos condizentes com sua posição-sujeito, com sua formação discursiva e, portanto, silenciam outras palavras, outros sentidos que de igual modo contribuem para que seu dizer signifique. Para Orlandi (2007 p. 12), “O silêncio como horizonte, como iminência do sentido, [...], aponta-nos que o fora da linguagem não é nada mais ainda sentido.” Por conseguinte, não é o não mostrado, o implícito apenas, mas o vazio, a ausência que emerge para significar em determinada situação comunicativa.

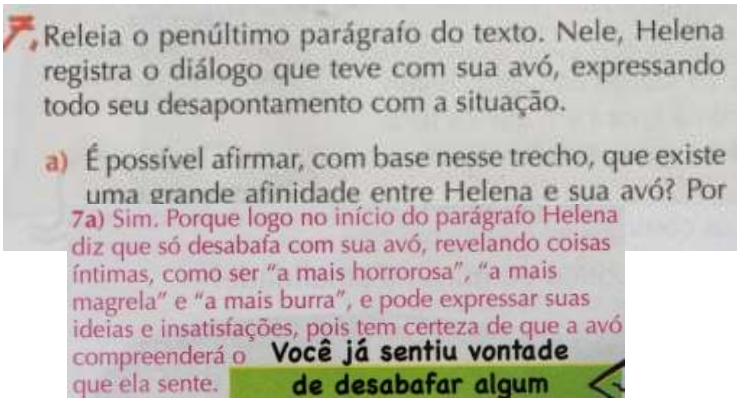
Portanto, o texto em questão põe em circulação determinados sentidos e silenciam outros. No caso dos dois exemplos a seguir nota-se uma pequena abertura para o simbólico, uma vez que demandam uma interpretação, e não apenas a decodificação, pois solicitam que o leitor imaginário deduza ou relacione outros costumes conhecidos com os relatados no texto Contudo, ainda não há uma problematização da leitura.

Exemplo: 2


4. Segundo o relato de Helena, tia Madge não agiu conforme ela esperava. Considerando a época em que os fatos aconteceram, por que tia Madge agiu assim?
Porque ela considerava Helena ainda uma criança, devendo, portanto, vestir-se e pentear-se como tal.
5. Como você sabe, a moda e os costumes variam de uma época para outra, e, nesse texto, a autora revela alguns aspectos da moda e dos costumes presentes na época em que viveu sua infância.
segredos.
a) Quais aspectos relacionados à moda da época podem ser deduzidos a partir das expressões "cabelo de doida do hospício" e "vestir de viúva"? Pode-se deduzir que a moda era usar cabelos com cachos, presos em penteados, assim como o uso de roupas com cores claras, pois as viúvas usavam cores escuras e sóbrias.
b) Que outros costumes você reconhece como pouco comuns na atualidade?

(Fonte: Livro didático de Língua Portuguesa, Coleção Diálogo, 6ºano)

Exemplo: 3


7. Releia o penúltimo parágrafo do texto. Nele, Helena registra o diálogo que teve com sua avó, expressando todo seu desapontamento com a situação.
a) É possível afirmar, com base nesse trecho, que existe uma grande afinidade entre Helena e sua avó? Por
7a) Sim. Porque logo no início do parágrafo Helena diz que só desabafa com sua avó, revelando coisas íntimas, como ser "a mais horrorosa", "a mais magrela" e "a mais burra", e pode expressar suas ideias e insatisfações, pois tem certeza de que a avó compreenderá o que ela sente.
Você já sentiu vontade de desabafar algum

(Fonte: Livro didático de Língua Portuguesa, Coleção Diálogo, 6ºano)

Nota-se que o livro não prioriza o debate sobre a forma como a moda direciona condutas, sobre a maneira como a moda pode padronizar as pessoas que devem seguir uma mesma tendência para se subjetivarem. No segundo exemplo, há o silenciamento das relações ideológicas que envolvem o "ser velho", o "ser avó" em nossa sociedade. Tais aspectos poderiam ter sido tratados pelo livro, mas foram silenciados, pois solicitam que o leitor imaginário deduza ou relacione outros costumes conhecidos com os relatados no texto. Logo, ao silenciar tais aspectos o sujeito autor limita o sujeito imaginário de relacionar-se criticamente com a leitura o que evidencia a constituição de um sujeito imaginário dotado de passividade, controlado, podado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do presente trabalho, sob orientação teórica da Análise de Discurso de Linha Francesa, foi possível perceber que o LD ainda limita o manejo com a leitura, explorando informações superficiais do texto, não expõe o olhar leitor para a opacidade da língua e continua a preservar a "ilusão" da transparência dos sentidos. As atividades constituem um sujeito imaginário que transita entre o nível da decodificação e da interpretação, sem avançar para a compreensão. Não instiga este sujeito imaginário a relacionar-se com o texto criticamente, expondo seu olhar não apenas para os aspectos linguísticos do mesmo, mas, sobretudo fazê-lo compreender que a linguagem é muito mais do que um simples sistema de regras formais, ela é constitutivamente marcada pela ideologia e pela história.

Referências

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acessado em: 10 nov. 2012.

CORACINI, Maria José. (Org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.

FREITAG, Bárbara; COSTA, Wanderley Ferreira da ; MOTTA,Valéria Rodrigues. **O livro didático em questão.** São Paulo: Cortez, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **Discurso e texto**. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. São Paulo: Pontes, 2012.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. São Paulo: Pontes, 2007.

_____. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZIBERMAN, Regina; Silva, Ezequiel Teodoro. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988. p.58-77

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas - SP: Ed. UNICAMP, 1997a. p. 61-161.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

RANGEL, Egon. Livro Didático de Língua Portuguesa: o retorno do recalcado. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org). **O livro didático de Português**: múltiplos olhares. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ETHOS E MEMÓRIA: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO FEIRAGUAI

FLÁVIA RODRIGUES DOS SANTOS[1]
UFBA[2]

Resumo
Objetivando investigar o modo como o Feiraguai e os vendedores que nela trabalham são representados discursivamente, o presente artigo visa traçar uma discussão acerca do *ethos*, para dar conta do processo da formação identitária do Feiraguai. Esta, por sua vez, é uma feira livre localizada na cidade de Feira de Santana – BA, considerada como um dos maiores centros comerciais do Norte e Nordeste do país, atraindo pessoas de várias regiões circunvizinhas através de seus produtos importados. Para tal proposta, amparei-me na perspectiva teórico-metodológico da Analise do Discurso de linha francesa, sobretudo nos estudos do papel da memória, desenvolvida por Pêcheux (1999) e na concepção de *ethos* segundo Maingueneau (2005, 2006), o qual defende a construção de uma imagem de si no discurso, imagem esta que é marcada por questões históricas, sociais e ideológicas, identificadas na enunciação, a partir dos estereótipos. A discussão é parte da dissertação de mestrado, ora intitulada: *O ethos na construção identitária do feiraguai*, a qual está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC), da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Vale salientar que a pesquisa encontra-se em fase preliminar e, por conseguinte, a mesma será ampliada após a coleta de dados, cuja investigação tem como uma das principais pretensões, descobrir quais estereótipos são atribuídos a esse espaço, para o que, faz-se necessário compreender as posições sócio-ideológicas ocupadas pelos sujeitos, pois elas são determinantes na atribuição de determinadas características e não outras ao Feiraguai. Assim, analisar e discutir sobre as questões supracitadas é falar de acontecimentos que influenciaram no modo como o Feiraguai é discursivizado, além de abordar ideias que foram construídas e que forjaram a imagem estabelecida desse espaço.

Palavras-chave: *ethos*; discurso; memória; Feiraguai.

INTRODUÇÃO

O referido trabalho é um recorte de uma discussão que será ampliada em minha dissertação de mestrado, ora intitulada *O ethos na construção identitária do Feiraguai*. Saliento, *a priori*, que ela se encontra em fase preliminar e terá um melhor desenvolvimento após a coleta de dados e de sua respectiva análise.

---

[1]Graduada do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Especialista em Metodologia do Ensino em Língua Portuguesa e Literatura pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI); Mestranda do Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC), da Universidade Federal da Bahia – UFBA.
[2] Universidade Federal da Bahia (UFBA).

No que se refere ao Feiraguai, espaço utilizado como *corpus* e fonte da coleta de dados para a pesquisa, desde seu surgimento até hoje, ele passou a ser um dos maiores centros comerciais do Norte e Nordeste do país, atraindo pessoas de várias regiões circunvizinhas através de seus produtos importados. É um lugar de troca de conhecimento e do qual emanam discursos diversos que dizem respeito ao que é ser vendedor do Feiraguai, trazendo à tona estereótipos que permeiam a construção discursiva da feira livre, dos vendedores ambulantes e do comércio informal.

Como pretendo descobrir o modo como o Feiraguai e os vendedores que nela trabalham são representados discursivamente, a discussão presente no artigo é constituída por dois momentos. O primeiro consiste em uma abordagem da concepção de *ethos* segundo Maingueneau (2011), que defende a construção de uma imagem de si no discurso, que por sua vez são marcadas por questões históricas, sociais e ideológicas, identificadas na enunciação, sobretudo a partir dos estereótipos.

No segundo momento, abordo uma discussão sobre a memória discursiva, pela necessidade de explicitar que, para entender como se dá o processo de estereotipagem, faz-se fundamental entender que os sentidos, segundo a Análise do Discurso de Linha Francesa, é efeito da memória, como ratifica Orlandi (2009).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ETHOS

A concepção de *ethos* que ora abordo, objetivando dar conta de algumas inquietações sobre minha pesquisa de mestrado, baseia-se no *ethos* discursivo, segundo Maingueneau (2011). No entanto, para entendermos melhor tal proposta, é de fundamental importância retroceder a noção de *ethos* segundo a proposta de Aristóteles em sua Retórica. Esta, por sua vez, no que diz respeito a sua finalidade Alexandre Júnior (2005) ratifica que

> Definir a retórica não é tarefa fácil. Pois, como se crê, nunca existiu um sistema uniforme de retórica clássica, embora se multipliquem os esforços de apresentar como um sistema. A retórica foi sempre uma disciplina flexível mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso; isto é, mais preocupada com a função retórica do que com a configuração do próprio texto. (ALEXANDRE JÚNIOR, 2005, p. 21, 22)

Observa-se que a noção de *ethos* está relacionada à figura do orador, que por sua vez utiliza-se de artifícios, objetivando persuadir e convencer outras pessoas. Para tal, o orador dispõe-se de estratégias, buscando passar uma imagem positiva de si, neste caso, observa-se que o discurso é utilizado pelo orador como uma técnica capaz de convencer determinado público. Sobre a pretensão de Aristóteles em sua Retórica, Maingueneau (2011, p.13) diz que "A prova pelo ethos consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança".

Aristóteles acreditava que o orador deveria possuir três características básicas ao produzir e efetivar um discurso, para que o mesmo se torne efetivo e alcance o objetivo de persuadir determinado público, a saber: o *ethos*, o *phátos* e o *lógos*, denominados por ele como provas. O *ethos* representa o caráter do orador; o *phátos*, por sua vez, diz respeito à emoção que é despertada nos ouvintes e o *logos* é o próprio discurso em si. Alexandre Júnior (2005). Das três provas, a que ele considera mais importante é o *ethos*, assim como ratifica Heine (2012)

> [...] ele considera que o ethos é a mais importante das três provas, visto que se torna mais difícil persuadir um auditório, se esse não considerar o orador como um dos que compartilham com ele das mesmas ideias, da mesma conduta, de um mesmo ethos. (Heine, 2012, p. 67)

A partir da noção de *ethos* criada por Aristotéles, estudiosos retomaram às suas ideias, estabelecendo novos critérios de acordo com suas correntes teóricas. No que diz respeito à construção de uma imagem de si através do discurso, Amossy (2008) chama a atenção de que esta construção não é necessariamente um auto-retrato , ela ocorre naturalmente e é o reflexo do conhecimento de mundo, do conjunto de ideias e princípios sociais, políticos e religiosos que constituem o indivíduo e que são passados espontaneamente por meio do discurso. Percebe-se, assim, que a autora refuta a ideia de um método estabelecido e aplicado, através da oratória, apenas para persuadir um público alvo estabelecido e previsível e afirma que

> deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências [...]. A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiros as e mais pessoais. (Amossy, 2008, p. 9)

Do ponto de vista da Análise do Discurso de Linha Francesa, doravante (ADLF), a noção de *ethos* ganha novas dimensões baseadas na obra de Maingueneau (2011). Ele defende uma ideia que vai além da arte de persuadir um público através da oratória, abrangendo os estudos para textos escritos, como podemos constatar:

> A retórica tradicional ligou estreitamente o ethos à eloquência, à oralidade em situação de fala pública (assembleia, tribunal...), mas cremos que, em vez de reservá-la para a oralidade, solene ou não, preferível alargar seu alcance, abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos. (MENGUENEAU, 2011, p. 17)

Vale salientar que a construção do ethos a partir de um texto escrito é possível pelo o que Maingueneau (2011, p. 18) denominou de "tons". Estes, que também funcionam como pistas em textos orais, estão relacionados às características que são depreendidas pelo co-enunciador na enunciação[1], possibilitando a construção de um fiador. Consoante com Maingueneau (2011, p. 72), "o 'fiador', cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos." Ainda, segundo o ele, o caráter diz respeito às questões psicológicas, enquanto à corporalidade está relacionada ao externo como o modo de vestir-se e aos traços físicos. Ambos são componentes constitutivos do fiador.

Além das questões supracitadas, outras características são indispensáveis para diferenciar o *ethos* discursivo do *ethos* retórico, o que fica claro com a figura ilustrativa construída por Maingueneau (2011, p. 19):

[1]Segundo Heine (2011, p. 153), a partir da leitura feita de Maingueneau (2001), o co-enunciador "seria aquele a quem o enunciador dirige o seu discurso, que não é entendido como uma figura dotada de passividade, mas que exerce um papel ativo no processo discursivo".

Figura 1

A partir do esquema, observa-se que o ethos é composto pelos *ethos* pré-discursivo e do *ethos* discursivo. Este, por sua vez, tem a ver com a imagem que o enunciador constrói de si no discurso; já o *ethos* pré-discursivo, é a imagem construída precedentemente da palavra enunciada pelo enunciador. No que diz respeito ao *ethos* dito, este resulta de imagens construídas pelo enunciador sem intermédios, ou seja, diretamente; enquanto o *ethos* mostrado é construído a partir de pistas, que não estão explícitas no texto. Os estereótipos, presente na base do esquema, têm um papel crucial na construção do *ethos*, pois eles representam os valores sociais, reflexos da construção da imagem que o enunciador faz de si e do outro no momento do discurso.

Em relação aos estereótipos, Amossy (2011) assegura que eles são de fundamental importância para a construção do *ethos*, uma vez que para construir uma imagem de si discursivamente, ou formar uma ideia prévia do enunciador, o co-enunciador e o enunciador devem partilhar dos mesmos conhecimentos culturais. Assim, a autora define a estereotipagem como uma "operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado". (AMOSSY, 2011, p. 125)

Como o enunciador fala a partir de sua posição social, faz-se necessário ter a noção de formação discursiva segundo ADLF, uma vez que os estereótipos são definidos pela formação discursiva na qual os sujeitos participam. Para Orlandi (2009), as palavras não carregam os sentidos nelas, estes, por sua vez, são determinados pelas posições ideológicas dos sujeitos, levando em conta o processo sócio-histórico, o qual determinará o que pode e deve ser dito.

Assim, a Formação Discursiva é entendida como um espaço no qual os sentidos são produzidos a partir de uma ideologia[1] já determinada.

Sendo assim, observa-se que, para entender a construção do ethos e como se dá o processo de estereotipagem é fundamental outros conceitos dentro da ADLF, os quais explicam, claramente, que o sujeito que enuncia não está livre para determinar um ou outro estereótipo no momento da enunciação. Os sentidos são determinados pela formação discursiva[2] que está inserido, como assegura Orlandi (2009): "as palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito de determinação do interdiscurso (da memória)". Partindo desta afirmação, segue uma breve discussão sobre o papel da memória dentro desta perspectiva.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA DISCURSIVA

> [...] o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2009, p. 31)

Tomando como base a definição de Orlandi (2009) sobre memória discursiva, pode-se considerar, portanto, que todo estereótipo é constituído com base em uma memória. Assim, amparo-me no conceito de Orlandi (2009) que, ao dissertar sobre a memória, relaciona-a com o discurso, caracterizando-a. É nesta relação que a memória, segundo ela, é "tratada como interdiscurso". (ORLANDI, 2009, p. 31)

O interdiscurso, baseando-me nas palavras de Brandão (2004, p. 89), é um espaço de regularidades, constituídos por vários discursos, através dos quais eles não podem ser independentes um do outro e, só depois, relacionados. Partindo desta noção, pois, conclui-se que esta é uma relação contínua e inconsciente[3] que os sujeitos realizam entre os já-ditos e os

---

[1]Orlandi (2009, p. 46) chama a atenção para a importância da resignificação da noção de ideologia na Análise do Discurso de Linha Francesa. Segundo a autora "a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer".

[2]Conforme Fernandes (2008), formação discursiva "refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições específicas, historicamente definidas [...]"

[3] Para Análise do Discurso de Linha Francesa, o sujeito é inconsciente, pois, ao falar, ele se filia "a redes de sentidos, mas não aprende como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente". (ORLANDI, 2009, P. 34)

novos discursos, possibilitando a reformulação de novos sentidos. Brandão (2004, p. 91), apresenta a citação de Courtine e Marandim (1981), os quais definem o interdiscurso como "um processo de reconfiguração incessante no qual uma formulação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos preconstruídos produzidos no exterior dela própria [...]".

Consoante com Fernandes (2008), no interior de toda formação discursiva, existem vários discursos, sendo denominada como interdiscurso. "Trata-se, conforme assinalamos, de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais". (FERNANDES, 2008, p. 39)

Observa-se que, dentro da perspectiva da ADLF, a memória não se trata de uma memória individualizada, através da qual o sujeito ativa suas lembranças de maneira consciente, lembrando-se de fatos que já ocorreram. A respeito da memória, Brandão (2004, p. 96) salienta que "não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe o enunciado inscrito na história".

Partindo de tais afirmações, no que se refere ao Feiraguai, tudo o que já foi dito sobre a venda de produtos importados, sobre a feira livre, sobre o vendedor ambulante e sobre o comércio informal, mobilizam sentidos no discurso sobre esse espaço, resultando na relação da memória com os discursos atuais, formando, assim, os sentidos[1]. Essa relação descrita torna-se coerente pelo o que Orlandi (2009, p. 33) disserta: "Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos".

Sendo assim, depreende-se, portanto, que dentro da ADLF, os conceitos estão intimamente ligados. Ao falar da memória discursiva (o interdiscurso), por exemplo, não podemos deixar de lado a noção do esquecimento[2], uma vez que todas às vezes que o sentido é produzido recorre a tudo que já foi dito antes, em algum lugar – na memória. E, esta memória, ao ser acionada, independe do sujeito, pois ele "diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele"

[1]Sobre os sentidos, Mussalin (2001, p. 132) assegura que "apesar dos sentidos possíveis de um discurso estarem preestabelecidos, eles não são constituídos *a priori*, ou seja, eles não existem antes do discurso. O sentido vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso." A partir dessa consideração, Mussalin (2001) conclui que o sentido não existe em si, ele vai sendo construído a partir da posição ideológica e a formação discursiva que, por sua vez, constitui o interdiscurso.

[2]Fernandes (2008) disserta sobre os dois tipos de esquecimento cunhado por Pêcheux (1997). A partir dessa releitura, ele atesta que o "esquecimento número 2 refere-se a ilusão que o sujeito tem de controlar o que diz, de

(ORLANDI, p. 32). Essa afirmação de Orlandi (2009) é essencial para não perder de vista a essência da memória discursiva, completamente diferente da memória biológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, contudo, que, a partir da discussão supracitada, é de fundamental importância relacionar o conceito do ethos discursivo, oferecido por Maingueneau (2011) com outros conceitos da ADLF para melhor entender como se dá o processo de sua construção, através dos estereótipos.

Sendo assim, será tomando como base a definição dos estereótipos, que por sua vez diz respeito a uma representação sócio-histórica estabelecida, para analisar os discursos presentes nas narrativas de venda dos vendedores do Feiraguai. Esta análise, portanto, só será possível após a transcrição das entrevistas que serão realizadas. Os vendedores, assim como outras pessoas que conhecem esse espaço de venda criam imagens estereotipadas desse lugar. Assim, procurar respostas para algumas inquietações como: O que é ser vendedor dos produtos do Feiraguai? Quais estereótipos são pré-atribuídos a eles e a essa feira? Será um desafio para a continuação deste trabalho.

Além disso, algumas questões são pertinentes para o seu enriquecimento, como a abordagem dos embates entre as posições ideológicas, que ficarão explícitas a partir das posições tomadas pelos sujeitos que serão entrevistados. Partindo desta ideia, uma abordagem pelo universo da discursividade, sobretudo da Análise do Discurso de Linha Francesa, continuará sendo fundamental para pesquisa.

Dentro dessa perspectiva, alcançarei um maior contato entre as teorias expostas e o *corpus* que será utilizado para a análise. Após uma breve aproximação entre teoria e prática, pretendo estabelecer a contribuição existente na construção do ethos na formação identitária do Feiraguai, abrangendo um novo olhar para a construção histórica dessa feira tão peculiar presente em Feira de Santana.

---

ser a fonte, a origem do dizer; já pelo esquecimento número 1, o sujeito tem a ilusão de controlar os sentidos de seus dizeres. (FERNANDES, 2008, p. 30, 31)

Referências

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na análise do discurso de Dominique Maingueneau. In: _____ (org). *Imagens de si no discurso*: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2011 p. 16 – 17.

_____. *Estereotipagem e construção de uma imagem de si*. In._____. Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2011, p. 125 – 127.

ARISTÓTELES. *Retórica.* Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso*: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008.

HEINE, Palmira. *Tramas e Temas em Análise do Discurso*. Curitiba, PR: CRV, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *A noção de ethos discursivo*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs). *Ethos discursivo.* São Paulo: Contexto, 2011, p. 11 - 29.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. Imagens de si no discurso: a construção de ethos. São Paulo: Contexto, 2011, P. 69 – 92.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs.). *Introdução à Linguística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. V.2, p. 101 – 142.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

1984: RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVAÇÃO

HÉLLEN NÍVIA TIAGO[1]
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Resumo
Tomando como *corpus* a obra *1984*, de George Orwell, propomo-nos a observar e a analisar a emergência de posições sujeito, colocando em evidência os enunciados que a constituem. Faremos recortes de fragmentos dessa obra, de modo que privilegiaremos as práticas discursivas procedentes da prisão, instituição que se configura como lugar social de "docilização" dos corpos, e possibilita verificar o funcionamento dos discursos e a inserção em uma posição sujeito por meio das práticas de subjetivação. Pretendemos descrever e analisar o *corpus* em questão à luz das teorias da Análise do Discurso de linha francesa, pautando-nos nas formulações foucaultianas acerca das relações de poder, das práticas de subjetivação (que levam a inserção em uma dada posição sujeito, ora sujeito controlado ora resistente/rebelde). Assim, desenvolveremos nosso trabalho utilizando os conceitos de poder, de modo a indicar como a emergência de posições sujeito estão diretamente relacionadas com o sistema de controle e movimentos de resistência presentes no *corpus* em estudo, uma vez que os discursos que atravessam a superfície do texto e se manifestam no instante da produção de sentidos remetem à ideia de poder, postulada por Foucault, assim como tecer uma breve relação do poder aplicado em *1984* e na atualidade.

Palavras-chave: Poder; Posição-sujeito; Subjetivação; Foucault.

DO *CORPUS*

Tomamos como *corpus* de análise a obra 1984, de George Orwell, publicada em 1949, que tem como tema o totalitarismo e o controle constante da sociedade. O romance retrata uma sociedade totalitária, dominada pelo Estado, dotada de ideologia partidária e controle da população. Se passa na Inglaterra, quando a nação se encontrava dividida em três grandes potências: Oceania, Eurásia e Lestásia. Oceania- o maior dos impérios, governa toda a Oceania, América, Islândia, Reino Unido, Irlanda e grande parte do sul da África; Eurásia - o segundo maior império, governa toda a Europa (exceto Islândia, Reino Unido e Irlanda), quase toda a Rússia e pequena parte do resto da Ásia; e Lestásia - o menor império, governa países orientais como China, Japão, Coreia, parte da Índia e algumas nações vizinhas.

[1]Licenciada em Letras Português-Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás- UnU de Pires do Rio e Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás- Câmpus Catalão. E-mail: hellennivia@hotmail.com

A obra *1984*, escrita por George Orwell, retrata uma sociedade em que o Estado se impõe sobre todas as instâncias sociais, manipula notícias, alterando assim o passado, desenvolve um novo idioma, além de oprimir e torturar os indivíduos que lutam, de qualquer forma, contra o regime instaurado. A forma de controle se dava por aparelhos denominados teletelas, que tanto funcionavam como câmeras, como televisor, de modo que repassava o fluxo de informação, as notícias e os chamados.

Winston Smith, protagonista do romance, reside no Edifício Vitória, trabalha no Ministério da Verdade, no departamento de registros e tem como função propor alterações nas notícias, distorcendo as supostas verdades. Tais alterações provocam uma mudança no comportamento de tal sujeito, fazendo-o questionar as demais imposições propostas pelo partido que liderava- IngSoc (Partido socialista Inglês).

Havia algumas proibições, mas não havia em nenhum local ou de modo expresso, assim como as punições em caso de descumprimento das normas estabelecidas, embora a ideologia impregnada na sociedade fosse clara: em caso de transgressão das normas o individuo evaporará, como se nunca tivesse existido. E embora Winston temesse tal imposição, sentia-se desconfortável com a verdade estabelecida e inicia, secretamente, uma jornada de descobertas e resistência.

Winston escreve um diário, no qual escreve “Abaixo o Grande Irmão”, podendo ser tomado como rebeldia extrema, e também registra suas recordações, pois teme esquecê-las.

Posteriormente se interessa por uma funcionária do Ministério da Verdade, Júlia, e inicia uma vida amorosa, com encontros em um quarto alugado, longe das teletelas, uma vez que relação sexual era estritamente proibida, até mesmo no casamento, o sexo deveria ser utilizado apenas com fins de procriação.

Conhece um membro do partido O´Brien e tem a sensação de que ambos são contra as imposições e manipulações cometidas pelo partido. Inicia-se uma amizade, troca de informações, empréstimo de livro com ideologia de outro partido, enfim, tornam-se confidentes e resistentes, longe do alcance das teletelas.

Porem, no ápice de suas descobertas, Winston e Júlia são descobertos, capturados e presos. Sofrem um longo tempo na prisão, enfrentam seus maiores temores, são coagidos, e por fim, reconfigurados. Tal reconfiguração se dá por meio de procedimentos de poder instaurados na prisão.

Esse poder, exercido antes mesmo do encarceramento de Winston, o poder que vigia, controla, inibe que pretendemos trabalhar nesse artigo, assim como, através dos conceitos da

Análise do Discurso, tecer uma análise que permita verificar as posições-sujeito ocupadas assim como as práticas de docilização utilizadas, uma vez que como postula Foucault:

> [...] O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar": ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] "Adestra" as multidões confusas [...] (FOUCAULT, 2005, p.143).

Exploraremos as duas formas de poder na sociedade, proposto por Foucault: o poder disciplinar, que incide sobre o corpo e controla suas forças, através das vigilância e das instituições punitivas; e o poder exercido sobre a massa, para controle geral da população, definido como biopoder.

ANÁLISE DO DISCURSO- TEORIAS E APLICAÇÕES

> É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 2005, p.118).

A Análise do Discurso (AD) é um campo disciplinar que surge em 1960, com Michel Pêcheux e consiste na evidência, no acesso ao sentido, ou seja, busca compreender a produção social dos sentidos, e toma como objeto de estudo o próprio discurso, materializado na linguagem. Para que tal busca seja possível é preciso ir além do discurso, é necessário considerar as condições de produção sociais, históricas e ideológicas.

Tomaremos como aporte para nossa análise a noção de sujeito, de formação discursiva, condições de produção e de efeito de sentido, uma vez que, é impossível pensar em AD sem remeter à noção de sentido.

Na AD o sujeito é produzido pelas práticas discursivas que circulam pelos mais variados suportes. O sujeito, por sua vez, não é tido como o controlador do que diz, embora tenha tal ilusão. A língua em funcionamento pressupõe um processo complexo no qual sujeito e sentido se constituem mutuamente. Esse é um dos motivos de, na Análise do Discurso, o sujeito não ser tomado com indivíduo singularizado, uma vez que o discurso "expõe" o social que o constitui e nele são salientadas marcas exteriores e outras vozes, não sendo individuais.

E sendo um sujeito discursivo, insere-se numa determinada Formação Discursiva (FD). Toda FD tem, no seu interior, a presença de outros discursos, chamado de interdiscurso,

que implica a junção de variados discursos inscritos em momentos históricos e sociais diferentes.

> (...) uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente "invadido" por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD)que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais. (PÊCHEUX, 1990, p.314)

Assim sendo, conforme afirma Pêcheux, uma formação discursiva é heterogênea, uma vez que se constitui de diferentes discursos, oriundos de outros lugares, outras inscrições históricas, sociais e ideológicas.

Uma FD refere-se ao que se pode ser dito apenas em uma determinada época e espaço social, agregando a questão da regularidade discursiva, na qual marca o lugar e a regra de aparição de cada enunciado.

Outra noção necessária para análise são as condições de produção do discurso, visto que estas estão relacionadas com as relações de poder e de lugar ocupado pelo sujeito do discurso e pelos outros, o que nos leva a acreditar que a força do discurso de um sujeito é determinada pela sua posição social e pela formação discursiva em que se insere.

> [...] se uma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente "evidentes" – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque [...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria "próprio", vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 1997, p. 161).

Segundo Pêcheux, os sujeitos acabam revelando, nos seus discursos, marcas dos lugares que ocupam, e tal noção também trabalhada por Foucault e é de grande relevância para os estudos da Análise do Discurso, como em:

> Mesmo sendo em branco, o papel era propriedade comprometedora. O que agora se dispunha a fazer era abrir um diário. Não era um ato ilegal (nada mais era ilegal, pois não havia mais leis), porém, se descoberto, havia razoável certeza de que seria punido por pena de morte, ou no mínimo vinte e cinco anos num campo de trabalhos forçados. Winston meteu a pena na caneta e chupou-a para tirar a graxa. A pena era um instrumento arcaico, raramente usada, mesmo em assinaturas, e ele conseguira uma, furtivamente, com alguma dificuldade, apenas por sentir que o belo papel creme merecia uma pena de verdade em vez de ser riscado por um lápis-tinta. Na verdade,

> não estava habituado a escrever à mão. Exceto recados curtíssimos, o normal era ditar tudo ao falascreve, o que naturalmente era impossível no caso. Molhou a pena na tinta e hesitou por um segundo. Um tremor lhe agitara as tripas.Marcar o papel era um ato decisivo. Com letra miúda e desajeitada, escreveu: (ORWELL, 2005, p. 21)

O fragmento acima traz enunciados onde impera o medo, a certeza da transgressão das normas e a provável punição, que mesmo trazida de forma implícita gerava desconforto e receios. O sujeito em análise era constituído da inquietação com a manipulação da verdade e do medo, pois poderia ser pego e ter de pagar por isso.

DISPOSITIVOS DE PODER

Em *Vigiar e Punir (2005)* Foucault traça um percurso histórico sobre as formas de controle e punição aplicadas, destacando as alterações na forma de se impor e de exercer o poder sobre os transgressores, assim como as formas de vigilância e controle sobre o corpo.

De acordo com Michel Foucault, os dispositivos de poder, que regulam a sociedade, estão sempre ligados à uma produção de saber, que acaba por possibilitar uma aplicação de poder, de forma mais sutil, evitando o poder por atos violentos e punições corporais, como os suplícios, estudado em *Vigiar e Punir* (2005). Foucault chamou de *Microfísica do poder*, o poder exercido minimamente, individualizado, trabalhado diariamente, de forma quase imperceptível.

Esse poder "disfarçado" está inserido no nosso *corpus* de estudo. É válido ressaltar que, para nós leitores a questão do poder é evidente, mas para os assujeitados da obra, não existia, era um mecanismo natural.

Em *História da Loucura* (2006), Foucault aponta uma nova forma de controle e correção dos indivíduos, dada pelo condicionamento em múltiplos espaços, fortalecendo o mecanismo e facilitando a docilização dos corpos.

> Na época atual, todas essas instituições- fábrica, escola, hospital psiquiátrico, hospital, prisão- têm por finalidade não excluir os indivíduos ligados a um aparelho de produção. A escola não exclui os indivíduos; ela os fixa a um aparelho de transmissão de saber. O hospital psiquiátrico não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de correção, a um aparelho de normalização dos indivíduos. O mesmo acontece com a casa de correção ou com a prisão. Mesmo se os efeitos dessas instituições são a exclusão do individuo, elas tem como finalidade primeira fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens (FOUCAULT, 1996, p.144)

No corpus em estudo, através dos enunciados, podemos verificar a emergência do poder e o condicionamento dos sujeitos, modelados de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo partido, como em:

> Qualquer barulho que Winston fizesse, mais alto que um cochicho, seria captado pelo aparelho; além do mais, enquanto permanecesse no campo de visão da placa metálica, poderia ser visto também. Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. Impossível saber com que freqüência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento vigiava a casa deste ou daquele indivíduo. Era concebível, mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo. A realidade é que podia ligar qualquer linha, no momento que desejasse. Tinha-se que viver - e vivia-se por hábito transformado em instinto na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro. (ORWELL, 2005, p. 08)

O partido, e os homens que trabalhavam por ele, eram determinantes para o comportamento dos indivíduos. A sociedade sabia das imposições, do comportamento que deveria ser aplicado em cada situação, das negações para coisas não permitidas, enfim, eram modelados pela ideologia do partido, uma vez que esta subjaz a idealização de modelos sociais, uma vez apagada as individualidades.

A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS

Pensando a prisão como uma instituição em que a vigilância predomina e ocorre com muita facilidade, nos propomos a observar e a analisar o transgressor das normas como um corpo não docilizado, que é inserido em um espaço de segregação, interdição, a partir do qual discursos são instaurados. Para tal, analisaremos e descreveremos recortes do *corpus* que evidenciam tal fato, como:

> Por isso está aqui. Está aqui porque fracassou em humildade, em disciplina. Não quer fazer o ato de submissão que é o preço da sanidade. Preferiu ser lunático, minoria de um. Só a mente disciplinada pode enxergar a realidade, Winston. Crê que a realidade é algo objetivo, externo, que existe de per si. Acredita também que é evidente a natureza da realidade. Quando se ilude, e pensa enxergar algo, julga que todo mundo vê a mesma coisa. Mas eu te digo, Winston, a realidade não é externa. A realidade só existe no espírito, e em nenhuma outra parte. Não na mente do indivíduo, que pode se enganar, e que logo perece. Só na mente do Partido, que é coletivo e imortal. O que quer que o Partido afirme que é verdade é verdade. É impossível ver a realidade, exceto pelos olhos do Partido. (ORWELL, 2005, p. 120)

Nesse recorte do corpus, verificamos que Winston se insere na posição-sujeito rebelde, e que por não ter cumprido com as normas estabelecidas pelo partido é tido como transgressor.

No fragmento extraído do romance, verificamos a emergência do discurso político, no qual, através dos enunciados verificamos a instauração da ideologia do partido, cuja verdade era atribuída somente por eles, caso contrário não poderia ser tomada como verdade.

O poder, para ser eficaz deve produzir uma positividade, de tal modo que o incremento da vida social tem, como preço, o adestramento do corpo. Na prisão, Winston, através dos procedimentos de controle é interditado e testado por diversas vezes, como em:

> - E por que imagina que trazemos pessoas aqui?
> - Para obrigá-las a confessar.
> - Não, a razão não é essa. Tenta outra.
> - Para puni-las.
> - Não! - exclamou O'Brien, cuja voz mudou. Sua face se tornou ao mesmo tempo severa e animada. - Não! Não apenas para extrair confissão, nem para punir. Quer que eu diga porque foi trazido aqui? Para te curar! Para te salvar da loucura! Compreenderá, Winston, que ninguém, dos que trazemos a este lugar, sai de nossas mãos sem estar curado. Não estamos interessados nos estúpidos crimes que cometeu. O Partido não se interessa pelo ato físico; é com os pensamentos que nos preocupamos. Não apenas destruímos nossos inimigos; nós os modificamos. Compreende o que quero dizer? (ORWELL, 2005, p. 135)

No fragmento acima podemos verificar o enunciado de poder que é instaurado, a imposição da disciplina e da reconfiguração do sujeito, uma vez que a disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância constante dos indivíduos, nesse sentido, a prisão é palco ideal para a criação de sujeitos disciplinarizados, alterando assim a posição-sujeito ocupada por Winston.

O prisioneiro, torna-se uma fonte inesgotável para a disciplinarização, pois, dentro da instituição penitenciária, o sujeito é constantemente submetido às práticas reguladoras, tornando-se portanto, um sujeito dócil e frágil, facilmente adestrável e susceptível de dominação, uma vez que a disciplina transforma os indivíduos em *corpos dóceis* e submissos, minimizando a resistência que o corpo pode oferecer contra as práticas a que é submetido.

A docilização dos corpos, dada pelo exercício do poder sobre os corpos é alcançada na obra em análise, a partir do momento em que Winston é submetido às práticas de controle e reversão e se vê amando o Grande Irmão, causando uma alteração na posição-sujeito ocupada, deixa de ser rebelde e torna-se dócil, como os demais.

> Seus pensamentos tornaram a vaguear. Quase inconscientemente, pôs-se a rabiscar com o dedo na poeira da mesa: 2+2=5
> "- Não podem ver dentro de ti" - dissera ela. Mas, podiam entrar na pessoa.
> "-O que te acontecer aqui será para sempre" - dissera O'Brien. E era verdade. Havia coisas, atos do indivíduo, dos quais era impossível se recuperar. Algo estava morto em seu peito; queimado, cauterizado. (ORWELL< 2005, p. 139)

Os procedimentos de controle, tomados como integrantes de uma dada prática de subjetivação, também são constitutivos de uma posição-sujeito, transformando os sujeitos em *indivíduos monstruosos* que precisam ser disciplinarizados, docilizados, uma vez que são as práticas de subjetivação que levam a inserção em uma dada posição-sujeito – sujeito de desrazão ou de razão, em 1984, rebelde e disciplinado.

Nessa perspectiva, temos um sujeito sem disciplina que requer dos "cuidados penitenciários" e uma vez aplicado o poder e a disciplina sobre ele, é reconstruído, remodelado, reconstruído, remodelado, para só assim estar apto a ser reinterado na sociedade. Assim como a morte do sujeito (através da descrição da bala que atravessa o crânio de Winston), remetendo ao efeito de sentido de recodificação, docilização do sujeito, referindo à inclusão de Winston na inconsciência coletiva, que perpassava a sociedade totalitária representada em 1984.

A ATUALIDADE DO PODER EM FOUCAULT

> A população não sabe o que está acontecendo, e nem mesmo sabe que não sabe (Noam Chomsky)

Segundo Foucault, os sujeitos são constituídos pelas relações de poder que perpassam toda a esfera social, ou seja, o poder não é centralizado, ele está em todos os lugares, podendo ser encontrado no trabalho, nas ruas e inúmeros locais,

> O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a idéia de que existe em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseado em uma análise enganosa e que, em todo o caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado (FOUCAULT, 1995, p.248)

A sociedade, atualmente, vive sobre constante vigia e os indivíduos estão sujeitos a serem condenados caso transgridam as normas, ou mesmo os padrões estabelecidos como normais.

No recorte a seguir há uma cena do romance *1984*, que descreve o funcionamento da teletela, que informa sobre as atividades cotidianas, de forma a se impor sobre o sujeito, ditando o que deve ser cumprido:

> A teletela estava soltando um apito ensurdecedor, que continuo no mesmo tom uns trinta segundos. Eram sete e quinze, hora de se levantarem os empregados de escritórios. Winston arrancou o corpo da cama [...] A Educação Física começaria dentro de três minutos. (ORWELL, 2005, p.33)

O enunciado instaurado remete ao discurso acerca do trabalho, alertando sobre o tempo para se arrumar, praticar exercícios, enfim, limitando a rotina de Winston. Nos discursos atuais sobre trabalho, é cada vez mais comum tratá-lo pela perspectiva da importância deste, assim como a responsabilidade atribuída em desenvolver nossas funções de acordo com normas de conduta ditadas pela empresa e código de leis trabalhistas (CLT). A disciplina está em todo lugar, assim como a vigilância e o controle.

Ainda nesse fragmento da obra temos o discurso da atividade física, atribuindo as necessidades do sujeito ser capaz de dominar e controlar seu corpo, através dos exercícios e alongamentos que implicam na saúde e assim no rendimento deste indivíduo.

Na atualidade o discurso acerca da prática diária de exercícios também é instaurada, por diferentes meios de comunicação (TV, Internet, rádio) sempre frisando sobre a importância de ter um corpo escultural, modelado e de acordo com os padrões de beleza fixados. Tal imposição e busca só se consegue através de muita disciplina na sua realização e por muitas vezes colocam a saúde em risco, assim como o bem-estar, em prol de uma definição padronizada do corpo, podendo assim promover sua exposição.

Os sujeitos são constituídos pela exterioridade, pelo que o outro determina como normal. Na maioria das vezes, o desejo de ter um corpo bonito, sarado, não parte do próprio sujeito e sim das relações de poder que emergem nos discursos midiáticos, que determina o normal e o anormal, e aquele que não se enquadra nos padrões determinados, é tachado, segregado e por muitas vezes ridicularizado.

A partir deste recorte da obra, podemos verificar como o poder disciplinar, trabalhado por Foucault, está inserido nas mais diversas situações, que geralmente, tem por objetivo

adestrar e aumentar a utilidades dos sujeitos através de técnicas sutis instituídas constituídas por intermédio da vigilância constante de seus corpos.

PALAVRAS FINAIS, MAS NÃO ÚLTIMAS

Partimos dos pressupostos teóricos da Análise do discurso de vertente francesa com o objetivo de analisar, a partir de pressupostos foucaultianos, a constituição do objeto poder e sua emergência no *corpus* em estudo.

Consideramos que as posições-sujeito são definidas pelas relações de poder e saber que se estabelecem no meio social. Tomando as posições-sujeito como não fixas, constituídas pela exterioridade e marcadas por transformações deslocamentos.

Nesse ínterim, a Análise do Discurso de linha francesa foi a disciplina que nos permitiu observar os enunciados constitutivos do poder/disciplina como objeto de discursos.

Assim, a partir da análise de alguns recortes da obra, percebemos as vozes de dois sujeitos: Winston revoltado e Winston reconfigurado, assim o sujeito discursivo a que nos propusemos a analisar constituiu-se devido a sua inserção em uma rede de formações discursivas, que se atravessam e se deslocam.

Para tal, tomamos a subjetivação, conforme Foucault, como o processo constitutivo dos sujeitos, ou melhor, processo que leva o indivíduo a objetivar-se em sujeito, nesse sentido, o sujeito é produzido nas/pelas relações discursivas.

Pudemos constatar, com as análises, que a prática discursiva é controlada, selecionada, com o objetivo instaurar e estabelecer ‘a verdade’ do corpo social, que é determinada pelos discursos dos sujeitos estabelecidos pelo Partido. Observamos, também, que, no interior da exclusão, há outro espaço de exclusão, de segregação, de rejeição. E, para o rebelde há uma negação da individualidade, restando-lhe apenas posição-sujeito que lhe foi imposta, ou seja, a de transgressor, e depois de disciplinado a posição-sujeito de cidadão comum, de disciplinado. Enfim, podemos verificar através do romance que tomamos como *corpus* de análise, uma narrativa em meio a uma sociedade em que a disciplina era o grande instrumento do poder, composta, segundo Foucault (2005) por “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”.

Referências

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se. In: **Ditos e Escritos V**- Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 77-82.

_____. **Vigiar e Punir.** O nascimento da prisão.Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____, **A verdade e as forma jurídicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1996.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul**. Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____.Verdade e Poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de janeiro: edições Graal, 1986. p. 01-14.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

PÊCHEUX, Michel. A análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 311-319.

_____.**Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2007.

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA BAIANIDADE EM CHARGES E TIRINHAS VEICULADOS NO FACEBOOK

JACILENE DA SILVA SOUZA
PALMIRA HEINE
UEFS

Resumo
O presente trabalho consiste na abordagem da construção discursiva da baianidade nos gêneros charges e tirinhas, os quais circulam no facebook. Através dos gêneros charges e tirinhas, será possível inquirir como ocorre a construção discursiva da baianidade, sendo, portanto importante para a compreensão do que é ser "baiano" e de como a imagem do baiano circula socialmente. O escopo teórico desse plano de trabalho está centrado na Análise de Discurso de Linha Francesa, tendo como base os estudos de Orlandi (2000), Maingueneu e Pecheux, 1997.

Palavras-chave: facebook; discurso; baianidade.

NOÇÕES BÁSICAS DE ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

A Análise de Discurso francesa concebe o discurso como a relação intrinsicamente constitutiva entre língua, história e ideologia, ou seja, não há como se determinar sentidos fixos pautados na imanência da língua, mas os sentidos são sempre derivados das formações discursivas nas quais os sujeitos se inscrevem, ou seja, não se pode retirar da língua a historicidade e o equívoco dela constitutivos.

Na Análise de discurso, a língua não é vista como um sistema completamente autônomo tal como se concebia nas teorias formais, mas é vista como um sistema que pressupõe a marca da história e da ideologia. Discurso "é a palavra em movimento, é mediação entre o homem e a realidade." (Orlandi, 2006, p. 15). O discurso se materializa na língua, portanto:

> [...] Não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. (Fernandes; 2008, p. 13). Daí infere-se que por se materializar na língua, o discurso se refere aos sentidos e a língua à estrutura.

Os mais diversos discursos usados, atualmente, não surgiram aleatoriamente, e nem foram de forma impositiva, ditos como certos ou errados, mas foram sendo confirmados e

reafirmados, nas relações do homem com o social, nas suas práticas linguísticas diárias, nas suas reflexões sobre o mundo, baseadas ou não em sua própria reflexão sobre determinados fatos.

Desse modo, a noção de baianidade, - segundo o Aurélio, 2007, ser baiano ou assumir a baianidade diz respeito a quem:1 nasceu na Bahia; 2 possui o jeito malemolente de falar, agir ou andar; 3 ser artista (já que na Bahia é onde surge o maior número de artistas conhecidos em âmbito nacional ou internacional - circula no interdiscurso, bem como as formações discursivas e ideológicas nas quais os baianos são representados nas charges.

Portanto, para Pêcheux (1995: 188):

> uma formação discursiva pode ser: "[aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada na conjuntura social.

A formação discursiva pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura, isto é, o que cerca o enunciado a partir do que pode ou não ser dito. Já a formação ideológica, refere-se à que não é nem universal, nem individual, mas ligada a grupos sociais que se tem sobre determinado assunto.

Sabe-se que na ADLF a noção de contexto refere-se á conjuntura e envolve também os sujeitos do discurso, histórico e ideológico. O sujeito é interpelado pelo inconsciente, que fala sempre a partir de uma formação discursiva, Os sentidos não derivam de um á conjuntura e envolve também os sujeitos do discurso contexto imediato, no sentido da Pragmática, mas surgem a partir de uma certa formação discursiva. O sujeito da AD francesa é assujeitado e ao mesmo tempo livre, uma vez que pode se filiar à uma dada formação ideológica, porém devido às coerções sociais estar preso à mesma. No entanto, para Pêcheux (1998, p. 161), os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seus discursos) pelas formações discursivas que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhes correspondem.

O sujeito não é completamente livre para dizer o que pensa ou quer dizer, pois está submetido à língua e à ideologia.

Nessa mesma conjuntura, tem-se a definição do interdiscurso- um conjunto de discursos sobre o qual se fala antes, ou em outro lugar. Também, considerado, segundo

Pêcheux, como memória discursiva, caracteriza-se pela retomada do que já foi dito em algum momento, sem que se perca o sentido.

O interdiscurso é inlocalizável, já que se refere ao já dito e, muitas vezes esquecido, o que o difere da intertextualidade. (Heine, 2012, p. 53).

BAIANIDADE: UMA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

A referência à baianidade possui expressões abundantes em vários setores culturais, a saber, nas poesias de autores renomados como Gregório de Matos, nas produções de personagens de TV, na indústria do turismo, na música, no cinema nacional, e até mesmo na mídia, em geral. A baianidade, nada mais é do que a posição que o sujeito ocupa, em uma dada formação discursiva, assumindo assim a ideologia de ser baiano, o qual segundo algumas definições, é alegre, ao mesmo tempo malemolente, festeiro, artista (no sentido usar bastante sua criatividade), entre outros. Na TV, a expressão marcante da Bahia pode ser vista na cobertura do carnaval baiano, o qual carrega uma série de discussões a respeito de toda alegria contagiante.

A mídia possui um papel muito importante nessa construção do que é ser baiano, do que vem a ser baianidade, uma vez que, contemporaneamente para que "um produto" tenha destaque, ganhe dimensão pública, é necessário estar na mídia. Os enunciados sobre mídia como: "saiu na mídia", "é culpa da mídia", "o preconceito da mídia" são uma constante na prática discursiva do senso comum. Porém, é necessário analisar se essa representação que a mídia oferece, pode ou não ser considerada uma verdade. Nesse sentido, Focault (2003), considera essa prática definindo-a como "jogos de verdade", um processo articulado por uma "relação de forças", necessárias para a circulação do poder. Diante desse universo amplo, de abrangência social, é que este trabalho está centrado na construção da baianidade, em produções midiáticas, o facebook.

A mulher, visto que é tida como símbolo de expressão da Bahia. A corporeidade, tema bastante explorado nos aspectos da baianidade, visa definir a essência do baiano à esse atributo físico, refletido através da dança e do sexo, do corpo feminino e sensual, vistos sob a forma de habilidade corporal, encanto dos movimentos, até mesmo pela forma de andar. Tais atributos são usados, muitas vezes, como forma de sedução e atração, uma maneira de apresentar a Bahia. No entanto, esse desempenho físico, atrelado ao baiano traz essa marca em sua essência, o que facilita tais aspectos com desinibição e improviso, numa desenvoltura

peculiar. Daí é que se pode reafirmar a ideia do bordão "baiano não nasce, estreia", pois através da sua expressividade e criatividade, este sujeito é capaz de reinventar expressões artísticas, sejam elas no ato de cozinhar, no modo se vestir, falar, até mesmo no modo de trabalhar.

È sabido que para muitas pessoas, o baiano é sinônimo de festa, devido à forte presença desta, em seu cotidiano. Porém, tal noção tem suas raízes históricas. Nos anos 70, 80 e 90, a festa era tema presente nas canções de autores da época, ao lado também de outros temas, como a economia, a cultura e apolítica. Nesse âmbito, a festa destaca-se como forma de identidade baiana, uma vez que une através do convívio momentâneo, classes variadas. Devido à expressiva participação popular, as festas têm uma marcante presença no Estado, sejam elas profanas ou religiosas. Fator importantíssimo, na cultura baiana, as festas funcionam como atrativos turísticos, podendo ser confirmado em propagandas publicitárias, geralmente produzidas pela empresa de turismo local, Bahiatursa, que explora incansavelmente, o tema da festa, como forma de atrair os turistas, como podemos observar no trecho a seguir, retirado de um folheto da Bahiatursa circulados entre o final da década de 70 e início de 80:

> Depois de Santa Bárbara, vem festa que não acaba mais: Nossa Senhora da Conceição da Praia, Boa Viagem, procissão Marítima de Bom Jesus dos Navegantes, Lapinha, Bonfim, Ribeira, Rio Vermelho, Itapuã, Pituba. E continua. Até que a cidade ouve o passo negro e seguro do afroxé, o ritmo contagiante do trio elétrico, essa incrível invenção baiana. È CARNAVAL. A festa maior. A que encerra todo este longo período. Um carnaval que se solta nas ruas, livre, alegre e feliz. Algo muito difícil de explicar: todos – brancos, negros, mulatos, pobres, ricos, velhos, meninos – em completo delírio pelas praças, ruas e becos, atrás dos trios elétricos, dos blocos, cordões, afoxés. Uma festa de tudo e de todos. O maior carnaval do planeta.

Ao analisar a citação acima e todo desenvolvimento deste trabalho, é possível perceber os variados discursos à respeito do que é ser baiano. "No entanto, destaca-se nesses discursos noções como: "baiano é festeiro", "baiano não gosta de trabalhar", "baiano é preguiçoso", baiano é analfabeto", "a mulher baiana tem molejo no corpo" entre outros. Nesse sentido infere-se que cada pessoa, cada povo, cada sociedade escolhe ou movido por coerções sociais, uma ideologia para viver, como assevera Mussalin (2006, p.134): "o sujeito não é o senhor de sua vontade; ou temos um sujeito que sofre as coerções de uma formação ideológica e discursiva, ou temos um sujeito submetido à sua própria natureza inconsciente".

O FACEBOOK

Os gêneros do discurso surgem a partir da interação sociocultural entre os interlocutores. Desta forma, percebe-se uma forte tendência para o aumento desses gêneros, devido às transformações ocorridas na sociedade. Dentro dessa perspectiva, surgem, contemporaneamente, os gêneros discursivos, provenientes do advento da internet, situando-se no campo do Hipertexto.

Com o advento da internet, caracterizado como "as novas tecnologias", as novas formas de interação social foram sendo desencadeados em outros gêneros, os chamados gêneros secundários, como afirma BAKHTIN (2003, p. 263) : "os gêneros discursivos dividem-se em gêneros primários e genros secundários, no qual o primeiro apresenta-se sob a forma de comunicação imediata, e o segundo provém de uma maior complexidade cultural, no convívio entre as pessoas". Sendo assim, os gêneros secundários dão origem aos gêneros digitais, que por sua vez, consistem na transformação de outros já existentes, como assevera Heine (2012, p.98):

> Assim, pode-se afirmar que os gêneros digitais constituem-se como gêneros secundários e representam transmutações de gêneros preexistentes (o e-mail é a transmutação da carta, o chat da conversa entre os amigos, o blog do diário tradicional). (HEINE, 2012, p.98)

Ainda sobre os gêneros digitais, HEINE (2012, P.99), afirma que o mesmo é nome dado ás novas modalidades de gêneros discursivos, surgidos com o advento da Internet, dentro do Hipertexto. Elas possibilitam dentre outras coisas, a comunicação entre duas ou mais pessoas pelo computador.

Os gêneros do facebook são os scraps, os comentários, entre outros. Nesse âmbito há que se ressaltar que os gêneros charges e tirinhas, quando postados no facebook ganham uma nova dimensão por circularem para uma quantidade muito grande de sujeitos que utilizam a rede social para entretenimento e informação. Assim, os gêneros postados no facebook têm novas características: se dirigem a uma grande quantidade de pessoas (conhecidas e desconhecidas) e são difundidos com facilidade e rapidez a partir da possibilidade de compartilhamento de mensagens. Além disso, os gêneros postados, no face, geram a necessidade de resposta, comentários dos internautas que acessam a rede.

Nessa perspectiva, apresentadas algumas características dos gêneros digitais, destaca-se o facebook, definido como gêneros das redes sociais. O facebook faz parte de uma rede social, que tem como objetivo a interação entre as pessoas, sejam elas amigos, ou até mesmo meros conhecidos, como uma forma de mediar novas amizades. Através desse aparato tecnológico social, é possível duas ou mais pessoas se comunicarem, através do bate- papo. Faz parte, também, desse gênero, imagens de tirinhas ou charges, podendo ser de humor, entretenimento ou até mesmo usados como forma de denúncia social, daí o facebook ser caracterizado como um gênero digital, pois permite a visualização e constatação de transformações ocorridas na sociedade.

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO

O material coletado aborda as construções discursivas da baianidade que circulam na rede social *facebook*. Tendo como objetivo, perceber como ocorre a construção discursiva da baianidade, sendo tal análise, portanto, importante para a compreensão do que é ser "baiano" e de como a imagem do mesmo é circula a partir da Internet, numa rede social que possui, no Brasil, milhares de membros.

A imagem do baiano é construída a partir da mobilização de já-ditos provenientes do interdiscurso. Nas tirinhas apresentadas, há os já ditos que consideram o baiano sempre festeiro e alegre, que são recuperados no discurso. Destaca-se nelas a formação discursiva de que o baiano é festeiro, ou seja, a festa é constitutivamente inata para os baianos. Tal espírito festivo remonta, sem dúvida à época da escravidão em que escravos faziam o que os europeus chamavam de 'batuques" que eram considerados como cerimônias festivas mas que, muitas vezes, eram cerimônias em que preparavam as fugas do cativeiro e estratégias de resistência ao regime escravocrata.

Discursos que se ligam a essa formação discursiva são os que dizem que baiano gosta de festa o ano inteiro, que um feriado em plena quarta-feira é motivo de festa, e silenciam o gosto do baiano pelo trabalho.

Temos, também, os estereótipos da preguiça:

Nesta charge, a imagem que se tem do baiano é a de preguiçoso, Mais uma vez são retomados elementos do interdiscurso que remontam época da escravidão em que escravos faziam corpo mole para o trabalho, realizando os afazeres de uma forma bastante lenta a fim de lutar, com as aramas que possuíam contra o regime que os oprimia.

. A formação discursiva referente à esta charge é a de que "todo baiano é preguiçoso". Tal noção é evidente até mesmo no momento em que fala em comemorar um feriado, em pleno dia de trabalho normal. (Pra ficar maneiro...).

Neste caso, o interdiscurso insere-se como um elemento constitutivo dos dizeres retomados da época da escravidão em que os negros faziam "corpo mole para o trabalho".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser notado, o presente artigo ancora-se em discursos voltados para a noção do "ser baiano", mais precisamente, da baianidade, tendo como base teórica a Análise do discurso de linha francesa. Através da rede social – o *facebook*, observou-se que a imagem que se tem dos baianos, é marcadamente recorrente. São imagens que nos permitem analisar o baiano como preguiçoso " 1,2,3,4... pra ficar maneiro, quinta já é feriado." Percebe-se a alegria do sujeito baiano em saber que haverá um feriado, durante a semana, ao passo que silencia o gosto do mesmo pelo trabalho. Outra imagem, também, pode nos chamar atenção para expressão de alegria presente na mesma, quando se tem como slogan: "Eu moro na Bahia, terra da alegria." Tal imagem, nos permite inferir as formações discursivas que circulam, a respeito do baiano, que o mesmo é festeiro, que a bahia é festa o ano inteiro.

Percebe-se, portanto que na ADLF a língua é vista como opaca marcada pela ideologia e pela história. Tais marcas podem ser observadas nas próprias ideias de baianidade como representação de preguiça, malemolência e alegria, e não apenas a um modo de ser do baiano.

Referências

HEINE, Palmira. Tramas e temas em análise do discurso- Curitiba-PR: CRV, 2012.

FERNANDES, Claudemar Alves. Análise do discurso: reflexões introdutórias. São Carlos-SP: Claraluz, 2007.

MARIANO, Agnes. A invenção da baianidade. São Paulo: Annablume, 2009.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Cristina (orgs.) Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. (Volume 2). São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

DECUPAGEM CINEMATOGRÁFICA E IDEOLOGIA

JOÃO FLÁVIO DE ALMEIDA[1]
UFSCar

Resumo
Sob o arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa, em Michel Pêcheux, em diálogo com a obra "O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência", de Ismail Xavier, analisaremos os recursos técnicos de produção cinematográfica (decupagem) como ferramentas discursivas. Traremos como exemplo um recorte feito a partir do filme "O diabo veste Prada (2006)", na intenção de dotar de opacidade a "filmagem" e a "montagem", e vê-las trabalhando discursivamente.

Palavras-chave: Cinema; Decupagem; Análise de Discurso; Ideologia.

A primeira pergunta a que este texto se propõe é: será que todas as materialidades discursivas fazem funcionar o discurso da mesma forma? Assim, seria possível analisar a materialidade "cinema" buscando por suas características inerentes (filmagem, montagem, decupagem, etc.), dotando-as de opacidade, na intenção de verificar sua própria constituição como ferramenta discursiva? Sob o arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa, em Michel Pêcheux, em diálogo com a obra "O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência", de Ismail Xavier, intentaremos discutir o papel da imagem em movimento na produção de sentidos no discurso. De que forma ela comunica? Como dotar de opacidade a imagem, e enxergá-la como acontecimento?

A despeito da frequente aparição conjunta da imagem com a escrita, com a fala ou alguma outra sonoridade, a imagem possui uma matéria visual muito específica que a faz única enquanto materialidade discursiva. A imagem permite trabalhar o verbal e o não verbal, restituindo à materialidade da linguagem sua complexidade e multiplicidade de diferentes linguagens (ORLANDI, 1997, p. 34). Para avançarmos nos estudos da imagem discursiva, precisamos partir do conceito de "simbólico", que articulado com o político, trabalha na constituição do sentido, logo, do sujeito. Contudo este sujeito, em relação com uma materialidade discursiva (língua, imagem, etc.), somente constitui o sentido se dentro de uma inscrição ideológica e histórica.

[1]Mestrando em CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Bolsista CAPES. joaoflaviodealmeida@gmail.com.

Assim, importa-nos o trabalho da memória discursiva e das formações ideológicas - constituídas pelas formações discursivas (PÊCHEUX, 1995, p. 160), para que se possa analisar a imagem enquanto materialidade discursiva. A análise da imagem traz em si um conflito enunciativo entre o que se vê na superfície da tessitura visual da imagem e o que lhe está silente, abaixo desta superfície discursiva. Portanto, percebe-se aí o trabalho de ambos os esquecimentos (1: O esquecimento Ideológico que dá ao enunciador a ilusão de estar na origem do que diz. 2: O esquecimento parafrástico, que leva a pensar que aquilo que foi dito só poderia sê-lo daquela forma (ORLANDI, 2005a, p. 35)) de forma mais intensa na imagem, pois que seu caráter de representação fiel e verdadeira de mundo faz parecer que o que ela diz é exatamente aquilo, que não existem derivas tampouco ambiguidades, desambiguizando outros sentidos que não aqueles enquadrados pela imagem. Assim, finalmente, para que sejam instauradas as interpretações sobre as imagens será necessário buscar suas regularidades não em seus produtos, mas sim nos seus processos de produção (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 78).

Sobre os processos de produção do discurso cinematográfico, tomaremos como ponto de partida a obra de Ismail Xavier intitulada "O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência", com edição de 2005. Esta análise de Xavier dos mecanismos de comunicação do cinema, desde o início, demonstra aproximações com a teoria Pechetiana, pois já em seu título se faz menção a discurso, opacidade e transparência: termos recorrentes e importantes dentro da ADF. Até mesmo outros conceitos, como ideologia, são abordados em sua obra:

> No manifesto “Cinéma/ideologia/Critique” o referencial psicanalítico freudiano (via Jacques Lacan), próprio a Althusser, constitui a base para o ataque às “ilusões da consciência”. E a noção de ideologia é formulada de modo a praticamente confundir-se com a percepção (= deposito das ilusões da consciência e lugar da criação de continuidade, teleologia e representações falsas do mundo). “Nesse sentido, a teoria da 'transparência' […] é eminentemente reacionária: não é a 'realidade concreta' do mundo que é 'apreendida' por (ou melhor: que impregna) um instrumento não intervencionista, mas antes o mundo vago, informulado, não teorizado, impensado da ideologia dominante. As linguagens pelas quais o mundo fala (entre elas, o cinema) constituem a sua ideologia, pois, ao se expressar, o mundo aparece tal como é vivido e apreendido, isto é, na chave da ilusão ideológica. (XAVIER, (2008 [1977]), p. 148)

Xavier denota a diferença entre o cinema e a literatura. Em ambos os casos o narrador seleciona o que entra ou não na história. No entanto possuem materiais discursivos radicalmente diferentes: enquanto a literatura mobiliza um material linguístico de flagrante

convencionalidade, o cinema se concretiza através de uma soma de imagens supostamente realistas, numa continuidade espaço-temporal igualmente - e supostamente - coincidente com o mundo real.

Estas aproximações nos permitem adentrar sua obra tendo como fio condutor a ADF Pechetiana, mas o faremos com cuidado. A intenção é evidenciar os mecanismos técnicos da produção da imagem cinematográfica como ferramentas discursivas, o que nos daria novos substratos para avaliar as especificidades do cinema enquanto instrumento ideológico.

Ele inicia sua obra abordando a forma com que a semiótica de Pierce analisa a fotografia, o que, apesar de não interessar muito para este texto evidencia, no entanto, uma certa concepção "realista" da fotografia, pois que esta pressupõe a coisa real como sua possibilidade (XAVIER, 2005, p. 18). O realismo de uma fotografia está em que, a luz que incidiu sobre aquele objeto, naquele instante, naquele exato lugar, não afetou nenhum olho humano, mas sim a lente da câmera que o captou e de alguma forma registrou para uma eterna revisitação. A fotografia implica portanto uma "realidade tal como realmente é", em frente à lente, como possibilidade de fotografia. Se este realismo já é impressionante e suscitador de discussões na fotografia, Xavier afirma que ainda muito mais o é no cinema.

Uma película, segundo ele, parte de uma fotografia primeira que será dotada de um desenvolvimento temporal que lhe confere movimento. Se o realismo da fotografia era já celebrado a despeito de sua falta de movimento, o cinema toma a "realidade tal como realmente é" da fotografia e lhe adiciona temporalidade, uma multiplicação radical do poder de ilusão, o que ocasionou complexas discussões quando da origem do cinema, e o tema principal era "*a impressão de realidade do cinema*" (XAVIER, 2005, p. 19).

A curiosa discussão que já tomava forma nas décadas de 10, 20 e 30, é que o filme, sendo uma sucessão de fotografias, permite que uma sequência de fotografias seja interrompida e sucedida por outra que não tenha relação natural com a primeira. A relação entre duas sequências de fotografias será imposta por duas operações básicas do cinema: a filmagem e a montagem: para onde a câmera "olhará" e COMO o fará? E ainda: como as sequências serão combinadas e ritmadas? A preocupação sobre uma possibilidade de manipulação da realidade já rondava os teóricos de então. O poder dado aos cineastas era demasiado e conflitos éticos já ocorriam.

Xavier aponta que estas discussões incidiram até sobre a produção cinematográfica da época. Noel Burch colocou em questão o enquadramento da câmera, que por possuir um campo de abrangência menor do que o olho humano, ocultando coisas enquanto mostra

outras, mira uma direção específica voluntariamente, omitindo outras possibilidades de ver e apreender aquele espaço (XAVIER, 2005, p. 18).

Este "espaço fora da tela" é copiosamente analisado pela ADF: os "espaços fora dos dizeres". Até este instante percebemos que o realismo de uma fotografia somado aos processos de filmagem e de montagem constituem, de certa forma, um universo logicamente estabilizado, um mecanismo de silenciamento e estabilização de um único dizer que o faz parecer único: uma univocidade lógica. Nas palavras de Pêcheux:

> [...] pois sempre há outros jogos no horizonte..., mas enquanto tal, seu resultado deriva de um universo logicamente estabilizado (construído por um conjunto relativamente simples de argumentos, de predicados e de relações) que se pode descrever exaustivamente através de uma série de repostas unívocas a questões factuais (sendo a principal, evidentemente: "de fato, quem ganhou, X ou Y?") (2008, p. 22).

Esta univocidade lógica percebida na filmagem e na montagem também faz trabalhar o esquecimento número dois, da teoria Pechetiana. Trata-se de que, ao se preparar um enunciado, sempre o fazemos de uma maneira e não de outra, ocasionando uma impressão ilusória de que há uma relação natural e direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, quando na verdade não há (ORLANDI, 2005a, p. 35). O conceito de paráfrase também se desponta na medida em que "o que não está enquadrado" pela câmera diz tanto quanto o que aparece, e é desta relação entre ditos e não-ditos parafrásticos que surge o efeito de sentido.

> Queremos dizer que para nós, a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a "matriz do sentido". Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 169).

Sobre o "não dito" fora do enquadramento Xavier assinala que ele é constante pressuposto: a visão direta de um fragmento alude à presença de um todo que se desdobra para o espaço "fora da tela". Assim, o campo enquadrado tende a indicar sua própria extensão para fora dos limites do quadro, apontando para um espaço próximo e imediato não visível. Sobre isto Xavier cita André Bazin que afirma que os limites da tela não são os quadros, como normalmente se define, mas sim os "recortes" que mostram somente uma parte do real à sua frente (XAVIER, 2005, p. 21). A ideia de recorte é reforçada pelo próprio movimento da

câmera que, ao recortar uma parte num dado instante, apresenta outras partes do todo com seu movimento, mas não todo o espaço: o movimento ainda é um recorte. Avanços e recuos, movimentos horizontais e verticais acabam, afinal, por omitir coisas em virtude de outras.

Estes aspectos são nítidos no cinema Naturalista, que Xavier distingue visivelmente do Realismo. O Realismo cinematográfico - aponta o autor, tenta reproduzir fielmente o mundo, como se fosse possível colocar o espectador frente ao universo retratado no filme, usando um número menor de recursos tecnológicos e de decupagem. O Naturalismo, por sua vez, pressupõe, teoricamente, que o real do mundo está por trás da camada visível, e que é preciso contar uma história, fabulosa que seja, para verdadeiramente falar sobre o mundo. Este último, portanto, assume a construção de uma realidade absurda e fantasiosa, no entanto mesmo sendo imaginária, faz trabalhar, como ferramenta ideológica, um sentido específico (e único) como sendo a verdade sobre o mundo (XAVIER, 2005, p. 41). O cinema Naturalista, segundo Xavier, cria o super-real na intenção de convencer sobre o real.

No cinema naturalista, a decupagem clássica, o método naturalista de interpretação dos atores e o enredo escolhido propiciam um controle total da realidade criada pelas imagens. Tudo deve ser composto, cronometrado e previsto, ao mesmo tempo em que se deve fazer transparente estes mecanismos de controle. No cinema naturalista tudo deve parecer verdadeiro através destes mecanismos de controle que apagam suas próprias existências.

Xavier se posiciona, nesta obra, de que fala de um naturalismo a despeito de qualquer estilo literário, e aponta para critérios de produção que intentam uma reprodução fiel das aparências imediatas do mundo empírico, a afirmação da ilusão de que o espectador está em relação direta com o universo representado, sem intervenções, *"como se todos os aparatos de linguagem utilizados constituíssem um dispositivo transparente (o discurso como natureza)"* (XAVIER, 2005, p. 43).

> O modelo naturalista representa uma convergência radical entre a construção de um discurso que se quer transparente (efeito de janela/fluência narrativa) e a modelagem precisa de uma dupla máscara: para propor uma ideologia como verdade, tal máscara insinua-se na superfície da tela (produzindo os efeitos ilusionistas) e insinua-se, na profundidade e na duração produzidas por estes efeitos, produzindo as convenções do universo imaginário no qual o espectador mergulha (XAVIER, 2005, p. 46).

Para demonstrar a potencialidade discursiva do cinema, Xavier aponta para a diferença entre uma tela de pintura e a tela do cinema. Numa pintura o retângulo da imagem é visto

como uma espécie de janela que abre para um universo que existe em si e por si, embora separado do nosso mundo pela superfície da tela - uma espécie de vidro que nos separa de forma tátil, mas não visualmente. Neste aspecto a obra de arte apresenta-se como microcosmo radicalmente separado do mundo real, embora tão próximo. A pintura é uma obra de arte contida dentro dela mesma, com regras próprias. Apesar de contar sobre a realidade com mais intensidade do que a própria realidade, ela não tem nenhuma conexão imediata com o real: por que representa o real é que está separada dele, não pode ser a continuação do mundo (XAVIER, 2005, p. 22).

No entanto a janela cinematográfica, ao abrir para o mundo, possui forças que outras artes não possuem: subverte aquela segregação física e carrega o espectador para dentro da tela. Não se pode dizer que uma tela de Caravaggio também não o faça, contudo:

> [...] o cinema constituiu-se uma arte que não observa o princípio da composição contida e si mesma e que, não apenas elimina a distância entre o espectador e a obra de arte, mas deliberadamente cria a ilusão, no espectador, de que ele está no interior da ação reproduzida no espaço ficcional do filme (BALAZS, 1970, p. 50).

Este efeito aliciador do cinema tem grandes implicações para a AD. Para Pêcheux "o lugar de onde se fala" também fala. As "relações de forças" (ORLANDI, 2005a, p. 39) são ferramentas importantes para a propagação de uma Formação Discursiva, e neste sentido a posição de expectador passivo faz do sujeito um receptor ainda mais alienado numa determinada Formação Ideológica. O Naturalismo adiciona sobre o ficcional uma camada de real verdadeiro, silenciando o caráter meramente representativo (e falso representativo), e no final “a mesma equação se afirma: discurso = verdade” (XAVIER, 2005, p. 42)

Xavier, citando Edgar Morin (XAVIER, 2005, p. 23), analisa os efeitos do processo de "Identificação/Projeção", onde o cinema se dá como a constituição de um mundo imaginário que vem transformar-se no lugar por excelência de manifestação dos desejos, sonhos e mitos do homem que, segundo Morin, se dão pela convergência entre as características da imagem cinematográfica e determinadas estruturas mentais de base. Assim, a identificação constitui a alma do cinema na medida em que materializa aquilo que a vida real não pode satisfazer. O cinema, portanto, é o antropomorfo ideal.

O que se vê nesta análise sobre o cinema, portanto, é o aumento do poder de uma Formação Discursiva para trabalhar sua Formação ideológica específica. Sob estes mecanismos cinematográficos supracitados torna-se natural o aparecimento de apenas um

sentido nos filmes, documentários, textualizações midiáticas etc, marcando um impedimento para o sujeito conjeturar que os sentidos poderiam ser outros, diversos daqueles que se estabelecem como dominantes ou já legitimados. Tal como a ciência (PÊCHEUX, 2008, p. 31), o cinema instrumentaliza o real através de técnicas materiais que dirigem este real rumo aos efeitos "procurados".

O processo de identificação/projeção (Morin), como ferramenta de assujeitamento ideológico, faz o discurso cinematográfico circular uma suposta coincidência entre os atos de linguagem e os fatos puros, instalando o mote da transparência e da univocidade, como se não existissem outros modos de dizer, relatar, contar, narrar fatos. Dessa forma, apagam-se os enunciados dos e sobre os equívocos - fissuras, sabotando a possibilidade de que a imprecisão, a inexatidão, os não-ditos e o silenciamento possam ser falados (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 149).

Vê-se, assim, que mesmo as constituições internas do cinema naturalista já reforçam o ideário de que existe uma correspondência, termo a termo, entre as cenas e o mundo, entre os relatos e os fatos. Visto dessa forma, o naturalismo cinematográfico reforça o lugar supostamente constituído pela ausência de sombras, em que as sequências de cenas ratificam os fatos, em que os relatos correspondem à verdade pura e em que um poder está permanentemente funcionando como uma credencial simbólica de verdade.

Resgatando novamente o conceito de "Formações Imaginárias" (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 82) para esta discussão sobre os mecanismos discursivos intrínsecos do cinema, vemos que na relação do cinema naturalista com o espectador (identificação/projeção, de Morin) temos duas posições em situação de assimetria: a primeira ocupa um lugar de poder, ou melhor, do poder de narrar a realidade com palavras sem sombras; ao segundo cabe o lugar, antecipadamente imaginado como espectador sempre consumidor, crédulo, voraz e necessitado de informações, que está sempre prestes a recebê-las, em qualquer tempo e lugar, em um fluxo contínuo de informação que não pode ser interrompido.

Ao saber-e-poder-a-mais (BUCCI & KEHL, 2004) da mídia (cinema) corresponde um suposto saber-e-poder-a-menos do espectador, combinando as seguintes imagens: à primeira está dada a potência de traçar relatos, escolher o que merece ser narrado, selecionar os fatos tidos como meritórios de destaque e fazê-los circular nas salas de cinema ao redor do mundo. E à segunda imagem cabe o papel de consumidor de um universo de informações que lhe moldam desejos e necessidades sempre perseguidas, que materializa aquilo que a vida real não pode satisfazer.

O próximo item a ser estudado é a "Decupagem" cinematográfica. Classicamente se diz que um filme é constituído por sequências menores, cada uma com sua função dramática específica. Cada sequência é, ainda, constituída por cenas ainda menores que, somadas, compõem uma unidade espaço-temporal. Assim, decupagem é o processo de decomposição do filme (sequências e cenas) até chegarmos a cada plano, que é um recorte que a lente faz do mundo (XAVIER, 2005, p. 28).

O plano, no entanto, corresponde a um determinado ponto de vista em relação ao objeto filmado, ponto de vista este que é manipulado pelos diversos tipos de movimento e enquadramento da câmera. Assim, cada plano já classificado e legitimado no cinema trabalha na condução do olhar do espectador, em constituição de ênfases, ritmo, composição, ocultamentos, etc. Plano Geral, Plano Médio, Plano Americano, Primeiro Plano, e seus movimentos Zoom In, Zoom Out, Fade In, Fade Out e outros (XAVIER, 2005, p. 29), são recursos técnicos intrínsecos ao cinema na construção da narrativa. Cada movimento de câmera "fala", cada enquadramento discursa. Cada plano enfatiza enquanto oculta, fala enquanto silencia. Cada movimento de câmera constrói certo ritmo na sequência de cenas que causa um efeito discursivo diferente. Todos os mecanismos de decupagem falam, mas falam com um poder de discursividade nunca imaginado. Sua metamorfose (antropomorfose) é assustadora: simula o olhar humano que, curioso, olha mais atentamente para um objeto em detrimento de outros, que se move em busca de algo que corre, que percebe um movimento e antecipa outros. E tudo isto somado á sonoridade também intrínseca, com efeitos semelhantes aos imagéticos: cada pequeno ruído é constituinte daquele discurso.

No entanto no cinema, através da decupagem, é a câmera que tem curiosidade pelo espectador: é ela quem antecipa os movimentos, que direciona os olhares, que diz o que é mais relevante. No filme os sons do mundo são manipulados e instrumentalizados segundo uma necessidade discursiva hermética. Assim, enquanto cria uma poderosa identificação do sujeito espectador com o microcosmo "além tela", assujeita o olhar do espectador e o conduz a pensar exatamente o que a câmera escolhe olhar e de que forma olha e escuta. Através destes recursos cinematográficos amplia-se as sensações dramáticas: o suspense, o medo, o sorriso, a satisfação, etc., são potencializados nesta soma de atuação (a encenação que devidamente ocorre), efeitos de decupagem e sonografia (XAVIER, 2005, p. 31).

Os recursos discursivos intrínsecos do cinema ainda não foram todos descritos. Nos falta estudar talvez o principal deles: a montagem. No teatro duas cenas são separadas por um intervalo para a preparação do novo cenário, no entanto, mesmo separadas, as cenas contam

uma única história: somadas elas falam, cada uma sua enunciação, uma única grande fala. No cinema a montagem suprime este tempo de espera entre uma cena e outra, entre um espaço e outro. Inicialmente os filmes possuíam cenas mais longas, e os espaços dramáticos eram mais espaçados. Hoje é possível uma cena no Japão que volta rapidamente para outra na Austrália. No entanto, ainda mais assustador, numa mesma cena uma parte do cenário pode estar num lugar diferente do restante. No filme "Anjos e Demônios" (Diretor, Ano), uma conclave acontece quando se defronta com a entrada da capela Sistina, uma entrada radicalmente diferente da original. No entanto, na cena, quando se entra pela porta realmente se entra na capela verdadeira, inconfundível. Este exemplo evidencia o poder da montagem dentro do discurso cinematográfico. É possível somar qualquer coisa deste mundo a outras ainda mais contingentes e fazer parecer natural e real.

As regras de continuidade fazem funcionar uma combinação de planos que resulta numa sequência fluente de imagens que gradativamente dissolve a "descontinuidade visual elementar": reconstrói-se uma continuidade espaço-temporal a partir de fragmentos que não possuem relação natural alguma entre eles. A decupagem, usando a montagem, possui uma premissa constitutiva que estabelece uma lógica entre os fatos, relacionando fenômenos justapostos, todavia buscando uma neutralização da descontinuidade elementar, ou seja, dotando de transparência o efeito da montagem (XAVIER, 2005, p. 32). A realidade natural do mundo é perseguida mesmo nas mais absurdas tramas fantasiosas, e o ideal perseguido é o da plenitude de coerência na evolução dos movimentos ainda em sua dimensão física. Cada pequeno fragmento de cena é manipulado conferindo uma ordem narrativa e discursiva que manipula a atenção do espectador.

A crítica imanente na obra de Ismail Xavier é sobre o resultado final de uma sessão no cinema. Os elementos básicos e constitutivos do cinema usados na intenção de alcançar o naturalismo e o realismo podem ser efêmeros: ao final da sessão a fantasia acaba e o dia seguinte, de trabalho, faz a realidade mostrar sua face desnuda. No entanto nesta sessão ideias foram trabalhadas e discursivizadas num altíssimo nível de identificação, jamais suposto por nenhuma outra materialidade discursiva. O cinema é uma realidade criada e controlada por imagens: tudo cronometrado, composto e previsto. Tudo isto acontece enquanto se trabalha outra força inversamente proporcional de invisibilidade dos meios de produção desta realidade: um sistema de representação da realidade que procura anular sua própria presença enquanto ordenador desta representação, o confere à representação não um caráter de simulação distorcida, mas uma cópia fiel do nosso mundo real (XAVIER, 2005, p. 41). Tal

reprodução do real funciona como instrumento retórico. A reconstrução do real é feita com muito cuidado e zelo como que em respeito à verdade, que por sua vez tende a ser creditada ao filme. É como uma pedra escura mergulhada em tinta branca: se reveste dela sem sê-la (XAVIER, 2005, p. 42).

Xavier aponta que, neste aspecto, o problema da produção Hollywoodiana não está na fabricação de realidades, mas no método desta fabricação, bem como nas articulações deste método com os interesses ideológicos que guiam tais produções (XAVIER, 2005, p. 43). Esta preocupação do autor coincide com as da ADF, como já vimos. No entanto se faz importante evidenciar que os mecanismos internos da produção discursiva do cinema possuem poderes específicos de assujeitamento ideológico.

O longa-metragem "O diabo veste Prada" (THE DEVIL WEARS PRADA. Direção: David Frankel. [Leg.]: Wendy Finerman, 2006. (110 min)) possui uma cena interessante que evidencia esta nossa análise. Nela é possível dotar de opacidade a questão da decupagem como ferramenta discursiva. A despeito de outros dizeres e sentidos possíveis no filme, nos limitaremos a buscar por um recorte que evidencie os recursos de filmagem e montagem como sendo, eles próprios, elementos discursivos dentro da linguagem cinematográfica.

Andy (Anne Hataway) é uma recém-formada jornalista que consegue um trabalho na principal revista de moda do planeta, segundo a ficção; uma vaga extremamente concorrida. Na primeira metade do filme ela é vista com a mesma roupa: um suéter azul e uma saia obsoleta para os padrões da moda. Ela assume, até então, uma posição-sujeito que fala desprovida dos saberes da moda, logo, não preparada para mudanças e fixamente estabilizada em seus saberes, manifestos em suas roupas. Estas, durante o filme, são comparadas a trapos que devem ser escondidos, trapos que fazem dela mesma (o sujeito Andy) obsoleta.

Se até então sua posição de sujeito do saber (dentro da Formação Discursiva da moda) era atrasada, inadequada, ela começa então a aprender os saberes sobre a moda e a jogar o jogo que esta Formação Discursiva impõe. Se até então, no filme, ela havia aparecido sempre com o mesmo suéter, agora o filme entrega uma sequência de recortes, num encadeamento em que a montagem cinematográfica faz trabalhar um interessante e importante sentido para esta discussão: no percurso de casa até o trabalho ela aparece com várias composições de roupas diferentes, no entanto, todas elas devidamente atualizadas no tempo da moda. Vejamos a montagem que encadeia esta "mudança do tipo de roupas", mas junto uma mudança no sentido de "várias mudanças", ou seja, "mudanças no plural". O velho estilo de Andy parecia ser lento, mas agora seu novo estilo - além de novo - é rápido em mudar e se transmutar.

Esta cena possui exatos quarenta segundos, e nela Andy aparece com seis roupas diferentes. Se até então sua roupa velha era "única", agora, pelas vias da decupagem, o filme contrapõe o velho e lento com o novo e ágil. Os cortes são rápidos, e a montagem faz funcionar uma linearidade temporal absurda, que no final se naturaliza. No simples trajeto de sua casa para o trabalho Andy troca várias vezes de roupa. Este trajeto dá a impressão

temporal de que se trata de um único dia, e não de vários. É entre um metrô, um taxi e uma caminhada que suas roupas são alteradas, no breve instante de um "passar de um carro", ou entre uma coluna e outra de um edifício, enquanto passa por elas, etc. Há, nesta cena, uma nítida quebra do sentido do tempo: ações que levariam dias para serem feitas são realizadas em quarenta segundos, encadeadas temporalmente de forma a trabalhar nitidamente um sentido de "agilidade" e "novidade".

O que queremos apontar, neste texto, é para o caráter discursivo das próprias ferramentas e do fazer cinematográfico. Assim como as diferentes técnicas de pinceladas também trabalham no sentido de uma tela, ressaltamos que a própria decupagem cinematográfica fala, contudo tentando apagar sua presença enquanto elemento discursivo, fazendo parecer uma voz natural, do real, como se não houvesse outra forma de falar e ouvir aquele sentido.

Referências

BALAZS, B. **Theory of the film**. New York: Dover Public. Inc., 1970.

BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ORLANDI, E. L. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Capinas: Unicamp, 1997.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005a.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pecheux. Tradução Bethania Mariani, et al. Organizadores Francaise Gadet, Tony Hak. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2008.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DISCURSO E PODER DO MORADOR DE RUA: ESTUDO DA HETEROGENEIDADE DISCURSIVA E DA POLIFONIA NOS TEXTOS DO JORNAL "AURORA DA RUA" [1]

JOSÉ GOMES FILHO2
UFBA

Resumo
Este trabalho busca analisar, no discurso dos homens em situação de rua na cidade de Salvador, a construção de sua subjetividade, de sua identidade. Para tanto, valer-nos-emos como precípuo embasamento teórico da Análise do Discurso pecheutiana, tendo em vista que nas análises será central o conceito de formação discursiva, tal qual Pêcheux (1975) a concebe. Além disso, far-se-á também uso do conceito de heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ,1990) e de polifonia (BAKHTIN,1997). Elegemos como corpus os textos do jornal "Aurora da Rua", cuja produção e veiculação são feitas pelos próprios moradores de rua. A pesquisa é qualitativa, considerando apenas duas edições, em especial, os textos de produção coletiva, identificando, por comparação, os traços recorrentes. Analisando os textos, observou-se que os moradores de rua, quando fazem uma imagem positiva de si mesmos, constroem um discurso singular em que, na descrição do funcionamento discursivo do seu dizer, identificam, na memória discursiva (interdiscurso), os valores que legitimam esta formação imaginária e, no nível da formulação discursiva (intradiscurso), descrevem uma identidade que se opõe a outras formações imaginárias construídas pela sociedade. Assim sendo, eles constroem um dizer discursivo que pode devolver-lhes a autoestima e ganhar visibilidade social, um sonho de muitos moradores de rua, espalhados por varias cidades brasileiras, em especial, a cidade Salvador.

Palavras-chaves: Heterogeneidade discursiva; Formação discursiva; Morador de rua; Exclusão social.

Résumé
Ce travail se propose d'analyser, dans les propos des hommes en situation de rue dans la ville de Salvador, la construction de leur subjectivité, de leur identité. Pour cela, nous appliquerons comme principal appareil théorique l'Analyse du Discours de Pêcheux (1975), étant donné que dans les analyses le concept de formation discursive tel qu'il l'a élaboré est central. En outre, nous ferons aussi usage du concept d'hétérogénéité discursive (AUTHIER-REVUZ,1990) et de celui de polyphonie (BAKHTIN,1997). Nous avons élu comme corpus les textes du journal « Aurora da Rua », dont la production et la distribution sont faites par les sans-abris. L'étude est qualitative, prend en considération seulement deux éditions, notamment les textes de production collective, et identifie, par comparaison, les traits récurrents. Lors de l'analyse des textes, nous avons observé que les sans-abris, quand ils

[1] Trabalho apresentado no IV Seminário de Análise do Discurso, realizado em Araraquara, São Paulo pela UNESP/Araraquara

[2] Professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA) e doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia- josegomes@ifba.edu.br

présentent une image positive d'eux-mêmes, construisent un discours singulier dans lequel, dans la description du fonctionnement discursif de leur dire, ils identifient, dans la mémoire discursive (interdiscours), les valeurs qui légitiment cette formation imaginaire et au niveau de la formulation discursive (intradiscours), ils décrivent une identité qui s'oppose à d'autres formations imaginaires construites par la société. Il s'ensuit qu'ils construisent un dire discursif qui peut leur rendre l'estime de soi et leur apporter une visibilité sociale, un rêve de beaucoup des sans-abris dispersés dans plusieurs villes brésiliennes, notamment à Salvador

Mots-clés: Hétérogénéité discursive; Formation discursive; Sans-abri; Exclusion sociale.

1. **Introdução**

Há uma representação social institucional de que os moradores de rua são maltrapilhos, alcoolizados, sujos, de que residem sob marquises, pontes, viadutos, sujeitos ao abuso de drogas, à exploração da sexualidade. Imagina-se também que sobrevivam da mão de obra barata associada à cata de materiais de reciclagem (papelão, latas, garrafas pet, etc.) e estejam atrelados à violência urbana. Segundo depoimentos, a hora mais terrível para eles é a noite, porque não dormem, apenas cochilam com medo de perversidades como uso do fogo, de tiros, de atropelos para delírios de alguns psicopatas que não suportam a diferença no convívio social. Para reconhecer as representações identitárias deste grupo social excluído ("Homens invisíveis"), que aparentemente não detêm um discurso, esta pesquisa buscou concentrar-se numa comunidade de moradores de rua ("Comunidade da Trindade"), situada na cidade baixa, mais precisamente na Av. Jequitaia, perto da Feira São Joaquim na cidade de Salvador (BA), porque eles produzem e publicam um jornal de rua ("*street paper*"), intitulado "AURORA DA RUA", bimensal, com oito páginas.

À semelhança do "Boca de Rua" de Porto Alegre, do jornal "O Trincheiro" e da revista "Ocas" de São Paulo, o jornal "Aurora da Rua" nasceu na Bahia em 2007 por iniciativa do Ir. Henrique, um monge peregrino francês, também morador de rua, que trouxe a experiência da Europa, no intuito de dar voz a todos aqueles que se encontravam em situação de rua. Enquanto os outros veículos têm uma estrutura gerencial em forma de *Ongs*, o jornal baiano é produzido, veiculado e vendido pelos próprios moradores ou ex-moradores de rua sob a orientação de uma jornalista profissional.

Nestes seis anos, foram publicados 37 números cujos temas foram variados como a moda, o amor, a habitação, a poesia, direitos humanos, o saber da rua, a amizade, evidenciando como a construção da subjetividade, da identidade do homem de rua não se faz

num constructo essencialista de que todos têm a mesma origem ou o mesmo ideal, mas num processo discursivo em que o sujeito se posiciona, de forma estratégica e relacional, não com o "mesmo" sendo aquilo que é comum a todos, mas com a diferença como "aquilo que é deixado de fora- o exterior que a constitui" (HALL, 2012, p.106).

2. Fundamentação teórica

Para descrever e compreender esta erupção identitária do homem em situação de rua, usa-se Análise do Discurso pecheutiana, como disciplina de interpretação, abordando a categoria de heterogeneidade enunciativa, correspondente à fase da AD3 em que "o primado teórico do *outro* sobre *o mesmo* se acentua" (PECHEUX, 1997, p.315), destruindo aquela noção de máquina discursiva estrutural. Segundo Maldidier (2011, p.57), surge uma nova formulação, opondo os universos discursivos logicamente estabilizados, típicos da matemática, das tecnologias, dos dispositivos de gestão "aos universos discursivos não estabilizados logicamente do espaço sócio-histórico" como o discurso das ideologias dominadas, a ruminação dos discursos cotidianos, o conversacional e o carnavalesco. Trabalhar com uma mídia alternativa, que retrata a problemática dos moradores de rua, significa seguir esta proposta pecheutiana.

Nesta época, havia a preocupação com o interdiscurso, trabalhando a relação inter/intradiscurso, e, assim, surgiu Jacqueline Authier-Revuz (1990, p.26) que, com o conceito de heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso, baseada na concepção de interdiscurso (PÊCHEUX, 1997), no dialogismo de Bakhtin (2002), na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem sob a influência de Freud e sua releitura por Lacan, trouxe grande contribuições para a Análise do Discurso. Este suporte teórico juntamente com os conceitos de polifonia de Bakhtin se tornam, então, indispensáveis ferramentas para o exercício da descrição e da interpretação do corpus da presente pesquisa.

Como todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos "outros discursos e pelo discurso do Outro", o outro não é um objeto exterior (exterior: do qual se fala), mas uma condição constitutiva do discurso de um sujeito falante que não é a fonte primeira do discurso (AUTHIER–REVUE, Apud MACHADO (2003, p.25). Existem, portanto, duas heterogeneidades: a heterogeneidade constitutiva, que não se evidencia claramente na superfície linguística e a heterogeneidade mostrada, que, ao contrário, deixa marcas explícitas

no discurso como aspas, itálico, estilo direto, estilo indireto (heterogeneidade marcada) ou marcas implícitas como a ironia, a alusão, estilo indireto livre (heterogeneidade não marcada).

A realidade linguístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma voz social, mas sempre muitas vozes. "É nesta atmosfera que o sujeito nas suas múltiplas relações e dimensões da interação socioideológica, vai- se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas" (FARACO 2009, p.84). O conceito de polifonia de Bakhtin não significa pressuposição (DUCROT, 1987), mas uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias ou dissonâncias em permanente movimento, uma vez que a interação socioideológica é um contínuo devir.

Esta multiplicidade de vozes materializa, na manifestação do intradiscurso, a presença do interdiscurso como aquilo que está inscrito na memória ou a presença do inconsciente, produzindo os efeitos de sentido, seja do discurso, seja do sujeito. Não seria uma heresia teórica, mas uma aproximação de fronteiras que podem ter repercussões na prática discursiva da ciência.

3. Mídia alternativa: a função social

Segundo Celestino (2004), a imprensa de rua tem como objetivo a interação entre os vendedores e compradores através da qual pessoas excluídas possam (re) estabelecer vínculos sociais, garantir autonomia financeira remunerada e inserir-se na sociedade e exercer sua cidadania plena. São os chamados "*street papers*", jornais ou revistas impressos sobre a realidade de moradores de rua ou de pessoas sem domicílio fixo como os imigrantes, elaborados algumas vezes com a participação de moradores de rua e/ou comercialização feita por eles.

Estes jornais de rua seguem um processo, pois selecionam quem vai exercer a função de jornaleiro nas comunidades de rua e oferecem-lhes treinamento, uniforme, crachá de identificação e uma cota de exemplares para o trabalho de circulação dos jornais. Em contrapartida, os moradores de rua comprometem-se em obedecer a uma espécie de um código de conduta como estar sóbrio, não podendo em hipótese alguma estar sob o efeito de álcool ou droga; cuidar de si mesmo, respeitar os demais e manifestar nas atitudes este respeito; evitar a comercialização dos jornais, acompanhado por crianças. Com o dinheiro arrecadado, eles podem custear a remessa seguinte e o restante, mais de 50%, fica com cada jornaleiro como forma de resgatar a sua dignidade.

Os jornais de rua utilizam, como estratégia de sedução do leitor, a criação de jornais ou revistas com projetos gráficos atraentes, coloridos e confeccionados em papel de boa qualidade. O veículo de maior referência internacional é a revista *The Big Issue*, criada em 1991, no Reino Unido, com a intenção de ser pensada, produzida e comercializada com a participação de sem-tetos londrinos. O projeto se tornou viável, bem-sucedido como empreendimento empresarial a ponto de transformar-se em exemplo para novas iniciativas no mundo e ter estimulado a fundação da *International Network of Street Papers (INSP)*, "cuja sede está situada em Glasgow (Escócia). Concebida em 1991 e concretizada a partir de 1994, aproxima veículos para trocas de experiências periódicas para debater a temática, mantém a agência de notícias *Street News Service* que dissemina informações sobre a população de rua" (CELESTINO, 2004, p. 5). São 80 publicações do gênero em 37 países dos cinco continentes, inclusive o Brasil, que possui quatro periódicos que integram o INSP: o jornal *Boca de Rua*, de Porto Alegre (RS), que circula desde 2001, assumindo o papel de pioneiro no Brasil; a revista *Ocas*, da Organização Civil de Ação Social (Ocas), instituição criada em 2002 em São Paulo (SP) e no Rio de Janeiro (RJ), e o tabloide *Aurora da Rua*, criado em março de 2007, em Salvador (BA).

O jornal *Aurora da Rua* é bimestral, elaborado pela comunidade de sem-tetos, de moradores e ex-moradores de rua da Trindade, instalada na Igreja homônima, região de Água de Meninos (Cidade Baixa) em Salvador. O diferencial para outros jornais ou revistas é o fato de haver envolvimento da população de rua em todas as fases da produção e da comercialização. As pessoas atuam na escolha da pauta, na elaboração do conteúdo através de oficinas de textos e de arte promovidas em espaços públicos como praças, largos ou viadutos da cidade (Praça de Roma, Estação Aquidabã, Viadutos da Arena Fonte Nova, via Expressa, etc.) com ajuda de voluntários como jornalistas, designers.

O propósito é enfocar fatos, ideias e ações que retratem o universo do homem de rua como a educação, a saúde, preconceito, produção cultural, moda, moradia, direitos humanos, de forma a abordar tanto a rotina árida em praças, pontes, viadutos, edificações abandonadas e calçadas quanto à beleza e à criatividade dos sem-tetos de maneira humanizada. O periódico busca tornar visível e audível a face e a voz daqueles que muitas vezes são pouco vistos e pouco ouvidos na sociedade, mas sem tratá-los como vítimas de uma situação social determinante e que os impede de reverter o quadro e sem torná-los alvo de pena (CELESTINO, 2004, p.6). A jornalista Ingrid Campos assina a matéria da capa da edição nº 1

em que está escrito: “Nas ruas, mas sem amargura: jornal é alternativa para a ressocialização de pessoas nas ruas.” E, assim, especifica os objetivos do jornal:

> Diminuir preconceitos e ter uma nova fonte de renda foram argumentos mais que suficientes para que todos aceitassem a proposta...A ideia é simples e poderosa: moradores de rua que, ao venderem o jornal, passam a ter uma fonte de renda e deixam de ser uma mão que pede esmola, transformando-se numa mão que oferece o jornal em troca ganha a dignidade e autoestima..(Aurora da Rua, mar./abr. 2007, Ano I, nº 1, p.4)

A maior parte da tiragem de 10 mil exemplares é comercializada por pessoas em situação de rua, por R$1,00 cada, em Salvador e na Região Metropolitana, não se aceita assinatura individual, a não ser de pessoas residentes fora do Estado ou do país. O mais comum é aceitar a assinatura corporativa de empresas, hospitais, escolas que distribuem os jornais entre os seus clientes, pacientes e alunos respectivamente. Não existe qualquer tipo de publicidade nem da igreja, nem de empresa, porque a Comunidade da Trindade não é uma pessoa jurídica. Não há caráter assistencialista ao morador de rua, porque a sobrevivência da comunidade se encontra em três fontes: o artesanato, a venda de material reciclável e a venda dos jornais. Ela ocupa um terreno onde há a Igreja da Trindade abandonada do séc. XVIII a qual pertence à Arquidiocese de Salvador. A ocupação ocorreu por permissão do então Cardeal Dom Magela desde que os moradores de rua a conservassem, evitando a deterioração do patrimônio.

4. Realidade histórico-social

Segundo Orlandi (2003, p. 33), todo dizer, na realidade, se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). Considerando os efeitos da memória, não se podem esquecer a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 em que rezam alguns artigos como “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade (art. I).” Em 1988, a Constituição Federal Art. 5, item III) determina e explicita os direitos e deveres individuais e coletivos: “ninguém será submetido a tortura nem tratamento desumano ou degradante.”, conjugado com o parágrafo 41: “ a lei punirá qualquer

forma de discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais". Logo, qualquer atitude de discriminação contra morador de rua é condenada pela Carta Magna.

Em 2009, o Decreto Nº 7.053 de 23 de dezembro instituiu a Política Nacional para a População em situação de Rua, entendendo como população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. No art. 5, define os princípios norteadores, além da igualdade e equidade: I – respeito à dignidade da pessoa humana; II- direito à convivência familiar e comunitária; III- Valorização e respeito à vida e à cidadania; IV- atendimento humanizado e universalizado, etc.

Em 2010, na cidade de Salvador, foi fundado o Movimento de População de Rua, sob a liderança de Maria Lúcia, ex- vendedora do jornal Aurora da Rua e ex-moradora da Comunidade da Trindade. Este movimento já existia em cidades como São Paulo, Belo Horizonte, Distrito Federal e Rio de Janeiro, porque ele nasceu quando aconteceu o massacre da Sé em São Paulo quando assassinaram 14 moradores de rua. Não possui jornal como veículo de informação e de resgate da cidadania, mas faz reuniões quinzenais com as pessoas em situação de rua, conscientizando-as dos seus direitos, orientando-as para os programas sociais, pois o objetivo é exigir do governo federal, estadual ou municipal políticas públicas para este setor da população de excluídos urbanos. Faz parcerias com instituições públicas como o Ministério Público, Universidade Federal, Secretarias de Estado, Secretarias do Município com a intenção de discutir saídas políticas e jurídicas que possam beneficiar o morador de rua.

Em janeiro de 2012, ocorreu o Congresso Nacional do Movimento de População de Rua também em Salvador em que se discutiram novas alternativas de atendimento à população que está em situação de risco nas ruas. O governo da Bahia, nesta ocasião, lançou o programa "Bahia acolhe" [1]

5. Análise linguístico-discursiva dos textos

[1] É um programa do governo baiano pioneiro, pois criou os CentroPops de atendimento às pessoas que moram nas ruas, como criou duas repúblicas masculinas (São Caetano e Uruguai) para acolher estas pessoas.

A última edição do jornal (abril/maio 2013, ano 7, nº 37) tinha como manchete**:** **TRANSFORMAÇÃO, DIGNIDADE E RESPEITO:** Vendedores partilham as experiências adquiridas no 6º aniversário do jornal **Aurora da Rua.** Nesta edição especial, em seu editorial, há um reconhecimento desta experiência: **"**Mas para cada obstáculo dessa estrada havia sempre torcedores para lhes soprar palavras de ânimo e de fé, isto é, os fiéis leitores...Tudo isso são formas de flagrar a potência da rua em expansão!" E assim conclui: " Se há tantas conquistas para celebrar, esse mérito é partilhado com vocês que acreditam na força dessa Aurora" . A matéria da capa se acha visível nas páginas 4 e 5 com vários depoimentos de moradores de rua, acompanhados de fotos coloridas numa representação performática oposta àquela que a sociedade tem sobre eles. Como é um texto coletivo, os moradores são os protagonistas de suas histórias como aquela de Elmário:

> É manhã de um domingo ensolarado. Elmário já está na porta da igreja. Colete e boné azuis, sacola do lado com um monte de jornais. Ele chegou cedinho, às 7 horas, e a expectativa é grande. Elmário é vendedor do *Aurora da Rua* desde 2007, ano em que o jornal foi lançado, e até 2010 a venda do periódico era sua principal fonte de renda. Atualmente, ele trabalha em um projeto social com carteira assinada, um sonho alimentado desde que estava em situação de rua, mas ainda vende o jornal nos fins de semana. "Nem gosto de lembrar o tempo em que morei na rua. A sensação de ser discriminado é muito ruim. Gosto de lembrar a reviravolta que aconteceu em minha vida no momento em que comecei a vender o jornal", conta. Elmário revela que, no princípio não foi fácil, mas que sempre foi perseverante. "No começo eu vendia em todos os locais: praças, ruas, ônibus e até em lojas. Aí fui conhecendo pessoas. Escolhi igrejas como ponto fixo. Comecei a ver que me olhavam de um jeito novo", relata. Comecei a me sentir novamente parte da sociedade, uma pessoa útil e capaz. A mensagem do Aurora da Rua é esta. (**Aurora da Rua, abr/maio 2013, Ano 7, nº 37, p.4)**

Observa-se uma profusão de vozes no texto em que um narrador em terceira pessoa descreve e narra as ações referentes ao vendedor Elmário. Começa com estilo indireto ("Elmário já está na porta da igreja") e indireto livre ("...a expectativa é grande.."). No discurso do narrador, o interdiscurso se presentifica na formulação discursiva, na materialidade do texto sob diferentes marcas linguísticas: os tempos verbais e a marcação das datas. Antes de 2007 ("**Nem gosto de lembrar o tempo em que morei na rua. A sensação de ser discriminado é muito ruim**"), o vendedor era vítima de uma prática social cuja formação discursiva por parte da sociedade era feita de exclusão. De 2007 a 2010 (" **a venda do periódico era sua principal renda**"), o personagem Elmário, por ser vendedor do jornal e viver na comunidade da Trindade, passa a construir valores de autoestima, advindos da prática

social e discursiva do jornal "Aurora da Rua" , mas, a partir de 2010 a 2013, ele alcançou a sua independência, porque trabalhava com carteira assinada, logo a sua subordinação ideológica se opera numa identificação com uma formação discursiva política de inserção social. Nestes discursos não estabilizados como o feminismo, o movimento negro e movimentos sociais como os moradores de rua, a heterogeneidade não é somente enunciativa, mas constitutiva do discurso. Segundo Authier –Revuz (1990), o texto apresenta uma heterogeneidade mostrada marcada devido às pistas linguísticas.

A edição "*Somos iguais, somos humanos*: *povo de rua luta por dignidade e pelo exercício da cidadania*" (jun./jul. 2012, Ano 5, nº 32) apresenta uma reflexão na matéria da capa em que se evidencia a importância da consciência para a transformação.

> Há uma década seria considerado sonho, uma utopia, pensar em reivindicação de direitos pelos moradores de rua. Entretanto, nos últimos anos, esse cenário mudou. Eles conseguiram romper as barreiras da invisibilidade social e, com a crescente organização política, fortalecer o Movimento Nacional da População de Rua, promovendo discussões em todo o país. Juntos elaboraram a Política Nacional para a inclusão social de pessoas em situação de rua, instituída, em 2009, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.
> Porém, mesmo com as conquistas, ainda há inúmeros desafios a serem vencidos. Em oficinas de texto para a reflexão destes temas, pessoas em situações de rua reconheceram os avanços conseguidos, porém são unânimes em falar sobre as necessidades e as lacunas nas políticas sociais. "É preciso possibilitar o acesso do morador de rua a serviços de qualidade. Temos déficit em todas as áreas. Além disso, a maioria não sabe que existe um movimento nacional que luta pelos direitos, ou os que sabem e não se unem. É preciso buscar conhecimento para poder cobrar. Eu sempre procurei exercer o meu poder de voz", afirma Eduardo, que, como outras pessoas de rua, tem alguma história de violação de direitos para contar (**Aurora da Rua, junho/julho 2012, Ano 5, nº 32, p. 4)**

No primeiro parágrafo, o enunciador fala na 3ª pessoa, referindo-se a dois momentos distintos em que a performatividade do homem de rua é diferente. No passado ("*Há uma década seria considerado sonho, uma utopia pensar em reivindicação de direitos pelos moradores de rua*.."l.1-2), predominava uma realidade de total exclusão que impedia a visibilidade do homem em situação de rua. Segundo Pêcheux (1997, p.316), o discurso-outro colocado em cena pelo sujeito do discurso se presentifica como um fio intradiscursivo. No presente ("*Entretanto, nos últimos anos, esse cenário mudou*.." – l.2), o sujeito do discurso faz referência ao Movimento Nacional de População de rua que promove discussões em todo o país, portanto tem uma postura performática diversa do jornal, porque apresenta um caráter

político-jurídico que se materializa na alusão ao decreto-lei 7.053 que criou a Política Nacional de inclusão dos homens em situação de rua. Não se pode esquecer que, nestes enunciados concretos, está presente a interação com o leitor, que pode ser um morador de rua ou não. Assim, "... o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez se instauram e são instaurados por esses discursos" (BRAIT, 2005, p.95). Bakhtin (2002) vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem

No segundo parágrafo, a heterogeneidade discursiva mostrada é evidente quando o sujeito usa as aspas para trazer a fala do Eduardo, como morador de rua, para o seu discurso, porque acredita que este argumento pragmático seja capaz de sensibilizar o leitor e de persuadi-lo de que o que o narrador comenta é verdadeiro. Na fala do morador, quando se refere à necessidade de saber e de poder, este discurso não é dele (Foucault, [1979], 2012), mas este outro aparece de forma constitutiva no seu discurso. E o caráter polifônico e dialógico se torna claro no momento em que Eduardo traz para a sua fala a voz daqueles que sabem que existe um movimento que luta pelos direitos, daqueles que, mesmo sabendo, o ignoram, não se unem. Além destas duas vozes, há a de Eduardo ("Eu sempre procurei exercer o meu poder de voz") que, como interação entre ele, o enunciador e o eventual leitor, revelam diferentes tipos de interpelação porque se subordinam, por identificação, a diferentes formações discursivas.

6. **Considerações finais**

Na heterogeneidade discursiva dos textos e das imagens do jornal, evidencia-se que a identidade do morador de rua é fragmentada, fraturada, descentrada, construída ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas, sempre num processo de mudança e transformação, o que não ocorre com a representação homogênea, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna que a sociedade constrói sobre os homens que (sobre)vivem nas ruas. O conceito de identidade, portanto, se encontra, enquanto discursos e práticas, em duas formas diferentes de interpelação, construídas no interior do jogo do poder e da exclusão.

A posição do jornal "Aurora da Rua" não é de naturalizar a miséria, nem divinizar o sofrimento humano, mas, ao contrário, construir uma imagem positiva do homem de rua

como um fio discursivo de resistência, de "sutura" em que ele se constitui como sujeito. Este discurso se materializa na performace dos seus textos, mostrando as formas de exclusão do homem de rua, exaltando as suas práticas sociais positivas, ao tempo em que se vincula a determinada formação discursiva que legitima aquilo que é dito em todas as secções do jornal.

A AD, como disciplina de interpretação, ao trabalhar o conceito de heterogeneidade discursiva em seu processo de reformulações, valoriza os discursos não estabilizados como aqueles da estética, da etnia e dos movimentos sociais, inclusive o do movimento da população de rua como discurso de resistência e de revolta a uma interpelação ideológica e política de luta de classes, comandada por uma ideologia dominante. Hoje, ao par desta concepção, existem formações ideológicas outras como o feminismo, o MST (Movimento dos sem-terra), o movimento negro, que lutam por uma nova identidade da mulher, do morador de rua, do negro ou do homossexual cujas especificidades não se relacionam necessariamente à luta de classes.

As políticas públicas de inclusão se equivocam quando pensam que, dando casa própria ou um emprego, estarão solucionando o problema da miséria como "higienização" social, pois tanto o jornal Aurora da Rua, como o Movimento Nacional de População de rua não sonham com este tipo de inclusão, mas sonham com um "entre-lugar" em que haja a liberdade de ser o que se é, a proteção de todos os direitos sociais, sem perder a identidade em suas múltiplas diversidades.

Observando-se os textos e as imagens do jornal "Aurora da Rua", verifica-se, por efeito de dissimulação, a correção linguística das falas populares, os corpos coloridos sem as marcas da dor como se veem nas ruas, isto não significa engodo, mas uma "tática" (CERTEAU, 2005, p.25), uma prática discursiva que, aparentemente inofensiva porque é feita de solidariedade e de respeito ao outro, esconde uma luta, uma resistência contra o poder hegemônico, capaz de trazer grandes mudanças para a sociedade como um todo.

Referências

AURORA DA RUA. Nº 32, Ano V. Salvador: *Aurora da Rua*, junho/julho 2012

AURORA DA RUA. Nº 37, Ano 7. Salvador: *Aurora da Rua*, junho/julho 2013

AUTHIER-REVUE, Jacqueline. Heterogeneidade (s) enunciativa(s) In ENI, Orlandi; GERALDI, João Wanderley. *Cadernos de estudos linguísticos 19*. Campinas (SP): Unicamp, jul/dez. 1990.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* Trad. Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.(1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ª ed. Ver. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2005.

CELESTINO, Mônica. *Imprensa de rua alvorece em Salvador (BA*): breve relato da expansão do jornal Aurora da Rua. Salvador (Ba: Ufba, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Arte de fazer. 17.ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves- Petrópolis (RJ): Vozes, 2011

DUCROT, Osvald. *O dizer e o dito*. Campinas (SP): Pontes, 1987

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagens &Diálogos*: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel {1969}. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Neves. 7.ed.- Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005

_____, Michel [1979]. *Microfísica do poder*. 25. Ed – São Paulo: Graal, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 12ª ed. - Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

MACHADO, Rosa Helena Blanco. *Vozes e silêncios de meninos de rua*: o que os meninos de rua pensam sobre as nossas instituições. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso*. Campinas (SP): Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas (SP): Pontes, 5ed. 2003.

PÊCHEUX, Michel. A análise automática do discurso In GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas (SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____, Michel. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio4ª ed. – Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2009.

A CIGARRA E AS FORMIGAS, DE MONTEIRO LOBATO: UMA ANÁLISE DA FÁBULA

KAREN STEPHANIE MELO
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Resumo
Este trabalho visa fazer uma análise semiótica, baseada na teoria de A. J. Greimas, de uma adaptação da fábula *A Cigarra e as Formigas*, publicada por Monteiro Lobato em seu livro *Fábulas*, em 1922. A versão do texto produzida por Lobato difere das outras, pois o autor queria adicionar características da cultura nacional nas fábulas já conhecidas, colocá-las em prosa e alterar suas moralidades. A versão de Monteiro Lobato, é composta de duas partes, denominadas: *I – A Formiga Boa* e *II – A Formiga Má*. A semiótica tem como objetivo o estudo do texto e pretende analisar quais procedimentos dão significado a ele. A semiótica greimasiana propõe que o plano do conteúdo de um texto pode ser entendido em três níveis: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo. Portanto, a análise teve início em um nível mais simples (abstrato) e foi concluída em um nível mais complexo (concreto).

Palavras-chave: Semiótica; Monteiro Lobato; Greimas.

Este trabalho visa fazer uma análise semiótica, baseada na teoria de A. J. Greimas, de uma adaptação do texto *A Cigarra e as Formigas*, publicada por Monteiro Lobato em seu livro *Fábulas*, em 1922.

Para Barros (2007, p. 8) "A semiótica deve ser [...] entendida como a teoria que procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo." A semiótica propõe que o plano do conteúdo de um texto pode ser entendido em três níveis: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo. Portanto, análise feita a seguir abordará principalmente estes três níveis.

A versão mais conhecida da fábula *A Cigarra e as Formigas* é composta em versos e aparece no primeiro volume da obra *Fábulas de La Fontaine*. Porém, seu primeiro registro conhecido é atribuído a Esopo, que teria vivido no século VI a.C. A versão de Esopo e a de La Fontaine são bem similares e suas lições morais estão relacionadas ao tema do trabalho, já que a cigarra é condenada por ter cantado o verão todo e deixado o trabalho de lado; por conseguinte, a formiga a castiga não dando abrigo nem comida a ela.

Monteiro Lobato queria colocar uma roupagem nacional nas fábulas já conhecidas, colocá-las em prosa e alterar suas moralidades. A versão de Monteiro Lobato, é composta de duas partes, denominadas: *I – A Formiga Boa* e *II – A Formiga Má*. Como na fábula original,

ambas as narrativas mostram uma cigarra que passa todo o verão cantando e, portanto, quando chega o inverno não possui qualquer alimento para sua sobrevivência. Em *A Formiga Boa*, porém, a formiga fica muito satisfeita em conhecer a cigarra que cantava e trazia alegria, enquanto as formigas trabalhavam e, assim, lhe oferece abrigo e alimento. Em *A Formiga Má*, a formiga sente muita inveja por a cigarra possuir o dom de cantar e ser querida por todos. Portanto, não ajuda o inseto cantor, que morre e traz tristeza para o mundo.

Segundo Barros "A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*." (2007, p.7, grifo do autor). Para que se analisem as estruturas fundamentais do texto, é necessário observar as oposições semânticas construídas na narrativa. Ao se analisar o nível fundamental, pode-se observar que o texto fala da inveja vs. gratidão; tal oposição pode ser confirmada em "pois entre, amiguinha", "que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora", "aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo", "A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol", "a formiga era uma usurária sem entranhas", "invejosa", "tinha ódio à cigarra", "- Cantava? Pois dance agora...", "a cigarra ali morreu estanguidinha". Tais características fundamentais são classificadas como positivas ou negativas. A inveja, de acordo com o dicionário Houaiss, é um "sentimento em que se misturam o ódio e o desgosto, e que é provocado pela felicidade, prosperidade de outrem"; a generosidade, por sua vez, é uma "virtude daquele que se dispõe a sacrificar os próprios interesses em benefício de outrem". No texto de análise, portanto, vê-se que a inveja é negativa, enquanto que a generosidade é positiva.

Para que se analise o nível narrativo do texto, é preciso saber que a narrativa funciona de acordo com as transformações operadas pelo fazer transformador de um sujeito: a narrativa é, portanto, uma seqüência de mudanças de estados, em que um sujeito age no mundo em busca de valores e uma seqüência de estabelecimento e ruptura de contratos entre um destinador e um destinatário.

No nível das estruturas narrativas, segundo Barros (2007, p. 11) "os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação também de sujeitos". Haverá três tipos de percursos narrativos: o do sujeito, o do destinador-manipulador e o do destinador-julgador. No percurso narrativo do sujeito, o sujeito estará em busca de seus objetos-valor; o percurso do destinador-manipulador mostra a influência que o destinador tem sobre o sujeito; o percurso do destinador-julgador

está ligado à sanção do sujeito e o destinador deve interpretar se o contrato foi cumprido ou não, o que dependerá do quadro de valores do destinador.

Pode-se observar, após a leitura da parte I da história da cigarra e das formigas, que a cigarra vai até a porta da primeira formiga aparentando muita fraqueza e sentindo muito frio. Ela começa a explicar que precisa de um agasalho por causa do mau tempo e espera que a formiga cumpra um contrato humanitário, se sensibilizando com seu estado. A formiga, então, a pergunta o que ela fizera o verão todo e a cigarra explica que estava cantando. Assim, a formiga oferece muito alegremente abrigo e alimento à sua vizinha, pois sua cantoria havia alegrado e aliviado o trabalho das formigas. Percebe-se, portanto, que, para a formiga, o contrato havia sido cumprido, mas o contrato importante para ela era de que a cigarra assumisse seu papel de cantora e não que trabalhasse como ela. Por ter cumprido seu contrato social, portanto, a cigarra é recompensada com "cama e mesa durante todo o mau tempo". Nesse caso, portanto, a cigarra é sancionada positivamente de forma pragmática, pois a formiga reconhece que ela cumpriu o acordo e dá a ela uma recompensa: alimento, abrigo.

Na segunda parte do texto, no entanto, vê-se que a cigarra dirige-se à porta da formiga II e implora por alimento, pois ela, mais uma vez, espera o cumprimento de um contrato humanitário. Para a segunda formiga, no entanto, o contrato que estava estabelecido era de que, assim como as formigas, a cigarra trabalhasse para obter seu próprio alimento durante o verão: "- Cantava? Pois dance agora... - e fechou-lhe a porta no nariz". Por conseguinte, por não ter cumprido o contrato social do trabalho, a cigarra é julgada negativamente: ela é punida com a morte.

Os programas narrativos definem-se, segundo Barros (2007, p. 20) como "um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado". O programa PN5 é um programa de aquisição, enquanto que PN2, PN7 são programas de privação. É fácil observar, a partir do que foi apresentado, que as narrativas são polêmicas, pois há sempre dois sujeitos interessados em um mesmo objeto. Então, se a cigarra recebe seus objetos-valor da formiga por meio de um programa de aquisição, este será também um programa de doação por parte da formiga de objetos de valor final pragmático[1].

[1]Os objetos podem possuir valores modais ou pragmáticos. Os valores modais são aqueles como o querer, o dever, o poder e o saber, "que modalizam ou modificam a relação do sujeito com os valores e os fazeres" (Barros, 2007, p. 22).

Ainda no nível narrativo, será feito um estudo da semântica narrativa, que abordará as questões da modalização (do fazer e do ser) e das paixões. "As relações do sujeito com os valores podem ser modificados por determinações modais" (Barros, 2007, p. 42).

Na modalização do fazer, observa-se que a relação da cigarra com os objetos "cantar", "alimento" e "observar as formigas" pode sofrer qualificações modais. Tais objetos são valores desejáveis, pois a cigarra os *quer*, e também são objetos de valor possível, já que a cigarra, em um primeiro momento, *pode* ter esses valores. A princípio, na organização modal da competência do sujeito operador, a cigarra possui a competência atualizante de *poder-fazer*. Todavia, após a mudança do tempo, ela passa ao estado virtualizante do *querer-fazer*, já que agora ela não possui objetos de valor, apenas objetos desejáveis; a competência da cigarra é, portanto, modificada pelo sujeito do fazer "natureza". Contudo, ao observarmos a conclusão da primeira parte da história, vemos que a cigarra volta a obter os valores desejados e novamente torna-se um sujeito com competência atualizante; ao final da segunda parte, a da *Formiga Má*, porém, a cigarra não adquire os valores e morre.

A modalização do ser "produz efeitos de sentido 'afetivos' ou 'passionais'. As paixões [...] entendem-se como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado" (Barros, 2007, p. 47). Observa-se a presença de uma paixão simples, modalizada pelo querer-ser no texto analisado: a paixão benevolente da generosidade, que ocorre na primeira parte da história, quando a formiga doa seus objetos-valor "alimento", "abrigo" para a formiga. É uma relação fiduciária inter-subjetiva, de uma modalização do sujeito caracterizado como um / querer-ser-conjunto/ (Fiorin, 1999). Nesse caso, ela não deseja ter aqueles valores todos para ela. Por outro lado, a segunda formiga é o sujeito do querer-ser, pois deseja também saber cantar, e do querer e do poder-fazer mal, já que não quer se desfazer de seus valores, o que caracterizam as paixões complexas[1] da avareza (falta de generosidade) e do ódio (aversão a alguém motivada por raiva) – ela tem ódio à cigarra, porque a cigarra é querida por todos; o que ela também gostaria de ser.

Há também, no texto, outro importante exemplo de paixão complexa. A cigarra, ao passar todo o verão cantando, está em um estado, denominado por Greimas, de estado de espera. O sujeito cigarra deseja os objetos de valor "alimento" e "abrigo", mas não faz nada para consegui-los, passa o verão inteiro apenas cantando, não trabalha. Ela espera que um

[1] As paixões complexas [...] prevêem a explicação de todo um percurso passional" (Barros, 2007, p. 48)

outro sujeito, nesse caso a formiga, será capaz de provir aquilo que ele deseja. Essa paixão, segundo Barros (2007, p. 49), caracteriza-se pela "confiança no outro e em si mesmo e pela satisfação antecipada ou imaginada da aquisição do valor desejado". Na primeira parte do texto, a cigarra realmente obtém o objeto desejado e, de fato, passa ao estado de satisfação; na segunda parte, contudo, a cigarra não recebe da formiga o valor desejado e, por conseguinte, passa ao estado de insatisfação e decepção.

No nível discursivo, há um aumento da complexidade das organizações discursivas e da concretização. Para Barros:

> A semiótica examina as relações entre enunciação e discurso sob a forma das diferentes projeções da enunciação com as quais o discurso se fabrica. A enunciação projeta, para fora de si, os actantes e as coordenadas espácio-temporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo da enunciação. Essa operação denomina-se desembreagem e nela são utilizadas as categorias de pessoa, do espaço e do tempo.(2007, p. 54)

O sujeito da enunciação é responsável pela produção do enunciado e é ele quem define um certo tempo e um certo espaço da enunciação. Através da enunciação será possível perceber um efeito de proximidade ou de distanciamento. Para haver um efeito de proximidade, o texto será mais subjetivo e o sujeito terá de ser o "eu", o tempo será o "agora" e o espaço será o "aqui": o procedimento utilizado na produção desse texto é chamado desembreagem enunciativa; para haver um efeito de distanciamento, o texto deverá ser mais objetivo, e o sujeito terá de ser o "tu", o tempo será o "então" e o espaço será o "lá": o procedimento utilizado na produção desse tipo de texto é denominado desembreagem enunciva.

No texto da Cigarra e da Formiga, verifica-se que o efeito é de distanciamento, o sujeito é o "ele" "uma jovem cigarra" (texto em 3ª pessoa) e o *eu* está ausente do discurso. Podemos encontrar no texto, porém, algumas desembreagens de pessoa: ocorre uma desembreagem interna e passamos a ouvir a voz das próprias personagens (*"- E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?")*, ou seja, há o simulacro de um diálogo. Esse tipo de desembreagem serve para criar um efeito de realidade no texto, pois a impressão que se tem é a de que se aquilo que está sendo lido foi realmente dito pelas personagens, o que significa que ao utilizar a desembreagem interna, dando voz às personagens, cria-se um efeito de realidade, ou seja, tem-se a ilusão de que os fatos realmente aconteceram.

Ao final do texto há também uma outra desembreagem: quando se reproduz a moral da história, temos uma outra voz que não corresponde nem à do narrador da história, nem à das personagens: “Os artistas _ poetas, pintores e músicos _ são as cigarras da humanidade”, é a voz de um outro narrador. Muda-se o narrador, pois, quando se conta a história, ou seja, no corpo da fábula, tem-se um texto mais figurativo, mais concreto; quando se chega à moral, o texto torna-se mais abstrato. Em *A Cigarra e as Formigas*, o tempo é o do “então”, anterior ao momento da enunciação: no entanto, há dois tempos diferentes, o “então” da primeira parte do texto e o “então” da segunda parte, que corresponde ao “em pleno inverno”. Da mesma forma que ocorre a desembreagem de pessoa, há no texto um procedimento denominado *embreagem de tempo*, no qual se utiliza um tempo verbal no lugar de outro. como no trecho “*houve* uma jovem cigarra”, onde deveria estar “*havia* uma jovem cigarra”; “*aparece* uma formiga friorenta”, no lugar de “*apareceu* uma formiga friorenta”; “o inverno *veio* encontrá-la”, no lugar de “o inverno *viera* encontrá-la”; “como não *soubesse* cantar”, no lugar de “como não *sabia* cantar”; o uso do pretérito perfeito no lugar do imperfeito provoca um efeito de maior pontualidade da ação na narrativa.

Por fim, nota-se que o eixo de referência espacial no texto é o “lá”. Porém, há dois espaços diferentes: o “lá” da primeira parte do texto “ao pé de um formigueiro” e o “lá” da segunda parte do texto “na Europa”. O texto analisado cria um efeito de realidade, como já foi visto no caso da desembreagem interna actancial, através de um recurso semântico discursivo chamado ancoragem, no qual se concretizam o espaço, o tempo ou os atores do discurso. Isso pode ser observado no trecho “Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com seu cruel manto de gelo”. Estes elementos de ancoragem não são obrigatórios para o desenvolvimento da narrativa, ele está presente no texto com a única finalidade de se criar tal ilusão de realidade, pois se o local onde os fatos apresentados no texto realmente existem, então o relato poderia ser totalmente verdadeiro.

É possível, ainda no nível discursivo, analisar-se a semântica discursiva do texto. Quando se estudam os níveis fundamentais e narrativos do texto, tem-se um plano mais abstrato. A semântica discursiva é que concretiza esses dois níveis. Para que ocorra essa concretização, segundo Fiorin (1999, p. 64) “podem-se revestir os esquemas narrativos abstratos com temas e produzir um discurso não-figurativo ou podem-se, [...] concretizá-los ainda mais, revestindo-os com figuras”. As figuras estarão ligadas a coisas do mundo natural (existente ou construído), ao contrário dos temas, que, segundo Fiorin, ordenam os elementos do mundo natural.

Barros (2007, p. 70) afirma que devem-se considerar dois aspectos ao se analisar a tematização: “a organização dos percursos temáticos, em função da estruturação narrativa [...] e as relações entre figurativização e tematização”.

O percurso narrativo da cigarra que tem seu estado de desabrigada e faminta em estado de abrigada e alimentada, converte-se no percurso temático da caridade.

Para que se encontrem os temas implícitos pelas figuras em um texto, não se podem analisar figuras separadamente, é preciso que se analisem as figuras do texto como um todo: ao estudar um enunciado, por conseguinte, será possível verificar que as figuras possuem relações entre si: esse enredamento de figuras é denominado percurso figurativo e é ele que permitirá descobrir os temas subjacentes no texto.

Um mesmo texto pode ter diversos percursos figurativos, dependendo de quantos temas pretende-se tratar. No texto analisado, as figuras “faina”, “abastecer as tulhas”, “enquanto nós labutávamos” produzem o percurso figurativo do trabalho. As figuras “chiar ao pé de um formigueiro”, “seu divertimento”, “E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa” representam o percurso figurativo do ócio. Estas figuras mostram o grande tema da valorização social do trabalho presente no texto.

As figuras “sem abrigo em seu galhinho seco”, “manquitolando, com uma asa a arrastar”, “ a triste mendiga suja de lama e a tossir”, “toda tremendo”, “bateu à porta da formiga e implorou” compõem o percurso figurativo da pobreza. As figuras “passavam os dias cochilando nas tocas”, “embrulhada num xalinho de paina”, “usuária sem entranhas” produzem o percurso figurativo da riqueza. Essas figuras revelam outro grande tema, o das diferenças entre camadas sociais.

O último item a ser considerado nesta análise é a isotopia, ou seja, a repetição de um traço semântico ao longo de um texto. A isotopia é o que estabelecerá qual leitura deverá ser feita de um texto. Como se sabe, as fábulas são narrativas, cujos personagens são geralmente animais ou objetos, que assumem características humanas. Todavia, a fábula não se trata de uma história de animais e objetos, mas sim de histórias sobre seres humanos e seus comportamentos. A leitura que se poderia fazer do texto de Lobato, em um primeiro momento, é a de que sua história trataria de cigarras e formigas; porém, nota-se que o texto de fato fala sobre a condição humana. Para que se verifiquem os elementos de isotopia presentes no texto de Lobato, deve-se, então, observar quais elementos permitem que se perceba ser essa uma história de homens. Como no texto as personagens são a cigarra e a formiga, os elementos de isotopia serão aqueles que carregarem traços humanos, como: “a pobre cigarra

[...] deliberou", "bateu tique – tique – tique", "Aparece uma formiga, friorenta, *embrulhada num xalinho de paina*", "A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu *depois de um acesso de tosse*", "Pagaria com juros altos", "Como não soubesse cantar, *tinha ódio à cigarra*".

Há no texto ainda uma segunda isotopia: durante a leitura da história, percebemos ser este um texto que trata sobre as condições sociais do trabalho. Entretanto, após a leitura da moral da fábula "Os artistas: poetas, pintores e músicos são as cigarras da humanidade", vê-se que é possível enxergar um novo plano de leitura: a desvalorização social da arte e do artista.

Viu-se, portanto, através do modelo de análise semiótica proposto por A. J. Greimas, como se construiu a adaptação do texto A Cigarra e as Formigas, produzida por Monteiro Lobato, e quais procedimentos foram utilizados para a composição de seu significado.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, J.L. **As astúcias da enunciação**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999

FIORIN, J. L**. Elementos de análise do discurso**. 13.ed.São Paulo: Contexto, 2005.

DISCURSOS SOBRE A LEITURA: UMA ANÁLISE DA EMERGÊNCIA E REMANÊNCIA DE CERTAS REPRESENTAÇÕES DO LEITOR NA ATUALIDADE

LUZMARA CURCINO
UFSCAR

Resumo
Neste trabalho, apoiados nos princípios de análise histórica dos discursos desenvolvidos por Michel Foucault, e ocupando-nos da análise de discursos sobre a leitura na atualidade, buscamos levantar modalidades de existência de certos discursos sobre a leitura, "em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita" (Foucault, 1999), por meio da análise dos modos de sua circulação, valorização, atribuição e apropriação pelos sujeitos, em suas variações históricas, inter e intraculturais. Com base neste princípio analítico, e em outros postulados da Análise de discurso e da História cultural da leitura, abordamos brevemente alguns discursos sobre essa prática, cuja emergência, remanência e valor de verdade explicam-se historicamente e manifestam-se atualmente em diferentes tipos de textos. Tendo em vista nosso objetivo e apoiados no referencial teórico descrito, analisamos um texto peculiar, multimodal, no qual emergem algumas representações muito comuns sobre a leitura. Trata-se de um exemplo, em alguma medida caricato, mas que apresenta indícios dessas representações e do modo como esses discursos retornam, se fortalecem, são reiterados e assumem diversas formas enunciativas, atuando de modo a construir uma imagem dos sujeitos que deles se apropriam, que neles se apoiam ou que deles são tema. Nossa análise recairá sobre uma videomontagem, disponível pelo *youtube*, intitulada "que livro você leu" construída a partir de uma entrevista com a então candidata à presidência, Dilma Roussef, e em cuja circunstância é explorada uma certa imagem do que é ser leitor. A formulação da questão que visava avaliar a então candidata por suas competências leitoras, a resposta dada pela então candidata, a construção da videomontagem e os comentários, posteriormente postados pelos internautas, indiciam algumas representações discursivas que compartilhamos atualmente sobre a leitura, e que são responsáveis por legitimar certas práticas, por construir modos de ser leitor e por atestar o valor simbólico de que a leitura goza em nossa sociedade. Nossa análise consiste, portanto, na descrição de discursos sobre a leitura que podem ser apreendidos em seu funcionamento discursivo peculiar, cujas representações discursivas, cuja origem e cuja força não coincidem com sua enunciação, antes, estão intrinsecamente ligados a sua condição de dizer socio-histórico e culturalmente delimitado, ou seja, submetido a uma ordem do discurso.

Palavras-chave: discursos sobre a leitura; representações do leitor; análise de discurso.

Discursos sobre a leitura

Para discutirmos algumas das representações contemporâneas que compartilhamos acerca da leitura e do leitor, apoiamo-nos na hipótese de Márcia Abreu (2001) segundo a qual grande parte de nosso imaginário partilhado atualmente sobre o leitor e sobre a leitura formou-se sobretudo a partir do final do XVIII e ao longo do século XIX, constituindo aquilo

que sabemos, dizemos (e podemos e devemos dizer) de nós como leitores hoje. A autora discute alguns aspectos da origem cultural de nosso imaginário sobre a leitura e apresenta uma série de imagens (pinturas do século XIX que retratam leitores (homens e mulheres) em suas bibliotecas, com seus livros em mão, deitados em móveis específicos ou sentados diante de escrivaninhas, e as compara com fotografias bastante atuais localizadas em sites pessoais que, apesar da distância temporal que separa essas imagens, elas se apresentam de modo muito semelhante porque pautadas num imaginário em comum. São alguns desses discursos, produzidos no passado e ainda reiterados e que por essa razão e desde então orientam o modo como nos fazemos e nos dizemos leitores que tentaremos abordar aqui.

Além dos discursos que atravessam e constituem essa representação atual da leitura encontram-se aquele que remete ao embate que se estabelece quando da criação de uma nova tecnologia de produção e circulação de textos, e que coloca na ordem do dia o choque entre a representação simbólica do acesso a um bem cultural mais elitizado, ao acesso a um bem cultural mais popular no sentido de garantir o acesso à massa. Esse choque se apresenta sob a forma de uma divisão entre o Leitor com letra maiúscula e os leitores com letra minúscula. O primeiro é o leitor ideal, que lê muito e lê bem, porque lê textos consagrados e os interpreta segundo um repertório cultural bastante codificado no universo letrado, relacionando-o a textos desse mesmo universo, reiterando interpretações já validadas etc.. Já os leitores com letra minúscula, estes correspondem à grande massa que decodifica os textos segundo um repertório cultural mais heterogêneo e que se contraposto ao do Leitor com letra maiúscula, é sempre apresentado pelo viés da falta, da falha, da precariedade, ou da leitura em sua dimensão pragmática, da urgência do dia-a-dia, e não de uma leitura para a elevação do espírito.

Essa distinção nos é bem clara desde o século XVIII, quando novos leitores entram em cena, na Europa, e quando mais recentemente o mesmo ocorre no Brasil, no século XX: os moradores da zona rural, os operários, as mulheres, as crianças começam a ler, se alfabetizam, se tornam mercado consumidor do impresso. No entanto, essa entrada tardia e massiva caracterizará os contrastes entre a leitura na cidade e a leitura no campo, a leitura dos letrados e a leitura dos humildes, divisões estas apreensíveis nas pinturas e na literatura da época, na Europa, e nos discursos pedagógicos, psicologizantes e medicalizantes de hoje em dia, que frequentam nossas escolas. Esses discursos indiciam o imaginário, construído discursivamente dos leitores (ou não-leitores) atravessando os séculos. Lá (na Europa) e naquele período (século XVIII e XIX), vemos emergir discursos nostálgicos acerca de uma prática de leitura

(efetiva, intensiva, interpretativa e de qualidade, do passado) perdida em detrimento da emergência desses novos leitores que empreendem uma prática considerada mais frívola, fútil e desorientada pela abundância dos impressos, pelo excesso de livros, mal lidos e de modo rápido (CHARTIER, 1990, p. 520), e aqui (América) e no tempo presente, essa leitura extensiva do XIX na Europa, ou de poucos letrados no Brasil, torna-se a imagem desejada de leitor e de uma prática de leitura legítima, mas que é substituída por uma prática considerada acelerada demais, superficial, fragmentária, dispersiva e distraída, dos leitores da atualidade expostos a textos eletrônicos cuja escrita em links pressupõe uma prática de leitura e a incentiva e acentua. Vemos que essa lógica saudosista se mantém em discursos formalmente bastante distintos ao longo do tempo.

Função Leitor

Isso se dá em alguma medida porque o leitor, para empregarmos os termos de Michel Foucault, também é uma função discursiva que, de modo semelhante à *função autor* à qual cabe ligar a um sujeito, a unidade e a coerência de alguns textos, (o leitor) é o responsável por exercer o papel legítimo de se apropriar de alguns textos, de interpretá-los segundo interpretações anteriores e autorizadas, de dizer e de ler enfim o que pode e deve ser dito e lido sobre um elenco de textos que receberam alguns crivos institucionais legitimantes.

Essa "função leitor' seria, ela também, oriunda de um princípio de rarefação dos discursos que legitimam certas práticas de leitura de acordo com a valoração ou não de alguns objetos culturais.

Uma crítica contundente feita por Márcia Abreu (2001) a esse respeito mostra como a imagem que fazemos dos leitores se liga àquela do Leitor com maiúscula de que falamos acima: ao perguntar a alguém o que ele lê ou leu ultimamente, rapidamente nos identificamos a esse Leitor com maiúscula e enunciamos aquilo que é uma leitura considerada relevante socialmente, declarável, portanto, e que ajuda a construir nossa imagem não apenas como leitor, mas de quem nós somos. Assim reproduzimos algumas representações de práticas de leitura socioculturalmente legítimas. Todos nós sabemos que práticas podemos e devemos revelar, porque há certas leituras não declaráveis publicamente, ou declaráveis em situações muito peculiares (Cf. Jean-Marie Goulemot, 2000). Há ainda uma preocupação de nossa parte em eleger os livros declaráveis e aqueles de que devemos nos lembrar, em função de sua

valorização sociocultural, dos quais eventualmente falamos sem que necessariamente os tenhamos lido (Cf. Pierre Bayard, 2007).

Além de sermos o que lemos, somos também identificados em função do modo como lemos e do modo como nos manifestamos acerca do que lemos. Esse modo como lemos pode ser apreendido na maneira como os textos são produzidos, no emprego ou não de certas estratégias de escrita, que respondem a uma prática de leitura que se imagina ser aquela dos leitores para os quais o texto é produzido e editado ou que objetivam fomentar uma dada prática de leitura.

Além dessa forma de manifestação discursiva de como lemos, há também a construção de imagens acerca do leitor e da leitura em função do modo como nos manifestamos acerca do que lemos. A uma pergunta como "que livro você está lendo?", há todo um repertório de respostas desejadas, já codificadas e por isso esperadas que corroboram certos discursos sobre a leitura e que ajudam a validar a imagem que fazemos daqueles a quem dirigimos essa pergunta, que é feita por razões muito distintas a políticos, a modelos, a atletas, a pessoas públicas em geral (que se quer promover ou criticar).

Um exemplo, em alguma medida caricato, disso que acabamos de enunciar, mas que é bastante sintomático dessa lógica discursiva de construção de imagem de quem nós somos, é o de uma videomontagem que me foi apresentada por uma doutoranda, Lígia Menossi de Araújo, e que constitui parte do corpus de sua tese de doutorado constituído de "videomontagens" de discursos de personalidades políticas. Trata-se de um fragmento de vídeo com uma entrevista com a então candidata à presidência: Dilma Roussef, disponível pelo link http://www.youtube.com./watch?v=oaUhRuFauEk.

É um vídeo bastante engraçado que reflete algumas imagens do que se considera legitimamente ser um leitor e do valor simbólico que a leitura goza em nossa sociedade. Tanto o vídeo quanto os comentários postados pelos internautas (com motivação político-partidária ou não) indiciam representações discursivas que partilhamos na atualidade acerca da leitura. Algumas dessas imagens do leitor estão manifestas na própria pergunta sobre que livros a então candidata lia (como se essa fosse uma resposta que fornecesse ao eleitorado um traço importante de sua personalidade), algo a que se deve ter acesso para melhor avaliar o perfil do candidato.

O mesmo se reitera nos comentários dos internautas que apontam para o fato de que identificamos a prática de leitura como símbolo de um grau de formação elevado, de garantia de inteligência, de competência, como se o exercício, em si, da leitura tornasse aquele que lê

uma pessoa melhor, mais competente, mais preparada tanto para ser miss Brasil ou para governar um país, como vemos nos seguintes exemplos de depoimentos:

> **Exemplo 1:** "[...] "Então seu voto vai para alguém que nem sequer lê algum livro?" / "Um candidato q não se lembra de nenhum livro que tenha lido, que beleza. E nós temos que se matar de ler vários livros para ser alguém na vida.".
>
> **Exemplo 2:** "Qual foi o livro que você leu? Não vale O Senhor dos Anéis, nem Harry Potter. Acorda iludido!!!"
>
> **Exemplo 3:** Ela esqueceu de um livro que a IMPACTOU muito e que leu a UM DIA ATRÁS. Tá SERTO.
>
> De livro ela não entende, mas de novela e fazer governo ruim...
>
> **Exemplo 4:** KKKKKKK Vocês são uns idiotas, enquanto vocês liam cinderella, aladdin, a pequena sereia. Dilminha lia Dostoevski e Tolstoi.
>
> **Exemplo 5:** Como alguém ainda vem defender? Depois de "não lembrar" o nome do livro, ela ainda fala: que é uma das.. das.. das.. que me impactou muito".
>
> **Exemplo 6:** Impactou tanto que nem lembra o nome. Ridículo, criem vergonha. E eu lembro de livros que li até na infância, e com detalhes, kkkk, agora a Bandilma terminou de ler o livro no dia anterior e não sabe de nada, ok.

Nesses comentários é possível destacar alguns enunciados que reforçam a equação segundo a qual: a leitura de livros é igual a inteligência do que lê, logo, igual à capacidade... intelectual... de trabalho... de governo... etc, de modo a ser um aspecto importante na avaliação de um candidato.

Em nenhum dos comentários se levanta a questão acerca da relevância ou não dessa pergunta sobre que livros ela lê, porque nos parece ser evidente que um candidato a um cargo eletivo seja um leitor e esteja lendo algo. Além disso, tanto a pergunta do entrevistador quanto a resposta da entrevistada se pautam, em sua maioria, numa evidência acerca do que se entende como leitor e o que se considera legítimo declarar como leitura. Entrevistador e entrevistada sabem a que tipo de leitura a questão faz referência: não qualquer uma, mas aquela leitura de livros, como uma prática voluntária e frequente, feita por prazer, de obras literárias ou filosóficas consagradas ou com uma avaliação importante da crítica.

Assim, a imagem do que é ser leitor, partilhada entre a entrevistada e o entrevistador, e corroborada nos depoimentos dos internautas, é aquela que regula nosso imaginário contemporâneo sobre a leitura: nem tudo o que lemos é digno de declaração, quando está em jogo nossa imagem de leitor e por extensão da pessoa que somos. Sabemos muito bem quando perguntados a respeito de nossas leituras que objetos culturais e que gêneros editoriais corroboram uma imagem de verdadeiro leitor. Assim, relegamos ao silêncio as leituras de cunho pragmático que realizamos no nosso dia a dia, aquelas com finalidades bastante pontuais, para trabalho, por exemplo, ou as leituras de entretenimento que podem compor ou depor contra nossa imagem etc.

Esse perfil de leitor ideal que norteia nosso imaginário tem uma história. E que se assemelha de certo modo com aquela da figura do autor que, até o século XVIII, apresentava-se como desprovido de interesse financeiro. O autor era aquele que escrevia por prazer, em nome do saber, ou em nome de uma imagem de si, a construir e a zelar. Até esse período, os autores não recebiam diretamente por seu trabalho, ora por que não precisavam financeiramente disso para sobreviver, ora porque seus ganhos advinham do patrocínio, ou seja, da obtenção de gratificações, de proteções de parte do rei ou de aristocratas. Havia uma resistência em se identificar as composições, especialmente as literárias, as filosóficas e as científicas, como mercadorias como atesta a declaração do Lorde inglês Camden, em 1774, citada por Chartier: “A glória é a recompensa da ciência, e aqueles que são dignos desprezam toda e qualquer consideração mais mesquinha” (1998, p. 42).

Essa lógica do “gentleman-writer ou gentleman-amateur”, era aceita até pelos escritores que não tinham de maneira nenhuma origem aristocrática (CHARTIER, 1998, p. 43), e que por isso não podiam viver de sua pena. Os autores manifestavam não apenas essa relutância em viver de sua pena como também apresentavam uma certa antipatia pela produção impressa de seus textos, porque preferiam uma circulação manuscrita e mais restrita, entre um público escolhido entre os seus pares, cujo controle sobre quem seria seu leitor e como ele leria, seria maior e mais seguro.

É apenas na segunda metade do XVIII, que se dá uma inversão dessa lógica, originando a invenção do copyright. Essa prática desprovida de um interesse pragmático específico, por parte do autor, frequenta também as representações que se faz do leitor, na atualidade.

São discursos e ideias construídos ao longo desse século XVIII e XIX no qual se relacionava a produção escrita e a leitura a uma prática de enobrecimento do sujeito, de

elevação do espírito, particularmente de quem lê, potencializadora de transformação social. Estes discursos e ideais ainda frequentam nosso imaginário sobre o leitor.

Qualquer outra prática diferente desta é tida como menor e por isso não 'conta', por isso é sequer lembrada, relatada, declarada na maioria de nossos depoimentos, comentários, conversas. Assim, das misses aos candidatos a presidente há sempre essa representação bastante parcial de nossas práticas de leitura que legitimam e valorizam uma prática própria do universo burguês do século XIX, quando só a elite (que não trabalhava, que não defendia o pão com o suor do rosto, para quem o diletantismo era um estilo de vida invejado) lia, segundo esse modelo: por prazer, para reflexão e elevação da alma, obras clássicas da literatura, por vezes em outras línguas e sob a forma do livro impresso, ricamente encadernado.

É preciso considerar que se o livro e a leitura são há muito explorados simbolicamente como ícones de inteligência, de uma inteligência específica, escolar, acadêmica, a posse de livros por si só não atesta a leitura efetiva, no entanto, transfere e atribui a quem os possui e os expõe esse status. Essa é uma representação bastante antiga e tributária de um tempo em que a posse de livros era em si uma declaração de pertencimento a uma elite cultural, posse que estava desvinculada inclusive da capacidade de ler. Um exemplo que atesta isso é o emprego das ilustrações, na composição dos 'Livros de Horas', entre os séculos XV e XVI. Albert Labarre (1989), Conservador-Chefe da Biblioteca Nacional da França, ao descrever a história do nascimento do livro impresso e, particularmente, dos incunábulos franceses, encontra uma explicação sobre a iconografia presente nos *"Livros de Horas"* disposta na página inicial de um exemplar:

> As 'Horas da Virgem', para uso de Roma, recentemente decoradas com novas figuras, pois a compreensão que as letras encontram nos doutores, as imagens asseguram, sem dúvida, aos ignorantes e aos simples, como diz o ditado: a pintura é a escrita dos laicos; é com efeito por ela que aqueles que não conhecem as letras podem ler e compreender o segredo das coisas. (LABARRE, 1989, p. 252 tradução nossa)

O uso contemporâneo dessa relação simbólica entre a posse de livros que indiciaria a prática de leitura por parte daquele que os expõe ainda está fortemente presente entre nós, por isso ser tão comum a produção de imagens de leitores que se fotografam, dão entrevistas para registros audiovisuais tendo como pano de fundo uma estante de livros.

Isso nos indica que não é necessariamente a leitura efetiva dos textos que conta, mas a capacidade de ser identificado como leitor, seja por meio da posse dos livros, seja por meio de nossas declarações sobre eles. Essa relação simbólica imediata que se faz entre posse e leitura, entre comentário e leitura, remonta a um tempo em que a posse restrita a poucos, e a oportunidade e circunstâncias de comentar, é que tornavam distintos e dignos de destaque aqueles seus hipotéticos leitores. É esse imaginário que perdurou ao longo dos dois últimos séculos e que parece se reconstruir quando vivemos um momento peculiar como o nosso: aquele de transição entre tecnologias de produção e circulação de textos e, também por isso, de acirramento e de reconstrução de discursos polêmicos que podem alterar ou não nosso imaginário sobre a leitura e a imagem que fazemos de nós mesmos quando lemos ou quando falamos de nossas leituras. Os discursos remanentes, estes que se repetem pela força das instituições e dos indivíduos que os produzem materializam-se sob a forma de objetos diversos (pesquisas quantitativas, livros, livros adaptados, projetos de lei, investimentos, prédios, etc). A força de verdade que adquirem e as causas dessa aquisição são uma das responsabilidades a que um analista de discurso deve se propor ao ocupar-se da leitura, ao ocupar-se da interpretação.

Referências

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm.> Acesso em: 01 de Dez. 2012.

BAYARD, Pierre. Maneiras de não ler. In: *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

CHARTIER, Roger. [1994]. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

FOUCAULT, Michel [1971]. *A ordem do discurso* – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GOULEMOT, Jean-Marie. Esses livros que se lêem com uma mão só – Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. (Tradução de Maria Aparecida Corrêa). São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

LABARRE, Albert. Les incunables: la présentation du livre. *In*: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henry-Jean. *Histoire de l'édition française – Le livre conquérant: Du Moyen Age au milieu du XVIIe siècle*. Paris: Fayard, 1989.

A AUTORIA NAS REDAÇÕES DE PARTICIPANTES DO ENEM 2012

MAGNA LEITE CARVALHO LIMA
UNINCOR/CAPES

Resumo
O objetivo deste artigo é discutir o conceito de autoria a partir da fundamentação teórica de Bakhtin, Barthes e Foucault e analisar como a aplicabilidade dessas teorias se solidifica nas produções de texto dos participantes do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2012. Assim como a visão dos teóricos constata que o indivíduo não é mais autor e que a autoria é um fenômeno complexo entrelaçado de diversas instâncias e conceitos, também nas produções de texto é possível perceber um apagamento do autor e que o participante é um sujeito tolhido de ser autor de suas próprias ideias e limitado em sua criatividade, pois para garantir nota máxima nas competências analisadas precisa não criar, mas reproduzir os critérios apresentados como fórmula de um bom texto. No entanto, ao buscarmos a teoria foucaultiana, a hipótese é de que mesmo emaranhados por regras e direcionamentos os participantes demostram certa autoria, afinal as formas de apagamento são diferentes em cada um e mesmo as regularidades que emergem de parte das produções possuem suas peculiaridades. Dessa maneira, o participante é um reprodutor de regras, porém cada qual as reproduz de forma única.
Devido às limitações deste tipo de estudo, foram analisados somente 3 (três) textos de alunos de Ensino Médio de uma instituição particular de ensino da cidade de Varginha – MG. Desses 3 textos houve um enfoque na análise dos parágrafos que indicam conclusão, uma vez que a competência 5 (cinco) é um dos critérios de avaliação que exige como garantia de uma nota máxima proposta de intervenção clara e inovadora para um problema que o participante foi induzido a criar durante o desenvolvimento do texto produzido. No entanto, este enfoque não exclui o texto como todo, inclusive, parte-se do todo para analisar a conclusão.
Para fins didáticos, este trabalho está dividido em 3 seções. Na primeira há uma fundamentação teórica sobre o conceito de autoria e a esboço sobre a aplicação da teoria foucaultiana para a análise dos textos, na segunda uma contextualização sobre o Enem e a Competência 5 e por último a análise dos textos.

Palavras-chave: Autoria; produção de texto; participante.

1. O conceito de autoria e aplicação de teoria

A noção de autoria em Bakhtin, Barthes e Foucault é retratada respectivamente a partir dos conceitos de *autor-criador*, *escritor* e *função-autor*. Um questionamento intrigante é o que surge logo no início do trabalho desenvolvido por Foucault intitulado “O que é o autor”, nele o teórico pergunta: “Que importa quem fala?”. E é justamente essa indagação que nos leva a uma reflexão maior deste trabalho. Que importa quem fala ou quem produz um texto

para o Enem? E o que nos leva a fazer tal questionamento? O próprio Guia do participante quando diz: "... afinal, o Enem é porta de acesso a inúmeras universidades públicas e a importantes programas de Governo, como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Programa de Financiamento Estudantil (Fies)". Esse trecho leva-nos a refletir que não importa aqui o autor, importa quem consegue reproduzir o exigido: "passar" pelo crivo da prova e inserir-se em programas governamentais atestando, assim, o ensino de qualidade que teve ao longo de 12 anos.

> Nessa indiferença se afirma o princípio ético, talvez o mais fundamental, da escrita contemporânea. O apagamento do autor tornou-se desde então, para a crítica, um tema cotidiano. Mas o essencial não é constatar uma vez mais seu desaparecimento; é precisa descobrir, como lugar vazio - ao mesmo tempo indiferente e obrigatório -, os locais onde sua função é exercida. (FOUCAULT, 1969, p. 268).

Constata-se que a função-autor do participante é exercida na(s) escola(s) por onde ele passou e comprovada no exame nacional a partir do resultado obtido. Tanto um quanto o outro são a materialização de regras. Consequentemente tem se constatado que que o estudante, hoje, não produz textos escolares ou os apreende a fim de aplicá-los nas várias funções sociocomunicativas; ele o faz para cumprir repertório: tirar nota, passar de ano, passar no Enem, ganhar uma bolsa do governo, fazer uma faculdade para conseguir um bom emprego e finalmente "ser alguém na vida".

> (...) a escrita está atualmente ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele consumado na própria existência do escritor. A obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina do seu autor. (...) Mas há outra coisa: essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve; através de todas as chicanas que ele estabelece entre ele e o que ele escreve, o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. (FOUCAULT, 1969, p.268).

Nessa perspectiva, o corpo que escreve o texto já não importa, importam os resultados. E como garanti-los? A refutação está nas regras, basta segui-las. Quem não as segue ou não foi bem treinado para isso será punido. Mas essa punição não ocorre como a histórica em que os textos precisavam de autores à medida que traziam em seus discursos transgressões, a punição ocorre pela não aquisição da nota e pelas consequências negativas arraigadas a esse

fracasso. Precisar, portanto, de quem é a voz que escreve, tornou-se algo difícil, afinal há nesse contexto uma mistura de "eus", de ideais, de escrita que "*é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve.*" (Barthes, 2004, p. 57)

Porém, apesar da dificuldade em precisar a voz de que escreve, não se pode negar que a obra está associada a quem a produziu: por isso apesar do apagamento sabe-se que o texto é produzido por um participante e durante a leitura do seu texto, o leitor percebe que o autor dá pistas à leitura, ou seja, a obra, como diz Barthes (2004), está associada a quem a produziu. Mesmo que o participante tenha que se tornar quase um observador do acontecimento (nesse caso, a prova) ele é autor-criador, produtor do texto, que "deve tornar-se 'outro' em relação a si mesmo, olhar para si com olhos de outro" (BAKTHIN, 2003, p. 13).

A fim de analisar como o participante encontra estratégias para se fazer autor do texto nas Redações, Foucault será uma das principais referências. Em seu trabalho Arqueologia do saber encontramos uma descrição da "árvore de derivação enunciativa":

> em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão. (FOUCAULT, 2008, p.166).

Como as produções são textos escritos a aplicação da teoria foucaultiana terá as seguintes representações: a árvore de derivação de um discurso será a Proposta de Redação do Enem 2012. Ela colocará, junto à raiz, como *enunciados reitores*, aquilo que se refere à coletânea e aos critérios de correção do Guia do Participante 2012, eles prescrevem as instruções do que o participante precisa fazer a fim de obter nota máxima, transmitem os códigos perceptivos dos quais os alunos podem se servir e abrem possibilidades para que o participante apresente o domínio de conceitos a serem construídos; "enfim, os que, constituindo uma escolha estratégica, dão lugar ao maior número de opções ulteriores". Na extremidade dos ramos, haverá "descobertas" (aquilo que o participante consegue ver nas entrelinhas, ou mesmo a própria aplicação da compreensão e interpretação dos textos-base), transformações conceituais (como a nova definição do tema aplicada à sua autoria), emergências de noções inéditas (dados e conceitos adquiridos ao longo de sua formação e que incluem as diversas áreas do conhecimento) e atualizações de técnicas (princípios organizadores que garantem coesão, coerência, articulação de ideias, domínio linguístico,

atendimento à proposta que instrui o participante a criar solução aplicável e detalhada a um problema apresentado). Enfim, essa derivação a partir dos enunciados reitores será uma forma de percurso que seguiremos para observar onde ocorre o ingresso da autoria do participante.

2. Enem e Competência 5

A forma de avaliação Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – foi criada pelo Ministério da Educação (MEC) em 1998 e inicialmente foi vista como uma maneira de avaliar o desempenho dos estudantes de escolas públicas e particulares.

Desde que surgiu, há mais de 10 anos, o Enem tem sido aprimorado e consolidado. Os fundamentos para a estruturação do Enem partiram da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que introduziu conceitos e organizações básicas para o sistema educacional brasileiro. O Ensino Médio (etapa conclusiva da educação básica) ganhou, portanto, uma nova identidade: preparar o aluno para prosseguir seus estudos, ser inserido no mundo do trabalho e participar de forma plena da sociedade (cf. art. 35, incisos I a V). O Enem é uma forma avaliativa que não só mensura os conhecimentos adquiridos como, aos poucos, tem alcançado bastante relevância e se tornado o principal modo de ingressar no ensino superior. Enquanto a princípio, apenas algumas universidades particulares aceitavam a nota do Enem como processo de seleção, hoje, o que se constata é o número cada vez maior de instituições que adotam esse modelo avaliativo como única forma de ingresso em universidades e/ou faculdades, afinal grande parcela já utiliza a nota total, ou uma porcentagem no processo seletivo. Além disso, com o surgimento do Programa Universidade para Todos (ProUni) e a necessidade de um bom desempenho no Enem para garantir esta bolsa a procura aumentou.

A prova é composta de questões objetivas e uma redação que, neste estudo, será nosso recorte. Os critérios avaliativos usados nas produções de texto são denominados "Competências". E a fim de apresentá-las e com o intuito de "tranquilizar" o aluno, a equipe da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb) e os especialistas envolvidos na elaboração projetaram o material "A redação no Enem 2012 – Guia do participante". Dessa forma, espera-se que o aluno aperfeiçoe seus estudos e entenda como funciona o processo, afinal o objetivo do Guia é tornar "o mais transparente possível a metodologia de correção da redação, bem como o que se espera do participante em cada uma das competências avaliadas.

Devido à natureza desse estudo, não analisaremos aqui as cinco competências. Deter-nos-emos à Competência 5.

Desde 2012 a nota em cada uma das competências está disponível para o participante via acesso online, bem como a produção de texto digitalizada. Quando o participante acessa a página do Inep, após digitar seu usuário e senha é possível verificar o seu desempenho na prova de Redação. O Ministério fornece subsídios pedagógicos quanto à atuação do participante em cada uma das competências, ou seja, a justificativa baseada no Guia do participante para determinada pontuação que pode variar em cada competência de 0 a 200 pontos. Em seguida há um o gráfico onde se destaca o grupo em que o participante se encontra em relação aos demais participantes do Enem e por fim há um link onde através de comando de acesso é possível visualizar a redação digitalizada.

Como nossa análise tem como referência a competência 5 torna-se necessário apresentá-la de forma mais detalhada. No Guia do participante ela é composta pelo seguinte subtítulo: "Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos"

Segundo os critérios avaliativos elencados, a quinta Competência a ser avaliada no texto do estudante é a conclusão, ou a apresentação de uma proposta de intervenção para o problema abordado. Logo, a redação, além de apresentar a tese sobre o tema, apoiado em argumentos consistentes, precisará oferecer uma proposta de intervenção na vida social. Essa proposta, ou seja, a solução para o problema, deve contemplar cada ponto abordado na argumentação. A proposta deve, portanto, manter um vínculo direto com a tese desenvolvida no texto e manter coerência com os argumentos utilizados, já que expressa a visão do aluno, como autor, das possíveis soluções para a questão discutida. Nesse sentido,

> Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a "mensagem" do Autor-Deus), mas um espeço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura. (BARTHES, 2004, p. 62).

A proposta de intervenção precisa ser detalhada de modo a permitir ao leitor o julgamento sobre sua exequibilidade; deve conter, portanto, a exposição da proposta e o detalhamento dos meios para realizá-la. Deve, também, refletir os conhecimentos de mundo. Além disso, a coerência será um dos aspectos decisivos no processo de avaliação. Outro

aspecto importante é que a proposta respeite os direitos humanos, ou seja, não rompa com valores como cidadania, liberdade, solidariedade e diversidade cultural. É preciso, também, evitar propostas vagas, gerais; e sim, buscar propostas mais concretas, específicas, consistentes com o desenvolvimento das ideias.

Após todos esses direcionamentos, comandos e exigências citados como indicador de um bom desempenho na prova de Redação é preciso refletir um pouco sobre a questão da autoria que o participante possui ao produzir o texto solicitado. Quando Foucault refere-se à *função-autor* ele diz que o autor é definido pelo próprio texto e não é visto como uma singularidade, mas como uma pluralidade de "eus" simultâneos. Um deles é o que fala no prefácio, outro o que argumenta no corpo do livro e um último aquele que avalia a obra publicada ou que a esclarece. Já para Bakhtin,

> Não são as palavras nem o material que se beneficiam de um princípio de acabamento, é o conjunto multiforme da existência, vivida em todos os seus componentes; o desígnio artístico estrutura o mundo concreto: no espaço, cujo centro de valores é o corpo; no tempo, cujo centro de valores é a alma; e, finalmente, no sentido, no qual se insere a unidade concreta da interpenetração do corpo e da alma (BAKTHIN, 1997, p. 204).

Dessa forma, assim como o autor é composto por vários "eus" e o conjunto do que produz revela uma totalidade desses "eus", durante todo o processo produtivo o aluno, até mesmo de forma inconsciente, desliza pelos "eus" que o compõem. São eles: o eu pessoa em sua individualidade, que possui sonhos, desejos, expectativas e frustrações; o eu estudante que precisa demonstrar em um raciocínio de 30 linhas que apreendeu todos os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação escolar de 12 anos e, finalmente, o eu cidadão que, especialmente na conclusão, precisa apresentar não só uma proposta para resolver os problemas que ele criou a fim de atender às instruções da prova como também sugerir essa solução de forma "clara e inovadora". Somente dessa forma, explicitada pelo Guia do participante, ele merecerá a nota 200 (pontuação máxima em todos as competências avaliadas, inclusive na 5).

Diante de toda essa trajetória produtiva, após percorre todos esses "eus", é preciso, ainda, segundo Faraco, baseado em Bakhtin, que haja um jogo de deslocamento, ou certo distanciamento. Nesse sentido, a autoria do estudante se torna algo complexo, pois ao mesmo tempo que ele percorre os "eus", precisa distanciar-se deles a fim de que o texto se torne uma construção "artística" e de grande estilo.

> No ato artístico, há, então, um complexo jogo de deslocamentos envolvendo as línguas sociais, pela qual o escritor (que é aquele que tem o dom da fala refratada) direciona todas as palavras para vozes alheias e entrega a construção e entrega a construção do todo artístico a uma certa voz.
> Essa voz criativa (isto é, o autor-criador como elemento estético-formal) tem de ser sempre, segundo insiste Bakhtin, *uma voz segunda*, ou seja, o discurso do autor- criador não é a voz direta do escritor, mas um ato de ação refratada de uma voz social qualquer de modo a poder ordenar um todo estético. (FARACO, 2005, p. 40).

A prova de Redação possui a valorização e 1000 pontos, sendo esse total subdivido nas 5 competências. Dentro de cada competência há ainda outra subdivisão que na competência 5 consta da seguinte maneira: o participante tirará 200 pontos caso elabore proposta de intervenção clara e inovadora, relacionada à tese e bem articulada com a discussão desenvolvida no texto. Também devem ser explicitados os meios para realizá-la. Abaixo dessa pontuação está o participante que fez tudo mencionado no item anterior, exceto pelo item inovador, esse terá 160 pontos. Já a totalização de 120 pontos terá o participante que elaborar proposta de intervenção relacionada ao tema, mas pouco articulada à discussão desenvolvida no texto. Assim como 80 pontos aquele cuja proposta de intervenção está relacionada ao tema de forma precária, não articulada com a discussão desenvolvida no texto, ou com desenvolvimento precário dos meios para realizá-la. Por fim, 40 pontos são direcionados àquele que elabora proposta de intervenção tangencial ao tema ou subentendida no desenvolvimento da argumentação. E 0 ponto obtém quem não apresenta proposta de intervenção. Também foi possível perceber no material de análise que essas notas podem sofrer variações intermediárias. Isso ocorre, em nosso entendimento, devido ao fato de cada texto ser corrigido mais de uma vez, o que pressupomos uma média para possíveis discrepância de notas.

3 Análise das produções de texto

A partir da disponibilidade dos textos corrigidos para o aluno, foi possível coletar material de análise para esse estudo. O total de textos analisados é 3 (três) e o objetivo é verificar como ocorreu a reprodução da coletânea, como os participantes mantiverem regularidades e como se compôs a autoria em cada um deles.

Chamaremos de regularidades aquilo que se mostrou parecido nos textos, como, por exemplo, a reprodução da coletânea. Optamos por usar o termo parecido, pois mesmo com a tentativa de reprodução há, segundo Foucault,

> *performances* verbais que são idênticas do ponto de vista da gramática (vocabulário, sintaxe e, de uma maneira geral, a língua); que são igualmente idênticas do ponto de vista da lógica (estrutura proposicional, ou sistema dedutivo no qual se encontra situada); mas que são *enunciativamenie* diferentes. (FOUCAULT, 2008, p. 164).

Os alunos enviaram os dados via email e permitiram a exposição sem que os seus nomes fossem citados. Os textos serão analisados por resultado da nota de forma crescente a começar por aquele que obteve a pontuação 00 na Competência 5.

Para melhor entendimento é preciso saber que o tema da Redação de 2012 foi "**O movimento imigratório para o Brasil no século XXI**". O primeiro texto analisado é de um partipante que optou pela conclusão em estilo síntese e não estilo solução para o problema. Sua nota, portanto, foi 00. Acima de cada um dos 3 textos está a justificativa da nota feita pela banca avaliativa e abaixo a análise proposta neste trabalho. Vejamos:

Texto 1

COMPETÊNCIA 5- Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Sua nota nessa competência foi: 0.0

Você não atingiu os critérios definidos na Competência 5. O participante não apresenta proposta de intervenção.

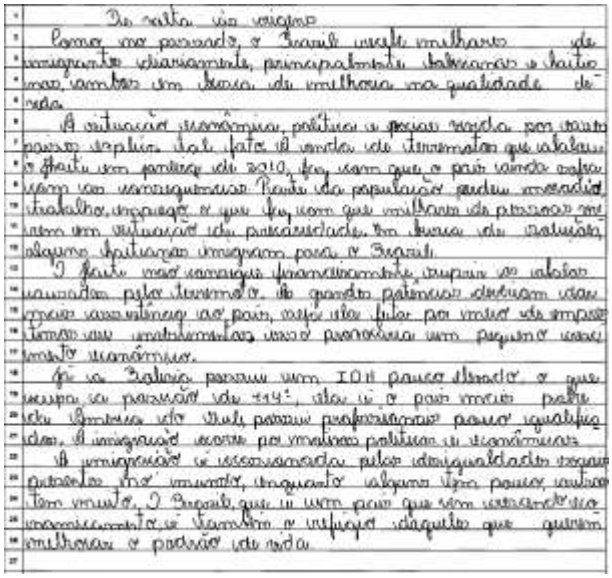


Figura 1 – Texto 1

O texto 1 não apresentou uma proposta de intervenção, por isso a em relação à Competência 5 foi atribuída a nota zero. Durante o texto o participante manteve a regularidade natural de retomada de coletânea e seu foco foi nos povos haitiano e boliviano é uma evidência deste fato e uma abordagem clara aos enunciados reitores. Em relação ao primeiro povo o texto irá dizer que os terremotos que abalaram o país em 2010 fizeram com que a população perdesse os seus bens e como alternativa para melhorar de vida veem a imigração como uma nova chance. Ao observar o texto da proposta percebemos o seguinte trecho:

"... A imigração ocorre porque o Haiti ainda não se recuperou dos estragos causados pelo terremoto de janeiro de 2010. ..."

Na segunda linha do segundo parágrafo há reprodução da ideia da coletânea da seguinte maneira:

"... A onda de terremotos que abalou o Haiti em 2010, faz com que o país ainda sobra com as consequências. ... Em busca de soluções, alguns haitianos imigram para o Brasil."

No 3º parágrafo viu-se como estratégia para evitar a imigração e recompor as perdas, dizer que as grandes potências poderiam enviar ajuda financeira para o país, a fim de minimizar esses estragos. Há aqui uma intervenção que no entanto não se refere ao país que recebe o imigrante e sim a uma alternativa para que o imigrante não precise sair do seu país de origem.

No 4º parágrafo a abordagem é em relação à Bolívia – outra forma de reprodução - , lá, segundo o texto a imigração ocorre não só por motivos econômicos, mas por políticos também. O trecho da coletânea diz o seguinte:

"... A Bolívia em termos de IDH ocupa a posição de 114º de acordo com os parâmetros

estabelecidos pela ONU. O país está no centro da América do Sul e é o mais pobre, sendo 70% da população considerada miserável. ... Assim sendo, este é o quadro social em que se encontra a maioria da população da Bolívia, estes dados já demonstram que as motivações do fluxo de imigração não são políticas, mas econômicas. Como a maioria da

população tem baixa qualificação, os trabalhos artesanais, culturais, de campo e de costura são os de mais fácil acesso."

No texto percebemos que a abordagem é a mesma da coletânea, no entanto, o participante faz alguns recortes a fim de que não se caracterize a cópia da coletânea. O conectivo *já* também é uma estratégia, pois sequencia o texto, uma vez que a abordagem anterior foi para o Haiti. Vejamos:

"... Já a Bolívia possui um IDH pouco elevado, o que ocupa a posição de 114º, ela é o país mais pobre da América do Sul, possui profissionais pouco qualificadas. A imigração ocorre por motivos políticos e econômicos...."

Foucault em *A arqueologia do saber* diz que *"Todo enunciado coloca em prática o jogo de regras segundo as quais se formam seu objeto, sua modalidade, conceitos e estratégias.*" (2008, p.116).

O participante do texto 1 tentou ser original dentro de alguns situações parecidas, mas não se pode dizer que a estratégia de recorte foi uma tentativa de autoria. Como instrução a proposta diz que o aluno não pode fazer cópias de coletânea, no entanto, sabemos que apropriar-se dela e aprofundá-la é uma estratégia de "atualização de técnica."

Quanto à competência 5 o texto coloca a desigualdade como principal motivo de imigração e o Brasil como um país propício a receber os imigrantes devido ao seu crescimento econômico, no entanto não há uma solução aparente para que o problema seja resolvido e é atribuído ao participante 0 ponto, pois não apresenta proposta de intervenção.

Assim, podemos dizer que o texto possui sua autoria ao utilizar os enunciados reitores da coletânea, mas não os do Guia, o Participante fez uma escolha estratégica de síntese, que não condiz ao exigido (solução), também não se pode dizer que houve noções inéditas, pois sua produção está muito pautada na coletânea, mas há atualizações técnicas, como conetivos, domínio linguístico e o próprio atendimento à proposta em âmbito geral, afinal a coerência ao tema é pertinente.

Texto 2

COMPETÊNCIA 5 - Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Sua nota nessa competência foi: 120.0

Você atingiu 60% da Competência 5, atendendo aos critérios definidos a seguir. O participante elabora proposta de intervenção relacionada ao tema, mas pouco articulada à discussão desenvolvida no texto.

2 lados para todos

Em meio ao contexto de crise vivenciado no âmbito mundial, o Brasil vem se consolidando de crescente destaque. Integrante dos BRICs, grupo de economias mais promissoras para o século XXI, o país se torna uma alternativa de peso na estratégia de mão de obra.

Como ainda são proporcionalmente poucos, em relação a população total de 180 milhões, os brasileiros que chegam até a universidade, há um déficit de profissionais qualificados no país, principalmente na área tecnológica. Isso favorece a vinda de trabalhadores europeus, cujo perfil na maioria das vezes preenche tais vagas.

Também é interessante para o Brasil, aparentar a membro do Conselho de Segurança da ONU, receber os imigrantes. Suas vindas provam que a imponência econômica do país é cada vez mais reconhecida internacionalmente.

Portanto, uma estratégica intervenção do governo seria a legalização da permanência de imigrante em território brasileiro na medida em que esta não prejudique o trabalhador nativo. Para isso, é preciso dedicar mais investimentos ao FIES, ProUni, e, mesmo, aperfeiçoar em geral o que teria competitividade justa. Uma sociedade de profissionais qualificados traz reflexos impactos positivos em todas as duas esferas.

Figura 2 – Texto 2

O texto 2 apresenta somente um problema em relação imigração: déficit de profissionais qualificados no Brasil, principalmente na área tecnológica, devido à falta de acesso ao estudo universitário. Aliás, esse nem seria um problema, mas uma justificativa para a atuação dos imigrantes no país. O problema, neste caso, estaria mais voltado para questões internas e não para questões nos países de origens dos imigrantes, como foi a abordagem do texto 1, por exemplo. Dessa forma, o 3º parágrafo não apresenta um problema, mas um benefício em receber os imigrantes, afinal é a vinda deles que evidencia o país economicamente para o mundo. Além de apontar o aspecto benéfico da vinda de imigrantes para o país o texto apresenta uma abordagem diferente quando aborda que os imigrantes são aparentemente profissionais de alta qualidade, pois o objetivo ao aceita-los é suprir a deficiência do país nessa área. Outra abordagem que demostra capacidade de autoria é a não reprodução dos textos bases como o texto anterior que focaliza somente os povos haitianos e bolivianos.

Há, dessa forma, transformação conceitual e, emergência de noção inédita, pois o participante consegue aplicar conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação e ampliar o que a coletânea apresentou no seguinte trecho:

"... Segundo Corinto, ao contrário do que se imagina, não são haitianos miseráveis que buscam o Brasil para viver, mas pessoas da classe média do Haiti e profissionais qualificados, como engenheiros, professores, advogados, pedreiros, mestres de obras e carpinteiros. Porém, a maioria chega sem dinheiro. ..."

Outro aspecto que pode ser visto como novidade é a apresentação de um dado positivo do Brasil quando o aponta como membro participante dos BRIC's. Há novamente a aplicação de conceito adquirido ao longo da formação. Assim, para atender o critério de correção o texto deveria portanto, apresentar a proposta de intervenção articulada à discussão, mas não o faz, pois aborda a questão da legalização do imigrante no país, sem prejudicar o nativo. Algo não mencionado na argumentação. E detalha, ainda, a forma de fazer isso: investir mais no FIES, Prouni e ensino superior. Pelos critérios de correção é possível verificar que caso houvesse mais detalhamento da proposta haveria possibilidade de atender mais às expectativas, no entanto, o detalhamento é meramente uma forma de legalizar o imigrante e isso, de fato, não está articulado ao problema mencionado: falta de profissionais qualificados no país. A novidade deste texto é a menção a um dado não apontado pela coletânea e atrelado à noção inédita - falta de acesso à educação qualificada para todos como justificativa da imigração -, apesar da indevida estratégia conclusiva. Consequentemente a nota do participante foi 120, pois elaborou proposta de intervenção relacionada ao tema, mas pouco articulada à discussão desenvolvida no texto.

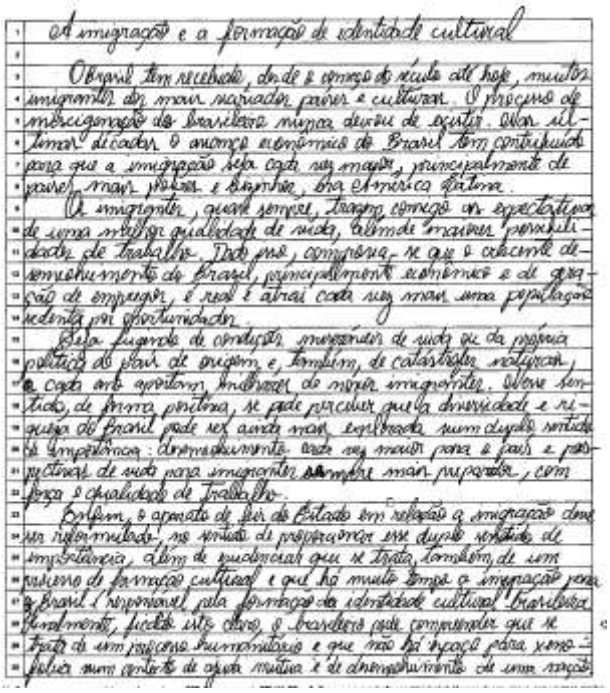
Texto 3

COMPETÊNCIA 5

Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Sua nota nessa competência foi: 180.0

Você atingiu 90% da Competência 5, atendendo parcialmente aos critérios definidos a seguir. O participante elabora proposta de intervenção clara e inovadora, relacionada à tese e bem articulada com a discussão desenvolvida no texto. São explicitados os meios para realizá-la.



A imigração e a formação de identidade cultural

O Brasil tem recebido, desde o começo do século até hoje, muitos imigrantes, com maior variação, porém, e culturais. O processo de miscigenação do brasileiro nunca deixou de existir. Além disso, temos décadas o avanço econômico do Brasil tem contribuído para que a imigração seja cada vez maior, principalmente de povos mais pobres e baixo, boa econômica diferente.

Os imigrantes, quase sempre, trazem consigo as expectativas de uma melhor qualidade de vida, além de maiores possibilidades de trabalho. Dado isso, compreende-se que o crescente desenvolvimento do Brasil, principalmente econômico e de geração de empregos, é real e atrai cada vez mais uma população sedenta por oportunidades.

Esta fuga de condições inferiores de vida que da própria política do país de origem e, também, de catástrofes naturais, acaba sendo positivas. Inclusive, de forma positiva, se pode perceber que a diversidade e riqueza do Brasil pode ser ainda mais explorada, sem dúvida, notada a importância: desenvolvimento cada vez maior para o país e perspectivas de vida para imigrantes sempre mais preparada, com força e qualidade de trabalho.

Portanto, o aparato de leis do Estado em relação a imigração deve ser reformulado, no sentido de preparar-se esse duplo sentido de importância, além de qualificar que se trata, também, de um processo de formação cultural e que há muito tempo a imigração para o Brasil é responsável pela formação da identidade cultural brasileira. Fundamental, ficando isto claro, o brasileiro pode compreender que se trata de um processo humanitário e que não há espaço para xenofobia sem contexto de ajuda mútua e de desenvolvimento de uma nação

Figura 3 – Texto 3

O texto obteve 90% da nota. Foi claro, inovador, detalhou a proposta, explicitou os meios para realizá-la, mas ainda faltou algo para atingir os 100%. Novamente há a abordagem do crescente poder econômico do país como justificativa para a atração de imigrantes. Problemas nos países de origem como políticos e ambientais também são motivos de fluxo para o autor do texto. Dentro do país, aparentemente o problemas vistos por são de que o Brasil ainda explora pouco essa diversidade originária na imigração. Como proposta de intervenção o Estado deve reformular o aparato de leis para evidenciar a importância dos imigrantes para o país e sua contribuição cultural. Em seguida, deve-se compreender que não há espaço para a xenofobia dentro deste contexto. A banca corretora conclui que o participante atendeu parcialmente às exigências. O último item foi um fato contribuidor para essa nota, pois faltou mais detalhamento de como compreender que não há espaço para a xenofobia.

Quanto aos enunciados reitores há o cumprimento tanto da Proposta quanto dos critérios. As escolhas estratégicas são bem articuladas e houve inovação no 3º parágrafo quando o texto diz que o Brasil pode ser mais explorado em sua diversidade pelos imigrantes, pois tanto o país ganha pelo desenvolvimento como ganham os imigrantes em qualidade de vida.

Nota-se que quanto às atualizações de técnicas, o texto apresenta domínio dos princípios organizadores que garantem coesão, coerência, articulação de ideias, domínio linguístico, atendimento à proposta e também cria solução aplicável e detalhada, embora não totalmente explorada, ao problema apresentado.

Considerações finais

Como situações reguladoras encontramos nas análises o que se espera de um participante que domine a tipologia dissertativa. Foi comum aos 3 textos o uso da 3ª pessoa, ou seja, uma estratégia para garantir um efeito de impessoalidade, a divisão clássica em introdução, desenvolvimento e conclusão, número adequado de linhas em atendimento às instruções, busca de argumentação em defesa de um ponto de vista. Nota-se que aparentemente escrever um texto e apagar a pessoa já é algo assimilado pelos participantes dos textos analisados. Embora vejamos isso como uma forma de apagamento de autoria, é preciso entender que os textos foram produzidos em um molde específico. Cereja e Magalhães dizem que "o efeito de impessoalidade – construído a partir de algumas escolhas gramaticais, como o uso da 3ª pessoa – sempre foi bastante valorizado nos textos produzidos para o exame vestibular.", o Enem está inserido neste molde, portanto, algo bem natural e esperado é o uso dessa impessoalidade. Não se pode negar, também, que apesar de possuir particularidades, os textos não fugiram ao tema e isso os faz apresentar certa regularidade e formatação. O aspectos abordados tais como xenofobia, problemas econômicos e ambientais foram comuns e apareceram em constância. No entanto, é possível perceber que apesar de buscarem o suporte da coletânea, todos possuem sua própria autoria, a comparação entre os 3 textos permitiu que consigamos visualizar quais estratégias e domínios individuais variam em cada "eu", fato que torna cada texto individual, apesar dos "enunciados reitores" tanto da proposta quanto dos critérios de correção elencados pelo Guia. Portanto, a hipótese de que é possível ter autoria mesmo em textos permeados por enunciados reitores e com tendências a apagamento de sujeito se confirma nesse estudo.

Por estarem atrelados a um tema, a inúmeros critérios avaliativos e formatados não se pode negar a posição clássica em relação ao sujeito: sua submissão à língua e às condições de produção dos textos.

> De acordo com esta concepção, como bem mostra Possenti (1993), o indivíduo não é dono de seu discurso e de sua vontade: sua consciência, quando existe, é produzida de fora e ele pode não saber o que faz e o que diz. Quem fala, na verdade, é um sujeito anônimo, social, em relação ao qual o indivíduo que, em dado momento, ocupa o papel de locutor é dependente, repetidor. Ele tem apenas a ilusão de ser a origem de seu enunciado, ilusão necessária, de que ideologia lança mão para fazê-lo pensar que é livre para fazer e dizer o que deseja. Mas, na verdade, ele só diz e faz o que se exige que faça e diga na posição em que se encontra. Isto é, ele está, de fato, inserido numa ideologia, numa instituição da qual é apenas porta-voz: é um discurso anterior que fala através dele. (KOCH, 2011, p. 14).

E apesar de todos os cerceamentos, nota-se que é possível ser autor da própria produção, cada um a seu jeito, apoiando-se mais ou menos na coletânea, trazendo dados inovadores ou não.

Referências

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004. – (Coleção Roland Barthes)

CEREJA, W. Roberto e MAGALHÃES, T. Cochar. **Texto e interação: uma proposta textual a partir de gêneros e projetos**. São Paulo: Atual, 2005.

Educação – Acesso à universidade – Enem. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/acesso-a-universidade/enem - Acesso em 09/05/13 **às** 10h17'.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel**. O que é um autor?** In: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Org. Manuel Barros de Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Coleção ditos e escritos 2 ed. 1969. Forense Universitária.

KOCH, I. G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2011.

MININTÉRIO DA EDUCAÇÃO – INEP - **A Redação no Enem 2012** – Guia do participante.

ANÁLISE DO DISCURSO E TABU: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO (SEM-) SENTIDO NO DISCURSO DO INCESTO CONSENTIDO

MÁRCIA HELENA FRANCO SANTOS GODOY
MARLON LEAL RODRIGUES
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo
Este artigo apresenta uma análise de fragmentos de narrativas eróticas que abordam o discurso do tabu da proibição do incesto como temática, sopesando o que a Análise do Discurso identifica como "sentido" (ou "sem-sentido"). Dessa forma, acredita-se que podem ser verificados, no discurso, a ideologia e os significados da ocorrência de violações ao impedimento histórico-social dos relacionamentos sexuais entre parentes. Considerou-se, para tanto, a possibilidade de que, mesmo habitualmente ocultado pelo silêncio, o envolvimento afetivo-sexual entre consanguíneos e afins é bastante comum e nem sempre corresponde a um ato delitivo, pois pode ser manifestado de maneira consentida por indivíduos dotados de plena capacidade física e mental. Com o objetivo de contribuir a reflexões acerca do discurso do incesto perpetrado com a aceitação de praticantes juridicamente capazes (maiores de idade e em condições de normalidade físico-intelectual), elegeram-se, como material para este estudo, partes de textos eróticos coletados em sítio da internet disponível ao público adulto, divulgado em Língua Portuguesa. Tem-se, como problema central deste trabalho, a atribuição de (sem-) sentidos ao discurso de indivíduos que justificam a prática incestuosa que, por ser factualmente consentida, não implica em abuso sexual, mas que, mesmo assim, não é moralmente aceita ou socialmente justificável. Optou-se, no quadro teórico adotado, pelas contribuições de várias áreas do saber, como Antropologia, Direito e outras, além da fundamental Análise do Discurso de linha pecheuxtiana/orlandiana. Quanto à metodologia, elencaram-se e foram discutidos alguns fragmentos de relatos eróticos de escritores que, mesmo que não tenham vivenciado as situações apontadas em suas narrativas, materializam, por meio de suas manifestações discursivas, o interesse pelo acontecimento de relações afetivo-sexuais entre familiares e a despreocupação quanto a possíveis repreensões morais. Como a proibição do incesto e o discurso que vivifica esse impedimento são considerados um marco histórico da passagem do estado natural do ser humano ao estágio cultural, os resultados deste trabalho correspondem a uma abordagem discursiva de (sem-) sentidos na transgressão de um dos mais intrigantes tabus da humanidade.

Palavras-chave: Análise do Discurso; tabu; sentido; incesto consentido.

Introdução

Abordar a questão dos tabus ainda é bastante difícil, mesmo após todo o percurso histórico e científico já transcorrido pelo homem. Essa dificuldade é visível porque a maioria dos tabus parece se fundar em um discurso metafísico, originando-se com a própria formação humana. Assim, mesmo sem explicações lógicas ou determinações jurídicas, muitas ordens de

ação ou omissão são cumpridas, sem que o impelido sequer perceba os motivos ou os interesses que o levam a tais comportamentos.

Considera-se que a constituição do discurso dos tabus corresponda à gênese do interesse humano à ordenação jurídica, pois as previsões tabuístas, originalmente, determinam condutas e prometem sanções à sua transgressão. Sabe-se que o discurso dos tabus adentrou às legislações dos países como, efetivamente, delitos puníveis pelo Estado. Citam-se, como exemplos, no Brasil, a proibição ao manuseio de cadáveres (salvo se permitida por excludente de ilicitude) e, na Áustria, o impedimento irrestrito ao incesto.

Considerado o mais polêmico de todos os tabus, o discurso do incesto e as questões que com ele se relacionam ainda são silentes, embora se saiba que os relacionamentos sexuais entre parentes (consanguíneos e afins) são bastante frequentes. O mais comum, quando se aborda a prática discursiva do incesto, é serem manifestadas experiências e opiniões sobre violência intrafamiliar, rechaçada legalmente e caracterizada por qualquer forma de abuso sexual de crianças e adolescentes e, nos adultos, pelo emprego de coação física ou mental.

Ocorre que, conforme se constituam juridicamente os "sujeitos" (ALTHUSSER, 1985) envolvidos, a prática sexual entre parentes pode, em muitos países e, especialmente, no Brasil, não constituir um problema legal. A proibição do incesto praticado por pessoas plenamente capazes constitui apenas uma questão discursiva de ordem religioso-moral que, embora tenha obediência arraigada, é passível de ser transgredida e de ter seu "sentido" (PÊCHEUX, 2012; ORLANDI, 2012), decomposto, como aconteceu com outros discursos tabuístas.

Com interesse nessa problemática, este estudo trata de apresentar uma introdução aos (sem-) sentidos do discurso do incesto consensual, propondo considerações acerca da formação dos tabus e sobre sua influência ideológica que, ao promover o assujeitamento dos indivíduos, tenta tornar latente certos anseios. Logo, este trabalho pretende analisar, por meio da Análise do Discurso de linha pecheutiana/orlandiana, a manifestação da "ideologia" (ALTHUSSER, 1985) do discurso do tabu social da proibição do incesto e seus significados.

A proposição inicial deste trabalho considera os indivíduos como sujeitos históricos, porque são organizados ideologicamente, em tempos e lugares específicos, que recebem e disseminam significados aos discursos, conforme suas necessidades lhes impelem. Assim, esse entendimento mostra a relevância da pesquisa, considerando a necessidade de serem averiguados os mecanismos de significação envolvidos no discurso do incesto consensual, que, ao transgredir o interesse tabuísta, firma novos (sem-) sentidos discursivos.

Logo, tem-se, como objetivo precípuo desse estudo, analisar o discurso da manifestação do incesto consensual. Como objetivos secundários, buscam-se fundamentar as questões relacionadas a tabus; delimitar as especificidades relacionadas ao discurso da proibição do incesto; e, por meio da teoria da Análise do Discurso, verificar os (sem-) sentidos da prática discursiva que manifesta uma transgressão ao discurso proibitivo do relacionamento sexual entre familiares plenamente capazes de consentimento.

Elegeu-se, como *corpus* deste trabalho, o discurso manifestante da prática sexual entre parentes (consanguíneos ou afins) recortado de narrativas eróticas coletadas em sítio digital de Língua Portuguesa. Essas narrativas foram selecionadas em julho de 2013 e escolhidas para comporem a análise em virtude de apresentarem elementos discursivos identificadores da consensualidade sexual, além de fornecerem uma amostra das possibilidades de relacionamentos incestuosos, considerando a proximidade de parentesco.

Metodologicamente, após a indispensável fundamentação do estado da arte, elencaram-se e foram analisados, quanto a possíveis atribuições de (sem-) sentidos, fragmentos de narrativas eróticas (coletadas em sítio digital de idioma pátrio). Considera-se que tal *corpus*, mesmo que não corresponda a experiências reais, materializa, por constituir manifestações linguísticas, o interesse por relações sexuais entre familiares, elaborando novos significados (ou não percebendo seus sentidos originais) à transgressão discursiva do tabu.

Recorda-se que, no desenvolvimento histórico humano, muitos discursos tabuístas considerados basilares, como a menstruação e a homossexualidade, foram infringidos e legados à época atual como manifestação de respeito à alteridade quanto à abordagem de objetos e situações. Pretende-se mostrar, nesta produção, que o artifício ideológico do discurso dos interditos (que, inicialmente, parece ter servido para impedir o descomedimento humano) também está apto a ressignificações na prática das manifestações linguísticas.

1. Ideologia, Assujeitamento e (Sem-) Sentidos: Fundamentação Teórica

Sabe-se que qualquer forma de expressão humana somente é possível graças à linguagem. Tem-se, dessa maneira, que, mesmo quando se intenciona proibir uma manifestação verbal, comissiva ou omissiva, por qualquer particularidade, a linguagem é o expediente utilizado como meio a tal tolhimento. Logo, pode-se considerar que foi a apropriação linguística que legou ao ser humano a percepção de seus desejos e que o conduziu ao seu qualificador de sujeito.

A abordagem dos tabus, nesse contexto, deve-se à linguagem, e os estudos de tais interditos tiveram imensurável contribuição a partir das propostas da Psicanálise e do Materialismo. Assim, a evolução científica tornou possível que a condição sagrada e/ou proibida de alguns elementos e fenômenos fosse questionada, considerando-se o indivíduo humano como uma criatura material que, ao racionalizar sobre sua característica biológico-instintiva, percebe-se como um ser histórico, ideologicamente construído.

A Análise do Discurso, por sua condição disciplinar intermeada (interseccionada entre a Linguística, o Materialismo e a Psicanálise), parece ser afeita às pesquisas interessadas nas formações e rupturas dos tabus, pois expõe a opacidade dos discursos que os justificam ou os rompem. Entre essas formas de abordagem, Orlandi (2012-A, p. 15) explica que "estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular que é a que deu origem à Análise do Discurso" que, "como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática [...]. Ela trata do discurso".

A partir da fundação, por Michel Pêcheux (1938-1983), da Escola Francesa de Análise de Discurso, na década de 1960, a linguagem é teorizada de forma distinta, sendo entendida como a materialização/manifestação da ideologia. Essa ruptura científica marcada pelo interesse às releituras da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise mostra que a linguagem não se reduz à expressão do pensamento, nem é mero instrumento de comunicação, sendo bem mais complexa e não fundada na opacidade.

Pêcheux e Fuchs (2010, p. 160) ensinam que a Análise do Discurso sopesa, utilizando-se da Psicanálise, o chamado Materialismo Histórico (que teoriza as formações e as transformações sociais, por meio da análise das ideologias), a Linguística e o discurso (compreendido historicamente). Orlandi (2012-A, p. 20) explica que, mesmo tendo sido influenciada pela Linguística, pela Psicanálise e pelo Materialismo, a Análise do Discurso não é uma miscelânea dessas áreas do saber, mas uma disciplina interessada, precipuamente, na análise da ideologia.

Sobre ideologia, explica Althusser (1985, p. 81) que esse termo foi criado por Cabanis, Destutt de Tracy, e outros, para denominar uma teoria geral das ideias. Marx (1987, p. 09), ao tratar da ideologia, afirmou que ela "não tem história" e corresponde a um princípio de ideias e representações que sobrepuja pessoas ou grupos sociais. Conforme mostra Pêcheux (2009, p. 146), ideologia é o fenômeno que:

> [...] através do "hábito" e do "uso", está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de "desvios" linguisticamente marcados entre a constatação e norma e que funcionam como um dispositivo de "retomada do jogo". É a ideologia que fornece as evidências pelas quais "todo mundo sabe" o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc, evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado "queiram dizer o que realmente dizem" e que mascaram, assim, sob a "transparência da linguagem", aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Ao introduzir a noção de sujeito ao estudo linguístico (utilizando-se, para essa introdução, da teoria marxista), explica Althusser (1985, p. 93) que, graças à materialidade das práticas: "1. Só há prática através e sob uma ideologia; 2. Só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito". Para esse autor, desde antes do nascimento, um bebê já se mostra constituído como sujeito, pois está definido que assim será, "através de e na configuração ideológica familiar específica na qual ele é 'esperado' após ser concebido" (ALTHUSSER, 1985, p. 98).

Althusser (1985, p. 97) acredita que a ideologia e a interpelação de indivíduos em sujeitos são "a mesma e única coisa" produtora das evidências de assujeitamento e sentido, que geram, graças à ideologia, a ideia de que os interpelados não se submetem a nenhuma filiação ideológica. Essa evidência cria, como um "efeito ideológico elementar", na concepção de Althusser (1985, p. 95), "sujeitos concretos, individuais, inconfundíveis e (obviamente) insubstituíveis", que não acreditam que suas ideias não sejam suas.

Sob a égide da ideologia, percebe-se que os sentidos dos/nos discursos são historicamente construídos. Sobre "sentidos", Orlandi (2012-A, p. 42-43) destaca que eles "[...] sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. [...] Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua", ou seja, sentido, "na realidade é um efeito ideológico". Assim, pode-se entender que, para a Análise do Discurso, sentido é aquilo que, ao se imiscuir à condição simbólica, imputa significado ao alardear a ideologia e os interesses que prevalecem nos sujeitos.

Orlandi também salienta que (2012-B, p. 167), o "sem-sentido [...] resulta de um esgotamento, de processos pelos quais as coisas perdem o sentido, ou simplesmente não fazem sentido", diferente do que se entende por "não sentido", que "em uma relação com a memória discursiva, é o irrealizado, aquilo que não faz mas pode vir a fazer sentido". Assim, o sem-sentido corresponde, grosso modo, a um esvaziamento do sentido por extenuação de seu significado histórico, enquanto o não sentido ainda não constituiu-se simbolicamente.

Para Pêcheux (2009, pp. 146-147), “as palavras, expressões etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições”. Assim, para se verificarem os (sem-) sentidos do discurso do incesto consensual, fazem-se necessárias algumas considerações acerca da formação tabuísta humana e, especificamente, sobre o discurso do incesto e as características da prática sexual entre familiares consanguíneos ou afins, como se verá, a seguir.

2. O Tabu do Incesto: Conceitos e Perspectivas Antropológica e Jurídica

O dicionário Houaiss (2009) define o termo “tabu” como uma “interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou linguagem”. Para Freud (1910, p.121) essa palavra tem origem polinésia e é de difícil tradução, embora seja possível serem identificados “dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’. [...] traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições”.

Cascudo (2001, pp. 655-656) expõe que o significado de tabu tem, pelo menos, duas acepções: uma relacionada ao que se entende por “sagrado ou consagrado” e outra que indica tudo o que é “lúgubre, perigoso, proibido ou impuro”. Augras (1989) e Frazer (1982) entendem que a origem tabuísta não remonta a um sentido ambivalente, ou seja, de que os tabus eram imaginados como privações que poupavam os indivíduos de sujidades ou que impediam o elemento sacro de ser profanado.

Lévi-Strauss (2011) afirma que o tabu representa formas, estratégias e meios criados e expressados pelo homem para se relacionar com a natureza de maneira ampla e/ou específica, apontando um ser social que se estrutura por meio de ética, moral, normas e instituições. Como esclarece Martins (2011, p. 375), “é este o poder do tabu em nossas vidas: interditar religiosa, cultural e linguisticamente quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou quanto à linguagem”.

Dessa maneira, o discurso tabuísta pode ser entendido como um mecanismo de dominação, pois é marcado pela ideologia, ou seja, pelo que Chauí (1984, p. 78) explica como “um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos”. Na manifestação discursiva dos tabus relativos à sexualidade, percebem-se classes que têm interesses contrapostos: o outro do discurso tabuísta

é o discurso transgressor, muitas vezes marcado como representação de doença mental ou de perversão, como no discurso de manifestação do incesto.

Para Razon (2007, p. 07), a expressão "incesto" "[...] faz parte de um léxico que remete cada um de nós ao registro do inominável e do impensável. Se a própria palavra é tabu, é por conter em seu sentido mais profundo a noção da impureza. Como se pronunciá-la de certo modo significasse realizá-la". Já Biscaro (2003, p. 11) conceitua esse termo como a "união sexual ilícita entre parentes consanguíneos afins ou adotivos" e Cromberg (2001, p. 28) expõe que:

> A palavra "incesto" deriva de *incestum*, que quer dizer estritamente "sacrilégio". *Incestum* deriva de *incestus* que significa "impuro e sujo". *Incestus*, por sua vez, é forjada a partir do primitivo *in* e *cestus*, que é uma deformação de *castus*, que significa "casto, puro". Assim, *incestus* tem também o sentido de "não casto". Pode-se imaginar aí o cortejo de interditos feitos aos padres e às vestais. Mas com a evolução da língua, *castus* foi confundido com *cassus*, que significa "vazio, isento de", até suplantar como supino do verbo *careo*, que significa "eu falto". Incesto, portanto, poderia aí ser traduzido sem exagero por "a quem nada falta" [...].

Apesar da universalidade do tabu da proibição do incesto, sabe-se que alguns grupos humanos toleram o casamento incestuoso e, em determinadas situações, até o estimulam. Como explicam Goldenson e Anderson (1989, p. 34), por exemplo, "próximo à costa de Java, na Ilha de Bali, seus habitantes (os balineses), apresentam costumes sexuais que incluem o casamento entre gêmeos adultos, baseado na crença de que eles já foram íntimos dentro do útero materno".

Nesse sentido, a antropologia legou interesse ao estudo do tabu da proibição do incesto a partir das contribuições de Lévi-Strauss (2011). Para esse estudioso (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 61), o impedimento das relações incestuosas é a regra social que garante aos seres humanos o domínio da cultura sobre a natureza, e o mais importante, nesse contexto, é verificar qual é a causa que promove, em todas as culturas, a interdição ao relacionamento sexual entre familiares, pois:

> O problema da proibição do incesto não consiste tanto em procurar que configurações históricas, diferentes segundo os grupos, explicam as modalidades da instituição em tal ou qual sociedade particular, mas em procurar que causas profundas e onipresentes fazem com que, em todas as sociedades e em todas as épocas, exista uma regulamentação das relações entre os sexos. Querer proceder de outra maneira seria cometer o mesmo erro que o linguista que acreditasse esgotar, pela história do vocabulário, o

> conjunto das leis fonéticas ou morfológicas que presidem o desenvolvimento da língua.

Lévi-Strauss (2011) defende, em sua teoria estruturalista que revolucionou a antropologia no século XX, que a proibição do incesto constitui uma conduta imutável, mesmo na diversidade das comunidades humanas. Refutando as tentativas anteriores de explicação desse interdito (que apregoavam ser o impedimento ao incesto uma atividade moral ou de proteção contra problemas à descendência causados pela combinação consanguínea), esse estudioso trata do tema como uma questão positivista social.

O trabalho de Lévi-Strauss (2011) propõe que, ao se submeterem à proibição do incesto, os seres humanos promoveram o nascimento da sociedade, passando ao estágio cultural de existência. Dessa maneira, tem-se uma separação inequívoca entre natureza e cultura, delimitada pela imposição de que os indivíduos não poderiam escolher livremente seus parceiros sexuais, devendo obediência a algumas regras que serviriam ao bem da coletividade.

Juridicamente, na atualidade, no Brasil, explica Palma (2011, s/p.) que as "relações sexuais consentidas entre adultos não são criminalizadas, mesmo que entre eles haja uma relação de estreito parentesco". A proximidade familiar aparece apenas como agravante de pena nos crimes, especificados no Título VI do Código Penal brasileiro (BRASIL, 1940), que tipifica os delitos que ferem a dignidade sexual (seja por aviltamento à liberdade sexual de plenamente capazes[1], seja pelo cometimento de crimes sexuais contra vulneráveis[2], seja por rapto[1]).

No inc. II do art. 226 do Código Penal (BRASIL, 1940, s/p.), há a previsão de que a pena para os crimes contra a dignidade sexual será aumentada "[...] de metade, se o agente é ascendente, padrasto ou madrasta, tio, irmão, [...] tutor, curador, preceptor ou empregador da vítima ou por qualquer outro título tem autoridade sobre ela [...]". Essa redação mostra a proteção contra o incesto consanguíneo, afim ou simbólico interessado na violência sexual (real ou presumida), mas é silente quanto ao consentimento de capazes.

Sobre esse silêncio da lei brasileira sobre o incesto como tipo penal autônomo, Dias (s/d., p. 01) diz que:

---

[1]Estupro, atentado violento ao pudor, violação sexual mediante fraude, atentado ao pudor mediante fraude e assédio sexual.

[2]Sedução, estupro de vulnerável, satisfação de lascívia mediante de presença de criança ou adolescente e favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual de vulnerável.

> Todos reconhecem que é o crime mais hediondo que existe, pois se origina de uma relação afetiva e leva à morte afetiva da vítima. É tal o grau de rejeição que, paradoxalmente, sequer dispõe de expressa previsão no sistema legal. Nem a Constituição Federal nem a legislação infraconstitucional condenam o incesto. A lei penal prevê como simples agravante dos delitos contra a liberdade sexual o fato de o réu ter ascendência sobre a vítima em decorrência do grau de parentesco.

Obviamente, Dias (s/d.) fala de violência, sem considerar as relações consensuais entre familiares capazes, ou seja, entre pessoas definidas pela lei brasileira como detentoras de autonomia para consentirem sobre sexo. Apesar de ser conhecido certo relativismo de jurisprudência, são impedidos do consentimento sexual, no Brasil: os menores de quatorze anos e os que, por limitações físicas ou psíquicas, não manifestem vontade ou resistência; e, de qualquer tipo de consentimento à exposição sexual, os menores de dezoito anos.

Independente da classificação a que se atenha, Razon (2007, p. 24) explica que, embora qualquer reflexão sobre a origem da proibição do incesto seja hipotética, sabe-se que há um entendimento que "[...] emana de todas as concepções: incesto e morte aparecem como sinônimos, e isto em vários níveis: degenerescência da espécie humana [...]; luta pela apropriação das mulheres [...]; exclusão da sociedade e da vida [...]; caos social e confusão individual [...]". Assim, a partir desses significados originais do discurso de proibição ao incesto, passa-se à metodologia empregada à análise.

3. (Sem-) Sentidos do Incesto Consentido: Metodologia

Para a realização da análise pretendida neste trabalho, buscou-se a internet como um *lócus* propício para a circulação de "interdições" e elegeram-se, como objeto de estudo, contos do sítio digital de Língua Portuguesa "Acervo de Contos"[2]. A escolha do sítio virtual foi aleatória, por meio de aplicativo de busca gratuito (Google), utilizando-se como filtro de pesquisa as palavras "contos eróticos de incesto". Após consultas preliminares, definiu-se a escolha de dois contos do sítio digital pré-determinado.

---

[1]Rapto violento ou mediante fraude e rapto consensual.
[2]Disponível em: http://www.acervodecontos.com/.

Inicialmente foram realizadas algumas leituras dos relatos eróticos para que se pudesse garantir que os contos não retratassem nenhum tipo de abuso sexual, prevalecendo o interesse da pesquisa em abordar o incesto consentido. Posteriormente a essa delimitação prévia, buscaram-se contos que não demonstrassem os mesmos laços parentais dos sujeitos apresentados nas narrativas, ou seja, dos vínculos consanguíneos ou afins estabelecidos nos relatos, interessando-se na diversidade da amostragem.

Os contos escolhidos foram "Meu irmão, meu amante"[1] (1) e "Amante do cunhado"[2] (2). Na sequência do trabalho, os relatos foram fragmentados, eliminando-se dos textos as expressões de calão que, mormente, se relacionam às descrições pormenorizadas dos atos sexuais. Finalmente, os recortes foram escolhidos e analisados, considerando a negação dos sentidos primitivos da proibição do incesto ou a imposição de novos significados ao discurso da prática afetivo-sexual entre familiares.

4. (Sem-) Sentidos do Discurso do Incesto Consentido: Uma Breve Análise

> (1) Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzí-lo para transar.Estava decidida. [...] Nosso grande problema é o risco de uma gravidez mas tomo os devidos cuidados.
>
> (2) Resolvi fazer mestrado e recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador. Até aí tudo normal e perfeito. [...] Depois de uns meses, eu já estava loucamente apaixonada por aquele homem [...]. Resolvi seduzi-lo.

Quanto à identificação, percebe-se que, em (1), o sujeito que relata a situação incestuosa mostra-se, em relação ao gênero, por meio da desinência femínea "–a", de "divorciada" e "decidida". Assim, o relacionamento incestuoso apresentado é mantido entre irmãos de sexos diferentes, que se marcam, concomitantemente, pelas expressões "sem mulher" e "sem homem", assemelhadas pela prepositiva "sem", indicadora da "ausência" de

[1] Disponível em: http://www.acervodecontos.com/incesto/meu-irmao-meu-amante. Acesso em: 24 jul. 2013.

[2] Disponível em: http://www.acervodecontos.com/incesto/amante-do-cunhado. Acesso em 24 jul. 2013.

parceria sexual que parece introduzir uma tentativa de justificação à experiência da prática vivenciada entre familiares de proximidade tão evidente.

O duplo uso do termo definidor de asseveração (“decidi” e “decidida”) mostra o empenho do sujeito que discursa em apresentar uma suposta “convicção” sobre seus atos, ou seja, em manifestar que os atos praticados são seus, livremente “desejados”, fazendo despontar exatamente o mecanismo da interpelação e do assujeitamento. Dessa forma, tem-se a ação da ideologia no assujeitamento do indivíduo, pois se credita ao sujeito uma “liberdade” discursiva e comissiva da qual, conforme determina a teoria da Análise do Discurso, ele não dispõe.

Ainda em (1), o discurso remete à existência de um conhecimento proibitivo anterior, relacionado a um dos sentidos originais do impedimento à prática do incesto. Ao externar que “nosso grande problema é o risco de uma gravidez”, o sujeito reafirma a possibilidade de degenerescência da espécie pela procriação consanguínea, mostrando um dos aventados sentidos originais do interdito do incesto. Entretanto, ao utilizar a oração subordinada adversativa “mas tomo os devidos cuidados”, o discurso busca um abono à transgressão, apropriando-se de certa “responsabilidade” ante o tabu violado.

Expõe-se, também, que, ao se apresentar perante um dos sentidos possíveis à proibição do incesto (possibilidade de degenerescência da espécie), o sujeito marca o discurso com elementos léxicos que caracterizam a potencialidade de dano (“grande problema” e “risco”). Esses elementos são, entretanto, amenizados pelo interesse à profilaxia desses empecilhos ao incesto vivido (“tomo devidos cuidados”). Dessa maneira, parece se pretender uma tentativa de amenizar quaisquer rejeições advindas da transgressão ao proibitivo, mostrando certo rompimento com a ideologia predominante.

O recorte (2) igualmente se marca pela apresentação de um sujeito identificado quanto ao gênero pelo sinal femíneo “–a”, mostrado na desinência de “apaixonada”. A categorização do tipo de parentesco tratado no discurso aparece em “recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado”, apresentando um tipo de incesto por afinidade, que se mostra, também, por meio dos mesmos interesses acadêmicos dos sujeitos envolvidos (“resolvi fazer mestrado e recebi apoio [...] especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador.”).

Percebe-se que, ao fazer uso da expressão “Até aí tudo normal e perfeito”, o sujeito discursivo introduz a ideia de que, daí em diante, tudo o que será proferido discursivamente contemplará anormalidade e deficiência. Essa constatação permite, pois, que se infira que o

indivíduo assujeitado reconhece o discurso de proibição do incesto e considera a não obediência a esse interdito uma conduta de anomalia e de falha que, entretanto, é concretizada. O sujeito parece antecipar ao leitor que a continuação do discurso parecerá impura.

Essa antecipação se concretiza no emprego do modal “loucamente”, que pode, de forma ambígua, tanto significar descomedimento (intensamente apaixonada), quanto indicar insensatez ao interesse incestuoso (equivocadamente apaixonada). Além disso, o mecanismo ideológico de interpelação também é marcado. Assim, por meio da dupla utilização da palavra “resolvi” (“resolvi fazer mestrado” e “resolvi seduzi-lo”), o sujeito lega a seu interlocutor o equívoco de que se é livre para a escolha de discursos e atos, entendimento refutado pela teoria da Análise do Discurso.

Considerações Finais

Esta produção, fundamentada por meio da teoria linguística da Análise do Discurso, apresenta uma introdução ao estudo dos (sem-) sentidos do discurso do incesto consentido, identificando-o como a prática, sem violência real ou presumida, de experiências sexuais entre familiares (consanguíneos e afins). Para tanto, fundamentou-se, inicialmente, a teoria da Análise do Discurso, propondo considerações sobre ideologia, assujeitamento e significado.

Com intenção de pesquisar significações do discurso da prática do incesto consentido, apresentaram-se informações antropológicas e jurídicas que respaldam a origem histórica dos tabus e, especificamente, a construção do discurso do impedimento ao incesto. Analisando fragmentos de contos eróticos de temática incestuosa, escolhidos em sítio digital de Língua Portuguesa, mostraram-se possíveis (sem-) sentidos atribuídos à manifestação discursiva de um relacionamento sexual entre irmãos e cunhados.

Tem-se, pelo analisado, que a atribuição de novos sentidos discursivos à prática do incesto consentido ou a percepção do esgotamento de significados à proibição desse tabu humano são passíveis de serem consideradas pela Análise do Discurso. Entende-se, também, que os discursos que propagam a violação ao interdito do incesto não correspondem, ideologicamente, à negativa dos ideais do tabu da proibição, mas podem fundar novos significados, aprimorando-se como se aprimoram as formas de produção.

Constatou-se que os sentidos e os sem-sentidos atribuídos, discursivamente, à manifestação da prática incestuosa consentida estão em evidente transposição, assim como

estiveram muitos outros tabus sociais que, questionados e refletidos, foram legados, à posteridade, como exemplos de intolerância. Assim, os recortes dos contos eróticos analisados permitiram a constatação de que, assujeitados pela ideologia, os indivíduos perpetuam discursos e práticas como se os fenômenos simbolizassem por eles mesmos.

Os (sem-) sentidos dos impedimentos à prática sexual consentida entre familiares consanguíneos ou afins mostram certa inquietação simbólica na transgressão de um dos mais intrigantes tabus da humanidade. Destarte, o interdito que, na origem da civilização, parecia corresponder a um impeditivo irrestrito, já se mostra com apelo à consideração relativa, comprovando que a única caraterística imutável do ser humano é sua mutabilidade ideológica, percebida nas práticas sociais.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do estado:** nota sobre os aparelhos ideológicos do estado. 9. ed. Trad. W. J. Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUGRAS, M. R. A. **O que é tabu.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

BISCARO, Regina Álvares. **Incesto:** um fenômeno arquetípico. São Paulo: Zouk, 2003.

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código penal.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm. Acesso em: 05 ago. 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** São Paulo: Global, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CROMBERG, Renata Udler. **Cena incestuosa:** abuso e violência sexual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DIAS, Maria Berenice. **Incesto e a síndrome da alienação parental.** Disponível em: http://www.mariaberenice.com.br/uploads/5_-_incesto_e_a_s%EDndrome_da_aliena%E7%E3o_parental.pdf. Acesso em: 05 ago. 2013.

FRAZER, J. **O ramo de ouro.** Rio de Janeiro: LTC, 1982.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos.** 1910. Disponível em: http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Cinco-licoes-de-psicanalise-Leonardo-da-Vinci-e-outros-trabalhos. Acesso em: 12 abr. 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.** Versão: 3.0 [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco.** 6. ed. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARX, Karl; FRIEDERICH, Engels. **A ideologia alemã.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A leitura e os leitores possíveis. In : ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **A leitura e os leitores.** Campinas, SP: Pontes, 1998, pp. 07-24.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012-A.

_____. **Discurso em análise:** sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012-B.

PALMA, Fernanda. **O crime de incesto.** 2011. Disponível em: http://acartaagarcia.blogspot.com.br/2011/07/crime-de-incesto-por-fernanda-palma.html. Acesso em: 02 ago. 2013.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; et al. **Papel da memória.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009, pp. 159-249.

Anexos

Conto 1: Meu irmão, meu amante

Disponível em: http://www.acervodecontos.com/incesto/meu-irmao-meu-amante.

Acesso em: 24 jul. 2013.

Meu nome é Luisa. Sou advogada, 40 anos, sem filhos, divorciada, morena relativamente bonita [...]. Tenho três irmãos: dois são homens de leis, casados que moram em outros estados. O terceiro e mais novo é surdo e mudo. Estudou até o ensino médio com muita dificuldade. Há cerca de 7 anos [...] Sem opção de férias, fui para a fazenda com meu pai e meu irmão. [...] Fiquei observando meu o irmão, jovem bonito inteligente trabalhador mas com as limitações da surdez e da fala. Apaixonado por cavalos e muito trabalhador. À medida que os dias passavam fui ficando entediada pela falta do que fazer [...]. Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzi-lo [...]. Estava decidida. [...] Passamos a dormir juntos [...] namorar [...] e começamos um relacionamento de marido e esposa. [...] Num sábado, levei-o à cidade dei aquele banho de loja, cabelo, barba, sobrancelhas, unhas, roupas, muitas roupas, sapatos, botas, cintos cuecas , meias, chapéus, terno, enfim uma reforma geral. Transformei-o no cowboy mais lindo e gostoso do Brasil. Viramos namorados, amantes, marido e mulher. [...]. Temos uma vida linda

apesar de não podermos declarar publicamente nosso amor e nossa condição. Viajamos muito como marido e mulher vamos a rodeios, exposições, leilões de gado e cavalos, praias. Pelo que percebo todo mundo já sabe mas ninguém toca no assunto e também não podemos assumir nosso caso porque minha mãe jamais admitiria mas na falta dela não tenho a menor dúvida vamos viver sob o mesmo teto. Nosso grande problema é o risco de uma gravidez mas tomo os devidos cuidados. [...]

Conto 2: Amante do cunhado

Disponível em: http://www.acervodecontos.com/incesto/amante-do-cunhado. Acesso em 24 jul. 2013.

Somos duas irmãs, ambas professoras, casadas com dois professores universitários. Minha única irmã é mais velha do que eu dezesseis anos, o marido dela meu cunhado mais velho que eu dezoito anos. É um marido bonito, culto, inteligente, educado e muito atraente. Diria que um homem que encanta qualquer mulher. Eles têm dois filhos que moram e trabalham em outra cidade. Nós temos um casal de filhos ainda menores. Somos como qualquer família que almoça na casa da mãe nos finais de semanas, sai para comer pizzas, viagens juntos quando dá certo. Resolvi fazer mestrado e recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador. [...] Propusemo-nos a um estudo de caso para uma publicação de artigo sobre o assunto em parceria. Veja a situação: um homem bonito, inteligente, educado, sensível junto com uma mulher nem sempre respeitada, mal compreendida, [...] e às vezes ofendida... [...]. Depois de uns meses, eu já estava loucamente apaixonada por aquele homem de gestos simples e finos, cordial e másculo, extremamente atencioso com todos à sua volta. Resolvi seduzi-lo. Certo dia marcamos nossa reunião em minha casa [...]. Estávamos sozinhos. [...]. No meio da tarde paramos para um café. Fiz perguntas, indiscretas, desconcertantes, insinuei, brinquei com as palavras e faltei só dizer que estava apaixonada [...]. Com certeza fui ao outro lado da vida, do mundo, fui ao paraíso e voltei. Pude compreender porque minha irmã é tão alegre, tão feliz, tão alto-astral, tão sempre disposta, porque sorri tanto. [...]

PERCURSOS VOCACIONAIS NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DIRCUSIVA DAS NARRACÕES SOBRE OS PROCESSOS DE TOMADA DE DECISÃO VOCACIONAL

MARIA LUÍSA LOPES CHICOTE
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Resumo
O presente trabalho tem como objetivo analisar as narrações dos adolescentes no que concerne aos processos de tomada de decisão vocacional, com particular ênfase nos fatores que interferem na escolha profissional. Enquanto de um lado nos apoiamos nas perspetivas desenvolvimentistas, Super e seus colaboradores (1950), teoria na qual a escolha vocacional é considerada um processo inserido no arco do desenvolvimento do indivíduo, e no *Life disegn as paradigm for career construction in the 21st century* (2009) que valoriza a narração como uma das proposicões no processo de construcão de carreira, por outro lado, amparamo-nos na teoria da Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux e difundida no Brasil por Eni Orlandi e seus colaboradores, em especial nos conceitos de "sujeito", "ideologia", "formações imaginárias", tentamos compreender o fenómeno da tomada de decisão nos adolescentes. As narracões feitas pelos sujeitos, suas discursividades abrem-nos para uma compreensão não apenas das variáveis que interferem neste complexo processo de tomada de decisão sobre a própria profissão mas sobretudo sugerem uma mudança de perpetivas teóricas com repercussões nas técnicas de intervenção no processo de orientação vocacional no geral, em particular dos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescentes; Análise de Discurso; narração; orientação vocacional; sujeito.

Introdução

Este trabalho tenta compreender os processos de escolha vocacional e profissional dos adolescentes, em particular os fatores imbricados na tomada de decisão. Apesar da preocupação de orientar adequadamente os jovens no processo de tomada de decisão vocacional estar a permear atualmente os contextos escolares a nível global, sentimos que em Moçambique esta atuação é ainda insignificante, se considerarmos as aceleradas mudanças que caraterizam o mundo do trabalho obrigado os indíviduos a acompanharem tais mudanças. Neste contexto, uma intervenção focalizada nos contextos educativos e escolares, pemitiria atender as necessidades dos alunos, dotando-lhes recursos apropriados à tomada de decisão

profissional. Todavia, emergem algumas questões de difícil desdobramento: como ajudar os adolescentes a tomarem uma decisão adeguada às suas habilidades e capacidades mas em consonância com o que eles definem como seus "sonhos"?

Diante desta questão e inspirados em Moura (2001), o qual propõe uma intervenção baseada na promoção do autoconhecimento, no conhecimento da realidade profissional e no apoio na tomada de decisão, foi desenhado um projeto de intervenção junto a adolescentes duma escola da periferia da cidade de Nampula. O objetivo do projeto era despertar a maturidade de escolha vocacional e profissional nos adolescentes.

1.Contextualização do estudo e procedimentos Metodológicos

Como foi antecipado, o ponto de partida deste estudo é um projeto de intervenção no âmbito da orientação vocacional que foi desenvolvido, em novembro de 2011 por um grupo de profissionais da Universidade Pedagógica, uma instituição pública de ensino superior, na cidade de Nampula. A autora, junto a um grupo de profissionais preocupados com um alto número de mudanças de cursos dos estudantes que frequentavam o ensino superior, com o baixo aproveitamento, as reprovações e até mesmo evasões convidou um grupo de colegas para uma reflexão sobre a situação. O grupo sentiu necessidade de prestar atencão aos sujeitos que ingressavam na Universidade Pedagógica elaborando um projeto de intervenção que consistia num serviço de informação e orientação profissional intensiva. Um número significativo de alunos que haviam terminado o ensino médio e se ingressava no ensino superior beneficiou-se da intervenção.

A avaliação da intervenção levou-nos a constatar que os alunos que ingressavam o ensino superior manifestavam um fraco autoconhecimento de si, pouca percepção em relação ao impato dos curso oferecidos pela universiade no mercado de emprego, pouco conhecimento do contexto profissional o que sugeria uma intervenção antecipada àquele momento de escolha "pontual". Ou seja, a intervenção realizada levou-nos a intuir a urgência de se estender a intervenção aos alunos do ensino médio, recuperando assim um dos princípios da orientação vocacional, o princípio da prevenção, pois a experiência feita com os alunos do ensino superior levou-nos a inferir que o ingresso ao ensino superior não constitui sinónimo de maturidade de escolha e capacidade de decisão. Muitos alunos que estavam cursando o ensino superior manifestaram-se ainda confusos, indecisos e sem compreensão

clara sobre as próprias habilidades, o que os levava a constantes mudanças de curso, demanda não sempre satisfeita devido as implicações administrativas.

Foi neste contexto que, no ano seguinte, em 2012 a intervenção foi estendida aos alunos do ensino médio, concretamente a Escola Secundária de Muatala, Cidade de Nampula. Um grupo de 7 docentes (supervisores) e 16 monitores (estudantes estagiários do curso de Psicologia educacional) organizou-se para trabalhar com cerca de 150 alunos que livremente aderiram ao programa. Os alunos foram distribuídos em 7 grupos onde seriam monitorados por 1 docente e 2 estagiários. Todos os alunos tinham participado na palestra de abertura em que tinham sido expostos os objetivos do programa e a metodologia. A intervenção durou quinze dias úteis. O serviço era oferecido diariamente, nos dois períodos, com 2 horas de carga horária cada período. No universo dos 150 alunos, foi extraído um grupo de 10 alunos, os quais antes de iniciar efetivamente o programa, foram submetidos a uma entrevista, com o intuíto de "diagnosticar" o ponto de situação dos alunos no que concernia as suas projeções profissionais, baseadas nos cursos que os alunos projetavam frequentar a quando do seu ingresso no ensino superior.

Criadas as condições os alunos escolhidos foram convidados a responder três questões: ***a) Qual é o curso que gostaria de escolher/abraçar no ensino superio? b) Porque escolherias este curso? c) O que achas que poderá facilitar ou dificultar esta tua escolha?***

A narração foi a "técnica" escolhida para a resposta ao questionário. A pertinência desta técnica é também sustentada no contexto da *Life design as paradigm for career construction in the 21st century (2009)* como uma das proprosições principais no âmbito da intervenção e evidenciada também como a chave através da qual a humanidade atribui ou constrói significado sobre as suas experiências (SAVICKAS, M.L, NOTA L. et al, 2009, p.245).

A materialidade do estudo reside em dez redações que constituiram um *corpus* deste trabalho. Os adolecentes discursivizam, entre vários aspectos a sua condição ilusória de sujeitos livres; seu estado de sujeitos afetados pela língua, capturados pela ideologia e pelo inconsciente; suas contraditórias trazem à tona não apenas a complexidade do processo de tomada de decisão vocacional mas sobretudo a interferência de um conjunto de fatores multifaceados que levam o sujeito a experimentar um verdadeiro estado de tensão e pressão psicológica. Dada a limitação deste espaço de exposição conjugada com a complexidade do

material em análise[1], nosso gesto de leitura e interpretação cingir-se-á na redação de apenas um sujeito.

2. Perspectivas de desenvolvimento vocacional

Sem a presunção de desenvolver aqui uma abordagem exaustiva sobre as teorias do desenvolvimento vocacional, nos propomos a apresentar rapidamente algumas reflexões referentes ao desenvolvimento vocacional, em particular a Perspectiva Desenvolvimentista (Super e seus colaboradores,1950). Apesar de algumas limitações que podem advir das mudanças socio-económicas que caraterizam o mundo do trabalho, consideramos esta contribuição incontárnavel pelo facto de ter definido a escolha vocacional como um processo contínuo ao longo de todo o ciclo de vida, especificamente por ter apontado a adolescência como fase privilegiada para analisar a forma como os indivíduos lidam com as tarefas vocacionais.

Analisando os aspectos complementares que caracterizam as teorias desenvolvimentistas, Barros (2010), leva-nos a entender que um dos aspectos que distingue esta a perspectiva desenvolvimentista de Super e seus colaboradores (1950), está no facto de ter alargado o estudo dos processos vocacionais, assumindo uma concepção da escolha vocacional como um processo se desenvolve ao longo do tempo. Depois do autor apontar o modelo de Gottfredson (2005), que se configura como tentativa de estudar específicamente o comportamento vocacional na infância, aponta em seguida o contribuído de Ginzberg (1984, 1952/1988), o qual alargou a sua concepção da escolha vocacional, enquanto processo prolongado no tempo até ao princípio da vida adulta, chegando a Super (1957), apontando como o autor que veio completar esta visão, com uma concepção de desenvolvimento que continua ao longo de toda a vida adulta.

Super propôs uma dimensão longitudinal do desenvolvimento ao longo da vida (perspectiva *life- span)* na medida em que concebeu o desenvolvimento como uma sequência de fases de desevolvimento (estádio de Crescimento, Exploração, Estabelecimento, Manutenção e Desivestimento) caracterizadas a partir das tarefas desenvolvimentais, legitimando e abrindo um caminho para intervenções que deixam de apenas pontuais, para

[1] Este trabalho se contituiu posteriormente como estudo preliminar em relação ao projeto de pesquisa de doutorado em curso intitulado "Percursos vocacionais na adolescência. Variáveis pessoais e sociais que inteferem no processo de tomada de decisão, sob orientacao da Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão.

assumirem uma perspectiva educativa, em que a "enfase é posta no desenvolvimento de programas de intervenção, estruturados em função de objetivos definidos para promover o desenvolvimento vocacional dos jovens" (BARROS, 2010, p. 168).

No que tange o *Life Design: a paradigm for career construction in the 21st century (2009),* acolhemos de forma peculiar, a valorização do aspecto contextual e caráter interdependente da escolha vocacional, com particular ênfase ao conceito de narração assumido como discurso e o seu estatuto de se configurar como um dos conceitos-chave deste paradigma. Este paradigma defende ainda a necessidade de se realizar um salto qualitativo que permita aos profissionais e pesquisadores passar da análise dos fatos científicos para a realidade da narração, almejada como ferramenta para a compreensão pessoal dos percursos vocacionais.

Na apresentação desta proposição, são apreciados em particular trabalhos recentes de Savickas (2005), que mostraram que para compreender as construções dos clientes sobre as suas múltiplas subjectividades reais se passa por analisar as suas narrações o que oferece vantagens pelo fato destas estarem próximos das próprias linguagens e por entender as atuais situações, mas também os próprios percursos. Segundo os autores, o uso da narração traz uma vantagem evidente: a existência de diversidade de interpretação das próprias e variadas experiências, diferentes perspectivas da vida e a possibilidade da carreira. Savickas reforça esta ideia afirmando que a história será mais entendida pelo cliente por si, os seus temas, personalidade vocacional e recursos para adaptação (SAVICKAS, M.L, NOTA L et al, 2009, p.246).

Passamos agora uma tentativa de compreensão dos conceitos que serão mobilizados no neste trabalho, em particular no gesto de interpretação. Longe de "fechar" as fronteiras, focalizaremos nos conceitos de sujeito de discurso, relação entre língua e ideologia e nas formações imaginários.

3. Recorte teórico no contexto da Análise de Discurso

3.1.A noção de sujeito discursivo

Quando falamos do sujeito não nos referimos apenas ao sujeito gramatical, nem muito menos ao noção psicológica de sujeito empírico coincidente consigo mesmo mas enquanto um ser determinado sócio-historicamente e afetado pela ideologia (ORLANDI, 2007, p. 50).

Enquanto analista de discurso da teoria de análise de discurso francesa, Orlandi explica que "sujeito não se refere a forma de subjetividade mas o "lugar" que o indíviduo ocupa para ser sujeito do que diz, ou seja, a posição que deve e pode ocupar todo o indíviduo para ser sujeito do que diz" (ORLANDI, 2009). Neste sentido, falar do sujeito de discurso não é falar de indivíduos físicos mas enquanto afetados pela ideologia, inseridos nas interações sociais, e fisgados pelo inconsciente.

No caso dos adolescentes, enunciando se constituem como sujeitos discursivos e trazem para o texto essas características, onde veremos na materialidade linguística por eles exibida numa espécie de tentativas de se constituirem como donos de si e controladores dos sentidos que lhes escapam nas variadas enunciações porque afetados pelos condicionamentos sócio-históricos. A este respeito Orlandi, reforça esta ideia: "ele é sujeito à língua, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se nao sofrer aso efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e a história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos" (ORLANDI, 2005, p.50).

Assumindo os adolescentes como sujeitos discursivos cabe "presentear" uma breve reflexão atinente a relação entre língua e ideologia, oferecida por E. Orlandi (2012). Na sua reflexão a autora recorda que há um princípio discursivo segundo o qual não há discurso sem sujeito e não hã sujeito sem ideologia. Prosseguindo com a questão da materialidade do discurso, Orlandi (2012, p. 72) recordando Michel Pêcheux (1975) afirma que "a materialidade permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia, que funciona pelo inconsciente: a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. Orlandi explicita que o discurso é o lugar onde a relação língua e ideologia se manifesta de forma peculiar:

> Discursivamente, consideramos que a materialidade específica da lingua é ideologia e a materialidade específica da ideologia é o discurso. Por isso, ao observarmos como a língua produz sentidos temos acesso ao modo como a ideologia esta presente na constituição dos sujeitos e dos sentidos. A ideologia por sua vez está em que o sujeito, na ilusão da transparência e sob o domínio da sua memória discursiva – alguma coisa fala antes, em outro lugar independentemente – pensa que o sentido so pode ser "aquele" quando na verdade ele pode ser outro (ORLANDI, 2012, p. 153).

Por último assumimos a posição de Leandro Ferreira, segundo a qual para tratar do sujeito, é preciso puxar também os fios da linguagem e da ideologia, que se encontram imbricados na mesma urdidura:

> O sujeito discursivo pode estar afetado simultaneamente por três ordens e deixando em cada uma delas um furo, como é próprio da estrutura de um ser-em falha: um furo da linguagem, representando pelo equívoco; um furo da ideologia, expresso pela contradição, e furo da psicanálise, manifestado pelo incosciente. Daqui decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 4).

Segundo a autora é precisamente essa falta que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente.

Como nos referimos anteriormente, o conceito de "formação imaginária" será mobilizado ao longo da análise que nos propusemos fazer. Dentro dos dispositivos que caracterizam a análise discursiva iniciada por Pêcheux, a formação imaginária pressupõe, outras três categorias (antecipação, relações de força e relações de sentido), através das quais este conceito é capaz de se manifestar no processo de discurso (TOMAZELLA, 2008, p. 1). A antecipação sugere a presença de um enunciador que idealiza uma figura mental, detertermina as condições de produção das quais poderá se utilizar e quais serão suas estratégias discursivas. As relações de força no discurso sao determinadas pelos lugares sociais ocupados pelos sujeitos enunciadores: aquele que ocupa o lugar social de maior prestígio e poder, detem, ao menos em teoria, a maior força no processo discursivo. Já as relações de sentido estabelecem interdiscursividades com outros textos, uma vez que os discursos estão em contato constante uns com os outros (TOMAZELLA, op. cit., p. 2). Nesta ordem de ideias percebe-se que falar da "formação imaginária" não significa remeter-nos imediatamente ao sujeito empírico, mas sim tomar em consideração as suas representações mentais do que possivelmente aquele interlocutor simboliza no mundo real, em outros termos significa que sujeito representa define as suas funções, o lugar social que ele ocupa e quais os discursos que ele já conhece ou desconhece.

"Pêcheux define que as formações imaginárias sempre resultam de processos discursivos anteriores. As formações imaginárias inscrevem-se, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, os sujeitos projetam-se em uma representação imaginária diante de si mesmos, do interlocutor e do objeto discursivo e, a partir dela, estabelecem suas estratégias discursivas. O lugar de onde fala o sujeito determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. O que ocorre é um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e

dos discursos já-ditos com os possíveis e imaginados. Desta reflexão, presume-se que as formações imaginárias, enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções.

Tratando-se do processo de escolha e definição de carreira, a formação imaginária, se configura como um dos conceitos chave para a análise do nosso objeto de estudo, dado o facto de que a escolha da carreira pressupõe sempre uma avaliação de si, das suas capacidades e, sobretudo, vincula-se a uma definição de si que inevitavelmente exige uma projeção de si, uma espécie de "autobiografia do futuro" (MAHL, NETO & SOARES, 2005, p. 103).

3. Entre gestos de leitura e interpretação

Passamos agora a tentativa de leitura e interpretação das respostas a entrevista de um dos sujeitos integrantes do estudo. Como foi antecipado, as respostas foram dadas sob forma de redação, pois a narração permitiria aos sujeitos atribuir significados aos seus percursos e escolhas. Nossa tarefa é observar essas heterogeneidades discursivas e tentar perceber como se configuram na contrução dos sentidos produzidos em relação aos fatores que interferem na escolha vocacional. Passemos ao primeiro recorte.

> (R1): Escolhi este curso livremente, mesmo se meus pais desde que eu era pequeno queriam que eu seguisse um curso técnico por isso me matricularam no ensino técnico. Quando entrar na universidade quero estudar o curso de informática porque é tecnico. Com curso tecnico é fácil encontrar emprego e porque gosto do mundo tecnológico que é minha paixão**.**

Ao introduzir a sua narração o sujeito traz-nos duas posições diferentes, na primeira ele argumenta ter escolhido sem nenhum constrangimento e em seguida mostra outro posicionamento segundo o qual, a escolha do curso foi sugerida pelos pais desde os primeiros anos de vida, ao ponto de o terem matriculado numa escola de ensino tecnico. Enquanto a primeira posição mostra que o sujeito é afetado pelo seu condicionamento sócio-histórico, que atinge todo o sujeito moderno, uma forma capitalista caracterizada como sujeito jurídico, com seus deveres e direitos e sua livre circulação social, ou seja, o sujeito ao afimar que a escolha foi livre revela ser afetado pela forma de individu(aliz)ção que os sujeitos são pegos pelos modos como as instituições os individ(aliz)am (Orlandi, 2012,); por outro lado, assumindo que os pais foram preparando essa escolha, manifesta o seu estado de sujeito condicionado pelas interações sociais, onde a família como primeira esfera determinante na sua escolha.

Tentando compreender a heterogeneidade discursiva neste enunciado percebe-se uma contradição: *escolhi este curso livremente, mesmo se meus pais me influenciaram"*. O substantivo *mesmo* ao invéns de marcar semelhança, identidade, sua função gramatical, introduz um sentido de dilema, uma divisão do sujeito que o leva a oscilar entre o polo do desejo pessoal e a necessidade de corresponder aos desejos dos seus pais. Tal constatação nos recorda aquilo que Orlandi diz: "todo o enunciado é constituído por pontos de deriva, podendo deslizar para outro lado, diferente de si mesmo, produzindo assim diferentes sentidos para diferentes sujeitos e situações, já que náo há linguagem que não se confronte com o político" (ORLANDI, 2012, p. 152). O sujeito ao afirmar que com o *curso técnico é fácil encontrar emprego* fundamenta-se em alguma experiência, em algum "já dito" e "já visto". Embora contraponha esta afirmação ao *gosto e paixão pelo mundo tecnológico* ele traz para o texto outras vozes, assinalando assim a presença de uma interdiscursividade que tem como fio condutor o condicionamento capitalista marcado pela valorização do "saber técnico", do lucro imediato. Enfim, o sujeito mostra-se condicionado por várias ordens, aliás, a este respeito Leandro Ferreira, refletindo sobre a trama enfática do sujeito elucida: "Dizemos, então, que o sujeito não é livre, não é centrado, não é dono da sua morada, nem taompouco pleno"(LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 1)

> (R2):Devo dizer que escolhi este curso porque é um curso próprio de homens, por isso meus pais me ajudaram muito que eu escolhesse sempre curso técnico e assim ficou sonho guardado desde criança.

Estamos aqui na presença de uma formação discursiva afetada por uma ideologia cultural e social que pressupõe e estabelece uma linha divisória entre profissões, pois, na verbalização deste sujeito intuimos que existem cursos que são típicos, específicos para cada gênero, ou seja, ao dizer que o curso de informática é um curso próprio de homens, o sujeito silencia que as mulheres não podem seguir cursos técnicos porque são próprios de homens. Afloram alguns interrogativos: quem determinou esta distribuição? De onde é que o sujeito traiu tal conhecimento? Da família? Da escola? Da sociedade? E como entender o sonho desde criança? A resposta a estas questões no contexto deste enunciado traz em cena o efeito do pré-construido que atua na memória discursiva do sujeito de forma implícita e inconsciente, deixando escapar outros sentidos não "previstos" pelo sujeito, ou seja, para Leandro Ferreira (2005, p.4) "o sujeito aqui estaria sendo afetado simultaneamente pela língua, pela ideologia e da psicanálise deixando em cada uma delas um furo, como é próprio

da estrutura de um ser-em-falha: o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição; o furo da psicanálise manifestado pelo inconsciente".

> (R3)**:** Para escolher este curso tive dificudades porque vi que nas universidades existem muitos cursos técnicos.

Apesar de ter feito uma escolha "livre", o sujeito assume que foi uma escolha onde sucumbiu a ânsia, a indecisão, próprias deste momento de tomada de decisão porque, além das competências pessoais, o adolescente deve confrontar-se com as ofertas educativas, as ambiguidades e proliferações das ofertas no mercado de emprego e ainda conjugá-las com as condições e espetativas da família, aspectos que tornam mais complexo o processo de tomada de decisão.

> (R4): Dificuldades que podia encontrar para seguir o curso é de nao saber se meus pais vão ter dinheiro para eu fazer curso de informática, mas é um curso bom, meus vizinhos dizem que é um curso com lucro, com muitas vantagens.

Tentando verbalizar os condicionamentos que podem impedir a sua escolha o sujeito aponta antes de tudo as dificuldades económicas e financeiras aspectos que criam incerteza no sujeito. Este enunciado traz à tona elementos importantes para uma reflexão por parte das instituições de formação, em particular em Moçambique, se tomarmos em consideração até o ensino público não garante o acesso a todos, os jovens das camadas populares, mas apenas a quem dispõe de um certo capital economico, ou seja, este sujeito pode não chegar a realizar a sua escolha porque em Moçambique as universidades públicas ainda não são gratuitas, conquista que parece estar muito longe do sonho de quem detém o poder.

> (R5): Finalmente dizer meus objetivos sao tantos que nao posso acabar de enumerar todos agora, com este curso posso realizar todos os meus sonhos, ser engenheiro e doutorar-me na curso de informática.

Enquanto dum lado, o sujeito ao se mostrar incapaz de enumerar todos os seus objetivos o sujeito evidencia a incompletude da língua do outro lado esta infinitude de perspectivas em relação ao futuro o fazem desembocar numa ilusão de poder ser capaz de tudo, "esquecendo" que vive num mundo de incertezas, aliás, o seu discurso sempre deixou transparecer que os pais se configuram como seus primeiros sustentos e portanto o seu estado,

as suas condições determinarão de um certo modo, se poderá ou não a ser "engenheiro e doutorar-se". Enfim, para finalizar esta provisória leitura podemos recordar o que Orlandi afirma:

> os sentidos não estão assim predeterminados pelas propriedades da língua. Dependem de relações constuitidas nas, pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discurvas como blocos homogéneos funcionando automáticamante. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas, nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas, configurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 1999, p. 44).

Considerações conclusivas

Conforme pudemos notar, o recorte trazido para esta reflexão revelou vários aspectos que caracterizam a prática discursiva. Primeiro que a línguagem não é trasparente, que não é suficiente atravessar as palavras para encontrar os sentidos que estariam ai armazenados. A contradição, a repetição ecoaram no texto funcionando como interdiscurso e manifestando uma heterogeneidade discursiva nas verbalizacoes do sujeito que se revelou como falha, o furo, marcando assim a incompletude do sujeito.

Em seguida pudemos notar que não existem discursos neutros, "puros', ou seja, que todo o dizer é atravessado pela ideologia, pelo incosciente. Em suma, embora de forma superficial, tentamos advertir na materialidade discursiva do sujeito, manifestada pela linguagem, a sua ilusão, a sua incapacidade em controlar o que diz, revelando assim a sua finitude e impotência diante do poder da língua, da ideologia e do inconsciente, o que levou-nos a "legitimar" a análise de discurso como uma importante ferramenta metodológica para a psicologia vocacional e que novos estudos devem ser realizados para a sua consolidação.

No contexto da orientação vocacional e profisisonal, as verbalizações do sujeito levaram-nos a constatar mais uma vez que o processo de tomada de decisão é complexo, dai a necessidade de intervir de forma antecipada. As discursividades do sujeito tomado em consideração confirmaram a coexitência de vários fatores que interferem no processo de tomada de decisão, destacando as interações sociais, na qual vimos a família e a escola funcionando como fomentadores primários das ideologias sociais e culturais. Finalmente que o ingresso ao ensino superior é apontado como uma das etapas fundamentais no processo de construção de carreira o que remete a responsabilidade das instituições de formação, entre as quais a universidade.

Referências

Livros

MAHL, NETO & SOARES (Orgs). *POPI. Programa de Orientação Vocacional Intensivo.* São Paulo: Editora Vetor, 2005, p. 103.

ORLANDI, E.P. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia,* 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 1999.

Artigos publicados em periódicos

SAVICKAS, M.L, NOTA L et al. Life design as paradigm for career construction in the 21st century (2009*),* In *Journal of Vocation Behavior*, nr. 75, p.239-250. Disponível in: www.elsevier.com/locate/jvb. Acesso em: 24 mai. 2013, p. 239-250.

TOMAZZELA, Carla. *Piadas machistas: a questão da formação imaginária nas produções de humor*. Disponível in *Rhttp://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao08/CarlaTomazella .php*. Acesso em: 15 jul. 2013.

Artigos publicados em periódicos

BARROS, A.F. Desafios da Psicologia Vocacional: modelos e intervenções. In *Revista Brasileira de Orientaçõo Profissional*, São Paulo, v. 11, n. 2, p.165-175, agost. 2010.

LEANDRO FERREIRA, M. C. A trama enfática do sujeito. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 2., 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. PortoAlegre,RS:UFRGS,2005.Disponívelem:http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sujeito/ Maria_cristina.pdf. Acesso em:15. Jul.2013.

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO DISCURSO DE MARCÍLIO GODOI, NA REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA

MARILURDES CRUZ BORGES
UNESP-ARARAQUARA/ UNIFRAN

Resumo
Propomos nesta comunicação apresentar uma reflexão sobre os diálogos explícitos e implícitos na coluna de Marcílio Godoi que contribuem para a ressignificação das práticas pedagógicas no ensino de literatura no Brasil. Para desenvolver nossa investigação, partimos do princípio de que a Revista Língua Portuguesa, suporte em que está inserida a coluna de Godoi, embora pertença a uma esfera jornalística e publicitária, tem cunho didático e seu objetivo principal é discutir as práticas pedagógicas no que se refere ao ensino da língua materna – língua portuguesa –, por isso, compreendemos que o corpus em estudo participa responsivamente dessa discussão. Analisaremos também questões acerca do gênero do discurso, pois sabendo que ele é determinado em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação, estudando-o, verificaremos como o estilo do locutor percebe e compreende seu destinatário e como ele, além de participar responsivamente junto ao suporte e junto à esfera pedagógica, também presume uma compreensão responsiva do seu interlocutor, ressignificando assim as práticas no ensino de literatura de língua portuguesa. Segundo os Parâmetros Curriculares Pedagógicos do Ensino Médio, os alunos deverão adquirir competência investigativa e compreensiva, devendo ser capazes de refletir sobre as possibilidades de usos da língua, analisando os elementos que determinam esses usos e as diversas formas de dizer. Logo, acreditamos que o discurso de Godoi contribui para desenvolver essas competências no que se refere ao discurso literário e suas práticas enunciativas, pois, além de abordar a biografia de escritores, também apresenta, junto a fragmentos da poética do mesmo, comentários críticos que valorizam tanto a composição textual quanto sua relação sócio-cultural. Para os estudos bakhtinianos, o problema do sentido é parte de uma reflexão sobre a linguagem que não se limita à relação entre a língua, como código, e o discurso ou o texto, também não se limita às relações linguísticas entre os elementos do sistema da língua ou entre os elementos de uma única enunciação, mas ocupa-se das relações dialógicas nos atos de palavras, nos textos, nos gêneros do discurso e nas linguagens, portanto, utilizaremos por fundamentação teórica principal as reflexões bakhtinianas no que se refere ao dialogismo, à esfera/campo, à ideologia, ao enunciado concreto e ao gênero do discurso.

Palavras-chave: Dialogismo; ideologia, enunciado; gênero.

Introdução

A coluna *O português é uma figura*, de Marcílio Godoi começa a integrar a Revista Língua Portuguesa no periódico nº 31, em maio de 2008. O nome dado à coluna representa adequadamente o desenvolvimento do enunciado, pois o enunciador preocupa-se em

apresentar a vida e a obra de uma ‘figura’ – escritor -, pensando tanto nos aspectos literários e artísticos da língua portuguesa, quanto na ‘figura’- imagem - ilustrada, por meio de traços e símbolos gráficos, caricaturando esta ‘personagem’.

A Revista Língua Portuguesa, suporte em que se manifesta o discurso de Godoi, tem por proposta, desde seu lançamento, flagrar momentos do cotidiano em que a língua revela o que somos, o que fomos e os papéis adotados por nós nas nossas relações sociais[1]. A revista também tem por intento registrar a herança e a riqueza material do idioma português, em especial sua atualidade. Segundo nos apresenta seu editor Pereira Junior,

> o domínio da linguagem, tanto oral quanto escrita, tornou-se indispensável para a vida profissional e é por intermédio dela que se garante a própria cidadania. É a essa demanda prática e social que a revista Língua pretende atender, ao identificar e colocar em discussão o que há de mais relevante no idioma português, na fala brasileira e variantes.

É essa proposta da revista que justifica nosso interesse em refletir sobre a que serve a coluna de Marcilio Godoi, como ele responde responsivamente, por meio de seu discurso e dos autores de língua portuguesa apresentados e analisados, à ideologia e à proposta da revista, juntamente com a proposta do ensino de língua e literatura no Brasil.

Discussão teórica

De acordo com as concepções bakhtinianas, o dialogismo é a condição do sentido de todo discurso, é o estabelecedor da interação verbal no centro das relações sociais, pois toda atividade verbal do comportamento humano não pode ser atribuída a um sujeito individual. Assim, a linguagem é dotada de sentido, se houver, no discurso entre seres, a possibilidade de interação verbal.

O diálogo revela as posições de sujeitos sociais, seus pontos de vista acerca da realidade, de forma a ilustrar a transformação sócio-ideológica das linguagens e da sociedade. É, por conseguinte, nos discursos, nas relações dialógicas desenvolvidas que se evidenciam pontos de vista distintos, os quais possibilitarão a reflexão sobre a consciência individual do sujeito, pois esta, em contanto com outras opiniões, inquietam-se e se transformam, projetando em si as vozes de outras consciências.

A ideologia pode reproduzir a ordem social, o discurso do poder público, bem como pode confrontá-lo, já que a ideologia está a serviço dos interesses de determinado grupo social e se materializa em determinada esfera da comunicação. "Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral" (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 33).

O signo só pode ser compreendido em determinada situação social. Cada momento histórico, cada grupo social, cada gênero discursivo caracteriza-se por discursos socioideológicos próprios que correspondem a certo grupo de tema. Além disso, "os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra" (Bakhtin/Volochínov, 2010, p.34). As formas com que o signo se apresenta está intimamente condicionadas à organização da consciência dos indivíduos envolvidos no processo de interação. Qualquer alteração no processo ou nas formas deste signo resultará em sua transformação ideológica.

É, pois, o signo que materializa a comunicação e esta se torna concreta por meio da linguagem. Sendo assim, a palavra é o elemento semiótico de toda relação social. Além disso, a palavra está presente em todo e qualquer ato da comunicação, da compreensão e da interpretação.

Em toda esfera ideológica, vemos apresentado um conjunto único e indivisível de enunciados, que reagem a uma transformação da infraestrutura na qual está inserido (Bakhtin/Volochínov, 2010, p. 41). São, portanto, as relações de produção e as estruturas sócio-ideológicas que determinam as condições, as formas e os tipos de comunicação verbal possíveis em um dado contexto.

Todo enunciado tem caráter concreto e só poderá ser compreendido no seu processo de produção e no seu processo de interação em um ambiente sócio histórico, ou seja, na sua circulação no mundo e sua recepção por outros sujeitos.

O enunciado não é meramente uma frase ou uma sequência de frases de um texto, também não se reduz à materialidade textual, pois é um projeto enunciativo intencional, elaborado por um sujeito em uma dada situação de enunciação. No projeto enunciativo, vemos concomitantemente o que quis dizer e o que quis responder esse sujeito enunciador.

---

[1]PEREIRA JÚNIOR, L. C. *A língua*. Disponível em: http://revistalingua.uol.com.br/textos/fixos/a-lingua-243330-1.asp. Acesso em: 30 mai. 2013.

> O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e conta com eles. (BAKHTIN, 2000, p. 316)

Ao enunciado se conecta tanto o objeto de sentido – o tema e a forma –, quanto as circunstâncias concretas de produção deste enunciado. Ele também é produzido no diálogo com outros enunciados, portanto, reflete a realidade e a refrata, porque, ao mesmo tempo que carrega em si valores e ideologias de uma determinada esfera enunciativa, os modifica, já que há sempre uma compreensão responsiva de um sujeito outro.

Sendo assim, as fronteiras do enunciado concreto são determinadas pela alternância dos sujeitos, os que pertencem aos enunciados anteriores e os que constituirão os 'enunciados-respostas'. A alternância desses sujeitos enunciadores ocorre de forma variada conforme as diversas esferas da atividade e da existência humana, pois os sujeitos formulam perguntas, opõem objeções a elas e as respondem (BAKHTIN, 2000, p. 294).

A composição e o estilo de um enunciado são determinados pela expressividade do enunciador, pela relação valorativa que o sujeito tem do objeto enunciado. Portanto, o sujeito, para os estudos bakhtinianos, não é um mero fantoche das relações sociais, ele é um agente organizador de discursos, um mediador entre as significações sociais possíveis e os enunciados proferidos em uma determinada situação.

> A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro (BAKHTIN, 2000, p. 317).

Partindo dessas considerações, o sujeito é responsável por seus atos e responsivo ao outro. "Ver-se no espelho não dá ao sujeito a visão acabada de seu Ser que só o olhar do outro lhe confere. Assim, só nessa relação de eus entre si pode nascer o sentido, que é função dela e, ao mesmo tempo, serve para moldá-la" (SOBRAL, 2009, p. 24).

Logo, o significado de um enunciado depende simultaneamente do seu projeto enunciativo, do seu locutor, do seu interlocutor, do espaço e do momento em que ele é proferido.

Para os estudos Bakhtinianos, todo enunciado é modulado pelos gêneros discursivos – formas típicas dos enunciados –, pois todas as enunciações revelam escolhas particulares de formas construídas dentro de uma orientação social, ou seja, os enunciados manifestam a associação do conteúdo temático, da forma composicional e do estilo, juntamente com a interação entre o sujeito enunciador e o seu outro (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Os gêneros do discurso referem-se às relações dialógicas do processo comunicativo, seja nos diálogos cotidianos ou nas enunciações mais complexas. Eles devem ser observados na dimensão do tempo e do espaço onde as interações produzem e articulam formas discursivas criadoras da linguagem, de visões de mundo e de sistema de valores configurados por pontos de vista determinados.

> O conceito de gênero é potencialmente a imagem de uma totalidade, em que os fenômenos da linguagem podem ser apreendidos na interatividade dos textos através do tempo, decorrente, sobretudo, dos vários usos que se faz da língua (MACHADO, 2005, p. 144).

É relevante destacar que a escolha do gênero depende das necessidades do tema e das especificidades de determinada esfera da comunicação verbal em que o enunciado se encontra. Ao se pensar nas esferas da comunicação e nos gêneros discursivos, é preciso reconhecer que as esferas de uso da linguagem podem ser dialogicamente configuradas em função do sistema de signos que as realizam, o que contribui à metamorfose do gênero ou a intergenericidade – hibridização de gêneros, na qual um assume a função de outro. Essa intergenericidade pode ocorrer quando um gênero assume a função de outro gênero ou quando em um gênero há a presença de outro ou vários outros gêneros.

Muitas vezes, a intergenericidade é percebida devido ao ato responsivo do locutor no processo composicional de seu enunciado, nas relações discursivas desenvolvidas, na proposta ideológica do suporte e nas exigências enunciativas da esfera da comunicação.

> Os gêneros do discurso apresentam-se ao locutor como recursos para pensar e dizer. Mas podemos, simulando uma atividade numa outra, desviar um gênero de seu destino e contribuir assim, num determinado momento da história, para novas formas de estratificação discursiva, consequentemente para o aparecimento de novas variedades entre a infinita variedade de gêneros (FAITA, 2005, p. 155).

Por isso, observar o gênero segundo a abordagem dialógica de Bakhtin requer observar a instância de criação e acabamento do objeto estético. Acabamento é uma categoria

estética na qual a construção arquitetônica valoriza as relações existentes entre o eu e o outro. Assim, todo sujeito, ao construir seu enunciado, revela escolhas particulares, mas de acordo com a esfera de utilização deste enunciado revela 'tipos relativamente estáveis', o que é denominado pelos estudos bakhtinianos como gêneros discursivos.

Sendo assim, os gêneros discursivos estão ligados a esferas de atividade, as quais têm suas singularidades como sua própria forma de produção, de circulação e de recepção.

Junto à escolha temática e à forma enunciativa, há o estilo do sujeito enunciador. É por meio dele que se observa as suas escolhas linguísticas, a sua forma de ver o mundo que o cerca, o seu juízo de valor e as suas emoções. "O estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo que ele presume desse destinatário uma compreensão responsiva ativa" (BAKHTIN, 2000, p. 324). Somente nos enunciados oficiais, que requer uma forma composicional e discursiva padronizada, não há estilo.

A escolha estilística do enunciador é individual, mas está necessariamente associada ao tipo de enunciado, à escolha de um gênero do discurso. Para que o enunciador faça essa escolha, ele age responsivamente em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de um tema e do conjunto constituído dos parceiros que participam do evento enunciativo (BAKHTIN, 2000, p. 301).

> O estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se aí o texto literário. Em uma situação de ensino, a análise da origem de gêneros e tempos no campo artístico, permite abordar a criação das estéticas que refletem, no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estilísticas, marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/local, ou seja, o caráter intertextual e intratextual (PCNEM, 2000, p. 8)[1].

O PDE (Plano de Desenvolvimento Educacional) destaca que os gêneros do discurso pertencem a diversos tipos de discurso, e o tipo textual está associado ao conjunto de estruturas linguísticas utilizadas no plano composicional do texto, como: palavras, frases, orações, etc.[2]. Logo, estudar os tipos de discurso é estudar as estruturas e as funções dos textos como, por exemplo, os textos descritivos, os narrativos, os argumentativos, os procedimentais e os exortativos.

---

[1]Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf.> Acesso em: 20 jul. 2013. p. 8

[2] BRASIL. Ministério da Educação. *PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: SAEB: ensino médio: Matrizes de referência, tópicos e descritores*. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008, p. 20.

Para Marcuschi (2008, p. 151), não se pode entender gêneros como modelos fixos e nem como estruturas rígidas, pois eles são formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem. “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

O autor também prioriza a necessidade de se perceber que o gênero apresenta “padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p.155). Os gêneros são, portanto, entidades dinâmicas e comunicativas em que se predominam funções, propósitos, ações e conteúdos. Como os gêneros são dinâmicos, é comum ocorrer, em alguns enunciados, a intergenericidade.

Discini (2012) também destaca a relevância de se observar as esferas em que os discursos (o religioso, o jurídico, o feminista, o de ficção científica, o político, o jornalístico, o pedagógico, o literário, dentre outros) são produzidos, pois neles estão reunidos temas e figuras construídos de acordo com o seu objetivo e ideologia. Segundo a autora, os gêneros são compatíveis com sua especificidade comunicativa, pois produz expectativas acerca do que será dito e do modo próprio de dizer, assim, ele antecipa o contrato de confiança entre enunciador e leitor.

Em posse dos conceitos e definições acerca do gênero do discurso expostos em nossa investigação, passamos ao estudo de alguns gêneros e/ou tipos textuais que consideramos ser referência para o estudo do *corpus* – “O português é uma figura”. São eles a crônica e a biografia.

A *crônica*, enquanto gênero ou tipologia textual, é produzida por meio da observação e da interpretação que o enunciador faz acerca do cotidiano. Nesse tipo de texto, a manifestação subjetiva do sujeito revela ao interlocutor aquilo que não é percebido pelo senso comum, ou melhor, revela o que só ele e como ele enxerga determinada realidade.

Logo, entende-se, comumente, que a crônica é um tipo de texto construído pela observação do real por meio de olhos investigativos, os quais procuram ir além do registro de um fato, porque buscam seu significado no comportamento humano.

As primeiras crônicas em língua portuguesa foram escritas por Fernão Lopes, encarregado de escrever as histórias dos reis e do passado português. Também, os primeiros textos sobre o Brasil foram escritos por cronistas, os navegantes responsáveis em informar à

coroa portuguesa sobre as descobertas ultramarinas. Nesses textos, temos um conceito para o gênero crônica: registro de fatos históricos. Esse conceito, com o advento da literatura jornalística no século XIX, sofre uma ressignificação, pois junto às informações e descrições do cotidiano, há o caráter ficcional.

A crônica passou a ser compreendida, na modernidade, como um tipo textual que aborda a história do cotidiano, mas não necessariamente tem a preocupação de fazer História. Há, portanto, várias denominações para o gênero crônica:

- Lírica = em que o autor relata com nostalgia e sentimentalismo;
- Humorística = em que o autor faz graça com o cotidiano;
- Crônica-ensaio = em que o cronista, ironicamente, tece uma crítica ao que acontece nas relações sociais e de poder;
- Filosófica = reflexão a partir de um fato ou evento;
- Jornalística = que apresenta aspectos particulares de notícias ou fatos, pode ser policial, esportiva, política, etc.[1]

Normalmente, este gênero discursivo circula nas esferas jornalísticas e se modifica e/ou se adapta de acordo com o suporte e seu público leitor.

A *biografia* é um gênero de caráter narrativo que, comumente, apresenta a história da vida de um sujeito falecido que tenha sido reconhecido pela sociedade e/ou a ela interessa, mas nada impede que também narre a história de uma pessoa viva.

No passado, importava à biografia apenas datar datas relevantes da vida do ser biografado e suas atitudes junto à sociedade, ou seja, aquilo que ele realizou e que tenha sido importante para o conhecimento público como, por exemplo, trabalhos científicos, artísticos, dentre outros. Atualmente, este gênero discursivo tem apresentado junto às informações tradicionais, também um estudo crítico sobre o sujeito biografado, adquirindo um caráter de crônica.

Enquanto prática narrativa, a biografia requer seleção, descrição e análise da trajetória individual do biografado.

---

[1]CABRAL, Marina. *Crônica*. Disponível em: http://www.brasilescola.com/redacao/a-cronica.htm Acesso em: 24 jul. 2013.

> Para se construir uma biografia, é necessário que o enunciador dialogue com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, na busca de traduzir uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e suas relações com a cultura na qual se insere ua !vida póstuma" na qual mortos e vivos dialogam a partir das heranças dos primeiros e das carências dos segundos (SILVA, 2009, p.153)[1].

O enunciador, ao produzir uma biografia, necessita, além de reconstruir a trajetória individual do sujeito, observar a relação que este teve e ainda tem com o seu leitor, a fim de manter vivo aquilo que não se deve esquecer. Logo, a biografia é um processo de construção da memória que, na maioria das vezes, se distancia da "vigilância crítica e fidelidade ao passado"[1].

Na biografia, vemos o vínculo estabelecido entre o sujeito biografado e sua produção editorial, sua participação acadêmica e sua inserção na esfera jornalística, ou seja, sua relação social e histórico.

Investigação do *corpus*

Considerando que a coluna '*O português é uma figura'*, assinada por Marcílio Godoi, é parte integrante da discussão ideológica do periódico, participa responsivamente dele ao escolher a 'figura' e os recortes linguísticos, também ao produzir a imagem não-verbal que utiliza para compor a biografia do escritor escolhido. Ao tecer a biografia do escritor, o enunciador, além de caracterizar sua 'figura' com dados concretos, atribui-lhe significados outros que atendem a arquitetônica textual.

> Na relação entre material verbal e contexto, o discurso não é concebido como um reflexo da situação, mas como o seu acabamento avaliativo. Brait vê, nesse contexto mais amplo, a participação do interdiscurso que, apesar de nem sempre explícito, faz parte da produção de sentido (GRILLO, 2006, p.138).

No enunciado de Godoi, toda a construção textual é marcada pela arquitetônica da alteridade, pois há o encontro de palavras outras que constituem a imagem e identidade do escritor apresentado. "Como nos diz Bakhtin (2000), não há enunciado fora da rede dialógica,

[1]SILVA, Wilton Carlos Lima. Biografias: construção e reconstrução da memória. Disponível em: WWW.periodicos.ufgd.edu..br./index.php/front Acesso em 25 jul. 2013.

não há enunciado que não se constitua a partir do outro, que não contenha em si outros (ele está sempre com outros) e que não se dirija para outros"[2].

É visível, portanto, nesta coluna, o encontro de palavras, não só por meio da voz do colunista com a voz do autor apresentado, mas também outras palavras que já analisaram e refletiram sobre o escritor e sua obra, além da voz da revista, suporte em que a coluna é publicada. Esse procedimento também responde às propostas curriculares (PCN), pois sabe-se que o texto é único enquanto enunciado, mas é múltiplo enquanto possibilidade de significação.

Não podemos nos esquecer também de que a Revista Língua Portuguesa pertence a uma esfera de comunicação, ou seja, insere-se à mídia jornalística impressa, cujo suporte editorial é a editora Segmento. Essa editora principiou suas atividades em 1993, apostando no bom jornalismo e no senso empreendedor, e é hoje uma das principais referências brasileiras na produção de conteúdos sobre educação e gestão de pessoas.

Na Revista Língua Portuguesa, vemos diversos gêneros textuais discutindo questões acerca da língua e da linguagem, na sua relação de uso e de ensino, conforme nos apresenta seu próprio enunciado: "a visão sobre a linguagem, por sua vez, também se intensifica, mantendo-se a leveza e o rigor jornalístico em sintonia com a consistência científica, traços que caracterizam a trajetória da revista"[3].

Escolhemos uma coluna de Godoi para ilustrar nossa leitura e análise conforme proposto neste estudo. Primeiramente, observamos as relações dialógicas no próprio corpus e os diálogos estabelecidos com o suporte, a fim de constatar o ato responsivo do locutor. Também apresentaremos uma leitura inicial sobre as práticas pedagógicas propostas nos Parâmetros Curriculares e nas escolas públicas do estado de São Paulo e sua relação de ensino com a coluna de Godoi.

A coluna a ser analisada foi publicada no periódico nº 66, "Flor culta e bela"[4]. Nela, o enunciador apresenta a vida e a obra de Florbela Espanca, poetiza portuguesa. No próprio título da coluna já é possível observar a ideologia do enunciador ao fragmentar o nome da

---

[1]Idem. P.155

[2]MENDONÇA, M.C. Estudos bakhtinianos e análise do discurso francesa. In: NASCIMENTO, E.M.F.S., OLIVEIRA, M.R.M., LOUZADA, M.S.O. *Processos enunciativos em diferentes linguagens.* Franca: Ed. Unifran, 2006. p. 172.

[3]PEREIRA JR. Luiz costa. Mudanças. In: *Carta ao leitor*. Revista Língua Portuguesa. ANO 3, nº 39. Jan. 2009.

[4]GODOI, Marcílio. Flor culta e bela. In: *O português é uma figura*. Revista Língua Portuguesa. Ano 5, nº 66, p. 66

poetiza e incluir o adjetivo ‘culta’. Chama-nos a atenção, primeiramente, os elementos utilizados para desenhar a face da figura literária selecionada e como o recorte literário contribui para a produção de sentido da mesma.

O português é uma figura

Flor culta e bela

"Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não ds sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida"

Fonte: Ano 5 nº 66 - abr. 2011

Os estudos de Barthes (1990) sobre fotografia e desenho ajudam-nos a perceber alguns elementos em nosso *corpus* de análise, quando ele apresenta que é preciso se opor a fotografia, considerada por ele como mensagem sem código, ao desenho que será sempre uma mensagem codificada.

> A natureza codificada do desenho aparece em três níveis: inicialmente, reproduzir um objeto ou uma cena através do desenho, obriga a um conjunto de transposições regulamentadas; não existe uma natureza da cópia pictórica, e os códigos de transposição são históricos (sobretudo no que tange a perspectiva); em seguida, a operação de desenhar (a codificação) obriga imediatamente a uma certa divisão entre o significante e o insignificante: o desenho não reproduz tudo, frequentemente reproduz muito pouca coisa, sem, porém deixar de ser uma mensagem forte, ao passo que a fotografia, se por um lado pode escolher seu tema, seu enquadramento e seu ângulo, por outro lado não pode intervir no interior do objeto (salvo trucagem), em outras palavras, a denotação do desenho é menos pura do que a denotação fotográfica, pois nunca há desenho sem estilo. Finalmente, como todos os códigos, o desenho exige uma aprendizagem[1].

[1]BARTHES, R. A retórica da imagem. In: *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 35

Tal reflexão pode ser confirmada ao observar o desenho que Godoi faz da face de Florbela Espanca. Traçados do desenho lembram-nos o rosto já fotografado da poetisa. Há o formato de um chapéu sobre a cabeça e o traçado de apenas um olho. Nada delineia o rosto, mas dois pequenos riscos traçam um pequeno nariz. O desenho da boca é formado por um 'f' deitado e invertido e fechando o rosto, um pequeno risco desenha o queijo delicado. Na lateral esquerda há três losangos, um abaixo do outro, como se fossem lágrimas escorrendo pela face. Desse modo, ao ler o desenho vemos reproduzido muito pouco do real da imagem de Florbela Espanca, mas deixa-nos uma imagem forte da personalidade desta poetiza portuguesa. Um rosto doce, suave e belo, mas dotado de tristeza e melancolia.

Por meio do desenho, o enunciador responde e participa da ideologia do periódio, pois na composição dos traços, ele utiliza elementos da língua portuguesa.

O desenho em análise traz explícito pouca denotação, pois a própria escolha das linhas, o posicionamento e espessura delas já é em si uma conotação, mas, à medida que ele nos exibe uma codificação, por exemplo, o nome de quem está ali representado e o título da coluna "Flor culta e bela", a mensagem do desenho é modificado pela memória cultural, pelos valores históricos.

Mesmo quem desconhece a figura de Florbela Espanca, seja pela sua imagem fotográfica, seja pela sua vida e obra poética, é conduzido a certa possibilidade de leitura do desenho, devido aos versos selecionados para acompanhá-lo.

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida
(Florbela Espanca)

Partiremos da recordação de Barthes (1975, p. 134) de que "toda a semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado. Relacionando objetos de ordem diferentes, não constitui uma igualdade, mas sim uma equivalência", para dar um exemplo de leitura do traçado do olho de Florbela. A semiologia desse desenho, conotado pelo desenhista ao dar o formato, a tonalidade, o tamanho, é modificada ou complementada quando associado aos versos, pois eles nos conduzem a ver além do olho; enxergar o olhar, o

brilho que ele ilustra, o olhar distante que ele representa, dentre outras possibilidades de leituras.

Ao lermos a imagem 'simbólica' de Florbela, desenhada por Godoi, interpretamos alguns traços, mas, diante da mensagem linguística, os sentidos do desenho são direcionados a uma leitura histórica e cultural sobre a pessoa e a obra poética dessa figura da literatura portuguesa moderna.

Esse domínio comum dos significados, de acordo com Barthes (1990, p. 40), é o da ideologia. "À ideologia geral, correspondem, na verdade, significantes de conotação que se especificam conforme a substância escolhida".

Como a imagem simbólica em estudo é parte da coluna *O português é uma figura*, ela pode ser lida como uma mensagem jornalística, já que é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. Assim, sabe-se que para um estudo verdadeiro do corpus é necessário observar a produção de sentido da imagem também em sua relação ao suporte – revista Língua Portuguesa – meio publicitário a que está inserido.

É interessante observar que o periódico, em que Florbela é a figura de Marcílio de Godoi, traz em sua capa questões sobre o gênero feminino, sobre a evolução do sexo e sobre a vida moderna. Além disso, o tema título do periódico expõe '*7 dicas para impressionar o leitor com sacadas de escrita que vão da retórica ao cinema*'. No enunciado de Godoi, observamos explicitamente o diálogo com a proposta ideológica da revista, pois o locutor começa apresentando a vida de Florbela associada às dificuldades de se elaborar um roteiro de cinema. "A vida de Florbela Espanca é roteiro que seria recusado por produtores de cinema sob a alegação de implausibilidade"[1].

A coluna também participa responsivamente das relações dialógicas desse suporte ao observarmos a escolha da 'figura' associada a alguns temas que serão discutidos no periódico nº 66, como "o vai e vem da 'transa' – a evolução do termo que virou sinônimo de sexo, comércio e cultura"; "'ser ou 'estar'? – como a vida moderna alterou o sentido dos verbos". Na exposição da biografia de Florbela, temos a resposta à discussão temática do periódico:

> Melhor simplesmente dizer que Florbela Espanca expressou o amor feminino em sonetos clássicos, não se rendendo aos experimentalismos do

[1] GODOI, Marcílio. Flor culta e bela. In: *O português é uma figura*. Revista Língua Portuguesa. Ano 5, nº 66, p. 66.

> modernismo português, mas estava de certo modo à frente dele, em densidade psicológica[1].

Ao pensar sobre gêneros no nosso *corpus* de análise, partimos, inicialmente, da denominação crônica, embora haja características explícitas do gênero biografia.

Consideramos a coluna uma crônica ao observar a conceituação do gênero em diversos estudiosos, nos PCN e na definição comum aos dicionários:

> s.f. Coletânea de fatos históricos, de narrações em ordem cronológica: a "Crônica de D. Fernando", de Fernão Lopes. / Conjunto de notícias que circulam sobre pessoas: a crônica mundana. / Seção de um jornal em que são comentados os fatos, as notícias do dia: crônica política, teatral. / Gênero literário que consiste na apreciação pessoal dos fatos da vida cotidiana. / Estatística. Conjunto de valores que uma variável toma em diferentes épocas sucessivas[2].

Deste modo, o que Marcílio nos apresenta na coluna é uma narrativa cronológica da vida de Florbela Espanca, "Aqui o enredo em uma linha"[3]. Além de apresentar a história da vida, o enunciado transmite-a por meio de um olhar sensível e atualizado, aproximando-a da figura feminina no cotidiano. "Florbela Espanca expressou o amor Feminino em sonetos clássicos, não se rendendo aos experimentalismos do modernismo português, mas estava de certo modo à frente dele, em densidade psicológica"[4].

Outro fato que nos faz ler a coluna enquanto uma crônica é observar que a mesma pertence a esfera do discurso jornalístico, o qual tem por função apresentar uma notícia, uma reportagem e/ou uma opinião sobre algo ou alguém.

O que, primeiramente, nos levou a enxergar a coluna como uma biografia foi o diálogo, estabelecido pela memória, entre a coluna e o formato da apresentação de escritores nos livros didáticos de literatura do ensino médio. Neles, há sempre a fotografia e dados sobre a vida e obra dos autores.

Ao pesquisar o que denomina o gênero biografia, foi possível constatar que na coluna "o português é uma figura" há marcas do mesmo. A biografia pertence tal como a crônica a

---

[1]Idem.
[2]AURÉLIO, Crônica. Disponível em: http://www.dicionariodoaurelio.com/Cronica.html Acesso em: 24 jul. 2013.
[3]GODOI, Marcílio. Flor culta e bela. In: *O português é uma figura*. Revista Língua Portuguesa. Ano 5, nº 66, p. 66.
[4]Idem.

tipologia narrativa, e nela o enunciador seleciona o que lhe interessa destacar sobre a vida do biografado.

No corpus em análise, o enunciador inicia a biografia a partir da vida do pai de Florbela, a fim de explicar ou justificar o porquê da vida da poetiza ser implausível para um roteiro cinematográfico. Filha ilegítima do casal, "bela filha cresce com temperamento artístico e é tratada como doente de nervos, embora seja das primeiras a ingressar uma Universidade de Lisboa"[1].

Na tentativa de relacionar a vida do biografado com a cultura de seu tempo e seu leitor, o enunciador expõe que Florbela "é incompreendida no meio em que vive".

Vemos, portanto, que é possível caracterizar a coluna como uma biografia, pois o enunciado, além de informações reais sobre a vida de Florbela, também discute seus vínculos sociais e, simultaneamente, nos mostra aspectos históricos da época em que a poetiza produziu seus textos, além de refletir sobre a figura feminina na modernidade.

Referências

AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: 'válido e inserido no contexto'. In: BRAIT, *B. Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BARTHES, R. O rosto de Garbo. In: *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1975.

BARTHES, R. A retórica da imagem. In: *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org); KLEIMAN, A.B....[et al]. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: Cronotopia e exotopia. In: PAULA, L. e STAFUZZA, G.(org.) *Círculo de Bakhtin: teoria Inclassificável*. Vol. 1 Camplinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

[1] Idem.

MENDONÇA, M.C. Estudos bakhtinianos e análise do discurso francesa. In: NASCIMENTO, E.M.F.S., OLIVEIRA, M.R.M., LOUZADA, M.S.O. *Processos enunciativos em diferentes linguagens.* Franca: Ed. Unifran, 2006.

_____. O senso comum sobre língua: notas sobre um discurso marcado pelo outro. In: CARMELINO, A.C., PERNAMBUCO, J., FERREIRA, L.A. (Orgs.) *Nos caminhos do texto: atos de leitura*. Franca (SP): Ed. Unifran, 2007.

_____. Representações do professor e sua compreensão responsiva: uma análise da produção de sentido nas margens do discurso. In: NASCIMENTO, E.M.F.S., OLIVEIRA, M.R.M., LOUZADA, M.S.O. *Coleção mestrado em linguística: leitura: linguagens, representações e práxis*, vol.4. Franca: Ed. Unifran, 2009.

JURADO, S; ROJO, R. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz? In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org); KLEIMAN, A.B....[et al]. *Português no ensino médio e formação do professor.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA JR, L.C. http://revistalingua.uol.com.br/sobre_revista.asp . acesso em 20/07/2012.

_____. Reino subterrâneo. In: *Carta ao leitor*. Revista Língua Portuguesa, ano 7. 2012, nº 75, p. 4.

_____. *A língua*. Disponível em: http://revistalingua.uol.com.br/textos/fixos/a-lingua-243330-1.asp. Acesso em: 30 mai. 2013.

PONZIO, A. Problemas de sintaxe para uma linguística da escultura. In: VOLOCHÍNOV, V.N.; BAKHTIN, M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

PROPOSTAS CURRICULARES NACIONAIS (ENSINO MÉDIO). 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf Acesso em: 31 mai. 2013

VOLOCHÍNOV, V.N.; BAKHTIN, M.M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ANÁLISE DO DISCURSO E MASCULINIDADE: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE DISCURSIVA MASCULINA PELA REVISTA *MEN'S HEALTH*

MELLY FATIMA GOES SENA
MARLON LEAL RODRIGUES
UEMS

Resumo
Com as mudanças que ocorrem na modernidade ou pós-modernidade (Eagleton,1998), as identidades encontram-se fragmentadas (Hall,2006). O homem passa por essas transformações também que afetaram profundamente seu cerne. Principalmente após as conquistas femininas, o homem deixa de ser somente o "desejador" para transformar-se em objeto do desejo também. A partir destas questões, o objetivo deste trabalho é analisar por meio da linha teórica da Análise do Discurso de linha francesa a construção da identidade feita pelos discursos (Orlandi, 2001;Pêcheux,2009) produzidos na seção cartas do editor, da Revista *Men's Health*. Revista dirigida ao público masculino em que prioriza o tema de saúde, mas também aborda moda, relacionamentos e sexo. A revista dirige-se a este novo homem moderno e a carta do editor é o momento em que a revista coloca identidade e ponto de vista próprios.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Identidade; Masculinidade.

1. Breve considerações sobre Sociedade e Identidade, Discurso, Revista *Men's Health*

A sociedade contemporânea tem passado por transformações que colocam em voga sua identidade, essa questão esta discutida por diversos teóricos e filósofos como Eagleton (1998) que afirma que estamos vivendo a era do pós-modernismo. Para este autor, o pós-modernismo é uma forma de estilo dessa sociedade contemporânea em que são questionadas as noções clássicas de verdade, razão, identidade, vendo o mundo como contigente, instável, desunificado e resultado das mudanças no Ocidente para uma nova forma de capitalismo, em que o triunfo do mundo efemêro e descentralizado da tecnologia, indústria cultural, serviços e finanças o que levaria a crises de identidade.

A proposta de análise intitulada: **Análise do Discurso e Masculinidade: uma análise da identidade discursiva masculina pela revista *Men's Health*,** buscamos refletir sobre os conceitos de "sociedade", "identidade"e "masculinidade". Teóricos como Bauman (2005) definem essa sociedade, na qual o homem moderno está inserido, como líquida. Tal conceito funde-se com o de Hall (2004), o qual posiciona a sociedade como fragmentada, pois ela está hoje fluída, sem uma forma própria e o homem moderno como parte de tal está em busca e fortalecimento desta identidade que nem ele mesmo sabe qual é.

Sob essas ótimas, a análise faz parte dos primeiros passos em busca de respostas acerca das reflexões sobre o sujeito homem moderno, especificamente o homem que a revista *Men's Health* objetiva construir com seu discurso.

O objetivo desta análise, limita-se num primeiro momento, em pesquisar as questões referentes a construção da identidade masculina nos discursos produzidos na Revista *Men's Health*, que deste ponto em diante denominaremos de MH. Para tanto, faremos recortes para analise dos textos da Carta ao Editor da revista, as cartas escolhidas pertencem as edições nº 58 de fevereiro de 2011, nº 68 de dezembro de 2011, n° 69 de janeiro de 2012 e nº 70 de fevereiro de 2012, tendo por base teórica a perspectiva da Análise do Discurso de linha Francesa.

Enquanto lócus de análise, a revista MH encaixa-se no mercado editorial de revistas no dito gênero masculino. A revista surgiu em 1987 nos Estados Unidos e é considerada uma das maiores revistas masculina de saúde e comportamento do mundo, é publicada em cerca de 40 países. A proposta inicial da revista era voltar-se somente para a saúde, seguindo a onda do *fitness* que já havia atingido as publicações femininas. Entretanto, a revista ampliou sua linha editoria e incluiu assuntos como comportamento, estilos de vida, moda e tecnologia. De periodicidade mensal e dirigida ao público das classes A e B com idade entre 18 e 40 anos.

A revista procurar explicitar um ideal hegêmonico de masculinidade, instituindo a heterossexualidade masculina como norma. Adentrar ao tema da masculinidade inclui indagar sobre os questionamentos da sociedade contemporânea no que tange a sexualidade e as novas regras. Mas para entender essas questões referentes as novas noções de masculinidade é necessário entender também as mudanças que passa a própria noção de identidade.

Segundo Hall (2004) a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de *inteireza* que é "preenchida" a partir do nosso *exterior*, pelas formas das quais imaginamos ser vistos pelos *outros.* Ela é algo formado ao longo do tempo e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.

Permanecendo sempre incompleta, sempre em processo, sendo formada. Bauman (2005) afirma que nessa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto nossas existências individuais são fatiadas em uma sucessão de episódios fragilmente conectados. Com isso, surge a ansiedade do homem por ter e saber qual é a sua "identidade", pois, para Bauman (2005:118) "O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo".

O homem inserido e produto dessa sociedade pós-moderna está em crise com sua identidade, é narcisista, quer seduzir e mostrar que está bem, potencializa-se em um visual cada vez mais vigoroso, robusto, forte e, ao mesmo tempo, delicado, dócil, compreensível. A revista objetiva ser um meio em que reproduz em seu discurso essa preocupação em manter sua hegemonia masculina e ao mesmo tempo adequar-se as mudanças exigidas por essa sociedade.

A revista vem a esse encontro no contexto de reformulações identitárias pós-modernas, abordando questionamentos sobre a masculinidade tradicional e a pluralidade de normas tendo os ideais masculinos questionados. Quais são os novos padrões de identidades e o sujeito que a revista posiciona é realmente o modelo masculino ideal? Será que seus discursos servem como um manual norteador para o homem moderno? Quais são as formações discursivas que se têm por trás desse processo? Esses questionamentos serão abordados com maior profundidade na dissertação que está em andamento e do qual esse trabalho faz parte. Temos nesse momento alguns primeiros questionamentos sobre essa construção identitária discursiva.

2. A revista MH e o seu discurso: princípios de análise

A escolha do gênero Carta do Editor deve-se ao fato dele ser o principal representante ideológico da revista. O genêro Carta ao Editor é uma modalidade que circula de modo fixo na revista e busca estabelecer um contato inicial entre o editor e o leitor da revista, buscando divulgar as matérias da revista e divulgá-la junto ao seu público leitor, nessa seção é defendida a ideologia da revista de modo a convencer o leitor de suas ideias.

A linha teórica, como já dita, a ser seguida por essa pesquisa é a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) e de base pecheutiana. Sírio Possenti (2001) afirma ainda que a AD é a teoria da leitura que se constitui rompendo com a análise do conteúdo[1], baseada na crítica da leitura formada por categorias temáticas e pela diferente abordagem de sentido: no lugar do tratamento da informação, a AD introduz a noção de efeitos de sentido.

A AD procura entender quais são formações ideológicas que compõem o discurso da revista entendendo as visões de mundo de uma determinada classe social, o conjunto de idéias e representações que essa determinada classe tem do mundo. Cada formação ideológica terá

uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e figuras que materializam uma dada visão de mundo. Não há como desassociar idéias e linguagens, visto como já afirmou Bakthin (2010), "sem signo não existe ideologia", a palavra será então um fenômeno ideológico por excelência.

O sujeito da análise não é concebido como um sujeito que fala como fonte do seu próprio discurso. Ele é assujeitado à maquinaria, submetido às regras específicas que delimitam o discurso que enuncia. Entende-se que o discurso reproduzido será sempre o da classe dominante, pois a ideologia será da classe dominante. As formações ideológicas só ganharão existência nas formas discursivas. Desta forma quem de fato fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia (Mussalin: 133). Por isso o sujeito está enquadrado dentro de uma formação ideológica e discursiva:

> A região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica: mais particularmente, sobre o funcionamento da instancia ideológica que deve ser concebido como "determinado em ultima instancia" pela instância econômica na medida em que aparece como uma das condições não econômicas da reprodução econômica. Essa modalidade convencionou-se chamar de interpelação, ou um assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas ao modo de produção. (Pêcheux, Fuchs, 1975 : 162)

As condições de produção de um discurso implicam em analisar o que está anterior a sua construção e no momento a sua construção. Visto que é impossível identificar o que seja ideologia e o que seja discurso, deve-se conceber o discursivo, como afirma Pêcheux e Fuchs (1975), como um dos aspectos matérias do que chamamos de materialismo ideológico.

Ao buscar analisar os discursos produzidos pela revista e esses efeitos de sentido produzidos, tenciona-se perceber e entender qual é a construção ideológica que há por trás deles. A ideologia da revista vai ser legitimada por essas enunciações sociais que juntamente com a interpretação pelos sujeitos leitores será o fator fundamental para a fixação dessas ideologias, como afirma Orlandi (2012:22):

> "É pela interpretação que o sujeito submete-se a ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção das evidencias de sentido, à

[1]Metodologia de pesquisa em textos que usadas para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de textos. Em que é analisado o que o texto quis dizer sem buscar as suas nuances sociais.

> impressão do sentido já-lá. A ideologia caracteriza-se assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade".

O texto, seja o texto midiático no gênero jornalístico, é um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão à disposição para veicular seu discurso, entendendo discurso como o efeito de sentido entre seus interlocutores.

O intelocução da revista é construída entre a revista e seus leitores, o qual ambos são os sujeitos discursivos. Ao analisar alguns enunciados da carta ao editor verifica-se a preocupação em transmitir uma formação discursiva sobre a qualidade de vida:

> (1) "Na MEN'S HEALTH, enxergamos os limites da nossa humanidade. Mas nem por isso perdemos o foco, a vontade de viver melhor. Só que o fazemos sem neura. Sem obsessão. Sem fanatismo. Sem falsas ilusões. Com a razão ancorada na ciência – e sabendo que a ciência também não é santa." (Edição n 58- fev/2011)

Percebe-se nesse trecho a posição ideológica desse sujeito imbricado nessa sociedade pós-moderna em que a busca da satisfação pessoal, denominando como busca da felicidade. O sujeito que enuncia utiliza-se da primeira pessoa do plural, assumindo o discurso da revista e também o que subtende-se de seus leitores. Há a busca hedonista de uma vida melhor, mas para isso o sujeito coloca a ideologia do menor esforço, afirmando que não é preciso ser fanático ou obsessivo para conseguir esse resultado. Há a ancoragem no cientificismo, mas ao afirma que a ciência não é santa, no sentido de ser falha também mostra também o ceticismo característico desse sujeito.

O posicionamento discursivo da revista como um manual para o homem moderno, que traz como ele deve agir verifica nos enunciados:

> **(2) "Você está cansado de saber**, a MEN´S HEALTH olha principalmente para o lado bom da vida."(Edição n 68, dez/11)
>
> (3) "MEN´S HEALTH é isto: uma mão na roda para você. Mesmo sob chuvas e trovoadas." (Edição n 68, dez/11)
>
> (4) "Antes de revelar que somos uma publicação de estilo de vida, pedi para ele folhear algumas edições (ele nunca tinha aberto a MH!)." (Edição n 69, jan/11)

> (5) “’Todo o universo masculino está na MH!”, eu disse. A diferença em relação às revistas tradicionais é que nossa abordagem sobre consumo, tendência, comportamento leva em conta, em primeiro lugar, o bem-estar do leitor.” (Edição n 69, jan/11)

Tem nesses enunciados a formação discursiva do Bem-estar da revista MH colocando-a como um manual para o sujeito masculino, onde o mote principal do discurso é o bem-estar. Ao afirmar no enunciado 5, que todo o universo masculino está presente na MH, o sujeito posiciona-se como indispensável, posicionando-se dentro da modernidade, pois a mesma contrapõe-se ao tradicional, ao colocar-se como diferente. Fica mais uma vez caracteriza a busca hedonista como a formação ideológica perpassada pelo discurso da revista.

3. Considerações

As questões tangentes a formações discursivas sobre a masculinidade e suas formações ideológicas perpassam por toda a revista *Men’s Health*. Esse artigo preliminar faz parte de uma tese de dissertação em contrução, aqui mostramos os primeiros passos da execução da dissertação, contudo esperamos ter contribuído de forma significativa para o desenvolvimento e amadurecimento da ideia a que nos propomos defender nessa pequena introdução de um produto maior, o tecer de uma análise mais precisa e conclusiva.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2010

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005”

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.).**Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2010.

GARCIA,Wilton. **Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: **Comunicação, mídia e consumo.** São Paulo, vol.4 n.11 p.11-25. Nov.2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004

LIMA, Robson Batista de. **Masculinidade e contrato de leitura nas revistas VIP e Men's Health**. In: Anais do III Simpósio Internacional em Análise do Discurso. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In:MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v2.**.). São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, E. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2001

PÊCHEUX, Michel. **Análise do Discurso.** Textos escolhidos por: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Ed., 2011.

____, FUCHS C. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** (Org.) Gadet e Hak. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2019.

POSSENTI, Sírio. **Discurso e estilo e subjetividade.** 2.ed – São Paulo. Martins Fontes,2001.

O CORPO *PLUS SIZE* COMO OBJETO DISCURSIVO: UMA ANÁLISE DE DIZERES SOBRE O PESO DA CANTORA ADELE

MICHELLE APARECIDA PEREIRA LOPES
UFSCAR

Resumo
Este trabalho se propõe a analisar discursivamente dois enunciados que circularam na mídia acerca do peso da cantora Adele[1], à luz dos estudos de Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine, considerando o corpo gordo, chamado *plus size* pelo mercado da moda, como um local de inscrição discursiva.

Palavras-chave: Discurso; Corpo; *Plus size.*

Introdução

O mundo contemporâneo tem assistido ao aumento progressivo nos índices de obesidade de sua população. De um lado, a alimentação *fast food* beneficia os que possuem pouco tempo disponível para fazer suas refeições, de outro, os ponteiros da balança sobem, à medida que se diminui a prática de esportes devido à vida cada vez mais atribulada e corrida que o sujeito desse novo século enfrenta. Nas bancas e na mídia circulam padrões de beleza feminina ditados pelo 'pouco' peso corporal, como se os únicos fatores a serem considerados na avaliação de uma mulher fossem sua taxa de gordura e suas formas físicas obrigatoriamente 'magras'. Ao mesmo tempo em que há uma corrida pela busca da forma 'magra', impulsionados pelos discursos da mídia, das campanhas que incentivam as práticas esportivas e os que orientam para uma alimentação saudável, outro discurso vem aparecendo nesse limiar de século: o da beleza *plus size*[2].

A origem do termo data da década de 1900, quando a estilista norte-americana, Lane Bryant, começou a criar roupas para mulheres grávidas chamando-as de modelos *plus size*, ou tamanho extra. Porém, durante muitos anos o discurso do mercado da moda praticamente

[1]Adele Laurie Blue Adkins é britânica. Cantora e compositora ganhadora de prêmios da música como o Grammy. Possui fama internacional.

[2]Ver o site: http://en.wikipedia.org/wiki/Plus-size_model#Origins_in_North_America

renegou a existência das mulheres consideradas ‘acima do peso’. Pelas passarelas do mercado fashion desfilavam apenas as modelos magérrimas e esquálidas. Menosprezavam-se as demais mulheres, as ‘gordinhas’ e as ‘gordas’, como se a elas fosse negado o direito de serem consumidoras dos artigos e modelos produzidos por renomados estilistas.

Mas essa situação não se sustentaria, visto que, conforme dito no início desse estudo, a população mundial vem aumentando de peso sistematicamente. Se o mercado da moda continuasse focado no discurso da ‘magreza’, estaria deixando de lado um grande mercado consumidor e perdendo venda. Foi assim que, a partir de 1990, começaram a aparecer enunciados que nomeavam as mulheres ‘mais cheinhas’ de *plus size* com vistas a atrair um público até então desconsiderado: as mulheres com manequim acima do 44.

O discurso sobre o ‘gordo’ é uma construção histórica e a emergência do termo *plus size*, fruto de práticas discursivas que sustentaram as definições de ‘gordo’ e ‘magro’ e agora emergem despertando novos sentidos, sem, no entanto, apagar totalmente os sentidos anteriores. Assim, este estudo propõe realizar uma análise discursiva de dois enunciados que circularam na mídia acerca do peso da cantora britânica Adele, sendo um deles enunciado por ela mesma[1] e o outro por sua estilista[2]. A cantora britânica é considerada *plus size* por usar roupas de tamanho maior que 44.

Para cumprir o objetivo proposto, observou-se como se constituiu o discurso sobre o gordo e a gordura e as condições que viabilizaram transformações discursivas que inauguram, neste século XXI, a nomenclatura *plus size*.

O embasamento teórico da pesquisa centra-se na Análise do Discurso francesa, AD, mediante as colaborações de Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine à disciplina. Pensa-se o ‘corpo gordo’ como um local de inscrição discursiva, conforme Courtine, e são observados os conceitos de arquivo, objetivação/subjetivação segundo Foucault.

Da linguística da frase para a linguística do texto e a Análise do Discurso

Segundo Gregolin, 1995, p. 20,

---

[1]Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/holofote/2012/11/10/adele-revela-que-so-perdera-peso-se-afetar-sua-vida-sexual/ > acesso em 21/06/2013

[2]Disponível em: http://mdemulher.abril.com.br/blogs/modaspot-news/stylist-adele-revela-segredo-para-cantora-aparecer-bem-no-tapete-vermelho/ > acesso em 21/06/2013.

> Empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente.

Gregolin pontua aquelas que devem ser as facetas observadas nas análises discursivas. Para se compreender melhor sua fala, façamos uma breve contextualização do surgimento da AD.

Até a década de 1960 os estudos linguísticos centravam-se em um formalismo que desenvolvia trabalhos com a perspectiva estruturalista da língua. A pretensão era uma língua universal. O final daquela década, no entanto, instaurou um campo benéfico ao desenvolvimento de várias teorias já alicerçadas, entre elas o Marxismo, a Psicanálise e a Linguística. Época de 'novas' ideias. Era o auge da discussão das leituras de Althusser sobre Marx, de Lacan sobre Freud e de Pêcheux sobre Saussure. Maldidier (1997, p.18), ao traçar o percurso histórico da AD na França, relata que essa disciplina surge nos anos 1968-70, a princípio, como um modo de leitura, conforme explicita também Gregolin,

> Quando as três teorias se encontraram (psicanalítica, marxista, linguística/antropológica) criou-se um efeito subversivo que trazia a promessa de uma revolução cultural. No contexto político dos anos 60, o efeito subversivo estruturalista ultrapassou o quadro universitário e a teoria e a literatura tornaram-se lugares de intervenção ideológica, afetando o conjunto do campo sociopolítico. Instaurou-se, dentro da análise do discurso, *um trabalho do significante no registro político*, visando a uma nova maneira de ouvir a política. O final dos Anos 60 é, portanto, uma época de *releituras* de Saussure, Freud e Marx. Pêcheux refere-se a eles como a "Tríplice Aliança" que estará na base do desenvolvimento da análise do discurso. (GREGOLIN, 2004, p. 32-33). Grifo do autor.

Na esteira dos acontecimentos, os estudos linguísticos passariam do estudo da 'frase' para o estudo do 'texto', terreno fértil para o avanço da Análise do Discurso francesa, um campo interdisciplinar do saber marcado pelo histórico, pelo ideológico e pelo social.

O francês Michel Pêcheux respaldava-se no estruturalismo saussuriano para analisar enunciados políticos. O filósofo debruçava-se sobre o discurso político buscando nele regularidades enunciativas que denotassem as ideologias de direita e de esquerda. Nesse sentido, Pêcheux pensa a língua como a materialização de um novo objeto de estudo: o discurso, visando resgatar os fenômenos do 'alto da escala' (p. 73) relegados pela linguística da frase, que só poderiam ser analisados a partir de "um deslocamento de perspectiva teórica,

uma ‘mudança de terreno’ que fizesse intervir conceitos exteriores à região da linguística atual” (p. 73). Ou seja, outros fatores, além dos linguísticos deveriam ser considerados ao se analisar o discurso, definido por Ferreira (2001) como:

> Objeto teórico da AD (objeto histórico-ideológico), que se produz socialmente através de sua materialidade específica (a língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção, não de seus produtos. O discurso é dispersão de textos e a possibilidade de entender o discurso como prática deriva da própria concepção de linguagem marcada pelo conceito de social e histórico com a qual a AD trabalha. É importante ressaltar que essa noção de discurso nada tem a ver com a noção de *parole*/fala referida por Saussure (p. 14).

Na perspectiva pecheuxtiana, portanto, os estudos do discurso observam a língua em funcionamento por meio dos sujeitos que fazem uso dela. Logo, o discurso é processo, movimento e materializa-se na articulação entre a língua, o histórico e o ideológico.

Na AD não se pode/deve deixar de considerar aquele que enuncia, ou seja, o sujeito. Porém, o sujeito discursivo não corresponde exatamente à individualidade física de quem fala, mas sim à posição histórico-social que ocupa ao enunciar. Pêcheux ressalta que os sentidos advindos de um determinado enunciado atrelam-se aos lugares sociais ocupados pelo(s) sujeito(s) em uma enunciação. Os sujeitos são, portanto, protagonistas sociais de seus discursos, condicionados às posições que ocupam na esfera social. As ‘posições sujeito’ condicionam a produção e determinam a constituição dos discursos.

Ainda que em uma primeira fase da AD, a reflexão pecheuxtiana estivesse restrita ao funcionamento/constituição do discurso político, seus estudos puderam embasar outras análises já que as condições de produção definidas pelo filósofo são traços constitutivos de todo discurso.

Michel Foucault: “óculos” benéficos à AD

Conforme Gregolin (2004, p.53), Michel Pêcheux volta-se à busca da construção da AD de forma que ela envolva a língua, os sujeitos e a história e “por estar fortemente centrado na construção desse campo, ele dialoga constantemente com a Linguística por meio de uma relação tensa com Sausure, Marx e Freud”.

Contemporâneo a esse período destacaram-se também os estudos de outro filósofo, Michel Foucault que se alicerçou em um tripé diferente do pecheuxtiano. Foucault

estabeleceu uma relação tensa com as releituras de Nietzche, Freud e Marx, arraigando seus estudos com as problemáticas da História e da Filosofia, diferentemente de Pêcheux que se manteve mais voltado à Linguística. Isso não impossibilitou que os projetos epistemológicos de ambos "se encontrassem em vários pontos". (GREGOLIN, 2004, 53).

Um desses pontos de encontro relaciona-se ao fato de que o discurso sempre está na base dos estudos de Foucault. Conforme Gregolin (2004, p. 54), "pressupondo que as coisas não preexistem às práticas discursivas". Para Foucault, são as práticas discursivas que constituem, determinam e legitimam os objetos. As práticas constituem um conjunto de enunciados que sustentam a emergência dos discursos por permitirem que alguns possam ser proferidos, em determinados lugares, em determinadas condições enquanto impede que outros discursos se materializem, bem como podem ainda, oportunizar que o discurso sobre algo mude. Isso implica dizer que para Foucault os enunciados são divididos, podendo assim haver no seu interior formações discursivas divergentes. A questão fulcral para os estudos de Michel Foucault não é a busca pela homogeneidade discursiva, como pensava Pêcheux no início das análises do discurso político, mas sim a heterogeneidade.

Se em um primeiro momento, os estudos pecheuxtianos trataram da homogeneidade nos discursos de direita e de esquerda, quando Courtine (1981) relê os estudos foucaultianos, Pêcheux passa a considerar a possibilidade da divisão dos enunciados. É o momento no qual ele afirma ser necessário 'quebrar os espelhos' passando a considerar a heterogeneidade presente nos discursos. Os estudos da língua não deveriam permanecer nas descrições e análises de uma 'ordem da língua', mas considerados no interior da 'ordem do discurso', já que, conforme Pêcheux (1981), "a história trabalha no interior do discurso".

> O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas (por exemplo, a grande separação entre razão/desrazão): a "ordem do discurso" própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas. (REVEL, 2005, p. 37).

O olhar foucaultiano é reflexivo, visualizando além da cronologia histórica do enunciado, todo seu acontecimento como uma descontinuidade que traz à tona outros dizeres sustentados por práticas sociais de um determinado momento. Todo enunciado traz consigo

uma ‘memória discursiva’, ou seja, ao ser novamente proferido, deixa emergir todas as reações que já provocou e todos os sentidos que já despertou.

Apesar de Michel Foucault não ter escrito uma metodologia de análise do discurso, para os estudos contemporâneos faz-se interessante olhar o discurso/enunciado tal qual o filósofo olhava. A proposta desse trabalho é usar Foucault como ‘óculos’ que permitem enxergar o sujeito gordo/*plus size* como uma construção discursiva sustentada por práticas ao longo da história.

O corpo gordo é um constructo histórico mantido por discursos sobre o gordo e a gordura ao longo dos tempos que permitiram a construção e a sustentação da imagem que se tem do gordo nesse século XXI. Para chegarmos a essa conclusão, respaldamo-nos nos conceitos foucaultianos de enunciado e de arquivo.

Para Foucault, o enunciado é mais que uma unidade do discurso. Entre o enunciado e o que ele enuncia há relações que extrapolam o gramatical, a lógica e a semântica, isso porque envolvem os sujeitos, a história e a materialidade. Um enunciado não ocorre separado das outras possibilidades, os interdiscursos, que, por sua vez, não ocorrem separados da história. Formular um discurso sobre o gordo neste século XXI, não separa o sujeito da história do gordo, ou seja, o enunciado molda-se pelas determinações históricas que definem sua aparição. Há, portanto, um ‘a priori-histórico’ que define a aparição dos enunciados e é incontornável. O sujeito não tem como se esgueirar do ‘a priori’ já que este estará fortemente colocado tornando o sujeito, o discurso e a história inseparáveis.

À medida que aparecem enunciados e que alguns falam a mesma coisa, então poderemos pensar que toda a massa de enunciados/discursos que pertencem a uma mesma formação discursiva[1] comunica-se pela positividade, algo que perpassa os enunciados/discursos, dura um tempo, em um determinado espaço e organiza um conjunto de regras.

Colocando os conceitos foucaultianos numa escala crescente teríamos: enunciado, formações discursivas, conjunto de enunciados – discursos, práticas discursivas – aquelas que instauram os enunciados como acontecimentos, a priori o histórico – que permite o conjunto, a positividade e finalmente, o arquivo.

> Chamarei de *arquivo* não a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que puderam ser salvos de seu

[1]Formação discursiva em Foucault corresponde a um conjunto de enunciados divididos.

> desastre, mas o jogo das regras que, numa cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de *acontecimentos* e de *coisas*. Analisar os fatos de discurso no elemento geral do arquivo é considerá-los não absolutamente como documentos (de uma significação escondida ou de uma regra de construção), mas como monumentos: é – fora de qualquer metáfora geológica, sem nenhum assinalamento de origem, sem o menor gesto na direção do começo de um *arché* – fazer o que poderíamos chamar, conforme os direitos lúdicos da etimologia, de alguma coisa como *arqueologia*[1]. (FOUCAULT, apud REVEL, 2005, p. 18). Grifo do autor.

A proposta foucaultiana é a análise da circulação dos sentidos, considerando-se que os discursos, devam ser pensados a partir dos questionamentos 'por que são enunciáveis?' e/ou 'por que sofreram alterações?'. O arquivo em estudo deverá ser analisado a partir de seu funcionamento e de suas condições de enunciabilidade.

Nesse sentido, analisamos o corpus dessa pesquisa observando que os dizeres sobre o peso da cantora Adele retomam discursos anteriores sobre o gordo e a gordura. Os enunciados presentes na fala da cantora e na de sua estilista fazem circular sentidos de antes e sentidos de hoje, isso porque há condições que oportunizam a repetição dos discursos nesse século XXI.

Ainda considerando os estudos de Foucault, podemos pensar que os sujeitos se constituem ao longo da história a partir da subjetivação e seus processos, envolvidos no poder e na produção dos saberes. Em Gregolin (2004, p. 61) encontramos uma reflexão de Foucault (1982a) acerca de sua obra desde 1960: "Procurei acima de tudo produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura". Segundo os primeiros estudos foucaultianos, os modos de investigação em busca do estatuto de ciência acabaram por dividir o sujeito em categorias, como se esses fossem objetos facilmente classificados e separáveis por sua 'loucura' ou 'sanidade', por exemplo, ou, no caso deste trabalho, entre gordo e magro. As divisões e as classificações estiveram sempre embasadas nas relações de saber que tendem a objetivar e subjetivar os sujeitos.

> (...) processos de subjetivação do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio

[1]Sur l'archeólogie des sciences. Réponse au Cercle d'éspistémologie. In: Cahiers pour l'analyse, nº 9, 1968. [Tradução brasileira: Sobre a Arqueologia da Ciência. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: Ditos e Escritos, vol. II, p.95]

> de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência. (REVEL, 2005, p. 82)

Os discursos são os responsáveis pela divulgação das noções e dos conceitos estipulados acerca dos objetos. Em se tratando do sujeito considerado gordo, podemos perceber um 'saber social', fruto das tabelas de peso e dos índices de massa corpórea, que objetiva os sujeitos em 'objetos' encaixados em uma ou outra categoria. Há, nesse sentido, um processo de objetivação a partir da circulação de discursos divulgadores dessas tabelas, campanhas publicitárias a favor da atividade física, fotos de mulheres magras em desfiles, etc. Todo aglomerado discursivo acaba por conduzir os sujeitos a se subjetivarem em uma determinada categoria. Ser considerado/considerar-se 'magro', 'gordo' ou '*plus size*' só acontece porque há processos discursivos socio-histórico-culturais que objetivaram modelos/padrões levando os sujeitos a se subjetivarem assim.

Pensar o corpo como objeto no qual se inscrevem os discursos é um deslocamento teórico-metodológico fomentado por Jean Jacques Courtine a partir de 1981, década marcada pelo boom do texto sincrético - mesclados por materialidades linguísticas e visuais.

> "Ele [Courtine] modificou o modo de olhar para o objeto clássico da AD: analisando as transformações do *discurso político*, operadas pelos sistemas audiovisuais, Courtine (2003, 2006a) abre caminhos para o estudo das materialidades não verbais que constituem a historicidade dos discursos. (...) É por essa lente que ele se dedica, atualmente, a pensar a *história do corpo* (...). (GREGOLIN, 2008, p. 21).Grifo da autora.

As intervenções de Courtine remodelaram o olhar dos analistas que passaram a atentar-se também para os discursos orais do cotidiano e as análises passaram a contemplar novas materialidades concretizadas pelo discurso. Em seguida, as pesquisas de Courtine caminharam para desvendar as relações existentes entre corpo, discurso, imagem e memória. Em 1988, o linguista, em parceria com Claudine Haroche, elaborou o estudo sobre a *história do rosto*.

Ao tornar o corpo um objeto de análise, o linguista francês estabelece uma nova perspectiva que mistura história, cultura e antropologia. Esse amálgama de visões permite ao analista do discurso observar o corpo como um local onde se inscrevem técnicas histórico-culturais de disciplinarização e controle. Sabemos que é responsabilidade das práticas discursivas fazer os enunciados [sobre o corpo e seu controle] circularem, portanto, não

estamos dizendo que o corpo é a origem dos discursos, mas sim a circunstância na qual os discursos se inscrevem.

Plus size: 'novos' sentidos para o discurso sobre o gordo?

Não há outra forma de se começar esse trecho senão pela apresentação sucinta da história do gordo e da gordura do século XIII até o XXI. Isso porque nossa proposta é resgatar enunciados que foram materializados em determinados momentos e que voltaram a aparecer, ainda que com novos sentidos, nos nossos dias.

> A história do gordo é, antes de mais nada, a história de uma depreciação acusatória e de suas transformações, com suas vertentes culturais e ramificações socialmente marcadas. É também a das dificuldades particulares sentidas pelo próprio obeso: uma infelicidade que o refinamento das normas e a atenção crescente dada aos sofrimentos psicológicos sem dúvida acentuam. É, por fim, a de um corpo passando por modificações que a sociedade rejeita sem que a vontade possa sempre alterá-las (VIGARELLO, 2012, p. 15).

Até o século XIII a humanidade viveu períodos de escassez de alimentos e fome, portanto, a magreza era símbolo de uma situação financeira desprivilegiada que impedia uma alimentação satisfatória. Logo, a corpulência, simbolizava a fartura e a estabilidade econômica que permitiam ao bem nutrido dominar o raquítico desnutrido. O gordo era bem visto e bem quisto.

Contudo, a partir do século XIV, os excessivamente gordos[1]passam a ser condenados por sua imobilidade, inaptidão para a guerra e falta de controle dos impulsos. É o início da condenação. Os insultos dirigidos aos muito gordos não condenam a aparência estética, mas os pecados da gula e da preguiça. Nos dois séculos seguintes, permanecem os insultos sem conotação estética, mas que associam o gordo à ideia de alguém facilmente dominado.

A relação entre a beleza e a silhueta corporal só vai aparecer no século XVII juntamente com as técnicas de contenção do corpo: as cintas, os corpetes, e outros

[1] Não há como mensurar o excesso, pois não há registros numéricos para isso. Conforme Vigarello (2012, p. 28), "Nenhuma medida estabelece o limite, nenhuma definição, exceto a alusão nas crônicas latinas do século XII, que distingue *pinguis* ('gordo') de *praepinguis* ('muito gordo')".

instrumentos que impedissem o aumento da circunferência da cintura, sobretudo a feminina. Os livros de beleza iniciam as primeiras recomendações de cuidado com as linhas do corpo[1].

A grande mudança nos discursos e na concepção do gordo situa-se no século XVIII e acontece como resultado de toda individualização instaurada pelas ideias iluministas. O enciclopedista Buffon cria uma tabela que relaciona o peso corporal às nomenclaturas 'já gordo', 'gordo demais' e 'muitíssimo espesso'[2] e o termo 'corpulência' é substituído por 'obesidade'. As inovações das pesquisas médicas do período inauguram também os tratamentos para emagrecimento do corpo. Começam as dietas, os regimes e as fórmulas que visavam diminuição da gordura corporal. O discurso sobre o gordo ganha a força da condenação. O gordo passa a ser estigmatizado. Segundo Cheyne, *apud* Vigarello (2012, p. 168), "o obeso é um 'trapo', um ser letárgico".

A ditadura do número torna-se ainda mais contundente nos séculos seguintes. No XIX, a tabela de Buffon é reformulada pelo matemático Adolphe Quételet[3]. Surge o índice de massa corporal, IMC, que mede a obesidade de uma pessoa dividindo o seu peso pelo quadrado de sua altura. Sobre esse momento pontua Vigarello (2012, p. 195), "o número transforma o instrumental da mente". O veredito da balança se estabelece. As práticas discursivas sustentam a emergência de discursos que reforçam a obrigatoriedade da magreza, principalmente a feminina. A ditadura da beleza encontra um terreno fértil no século XX no qual predominam discursos que supervalorizam a estética. "Aumenta a vigilância sobre o obeso: do lazer à intimidade, da moda ao comportamento. (...) A pressão sobre o gordo ganha intensidade" (VIGARELLO, 2012, p. 245). Os discursos sobre o gordo nomeiam-no 'feio' e associam-no a um estado de infelicidade.

No século XXI, no entanto, há uma (re)formulação do discurso sobre o gordo impulsionada pela medicina que aparece condenando também o excesso de magreza. Emergem na mídia enunciados que denunciam a bulimia e a anorexia de jovens modelos.

---

[1].Lembremos que até aquele século a gordura era chamada de corpulência e as pessoas não tinham o hábito de pesar o próprio corpo

[2] Conforme Vigarello (2012, p. 149), na tabela de Buffon, para um homem de 1,8 m , o 'já gordo' estava entre 80 e 90 kg, o 'gordo demais' seria aquele que atingisse 115 kg e 'muitíssimo espesso' o que ultrapassasse os 125 kg.

[3] Matemático belga que em sua principal obra, "Sur l'homme et le developpement de ses facultés, essai d'une physique sociale",1835, apresentou o conceito de 'homem médio' como o valor central das medidas de características humanas que são agrupadas de acordo com a curva normal.

Quételet não apenas calculou as médias aritméticas das medidas, mas também considerou as suas dispersões e descobriu que a curva normal podia ser ajustada satisfatoriamente às medidas de peso, estatura e perímetro torácico.

Momento de enunciados contraditórios e diversos. De um lado, condena-se a magreza das passarelas, surgem campanhas publicitárias favoráveis a uma beleza real[1], não relacionada ao peso, mas à essência feminina. De outro, a compulsão pelo lucro da indústria da moda que passa a enxergar a população obesa como um potencial público consumidor. São essas as práticas discursivas que permitem o (re)aparecimento do termo *plus size*. O termo apaga, de certa forma, o gordo feio e inaugura o gordo fashion. O gordo que a moda faz questão de atender, o gordo para o qual a moda quer desenhar, o gordo para o qual a moda quer vender é o *plus size*. O gordo do século XXI é aquele que 'anda na moda'. O termo *plus size* faz circular novos sentidos.

Conforme a ditadura da beleza que prevalece no cenário artístico, Adele deveria ser magra, mas não é. Usa manequim 46 ou 48 e seu peso sempre é alvo de declarações da mídia. Conforme dito no início, neste estudo analisamos duas dessas declarações. A primeira delas enunciada pela própria Adele e a segunda, por sua estilista, Gaelle Paul. Vejamos:

Adele revela que só perderá peso se afetar sua vida sexual

Enquanto muitas mulheres fazem mil sacrifícios pra emagrecer, tem quem se aceite do jeito que é. E a gente super admira isso.

A cantora *Adele, por exemplo, é uma gordinha consciente e feliz***.** Ela não está nem aí pras críticas à sua forma física e segundo a "Quem" nem pensa em emagrecer :

" (...) eu sempre me dei bem com o meu peso. Só vou perder se isso afetar a minha saúde ou vida sexual, o que não é o caso".

Adele já disse em outra ocasião que não pretende ceder à pressão de ser magra.

"*Eu tenho minhas inseguranças, claro, mas não ando com pessoas que ficam apontando meus defeitos. Minha vida é cheia de drama e não tenho tempo para me preocupar com isso. Eu não gosto de academia. Eu como coisas finas e bebo bons vinhos",* afirmou. Então tá!

Vale lembrar que Christina Aguilera é outra gordinha assumida que não liga pras críticas, como já contamos aqui. E aí, vocês acham que Adele está certa em se assumir como gordinha?

Figura 1: Adele: gordinha e feliz.

[1] O trecho faz referência à campanha "Real Curves", em português "Real Beleza", produzida pela marca de cosméticos Dove, em 2004. Criada pela agência Ogilvy, conquistou o interesse do público ao colocar "mulheres reais" para anunciar produtos de beleza. Inovadora, a campanha foi muito celebrada nos anos de 2004 e 2005, não somente pela direção de arte ou produção milionária, mas pela autenticidade e pela exploração com perfeição da promoção da auto estima das mulheres.

Fonte: Clicbr.com.Grifo nosso.

Truque plus size: stylist de Adele revela segredo para cantora aparecer bem no tapete vermelho.

Adele usa cinta modeladora no *red carpet*.

A *stylist* da Adele, Gaelle Paul, revelou ao jornal *Sunday Mirror* o segredo para a cantora arrasar no tapete vermelho: cinta modeladora. "**Ela sempre usa cinta no tapete vermelho**. Uma roupa íntima boa é muito importante", disse.

Figura 2: Adele usa cinta.

Fonte: Blog M de Mulher. Grifo nosso.

Pelas declarações analisadas podemos perceber nos enunciados destacados que há a retomada de discursos anteriormente proferidos, entre eles: i) o discurso dominante até o século XIII que considerava o gordo como o bem alimentado, já que Adele afirma comer coisas finas e beber vinhos bons; ii) o discurso dominante nos séculos XVI e XVII que considerava o gordo preguiçoso, pois a cantora afirma não gostar de academia; outro enunciado desse período é o da necessidade de contenção do corpo presente nos dizeres da estilista sobre o uso da cinta; iii) o discurso dominante nos séculos XIX e XX que considerava o sujeito gordo infeliz, pois "*é uma gordinha consciente e feliz*" pressupõe a existência de outras que não são nem felizes, nem conscientes; iv) ao mesmo tempo, "ser uma gordinha consciente e feliz" promove um apagamento da infelicidade relacionada ao excesso de peso. A (re)incidência dos discursos dos séculos anteriores promove a retomada de alguns sentidos que eles despertaram naquela época, mas também estabelece novos sentidos advindos da atualidade que nomeia o gordo de *plus size*. Pelos enunciados da cantora podemos estabelecer valores positivos para o gordo *plus size.* Ele não se associa apenas à boa alimentação, como no século XIII, mas, também à felicidade e até à saúde e a uma vida sexual satisfatória e ativa. Essas associações evidenciam-se na afirmação de que [a cantora] só perderia peso se isso afetasse a sua saúde ou sua vida sexual, "*o que não é o caso*", diz Adele.

Pensando esse arquivo tal qual Foucault pensou, podemos perceber que ainda há condições de enunciabilidade para a (re)incidência dos enunciados neste século XXI, já que: i) os sujeitos de posição sócio econômica privilegiada estão acostumados ao consumo de alimentos e bebidas consideradas caras; ii) é possível que um sujeito, seja ele gordo ou magro, não goste de academia; iii) o excesso de preocupação com a aparência possibilita o uso de

artifícios como a cinta; iv) sabemos que há sujeitos infelizes e felizes, sejam eles gordos ou magros. Sendo assim, os enunciados de Adele possuem funcionalidade condicionada pelas possibilidades de emergência que a contemporaneidade propicia.

Destacamos também o processo de objetivação/subjetivação que transparece nos dizeres de Adele. Podemos perceber a objetivação imposta pela sociedade em relação ao peso quando a cantora enuncia que "*não vai ceder à pressão de ser magra*". Adele evidencia a 'ditadura da magreza' que define/separa gordos e magros. A cantora, devido ao que a sociedade definiu como gorda e magra, acabou por subjetivar-se como gorda, ainda que afirme resistir à objetivação de um padrão imposto socialmente.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar dois dizeres sobre o peso da cantora britânica Adele a partir de conceitos de Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine que permitissem considerar o corpo gordo, no século XXI chamado *plus size* pela moda, como um local de inscrição discursiva.

As análises permitem dizer que o corpo *plus size* é sim uma construção cultural concebida historicamente e intermediada pelo outro. Isso se dá porque a própria cultura se funda no social, naquilo que é convencionalmente aceito por uma sociedade, em um determinado momento. O sujeito gordo, ao longo da história ocupou posições antagônicas: ora sua corpulência era sinônimo de fartura e, por isso, valorizada; em outros momentos, passou a ser visto como o ser letárgico, passivo e infeliz e, portanto, merecendo ser desvalorizado. O século XXI mantém condições de enunciabilidade para discursos de desvalorização do gordo na mídia, na medicina, nas piadas. O gordo segue sendo alvo de muitas chacotas. Desse lado, permanecem o discurso da medicina que orienta para o combate à obesidade e o discurso da mídia que constrói padrões de beleza focados nas medidas. Esses engendram objetivações e acabam incutindo nos sujeitos determinadas nomenclaturas: 'o magro', 'o gordo', 'o que tem sobrepeso', 'o que tem obesidade mórbida', acabando por subjetiva-los

Por outro lado, podemos dizer que há uma tentativa de apagamento da conotação negativa da gordura, ou uma nova 'ordem do discurso', que aflora o termo *plus size* e inaugura novos sentidos que começam a circular na sociedade, sustentados por práticas discursivas que defendem a beleza da essência. Tais discursos ancoram o aumento das vendas

de uma indústria da moda através de práticas discursivas que objetivem/subjetivem o gordo. O sujeito *plus size* é, portanto, um constructo histórico e seu corpo, a circunstância que viabiliza a emergência de discursos.

Referências

BLOG M DE MULHER. **Truque plus size: stylist de Adele revela segredo para cantora aparecer bem no tapete vermelho**. 27 de maior de 2013. Disponível em: http://mdemulher.abril.com.br/blogs/modaspot-news/stylist-adele-revela-segredo-para-cantora-aparecer-bem-no-tapete-vermelho/ > Acesso em: 21 jun. 2013.

CLIC.COM. **Adele revela que só perderá peso se afetar sua vida sexual**. 10 de dezembro de 2012. Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/holofote/2012/11/10/adele-revela-que-so-perdera-peso-se-afetar-sua-vida-sexual/ **>** **A**cesso em: 21 jun. 2013

COMO TUDO FUNCIONA. **Como funciona o índice de massa corpórea**- a história do IMC. Disponível em: http://saude.hsw.uol.com.br/indice-de-massa-corporal4.htm > Acesso em: 10 jul. 2013.

COURTINE, J.J. Corps, Discours et images – Entretiens. (cap. 1). In: _____ **Déchiffrer le corps**. Penser avec Foucault. Grenoble: Jérôme Millon, 2011.

DOVE. COM. **Campanha pela real beleza**. 2004. Disponível em: http://www.dove.com.br/pt/ > **A**cesso em: 21 jun. 2013.

EN.WIKIPEDIA.ORG. **Origins in North America.** Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Plus-size_model#Origins_in_North_America > **A**cesso em: 21 jun. 2013.

FERREIRA, M. C. L. Bolsista de Iniciação Científica Ana Boff de Godoy [et. al.] In: **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001. p. 30.

FOUCAULT, M. O 'a priori' histórico e o arquivo. In: FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1986.

GREGOLIN, M.R. Chegado o tempo de partir os espelhos, todos os caminhoas se bifurcam. In: _____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso** – diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V. e NAVARRO-BARBOSA, P. Michel **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. J.J. Courtine e as metáforas da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V. & _____. **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008.

MALDIDIER, D. (1997). Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Org.: ORLANDI, E. Campinas, ed. da Unicamp.

NOMES E DATAS EM ESTATÍSTICA. **Nomes e dados em estatística** - Adolphe Quételet. Disponível em:http://www.alea.pt/html/nomesEdatas/swf/biografias.asp?art=1 > Acesso em: 10 jul. 2013.

REVEL, J. **Foucault:** conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SARGENTINI, V. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso**. Mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

A LEITURA (DIS)TRAÍDA: O ESTUDO DE UMA METÁFORA NA CRÍTICA LITERÁRIA

NATAL CANALLE JUNIOR
UFFS

Resumo
Este artigo tem como objetivo analisar a metáfora de leitura como *uma força que distrai o leitor*, presente no texto crítico 'A leitura distraída', de Bernardo Carvalho. Durante a leitura do texto compreendemos que uma metáfora de leitura aparece: *a leitura como distração*. Segundo Orlandi (2010), o efeito metafórico, não visto como desvio, mas como transferência, é o que constitui o sentido. Para a autora, são os deslizes que fazem com que o dizer se filie a uma determinada formação discursiva e não a outra(s), sendo eles os vestígios da historicidade. Pêcheux (2009), a partir de Lacan, explica que o sentido não poderia ser a "propriedade" da literalidade significante, sendo o efeito de uma relação no elemento do Significante, ou seja, para o autor, a metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no *non-sens*. No presente trabalho faremos um breve estudo da noção de metáfora e metonímia sob o olhar de linguistas, para posteriormente compreender esta noção na Análise do Discurso. Num segundo momento, proporemos um gesto interpretativo a partir de alguns recortes discursivos retirados do texto crítico, para finalmente compreendermos a historicidade dessa metáfora.

Palavras-chave: Leitura; Metáfora; Distração; Efeito metafórico.

Abstract
This article aims to analyze the metaphor of reading as a force that distracts the reader, in this critical text ' A leitura distraída ' by Bernardo Carvalho. While reading the text we realized that a metaphor appears: reading as a distraction. According to Orlandi (2010), the metaphorical effect, not seen as a diversion, but as transfer, is what constitutes the meaning. For the author, are the slips that make the discourse goes to a particular discursive formation and not to the other (s), being the traces of historicity. Pêcheux (2009), from Lacan, explains that the meaning could not be the "property" of literalness significant, being the effect of a relation in the meaningful element, in other words, to the author, the metaphor is located at the precise point in which meaning is produced in the *non-sens*. In this paper we will briefly study the notion of metaphor and metonymy in the sight of linguists, for a later understanding this notion in Discourse Analysis. Going for the end, we propose a gesture of interpretation from some discursive excerpts taken from the critical text, to finally get the historicity of this metaphor.

Keywords: Reading; Metaphor; Distraction; Metaphorical effect.

Introdução

> [...] a "linguagem está na moda" desde o episódio do estruturalismo filosófico dos anos 60, e, forçosamente, como dissemos, o linguista a quem estamos nos dirigindo já "ouviu falar" sobre essas coisas: ele se lembra, de repente, de que, nos brilhantes trabalhos que ele jamais leu, fala-se com certa

> frequência de Saussure, e também de Marx, e de Freud; e ele se pergunta se este não seria o momento de ir ver essas coisas mais de perto, vencendo uma certa suspeita com relação aos sagrados monstros filosófico-literários parisienses, e superando seu medo de nada compreender, uma vez que ele tem notícia de que "é muito difícil", de que não está "ao alcance do primeiro que chegar" (PÊCHEUX, 2009, p. 228).

Este artigo tem como objetivo analisar a metáfora de *leitura como uma força que distrai o leitor*, presente no texto crítico *A leitura distraída*, de Bernardo Carvalho. Observamos que algumas vezes o sujeito[1] crítico apresenta e (re)significa a metáfora, como no seguinte recorte discursivo: "Trata-se de uma leitura distraída (entre o texto e o mundo), que identifica narração e mundo físico, distraindo os limites entre subjetividade e objetividade" (CARVALHO apud SAER, 1997, p. 231).

Primeiramente veremos a definição de metáfora, bem como a definição de metonímia sob o olhar de linguistas, para posteriormente nos determos na definição de efeito metafórico para Pêcheux, especialmente. Devido ao fato de a noção de efeito metafórico da análise de discurso franco-brasileira ser importante para nosso trabalho, quando chegarmos nesta parte do artigo, nos deteremos mais detalhadamente em sua definição. Como deixamos entrever, nosso aporte teórico a respeito do efeito metafórico, se dá a partir dos estudos de Eni Orlandi (2010) e Michel Pêcheux (2009). Num segundo momento, procederemos à análise de recortes discursivos para mostrar como a metáfora vai deslizando pelo texto crítico. E, chegando a um efeito de conclusão, apresentaremos algumas considerações acerca da historicidade que chegamos a partir do nosso recorte, visto que uma metáfora muito próxima desta – observada no *intradiscurso*[2] do sujeito crítico – também está presente em textos de outros autores como: Roland Barthes e Ricardo Piglia, por exemplo.

Metáfora e Metonímia sob o olhar de linguistas

Com intuito de tratar teoricamente e refletir sobre metáfora, faz-se necessário escrever, ainda que resumidamente, de metonímia, pois esses conceitos, muitas vezes são trabalhados

[1] É importante deixar claro, que quando falamos de sujeito, não tratamos do sujeito empírico, tratamos, sim, do indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia e das posições-sujeito que ele assume no discurso. Althusser afirma que "os indivíduos são sempre/já sujeitos, [...] antes mesmo de nascer", pois "a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos" (ALTHUSSER, 2012, p. 98).

[2] É o fio do discurso, aquilo que estamos dizendo num momento dado, em condições dadas, ou dito de outro modo, segundo Pêcheux o Intradiscurso, enquanto "fio do discurso" do sujeito, é, a rigor, um efeito do

juntos. Nessa parte do artigo, vamos passar pela definição de metáfora em Mattoso Câmara Junior, Ataliba Teixeira de Castilho, até chegar a releitura que Pêcheux faz de Lacan e, também, pelo que Orlandi entende por efeito metafórico.

Se atentarmos para a definição de metáfora no livro de Mattoso Câmara Junior, intitulado *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*, entendemos que "metáfora é figura de linguagem que consiste na transferência de um termo para um âmbito de significação que não é o seu" (CÂMARA JUNIOR, 2009, p. 205). Segundo o autor, ela se fundamenta numa relação toda subjetiva, ao contrário da metonímia que se fundamenta numa relação objetiva entre a significação própria e a figurada. A metonímia, por sua vez, "coloca uma palavra num campo semântico que não é o seu" (CÂMARA JUNIOR, 2009, p. 208). O autor explica que as relações objetivas podem ser variadas, e exemplifica:

a) relação entre a parte e o todo – Exemplo: *cem cabeças de gado* – sendo *cem* a parte que representa o animal como um todo;

b) um produto e sua matéria-prima – Exemplo: *meu carro vale ouro* – ouro como "dinheiro";

c) entre o agente e o resultado – Exemplo: *a mão que escreve essa carta – mão* como "escrita";

Assim, a metonímia tem uma importante função como recurso de estilo, pois destaca o que é essencial no conceito designado. Muitas vezes a metonímia fossilizasse e a palavra passa a ter mais uma significação própria, criando-se uma polissemia, como nos casos a seguir: usa-se *tela*, para pintura, e *álcool*, para bebida alcoólica etc...

Ainda de acordo com Câmara Junior, como a metáfora tem uma função expressiva, ela destaca aspectos que o termo próprio não consegue evocar, sendo um recurso corrente na linguagem e essencial na poesia. Por fim, o autor afirma que a metáfora só existe quando o termo tem a significação própria distinta da do termo que é substituído.

Ataliba de Castilho, em seu livro *A nova gramática do Português Brasileiro*, explica que metáfora e metonímia são categorias semânticas. O autor, a partir de um livro de Lakoff e Johnson, define – primeiramente – o que não é metáfora:

a) Um dispositivo decorativo, confinado à literatura;

b) Um fenômeno secundário e relativo;

c) A relação entre o literal e o figurado;

---

interdiscurso sobre si mesmo, uma "interioridade" inteiramente determinada como tal pelo "exterior"

Num segundo momento o autor apresenta metáfora como sendo:

a) um fenômeno conceitual, não necessariamente ligado a expressões linguísticas;

b) Um mecanismo cognitivo básico e muito difundido que a Semântica não deve ignorar;

c) A projeção de um conjunto de correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo;

Na linguagem do cotidiano várias metáforas são utilizadas que às vezes se perde a percepção correspondente. Dessa forma, comenta o autor: "associamos a vida a uma viagem, o trabalho a uma batalha, a ciência a um trajeto em que nos movimentamos" (CASTILHO, 2010, p.132). Na sequência o autor cita alguns exemplos, dos quais apresentaremos alguns:

a) Sua vida o levou bem longe.

b) A relação entre eles chegou a um beco sem saída.

c) E justamente este argumento nos leva a outro.

Castilho comenta que domínio-fonte é um caminho a ser percorrido, e o domínio-alvo, *a vida, a relação, os argumentos* etc. o autor classifica as metáforas em: imagéticas, ontológicas, estruturais e orientadas. Nas metáforas imagéticas o domínio-fonte é a imagem visual, como no exemplo: *Seus dedos eram como o teclado de um piano.* Nas metáforas ontológicas as entidades são criadas a partir da própria metáfora, exemplo: *Sua tese caiu aos pedaços.* (A tese é uma entidade quebrável). Nas metáforas estruturais o domínio-fonte é comparável a uma entidade física. Exemplo: *O debate abalou os fundamentos da teoria.* (teoria como um edifício). E nas metáforas orientadas, o domínio-fonte tem localização espacial, como nos seguintes exemplos: *Sua renda subiu* (os bens localizados *em cima*) ou *Sua saúde está declinando* (a perda da saúde associada ao *embaixo*). O autor trata rapidamente da questão da *metonímia*, afirmando que nelas os sentidos de uma palavra são alterados a partir da migração de traços contidos na expressão linguística.

Efeito metafórico na Análise de Discurso (Eni Orlandi e Michel Pêcheux)

Após essa incursão sobre a metáfora pelo viés linguístico, traremos na sequencia da definição de metáfora para a análise de discurso, que – sendo a definição que nos interessa – é a que adotamos neste trabalho. Orlandi (2010) faz um estudo sobre metáfora e explica que o

---

(PÊCHEUX, 2009, p. 154).

efeito metafórico, não visto como desvio, mas como transferência, é o que constitui o sentido. Ainda segundo ela, todo enunciado é suscetível de deslocamento discursivo, sendo possível seu sentido derivar para (um) outro. Dessa forma, são os deslizes que fazem com que o dizer se filie a uma determinada formação discursiva e não a outra(s), sendo eles os vestígios da historicidade. Conforme Orlandi, "o deslize, próprio da ordem simbólica, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade" (ORLANDI, 2010, p. 27).

No livro 'Semântica e Discurso', Pêcheux reflete sobre a produção de sentido e efeito-metafórico chegando a seguinte proposição:

> um efeito de sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui. A produção de sentido é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é "produzido como causa de si" na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso (PÊCHEUX, 2009, p. 238).

A partir dos estudos de Lacan, Pêcheux explica que devido ao fato de o significante não ser o signo e, portanto, não ter sentido, é ele que determina a constituição do signo e do sentido. Dessa forma, "o sentido não poderia ser a "propriedade" da literalidade significante [...] ele é o efeito de uma relação no elemento do Significante" (PÊCHEUX, 2009, p. 239). Tanto para Lacan quanto para Pêcheux, a metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no *non-sens*. Segundo Pêcheux, *non-sens* é o lugar em que o sujeito toma posição em relação a representações, aceitando-as, ou rejeitando-as, colocando-as em dúvida.

Pêcheux reafirma a noção de metáfora com a qual trabalha, sendo esta noção também trabalhada por nós neste artigo: uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido próprio, *um sentido colado*, preso em sua literalidade:

> o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que "se revestem de sentido", não poderia ser predeterminada por propriedades da língua (PÊCHEUX, 2009, p. 239-240).

Para o autor, os elementos significantes não estão previamente dotados de sentido, pelo contrário, eles apresentam *sentido* ou *sentidos* e não *um* sentido. Assim, após os estudos de Pêcheux, compreendemos que o sentido existe unicamente nas relações de metáfora e que as palavras recebem seus sentidos da formação discursiva na qual estão inscritas. Nas palavras

do próprio autor: "nenhuma formação discursiva, por ser o *Lugar* de realização da transferência [...], poderia ser a *causa*, porque o sentido não se engendra a si próprio, mas se produz no *non-sens*" (PÊCHEUX, 2009, p. 240). Por isso, agora entendemos que Pêcheux e Orlandi trabalham com a noção de efeito metafórico, e que a noção definida por eles difere da noção de metáfora entendida, pelo viés da linguística, como figura de linguagem, ou seja, para a análise de discurso, a metáfora não é desvio de sentido, *é transferência*, e é neste gesto de transferência que novos sentidos são produzidos. Essa noção de efeito metafórico é de fundamental importância para o nosso trabalho, pois interessa-nos analisar a metáfora de leitura proposta por este sujeito crítico, bem como perceber como ela vai se (re)significando.

Um gesto interpretativo

Durante a leitura do texto crítico, percebemos algumas marcas linguísticas perpassando todo o texto, e através delas constatamos a presença de uma metáfora de leitura. Essas marcas são: *leitura distraída, a leitura o distrai, distraindo os limites, perda dos limites, estado ambíguo e embaralhando as cartas.* A partir dessas marcas linguísticas, que são as regularidades presentes no *fio do discurso*[1] do sujeito crítico, chegamos à metáfora de leitura como distração.

O próprio título do texto proposto pelo sujeito crítico atesta a presença da metáfora: *A leitura distraída* – lembrando o que Pêcheux diz a respeito do sentido: que é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição *por* uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição, e é nessa transferência (*meta-phora*), que elementos significantes "se revestem de sentido", assim o sujeito crítico reveste a palavra leitura com um sentido outro. Pois o efeito de sentido a cerca da palavra leitura ao longo do texto crítico é transferido para a expressão *leitura distraída*, que tem a ver com: uma leitura que torna o leitor desatento, que o distrai, chamando sua atenção para outro ponto ou objeto, deixando o leitor entre o texto e o mundo.

Mais abaixo apresentamos quatro *recortes discursivos*[2] (RDs) retirados do texto do sujeito crítico, sendo que as partes (por nós) grifadas fazem uma estrita referência à metáfora:

[1]É o intradiscurso, aquilo que estamos dizendo num momento dado, em condições dadas. (Ver nota de rodapé anterior).
[2]Noção retirada do texto "Segmentar ou recortar" de Eni P. ORLANDI (1984).

1º RD – A leitura é aqui [*em Saer*] a forma de jogar o homem para dentro da natureza, fazer com que o mundo histórico e social se integre antes de mais nada ao mundo físico e sensorial. Trata-se de uma leitura distraída (entre o texto e o mundo), que identifica narração e mundo físico, *distraindo os limites entre subjetividade e objetividade* (CARVALHO apud Saer, 1997, p. 231, grifo nosso).

2º RD – Porque *a leitura o distrai* de quem ele [*o leitor*] achava que era (CARVALHO apud Saer, 1997, p. 231, grifo nosso).

3º RD – [...] uma leitura distraída, *esse olhar que oscila entre o gibi e a paisagem*, que é ao mesmo tempo sensação, contemplação, compreensão objetiva e sensível do mundo, *perda dos limites entre sujeito e objeto* e, finalmente, inserção, identificação do homem à natureza (CARVALHO apud Saer, 1997, p. 229, grifo nosso).

4º RD - *Na leitura de Saer, narrativa e natureza se confundem*. Há três tipos de representação da leitura dentro do próprio livro: o salva-vidas que lê um gibi na praia, os personagens que lêem o jornal [...], e o protagonista que lê *A filosofia na alcova*, de Sade [...] *Todas essas leituras vão produzir, não só nos leitores-personagens mas também no leitor do livro, um estado ambíguo entre fantasia e realidade, sono e vigília, interior e exterior, embaralhando as cartas e acabando com as certezas,* por menores e mais arduamente conquistadas que fossem. *Nessas leituras, o "texto" e o mundo passam a ser um só, o que passa pela cabeça do leitor e o que ele vê ou tem diante de si se entrelaçam* (CARVALHO apud Saer, 1997, p. 227 e 228, grifo nosso).

A partir desses recortes discursivos temos a ideia da metáfora de leitura do sujeito crítico e da recorrência dela no texto. Assim, compreendemos que é uma leitura que distrai, que embaralha, que distrai os limites entre narrativa e natureza, subjetividade e objetividade, uma leitura que deixa o olhar do leitor oscilando entre o que se está lendo (livro, gibi, jornal) e a paisagem. Enfim, uma leitura que produz um estado ambíguo entre mundo real e mundo fictício.

Historicidade

Apresentaremos agora algumas considerações acerca da historicidade que chegamos, a partir do nosso recorte. No fio do discurso do sujeito crítico encontramos a metáfora de leitura como forma de distrair o leitor. Por isso, podemos dizer que para este sujeito a leitura se dá nesse processo de ler e perder os limites do mundo real e do mundo fictício. A leitura de Saer, para o sujeito crítico, confunde as fronteiras do real e do imaginário e faz a cabeça se inclinar, o corpo se mover, o que também percebemos em Barthes e Piglia, conforme as reflexões que seguem.

No texto de Roland Barthes *Escrever a leitura*, o autor utiliza a metáfora de *ler levantando a cabeça.* Para ele, a leitura tem a ver com interrupção, não necessariamente por desinteresse, mas por afluxo de ideias e associações. Segundo Barthes, a leitura dispersa, dissemina. O texto tem uma força que o leitor precisa associar para tirar dele outras ideias, outras imagens, outras significações. Aqui percebemos que a ideia de Barthes, dialoga com duas noções da Análise de Discurso: o intradiscurso e o interdiscurso. Pois nessa pausa, nessa interrupção da leitura, o *interdiscurso*[1] parece intervir no *intradiscurso*. E esses dois movimentos nos parecem os movimentos do leitor diante do texto.

Mais para o final de sua reflexão sobre a leitura, o autor afirma que alguns teóricos dizem para olhar o texto, *só o texto*, mas para Barthes, o texto sozinho é uma coisa que não existe: "há imediatamente nesta novela, neste romance, neste poema que leio, um suplemento de sentido de que nem o dicionário, nem a gramática são capazes de dar conta" (BARTHES, 1984, p. 28). O que dialoga novamente com as reflexões de Orlandi e Pêcheux, pois o sentido não está na palavra, não é sua propriedade literal, pois se produz no *non-sens*. Daí o fato de a leitura, para Barthes, ter esse movimento de ler, levantar a cabeça, ler, levantar a cabeça... Enfim, utilizando as próprias palavras de Barthes: "ler é fazer trabalhar o nosso corpo" (BARTHES, 1984, p. 28).

Também observamos essa metáfora de leitura como distração e movimento no texto de Ricardo Piglia: *Ernesto Guevara, rastros de leitura*. Piglia mostra que a leitura apresenta um movimento de imersão ao texto e de pausa. Para tanto, cita o exemplo de Che Guevara, o revolucionário marchando e parando para fazer a sua leitura, lendo e parando sua leitura para retomar a marcha, neste movimento (incessante) de ler para se distrair das batalhas que o cercavam. Conforme o autor: "existe uma foto extraordinária, em que Guevara está na

[1] É definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente (ORLANDI, 2012, p. 31).

Bolívia, em cima de uma árvore, lendo, em meio à desolação e à experiência terrível da guerrilha perseguida. Sobe numa árvore para se isolar um pouco e ali está, lendo" (PIGLIA, 2006, p. 101).

Piglia comenta que a figura do sujeito que lê faz parte da construção da figura do intelectual moderno e que há uma passagem na vida de Guevara que mesmo ferido, pensando que está à morte, lembra-se de um livro que leu. Piglia cita um trecho do livro *Passagens da guerra revolucionária,* de Guevara:

> Na mesma hora comecei a pensar na melhor maneira de morrer, naquele minuto em que tudo parecia perdido. Lembrei-me de um velho conto de Jack London, em que o protagonista, apoiado no tronco de uma árvore, toma a decisão de acabar a vida com dignidade, ao saber-se condenado à morte, por congelamento, nas regiões geladas do Alasca. É a única imagem de que me lembro (GUEVARA apud PIGLIA, 2006, p. 99).

Neste trecho evidenciamos que para Piglia a leitura também tem a ver com distração, pois ele mostra o movimento de Guevara que marcha, para e lê, e sua leitura é – podemos dizer de alguma forma – distração. Aqui temos novamente uma leitura que distrai, uma leitura de entremeio, na qual o leitor (Guevara) parece estar entre o texto e o mundo.

Produzindo um efeito de conclusão

Em direção a um gesto finalizador, podemos afirmar, a partir das reflexões de Pêcheux, que o sentido existe puramente nas relações de metáfora e que "as palavras recebem seus sentidos da formação discursiva na qual estão inscritas" (PÊCHEUX, 2009, p. 240), até porque o sentido "se produz no *non-sens*". Agora entendemos que tanto Pêcheux quanto Orlandi trabalham com a noção de efeito metafórico, e que a essa noção não é tratada por eles como figura de linguagem, não sendo o mesmo olhar da perspectiva puramente linguística, há algo tomado da psicanálise Lacaniana, e esse algo, podemos afirmar, é o primado do significante sobre o significado. Nesse sentido, ressaltamos que o efeito metafórico é *transferência*, e é neste gesto que novos sentidos são produzidos, por isso, no texto analisado, temos o sentido de *leitura como distração*.

Acreditamos que nosso gesto de interpretação – pois se trata apenas de um olhar, do nosso olhar em relação ao fio do discurso do sujeito crítico – tenha mostrado como o efeito metafórico aparece ao longo do texto crítico, no qual encontramos a leitura como uma força

para distrair o leitor. Ao final, fizemos o gesto de ir para a historicidade que observamos a partir dessa metáfora. Sendo assim, vimos o movimento de *ler e levantar a cabeça*, uma leitura que distrai, dispersa, dissemina, encontrada em Roland Barthes e o movimento de marchar, parar e ler, ler para se distrair da guerrilha, observado no texto do escritor argentino Ricardo Piglia.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2012.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In: _____**O Rumor da língua.** Tradução de António Gonçalves. Edições 70. 1984.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática:** referente à língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 27 ed. 2009.

CARVALHO, Bernardo. A leitura distraída. In:_____ SAER, Juan José. **Ninguém Nada Nunca.** São Paulo: Companhia das letras, 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** 1ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

ORLANDI, P. Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 10ª edição. Campinas, SP – Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, P. Eni. Introdução. In:_____ ORLANDI, P. Eni. **Discurso e textualidade.** Introdução às ciências da Linguagem. Pontes Editores, 2010 – 2ª edição: Campinas, SP.

ORLANDI, Eni P. "Segmentar ou recortar". In **Linguística:** questões e controvérsias, publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos – 10, 1984, pp. 9-26.

PÊCHEUX, **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Orlandi et al. – 4 ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PIGLIA, Ricardo. Ernesto Guevara: rastros de leitura. In:_____ **O último leitor.** Tradução Heloisa Jahn – São Paulo: Companhia das letras, 2006.

CHEINHA OU MAGÉRRIMA? DISCURSO, CORPO E SENTIDO SOBRE A MULHER EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS

PALMIRA HEINE
UEFS

Resumo
O presente artigo pretende discutir à luz da Análise de Discurso pechetiana, os modos de construção discursiva da noção de magreza e sobrepeso em anúncios publicitários de duas diferentes épocas: as décadas de 50 e 90, a partir da análise de duas propagandas de produtos para engordar e de uma propaganda de remédio para emagrecer que expõem o corpo feminino. Com base na Ad pechetiana, pode-se afirmar que a ideia de magreza e sobrepeso pauta-se numa construção discursiva que mobiliza noções de beleza construídas historicamente e que variam a depender do momento histórico ao qual estão atreladas. Como resultado, mostra-se que os sentidos de magreza e sobrepeso deslizam metaforicamente e se relacionam com as diferentes condições de produção dos discursos nas diferentes épocas em que as propagandas foram veiculadas.

Palavras- chave: Discurso; Sentido; Magreza; Sobrepeso.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como base teórica a Análise de Discurso pechetiana e objetiva debater sobre a construção discursiva das noções de magreza e sobrepeso, a partir do cotejo entre duas propagandas de diferentes épocas e em cujas materialidades são apresentadas imagens do corpo da mulher. Nas duas primeiras, que foram veiculadas em jornais da década de 50, a construção da ideia de magreza e, consequentemente, da noção de beleza, tem relação com as questões ideológicas que versam sobre os padrões estéticos da época em que a mulher deveria ser bela e "cheia de carnes" para atrair um bom casamento. Essas duas propagandas buscam vender um remédio para engordar de nome *Vikelp*, que prometia fazer aquele que o consumisse, ganhar peso e, desse modo, se adequar aos padrões de beleza da época.

Já a terceira, é uma propaganda de remédio para emagrecer, que foi veiculada na década de 90 em revistas femininas. A noção de beleza, magreza e a ideia de corpo saudável são sensivelmente modificadas, uma vez que as condições de produção do discurso também se modificam, dando lugar a outras formações discursivas, das quais derivam os discursos e os sentidos.

Assim, parte-se da ideia de que os sentidos de beleza, de aspecto saudável e de magreza são construídos discursivamente e ancoram-se em ideologias diferentes, a depender

do momento histórico em que se enuncia. Partindo do princípio de que os sentidos em Análise de discurso variam a depender da posição ideológica ocupada pelo sujeito, a qual se manifesta através de formações discursivas diversas, é possível dizer que os dois anúncios publicitários diferem entre si por demandarem diferentes posições do sujeito que, assujeitado por uma ideologia, não é origem dos sentidos, apesar de ter a ilusão que o é.

Sobre essa questão, destaca-se o que diz Pêcheux (1997, p.170) quando afirma:

> ...os processos discursivos, como foram aqui concebidos, não poderiam ter sua origem no sujeito. Contudo, eles se realizam necessariamente nesse mesmo sujeito. Esta aparente contradição remete na realidade à própria questão da constituição do sujeito e ao que chamamos seu assujeitamento.

Assim concebido, como sempre assujeitado à língua e à ideologia para se constituir, o sujeito ocupa posições que pressupõem filiações ideológicas. Não é livre para dizer o que quer, nem tem o controle sobre os sentidos.

Concebendo a língua como *lócus* onde se constituem os efeitos de sentido, Pêcheux (1997) mostra a importância de ir além dos aspectos formais da mesma, considerando a materialidade linguística como veículo da ideologia, o que o faz pensar na língua em seu funcionamento e não apenas no que diz respeito à sua função. Esse deslocamento será muito importante, uma vez que, para se chegar ao processo discursivo, será preciso partir da materialidade linguística, o que pressupõe uma trajetória que parte da análise da superfície linguística (conjunto de frases, itens lexicais, relação entre enunciados), passando pelo objeto discursivo (relações entre explícitos e implícitos) chegando ao que se convencionou chamar de processo discursivo (ideologia, formações discursivas, interdiscurso).

Diante dessas questões, pretende-se problematizar sobre os deslizamentos de sentidos sobre corpo, magreza e sobrepeso feminino nas propagandas que circularam em dois momentos históricos diferentes: a década de 50 e a década de 90, estando, portanto, envolvidas em condições de produção diferentes, nas quais o papel da mulher na sociedade não era o mesmo, o que faz com que os sentidos sobre a mulher também sejam diversos. A seguir, falaremos mais detidamente sobre o embasamento teórico que guiará a análise dos dados.

1. ALGUNS PRESSUOSTOS DA ANÁLISE DE DISCURSO PECHETIANA

Pra a teoria pechetiana de Análise de discurso, a língua é constitutivamente sujeita ao equívoco (Pecheux, 1997) e "constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos" (Pêcheux, 1997, p.172). Assim, a língua é o veículo no qual se materializam os efeitos ideológicos, é a partir dela que os sujeitos se constituem como tais, interpelados pela ideologia.

A língua, compreendida à luz da discursividade não é um simples sistema formal, mas é marcada de modo inexorável pela exterioridade que a constitui. Quando o sujeito enuncia, está em jogo uma gama de sentidos que não são originados nele, mas que são construídos historicamente. A atividade discursiva pressupõe uma relação que não tem, de direito, início, uma vez que os enunciados se ligam sempre a já-ditos, estão sempre em relação com o "já-la", com o pré-construído..

Os sujeitos, apesar de terem ilusão de que são origem do dizer, efetivamente não o são. Ao contrário, os processos discursivos se realizam nos sujeitos, mas esses não são responsáveis por criar intencionalmente sentidos, nem têm o poder de controlá-los. Os sentidos se realizam nos sujeitos porque se relacionam com a posição ideológica que os mesmos ocupam. Essa posição remete a uma inscrição ideológica que faz com que o sujeito diga de determinada forma ou de outra, que as palavras ditas por ele signifiquem de determinado modo ou de outro. Para Pêcheux (1997, p.178) "o não afirmado precede o afirmado". isso implica a ideia de que sempre falamos a partir de um já dito, há sempre a retomada ou ruptura de sentidos que já existiam. Os sujeitos não são os primeiros a dizerem algo, eles se submetem aos sentidos que já existem antes mesmos de se constituírem como sujeitos.Os já-ditos são, na Análise de discurso o próprio interdiscurso, funcionando como memória e pano de fundo sobre o qual os sentidos se constroem.

Partindo-se do princípio de que os sentidos das expressões linguísticas são derivados das formações discursivas nas quais essas expressões se inserem, é possível inferir sobre os deslizamentos de sentidos nos diferentes períodos históricos analisados, ou seja, a década de 50 e a década de 90, o que revela que o sistema linguístico não é completamente autônomo, e que entender a língua como sistema estritamente formal não é suficiente para explicitar as relações de sentido entre diferentes palavras. Pêcheux (1997, p. 169) já dizia que "o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe essa sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva". Tal afirmação já

revelava ideia pechetiana de que a língua é um sistema que não possui completa autonomia, pois é constitutivamente marcada pela história e pela ideologia.

O sujeito é, desde sempre, interpelado pela ideologia. Aliás, é porque é interpelado que é sempre assujeitado, condição *sine qua non* para se constituir como sujeito. Em outras palavras, não existe sujeito fora da ideologia. Em relação a essa questão, Pêcheux afirmava:

> A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua vontade, a oocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classes ligada a uma delas). (PECHEUX, 1997, P. 165-166)

Assim, é pela ideologia que o sujeito se torna sujeito, a partir da identificação ou desidentificação com uma dada formação discursiva que está inserida numa formação ideológica dada. Daí a ideia de que não se trata do sujeito individual, sujeito psicológico, mas do que Althusser chamou de "animal ideológico", ou seja o sujeito desde sempre constituído pela ideologia.

Há diferentes ideologias as quais pressupõem diferentes posições ideológicas dos sujeitos. Porém, é possível afirmar também que, nas diversas conjunturas sociais há ideologias dominantes que se sobrepõem sobre outras numa relação de contradição e complementação. As ideologias dominnates são difundidas pelos meios de comunicação, pela imprensa e também, pelas propagandas, que tentam homogeneizar os consumidores. Assim, ressalta-se, neste artigo, a importância de se refletir sobre a forma como a ideologia dominante se modifica a depender do momento histórico em que se encontram os sujeitos produtores do discurso e no qual se inscreve o dizível, ou seja, o intradiscurso (o nível da formulação). Desse modo, é possível afirmar que os sentidos sobre o corpo feminino e, também, os efeitos de sentido sobre a magreza, na década de cinquenta, são marcados por uma formação ideológica que, no século XXI, já não é mais a formação ideológica dominante, uma vez que, no século XXI modificam-se também as concepções acerca magreza e obesidade, a partir dos discursos ligados à ideia de vida saudável e construção da beleza.

A fim de compreender o modo como os sentidos são afetados pela história e pela ideologia e como esses elementos se fazem presentes nas propagandas selecionadas, utilizar-

se-ão as noções de formação discursiva, ideológica, interdiscurso, e deslizamento de sentidos postuladas pela teoria materialista do discurso.

2- O GÊNERO PROPAGANDA: DIFUSOR DE DISCURSOS E IDEOLOGIAS

Como já foi afirmado anteriormente, a propaganda é um dos veículos difusores da ideologia que atuam com grande força na sociedade contemporânea. Através das propagandas, difundem-se tendências de moda, reproduzem-se padrões de beleza e tendências de comportamento. Assim, o discurso publicitário que perpassa as propagandas, com o intuito mercadológico de vender produtos, contribui para homogeneizar os sujeitos que passam a ser vistos como consumidores em série. Como afirma Rolnik (1997, p. 20): "Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade." Dito de outro modo, as propagandas contribuem para a construção de identidades sociais, para a condução dos comportamentos dos sujeitos que terminam aderindo a este ou aquele mundo criado pela propaganda.

Desse modo, apresentando um produto como novidade total ou como a resolução de problemas que incomodam os consumidores, a publicidade constroi argumentos em que o consumo de determinado produto passa, então a ser uma "alternativa" para a resolução de problemas pessoais, uma vez que, ao consumir determinada mercadoria, o sujeito passa a incorporar as características da mesma, a novidade estampada por ela, as tendências de moda e de beleza nela anunciadas.

Segundo Severiano (2007, p. 56):

> Aos moldes da 'magia contagiosa', empregada no canibalismo na qual se buscava incorporar as qualidades guerreiras possuídas pelo morto, também se buscam atualmente incorporar as qualidades 'possuídas' pelo objeto/marca, só que dessa vez em busca de 'estilo' ou de 'personalidade'.

Assim, as propagandas "ditam" os padrões de beleza, refletem gostos e funcionam como um veículo ideológico, em que se reproduz determinada formação ideológica. Esta última, por sua vez é passada como se representasse a novidade total, criando nos sujeitos a necessidade de adquirir o produto apresentado, aderindo às características do mesmo.

3- CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO CORPO FEMINIO: ENTRE A MAGREZA E O SOBREPESO

Pensando a propaganda justamente como esse veículo ideológico, é que vamos analisar os deslizamentos de sentido que envolvem a construção discursiva da ideia de magreza e sobrepeso, através da representação do corpo feminino, representação esta que passa pela ideia de corpo saudável e de beleza. Para isso, ressaltamos as condições de produção em que foram gestadas as propagandas referidas.

As duas primeiras propagandas foram veiculadas em jornais da década de 50, época em que a mulher era vista ainda como naturalmente afeita à maternidade e ao casamento. Os padrões de beleza da época relatada eram o de uma mulher mais "cheinha", não muito magra, cuja compleição física indicasse saúde e, consequentemente, indicasse capacidade física para gerar filhos.

Na época, o discurso sobre a saúde também era diferente: a gordura, ao invés de indicar algo negativo, era vista como símbolo de corpo saudável, enquanto ser magro era sinal de pouca saúde, de fraqueza, de doença.

Na década de 50, o discurso que versava sobre a saúde, por exemplo, ainda não passava, como ocorre atualmente, pela ideia de cuidados com a alimentação, nem pela necessidade de se consumir produtos saudáveis. Isso se deve também ao discurso científico que circulava na época (ao fato também de que possivelmente não havia grande influência do discurso científico sobre o discurso do cotidiano), ou, pelo menos, ao modo como tal discurso perpassava outras áreas da sociedade visto que tal influência não era ainda preponderante. A partir da década de 90, o discurso científico passou a exercer cada vez mais influência em outras áreas da sociedade, funcionando, inclusive como discurso transverso que atravessa vários outros discursos sobre beleza, sustentabilidade, salubridade etc.

A seguir são colocadas as imagens dos anúncios publicitários que serão analisados:

Figura 1- Anúncio publicitário do Vikelp

Figura 2- Anúncio do Vikelp: complexo de magreza

A figura 1 refere-se a um anúncio publicitário da década de 50, que pretende vender um remédio para engordar, o Vikelp. Na mesma, destacam-se as imagens de duas mulheres: a da esquerda aparece, cabisbaixa, com aspecto doentil e apresentando-se com ar de descontentamento. A da direita aparece sorridente, com aspecto saudável e expressão de auto-confiança. O enunciado que está relacionado à mulher da esquerda confirma a expressão doentia, quando diz: *sou magra de nascença, nunca passarei disto*! Esse enunciado remete a elementos do interdiscurso ao considerar a magreza como uma doença, como carga genética (nascença), retomando expressões como "cego de nascença", "surdo de nascença", dentre outras. A partir do mesmo enunciado é possível notar que ser magro é algo ruim, indesejável para os padrões da época,o que é reforçado pelo tom de lamento presente no trecho:*nunca passarei disso*!

À mulher da direita está relacionado o enunciado: *eu dizia o mesmo antes de usar o vikelp!* A partir do mesmo, recupera-se o implícito de que Vikelp traz alegria e beleza para aqueles que consomem esse produto. A alegria está relacionada, neste caso, ao corpo físico feminino que, na imagem é de uma mulher que "tem muitas carnes rijas".

Como se vê, somente a partir desses trechos já é possível notar o modo como ocorre a construção discursiva da magreza nesse anúncio: tal construção perpassa pela ideia de corpo e beleza, elementos a partir dos quais o sujeito mulher, representado no anúncio se constrói e é construído.

Destacam-se também alguns trechos do anúncio que são relevantes para análise, como, por exemplo: *os magros de nascença podem agora ganhar dois quilos numa semana e ter um aspecto melhor*. Na expressão aspecto melhor, se destaca a formação discursiva de que ser magro é ser feio ou doente.

Mais adiante há o trecho:

> Enfim, uma boa notícia para as pessoas "magras de nascença" que, embora bem alimentadas, não conseguem aumento de peso. Foi descoberto um novo méthodo de obter vários quilos de carnes rijas que cubram as saliências e depressões que tanto enfeiam as pessoas magras de ambos os sexos, mesmo daquelas que durante vários anos tiveram peso bem abaixo do normal. (Trecho da figura 01)

No trecho está mais explicitamente marcada a formação discursiva de que ser magro é ser feio, a magreza é algo pouco desejado para os padrões da época. Neste caso, há a remissão à necessidade de possuir "carnes rijas" para cobrir as saliências e depressões do corpo magro. A magreza, como mostra o trecho analisado, é algo indesejável, inconcebível para aquele que deseje se adequar aos padrões estabelecidos socialmente.

Na figura 2 os elementos discursivos apontados anteriormente são reforçados, a partir do enunciado: *Vikelp transforma os magros de nascença em criaturas fortes e cheias de vida.*

Um trecho do texto do anúncio presente na figura 2 está destacado a seguir:

> Cuidado com essa magreza. Dia a dia essas palavras ferem a sua sensibilidade, tornando sua vida um fardo insuportável. Você deixa de ir a praias, usa roupas fechadas... Adquire o complexo da magreza. Vikelp trouxe novo alento aos magros de nascença...

No trecho, destaca-se a formação ideológica que relaciona saúde com ganho de peso, e coloca a magreza como algo tão negativo que pode até gerar um complexo, afetando a vida das pessoas, tornando-a, inclusive, um "fardo" insuportável.

Elementos do discurso científico (provenientes, é claro, do interdiscurso) atravessam o trecho em questão, uma vez que se utiliza uma expressão derivada da psicologia: o "complexo", que inclusive, pode gerar danos à vida social das pessoas magras. Tal visão será substancialmente modificada no anúncio publicitário da figura 3.

O anúncio a seguir, representado pela figura 3, que circulou na década de 90, mostra que houve um deslizamento de sentidos da noção de magreza, uma vez que a mesma passa a ser reelaborada e passa a ser vista como algo positivo, símbolo de beleza e saúde. Como já foi afirmado anteriormente, a partir da década de 90, é visível nas propagandas, o atravessamento do discurso científico com as ideias de vida e alimentação saudável. Desse modo, o sobrepeso passa a ser condenado. por representar riscos à saúde.

O sobrepeso, além de carregar o sentido negativo ligado à doenças, passa, também, a ser considerado feio, fora de moda, esquisito e indesejável. As pessoas gordinhas passam a ser excluídas socialmente, constituindo-se como sujeitos fora dos padrões de beleza, feios, esquisitos, estranhos e até alvos de chacotas.

Figura 03- Sanavita

No anúncio, aparece a cena do casamento, com destaque para o bolo e os noivinhos que, na imagem são gordos. Acima do bolo aparece o enunciado: *o mundo nunca vai ser assim, emagreça com Sanavita*. A partir da análise do enunciado e das imagens, percebe-se que o anúncio remete à ideia que, para ser atraente e arranjar um "marido" é necessário se adequar aos padrões de beleza que, na década de 90 correspondem a ter um corpo magro. Mais uma vez, há a ligação entre a mulher e a esfera do casamento, mas agora essa ligação é consumada através da junção da imagem e do texto.

Identifica-se, assim, uma outra formação discursiva bem diferente daquela da década de 50: agora ser magra é ser bonita, ser atraente. Houve, então um deslizamento de sentidos que foi gerado pelas condições de produção do discurso na década de 90, atravessado pelo discurso científico de que a gordura é um dos elementos que leva ao desenvolvimento de inúmeras doenças. O atravessamento do discurso científico é visível no enunciado: *Sanavita, o ingrediente de sua reeducação alimentar e de seu emagrecimento saudável.* Emagrecer já, é, portanto, nessa época, sinônimo de saúde e para se adequar ao mundo que nunca vai ser dos gordinhos, é preciso tomar o Sanavita.

A propaganda, funciona, assim, como veículo ideológico que pretende homogeneizar os sujeitos, nesse caso, as mulheres, que, para serem sensuais e atrativas aos olhos dos homens, não podem estar acima do peso ideal.

O anúncio anterior circulou na Revista Cláudia, que é uma revista direcionada para o público feminino e que, segundo a descrição feita pela Editora Abril pretende discutir temas relevantes para as mulheres tais como família, amor, beleza, moda e qualidade de vida. Pode-se, então notar o viés ideológico da revista que categoriza a mulher ainda atualmente como aquela que se preocupa com questões domésticas e de beleza, com pouca ênfase para assuntos de trabalho e questões intelectuais.

Por circular numa revista feminina, o anúncio traz também outros sentidos que retomam já-ditos sobre as mulheres, tais como: a felicidade feminina é conquistada através do casamento, a mulher se realiza quando se torna esposa, a mulher deve atender aos desejos do marido, e, para se conseguir um marido, a mulher deve se adequar aos padrões sociais de beleza da época, dentre outras coisas. Ser gordinha, estar acima do peso não significa da mesma forma do que significava na década de 50. Ser gordinha, agora, é ser feia, indesejada, e incapaz de atrair um amor.

Assim, é possível perceber que a noção de beleza é também uma construção discursiva que mobiliza aspectos ideológicos e históricos inscritos na língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível notar nos anúncios aqui analisados, as ideias de magreza e consequentemente as noções de beleza e corpo, são construídas discursivamente, derivadas de determinadas formações ideológicas que variam a depender da época em que os textos circularam. Tais construções retomam já-ditos sobre a beleza, passando também por modos de subjetivação do corpo feminino nos anúncios analisados.

Desse modo, as noções de magreza e sobrepeso estão expostas ao deslizamento de sentidos o que revela a não transparência da língua. Ser magra na década de 50 era ter um aspecto de doente, sendo, inclusive, a pessoa magra excluída da possibilidade de levar uma vida normal. O mesmo não acontece na década de 90, quando a magreza passa a ser vista como símbolo de saúde, e o sobrepeso como algo feio, indesejado.

As condições de produção dos discursos materializados em ambas as propagandas revelam a materialidade ideológica da língua, a partir das formações discursivas sobre o que é ser magro, sobre a beleza e o corpo femininos que se concretizam nos exemplos analisados.

É possível perceber que, como já afirmava Pêcheux (1997), um enunciado é sempre sujeito ao deslizamento de sentidos, sempre passível de se tornar outro, diferente de si mesmo. Assim, a língua é muito mais do que um sistema formal, mas o veículo de concretização da ideologia.

Referências

GADET, F; HAK, T. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et al.], 2ª. ed., Campinas, SP: Unicamp, 1995.

_____. "**Análise automática do discurso (AAD-69**)". In: GADET & HAK (org.). Por uma análise automática do discurso. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 - 105.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). "A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas". In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 163 -252

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade**: saberes e modos. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997. Cap. 2, pp. 19-24.

SEVERIANO, Maria de Fátima. **Narcisismo e publicidade**: uma análise psicossocial das ideias de consumo na contemporaneidade. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2007.

COMO ANALISAR REPORTAGENS TELEVISIVAS? UMA BREVE PROPOSTA DE ANÁLISE DAS NARRATIVAS TELEVISUAIS DOS ACONTECIMENTOS

RAFAEL MAGALHÃES ANGRISANO
CEFET-MG

Resumo
O presente artigo tem como intuito propor um modelo conceitual-metodológico para análise de reportagens telejornalísticas. Foi realizada discussão teórica que segue um fio condutor em três tópicos: a sociedade midiatizada; as representações dos acontecimentos por meio das narrativas televisuais; e a proposta de algumas categorias de análise de telejornais, pautadas em conceitos da Semiólinguística e análise de imagens.

Palavras-chave: Midiatização; Discurso midiático; Narrativas dos acontecimentos; Telejornalismo.

Midiatização social e o império do indicial

Afinal, o que é um produto comunicacional midiático? Por quais motivos os telejornais selecionam determinados modos de construção discursiva para representar o mundo? Sabemos da complexidade do estudo de tal objeto e temos ciência que neste espaço não será possível nos aprofundarmos em algumas questões que o envolve. Contudo, consideramos fundamental instigar o leitor, mesmo que seja com algumas pinceladas sobre determinados assuntos, sobretudo, o processo de midiatização que se instaurou nas sociedades contemporâneas ou pós-industriais.

Martin Barbero (2001) discute alguns tópicos interessantes sobre a Modernidade. Segundo ele, a Modernidade diferenciou claramente as esferas discursivas da ciência, da moral e da arte, além de especializar e institucionalizar os espaços da política, da economia e da cultura. No terreno fluído daquilo que alguns chamam "pós-modernidade" ocorre fenômenos como a globalização, a hiper-tecnologia e a rápida mutabilidade das identidades. Aparenta-nos óbvio que os efeitos recentes das sociedades pós-industriais densificaram e complexificaram as mediações entre sociedade e comunicação.

Uma vertente catastrófica da pós-modernidade é a do filósofo niilista Baudrillard (1991). Ele prevê um mundo que impossibilita ou talvez decrete o fim da comunicação. Um mundo de simulacros no qual se sucede uma esterelização dos sentidos e, no final, nos deixaria apenas a sombra da humanidade e da linguagem. "O imaginário era álibi do real, num

mundo dominado pelo princípio de realidade. Hoje em dia, é o real que se torna álibi do modelo, num universo regido pelo princípio de simulação." (BAUDRILLARD, 1991, p.177).

O autor critica ostensivamente a sociedade midiática de sua época. O conceito de hiper-real, cunhado por ele, é uma tentativa de demonstrar que o "objeto" da linguagem desaparece diante de sua representação, ao passo que a representação é apagada pelos modelos[1]. Isso seria a conversão do real em hiper-real. "(...) domínio do hiper-real e da simulação. Já não se trata de uma representação falsa da realidade (a ideologia), trata-se de esconder que o real já não é o real e, portanto, de salvaguardar o princípio de realidade." (BAUDRILLARD, 1991, p.20).

No rastro das ideias de autores como Baudrillard temos o que alguns chamam de processo de midiatização da sociedade. Esse fenômeno opera alterando as relações entre o indivíduo ordinário, os *media* e a sociedade como um todo. O funcionamento da sociedade se estabelece por meio de um poder, que pode ser nomeado de "cultura da mídia". Muitos pesquisadores da comunicação social têm dedicado pesquisas a esse fenômeno social chamado midiatização, com o objetivo de elaborar reflexões a respeito das aplicações midiáticas sobre os atos sócio-simbólicos. Para Braga (2006), a midiatização da sociedade avança a largos passos para se tornar a processualidade interacional de referência.

O processo de midiatização ainda não é definitivo. São perceptíveis algumas formas de resistência. Braga (2006) afirma que o avanço da midiatização em algum momento atingirá um limite e, nesse momento, os meios coordenaram completamente as práticas sociais.

O avanço da midiatização tem seguido uma lógica de etapas. A mais recente é a instauração do regime indicial da significação como estratégia enunciativa. Trata-se de uma migração do simbólico (linguagem) para o indicial (gesto), na qual ocorre uma valorização crescente da enunciação sobre o enunciado. Verón (2001) ressalta que esta ordem metonímica da substituição, apesar de dominante, se articula com as demais ordens (simbólica e icônica), não as anula (VÉRON, 2001).

Os discursos televisuais, dentre eles os telejornalísticos, pelos quais nos interessamos nessa pesquisa, priorizam códigos indiciais, privilegiando a linguagem direta no momento de sua expressão, para causar uma aproximação entre real social e discurso. Simone Rocha (2008) caracteriza as narrativas televisivas da seguinte maneira:

---

[1]Os modelos a que se refere, são os esquematismos midiáticos que esvaziam as representações, espetacularizando-as e massificando-as.

> A construção das representações é feita narrativamente. (...) As narrativas televisivas são vistas como recursos simbólicos capazes de orientar a formulação de representações e identidades que definem o modo como os sujeitos são percebidos e avaliados mutuamente. (ROCHA, 2008, p. 89)

Beatriz Sarlo também explora as imagens televisivas e essa tendência indicial que vivemos. Ela afirma que "alguns fragmentos de imagens, os que conseguem fixar-se com o peso do icônico, são reconhecidos, lembrados, citados; outros são desprezados e se repetem infinitamente sem aborrecer ninguém, pois, na verdade, ninguém os vê." (SARLO, 2000, p. 62).

Para Sarlo, a televisão:

> "(...)nos quer do seu lado (ao contrário do cinema, que precisa do escuro, da distância, do silêncio, da atenção, a TV não requer nenhuma dessas condições ou qualidades). A auto-reflexividade, que na literatura é uma marca de distância, opera na televisão como uma marca de proximidade que torna possível o jogo de cumplicidades entre a televisão e o público. De todos os discursos que circulam numa sociedade, o da televisão produz o efeito de maior familiaridade: a aura televisiva não vive da distância e sim de mitos cotidianos. Só existe um jeito de aprender televisão: vendo-a. É preciso convir que esse aprendizado é barato, antielitista e nivelador." (SARLO, 2000, p.91).

Tendo em vista que, atualmente, todas as práticas sócio-culturais se relacionam com os meios de comunicação e que esses estabelecem estratégias indiciais para se legitimarem como o "real verdadeiro"; queremos entender como ocorrem as negociações de "verdades" dos acontecimentos entre as narrativas jornalísticas e o público telespectador e como podemos analisar esse fenômeno. Esse será o tema de discussão do nosso próximo tópico.

Os acontecimentos e as construções discursivas

> Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvendá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade. (CHARAUDEAU, 2007, p.131).

Nietzsche (2007) postulou a respeito de diversos assuntos na filosofia, dentre eles a verdade. Em sua perspectiva sobre a inexistência da verdade, Nietzsche vê o ser humano

como algo inexpressivo e minúsculo diante do que ele chama de *devir* ou vir-a-ser. O homem tem a necessidade de tentar criar sentido para a vida e para as coisas que o rodeiam, no entanto, os acontecimentos são fluídos e indiferentes à presença humana, eles acontecem de formas variadas e desordenadas, sem cessar, isso é o *devir*. Frente ao caos do *devir*, o ser humano tenta sistematizar os acontecimentos, na ânsia de ordenar a desordem, dando sentido e coesão para algo que acaba por ter unidade apenas nas várias perspectivas humanas, apenas na linguagem, que é um produto humano. Este esforço de transformar os acontecimentos em unidades, dar um sentido ao real, é o mesmo que Foucault (1996) chama de vontade de verdade.

Refletindo o termo "acontecimento" a partir de uma concepção fenomenológica, Queré (2005) afirma que o mesmo é algo que causa uma descontinuidade no tempo e no espaço. Um acontecimento é um evento que possui poder de afetação sobre os seres humanos, que pode ser individual ou coletivo, isso por que ele reconstrói um passado, um contexto temporal, e cria novas possibilidades para o futuro, assim que é explicado. Trata-se de tentar transformar o puro *Devir* (vir-a-ser) em Destino.

Sempre identificamos o acontecimento como uma descrição. "Tentamos explicá-lo pela trama causal que o provocou, dar-lhe um sentido em função de um contexto prévio que o torne compreensível, socializar a surpresa que ele constitui atribuindo-lhe valores de normalidade." (QUERÉ, 2005, p.66).

No caso da temporalidade midiática dos acontecimentos, o funcionamento é distinto. A construção dos acontecimentos não obedece apenas um movimento de descontinuidade, como na visão de Queré, algo que rompe o cotidiano, mas também uma lógica de agendamento midiático. O acontecimento midiático é construído e pode prolongar-se no tempo, em um regime de obsessão do presente, como em casos de corrupção, conflitos armados, greves, e outros acontecimentos que se tornam pauta dos *media* por semanas ou meses.

Os *media* fragmentam seu discurso em um presente da atualidade. Através do blefe da narrativa a notícia é esculpida a partir do acontecimento, sendo que esse só significa enquanto acontecimento em um discurso. (CHARAUDEAU, 2007)

Existem pontos rítmicos nos quais os fatos marcados são visados. Esta noção de agendamento social implantada pelos meios pode ser observada na fala de Antunes e Vaz:

> O agendamento implica não apenas dar uma visibilidade (hierarquizada) a determinados acontecimentos, mas ampliar uma certa visibilidade e conferir um reconhecimento público a determinadas práticas. A "agenda midiática" é sobretudo uma arena na qual se digladiam diferentes falas presentes no tecido social. Obviamente, tais falas podem ganhar visibilidade de diferentes maneiras, desde a "tirania do acontecimento" que modula hegemonicamente o discurso, até o reconhecimento público da legitimidade de diferentes práticas sociais. É certo, nessa perspectiva, que a realidade social é hoje hegemonicamente "agendada" (ANTUNES, VAZ, 2006, p.49).

Considerando que os acontecimentos midiáticos são representações narrativas da realidade, por quais motivos os *media* expõem os fatos da forma como são expostos? Quais os modos de recorte midiático do espaço social? O indicial é absoluto nas representações televisuais? Qual o sentido desta busca midiática pelo verdadeiro e pelo transparente?

Essas problemáticas envolvem um cenário de linguagem e um cenário social, o discurso, que estrutura sentidos e estabelece contratos. São operações que entrecruzam e fundem mundos materiais e simbólicos. Na tentativa de nos aproximarmos de alguns achados dos problemas propostos e refletindo sobre um modo ideal para analisar telejornais, utilizaremos como base conceitual-metodológica os conceitos esboçados até aqui e tentaremos construir operadores de análise usando a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2008), que prevê tanto a análise das estratégias enunciativas (o espaço interno do discurso), quanto as situações de comunicação da produção (o espaço externo do discurso).

> Uma análise semiolinguística do discurso é semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade. Esta última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair dela possíveis significantes. Diremos também que uma ASD é linguística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguageiros. (CHARAUDEAU, 2008, p. 21).

Proposta de análise das reportagens televisuais

Utilizaremos operadores analíticos em uma perspectiva qualitativa. Os operadores buscarão construir mapas de decodificação. Observaremos as estratégias utilizadas pelo

dispositivo televisivo para alcançar os efeitos desejados a partir dos modos de organização próprios do discurso tele jornalístico[1].

As categorias analíticas foram elaboradas pensando as competências discursivas da Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2007; 2008; 2010), juntamente com outros conceitos da Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 1997; AUTHIER-REVUZ, 2004); análise de imagens (BARTHES, 1990) e a discussão teórica que foi realizada a respeito da lógica da midiatização e da concepção dos acontecimentos midiáticos vistos como narrativas. O espaço desse artigo nos limita para detalharmos os modos de organização discursiva propostos por Charaudeau, portanto, seremos sucintos em alguns momentos. Contudo, antes de descrevermos resumidamente cada um dos operadores de análise que escolhemos, falaremos um pouco dos modos descritivo e narrativo de organização do discurso, base das reportagens.

O modo descritivo é utilizado para mostrar o mundo. Identificar, localizar/situar e qualificar os seres do mundo de maneiras objetivas ou subjetivas, de forma a nos passar a impressão de que esses seres estão emoldurados em uma película para todo o sempre. O modo narrativo aparece para complementar o descritivo, construindo o mundo. Mediante a construção de uma sucessão de ações, com o intuito de criar um relato, uma estória no tempo, o modo narrativo estabelece uma lógica narrativa. Abaixo, estabelecemos as principais características dos dois modos de organização, apontados por Charaudeau (2008).

- Descritivo: a nomeação, qualificação e localização obedecem à lógica dos seguintes procedimentos: identificação; construção objetiva do mundo e construção subjetiva do mundo.

- Narrativo: actantes (analisados segundo seus papéis enunciativos, hierarquização e qualificação de ações); processos e funções narrativas e sequências narrativas (obedecendo quatro princípios: coerência, intencionalidade, encadeamento e localização).

Ressaltamos que os nove operadores selecionados para análise visam identificar os possíveis *ethos* discursivos das reportagens, no intuito de perceber como as narrativas telejornalísticas constroem os acontecimentos.

[1] Falamos do modo enunciativo, *do modo descritivo e do modo narrativo (base das reportagens)* e do modo

Operadores de análise – Dimensão visual

Características indiciais das imagens	Modo de organização narrativo aplicado à Narrativa	Modo de organização descritivo aplicado à

Operadores de análise – Dimensão verbal

Modo de organização narrativo	Modo de organização	Uso estratégico da heterogeneidade

Operadores de análise – Relação Imagem/Texto

Função de Ancoragem	Função de *relais*	Efeitos de real e ficção

Descrição dos operadores imagéticos

Características indiciais das imagens

A ordem do indicial utiliza de operações metonímicas, no intuito de se confundir com o real social. O objetivo é se expressar na dimensão em nível do contato. Registros microscópicos do indicial estão presentes na TV atual, até mesmo através de gestos e expressões do rosto de apresentadores. (VÉRON, 2001).

---

argumentativo (CHARAUDEAU, 2008).

Serão essas as características metonímicas que tentaremos detectar na construção das narrativas dos programas.

Narrativa Visual - Descritivo

O modo de organização descritivo costuma se combinar com os procedimentos de narrar e argumentar, *identificando* e *qualificando* ações e seres. Usaremos as noções metodológicas de David-Silva (2005) para pensar a descrição por intermédio de imagens. No caso dos telejornais, identificamos algo visualmente pela sua apresentação. Já a qualificação por meio da imagem, pode ser uma focalização temática ou a escolha de um ponto de vista, por exemplo.

Narrativa Visual - Narrativo

Estenderemos nosso olhar para as formas de narrativa imagética, partindo do modo de organização narrativo. Levaremos em conta os aspectos técnicos do dispositivo televisivo (icônico-sonoro) como enquadramento, montagem e edição, para convertermos as características das imagens em categorias discursivas presentes no método semiolinguístico. Iremos buscar também, valores icônicos, indiciais ou simbólicos nas imagens, pensando seu encaixe na lógica narrativa. Jost (1999) aponta três tipos de imagens televisuais, baseado nas noções pierceanas: a imagem testemunho, que possui traços com o fato (indicial); a imagem arquivo (icônico), que representa o fato a partir de esquemas abstratos; e a imagem símbolo, que tem valor metafórico e de comentário (símbolo).

Descrição dos operadores verbais

Narrativa Verbal - Descritivo

Esse operador servirá para detectar as maneiras de *identificação* e *qualificação* contidas no texto das reportagens. Para David-Silva (2005), aplicando a Semiolinguística nos telejornais, identificamos algo verbalmente por sua nomeação. Já a qualificação pode ser uma observação verbalizada.

Narrativa Verbal – Narrativo

O modo de organização narrativo pode ser considerado o alicerce das reportagens telejornalísticas. Ele apoia o descritivo, no entanto, não se trata apenas de uma mostração. É preciso que exista um sujeito que narre o acontecimento, um sujeito construtor, dotado de intenções comunicativas. Analisaremos esses elementos na construção da narrativa verbal, baseando-se no modelo Semiolinguístico, consumindo maior atenção aos *actantes* e *sequências* das reportagens.

Uso estratégico da Heterogeneidade discursiva

Os atos de linguagem são heterogêneos (todo discurso é atravessado pelo outro). O discurso jornalístico é polifônico. Para a compreensão do nosso objeto, consideramos relevante observar as formas como a heterogeneidade é marcada no discurso dos programas. Aplicaremos os estudos de Maingueneau (1997) e Authier Revuz (2004), para explicitar nas reportagens:

- *discursos relatados* (direto e indireto)
- *conotação autonímica* (explícita) uso das aspas, por exemplo, e (não explícita), caso do discurso indireto livre, alusões, ironia, etc.
- *papeis enunciativos*

Descrição dos operadores - Relação Imagem/Texto

Ancoragem

Será feita análise dos sentidos das imagens e seus alicerces com os sentidos construídos na narrativa verbal e, dessa forma, nos esforçaremos para identificar nas reportagens as condições em que as imagens se ancoram ao texto e tentam justificá-lo, a partir de um valor dêitico. Segundo Barthes (1990), os sentidos oriundos entre imagem e texto se baseiam na *ancoragem*, processo que tenta fazer a língua fixar os sentidos dispersos pelo icônico, direcionando o significado com uma espécie de descrição denotada da linguagem.

Relais

Ainda utilizando as ideias de Barthes para pensar os sentidos e narrativas na junção entre imagem e texto, temos a função de *relais*, função de complementaridade da imagem sobre o texto. Examinaremos na construção das reportagens os momentos em que as imagens são editadas para complementar o sentido do texto de forma icônica.

Efeitos

Para transformar o "mundo a significar" em "mundo significado", a televisão, mídia do visível por excelência, utiliza de estratégias para alcançar três efeitos: o de *realidade*, que se realiza por meio do recurso da imagem, quando se presume que o que está sendo transmitido é uma cópia fiel do mundo; o de *ficção*, que ocorre quando o produtor usa da reconstituição de acontecimentos (narrativas dos fatos); e o de *verdade*, realizado pela criação de um visível, que não o era a olho nu (uso de macro e micro tomadas, mapas, gráficos, etc.) (CHARAUDEAU, 2007).

Em nossas análises, iremos tentar perceber o jogo que a narrativa visual e textual realiza para marcar esses três efeitos.

Comentários conclusivos

Estamos inseridos em uma sociedade em vias de midiatização, na qual a inteligibilidade da vida e as práticas coletivas são alteradas em uma relação direta com os meios. As realidades afirmadas pelos *media* tentam se converter nas únicas e possíveis realidades. Contando com uma vocação representacional, os meios de comunicação de massa empacotam concepções identitárias sobre o mundo de modo simples de ser consumido.

A construção das representações (inclusive as midiáticas) é feita narrativamente. As narrativas televisivas utilizam estratégias discursivas para atrair e informar os indivíduos, na tentativa de se tornar a referência de realidade. O discurso midiático estabelece assim a visibilidade dos acontecimentos e do real, pressupondo uma representação com estatuto de realidade. As estratégias indiciais induzem o telespectador a crer no blefe da narrativa midiática e do agendamento midiático do espaço social.

Tendo em vista todos esses elementos, pretendemos realizar trabalhos futuros utilizando uma perspectiva de análise que envolve um paradigma narratológico, assentado, sobretudo, em trabalhos que enfocam o agir humano organizado em tipos de discursos. Entretanto, não descartamos a importância de olhares sobre o nosso objeto, a partir de paradigmas midiológico-técnicos que refletem o dispositivo tecnológico como decisivo no exercício da análise e paradigmas sócio-cognitivos que investigam categorias de construção midiática na vida cotidiana.

Acreditamos que as reflexões filosóficas e sociais a respeito do real, dos acontecimentos e dos dispositivos midiáticos, aliadas a procedimentos de análise dos produtos comunicacionais que envolvem estudos de semioticistas e analistas do discurso como Charaudeau (2007, 2008, 2010), pode ser um caminho interessante para pensarmos as construções televisuais dos programas de informação.

Referências

ANTUNES, Elton e VAZ, Paulo. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline**. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido.** Porto Alegre: EDIPUCRS; 2004.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'água; 1991.

BRAGA, J. L. **Sobre "mediatização" como processo interacional de referência.** GT Comunicação e Sociabilidade, 15º Encontro Anual da Compós, Bauru: junho de 2006. CD.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto; 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso – modos de organização.** São Paulo: Contexto; 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **"Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização"** In: Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (org.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil.* Uberlândia: Edufu; 2010.

DAVID-SILVA, Giani. **A informação televisiva: uma encenação da realidade** (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses), Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 1996.

JOST, François. **Introduction à l'analyse de la télévision.** Paris: Ellipses, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes; 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jésus. **Al sur de La modernidad**: comunicación, globalización y multiculturalidad. Pittsburgh: Nuevo Siglo, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira.** São Paulo: Hedra, 2007

QUÉRÉ, Louis. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento.** Trajectos, Lisboa, n.6, p. 59-76, 2005.

ROCHA, Simone. "**Estudos culturais e estudos de mídia: modos de apresentação dos sujeitos em programas televisivos**." In: Revista Líbero, nº21, junho 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós moderna.** Rio de Janeiro: UFRJ; 2000.

VÉRON, Elíseo. **El cuerpo de las imagenes.** Buenos Aires: Norma; 2001.

O CARICATO DO BAIANO: REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA EM ANÚNCIOS DE TURISMO

REGINETE DE JESUS LOPES MEIRA
PALMIRA HEINE
UEFS

Resumo
Sabe-se que o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. Levando em conta o homem na sua história, a Análise de Discurso de linha francesa, escopo teórico no qual está centrado esse trabalho, considera os processos e as condições de produção de linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que falam e as situações histórico-ideológicas em que se produz o dizer. Desta forma, o anuncio publicitário exerce o papel de difusor de discursos com os quais o ser humano pode entrar em contato, fazendo circular certas imagens discursivas e ideológicas e certos estereótipos sobre diversos grupos sociais que nele são representados. No caso de anúncios publicitários de viagens, é possível perceber que no discurso usado, não é feita somente a propaganda dos pontos turísticos a serem visitados, ou apenas do clima, e comidas, etc., mas também é vendida a imagem das pessoas que habitam esse lugar de destino, neste caso dos baianos. A Bahia é um lugar que carrega por causa da sua história e cultura, algo muito particular que termina configurando discursivamente a noção de que todos os baianos são pessoas festeiras, que não possuem disposição para o trabalho, sendo alegres, religiosas, místicas, camaradas e, principalmente, preguiçosas. Essa construção discursiva da imagem dos baianos é decorrente do processos ideológicos de identificação e desidentificação dos sujeitos com certas posições discursivas no decorrer do tempo. Desse modo, este trabalho busca analisar o discurso construído em anúncios publicitários, na tentativa de desmitificar a imagem estereotipada do baiano, incluindo a possibilidade de relacionar a baianidade com outras características como: a de povo trabalhador, hospitaleiro, esforçado, caprichoso, etc. Ele justifica- se pelo fato de contribuir para a compreensão dos modos representativos do discurso baiano e nacional, auxiliando no entendimento da função do discurso e sua relevância no processo de construção da imagem do sujeito com base na Analise de discurso francesa.

Palavras-chave: Imagem; Discurso; Baiano; Baianidade.

1. Introdução

A Bahia e os baianos têm sido caracterizados em diversos gêneros discursivos, inclusive nos gêneros publicitários, a partir de estereótipos sociais que concebem uma certa ideia de baianidade, ou seja, o fato de que todos os baianos são pessoas festeiras, sendo alegres, religiosas, místicas, camaradas e, principalmente preguiçosas porque não possuem disposição para o trabalho. No entanto, percebe-se que essa imagem estereotipada foi construída a partir de discursos proferidos ao longo do tempo que tornaram-se ideias cristalizadas na sociedade. A Bahia é vendida nas agências de turismo e na publicidade

justamente pelo material humano, pois além das praias e paisagens deslumbrantes, o que faz – se atrativo aos olhos dos turistas é também a alegria, simpatia, o molejo das mulheres e a simpatia do baiano.

Considerando que a imagem do baiano vendida discursivamente nesses anúncios de turismo, como povo festeiro e preguiçoso está baseada em estereótipos e, portanto, a publicidade utiliza discursos que trazem a tona os estereótipos já construídos pela sociedade, este artigo propõe uma análise de algumas propagandas de turismo presentes na revista Turismo e Viagem da editora Abril com base na Análise de Discurso de linha francesa, com foco nas ideias de Orlandi (2005) e Pêcheux (1990, 1997), Indursky (2000) pretende também investigar a representação discursiva do baiano em anúncios publicitários. Objetiva – se, ainda, nesse artigo, responder aos seguintes questionamentos: Que Formações Discursivas e Ideológicas permeiam a construção da imagem do baiano nesses anúncios? Que gestos do interdiscurso são retomados com tais anúncios publicitários? De que forma o anúncio publicitário, que por sua vez possui uma linguagem sedutora, vende a imagem do baiano trazendo à tona estereótipos construídos historicamente? Com base nesta concepção, procura-se compreender a forma como o anúncio publicitário constrói a baianidade que pode ser entendida como.

> (...) a argumentação centrada no modo de ser das pessoas, suas habilidades e qualidades, é também explorada nas alusões à cidade de Salvador. De forma muito simplificada, pode – se dizer que, na literatura e canções, os baianos típicos mais marcantes são essencialmente simpáticos, afáveis, sedutores, volúveis, espertos... . (MARIANO, 2009, p. 71)

É possível afirmar, a partir de uma análise preliminar de anúncios veiculados em sites que promovem o turismo na Bahia, como site da Bahiatursa, por exemplo, que a imagem do baiano vem sendo marcada historicamente por estereótipos relacionados à sua forma de agir, falar e trabalhar, enfim, ao seu modo de ser. Assim, partindo do pressuposto que nenhum discurso surge aleatoriamente de modo completamente isolado, mas sempre surge a partir de um já dito, de uma rede de pré – construídos (HEINE, 2012, p.49), procura-se então, observar a forma como os já-ditos sobre a baianidade se mostram nas propagandas, que características estão silenciosamente ou mesmo explicitamente reveladas nestas, e que estereótipos ecoam nos discursos veiculados por tais anúncios, trazendo em si gestos do interdiscurso, do já dito sobre os baianos e o modo de ser dos mesmos, ou seja, sobre a baianidade.

2. Um breve esboço teórico

A Análise do Discurso de Linha Francesa doravante ADLF surge a partir do momento em que se percebe a necessidade de extrapolar o contexto estritamente formal da língua, ou seja, quando a mesma passou a ser vista como sistema relativamente estável sujeito aos aspectos históricos sociais e ideológicos.. A ADLF apóia- se no tripé: estruturalismo saussuriano, psicanálise lacaniana e materialismo histórico de Marx. No que se refere ao estruturalismo saussuriano, o mesmo define as estruturas da língua em função da relação que elas estabelecem entre si no interior do mesmo sistema linguístico, a língua como sistema (HEINE, 2012). Porém, na Análise de discurso francesa, extrapola-se a ideia de língua como sistema autônomo, principlamente quando Pêcheux (1990) questiona essa total autonomia da língua, afirmando que a mesma é um sistema relativamente autônomo, constituitvamente marcado pela História e pela ideologia. . A Análise de discurso se apropria da ideia de língua como sistema marcado pela opacidade e extrapola o estruturalismo quando traz para sua análise o sujeito, a história e a ideologia. Diante disto, pode-se afirmar que o discurso não é língua, mas se apropria dela, a fim de se concretizar. Em outras palavras, pode-se observar que a Análise do Discurso de Linha Francesa filia-se à Lingüística, principalmente porque compartilha com essa ciência a ideia de que não existe uma relação direta entre linguagem, pensamento e mundo. Visto dessa maneira, o sujeito da Análise do Discurso de Linha Francesa é assujeitado a uma ideologia e às estruturas da sociedade na qual convive. Não é livre para dizer o que quer, pois está subordinado a formações discursivas e ideológicas. Ao contrário, a relação entre sujeito, língua e sentido é mediada, constitui-se a partir de um trabalho simbólico e é socialmente construída. Diante disso, a língua é vista como opaca e não-transparente. Os sentidos não são estáticos, mas derivam de posições ideológicas dos sujeitos do discurso. Investigar, portanto, a representação discursiva da baianidade é admitir que ela não é fixa mas baseia-se na relação entre já-ditos, entre sujeitos interpelados pela ideologia e pela História.

> A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação de uma realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história, para que haja sentido (ORLANDI, 2005b, p. 48).

Dessa maneira, a ADLF considera a ideologia como mecanismo responsável por gerar sentidos na língua; ela é, portanto, o efeito da relação entre sujeito e língua, efeito que gera sentidos diversos, mutáveis e não fixos. Quanto ao materialismo histórico, a AD apoia-se no fato de o discurso ser a materialização da ideologia, como afirma Mussalim (2001) "As ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que produzem as relações de produção".

Assim, o lugar essencial em que a ideologia é materilizada é o discurso. A respeito da psicanálise de Lacan, a Análise do Discurso postula que os discursos são resultados de vozes do Outro, vozes estas que trazem a existência do Outro, ou seja, o sujeito é marcado pelas vozes que constituem o inconsciente. É do inconsciente que provêm as vozes da família, da lei, da escola, que interpelam o sujeito, constituindo-o enquanto tal. A Análise de Discurso de Pêcheux leva em consideração que o sujeito enunciador não é senhor de sua vontade e que o mesmo sofre as coerções de uma formação ideológica e de uma formação discursiva como também é submetido à sua própria natureza inconsciente (MUSSALIN, 2001). Sobre as formações discursivas e ideológicas, entende – se que segundo Pêcheux, as primeiras referem se àquilo que pode e deve ser dito de acordo com a posição do sujeito na conjuntura social e, por fim, as formações ideológicas definidas por Pêcheux (1997) da seguinte forma:

> Cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras." (PÊCHEUX, 1997, p. 166)

Construiu-se ideologicamente que a baianidade, segundo Mariano (2009) é a "ideia de Bahia" ou "que faz ser baiano", e esta sempre esteve relacionada com a alegria inata, a festa, sendo assim construções discursivas que resultam hoje em uma das formações discursivas a respeito do baiano.

> Outros tipos de construções utilizadas que estabelecem vínculos fortes entre o tema da alegria e a Bahia acionam discussões como o sentido da vida, disposição inata ou a herança cultural, Através da comparação entre tipificações regionais. (MARIANO, 2009, p.129)

Uma vez que o discurso não é inocente e nem transparente, conclui se que em um mesmo momento estão em embate inúmeras posições discursivas e ideológicas que constituem a língua e o sujeito. Relacionando a base teórica oferecida pela Análise de

Discurso com as ideias sobre o que é ser baiano e sobre a baianidade, pode-se perceber o modo de funcionamento destas representações discursivas, bem como seus modos de circulação social e sua relação com os já-ditos, no fio do interdiscurso., que segundo Fernandes indica:

> A presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva. Diferentes discursos entrecruzados constitutivos de uma formação discursiva dada: um complexo dominante."(FERNANDES, 2008, p.49)

Assim sendo, através de um estereótipo, o sujeito enunciador cria uma imagem do baiano relacionada a uma categoria social preexistente. Ao mesmo tempo, difunde – se a representação dos grupos aos esquemas coletivos que se concebe como interiorizados ou melhor, cristalizados na sociedade à qual o discurso se dirige. Segundo Amossy (2005b, p. 125-126):

> A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. AMOSSY (2005b, p. 125-126)

Percebe-se ainda que esses estereótipos são bastante difundidos,ainda que de forma implícia na linguagem publicitária, pois o objetivo da mesma é vender uma imagem agradável aos turistas que porventura venham visitar a Bahia, transformando o discurso em algo sedutor, mas que comporta em si os tais estereótipos construídos historicamente e ideologicamente na sociedade.

3. O discurso publicitário de turismo: propagador da baianidade

A Análise de Discurso de Linha Francesa que considera os processos e as condições de produção de linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que falam e as situações históricas e ideológicas em que se produz o dizer, leva em conta o homem na sua historicidade e a sua construção ideológica a partir dos discursos proferidos ao longo do tempo, é o arcabouço teórico no qual está centrado esse projeto.

Desta forma, a publicidade tem como função social informar, divulgar e estimular o mercado consumidor a satisfazer suas necessidades emocionais e físicas, e o turismo, enquanto fenômeno socioeconômico, objetiva encontrar nos persuasivos discursos publicitários um terreno fértil para divulgar seus produtos e serviços, que são envolvidos por uma atmosfera de magia e sedução. Esse discurso de sedução e magia, prometido pelo turismo e propagado pelos anúncios publicitários, será objeto de análise deste estudo, sendo que o anúncio publicitário de turismo exerce o papel de difusor de discursos com os quais o ser humano pode entrar em contato, fazendo circular certas imagens discursivas e ideológicas e certos estereótipos sobre diversos grupos sociais que nele são representados.

Nos anúncios de turismo analisados, é possível afirmar que a Bahia é representada pela "baianidade" das pessoas, ou seja, por um modo de ser particular dos baianos, algo inato e específico das pessoas que nascem na Bahia. A noção de baianidade é marcada, ainda que implicitamente, pela indisposição para o trabalho, limitando os baianos no estereotipo daquele que fica em rede, praia, e a arte como símbolo de atividades que são avessas ao esforço físico, definindo – os como preguiçosos.

Essa construção discursiva da imagem dos baianos é decorrente dos processos ideológicos de identificação e desidentificação dos sujeitos com certas posições discursivas no decorrer do tempo, uma vez que esta também contribui para a formação, consolidação, desmistificação ou reforço de certa imagem da baianidade que circula nos meios midiáticos de um modo geral, apreendendo através deste a forma como se oculta ou constroem os estereótipos na sociedade através da propaganda de turismo contribuindo para a compreensão dos modos representativos do discurso sobre a baianidade no âmbito nacional e internacional, auxiliando no entendimento da função do discurso e sua relevância no processo de construção da imagem do sujeito com base na Analise de discurso francesa, além de elucidar de que os anúncios publicitários se configuram como difusores de discursos e ideologias, contribuindo para a criação e manutenção de estereótipos sociais.

4. O que é essa tal baianidade?

Baianidade é segundo Mariano (2009) o termo surgido na segunda metade do século XX, quando a Bahia tornou – se vista como um mercado industrial e foco de turismo. Diz – se da baianidade o conjunto características relacionadas ao baiano e a Bahia. Podemos aqui elencar várias características que automaticamente nos fazem lembrar o modo de ser

particular do baiano: a malemolência, a simpatia, a alegria, a preguiça, o gosto pela festa, como também outras marcantes como a religiosidade, a sensualidade corporal e o apreço pela comida bastante condimentada.

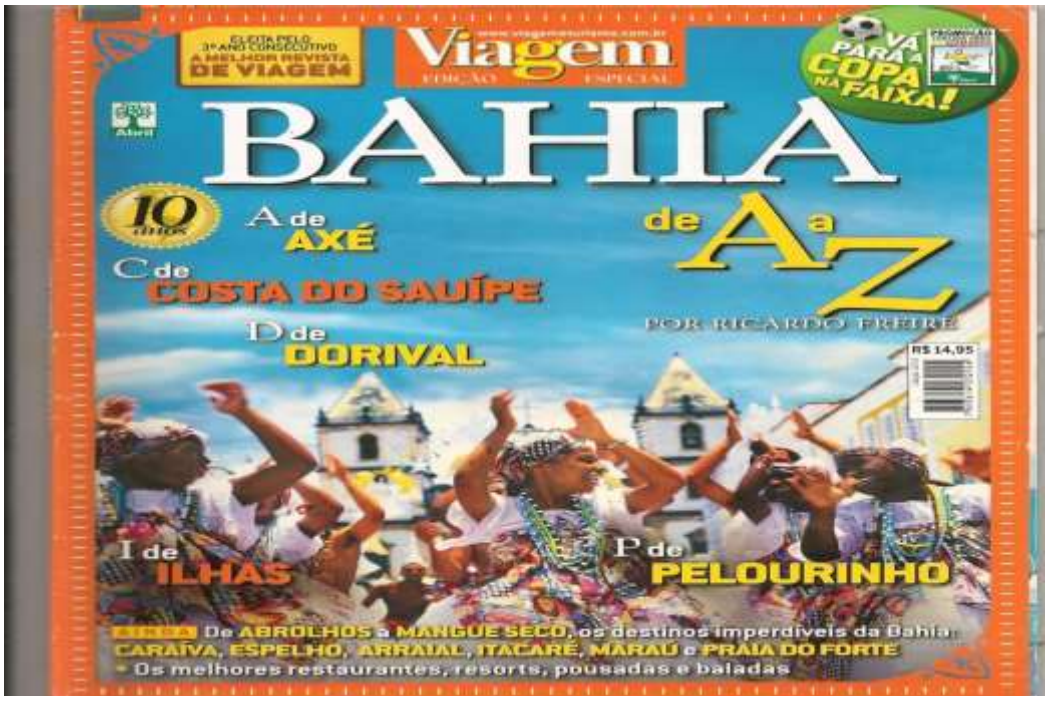
O termo malemolênica, por exemplo, sempre esteve relacionado com a formação étnica da Bahia, que, com base em estatísticas diversas, podemos afirmar que é o Estado em que há a maior concentração de negros. Vale ressaltar que a Bahia foi o Estado que mais recebeu escravos na época do Brasil escravocrata, sendo, portanto, um local onde se encontravam negros de várias etnias africanas que foram utilizados como mão de obra escrava até fins do século XIX. Daí, a grande importância da cultura negra na região, uma vez que os negros africanos marcaram a cultura brasileira com vários elementos que se misturaram àqueles trazidos pelos portugueses e indígenas. A afro- descendência, além de fornecer ao Brasil e à Bahia grandes frutos provenientes do trabalho empregado no período escravocrata, emprestou à Bahia toda a ginga, dança, música e sensualidade dos negros africanos, tornando – se parte do discurso da identidade baiana, que é caracterizado por abrigar uma grande mistura de raças num só lugar, afinal, foi onde nasceu o Brasil.

Ser baiano ou seja, possuir a baianidade segundo Aurélio(2007) compete a quem:1 nasceu na Bahia; 2 possui o jeito malemolente de falar, agir ou andar; 3 ser artista (já que na Bahia é onde surge o maior número de artistas conhecidos em âmbito nacional ou internacional.

Chama a atenção o fato de no próprio dicionário haver a menção ao jeito malemolente de ser do baiano, o que indica que este sentido de baianidade já está tão naturalizado que chega a fazer parte do dicionário. A ideia de preguiça ou malemolência baiana remonta ao período escravista em que os negros africanos ofereciam toda espécie de resistência ao trabalho escravo, inclusive, fazendo "corpo mole para o trabalho", realizando as tarefas de modo lento, a fim de resistir ao sistema que os oprimia. Assim, se dizia que os negros eram preguiçosos e, aos poucos, por ser um Estado de maioria negra, esse estereótipo ficou ligado ao baiano de modo geral.

A Bahia também vulgo chamada “ Roma Negra” teve sua fama disseminada através de Dorival Caimmy, Maria Betânia, Caetano Veloso que em suas canções disseminavam o *modus vivendi* dos baianos, como também o saudoso Jorge Amado que na literatura descreveu com tanta propriedade a vida cotidiana dos baianos. Vale ainda ressaltar que de acordo com Mariano (2009) esta tal baianidade parece referir – se e delimitar a Bahia como sendo apenas Salvador e algumas poucas cidades do Reconcavo Baiano.

5 Análise de *corpus*

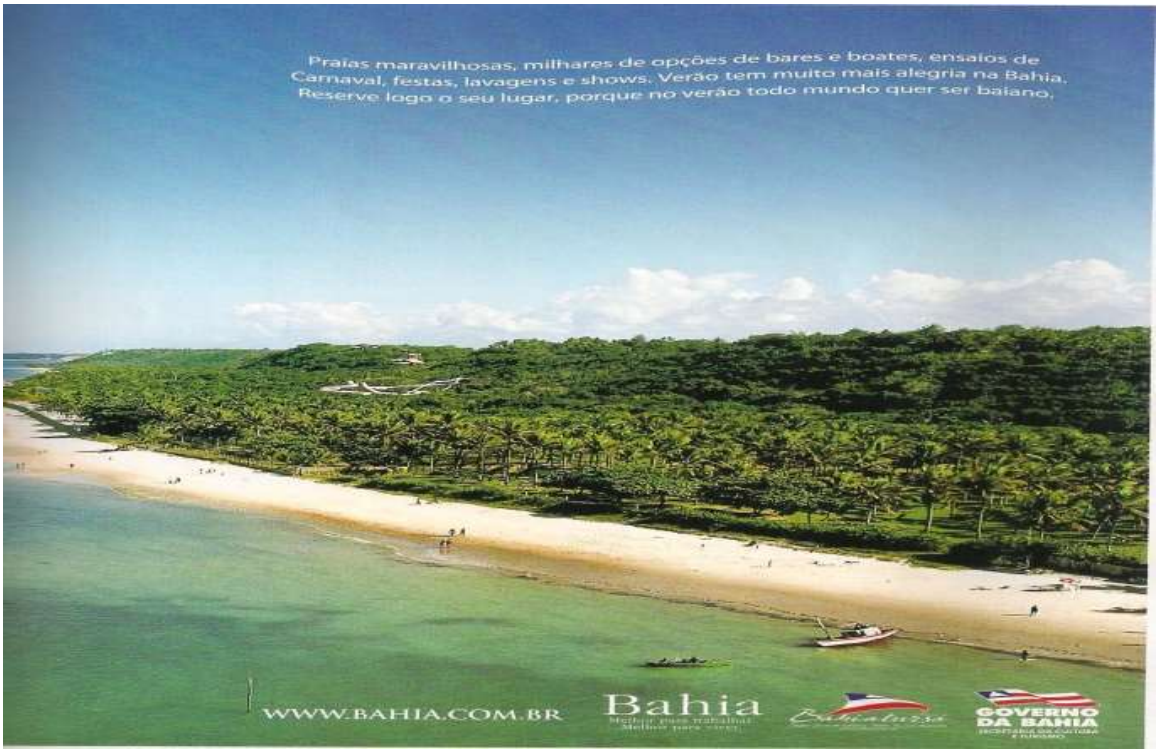


As propagandas escolhidas para análise neste artigo são da revista Viagem E Turismo da Editora Abril edição especial de dezembro de 2005 edição 122- B intitulada “ Bahia de A a Z ”. Já na capa da edição, conseguimos captar alguns elementos que representam a baianidade, trata – se da Lavagem do Bonfim, festa popular muito tradicional na Bahia onde há baianas que festejam o dia do orixá Oxalá e, como plano de fundo, percebe – se uma igreja situada no Pelourinho, marcando aí um outro elemento marcante para a imagem do baiano que é o sincretismo religioso, ou seja, a mistura entre candomblé e catolicismo.

A festa em questão, já é sabido que se trata de uma festa religiosa sincrética, ao mesmo tempo que as baianas lavam as escadarias da igreja do Bonfim (igreja e santo de origem católica), cultuam Oxalá no candomblé, daí se percebe a mistura de cultos religiosos: catolicismo x candomblé, ainda num ambiente que possui grande carga histórica, que se tornou patrimônio histórico da Bahia que é o Pelourinho nome este que deriva do lugar onde negros africanos eram castigados em praça pública. Sendo assim é possível observar a predominância de pessoas da raça negra e ainda outros mestiços, mulatos, que foram derivações das misturas étnicas.

Nesta imagem ainda podemos citar a expressão da alegria e das festas que segundo é veiculado na construção da imagem do baiano, são elementos centrais na construção da

baianidade, sendo a alegria um elemento inato e essencial dos baianos. É como se todo baiano já nascesse dotado de uma alegria tamanha, dote genético, inquestionável, a alegria é propriedade inata, uma característica da baianidade. E por fim, a própria festa que é elemento representativo da baianidade, pois como já foi cantado em letras de canções "todo dia tem festa na Bahia", o que retoma também gestos do interdiscurso sobre o baiano que dizem que Baiano gosta mesmo é de festa. Segundo Heine (2012) Essas características correspondem a uma doxa, ou seja, estão ligadas a uma opinião geral que se constitui de um conjunto de propriedades sobre o que é ser baiano, e sobre como se vive na Bahia (HEINE, p. 44, 2012)



Para se realizar a análise dos dados, resolvemos elencar algumas das características estereotípicas que constituem a baianidade e, a partir delas, observar as propagandas selecionadas. Neste trabalho, destacamos as seguintes características: a alegria e a preguiça sobre as quais falaremos a seguir.

Na propaganda publicitáris acima selecionadas, há a menção ao estereótipo da

alegria inata do baiano. Na mesma, que pretende vender a imagem do verão baiano aparece em destaque uma bela praia e do seguinte enunciado acima da mesma: "Praias maravilhosas, milhares de opções de bares e boates, ensaios de carnaval, festas, lavagens e shows. Verão tem muito mais alegria na Bahia. Reserve logo seu lugar porque no verão todo mundo quer ser baiano."

A imagem da Bahia construída no enunciado retoma elementos do interdiscurso que dizem que na Bahia é festa o ano e os turistas que escolhem esse destino devem encontrar festas, bares, shows, lavagens, diversão de todos os tipos. A praia, colocada ao fundo é um atrativo natural do Estado, mas o que lhe confere identidade, o que o diferencia dos outros é justamente a alegria. Há a recorrência da ideia de que a alegria é essencialmente uma característica do baiano. O "verdadeiro baiano" é festeiro, alegre, sempre está sorrindo. Tal característica retoma discursos sobre a baianidade que remontam à época da escravidão, em que negros escravos, apesar de todas as suas dificuldades, se reuniam para cantar e dançar, numa forma de resistência ao sistema escravocrata. Assim, a noção de que o baiano é alegre e festeiro retoma já-ditos do interdiscurso sobre a constituição do povo baiano e da Bahia. Desta forma foram reunidos os seguintes enunciados:

"**Verão tem muito mais alegria na Bahia";**

"**Baiano é festeiro por excelência";**

"**Quem nunca sonhou em descobrir por que o baiano vive sorrindo?;**

"Cortesia, simpatia e alegria são características inatas do baiano";

Os enunciados acima destacados, corroboram com a ideia de que a alegria é algo inato ao baiano. A repetição dessa ideia faz com que se crie uma imagem de que baiano que é baiano tem que ser alegre Na publicidade do governo da Bahia, no discurso da revista Viagem e Turismo e também na empresa de viagens CVC, há recorrência a essas ideias sobre a baianidade. Daí observa – se que existe uma regularidade no discurso sobre a baianidade, reafirmando que a alegria, a festa fazem parte do que se diz "ser baiano". Neste discurso percebemos a seguinte formação discursiva de que o baiano verdadeiro é alegre e gosta de festa.

Assim há a noção construída de que o baiano possui uma felicidade inata, e que na Bahia a alegria é intensificada; é próprio do baiano ser alegre e o que se observa também nas imagens da capa em que as baianas e as pessoas ali representadas estão sempre sorrindo, discurso que gera certa imagem do baiano ou seja, sempre sorrir, é o discurso identificador do baiano;

Essa formação discursiva pode justificar – se pelo período de colonização brasileira. Os negros escravos faziam rituais diversos não só religiosos, mas também como protestos aos malfeitores, produzindo barulho de tambores e atabaques. Os interpretavam esses momentos como momentos festivos, mas destaca-se que eram momentos de resistência No serviço às casas dos senhores, os escravos negros eram instruídos a estarem com boas feições e simpatia para bem receber as visitas, caso contrário, poderiam sofrer sanções. Dessa forma os portugueses que aqui estavam diziam que "mau humor" não pertencia aos negros. Esse discurso sobre a alegria do baiano ficou cristalizado na sociedade, referindo sempre a alegria como algo próprio de ser baiano.

> A festa como construtora de identidade forma de convívio entre classes diferentes, rompimento de barreiras, criação. Efetivamente, as festas têm uma presença marcante na cidade, sempre conquistando uma participação popular expressiva, mesmo quando partem de uma motivação fundamentalmente religiosa. Elas desempenham um papel chave também como atrativo turístico, ao lado das belezas naturais e patrimônio histórico da cidade. O que é facilmente confirmado, por exemplo, nos materiais publicitários produzidos pela empresa governamental de turismo , Bahiatursa, que utiliza exaustivamente o tema festa, entre outros costumes locais, como forma de atrativo.(MARIANO, 2009, p.89- 90)

A figura 2 reforça esse estereótipo com uma criança sorrindo e com o enunciado: quem nunca sonhou em descobrir porque o baiano vive sorrindo? fato também de na Bahia sempre ter festas independente do dia , ou da época do ano, criou se o estereotipo do baiano festeiro, tornando assim essa característica também da baianidade, elemento este que difunde a imagem da Bahia em âmbito internacional. Neste discurso percebemos gestos do interdiscurso em que se silencia o gosto dos baianos pelo trabalho, uma vez que baiano só pensa em festa; na Bahia é festa o ano inteiro.

Há então, o aparecimento de uma segunda formação discursiva, a Fd2: relacionada com a preguiça e o desgosto pelo trabalho tornando-o preguiçoso. O trabalho desenvolvido pelos baianos é ,muitas vezes, visto como diversão, não sendo considerado trabalho já que a ideia de trabalho envolve, na maioria das vezes, a noção de fardo, sendo visto como algo que não é prazeroso.

No discurso proferido nas propagandas da figura 1 e 2 há o silenciamento do gosto do baiano pelo trabalho a partir do momento que se repete que o mesmo só pensa em festa e que o mesmo está sempre sorrindo.

De acordo com Aurélio (2007) Trabalho "s.m. Atividade física ou intelectual que visa a algum objetivo; labor, ocupação. O produto dessa atividade; obra. Esforço, empenho. Fig. Preocupação, cuidado, aflição" (AURÉLIO, 2007)

Partindo do pressuposto que ,segundo descrição de dicionários sobre trabalho, pode – se perceber que as atividades relacionadas ao esforço físico, empenho e aflição, tais atividades não se relacionam com a ideia de baianidade colocadas nas propagandas, relacionando o trabalho baiano quase sempre com atividades de pouco esforço físico como as artes, a pesca.

Nas propagandas que mostram o baiano trabalhando quase sempre são colocadas imagens de trabalhos informais, ou de atividades prazerosas, o que nos faz refletir sobre a ideia de trabalho imputada ao povo baiano. como se as atividades realizadas pelos baianos não fossem enquadradas no rol do trabalho verdadeiro, por envolver expressão de felicidade e prazer, já que como a própria descrição dicionarizada mostra, o trabalho é relacionado com o esforço físico, a preocupação, a aflição.

Segundo Maingueneau & Charedeau (2004, p. 213) estereotipado designa, do mesmo modo, o que é fixo, "cristalizado", e os estereótipos podem ser também entendidos como "imagens prontas que medeiam a relação do indivíduo com a realidade", ou ainda como representações coletivas cristalizadas, crenças pré – concebidas, frequentemente nocivas a grupos ou a indivíduos[...] Assim, pensar em um baiano pressupõe, por exemplo, atrelar a ele determinadas características estereotípicas que estão inscritas na esfera social, dentre as quais se destaca o caráter preguiçoso e descansado atribuído socialmente aqueles que nasceram na Bahia. (HEINE, 2012, p. 45)

Nas imagens sobre o turismo na Bahia, é recorrente a presença de praia (simbolizando a maresia, a preguiça, a vida "mansa"), o Pelourinho ou casarões históricos (simbolizando o patrimônio histórico da colonização, sempre remontando a história de construção da Bahia e do Brasil), igrejas, santos e orixás (representando o sincretismo religioso e a afeição a religiosidade baiana) e a festa e o sorriso (mostrando o gosto pela festa e a alegria sem fim dos baianos).

6. Considerações finais

Como pôde ser explicitado no decorrer deste artigo, a publicidade se apoia em discursos que identificam os baianos através das características da sua baianidade. O turismo vende a alegra e a festa dos baianos silenciando as outras vozes do interdiscurso filiando – se a formações discursivas e ideológicas que se ligam a estereótipos sociais, fazendo circular determinadas representações dos que nascem na Bahia e uma dada construção da baianidade.

Como tudo nas relações sociais, a vocação turística de Salvador também foi tecida, construída aos poucos, chegando nas últimas décadas do séc.XX a um acentuado grau de elaboração que se enriquece cotidianamente. Este aspecto assume contornos ainda mais especiais quando se lembra que se tratando de uma cidade voltada para o turismo, não é possível preterir da convivência face a face e da construção de uma imagem social. (MARIANO, 2009, p.21)

Vale ressaltar também que na ADLF considera a língua como opaca, marcada pela ideologia e pela história. Tais marcas podem ser observadas nas próprias ideias de baianidade como símbolo de preguiça, malemolência e alegria inata, e não apenas a um modo de ser do baiano, isolado das questões ideológicas e de trabalho que, relacionada aos baianos, ganha outros sentidos, como atividade que não exige esforço físico ou que envolve prazer.

Referências

HEINE, Palmira**. Tramas e temas em análise do discurso**- Curitiba-PR: CRV, 2012.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos-SP: Claraluz, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

CARVALHO, Nelly. **Publicidade: a linguagem da sedução**. 3. ed São Paulo, SP: Ática, 2001.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Cristina (orgs.) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. (Volume 2). São Paulo: Cortez, 2001.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

PEREIRA. Rosane Conceição. **Discurso e Publicidade: dos processos de identificação e alteridade pela propaganda brasileira.** Tese Doutorado pela Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2006. Disponível em http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2007-03-23T103332Z-695/Publico/TeseRCPD.pdf

FILHO, Raul Nogueira de Souza. **O Gênero Textual na Publicidade: uma análise a partir da Língua da Mídia no contexto acadêmico.** Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Amazonas, 2011. Disponível em http://www.ppgccom.ufam.edu.br/attachments/article/211/Dissertacao_Raul_O-G%C3%AAnero_Textual_na_Publicidade.pdf

FERNANDES, Taiane; NOVA, Luiz. **Mais definições em trânsito Baianidade**. Artigo publicado em anais em 26 de janeiro de 2010. Disponível em: http://www.setur.ba.gov.br/2010/01/26/mais-definicoes-em-transito-baianidade/ acessado em 01.07.2013.

O GÊNERO ARGUMENTATIVO ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE OS ENUNCIADOS DE CONSENSO E DE POLÊMICA

RINALDO GUARIGLIA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE

Resumo
Este estudo revela regularidades que justificam a circulação das mesmas ideias nas redações argumentativas escolares. Por meio da teoria bakhtiniana, encontramos que os diálogos com a voz social, com a proposta de redação, e principalmente com o interlocutor-examinador inserem, em meio à dispersão do discurso, uma gama de propriedades que ora são manifestações da categoria consensual, ora da categoria polêmica; sempre de acordo com o exercício argumentativo a que se propõe o enunciador. Entre essas propriedades estão a aplicação de noções totalizantes, a organização de enunciados descritivo-causais, a observação de um raciocínio dedutivo, o distanciamento da proposta de redação ou a aproximação com ela, a inserção de enunciados interrogativo-retóricos, determinados marcadores linguísticos. A mesmice apresentada pelas redações não revela apenas o consensual, por meio do senso comum; o gênero argumentativo também apresenta rompimentos com a ordem do consenso, que caracterizam a categoria polêmica.

Palavras-chave: Dissertação Escolar; Diálogo; Consenso; Polêmica.

1. As Categorias Senso Comum e Polêmica

A concepção de polêmica consiste no levantamento de proposições que procura validar, ou não, os conceitos dados, sejam eles quais forem, mas, principalmente os mais formalizados. A ação de polemizar não significa necessariamente refutar um conceito consensual e instituir um novo, que até pode tornar-se um novo consenso; significa promover um debate em que há uma contraposição de conceitos, mesmo que, no final, prevaleça o consenso. Trata-se de um jogo argumentativo cuja gênese é o conceito consensual, seja para, total ou parcialmente, confirmá-lo, ou refutá-lo. Nesse exercício, atua a categoria polêmica cuja essência é a ação de uma consciência crítica.

Engrossar a voz que o produtor entende como predominante em um meio social, em determinadas situações, auxilia a legitimação de um ponto de vista; inclusive, sem a necessidade de contraposições. É o recurso da não polêmica. Em contextos nos quais a temática obedece a uma espécie de ordem social, a categoria consensual aparece geralmente como recurso persuasivo fadado a um sucesso argumentativo. O enunciador promove, assim, a ilusão de que a voz do produtor corrobora a voz social, como se a opinião dispensasse qualquer questionamento. Como exemplo, destaquemos a proposição de um tema como

“democracia”. A nossa sociedade entende, mas não em sua totalidade, que ela deve ser estabelecida, e mantida, como o sistema político mais adequado.

Dessa forma, a argumentação desse gênero é construída, principalmente, sob duas categorias imanentes ao texto argumentativo: a *categoria consensual* e a *categoria polêmica*. A primeira compreende o conjunto de conteúdos aceitos por um determinado grupo social em determinado momento histórico; enquanto a segunda se institui por meio da contradição de dados acatados como consensuais, ou pelo embate de proposições que pode resultar na instituição de um novo consenso.

Assim, polemizar não significa necessariamente refutar um conceito consensual e instituir um dado novo; significa promover um debate em que há contraposição de conceitos, mesmo que, ao final, prevaleça o conceito consensual. Trata-se de um jogo argumentativo cuja gênese é o sentido consensual, seja para confirmá-lo total ou parcialmente, seja para refutá-lo. Nesse exercício, atua a categoria polêmica cuja essência é a ação de uma consciência crítica.

2. As Matrizes Dialógicas

As categorias de consenso e de polêmica arranjam-se a partir de matrizes dialógicas centradas no produtor, no interlocutor, no meio social imediato e na proposta de redação.

Essas quatro posições subjetivas organizam basicamente três relações dialógicas importantes para o estabelecimento da argumentação do gênero escolar: a relação entre o produtor e o avaliador, a relação do produtor com o meio sócio-histórico e a relação do produtor com a proposta de redação. Designamos *matrizes dialógicas* do texto argumentativo escolar essas três vias dialéticas.

Observaremos que elas não se excluem; pelo contrário, elas associam-se de forma a estabelecerem a manifestação de propriedades típicas do discurso e do texto argumentativo.

2.1 A Primeira Matriz Dialógica: O Produtor e a Voz Social

O pensamento bakhtiniano entende que a consciência individual não é destituída das implicações geradas em um meio social, histórico e ideológico:

> Não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que o signo se constitua. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. *A consciência individual é um fato sócio-ideológico*. (BAKHTIN, 2004, p. 35, grifos do autor)

A linguagem penetra em todos os diálogos, é onipresente socialmente; compreende "fios ideológicos" que servem às relações sociais; assim, um discurso é o indicador mais direto das transformações da sociedade, conforme expõe Bakhtin (Ibid., p. 41). A matriz produtor e demais vozes sociais é uma relação dialógica que propicia conceitos de que provêm o tema, o recorte temático e os argumentos, e participa da promoção de debates entre os conceitos no gênero argumentativo escolar. Dessa forma, é a matriz do embate ideológico entre os conceitos ligados ao tema inserido pela proposta. Segundo Bakhtin (Ibid., p. 66): "Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais". O contraditório é uma função lógica necessária à polêmica ou à manutenção do consenso.

O produtor de uma forma qualquer de expressão está predisposto a discursos massificados, em boa parte devido às interpretações preexistentes. Isso significa que nem sempre são os acontecimentos, principalmente aqueles de grande repercussão, que originam a interpretação dos indivíduos em sociedade. As interpretações "aguardam" a ocorrência de um fato referente a elas para emergirem-se. Trata-se, portanto, de recorrências periódicas dos mesmos conteúdos institucionalizados, que imergem após um prazo em que se tornaram objetos de discussão social, a partir das investidas da mídia, e emergem sempre que as condições para isso se deem: a ocorrência de um acontecimento de relevância midiática.

Rancière (2004, p. 3) assim compreende o processo de formalização das interpretações que preexistem aos acontecimentos:

> Não é a imagem que constitui o núcleo do poder midiático e de sua utilização pelos poderes. O núcleo da máquina de informação é, mais exatamente, a interpretação. Tem-se necessidade de acontecimentos, mesmo falsos, porque suas interpretações já estão aí, porque elas preexistem e chamam esses acontecimentos.

E, conclui o pensador (Ibid., p. 3, grifos do autor):

> É preciso que sempre haja acontecimentos para que a máquina funcione. Mas isso não quer dizer apenas que é preciso o sensacional para vender notícias. Não basta simplesmente noticiar. É preciso fornecer material à máquina interpretativa. Esta não tem necessidade apenas de que aconteça sempre alguma coisa. Tem necessidade de que aconteça também um certo tipo de coisas, os chamados "fenômenos de sociedade": acontecimentos particulares que ocorrem num ponto qualquer da sociedade a pessoas comuns, mas também acontecimentos que constituem sintomas por meio dos quais o sentido global de uma sociedade possa ser lido; acontecimentos que atraem uma interpretação, mas uma interpretação que já está aí antes deles.

Ainda a respeito do estereótipo, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 214-6) expõem uma aplicação que vai além de um *prêt-a-penser* — uma condição que alimenta discursos mais ou menos conscientemente; explicam que a apreensão de elementos preexistentes é indispensável à realização da fala: "o locutor não pode se comunicar com os seus alocutários, e agir sobre eles, sem se apoiar em estereótipos, representações coletivas familiares e crenças partilhadas" (Ibid., p. 216). Assim, a estereotipia consiste em um recurso argumentativo que procura, nas palavras dos autores, *naturalizar o discurso*, ou seja, obliterar a ideologia que se esconde por meio de ideias aparentemente inocentes; em outras palavras, trata-se de ocultar o cultural, por meio da roupagem da evidência, a fim de torná-lo natural. Os mesmos autores pontuam que a estereotipia liga-se ao dialogismo (Ibid., p ,216), já que todo enunciado, produzido sobre um já-dito e um já-pensado, refere-se à palavra do outro, ao retomar ou respondê-la.

2.2 A Segunda Matriz Dialógica: O Produtor e a Proposta de Redação

A segunda matriz refere-se à relação dialógica entre o produtor e o texto-estímulo.

Há uma extensa variedade de textos verbais e não verbais que podem constituir um texto-estímulo: editorial (argumentativo), um texto narrativo (por exemplo, uma ocorrência qualquer extraída de jornal, geralmente de grande circulação), charge, poema, crônica, além de muitos outros. Atualmente existe uma tendência dos grandes vestibulares em extrair a proposta de revistas (de periodicidade semanal) e jornais de circulação nacional. E, as mais importantes escolas de nível superior do país desenvolvem um processo de seleção que procura avaliar, além do domínio da linguagem escrita e da capacidade de assimilação dos conhecimentos básicos de cada disciplina, a condição em que o aluno se situa no que se refere ao seu posicionamento diante dos problemas enfrentados pela sociedade em que vive.

A finalidade do texto-estímulo é propor a temática a fim de que o produtor recorte dele um ponto de vista para a execução do exercício de argumentação. Há propostas que especificam, dentre um emaranhado de possibilidades, qual recorte deve ser analisado pelo produtor. Chamaremos esse tipo de proposta de *polarizada*.

A temática da proposta de redação do exame vestibular do qual extraímos os textos para análise versa sobre a redução da maioridade penal dos atuais dezoito anos para dezesseis anos. Dessa forma, trata-se de um texto-estímulo polarizado, unívoco; já que não conduziu o sujeito-produtor a uma temática mais ampla, como a violência, por exemplo; assim, o produtor deve se posicionar ao escolher uma entre duas condições: a favor ou contra a redução da maioridade penal.

Um grave crime, ocorrido três meses antes da realização do processo seletivo, ensejou os questionamentos a respeito da proposta de alteração na legislação, pois o executor do crime foi um jovem menor de idade. O fato originou o texto-estímulo para o exame de redação em primeiro de fevereiro de 2004, do qual extraímos as redações do córpus de pesquisa. O córpus de pesquisa compreende a análise de vinte redações dissertativas produzidas durante o segundo processo seletivo das Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro SP, em 1º de fevereiro de 2004; em que dez textos obtiveram nota acima de 5,0 (cinco), e os outros dez, abaixo dessa nota.

Eis a íntegra da proposta de redação que serviu de texto-estímulo para as redações coletadas para análise:

> Muito se discute atualmente a diminuição da maioridade penal dos atuais dezoito anos para dezesseis, devido a ocorrências graves envolvendo menores de idade, em que eles são autores de crimes bárbaros. Pode-se citar o recente episódio em São Paulo, no qual um casal de namorados foi morto por menores quando ocupavam uma casa em uma fazenda. O crime chocou pelos resquícios de crueldade inimagináveis.
> O assunto é muito polêmico. As pessoas que defendem a responsabilidade pelos atos a partir dos dezesseis anos argumentam que o jovem, nesta idade, já sabe exatamente o que está cometendo; além disso, a medida seria uma forma de conter a escalada da violência. Aqueles que defendem a manutenção da maioridade penal a partir dos dezoito anos justificam, entre outros argumentos, que, além de inconstitucional, a proposta é desnecessária, pois bastam algumas alterações no Estatuto da Criança e do Adolescente para que se atinja um estágio em que se conteriam os atos de violência envolvendo menores.
> Escreva sua redação posicionando-se em relação à polêmica. Exponha seu ponto de vista e defenda-o.

A base dessa matriz dialógica é a interpretação.

A compreensão dos conteúdos que formam a temática da proposta propicia o apontamento de um recorte, a fim de se constituir nele um ponto de vista, e a partir disso possibilitar a implantação das estratégias argumentativas.

As propostas polarizadas mantêm a seguinte característica: o enunciado que determina a polaridade é autossustentável, pois a leitura dele já seria suficiente para o encadeamento do processo de produção. No caso da proposta que estudamos: "Escreva sua redação posicionando-se em relação à polêmica. Exponha seu ponto de vista e defenda-o". No entanto, o adiantamento de alguns argumentos — que defendem a redução da maioridade e outros que se opõem à medida — tornam-se importantes, porque o confronto desses argumentos tem a finalidade de iniciar o debate, para que ele prossiga na redação argumentativa.

Bakhtin entende que a interpretação é uma manifestação dialógica e, em virtude disso, determina a organização de uma réplica, uma "contrapalavra":

> Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. [...] A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*. (BAKHTIN, 2004, p. 131-2, grifos do autor)

2.3 A Terceira Matriz Dialógica: O Produtor e o Interlocutor-Examinador

A terceira matriz consiste na relação entre o produtor e o seu interlocutor. Esta, embora entremeada às outras, constitui-se, a nosso ver, a mais importante das matrizes para a produção argumentativa escolar.

A natureza avaliatória do gênero argumentativo escolar é a razão pela qual essa matriz é muito relevante: a compreensão da proposta, o recorte temático, a indicação do ponto de vista, enfim, o exercício retórico deve ser rigorosamente orientado para o objetivo da atividade, ou seja, a aprovação no processo de seleção.

Esse arranjo pode, inclusive, conduzir o produtor a um contrassenso: ele pode trair sua própria opinião em detrimento de outra premissa que venha a ser mais conveniente às suas pretensões argumentativas; também, pode dar preferência à voz consensual, mesmo que ele

queira polemizá-la, porque há normalmente um risco menor de rejeição de um senso comum. Muitas vezes, esse ponto de vista é defendido por uma maioria de indivíduos em um segmento social. É um contrassenso, pois a finalidade do texto argumentativo é constituir-se um lugar propício e fecundo para a legitimação de conceitos, por meio de um debate entre vozes sociais que convergem e divergem entre si.

A compreensão responsiva de que fala Bakhtin (2003, p. 275-6, grifos do autor) pode explicar o envolvimento dialógico entre o produtor da redação argumentativa e o outro-interlocutor:

> Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja pela alternância dos falantes. [...] Observamos essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais simples e evidente no diálogo real, em que se alternam as enunciações dos interlocutores (parceiros do diálogo), aqui denominadas réplicas. [...] Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita a resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. [...] Essas relações específicas entre as réplicas do diálogo são apenas modalidades das relações específicas entre as enunciações plenas no processo de comunicação discursiva. Essas relações só são possíveis entre enunciações de diferentes sujeitos do discurso, pressupõem *outros* (em relação ao falante) membros da comunicação discursiva.
>
> A réplica consiste na previsibilidade que o produtor deve perceber em função de seu interlocutor-avaliador. As coerções aplicadas para a implantação das estratégias de argumentação preveem e provocam uma atitude responsiva do interlocutor. O mesmo procedimento ocorre na relação do produtor com a proposta de redação, na qual o texto-estímulo exige do produtor uma compreensão responsiva.

Dessas três matrizes dialógicas, dão-se as propriedades dialógicas, que agem no gênero argumentativo escolar para promoverem as categorias argumentativas de consenso e de polêmica.

3. As Propriedades Dialógicas Regidas pelas Matrizes

Postulamos a existência de propriedades dialógicas que entremeiam as categorias de consenso e de polêmica, e que auxiliam a organização das estratégias argumentativas. As propriedades dialógicas advêm de quatro pilares: o produtor, o interlocutor dele (o examinador), as vozes sócio-históricas e o texto-estímulo. A seguir, apresentaremos as nove

propriedades dialógicas, e utilizaremos o tema já proposto anteriormente, a redução da maioridade penal de dezoito para dezesseis anos, para exemplificar as propriedades.

Redução Temática — Consiste em uma limitação da temática indicada pelo recorte do tema proposto; assim, não há ramificações da temática que podem levar ao debate mais amplo. A propriedade redutora está calcada em dados do senso comum. Por exemplo, em um texto, o produtor defende que a exposição à televisão não é benéfica à educação das crianças. Em outras palavras, o produtor apreendeu esse recorte e o conduziu por toda a textualização. Trata-se de uma generalização que é acentuada pelo emprego de determinadas expressões que induzem à totalidade, por exemplo: "É impossível ignorarmos que..." e "sem sombra de dúvidas". Assim, a redução temática é normalmente um recurso argumentativo regido para a categoria consensual.

Adoção Parcial de um Posicionamento — Esta propriedade consiste no acatamento de um dos polos exigidos pela proposta, mas levanta ressalvas para que a adoção de um deles seja validada. Dessa forma, não se dá o rompimento com o texto-estímulo. Por exemplo, um produtor que se coloca a favor da redução da maioridade penal, mas não acredita que a medida possa ter eficácia caso não sejam tomadas outras providências (melhoria da educação, distribuição de renda, etc.). Essa é uma manifestação geralmente articulada pela categoria polêmica.

Rompimento com o Tema da Proposta — Trata-se de um recurso interessante: o produtor rompe com a determinação imposta pela proposta de redação, sem acarretar fuga do tema. A proposta exige que os candidatos se coloquem a favor ou contra a maioridade penal; no entanto, em um texto, o produtor entende que essa questão não é relevante para a contenção da violência. Consiste em uma manifestação da consciência polêmica.

Propriedade Polarizada — A condução de um raciocínio sofre um vazio lógico. Passa-se de um polo a outro, sem que sejam expostos os estágios intermediários que venham a acarretar determinado pressuposto. Tais vazios poderiam incitar contra-argumentações prejudiciais à investida consensual. Em uma redação, o produtor defende que os meios de comunicação contribuem para que os jovens se familiarizem com o crime. O enunciado carece de argumentos que justifiquem os dois polos: a causa e o efeito. O produtor não indica quais os meios levariam as crianças a familiarizarem-se com o crime em função da influência da mídia.

Interrogativa Retórica — A interrogativa retórica refere-se à tentativa de refutar um argumento por meio de um questionamento, cuja principal característica é trazer já a resposta

em seus entremeios, a fim de que o interlocutor não possa contradizê-la. Exemplificando: Note o enunciado *É correto que adolescente esteja acompanhado de um criminoso adulto?* Essa interrogativa já traz a seguinte resposta na sua subjacência: *Obviamente a companhia de um criminoso adulto não é adequada a um adolescente, pois é provável que o jovem seja mal influenciado.* Dessa forma, o enunciado interrogativo retórico não depende da manifestação de uma resposta do interlocutor, em nível da materialidade, no diálogo real. É geralmente uma manifestação polêmica.

Diálogo com a Proposta de Redação — Refere-se ao aproveitamento de conceitos, argumentos, proposições, tese, dados expostos pela proposta de redação. Por exemplo, o interdiscurso proveniente de um dos argumentos dos defensores da redução da maioridade penal: os jovens de dezesseis anos já têm ciência dos atos que possam cometer. Trata-se de um recurso argumentativo importante que serve indiferentemente o consenso e a polêmica.

Respeito ao Raciocínio Lógico-Dedutivo: hipótese-argumento-tese — Este raciocínio lógico compreende a organização do texto argumentativo escolar em premissa (ou hipótese, introdução), argumentos (ou desenvolvimento) e tese (ou conclusão). O ensino tradicional de redação formalizou esse método como o mais adequado — e quase exclusivo — para a condução do pensamento argumentativo. Como propriedade dialógica, a observação desse raciocínio lógico pode indicar a observação de uma ideia formalizada, consensual; e, portanto, atinente ao senso comum das práticas pedagógicas conservadoras. Esse método é entendido como seguro para o produtor, pois ele enquadra o pensamento lógico em áreas pré-determinadas do texto. Em função dessa compartimentagem limitante das idéias, é manifestação da categoria consensual.

Enunciados Argumentativo-Descritivos e Descritivo-Causais — O emprego de enunciados descritivos é um recurso dialógico que consiste na exposição de características que compõem um cenário referente ao tema que se procura desenvolver no texto. O produtor, na verdade, argumenta por meio de constatações, que geralmente são lugares-comuns para o interlocutor; algumas vezes, essas descrições são paráfrases de conteúdos já propagados pela proposta de redação. Portanto, consideramos que tais enunciados correspondem à categoria consensual. O produtor insere um enunciado descritivo, muitas vezes dispensável, em detrimento de um enunciado temático, que, em tese, contribui para a melhor condução do raciocínio argumentativo, em se considerando o espaço limitado que ele dispõe para iniciar, desenvolver e concluir o pensamento. As ideias do senso comum se estabelecem mais facilmente pela descrição de um cenário, ou pela narração de um acontecimento do que

propriamente pela construção de um raciocínio temático. Às vezes, o enunciado descritivo aponta a causa que determina a problemática que serve de tema; por exemplo, as causas que resultaram em determinados atos de violência cometidos por jovens menores de idade. Quando são relevantes para a defesa do recorte temático, constituem um importante instrumento da categoria polêmica, pois a revelação das causas enseja os apontamentos das possíveis soluções, por meio de uma postura crítica do argumentador.

Enunciados de Noção Totalizante — Um enunciado de noção totalizante consiste em uma estratégia de argumentação na qual o enunciador recorta um ponto de vista cujo sentido é generalizante. Tais enunciados indicam uma ancoragem em ideias formalizadas pelo senso comum. Uma das características desses enunciados refere-se à ausência de marcadores linguísticos de conexão, que servem à contraposição de ideias: os conectores adversativos e concessivos, principalmente. Além dos conectores, a aplicação de verbos de modalização *verdadeiro-necessário-possível* favorece a noção totalizante, como em *Deve haver alterações no Estatuto da Criança e do Adolescente*. A prevalência de noções totalizantes é um efeito que consiste em obliterar qualquer manifestação da voz oposta, a fim de legitimar o polo a defender. Linguisticamente, os enunciados que comportam as noções totalizantes apresentam um número excessivo de parágrafos curtos em extensão, em que há uma reduzida ocorrência de conectores oracionais. Cada apontamento é disposto em um parágrafo curto, sem extensão semântica de adversidade, concessão, conformidade, ou qualquer outro conector linguístico que atribua sentido de explicação, expansão, enfim, de complemento aos argumentos. Afora os marcadores linguísticos, um discurso totalizante apresenta uma carência informacional. Dessa forma, os enunciados de noção totalizante geralmente são manifestações da categoria consensual.

4 Análise de Redação

Analisaremos uma das redações do córpus de pesquisa; entre as vinte redações dissertativas selecionadas, extraídas do processo seletivo universitário.

Transcrição:

> “Maior idade” / (1) A polêmica a respeito da maioridade penal, está constantemente na mídia. Diminuir a idade para responder pelos crimes cometidos aos 16 ou aos 18 anos? Acho esta questão irrelevante / (2) Nossas

> autoridades deveriam primeiramente preocuparem-se em buscar solução para as causas que levam nossos jovens ao mundo do crime. / (3) A falta de perspectivas de um futuro melhor para esses jovens, num país como o nosso, que não possui uma política social estruturada, onde poucos ganham muito e, muitos ganham nada ou quase nada, é uma das causas que levam ao mundo do crime estúpido, cruel, estarrecedor. / (4) Estes mesmos jovens que cometem estes crimes vivem ou sobrevivem em família onde seus pais tentam ganhar o pão de cada dia, recolhendo lixo na rua, do subemprego. Jovens que enveredam pelo mundo do tráfico de drogas, porque esta é a realidade e a oportunidade mais próxima que possui, de sobreviver / (5) Marginalizados, privados de ter uma moradia decente, escolas preocupadas em realmente capacitá-los para o mercado de trabalho, desenvolver seu potencial criativo e laboral, enfim uma sociedade que tivesse preocupada e construir políticas públicas que dessem a esses jovens condições de uma vida digna.

Esta redação, sob o título "Maior Idade", apresenta um *rompimento com a proposta de redação*: "Acho esta questão irrelevante". O sujeito-produtor defende que a polêmica é proposta pela mídia, no primeiro parágrafo: "A polêmica a respeito da maioridade penal, está constantemente na mídia". Como resposta à investida midiática, por meio desse recorte, o produtor promove uma contraposição à voz da maioria. O argumento para defesa dessa posição consiste em conceder condições econômicas básicas às famílias necessitadas, no sentido de se evitar que elas se desestruturem a ponto de levar os jovens à prática do crime; revela a falta de responsabilidade do governo e de uma melhor distribuição de renda. A indicação de que o tráfico de drogas é uma das conseqüências dessa realidade e de que o papel da escola não está sendo cumprido (não o capacita para o mercado de trabalho, não desenvolve a criatividade dele) são argumentos que procuram justificar a participação de jovens em ações criminosas.

A categoria consensual organiza um *raciocínio lógico em hipótese-argumentos-tese* no texto. A hipótese traz que a redução da maioridade penal é irrelevante, pois as autoridades devem combater as causas primeiramente (dois primeiros parágrafos). Os argumentos são: não há expectativa de futuro para os jovens porque não há política social para isso, em um cenário em que a má distribuição de renda é a causa dessa falta de perspectivas (primeiro parágrafo da argumentação); os jovens infratores saem de famílias que priorizam o seu sustento, e há a inserção do jovem no tráfico de drogas como forma de sobrevivência (segundo e último parágrafo da argumentação). Os argumentos procuraram indicar as causas que justificam a irrelevância da questão da redução da maioridade penal em detrimento do combate a elas. Em seguida, a tese é apresentada no último parágrafo do texto: os jovens são marginalizados, não têm moradia decente, tampouco as escolas os capacitam; "enfim uma

sociedade que tivesse preocupada em construir políticas públicas que dessem a esses jovens condições de uma vida digna". Trata-se de uma recuperação da hipótese, que logicamente passa pela recuperação dos argumentos; assim, a hipótese torna-se tese devido à viabilização dos argumentos que a antecedem.

O enunciado de abertura do texto ("A polêmica a respeito da maioridade penal, está constantemente na mídia") indica que a questão do menor infrator é objeto de debate na sociedade brasileira no momento da produção do texto. É a participação das vozes sócio-históricas.

Um diálogo no gênero argumentativo escolar não se limita a recortes da proposta de redação; mais amplamente ele abriga também as vozes sociais cujos discursos circulantes ora veiculam um juízo, ora veiculam o seu avesso. De acordo com o meio social e a situação de comunicação, em se considerando propriamente o exercício argumentativo que deve acompanhar cada juízo e seu contexto, há o estabelecimento de um consenso, nunca pleno. Entre os assistentes sociais, por exemplo, espera-se o consenso para a manutenção da ordem estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, porque, em caso contrário, haveria uma contradição: a sociedade puniria um jovem em formação cuja periculosidade ela mesma gerou em função de sua própria desordem social. Os defensores de punições mais rígidas por meio de alterações no Estatuto esperam que o consenso seja pela punição. Mas se considerarmos outros meios sociais, encontraremos indivíduos com uma percepção de impunidade, influenciada pela propagação de programas policiais, pela mídia, cuja condução de um juízo se dá por uma visão unilateral. Seja qual for o estrato social ou o contexto enunciativo, a polêmica também se estabelecerá, pois ela sustenta um consenso, pela tentativa de questionamento e de validação de conceitos então formalizados. Afinal, a contraposição de dados é um exercício polêmico; somente assim se pode substituir um consenso por outro.

Essa instabilidade típica de discursos temáticos é refletida nos enunciados do gênero argumentativo escolar, em que se verifica ora enunciados articulados pela categoria consensual, ora pela categoria polêmica.

A redação não apresenta *enunciados de aspecto generalizante*, porque o produtor apresenta um número considerável de apontamentos de dados informativos: a falta de uma política para os jovens menos favorecidos, a questão da má distribuição de renda, a desestruturação familiar, o tráfico de drogas, uma política educacional profissionalizante, justificam o paliativo que serve como ponto de vista: as autoridades devem enfrentar os problemas de base antes de pensar em alterações na legislação.

Além da ausência de enunciados estereotipados, há algumas aplicações de conectivos, como estas relativizações: “A falta de perspectivas de um futuro melhor para esses jovens, num país como o nosso, que não possui uma política social estruturada, onde poucos ganham muito e, muitos ganham nada ou quase nada, é uma das causas que levam ao mundo do crime estúpido, cruel, estarrecedor”.

Na redação, não verificamos a ocorrência de *redução temática*, em função da diversidade de ramificações derivadas do rompimento com o texto-estímulo: a responsabilidade das autoridades, a falta de perspectivas para o menor infrator, a desestruturação das famílias, etc. Por extensão, não há a *adoção parcial de um posicionamento*.

A *polarização* não é aplicada, embora o produtor estabeleça uma relação de causa e efeito. Ele insere uma justificativa para essa relação: a falta de perspectiva é causa e a criminalidade é o efeito; a ausência de condições para a capacitação dos jovens para o mercado de trabalho é a justificativa.

O *enunciado argumentativo-descritivo,* no quarto parágrafo, não é manifestação do consenso, já que corresponde a um dos argumentos; não corresponde a uma informação dispensável: “Estes mesmos jovens que cometem estes crimes vivem ou sobrevivem em família onde seus pais tentam ganhar o pão de cada dia, recolhendo lixo na rua, do subemprego. Jovens que enveredam pelo mundo do tráfico de drogas, porque esta é a realidade e a oportunidade mais próxima que possui, de sobreviver”.

Não se verificam no texto as seguintes propriedades dialógicas: *paráfrase de trechos da proposta* e *interrogativas retóricas*.

5. Considerações Finais

Embora esta pesquisa não tenha a pretensão de formular uma metodologia para o ensino de redação escolar, entendemos que ela possa levar a subsídios que auxiliem o professor da área de Comunicação e Expressão para uma reflexão sobre as estratégias argumentativas desse gênero; principalmente, no que diz respeito à aplicação dos conceitos do senso comum e, por conseguinte, o posicionamento contrário a eles. Entender as coerções (propriedades dialógicas) que advêm das relações dialógicas pode justificar muitas ocorrências, que, à primeira vista, poderiam ser interpretadas como uma improbidade.

Acreditamos que esta pesquisa possibilita a orientação, ou ao menos a discussão, de novas metodologias para o ensino de produção de texto, e para uma reformulação nos critérios de avaliação desses textos; principalmente quanto a esta habilidade: o necessário debate de conceitos, a fim de que o aprendiz possa produzir uma argumentação com base em uma fundamentação crítica, que seja capaz de condicioná-lo a não aceitar um conceito posto como consensual sem polemizá-lo. Polêmica pressupõe manter o senso comum, ou, se necessário, contradizê-lo, sempre após um exercício de contraposição de uma ideia. Talvez possa ser esta metodologia um segundo passo após o estabelecimento do principal compromisso das aulas de Língua Portuguesa nas escolas de ensino fundamental e ensino médio: o domínio da modalidade escrita da língua.

Situar o aprendiz como um sujeito produtor crítico, participante no seu universo social, político e econômico, é uma habilidade plenamente satisfatória, e complementar ao principal compromisso da escola: promover uma competência linguístico-discursiva da modalidade escrita da língua materna.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

GEERTZ, Clifford. O senso comum como um sistema cultural. In: _____. **O saber local.** 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 111-41.

GUARIGLIA, Rinaldo. **O consensual e o polêmico no texto argumentativo escolar.** 2008. 195 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2008.

MARCHEZAN, Renata M. F. C. Diálogo. In: BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 115-131.

RANCIÈRE, Jacques. As novas razões da mentira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2004. Caderno Mais!, p. 3.

DIALOGANDO COM A ESCRITA ACADÊMICA NO AMBIENTE DIGITAL

SIMONE CRISTINA MUSSIO
UNESP/FCLAr

Resumo
Foi pensando no prestígio e influência das novas tecnologias digitais na educação, que este trabalho tenciona discutir a construção de sentidos, a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana, com o objetivo de observar o discurso sobre ciência e escrita acadêmica na Internet, de forma a perceber como se constrói dele uma imagem nesse espaço. Para tal estudo, será feita uma análise do site UFMGTube, desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais, tendo como ênfase um dos vídeos divulgados no canal, que contempla uma entrevista da professora Carla Coscarelli, a qual discute os desafios da ciência nos ambientes digitais, como também a própria escrita acadêmica, temática esta que será o foco deste trabalho. Observando o propósito do site em promover um ambiente educacional que ofereça informações sobre temas relacionados ao fazer ciência, com temáticas que versam sobre política, cultura, educação, etc., escolheu-se para investigação a referida instituição de ensino por ser talvez a única universidade pública brasileira que tenha um canal de comunicação interativa em ambiente digital (internet) apenas com postagem de vídeos que retratam o meio acadêmico e cultural. Sendo assim, para esta análise, a base teórica que subsidia este trabalho pauta-se em alguns conceitos bakhtinianos, baseados na reflexão sobre gêneros do discurso, esfera, estilo e o próprio dialogismo. Como uma das características mais inovadores da produção do Círculo de Bakhtin, modo como o grupo ficou conhecido, foi conceber a linguagem como um constante processo dialógico, distante de ser um sistema autônomo, o diálogo foi instaurado como agente mediador dos discursos. Desse modo, a interação da linguagem ocorre num contexto em que todos participam, pois aquele que participa seleciona palavras, formas apropriadas de dizer algo para que o seu destinatário o compreenda, fazendo com que seu interlocutor interprete a mensagem e a responda internamente ou por meio de um novo enunciado. Por isso, os dizeres são interpretados ao longo do tempo e suas formas vão variando de acordo com a época em que são apregoados. É, portanto, devido a esse novo tempo, a importância de se trabalhar com a linguística do encontro. O encontro entre o eu e o outro, entre tecnologia e o próprio papel da academia neste contexto. Logo, nota-se a necessidade vista pela universidade em criar um lugar de encontro entre alunos e internautas, tornando-se uma nova forma de aquisição de conhecimento, tendo, neste caso, o enfoque dado à escrita acadêmica.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Dialogismo; Gêneros do discurso; Esfera; Internet.

1. Tecnologia, informação e linguagem

Hoje, devido à globalização instaurada em todo o mundo, propiciada pela revolução tecnológica informacional, o comportamento da sociedade contemporânea mudou. A globalização não apenas contribuiu com a internacionalização de mercados, com o aprofundamento da integração social e econômica dos países, mas transformou o

conhecimento da informação em um bem de grande valor. Através da universalização do acesso a meios de comunicação, novas ferramentas geradas pela informática passaram a exercer enorme influência nas pessoas, e a internet assumiu sua face mais visível neste contexto, situando-se em uma posição de destaque e tornando-se uma importante ferramenta para a transformação e difusão do conhecimento.

A universidade passa a ser parte integrante desse processo de mudança, com a apropriação e utilização dessas novas linguagens e gêneros discursivos no cotidiano do ensino. E com as tecnologias fazendo parte das práticas sociais da sociedade, elas são importantes ferramentas para os eventos de interação do domínio acadêmico.

Neste meio, é que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) criou um site denominado UFMGTube, funcionando como um canal de autoarquivamento de vídeos digitais, com o objetivo de diversificar as fontes científicas e tornar o conhecimento científico mais fácil e atrativo.

Universidade é um lugar onde há diferentes esferas de atividade e cada uma exige uma forma apropriada de atuar com a linguagem. Dentre as variadas formas de atividades presentes na instituição, que vai desde uma reunião informal entre amigos no intervalo das aulas até a formulação de teses, dissertações e artigos, que são elaborados através de uma escrita acadêmica, cada uma dessas esferas exige uma forma específica de linguagem, variados gêneros discursivos. E com o ambiente digital tal situação não é diferente. Como os atos sociais vivenciados pelos grupos são diversos, a produção de linguagem também será. E como toda palavra é dialógica por natureza e pressupõe sempre o outro, a quem está voltada toda alocução, o locutor passa, então, a ajustar a fala, antecipando reações e mobilizando estratégias.

Dessa forma, a universidade adentrou ao ambiente digital, proporcionando uma nova forma de fazer ciência. Pensando nesse novo aluno, usuário das técnicas digitais, proporcionadas pelo advento da internet, as relações do homem com o mundo, do discente com o próprio estudo, se modificaram radicalmente. Houve uma revolução sem precedentes nas redes de comunicação e de informação, fazendo com que também as universidades, envoltas em sua própria maneira de conceber a ciência, desenvolvessem outras formas de ensinar e proporcionar conhecimento.

Devido a esse novo tempo, urge trabalhar com a linguística do encontro, a qual segundo Ponzio (2010) concebe a linguagem como o lugar de encontro entre sujeitos historicizados, carregando consigo suas vivências, seus valores, sua constitutividade na

alteridade, provocando deslocamentos através das mudanças promovidas pelo tempo. Nesses moldes, ocorre o encontro entre meio digital e físico, o encontro entre tecnologia e o próprio papel da academia neste contexto. É, pois, interesse notar a necessidade vista pela universidade em criar um lugar de encontro entre alunos e internautas e uma nova forma de aquisição de conhecimento, tendo, neste caso, o enfoque dado à escrita acadêmica nesta era tecnológica. Ao conceber o portal denominado de UFMGTube, para se tornar próxima desse novo aluno, usuário, orientando, fez-se nítida a necessidade de desenvolver um ambiente tido como moderno e inovador, pois se baseia em um dos sites mais conhecidos mundialmente, o YouTube.

Detentor do nome YouTube, que significa, do inglês, “you”, você e “tube”, tubo, sendo usado como gíria para designar a televisão, como, por exemplo, You television, traduzir-se-ia para "Você televisiona", "Você transmite", é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Sendo o mais popular site do tipo, foi tido pela edição de 13 de novembro de 2006 da revista norte-americana Time, como a melhor invenção do ano por, entre outros motivos, “criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista” (TIME, 2006).

Assim, segundo Bakhtin, todos os enunciados, no processo de comunicação, são dialógicos. Neles existe uma dialogização interna da palavra, que é repassada pela palavra do outro, ou seja, todo enunciador para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, utilizando-o de alguma maneira no seu próprio discurso. Por isso não há objeto algum que não apareça cercado ou envolto por outros discursos. Toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se por outras palavras. Desse modo, é que o próprio site da UFMG dialoga com o site do YouTube, utilizando-se do processo de interação entre textos para criar a sua própria nominalização e especificidades. É pelo dialogismo que se pode observar em um texto a existência de outras obras em seu interior, as quais lhe causaram inspiração ou algum influxo.

Importante observar que o dialogismo não se constitui apenas socialmente, mas também na esfera temporal, na dinâmica da vida. É devido à convivência entre as pessoas, à progressão no tempo e à própria história, aliadas a uma multiplicidade paradoxal, que ocorre a manifestação de variadas linguagens e de diferentes esferas. O exemplo do site da UFMG, UFMGTube, é um caso verídico de que as mudanças históricas e espaço-temporais contribuíram para uma nova maneira de se pensar o ensino.

Como foi dito por Bakhtin (1997), os enunciados, sendo eles constituídos dialogicamente, são sempre históricos e essa historicidade é percebida pela sua constituição linguística, pelas relações entre os discursos, os quais deixam marcas de uma época em sua narrativa. Por isso, as técnicas e gêneros tradicionais, em detrimento da aceleração e dinamicidade do mundo contemporâneo, tornam-se alvo, cada vez mais, de reflexões e análises.

É partindo, também, do conceito de estilo e gênero de Bakhtin e seu círculo, que a universidade citada apropria-se não apenas do termo "tube", como do formato desse gênero discursivo (site que visa à inserção e divulgação de vídeos) para fazer-se moderna na forma de ensinar e divulgar as informações aos alunos. Devido à criação de tal site, cria-se um novo modelo de esfera para propagação de conhecimentos, a universidade sai de seu caráter sisudo e restrito, com a presença somente de manuais e normas, e passa a adotar um novo gênero em uma outra esfera: o vídeo como fonte de informação e conhecimento. No entanto, a atuação em uma nova esfera, faz-se criar um outro tipo de gênero, dotado de um novo estilo de comunicar.

Como retrata Bakhtin (1997):

> O vínculo indissolúvel, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com grande clareza quando se trata do problema de um estilo linguístico ou funcional. De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 1997, P. 283-284).

O autor acima afirma, em Estética da Criação Verbal, que são infinitas a variedade e a riqueza dos gêneros do discurso, destacando sua heterogeneidade. Desse modo, à medida que a sociedade vai evoluindo e se tornando mais complexa, o gênero vai se adaptando a ela. Por esse mesmo motivo, Bakhtin (1997, p. 280) diz que "ficaríamos tentados a pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que não há e não poderia haver um terreno

comum para seu estudo". Os gêneros do discurso são, portanto, instâncias nas quais verificamos que eles não apenas permaneçam, mas se revitalizam, em concomitância com as variações socioculturais da sociedade, meio pelo qual eles circulam.

Em cada esfera de atividade social, os falantes utilizam a língua de acordo com gêneros de discurso específicos. Como as esferas de atividades do homem são muito variadas, os gêneros do discurso também são muito variados, pois incluem desde a curta réplica do diálogo cotidiano até a exposição científica, os vídeos e blogs na internet.

2. Dialogando com a teoria bakhtiniana

Como a teoria utilizada para o trabalho dialoga com os pensamentos bakhtinianos, é importante frisar a concepção dialógica da linguagem, já que a própria vida é dialógica por natureza e como diz o próprio Bakhtin (apud BRAIT 1997, p. 35-36), "a alteridade define o ser humano, pois o outro é indispensável para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro".

Assim, a teoria bakhtiniana concebe como importante não apenas as vozes sociais, mas também as individuais. Através dela, é possível analisar fenômenos de todas as instâncias e esferas, visto que *"*todos os fenômenos presentes *na* comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem" (FIORIN, 2006, p.27).

Desse modo, analisando, dialogicamente, os discursos que nos rodeiam é relevante notar a importância do estudo dos gêneros discursivos, proposto por Bakhtin e seu círculo, já que os diversos matizes que adquirem os gêneros discursivos estarão vinculados ao contexto em que serão analisados. O estudo dos gêneros discursivos considera, sobretudo, "a natureza do enunciado" em sua diversidade e nas diferentes esferas de atividade comunicacional.

Como afirma Bakhtin:

> A riqueza e diversidade dos gêneros é imensa, porque as possibilidades de atividades humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se descobre e se complexifica a própria esfera. (BAKHTIN, APUD MACHADO, 2012, P. 155).

É importante lembrar que o termo gênero do discurso tem uma importante historicidade no Círculo de Bakhtin. Assim, tal conceito se inicia com um texto escrito, em 1928, por Medvedev e continua com dois textos de Volochinov, "Discurso na vida e discurso

a arte", de 1926, e "Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem", de 1929. Na década de 50, entre 1952 e 1953, Bakhtin torna público o texto "Gêneros do Discurso", um dos textos mais propalados na área e, em 1963, publica "Problemas da Poética de Dostoievski".

O gênero, segundo os estudos bakhtinianos, é concebido como dupla orientação dialógica para com o real e a vida. Primeiramente, a obra é dirigida ao ouvinte e às condições definidas de atuação e recepção. Posteriormente, ela toma como referência a vida, devido ao seu conteúdo temático. É por esse motivo que cada gênero orienta-se de modo sempre tendo em vista os acontecimentos da vida. Este é ponto de partida da análise. Por isso "cada gênero possui determinados princípios de seleção, determinadas formas de visão e concepção de realidade, determinados graus na capacidade abarcá-la e na profundidade de penetração dela" (MEDVEDEV, 1994, p. 210).

É válido lembrar que o gênero nunca é em si mesmo, por essa razão não pode ser abstraído da esfera que o cria e usa, como também de suas coordenadas de tempo-espaço e das relações entre os interlocutores. Sheila Grillo (2012) ressalta que as esferas estão ligadas ao destinatário, e há destinatários presumidos para cada gênero, além de formas de atividades responsivas que são ligadas à determinada esfera, e afirma:

> A interação se dá entre indivíduos organizados socialmente, o que coloca em jogo em jogo condições sócio-históricas de duas ordens. Primeira, a situação social mais imediata, cujos componentes, descritos em trabalho anterior, são o horizonte social comum aos co-enunciadores (unidade do lugar visível), o conhecimento e a compreensão da situação, compartilhados pelos co-enunciadores, e a avaliação que eles fazem dessa situação. Segunda, o meio social mais amplo, definido, por um lado , pelas especificidades de cada esfera de produção ideológica (ciência, literatura, jornalismo, religião, etc.) e, por outro, por um certo "horizonte social" de temas recorrentes, em razão da onipresença social da linguagem verbal e da relação que as esferas ideológica estabelecem com a ideologia do cotidiano: "Com um horizonte ideológico de cada época, há um centro valorativo em direção ao qual todos os caminhos e aspirações da atividade ideológica levam (BAKHTIN, apud GRILLO, 2012, P. 138).

Além disso, ela ressalta a contribuição de Pierre Bourdieu (2007) para se pensar o gênero como valor distintivo, ou seja, o prestígio que cada gênero possui em determinada esfera. Volochinov (1981) considera que cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. E é na inter-relação, ou seja, nas relações dialógicas, que entendemos os gêneros, tentando entender a importância do gênero

em cada esfera. Assim, o próprio Bakhtin diz sobre o nascimento do gênero através das esferas:

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Por essa razão, cada esfera proporciona a criação de gêneros diferentes devido à necessidade de cada pessoa, como também do tempo em que eles foram criados. No caso deste trabalho, a utilização de um vídeo, que transmite outro gênero discursivo, uma entrevista, para explicar as especificidades da linguagem acadêmica, é fruto da prática estudantil de um aluno, usuário da internet, inserido em um tempo moderno, que para obter informações faz uso do ambiente digital.

3. Especificidades da linguagem científica

Devido à democratização do conhecimento, a linguagem escrita, baseada na objetividade e precisão, tornou-se ferramenta essencial para o ambiente acadêmico e profissional. No entanto, dominá-la deve constituir uma das virtudes de um pesquisador, pois como já dizia a metáfora de Rubem Alves (2004, p.101), “as palavras são os olhos da ciência”.

A linguagem técnico-científica apresenta uma predominância do aspecto temático, assim, a designação inexata e inequívoca dos conteúdos referidos deve ser feita de maneira sem produzir ambiguidades. Segundo Ortiz (2006), a linguagem acadêmica possui algumas peculiaridades. Sendo assim, esta cita algumas características pertencentes a este tipo de texto, como, por exemplo, como caráter técnico; dependência da língua comum; presença de

empréstimos; univocidade; a ausência de polissemia e sinonímia; o caráter intralinguístico. No entanto, com relação ao aspecto léxico da linguagem, é essa própria especificidade que proporciona reconhecimento científico, como também pode gerar um isolamento das produções escritas acadêmicas, visto que os termos usados fazem menção a áreas particulares do conhecimento.

Santos (2004) já dizia que desenvolver ciência demanda, além da habilidade de produzir conhecimentos, a habilidade de saber apresentá-la por escrito. Por isso a função da escrita é tão importante. Todavia, para que ela se dê de maneira pertinente, Pinto (2004) esclarece que é necessário que exista uma ação teórica e uma ação prática, ambas indissociáveis no indivíduo, logo retrata que a pesquisa científica:

> não constitui uma atividade acidental de procedimento humano, mas uma forma de ação, que lhe é natural, porque realiza uma exigência de sua essência, a de se aperfeiçoar, a de progredir no desenvolvimento de sua humanização, jungindo as forças cegas da natureza aos seus desígnios conscientes (PINTO, apud SANTOS, 2004, p. 18).

No entanto, o manuseio da linguagem escrita acadêmica representa um percalço para os estudantes do ensino superior, devido às suas características peculiares tão distantes do universo escolar do ensino básico. Nota-se que muitos deles não estão preparados para se apropriarem de dessa linguagem, devido ao aspecto rigoroso, normativo e formal que ela se apresenta nos manuais de metodologia e estilística. Muitos alunos têm sua experiência de escrita restrita a textos menos formais, estando, de certa forma, desapegados da realidade científica.

O sujeito praticante da escrita, ao utilizá-la como meio de comunicação verbal, precisa planejá-la. É no processo de planejamento que ocorre uma série de escolhas léxicas, sintáticas e semânticas que conduzem a produção verbal e são norteadas pela situação comunicativa.

É desse modo que a realização da escrita acadêmica, o processo de planejamento verbal, orientado pelo contexto, que é de uma publicação acadêmica, necessita de um arranjo verbal que se ajuste bem a referentes específicos, pois apresenta um modelo de linguagem que exige um tempo mais longo para sua aprendizagem.

Sendo assim, a apropriação da linguagem técnico-científica não poderia ser diferente, ao se referir a ela, Ortiz (2006) diz que devemos pensar em aquelas variedades linguísticas que estão fortemente marcadas pela utilização de terminologias especializadas, denominadas línguas de especialidade e que não são homogêneas, pois elas apresentam uma importante

variação interna tanto nos aspectos relacionados com seus diferentes registros, quanto nos seus níveis formais.

Contudo, além da utilização da escrita no meio acadêmico, há, nos dias atuais, um crescimento vertiginoso das tecnologias digitais, que faz com que, dia a dia, mais usuários se apropriem da linguagem verbal escrita para relacionarem-se mutuamente.

Desse modo, os recursos tecnológicos também potencializam a instauração de inúmeras interações sociais e permitem um aumento do uso da língua escrita. O que se pode observar, hoje, é que há muita procura pelos jovens, na própria internet, em se apropriarem das regras e formas de conceber a linguagem. Isso ocorre devido ao ambiente tecnológico auxiliar na obtenção da informação e, no caso dos vídeos, possibilitar uma aprendizagem mais dinâmica e atrativa.

4. Dialogando com o *corpus*

Para a análise deste trabalho, foram selecionados três trechos proferidos pela professora Carla Coscarelli ao retratar a ciência no ambiente digital e as especificidades da escrita acadêmica, os quais serão analisados sob a episteme bakhtiniana.

Trecho 1

> A escrita acadêmica, às vezes, era uma coisa que a gente não entendia. Os iniciantes liam e falavam 'Oh, meu Deus, que que é isso? Eu nunca vou entender esses textos, né?'. Eles eram herméticos, complexos. Eles eram muito fechados dentro deles mesmos. Só quem conhecia as teorias é que conseguia entender direito os textos. Então, era um mundo muito inacessível pra quem tava chegando.

A concepção da escrita acadêmica pode ser entendida pela fala da professora como uma linguagem mais rebuscada, complexa e de difícil entendimento, porém essa classificação não se restringe apenas ao seu dizer, mas ao já-dito de outras pessoas. Muitas vozes ecoam em seu discurso, de forma que o enunciador constitua o seu próprio discurso e possa difundi-lo também através da internet, promovendo a interação e o dialogismo, pois como foi dito por Bakhtin e seu círculo:

> Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada

> enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 1997, p. 297).

Para comprovar a inserção de tais ecos e ressonâncias, pode-se observar, inclusive, a própria citação direta usada pela professora para exemplificar outros dizeres em sua fala, que, na verdade, não é apenas de uma pessoa em questão, mas um enunciado impessoal, anônimo, que reflete o pensamento de uma maioria. Tudo que é dito ou expresso por um falante não pertence só a ele, já que em todo discurso são percebidas vozes quase imperceptíveis, assim como vozes próximas que ecoam no momento da fala (BAKHTIN, 1997).

Portanto, todo discurso sobre escrita acadêmica dialoga com outro discurso, manifestando-se em enunciados. O princípio de utilizar o discurso ou enunciado do texto de outros sujeitos faz parte de uma série de funções que a linguagem possui, e que essa mesma linguagem, recheada de pensamentos e ideias de muitas pessoas, interligada entre si.

No entanto, com a ajuda da própria internet, funcionando neste caso como um outro "outro", essa concepção acaba por ser, aos poucos, alterada também. Com o advento da internet, busca-se modificar esse caráter sisudo da escrita acadêmica posto nos materiais impressos e manuais. Objetiva-se, assim, instaurar o discurso de que escrever é algo natural e que todos podem ter acesso a isso. Dialogicamente um outro enunciador é formado devido às vozes integrantes de um discurso anterior que são originárias de múltiplos discursos apreendidos por outras pessoas. Forma-se, desse modo, uma nova ideia, a partir de outros acontecimentos e vozes. Por isso Bakhtin já dizia ser necessário:

> Representar a ideia do outro, conservando-lhe toda a plenivalência enquanto ideia, mas mantendo simultaneamente à distância, sem reafirmá-la nem fundi-la com sua própria ideologia representada. [...] a ideia é um acontecimento vivo, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas consciências (BAKHTIN, apud BRAIT, 2009).

Nesse sentido, a ideia é semelhante ao discurso, com o qual forma uma unidade dialética. Com o discurso, ela já quer ser ouvida, entendida, "respondida" por outras vozes e de outras posições.

Trecho 2

> Hoje, com essa abertura dos textos... os textos estão disponíveis na internet, as publicações estão disponíveis na internet, eu sinto que os pesquisadores

> estão mais preocupados em escrever textos que sejam compreensíveis, que as pessoas consigam, mesmo não tendo muito aprofundamento naquelas teorias, consigam acompanhar o raciocínio, consigam entender o que tá sendo dito.

A abertura dos textos só foi estabelecida devido ao surgimento da internet. Com ela e por ela, é que a concepção da escrita acadêmica foi sendo aos poucos alterada. A esfera agora em que ela é concebida pede uma nova forma de produzir enunciados. Segundo os dizeres de Carla, o dialogismo presente nesta nova forma de conceber a escrita acadêmica se insere justamente devido à preocupação com o outro. O texto deve ser claro para que o outro consiga compreender o que foi dito. A alteridade no ato da escrita é fator determinante nesse novo tempo. Os sujeitos selecionam as palavras para o discurso de acordo com um julgamento de valor fundamentado no sentido que as palavras ganharam no contexto de vida dos interlocutores, no uso onde são empregadas e não no sentido do dicionário (BAKHTIN, apud BRAIT, 1994, p. 11-28).

A interação, portanto, com o outro no meio social tem um papel fundamental, pois sem ele (o outro) o homem não mergulha no mundo sígnico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim, não se constitui como sujeito (FREITAS, 1997, p. 320). É então nas relações interpessoais (em ambiente físico ou digital) que se constrói o conhecimento, os quais se constituem por meio da internalização de discursos alheio e não simplesmente na transferência de uma atividade externa para um plano interno preexistente.

Na verdade, é possível pensar que a comunicação em si teve duas quebras de paradigmas, a primeira, com a invenção da prensa de Gutenberg, ao revolucionar o mundo com a reprodução e a divulgação do conhecimento, e agora com o advento da internet, que, de modo rápido e muito mais abrangente, também promove interação, difusão de informações e mudanças de significação em vários contextos, como, por exemplo, na própria escrita acadêmica.

Há, também, um momento, na fala acima, em que se pode constatar a expressão da primeira pessoa, “eu sinto”, quando a enunciadora fala sobre a preocupação dos pesquisadores em utilizar uma linguagem mais acessível para “o outro”. Assim, ela usa sua singularidade, mas, de certa forma, validada em um consenso, que a própria internet já difundiu sobre a

escrita acadêmica. Utiliza-se da sua subjetividade, mas posta em consonância com o discurso da sociedade, pois como foi dito por Bakhtin:

> ... eu, o único eu, devo assumir uma atitude emocional-volitiva particular com relação a toda a humanidade histórica: eu devo afirmá-la como realmente válida para mim e, quando faço isso, tudo que é válido para a humanidade histórica será válido igualmente para mim" (BAKHTIN, 1993, p. 49).

Trecho 3

> O texto acadêmico ele é muito interessante, porque a reflexão acadêmica é interessante, né? É uma questão de você pensar uma pergunta, procurar respostas, procurar formas de encontrar respostas (...) é uma retórica muito interessante, é um jeito de pensar, de argumentar, de levantar problemas, de levantar hipóteses, de testar hipóteses. Então esse raciocínio todo que vem junto com o texto acadêmico é muito interessante. Quando se cria uma tecnologia nova, você cria textos novos. Você cria ideias novas. Então muito do que a gente tem na internet hoje veio do impresso, mas ele chega ai e ele se modifica. E muitas daquelas coisas são criadas. Aquele ambiente proporciona a criação de outros gêneros.

Neste último trecho, percebe-se a relação existente entre o fazer ciência e a escrita acadêmica, já que tais assuntos dialogam entre si. Hoje, a facilidade em se buscar informações através da internet fez com que este tipo de escrita, procurado por alunos-usuários da internet, acabasse sendo adaptado, devido ao ambiente em que está inserido. Dependendo do gênero discursivo pelo qual ela é divulgada, a transmissão de sua estrutura é também modificada.

Como, hoje, grande parte dos alunos tem suas fontes de pesquisas na internet, a forma de comunicar tais informações é reorganizada. O uso do gênero vídeo, no caso, adota um recurso simples e de fácil entendimento. De uma maneira mais rápida e descontraída, faz com que o aluno se interesse mais em buscar as informações através desse meio. Por isso, o próprio sentido atribuído à escrita acadêmica, tão arraigado no impresso, também acaba por sofrer alterações, tanto para informar sobre ela, como para utilizá-la.

Para isso faz-se importante o estudo de gêneros e estilo, concebido pelos estudos bakhtinianos, pois como o próprio autor diz: "Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero". (BAKHTIN, 1997, p. 286).

No entanto, a escrita acadêmica não deixa de ter suas normas e regras, mas para um acesso mais fácil e uma compreensão melhor sobre sua composição, outros gêneros, como

portais de vídeos, blogs, etc., procuram adaptar o estilo da mensagem para torná-la mais fácil e acessível a todos os usuários que busquem tais informações. Sendo assim:

> O gênero não pode ser pensado fora da dimensão espaciotemporal. Logo, todas as formas de representação que nele estão abrigadas são, igualmente, orientadas pelo espaço-tempo. Essa é outra coordenada importante da teoria dos gêneros apresentada por Bakhtin em sua revisão da teoria dos gêneros da Poética de Aristóteles em nome das relações espaciotemporais das representações e da interatividade discursiva animadas em seu interior. (BAKHTIN, apud MACHADO, 2012, p. 158).

Novamente o processo dialógico ocorre, pois a escrita é gerada a partir da concepção que se existe do outro, funcionando como uma resposta ao outro, visto que:

> A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro. As formas de reações-respostas [...] se diferenciam nitidamente segundo as particularidades das esferas da atividade e da vida cotidiana do homem nas quais se efetua a comunicação verbal... As tonalidades dialógicas preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado (BAKHTIN, 1997, p.317).

É importante que o destinatário da sua mensagem seja levado em conta. Por isso que o discurso da escrita acadêmica acaba por sofrer certas alterações, pois é preciso observar em qual meio se está divulgando-a, já que:

> Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado (BAKHTIN, 1997, p. 320-321).

Logo, tudo está interligado. Tudo é dialógico. Portanto, o discurso sobre a escrita acadêmica também é ajustado conforme as mudanças na sociedade.

5. Considerações finais

Através deste trabalho, pode-se observar como o fazer ciência se relaciona com a linguagem acadêmica no site UFMGTUbe, de forma a perceber como o discurso sobre ela é gerado neste ambiente digital.

Todavia, é importante, também, ressaltar a importância dada ao dialogismo, que envolve todas as relações comunicacionais, como também às esferas em que os discursos são proferidos e elaborados.

Com relação aos gêneros do discurso e estilo que ancoram a análise efetuada, pode-se dizer que são extremamente importantes para comprovar que eles não podem ser tachados como estantes e imutáveis, mas fazem parte de um contexto comunicativo que se altera para enunciar uma determinada mensagem, já que não são adquiridos em manuais, mas nos processos interativos (BAKHTIN, apud MACHADO, 2012, p. 157).

Dessarte, é dessa forma que o ambiente tecnológico contribui para a divulgação da escrita acadêmica, da mesma maneira em que propaga um discurso sobre ela, sem deturpá-la, mas projetá-la de acordo com o meio (esfera) em que ela está inserida.

Referências

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2004.

BAJTÍN, Mikhail. MEDVEDEV, Pavel N. **El método formal de los estudios literários**. Introducción crítica a uma poética sociológica. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, *1997*.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. SP: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição americana Toward a phylosophy of the act. Austin: University of Texas, 1993. S.d.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.

_____, Beth. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem**. In: ——. (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. Campinas: UNICAMP, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAS, M. T. A. **Bakhtin e Vygotsky**: um encontro possível. In Brait, B. (Org.) Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. São Paulo: Unicamp, 1997.

TIME, 2006. Desenvolvido pela **Globo.com**. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1340903-6174-363,00.html> Acesso em 10 de abril. 2012.

GRILLO, Sheila, V.C. **Esfera e campo**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin Outros Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2012.

MACHADO, Irene. **Gêneros Discursivos**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin – conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012, p. 151-166.

ORTIZ, Mª L. Alvarez. **A tradução técnico-científica no contexto latino-americano.** In: 58ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 2006, Florianópolis, SC. Anais eletrônicos... Florianópolis, SC: 2006. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/atividades/TEXTOS/texto_264.html>. Acesso em 24 ago. 2011.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

UFMGTUBE, **Saberes plurais em conexão**. Desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.ufmg.br/proex/cpinfo/ufmgtube/videos/entrevista-com-carla-coscarelli/. Acesso em: 10 abril. 2012.

O DISCURSO ERÓTICO DO CORPO FEMININO NOS QUADRINHOS ITALIANOS: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM VALENTINA, DE GUIDO CREPAX

TAÍS TURAÇA ARANTES
NATANIEL DOS SANTOS GOMES
UEMS

Resumo
O presente trabalho é um dos resultados alcançados com a Iniciação Cientifica intitulada "HISTÓRIA EM QUADRINHOS E CINEMA: INTERFACES SOBRE A FIGURA FEMININA NA COMUNICAÇÃO DE MASSA" na qual também é discutida a valorização dos quadrinhos como uma rica fonte para pesquisas. O trabalho possui como objetivo apresentar o discurso erótico do corpo feminino em Valentina, personagem rica dos *fumetti* (quadrinhos italianos) criada por Guido Crepax. A pesquisa é de cunho bibliográfico, em suma, se pauta em teoricos da área. Para tanto o artigo será dividido em tópicos, sendo que o primeiro busca falar do discurso erótico, o segundo voltado para o corpo e o terceiro para o enunciado de Valentina.

Palavras-chave: Valentina; Erótico; Fumetti.

Introdução

A figura feminina está presente na comunicação de massa do mundo. Em cada cultura há uma ótica sobre a mesma, ou seja, cada local irá retratar a figura feminina de uma forma. Usa-se como exemplo para expor essas adversidades algumas personagens das HQs ou *Comics* (quadrinhos norte-americanos) com os *fumetti* (quadrinhos italianos).

Enquanto nas HQs há uma pontencialização da estética corporal de algumas personagens, por exemplo a Mulher Maravilha e Canário Negro[1], nas quais ficam evidentes que em suas formas há uma procura de uma "perfeição" de seu corpo que parte de uma valorização de suas curvas. As personagens são dotadas de nádegas e seios volumosos, coxas grossas e uma circunferência fina, que mexem com o imaginário masculino.

[1]É importante dizer que quando utilizamos essas personagens como exemplo estamos nos referindo da década de 90 em diante. Visto que com o tempo os traços das personagens foram alterados por seus criadores. Os traços da personagem Mulher Maravilha mudou desde de 1941. Ao longo do tempo suas formas corporais foram mudando para então chegar na que se conhece hoje. A evolução da personagem Mulher Maravilha pode ser observada no referido link:
http://diversao.terra.com.br/arte-e-cultura/veja-evolucao-visual-da-mulher-maravilha-de-1941-a-2010,06c9078553a7a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html.

Em contrapartida nos *fumetti* é posto como evidência outras características, como por exemplo o cuidado com as personalidades das personagens[1]. Julia Kendall é um grande exemplo disso, ela é cheia de princípios e valores assim como Valentina. De forma precipitada e com conceitos pré-estabelecidos algumas pessoas que viram/veem de relance, em suma, que não param para ler o quadrinho tendem a julgar a personagem alegando que a mesma não possui valores, pelo fato da mesma estar inserida em um quadrinho erótico.

O trabalho dividido em três tópicos apresentará um percurso pelo o conceito de erotismo para então discutir sobre o discurso erótico feminino, em segundo momento para o discurso do corpo e então para o enunciado de Valentina.

1. O discurso erótico feminino

Nesse tópico será trabalhado, de uma forma sucinta, um pouco sobre o discurso erótico feminino. Mas, antes faz-se necessário explanar um pouco sobre os conceitos[2] do erotismo. Sendo que existem diversas pesquisas relacionadas ao tema e parte-se do pressuposto de que cada pesquisador possui sua ótica sobre o mesmo. Por isso é interessante observar que há diversas questões abordadas com o erotismo.

Bataille (1987) diz "sacrifiquei tudo à pesquisa de um ponto de vista de onde sobressaía a unidade do espírito humano", em outras palavras, compreende-se que para o teórico não há uma explicação concreta para o termo. Tem que se ter uma visão panorâmica sobre o erotismo e quando o mesmo for abordado como objeto de estudo não se pode ficar fechado no termo, em suma, não se pode estudar o erotismo de forma isolada, como Bataille (1987) diz "o erotismo só pode ser objeto de estudo se, em sua abordagem, for o homem o abordado. Especialmente, ele não pode ser abordado independentemente da história do trabalho, independentemente da história das religiões". Sendo assim, abaixo está uma citação do autor mencionado sobre o erotismo:

> Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte. Para falar a verdade, isto não é uma definição, mas eu penso que esta

[1]Faz-se necessário explicar que as personalidades das figuras femininas nos quadrinhos norte-americanos também são trabalhadas em seu caráter, ou seja, essas personagens também possuem condutas e princípios. O que acontece é apenas uma apropriação dessa arte para se comparar com os *fumetti*. Visto que as HQs possuem um maior número de circulação em relação aos *fumetti* no Brasil.

[2]A palavra conceito possuí um valor semântico relacionado com "conter completamente". Quando utiliza-se a palavra conceito tenta explanar um pouco sobre as múltiplas interpretações a respeito do erotismo.

> fórmula dá o sentido do erotismo melhor que uma outra. Se se tratasse de definição precisa, seria necessário partir certamente da atividade sexual de reprodução da qual o erotismo é uma forma particular. (BATAILLE, 1987, p. 10)

Nessa mesma perspectiva de tentar explicar um pouco sobre o conceito[1] de erotismo, Maingueneau nos dá uma explicação, partindo da linha tênue entre o erótico e o pornográfico. Visto que ambos os termos possuem elos profundos com a sexualidade e para encontrar essa linha entre eles depende da contextualização do indivíduo.

> O erotismo, é então, percebido de maneira ambivalente: ás vezes como uma pornografia envergonhada, que não tem coragem de dizer seu nome, outras como aquilo em que a pornografia não conseguiria se transformar. Por isso, não é evidente que pornografia e erotismo sejam simétricos e que haja uma separação estanque entre os dois regimes. (MAINGUENEAU, 2010, p. 31)

Maingueneau nos explica o quão é complicado dizer diretamente o que é pornografia e o que é o erotismo, devido aos seus significados múltiplos. Mas partindo dessa dicotomia não é errado dizer que o erótico está relacionado a forma implícita com a sexualidade, enquanto o pornográfico acontece de forma explícita.

Antes de se partir para o discurso erótico feminino é relevante falar um pouco sobre o discurso, Ferreira nos explica um pouco sobre o mesmo:

> O discurso foi sempre para Michel Pêcheux o objeto de uma busca infinita que, sem cessar, como lembra Denise Maldidier, "lhe escapa". É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. E é também onde se cruzam as reflexões de Pêcheux sobre a história das ciências, sobre a história dos homens, sua paixão pelas máquinas, entre outras tantas. O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro ponto de partida de uma "aventura teórica". (FERREIRA, 2003, p. 39)

Compreende-se que o discurso é uma prática de linguagem e que com o seu estudo observa-se o homem falando, sendo assim na Análise do Discurso há uma procura em compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2009). Nessa linha de pensamento entende-se que o discurso erótico está ligado com os enunciados da sedução, da insinuação. É

[1]Idem 3.

por meio dele que o Eu enunciador[1] fala, por assim dizer, de questões relacionadas ao libido. Em outras palavras o Discurso Erótico é uma demonstração verbal de Eros[2].

> O discurso erótico é relativo a esse tema, todo discurso erótico fala de sexo, mas nem todo discurso que fala de sexo é erótico[…] O discurso erótico é definido, nesse sistema, como aquele tipo de discurso que realiza a intensidade tônica da valorização existencial do sexo, não importando se a tonicidade correlata da extensidade da valorização utilitária é tônica ou átona. Não importa, também, se essa tonicidade tônica é sancionada eufórica ou disforicamente. O discurso erótico pode ser chamado luxurioso ou entusiasta, transformando a valorização existencial em vício ou prazer, o que não deixa de manter tonicidade nessa valorização. (PIETROFORTE, 2007, p. 91-92)

Nos quadrinhos de Valentina o erótico é trabalhado em todas as suas formas, ou seja, o erótico relacionado ao imaginário masculino, bissexualismo e sadomasoquismo. Dentro da narrativa dos *fumetti* de Valentina há sempre um outra, por assim dizer, o erótico acontece, na maioria das vezes, por meio dos sonhos da personagens. Essa mistura de realidade e sonho mexe com a mente dos leitores, pois nem sempre é possível saber quando é um ou outro.

> Aliás, essa é uma das características clássicas do discurso erótico, a presença de breves estórias eróticas no interior da narrativa principal com o objetivo de excitar seus personagens, e, consequentemente, excitar os leitores finais em uma dupla pedagogia sexual. Nas histórias em quadrinhos, cuja linguagem permite o desenvolvimento de duas ou mais narrativas em paralelo ao mesmo tempo, esse recurso é particularmente possível. (GOMES, 2009, p. 06)

Na figura[3] abaixo observa-se um exemplo de bissexualismo e sadomasoquismo em Valentina:

---

[1]EUe (Eu enunciador) é um ser de fala sempre presente no ato da linguagem. É, aqui, enunciador de um discurso relatado. Independente do lado que esteja o foco, o EUe é um ser que existe no e pelo ato de produção-interpretação. (CHARAUDEAU, 2010, p. 48)

[2]Etimologicamente a palavra 'erótico' provém de *erotikós*, relativo ao amor, derivado de Eros, o deus grego do amor. É também o princípio da vida e do desejo, ligado a Tanatos, símbolo da morte e da destruição. Amor e morte estão relacionados à criação e destruição, intimamente ligados a toda experiência humana, Morte e gozo fazem parte da trama que tece o amor humano. Eros e Tanatos as duas faces da mesma moeda, pois a morte está sempre à sombra do amor. O lado trágico da vida enobrece a experiência amorosa. (CAVALCANTE, 2005, p. 178).

[3]Figura digitalizada da obra: Valentina no metrô.

Aqui observa-se uma diferença entre o erotismo patriarcal e o erotismo feminino. Segundo Gomes:

> No erotismo patriarcal, há um forte apelo pela submissão pela força; no erotismo feminino, é a sedução que força os sujeitos desejantes a realizarem a vontade do dominador. Mesmo quando há violência e submissão, elas são alegóricas e teatrais. (GOMES, 2009, p. 07)

Bem, com esse pequeno percurso sobre: erotismo e discurso erótico feminino, o próximo tópico é voltado para o discurso do corpo.

2. O discurso do corpo

Esse tópico traz como abordagem o discurso do corpo, compreendendo que o corpo fornece uma visão, como também um panorama de referência ideologica do sujeito. A totalidade do corpo não está restrita somente as questões biológicas, ele tem um significado dentro da sociedade.

> O corpo é, em muitas disciplinas, tomado como biológico, natural, segmentável, controlável e transparente, mas na perspectiva discursiva, ele se desloca para o lugar da opacidade, revelando-se como forma material que se constitui no-pelo olhar que o discurso possibilita. Um corpo pode ser bonito, obeso, magro, normal ou estranho a partir do olhar. O olhar aqui não é a capacidade da visão, mas o gesto de interpretação opticamente possível no discurso. Na inter-relação pessoal entre sujeitos, identificação social é um processo que se relaciona à sua condição corpórea, ao fato de que ele é

> sujeito de-em uma corporalidade e que essa corporalidade é apreendida pelo olhar mesmo antes que ele fale. (HASHIGUTI, 2009, p. 162)

Com a explicação da teórica chegou-se ao entendimento de que o corpo tem a sua dimensão real, ele é biofisologicamente construído, todavia os sentidos que ele ganha não são dessa ordem, ou seja, são discursivos, políticos. Hashiguti (2009) mostra, com seus estudos, uma proposta de discutir o real da língua, sujeito, da história e do discurso e suas materialidades. Uma reflexão de ordem real do sujeito e do discurso em sua modalidade não verbal: o corpo. Faz-se necessário olhar para o corpo e entender que o mesmo é afetado pela linguagem, que ele é um mecanismo de troca.

É necessário olhar para o corpo e entender que ele reflete também alguma coisa, o corpo diz coisas atráves de sua postura. Por isso no próximo tópico será abordada a relevância da postura do corpo de Valentina , visto que em cada enquadramento é apresentada uma perspectiva de corpo e completa o próprio sentido de enunciado da personagem.

3. Valentina

Valentina é uma criação do italiano Guido Crepax. Uma forte personagem presente no cenário dos quadrinhos eróticos europeus. Seus traços foram inspirados na atriz Louise Brooks. O mundo de Valentina pode ser definido como algo consistente e reconhecível, no sentido de ser um mundo real, porém é livre e informal como a própria Valentina, ou seja, o erótico acontece por meio do sonho.

Em suma, o real e o sonho ficam lado a lado na narrativa, acontecem de modo livre e acabam se encontrando na vida de Valentina. O quadrinho mescla com elementos da ficção cientifica, noir, acontecimentos atuais, sentimentalismo e o erotismo aparece como uma marca forte, revelando assim uma personagem que vive suas próprias aventuras sem algum medo.

Elementos da literatura, pintura, cinema, música, todos os tipos de artes estão espalhados nas páginas dos fumetti de Valentina. Há um grande esmero nos cuidados com os enquadramentos das cenas. As perspectivas sempre apresentam uma possível forma de ver Valentina, há os momentos de o foco fica voltado para o seu corpo e em outros apenas em seu rosto e todos esses enquadramentos e perspectivas só pontecializam a sensualidade que a personagem possui.

Moya um grande pesquisador dos quadrinhos fala um pouco sobre Valentina em Moyá (1970). Vejamos abaixo:

> Valentina de Guido Grepax é a figura mais típica de filmes de Antonioni dentro dos fumetti, tendo até uma história de Crepax, baseado num trecho de filmagem de Ingmar Bergman. As aventuras de Neutron, em que a môça da alta sociedade de Milão, passa por um sanatório para tratamento dos nervos, é testemunha de um crime cometido por uma cópia cibernética de uma amiga sua, tôda a atividade sexual é sugerida, insinuada, tratada como na fronteira entre o fato e o sonho, a realidade e o onirismo, em passividade total. (MOYA, 1970, p. 180)

Logo, nesse tópico pretende se analisar o discurso erótico do corpo feminino à partir do recorte do enunciado da figura[1] abaixo:

Em tradução livre Valentina diz: "Eu gosto de prazer". Valentina não está somente dizendo que gosta de sentir prazer, ela está ocupando uma postura de uma mulher decidida que sabe o que realmente quer.

Ela é um sujeito sexual inserida dentro de uma perspectiva ideologia de que a mulher ainda é visa como um objeto sexual. Valentina está dizendo através de seu enunciado de que

[1]Disponível em: http://divadofreeshop.files.wordpress.com/2013/06/valentina-quadrinhos.jpg. Acessado em 19 de outubro de 2013, às 23:07.

ela é uma mulher que possui uma vida normal, que trabalha sendo fotografa. Não se enquadra no perfil de uma mulher submissa. Em suma, tem sua a vida e é dona de suas vontades.

É importante ressaltar que ainda há um pré-conceito no que se diz que as mulheres não podem assumir seus desejos, ou seja, quando se fala sobre o prazer do corpo logo o senso comum aponta que deva ser relacionado ao universo masculino. Valentina ultrapassa esse limite de conceito expondo o próprio controle de seu corpo apresentando suas vontades.

A postura que ela assume na figura afirma o quão a personagem está preocupada consigo mesma, com suas vontades e desejos e ela ainda vai além disso, ou seja, com a postura do seu corpo ela convida não só as personagens envolvidas em sua trama, como o próprio leitor. A linguagem de seu corpo convida o leitor a também sentir o prazer. Em outras palavras ela convida a todos envolvidos para um jogo de sedução.

Conclusão

A figura feminina e o erotismo estão presentes em numerosas obras, desde de contos a quadrinhos. Quanto a figura feminina ela é apresentada sob óticas diferentes, se pensarmos no mundo dos quadrinhos elas são representadas cada uma de uma forma, desde personalidade até a estética do corpo. Enquanto nos quadrinhos norte-americanos elas estão com um corpo "perfeito", ou seja, tudo sob medida, nos quadrinhos italianos elas estão mais próximas da realidade.

Nessa perspectiva o discurso erótico do corpo feminino se apresentou como um objeto relevante de pesquisa, pois ajudou a compreender as dimensões que o erotismo engloba. Dentro dessa perspectiva ficou claro também que o corpo possuí um discurso, que o mesmo tem sua dimensão dentro da sociedade, cheio de representação e significação.

Sendo assim, Valentina é uma intrigante personagem dos quadrinhos italianos que representa através de seu enunciado que a mulher pode ser atraente longe desse esteriótipo da estética corporal perfeita e que essa mesma mulher pode controlar o domínio de seu corpo sem ser submissa ao restante da sociedade.

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

CAVALCANTE, Maria Imaculada. **Amor, erotismo e morte.** LINGUAGEM – Estudos e pesquisas. v. 6-7, p. 155-175, 2005. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/download/11906/7840>. Acesso em: 12 de setembro de 2013.

CHARADEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CREPAX, Guido. **Valentina no Metrô**. Porto Alegre; L&PM, 1991.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **O retorno do discurso erótico feminino**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 01, p. 01-12, 2009. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-gomes-discurso.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2013.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil.** Revista Letras UFSM , v. 1, p. 39-46, 2003. Disponível em: <w3.ufsm.br/revistaletras/artigos_r27/revista27_3.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2013.

HASHIGUTI, Simone T. **O corpo como materialidade do discurso.** In: F.; FERREIRA, M.C.L., MITTMANN, S.. (Org.). O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. 1ed.São Carlos: Clara Luz, 2009, v. , p. 161-168.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOYA, Álvaro de. **As taradinhas dos quadrinhos.** IN. MOYA, Álvaro. Shazam! São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1970. (171 a 196).

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 8.ed. São Paulo: Pontes, 2009.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **A construção da imagem entre o erótico e o pornográfico: uma análise lexical a respeito da imagem.** IN: PIETROFORTE, Antonio Vicente. Análise do texto visual: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2007. (p 85 - 96)

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER *PLUS SIZE*

TANIA VALÉRIA AJALA MORENO
UEMS

Resumo
Este trabalho tem como objetivo analisar como se dá a construção do *ethos* em discursos produzidos e veiculados em *blogs* especializados, voltados para o público *plus size*. Objetiva-se, ainda, investigar se esse *ethos* pode influenciar em uma possível formação da identidade da mulher *plus size* (mulher que usa manequim GG - numerações do 44 a 54), leitora desses *blogs*, que divulgam experiências, impressões, fotos e dicas de moda e comportamento, direcionadas a esse público específico. Nesse viés, serão consideradas as condições de produção do "discurso *plus size*" que se constitui a partir de um contexto social, econômico, político e cultural de uma sociedade, e que se manifesta diretamente na atualidade. Nesse sentido, buscamos elementos necessários nesses discursos, produzidos e reproduzidos através dos textos publicados e divulgados por esses *blogs,* que possam implicar em experiências sensíveis ao mobilizarem a afetividade do público leitor, que se identifica com essa classificação *plus size*. Para tanto, serão utilizados princípios teórico-metodológicos, sobretudo, da Análise do Discurso de linha francesa.

Palavras chave: Ethos; Identidade; Discurso *plus size*.

Vivendo atualmente na era tecnológica, onde explodem movimentos em busca de identidade num mundo globalizado culturalmente, buscamos entender por meio desta pesquisa, como se dá a construção do *ethos* do "*discurso plus size*" e qual o processo de transformação dessa voz individual em uma voz coletiva, por meio de discursos produzidos e divulgados em *blogs* direcionados a um público em comum: a mulher que não se "enquadra" dentro de tabelas de numeração "opressoras" veiculadas pela mídia.

Seguindo essa ideia de padronização ditatorial da beleza da mulher, deparamo-nos diariamente com anúncios publicitários que reafirmam à nossa sociedade, uma necessidade artificialmente provocada de corresponder a um modelo idealizado de mulher, onde a obesidade, segundo Wolf (1992), é motivo de estigmatização.

Levando-se em conta que o corpo apresenta uma materialidade simbólica, tenta-se compreender de que forma esse corpo, especificamente feminino e acima do peso, tem sido significado em nossa sociedade por meio de discursos produzidos ao longo da história, e como se apresenta hoje, visibilizado pela mídia por um viés diferenciado, tendo como fonte o próprio "discurso *plus size*", surgido diante dessa opressão social.

Na contramão do estilo imposto pela mídia, o movimento *plus size* reúne mulheres que usam - seguindo uma tabela de numeração padronizada por esse "mundo da moda" - do tamanho 44 ao 54; e que reivindicam seu direito de se sentir bem com o peso que têm, utilizando-se do gênero digital *blog* para expor suas ideias, divulgar experiências, impressões, fotos e dicas de moda e comportamento, direcionadas a um público de mulheres que se identificam com esse universo *plus*, por meio de valores historicamente delineados.

Para entendermos como se dá a construção desse *ethos* no "*discurso plus size*", selecionamos alguns *blogs* e observamos seus títulos, subtítulos, *posts e* imagens em busca de elementos linguísticos, extralinguísticos e ideológicos desses discursos que possam implicar ou não, na adesão do destinatário por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser, conforme identifica Maingueneau (2010), no ato de escrever e dar voz ao discurso dessas blogueiras.

Para isso, abordaremos algumas definições da noção de *ethos*, desde a concepção aristotélica até a sua aplicação na Análise do Discurso, princípios teórico-metodológicos esses que são norteadores para este trabalho.

1. A origem da noção de *ethos*

A noção de *ethos* remonta a Antiguidade, tendo suas primeiras definições na Retórica de Aristóteles que, segundo Maingueneau (2008), intervém da seguinte forma:

> primeiro persuade pelo caráter (*ethos)* quando o discurso é considerado de forma a tornar o orador digno de fé e para produzir essa imagem positiva de si mesmo, o orador joga com três qualidades fundamentais: a *phronesis*, ou prudência, a *areté*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência. (MAINGUENEUA, 2008, p.58).

Sendo assim, o *ethos* retórico está ligado à própria enunciação, e não a um saber extradiscursivo sobre o locutor.

Já na Análise do Discurso, a conceituação do *ethos* vai além da definição estabelecida pelos estudos retóricos, pois tem também como objetivo analisar as imagens construídas pelos enunciadores no plano do enunciado, isto é, no texto escrito.

Para Maingueneau (2010), o *ethos* discursivo é coextensivo a toda enunciação, pois o enunciatário é levado a construir uma representação do enunciador, salientando as seguintes definições:

> O ethos é uma noção discursiva, construída através do discurso, não uma mera "imagem" do locutor exterior a sua fala; é um processo interativo de influência sobre o outro; é uma noção sócio-discursiva, um comportamento socialmente avaliado que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação, integrada numa conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2010, p.7)

Observamos então, que o enunciador elabora em seu discurso um corpo imaginário da marca que está na origem de seu enunciado. Sendo assim, o *ethos* criado consiste em causar, além de boa impressão, uma confiabilidade que irá implicar diretamente no enunciatário, com o objetivo de estabelecer uma afetividade, por meio de uma experiência sensível que se manifesta, ainda, no discurso.

Logo, persuadir neste momento, consiste em criar por meio do discurso, um *ethos* característico do leitor potencial, para transmitir-lhe a impressão de que é um dos seus que ali está, no intuito de atrair sua atenção e, notadamente, sua adesão ao discurso.

Sendo assim, quando se analisa um texto escrito, como no caso dos *blogs* abordados neste trabalho, o *ethos* pode ser considerado um efeito do discurso, uma vez que atribui poder às palavras, sendo que o enunciador realiza um planejamento textual, incluindo o ritmo e a modulação que podem influenciar na recepção da mensagem. Assim, segundo Maingueneau (2008), os parceiros ocupam papéis preestabelecidos que permanecem estáveis durante o evento comunicativo e seguem rotinas mais ou menos precisas no desenvolvimento dessa organização textual, pois, além de persuadir pelos argumentos, essa noção de *ethos* nos permite refletir sobre o processo de adesão do sujeito – especialmente as leitoras dos *blogs*, a um determinado posicionamento.

Disso discorre que esse enunciatário passa a se identificar com o *ethos* mobilizado, tendo como base suas representações sociais; realiza uma avaliação, positiva ou negativa, dos estereótipos amplamente difundidos histórica e socialmente e, através do discurso produzido, pode-se observar os efeitos de sentido contribuindo para reforçar ou mesmo transformar esses estereótipos, a partir do momento em que há a adesão desse enunciatário ao discurso.

Maingueneau (2008) afirma que:

> o éthos está diretamente ligado à questão da adesão do enunciatário ao discurso. O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses. Ele adere, porque se identifica com um dado sujeito da

> enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. (MAINGUENEAU, 2008, p.134)

O autor afirma ainda que a enunciação constrói certa imagem do enunciatário e se configura num universo de sentido correspondente a essa imagem. O *ethos* discursivo exerce um papel fundamental, pois é com um sujeito apreendido em seu movimento que o público – as leitoras dos *blogs* em questão, deve entrar em contato.

2. Considerações acerca dos *blogs* e a formação da identidade

O blog é um espaço virtual dedicado à exposição de aspectos da vida de alguém ou de algum grupo e/ou segmento da sociedade, como o que analisaremos nesse trabalho, propiciando a interação entre o enunciador e o enunciatário, enquanto espaço discursivo.

Komesu (2005) dá a seguinte definição:

> Blog é como uma página web, composta de paragráfos dispostos em ordem cronológica atualizada com frequência. O dispositivo permite a produção de textos verbais e não verbais, atendendo a uma necessidade presente em nossa sociedade: a visibilidade. (KOMESU, 2005, p. 99)

Visibilidade essa que é o principal chamariz utilizado por grupos em prol de seus movimentos, como os blogs especializados que analisaremos nesse estudo, voltados a um público específico: a mulher *plus size*.

Escolhemos para esse estudo o gênero *blog* especializado, distinguido dos demais *blogs* por ser um espaço discursivo, onde é possível uma discussão não formal de um ou mais temas tratados, tais como sexo, moda, beleza, saúde, comportamento, mas todas interligadas a um mesmo ponto de vista.

Para Maingueneau (2001), o *blog* é uma categoria que atravessa categorias temáticas, pois a escolha das cores, fontes e imagens, ajuda a criar uma cenografia pessoal ou a caracterizar um grupo da sociedade, expressando uma identidade.

Nos blogs analisados, verificamos a tentativa de reivindicação de identidade por parte das blogueiras desse universo *plus size*, que se utilizam desse espaço de discursividade propício à enunciação das diferenças, num processo de negociação das identidades.

Segundo Pêcheux (2002, p.52), nesse processo há um deslocamento de significados, pois somente tendo em consideração outras identidades é que surge a necessidade de uma

nova, na busca de se estabilizar através do discurso, recurso amplamente utilizado nos *blogs* estudados.

Segundo Woodward (2012), a identidade é marcada por meio de símbolos, havendo uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela diz, usa, apresenta, ou mesmo representa, reforçando junto às leitoras a empatia quanto ao *ethos* criado pelas blogueiras analisadas.

Woodward (2012) afirma ainda, que o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade, questão essa levantada pelo discurso sobre o corpo *plus size* abordado pelas blogueiras, que se associam às leitoras exatamente por meio da construção desse *ethos.*

É inevitável perceber a presença do poder nas práticas de significação, inclusive nas definições de quem é incluído ou mesmo excluído. Assim, segundo Orlandi (2012), os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira como estão nele significados, no caso das mulheres *plus size*, corpos estigmatizados, segregados da sociedade.

> A política de identidade tem a ver com o recrutamento de sujeitos por meio do processo de formação de identidade. Esse processo se dá tanto pelo apelo às identidades hegemônicas quanto pela resistência dos novos movimentos sociais, ao colocar em jogo identidades que não tem sido reconhecidas, que tem sido mantidas fora da história ou que tem ocupado espaços às margens da sociedade. (WOODWARD, 2012, p.37)

Sendo assim, a identidade marca o encontro do passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora (Hall, 2012), portanto, a cultura molda a identidade ao dar sentido, ao reivindicar uma identidade possível, de onde o discurso possa construir lugares a partir dos quais, nesse estudo as mulheres *plus size,* possam se posicionar e ganhar uma voz.

Considerando, segundo Woodward (2012) que:

> as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo, quando há a necessidade de afirmarem a primazia de certas características consideradas essenciais, [...] as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença e ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão. (WOODWARD, 2012, p.39-40).

Nesta tentativa então de compreender essa busca por uma identidade por parte dessas mulheres *plus size,* que reivindicam sua posição enquanto mulher ativa dentro da sociedade - sem se sentir excluída pelo fato de ter um corpo "diferente", definido assim como "fora do padrão" pela sociedade - por meio da construção de um *ethos* que se utiliza da agilidade e visibilidade dos *blogs* para disseminar sua voz, agora já coletiva, em um "discurso *plus size"*, que avaliamos se há um recrutamento a esse movimento por parte das mulheres (e leitoras) que assim se autoclassificam.

3. Recorte e a análise do *corpus*

A escolha desses três blogs se deu por conta do conteúdo temático neles abordados – o universo plus size, e por serem "alimentados" por mulheres com as mesmas características físicas, que usam manequim GG - numerações do 44 a 54, com o objetivo de analisar como se dá a construção do ethos por meio dos discursos produzidos e reproduzidos através desses blogs, e como podem implicar em experiências mobilizadoras, criando uma afetividade do público leitor, que em sua grande maioria se identifica com essa classificação plus size.

Tal amostra se faz adequada aos objetivos desse estudo, uma vez que se tem como intenção investigar se esse ethos construído pelas blogueiras influencia na formação da identidade dessa leitora e mulher caracterizada como plus size.

Blog1 – www.sougordinhasim.com.br

O título desse blog[1] já traz em si uma mensagem de afirmação de identidade, quando o autor/enunciador assume "sou gordinha sim e **linda** do jeito que Deus fez!". Nesse caso, a

estratégia usada como apresentação de si, opera práticas discursivas nas quais, através da enunciação, o enunciador busca claramente a adesão direta do enunciatário, por meio de um *ethos* valorizado. Tal procedimento é movido por uma memória discursiva carregada de significações no momento em que invoca a beleza enquanto manifestação divina. Verifica-se também a presença de um *ethos* construído a partir da foto de abertura, utilizando a imagem de uma modelo *plus size* nacional, de fama reconhecida internacionalmente, tendo sido capa de várias revistas nesse universo da moda. A frase de impacto vem reforçar essa ideia do *ethos* valorizado em busca da identificação com seu público, quando o faz participar: "se eu consigo, você também consegue", reafirmando sua posição sujeito determinante.

Blog2: http://omanequimg3.blogspot.com.br/

Neste blog[2] verificamos a ausência de uma imagem conhecida pelo público em questão, porém essa ausência é portadora de significados, principalmente quando a silhueta mostrada é a de uma mulher cheia de "curvas", porém sem um rosto, trazendo a leitora a uma identificação direta com a "forma" do corpo representado, que pode ser a de qualquer mulher que se encontra "acima do peso".

O nome do blog também é bem sugestivo nesse quesito, quando utiliza o termo "manequim", assim descrito no dicionário Houaiss online: "Imitação do corpo humano, feita de madeira, na qual as costureiras ajustam e experimentam moldes e vestidos", reafirmando a identificação de que aquele "corpo volumoso" da imagem da capa, também é digno de ser bem vestido e pode ser classificado como corpo humano, pois na definição dicionarizada não há qualquer referência a um tamanho estabelecido para que se inclua ou exclua dessa categoria.

Afinal, dividir o mundo social entre um e outro, nesse caso o corpo magro e o corpo gordo, significa classificar, assim definido por Silva (2012):

> O processo de classifição é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, dividir e classificar significa deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2012, p. 82)

Seguindo essas considerações, verifica-se claramente a presença de uma negociação dessa identidade representada por esse "grupo" de mulheres *plus size* também em relação à questão da beleza, tão pleiteada por essas mulheres através de suas relações sociais, contra a tirania imposta pela mídia. Nesse blog em questão, quando o enunciador enuncia "você linda em tamanho grande!", nota-se que a enunciação reivindica não só a adesão dos enunciatários como também um lugar que lhe garanta a existência do sentido, de que você (nesse caso a mulher *plus size)*, pode ser linda como é, sem negar ou mesmo disfarçar o excesso de peso.

A construção do ethos nesse exemplo, está diretamente ligada à da formação da identidade, pois cada palavra escolhida, implica na representação que o enunciatário faz e ao posicionamento que adota a partir de sua aceitação.

Outro detalhe que não se pode ignorar, está relacionado ao signo G3 que consta no título do *blog "*Manequim G3*"*. O numeral "3" refere-se às designações de tamanho de vestuário normatizado pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), por meio de uma tabela de medidas padrão (segue abaixo). Segundo a "alimentadora" do *blog* que assina os *posts* como "Gorda Milly Costa", esse "3" representa um grupo de mulheres, que como ela (através do *ethos* criado), apresentam características físicas parecidas (estratégias de aproximação com o enunciatário), contendo três digitos na balança, e que ainda assim, podem fazer moda.

TAMANHO	**P 40/42**	**M 44/46**	**G 48/50**	**GG 52/54**	**XG 56/58**	**GG 60/62**	**XG 64/66**	**EXGG 68/70**
BUSTO	90 94	98 102	106 110	114 118	22 26	30 34	38 42	146 150
CINTURA	74 78	82 86	90 94	98 102	106 110	114 118	122 126	134 138
QUADRIL	96 100	104 108	112 116	120 124	128 132	136 140	144 148	152 156

FONTE: ABRAVEST (Associação Brasileira do Vestuário/ABNT)

Mas além dessa explicação, vemos outra associação quanto ao sentido atribuído a essa letra "G" no universo sexual, visando reforçar a questão da identidade feminina, fato muito importante nesse processo de aceitação da mulher *plus size*, quanto ao seu corpo e a sexualidade, assuntos amplamente debatidos nos *blogs* analisados. Essa conotação que ressoa a partir do *ethos* criado pela blogueira, interfere diretamente no público, que é feito quase que exclusivamente de mulheres, e em sua grande maioria, com as características da etiquetagem *plus*.

Voltando ao ponto "G", de acordo com explicações científicas, o tal ponto de Gräfenberg, é uma pequena área exclusivamente encontrado na mulher, considerado como uma poderosa zona erógena. E quanto ao numeral "3" justaposto a letra "G", indica o grau de satisfação da mulher em seu último nível, seguindo as gradações de prazer atribuídas a essa área.

blog3: http://blogfatshion.wordpress.com/

Nesse recorte do terceiro blog analisado, visualizamos em seu título, uma aplicação linguística na junção de dois termos da língua inglesa: FAT (que significa gordo) + FASHION (que significa moda). Buscando uma tradução para o português, teríamos algo como moda para "gordo" (no caso desse *blog* – para gorda), sendo bem ressaltado com a palavra FAT grafada em caixa alta.

Nessa capa, observamos diferenças quanto as outras duas analisadas, principalmente na presença de uma apresentação textual da blogueira, onde Carla Manso, autora do blog, efetua deliberadamente em seu discurso uma apresentação de si (construção do *ethos*).

Quando o enunciador declara suas várias posições sujeito: empresária, jornalista, gordinha, modelo e dona de um amor próprio que não tem tamanho, fica evidente a tentativa de se conferir e conferir a seu enunciatário, certo *status* para legitimar seu dizer, outorgando a si mesma por meio do discurso, uma posição institucional (ou várias como no exemplo: empresária, jornalista, modelo), marcando sua relaçao com um saber (Amossy, 2013).

Segundo Maingueneau (2008), é nesse contexto que a noção de *ethos* adquire toda sua importância, pois a maneira de dizer autoriza toda a construção de uma verdadeira imagem de si, como vemos na passagem: "um amor próprio que não tem tamanho".

Vemos ainda a presença de um narrador quando nos interamos que "Carla Manso une o útil ao agradável ao escrever sobre moda para quem sonha em ser exatamente o que é", contribuindo assim para o estabelecimento de uma relação direta com o enunciatário/narratário, causando impacto e promovendo sua adesão.

Observamos também que há uma tentativa de afirmar a identidade dessa mulher *plus size* quando o enunciador instiga o enunciatário, afirmando que o *blog* e os textos ali veiculados são "para quem sonha em ser exatamente o que é", pois ela mesma, Carla Manso, se diz "dona de um "amor próprio que não tem tamanho".

4. Considerações Finais

Conforme afirma Maingueneau (2008), desde que haja enunciação, alguma coisa do *ethos* se encontra liberada: por meio de sua fala (mesmo em textos escritos), o enunciador ativa no enunciatário a construção de uma determinada representação de si mesmo e o projeta segundo sua interpretação.

A partir desse dado, surgem várias possibilidades de exploração do *ethos* e sua construção, levando-se em consideração o tipo e o gênero de discurso abordado. Como vimos nesse estudo, o *blog* atua como um recurso que atravessa categorias temáticas, tamanha diversidade do suporte digital.

Quanto aos blogs analisados, verificamos a presença constante de um *ethos* valorizado, promovendo uma empatia imediata em seu enunciatário, com o objetivo de seduzi-lo a uma adesão ao discurso veiculado, que em sua grande maioria carrega em si uma reivindicação de espaço e voz diante da sociedade, em busca da afirmação de uma nova identidade: a da mulher *plus size* sendo aceita com todas as suas características físicas, que é o que a distingue das que não se classificam nesse quesito.

Tais traços como o excesso de peso dessas mulheres, por exemplo, só tem significado no interior de uma ideologia preexistente historicamente e se atualizam como critérios de classificação. Os padrões estéticos veiculam valores aliados à ideologias que configuram a cultura de consumo vigente em nossa sociedade.

E para confrontar esse "padrão" que a mídia impõe, as blogueiras analisadas criam esse *ethos* tão próximo a esse enunciatário, ao ponto de fazê-lo aderir a essa comunidade imaginária que partilham do mesmo modo de vida e enfrentam os mesmos problemas.

Notamos que a representação de si na criação do *ethos* e a formação da identidade estão intrinsecamente relacionados e implicados naquilo que é dito e como é dito sobre as coisas. Nos *blogs* especializados em questão, quem exerce o poder-dizer sobre o corpo *plus size* são as próprias representantes do movimento e a interpelação ocorre no enunciatário pela

autoridade do discurso, imbuído de poder/dizer sobre, pois o lugar de onde fala é constitutivo do que diz.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso**.** In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, José Luiz. O Éthos do Enunciador. In: CORTINA, Arnaldo. MARCHEZAN, Renata Coelho (orgs.). **Razões e Sensibilidades: A semiótica em foco.** São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KOMESU, F.C. **A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autorherói/leitor**. Dissertação (Mestrado) em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas,Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de *Ethos.* In: POSSENTI, Sírio. SOUZA E SILVA, Maria Cecília Péres de (orgs.) **Cenas da Enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Hipergênero – hipergênero, gênero e internet. In: POSSENTI, Sírio. SOUZA e SILVA, Maria Cecília Péres de (orgs.) **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Imagem de autor. Não há autor sem imagem. In: POSSENTI, Sírio. SOUZA e SILVA, Maria Cecília Péres de (orgs.) **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel. SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.

ORLANDI, Eni. Processo de Significação, Corpo e Sujeito. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de (org.). **Sujeito, corpo, sentidos.** Curitiba: Appris, 2012.

PÊCHEUX. Michel. **O Discurso. Estrutura ou Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes, 2002.

RODRIGUES, Marlon Leal. Identidade: Movimento do Sujeito. In: PEREIRA, Danglei de Castro. RODRIGUES, Marlon Leal (orgs.). **Língua e Literatura I: questões teóricas e práticas.** São Paulo: Nelpa, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

DISCURSOS DO SUCESSO: A PRODUÇÃO DE SUJEITOS E SENTIDOS DO SUCESSO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

THIAGO BARBOSA SOARES
CARLOS PIOVEZANI
UFSCAR

Resumo
Este estudo visa analisar o discurso sobre o sucesso produzido na sociedade brasileira contemporânea. O corpus é constituído por edições da revista Caras. Mais precisamente, nossa pesquisa pretende descrever e interpretar as marcas de um possível sujeito emergente, isto é, o sujeito de sucesso, na medida em que esse é construído por práticas discursivas da mídia, considerando o fato de que esse campo discursivo possui lugares privilegiados de fabricação de novas identidades e de novos desejos. Desse modo, consideramos o postulado da Análise do discurso formulado nos seguintes termos por Orlandi (2012, p, 88): "sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, estando os processos de identificação na base do fato de que identidade é um movimento na história". Se os sujeitos e os sentidos constituem-se simultaneamente no encontro da língua com a história, ou seja, no discurso, os sujeitos e os sentidos do sucesso também serão produzidos pelo discurso. Ao dedicar-se aos enunciados do sucesso, Payer (2005) afirma que os dizeres que tematizam e constroem os sentidos e sujeitos do sucesso circulam em vários campos discursivos e em vários tipos de textos, mas ressalta que sua circulação privilegiada ocorre na mídia. Pode-se notar que há um certo "discurso do sucesso" funcionando atualmente em grande escala em nossa sociedade. Ante esse quadro, propomos neste trabalho expor uma breve investigação dos sentidos sobre o discurso de sucesso na atual sociedade brasileira. Para tanto adotamos o pressuposto, a partir de Pêcheux (2009 [1975]); (2006 [1983]), Orlandi (1996), segundo o qual o discurso é um efeito de sentidos entre interlocutores. Disso procede a compreensão da relação entre língua e ideologia, "sendo o discurso a materialidade específica da ideologia e a língua a materialidade específica do discurso, com a ressalva de que específico não significa exclusivo" (ORLANDI, 2012, p. 214), portanto a língua e outras naturezas de linguagem surgem como condição do discurso e o caráter de funcionamento dessas naturezas é o que define o processo discursivo (idem, 1996). Outro conceito fundamental com o qual trabalhamos neste estudo é o de memória discursiva em que "toda formulação apresenta em seu "domínio associado" outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega..., isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos" (COURTINE, 2009 [1981], p. 104). Nesse sentido, as concepções de interdiscurso, intradiscurso, pré-construído e enunciado se articulam por circularem no domínio da memória. Assim, toda produção discursiva, inscrita em determinadas condições de produção faz inevitavelmente circular formulações já enunciadas anteriormente. Portanto, os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento deste trabalho tiveram como base a pesquisa qualitativa, no desenvolvimento da qual buscamos identificar regularidades linguístico-discursivas dos enunciados do sucesso e interpretar a produção de seus sujeitos e sentidos por meio da elaboração de cadeias parafrásticas, no intuito de depreender suas formações discursivas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discursos do sucesso; Brasil contemporâneo.

Sucesso é uma tradução dos novos valores presentes na sociedade brasileira contemporânea. Valores como o consumismo, a competição, o destaque em relação aos demais, sobreposição de uma moda que vai desde como se vestir até como usar a língua. O sucesso é uma forma de cindir a sociedade entre os que têm sucesso e aqueles que não o possuem. Numa palavra, sucesso é formação social da qual se necessita compreender a ideologia reproduzida no discurso, que, por sua vez, se imprime na prática da língua.

De ontem para hoje, o sucesso tomou proporções diversas. A História redunda em grandes feitos de homens cujos nomes reverberam nos tempos; conquistas e unificações de reinos, feitos políticos no mais alto uso de poder, esses são alguns poucos exemplos do que antes poderia se chamar de sucesso. Nos tempos atuais, o sucesso está vinculado à produção de sujeitos e sentidos por esferas privilegiadas de dispersão dos discursos do sucesso, a saber, a mídia, a literatura e a internet.

Esses campos que configuram mais extensamente os sujeitos e sentidos do sucesso possuem relativamente diferentes tratamentos, cada um a sua maneira traz, ainda que sub-repticiamente, discursos sobre o sucesso. Noutras palavras, são construídos conteúdos, consequentemente, significados a partir das demandas que as próprias esferas de dispersão do discurso do sucesso criam na sociedade, ou seja, dizer o/de sucesso na mídia certamente não se dá da mesma forma que na literatura, ainda mais se especializarmos essa, como a de autoajuda, ou mesmo no vasto campo virtual da internet, como em blogs. Todavia, são esses espaços os privilegiados na circulação da ideologia que reveste o sucesso atualmente.

Se, como diz Orlandi (2012), a ideologia materializa-se no discurso, esse concretiza-se no texto, que por sua vez, se efetiva pelo uso da língua, é observando o batimento entre ideologia, discurso e língua que poderemos compreender os efeitos de sentido que determinado tipo de discurso carrega.

Posto isso, inicialmente, para análise do corpus, que é o momento de se perceber "a relação da materialidade da língua, com a história, com o real" (GUILHAMOU; MALDIDIER, 2010, p. 169), investigaremos de forma breve alguns enunciados retirados da mídia, mais exatamente da revista "CARAS", por se tratar, entre outras coisas, de uma revista representante da extensa circulação do entretenimento nos meios impressos da mídia.

APARATO TEÓRICO

Adotamos por pressuposto, a partir de Pêcheux (2009 [1975]; 2006 [1983]), Orlandi (1996; 2012), tratar-se o discurso de um efeito de sentidos entre interlocutores. Disso procede a compreensão da relação entre língua e ideologia, sendo "o discurso a materialidade específica da ideologia e a língua a materialidade específica do discurso, com a ressalva de que específico não significa exclusivo" (ORLANDI, 2012, p. 214), sendo que a língua e outras formas semiológicas surgem como condição do discurso e o processo dessas naturezas é o que define o procedimento discursivo (idem, 1996).

Por outro lado, através de um processo ideológico tácito, palavras, expressões diferentes podem encobrir o mesmo sentido num jogo estratégico de relações parafrásticas, determinando uma espécie de consenso apagador de diferenças que geralmente são conflituosas.

> De modo correlato, se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra, é necessário também admitir que as palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma formação discursiva dada, "ter o mesmo sentido", o que representa, na verdade, a condição para que cada elemento (palavra, expressão ou proposição) seja dotado de sentido (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 148).

Nesses termos, toda produção discursiva efetuada sob determinada conjuntura, faz inevitavelmente circular formulações já enunciadas anteriormente. Dessa forma, todo discurso possui suas especificidades, como no caso do discurso de sucesso e enunciado de sucesso em que Payer (2005, p. 18) os compreende:

> O enunciado de sucesso se imprime através de inúmeros textos, e circula de muitos modos, mas sobretudo através da Mídia. Pode-se notar que há um certo "discurso do sucesso" funcionando atualmente em grande escala. São incontáveis os títulos que pretendem ensinar ao sujeito-leitor como "ter sucesso": sucesso nas empresas (lucro), sucesso profissional (...) sucesso na imagem pública, como imagem de mídia. (grifo do autor).

Assim sendo, a mídia veicula o discurso de sucesso, na medida em que "[...] o sujeito se espelha na mídia visualizando outras imagens em si, que passa a perseguir (-las) como ideais [...]" (PAYER, 2005, p. 21).

No que compreende o sujeito, consideramos importante o subsídio de Orlandi (2012, p. 88) ao afiançar: "Como tenho afirmado, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, estando os processos de identificação na base do fato de que identidade é um movimento na história". Noutras palavras, para que haja uma apreensão dos efeitos de sentido que o discurso de sucesso produz na sociedade é necessário entendermos que sentido e sujeito não estão separados, por conseguinte a observação de um implica efetivamente na observação do outro.

SUJEITO DO SUCESSO: UM ESBOÇO DE ANÁLISE

Adotamos como procedimento de análise a interpretação da dispersão parafrástica e polissêmica de enunciados, de forma a promover a compreensão de suas formulações, ou seja, o intradiscurso – eixo horizontal – o qual, por sua vez, é atravessado pelo interdiscurso – eixo vertical – (COURTINE, 2009 [1981]). Dito isso, passemos a alguns enunciados da Revista "CARAS":

Susana Vieira rumo ao quarto casamento[1].

Rodrigo Faro abre sua casa e apresenta a caçula Helena[2].

Adriane Galisteu se emociona com festa surpresa pelos seus 40 anos[3].

Xuxa mostra seu lado solidário em SP[4].

Quem são os sujeitos dos quais se fala? O que fazem? Qual lugar ocupam na/para mídia? Tais questões são aparentemente fáceis de serem respondidas. Simplesmente são ídolos, logo ocupam o lugar de ícones para a sociedade. Como já dito, para abordar esse tipo de sujeito, isto é, o sujeito de sucesso, existe um "lugar sintático" nas sequências discursivas. Assim, pelo fato de não ser explicitado algo a respeito de tais celebridades, percebemos que há algo da ordem do repetível, da lembrança e do esquecimento que não cessa de se fazer presente nos enunciados acima. Essa ocorrência aponta para uma memória social que não é senão discursiva, que reata os repetires dos dizeres em seus sentidos de incompletude que

[1](CARAS, 16/05/2013, ed. 1019, ano. 19).
[2] (CARAS, 09/05/2013, ed. 1018, ano. 19).
[3](CARAS, 25/04/2013, ed. 1016, ano. 19).
[4](CARAS, 21/06/2013, ed. 1024, ano. 20).

todos enunciados possuem. Nesse sentido, temos a incompletude como uma propriedade pela qual sujeito e sentido estão em movimento (ORLANDI, 2012).

Podemos perceber que todos, melhor dizendo, qualquer pessoa pode participar das ações e estados apresentados nos sintagmas verbais acima, mas pela ideologia do "sucesso", o que o sujeito médio pretende atualmente é o lugar de evidência máxima. Todas as personalidades referidas nos recortes compartilham do prestígio midiático e, consequentemente, das pessoas comuns.

Ao passarmos para a representação parafrástica do enunciado: "**Xuxa** mostra seu lado solidário em SP".

Tem-se um título que figura em letras bem grandes na parte superior da página em que se encontra e é seguido por uma breve reportagem da qual segue alguns excertos.

"**Reconhecida por sua preocupação social**, a **apresentadora** (50) deu mais um exemplo de solidariedade na abertura da ABF Franching Expo 2013."

"A **eterna rainha dos baixinhos** foi madrinha do Espaço Social (...)".

Nesses enunciados, mais especificamente nos trechos em negrito, existe uma forma parafrástica do sujeito do título, pois todos tratam de Xuxa. Em outros termos, seu nome é retomado nas figuras: "Reconhecida por sua preocupação social", "apresentadora" e "rainha dos baixinhos", por mais de uma vez, *ou seja*, os sentidos que chancelam o enunciado "**Xuxa** mostra seu lado solidário em SP" são: apresentadora e rainha dos baixinhos sobretudo. Em "Reconhecida por sua preocupação social", tem-se um aposto, isto é, um equivalente sintático ao termo a que se relaciona, porquanto poderia substituí-lo. Além das demais informações que os excertos trazem, como "deu mais um exemplo de solidariedade", "foi madrinha do Espaço Social (...)", o que mais evidencia Xuxa é o fato dela ser apresentadora e ter o foco da mídia, para desse modo ser considerada rainha dos baixinhos.

Em poucas palavras, uma memória que não se cala, de forma que é recorrentemente textualizada, produzindo *efeitos de sentidos*, entre um deles, o de literalidade. Assim, tanto pode ser explicitado a respeito de celebridades, encarnações do sucesso, desde quando essas figuram em títulos de "matérias", que percebemos haver algo da ordem do repetível, da lembrança e do esquecimento que incessantemente se faz presente nos enunciados observados. Em face, pois, desse aspecto do discurso, é justa a colocação de que sujeito e

sentido estão em movimento (ORLANDI, 2012), e, portanto, perpetuando o ritual de paráfrase o qual compõe a obra final da virtualidade do texto, isto é, o discurso.

CONSIDERAÇÕES

Com efeito, os sentidos sobre o sucesso e a formação do sujeito de sucesso se apresentam quando se trata de celebridades e a construção discursiva do sucesso que a mídia faz em seu entorno. No entanto, há outros campos que, a priori, o discurso de sucesso figura por outras estratégias semiológicas, a saber, a literatura e a internet. Sendo assim, merecem ser investigados com o rigor que a Análise do Discurso proporciona.

Portanto, entender *a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo,* é analisar discursos do sucesso, que correspondam à atualidade, por meio de textos de circulação(atuação) na sociedade. E, inicialmente, apresentamos uma compreensão rápida dos sentidos e os sujeitos *produzidos* no meio midiático, mais especificamente, na revista Caras em edições do primeiro semestre de 2013, focalizando os recursos linguísticos, enunciativos e textuais empregados na constituição discursiva de suas publicações, e buscando depreender sua recorrência na produção de determinados efeitos de sentido sobre o sucesso.

Posto isso, em outros textos estenderemos o procedimento para analisar as similitudes e diferenças dos sentidos sobre o sucesso e a *formação* do sujeito de sucesso na sociedade brasileira contemporânea, nos campos da mídia, da literatura de autoajuda e em comunidades virtuais para fãs de celebridades.

Referências

COURTINE, J.-J(1981). **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP, edUFCAR, 2009.

GUILHAMOU, J; MALDIDIER, D. História e discurso. In: ORLANDI, E (Org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010b.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PAYER. M. O. “**Linguagem e sociedade contemporânea**: Sujeito, mídia, mercado”. Revista Rua, No. 11. Labeurb/Nudecri/UNICAMP, 2005.

PÊCHEUX, M.[1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. - 4ª ed.-, Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. [1983] **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

IDENTIDADES SOCIAIS E EXALTAÇÃO DAS MINORIAS NO SERIADO *GLEE*

THIAGO FERREIRA DA SILVA
UNESP/Araraquara

Resumo
Partimos, em nosso trabalho, do seguinte questionamento: em uma "sociedade da informação" regida basicamente pelas relações midiáticas e suas transformações, em que as identidades são fluidas e inconstantes e o "politicamente correto" é a ordem do dia, quais são e por meio de que processos *discursivos* constroem-se as subjetividades? Assim sendo, buscaremos explorar as articulações entre discurso, história e linguagens na construção de posições de sujeito que devem ser assumidas pelos espectadores das grandes mídias e que consequentemente geram grupos de pertencimento em torno de identidades sociais pré-construídas. Partindo dos pressupostos teóricos da chamada Análise do Discurso de linha francesa, baseada principalmente nos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault, procuramos analisar como as recentes transformações midiáticas, principalmente o chamado fenômeno transmídia, modificam o modo como discursos são produzidos e veiculados em nossa sociedade e, consequentemente, modificam as práticas pelas quais se produzem *subjetividades* e *efeitos de identidade*. Para tanto, discutiremos como são produzidos modelos de identidade para as minorias sociais no seriado musical *Glee*, um fenômeno essencialmente transmidiático. Considerando que os discursos veiculados pela série não se constroem apenas nos episódios produzidos para a televisão, abrangemos em nosso trabalho toda a série de material considerado transmídia relacionado ao programa: livros, CDs, DVDs, filmes e em especial o reality show chamado *The Glee Project*, criado para selecionar, entre os fãs de *Glee* de todo o mundo, atores convidados para participar de episódios da série. Em nossa apresentação especificamente analisaremos como as relações construídas entre a trama do seriado "em si" e as atividades propostas no reality show se reafirmam para um efeito de aproximação com o espectador e exaltação do diferente, do "anormal", das minorias de modo geral que deve ser adotado e defendido pelo público, a fim de construir imensos grupos de pertencimento que criam uma relação de afetividade entre o consumidor e o objeto midiático consumido (as chamadas *lovemark*).

Palavras-chave: Análise do Discurso; Mídia; Minorias; Seriado *Glee*.

1 Introdução

Que a questão da identidade na sociedade contemporânea seja algo fluido, complexo e profundamente discutível em todas as suas instâncias é um fato já consolidado, bem como é inquestionável a importância das reflexões teóricas a respeito desse assunto. Desse modo, nesta pesquisa pretende-se analisar e discutir as práticas discursivas que não apenas constroem subjetividades representativas na sociedade essencialmente midiática em que vivemos como veiculam e promovem as chamadas práticas de consumo cultural, bastante

difundidas atualmente e constitutivas desses "modelos de identidades" oferecidos e defendidos pelas grandes mídias. Analisamos, nesse artigo, os episódios 16 e 18 da segunda temporada da série musical *Glee*, produzida pelo canal de TV FOX desde 2009, pretendo observar a proposição de uma identidade global das minorias para os jovens, por meio de questões como a superação da segregação e do preconceito e mesmo a autoaceitação, tão presentes na série. Por se tratar de uma série musical (que regrava músicas de vários artistas já consagrados como Beatles e Madonna e artistas em emergência, como as norte-americanas Beyouncé¸ Ke$ha e Katy Perry), analisamos também o reflexo da série no movimento do mercado cultural, em especial o mercado da música, que tem passado por transformações significativas nos últimos anos. Para tanto, discutimos brevemente o fenômeno de convergência midiática frequentemente denominado "transmídia", baseando-se principalmente nos trabalhos de JENKINS (2009). Inserida nas investigações coletivas do Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), liderado pela professora Dra. Maria do Rosário Gregolin, a presente pesquisa toma como base teórica das reflexões propostas a chamada Análise do Discurso de linha francesa, originada nos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault sobre discurso, linguagem e sociedade.

Assim, o presente trabalho propõe um exercício de análise do discurso baseado nas já referidas fundamentações teóricas e tomando como linha metodológica o chamado método arqueológico desenvolvido por Michel Foucault.

2 Um breve olhar sobre a Arqueologia Foucaultiana e as recentes transformações culturais e midiáticas

Em sua chamada fase arqueológica, Foucault (2010) propõe que seja construída, por meio de uma análise histórico-linguístico-social, a compreensão dos discursos existentes em um determinado momento histórico por meio de uma "arqueologia dos saberes vigentes": deve-se, como num processo arqueológico, "escavar" nos enunciados que circulam em uma sociedade as "peças" – ou as práticas discursivas – que compõem os discursos desse momento e, desse modo, compreender a construção e circulação do sentidos nessa sociedade, sentidos esses que agem diretamente nos processos de subjetivação também tratados pelo autor e que são o elemento central do presente trabalho.

Além disso, Foucault propõe que essas práticas discursivas não apenas compõem os discursos que circulam numa dada sociedade em um determinado momento histórico, mas *controlam* a produção e circulação desses discursos, pois

> [...]em toda sociedade a produção do *discurso* é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2008, p.9; grifo do autor).

Constitui-se assim, para Foucault, uma organização social em que nem tudo pode ser dito a qualquer momento e em qualquer lugar, em que os enunciados estão submetidos a condições de produção e circulação, sendo necessária para tanto a existência de instituições responsáveis pela construção e manutenção dessas condições, que devem estabelecer as "verdades" que regem a manifestação dos discursos (FOUCAULT, 2008, p. 17). Entre essas instituições estariam a clínica, a escola, as instituições religiosas e todas as outras que dão atestado de "verdade" para os enunciados que podem circular livremente em dado contexto, enquanto lutam contra aqueles enunciados que devem ser suprimidos.

Parece-nos portanto plenamente justificável a abordagem de nosso objeto de análise – o seriado norte-americano *Glee* – por meio dessa perspectiva teórica, já que, em nossa sociedade, podemos observar a mídia uma dessas "instituições controladoras", e com uma vantagem raramente atingida por outras instituições em outros momentos históricos: no mundo globalizado e em constante movimento em que vivemos, os discursos propagados pelas diversas mídias tem alcance global e imediato, e essas mídias funcionam até mesmo como mecanismo de difusão para os discursos das outras instituições – a pedagógica e a religiosa e a política, por exemplo.

Do mesmo modo, as sociedades contemporâneas passam por profundas transformações decorrentes da revolução tecnológica e midiática em que vivemos, afetando diretamente esses processos de subjetivação produzidos e difundidos discursivamente. Muito se discute a respeito da inserção do homem moderno numa sociedade de dúvidas, incertezas e fluidez cultural nunca antes encontrada na história da humanidade. Como nos apresenta Bauman (2005), essas transformações no modo em que o homem se relaciona com o homem e mesmo com o mundo por meio da globalização vão modificar completamente a constituição dos sujeitos sociais, ou seja, a construção de suas identidades. Para o autor, nessa "modernidade líquida" em que vivemos, "[...] o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a

solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis" (BAUMAN, 2005, p.17), dependendo diretamente das decisões tomadas pelo indivíduo e de seu comportamento diante do mundo.

Além disso, a "febre" do comportamento politicamente correto e as ondas de "conscientização" (que vão da defesa do meio-ambiente à luta pelos direitos das minorias sociais, como imigrantes, deficientes físicos e homossexuais) implicam em novas regras aos discursos que devem circular livremente e novas interdições às vozes discursivas que devem ser silenciadas, e as grandes mídias estão participando ativamente desses movimentos.

Em seu trabalho sobre a convergência das mídias na sociedade contemporânea, Jenkins (2009) dedica todo um capítulo à reflexão sobre o poder da mídia de entretenimento não apenas na manipulação da tomada de decisão por parte do telespectador, mas também numa possível conscientização sobre assuntos e questões contemporâneos que pode ser desenvolvida pelos conteúdos veiculados. Segundo ele, as mídias de entretenimento, em contraponto à mídia jornalística oficial, tiveram papel fundamental no desenvolvimento e desfecho da campanha eleitoral norte-americana de 2004. O autor destaca a importância da comunidade de entretenimento que utiliza "sua visibilidade e influência para incentivar os jovens a uma maior participação no processo político" (JENKINS, 2009, p.303). Do mesmo modo, uma tendência contemporânea dessas comunidades de entretenimento é a inserção desses processos de conscientização social (a respeito de deficiências físicas, homossexualidade, obesidade, questões religiosas, etc) em seus produtos de maior alcance de público, como se pode observar ainda na mídia norte-americana em seriados como *It's all relative* (série que aborda o dia a dia de um casal homossexual com seus filhos, exibida no Brasil com o título de *Casal Gay*), *The Office* (que aborda ironicamente o tema com personagens obesos, homossexuais, de diferentes religiões e etnias) e o seriado *Glee*, *corpus* de análise desta pesquisa. Também no Brasil podemos já há algum tempo observar essa tendência em produtos que atingem os maiores públicos, como nas novelas do chamado "horário nobre" da televisão brasileira (como *O clone*, *Caminho das Índias*, e a recente *Amor à Vida*, todas tendo em sua trama principal questões como o preconceito contra diferenças relgiosas, étnicas, sexuais e mesmo contra deficientes físicos), e mesmo nas mídias direcionadas ao público infantil, como os quadrinhos da *Turma da Mônica*, em cujas histórias personagens em cadeiras de rodas e deficientes visuais são regulares e ganham posições de destaque.

Porém, apesar de apenas recentemente estar atingindo proporções tão grandes no que diz respeito às questões sociais de aceitação e inclusão, tal tendência de "conscientização pela mídia" não é, de modo nenhum, recente, e, apesar da incredulidade e ceticismo de um certo "senso comum acadêmico", é defendida como bastante positiva por vários estudiosos. Como menciona Jenkins,

> Já em 1994, Joe Katz afirmava, na revista *Rolling Stone*, que uma porcentagem crescente de jovens sentia que a **mídia de entretenimento [...] refletia mais plenamente seus pontos de vista sobre os temas da época**. Katz alegou que os jovens obtinham a maior parte das informações sobre o mundo por meio de **videoclips e músicas rap,** dos quadros do *Saturday Night Live* e comediantes stand-up, **do enredo dos dramas no horário nobre** e das piadas das sitcoms. Katz encarava isso como algo positivo, já que **as perspectivas ideológicas do entretenimento popular eram menos policiadas do que as do noticiário**, que ele temia ter ficado cada vez mais sob total controle corporativo. O argumento de Katz foi recebido com escárnio por jornalistas consagrados. (JENKINS, 2009, p.305. grifo nosso)

É nesse ambiente de conscientização e de um "desejo de pertencimento" (que constitui em si mesmo uma forma de exclusão, já que aqueles que não pertencem ao grupo são vistos como "deslocados", que nesse contexto é praticamente um sinônimo de "inferior") que esses já mencionados mecanismos sociais (destacando-se aí as grandes mídias) vão voltar seus olhos aos excluídos, aqueles que não "pertencem" a nenhum grupo, incentivando-os a formar seus próprios grupos, a constituir suas próprias identidades – criando, assim, seu próprio "pertencimento".

Assim, torna-se indiscutível a importância (e o poder) da mídia nas constituições de identidades sociais no mundo contemporâneo, e justamente por isso a materialidade midiática se torna um objeto de estudo bastante profícuo e indispensável para a consolidação e o desenvolvimento do campo teórico da AD.

3 *A loser like me:* o pertencimento e o "orgulho de ser minoria"

No que concerne diretamente ao nosso objeto de análise, cremos que essa exaltação do pertencimento à minoria atinge um de seus ápices nos episódio 16 e 18 da segunda temporada. Primeiro episódio no qual são cantadas músicas originais da série, o episódio 16 narra uma competição regional de clubes de coral. *Loser like me*, composta para ser a principal performance do grupo que protagoniza a série na competição, ressalta de modo claro

o posicionamento proposto ao espectador-enunciatário pelo discurso do programa. Pelo enunciado construído na cena em que a música é cantada o fã é persuadido a acreditar que, apesar de excluído, diferente e rejeitado, não deve jamais desanimar dos seus objetivos, pois ele é de certo modo superior a todos que estão contra ele e que o odeiam (*I'm not thinkin' 'bout you haters/ 'Cause Hey!, I could be a superstar/ I'll see you when you wash my car*[1]).

Esse discurso de orgulho e superioridade cria um efeito de pertencimento, criando no enunciatário a ilusão de uma proximidade entre ele e a série-enunciador e, mais do que isso, uma ilusão de intimidade e mútua compreensão. Ao final, o fã que se sente envolvido e inserido no ambiente de *Glee* declara, juntamente com a música, àqueles que não o aceitam e não compreendem (sejam esses seus pais, amigos, família, fãs de outras séries ou a sociedade em geral): *Just go ahead and hate on me and run your mouth/So everyone can hear/Hit me with the worst you got and knock me down/Baby, I don't care/Keep it up and soon enough you'll figure out/You wanna be.../You wanna be/a loser like me!*[2]

No episódio 18 da segunda temporada, por sua vez, são as questões da beleza física e da autoaceitação que se tornam elementos centrais. Envergonhada com sua aparência, Rachel, a grande estrela da série, decide fazer uma cirurgia plástica para deixar seu nariz igual ao de Quinn Fabray, a "líder de torcida loira e perfeita" do *glee club*. Partindo daí, todos os integrantes do clube começam a lidar com seus próprios conflitos internos a respeito de seus problemas e vulnerabilidades. Preocupado com a onda autodepreciação que começa a assolar seus alunos, Will Schuester (professor de espanhol da escola e mentor do *glee club*) pede ajuda a Emma, a conselheira do colégio que sofre de um grave caso de TOC com limpeza, por quem Will é profundamente apaixonado.

As vozes que propõem os modelos de subjetivação oferecidos pela série começam a se manifestar quando os dois professores decidem fazer um exercício onde cada um deve encarar sua maior vulnerabilidade, aceitá-la como algo imutável e, principalmente, ter orgulho dela, pois "é o que faz cada um ser único e especial". Assim, os alunos devem apresentar a música *Born this way*, de Lady Gaga, um indisfarçado hino de exaltação a todas as diferenças e a tudo aquilo que vai contra as regras, cada um vestindo uma camiseta branca com um rótulo que especifica sua maior fragilidade.

---

[1]GLEE, 2011. "Eu não estou me preocupando com vocês, inimigos/Porque, ei, eu poderia ser um grande astro/Nos vemos quando você estiver lavando meu carro" (tradução nossa)

[2]GLEE, 2011. "Apenas vá em frente em me odeie e grite muito/ Para que todos possam ouvir/Me acerte com o pior que você tem e me derrube/*Baby*, eu não me importo/Continue assim e logo você vai perceber/Você quer ser.../Você que ser/Um fracassado como eu!" (tradução nossa)

Enquanto vestem camisetas com rótulos como *"Likes boys"*, no caso de Kurt, o garoto homossexual, *"Nose"*, no caso de Rachel, e *"Brown eyes"*, no caso de Tina, a garota oriental que quer ser como as modelos que vê nas revistas, e cantam "*I'm beautiful in my way/'Cause God makes no mistakes/I'm on the right track, baby/I was born this way!*[1]*"*, os alunos percebem o quanto tem orgulho de suas diferenças, e como são esses elementos que os fazem "especiais". Assim, as vozes que subjazem a esses enunciados construídos tanto visualmente quanto verbalmente, estão reiterando as funções enunciativas de exaltação e orgulho das diferenças, representados tanto pelo discurso de *Glee* quanto em todo o processo discursivo construído em torno de uma artista como Lady Gaga, a autoproclamada madrinha dos homossexuais, deslocados e *freaks* (esquisitos, aberrações) de modo geral. Também o fato de Kurt protagonizar essa apresentação reforça esses sentidos de autoaceitação e resistência, já que, neste episódio, o garoto acabara de retornar da escola para a qual havia sido transferido por estar sofrendo *bullying* e, de modo geral, Kurt é sempre tomado na série como uma espécie de modelo a ser seguido no que diz respeito à coragem de assumir sua posição e lidar com as conseqüências.

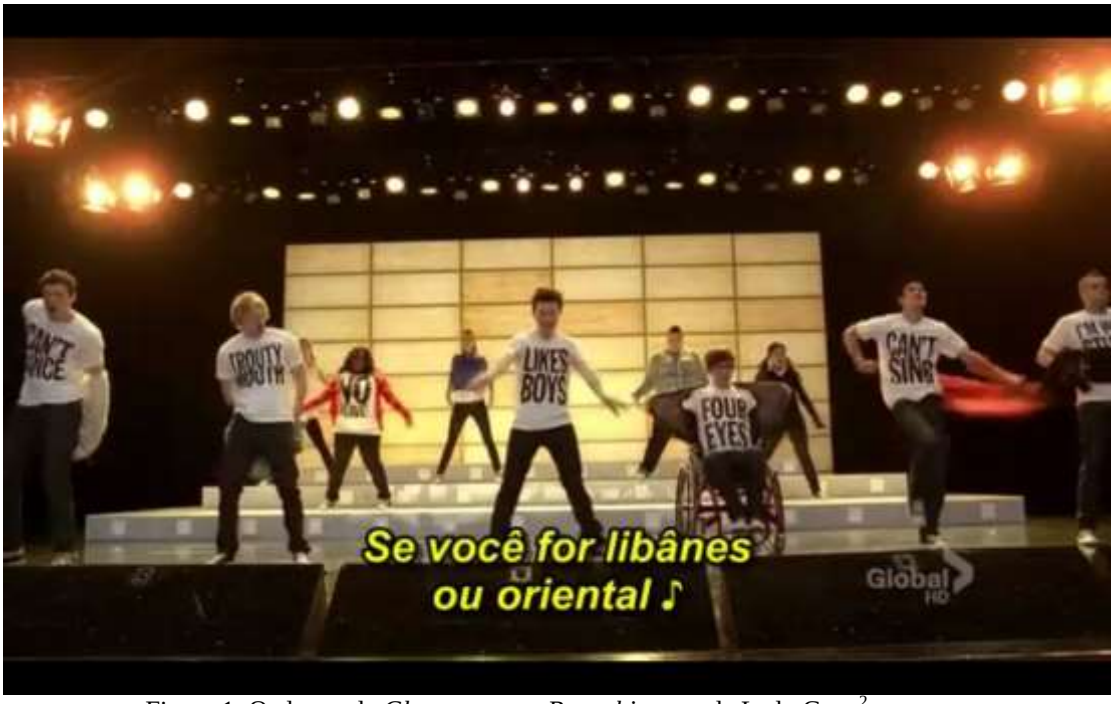


Figura 1: O elenco de *Glee* apresenta *Born this way*, de Lady Gaga[2].

[1]GLEE, 2011. "Eu sou lindo do meu jeito/Porque Deus não comete erros/Eu estou no caminho certo, *baby*/ Eu nasci assim!" (tradução nossa).
[2]GLEE, 2011.

Como se pode observar na Figura 1, durante a apresentação da música de Lady Gaga, todos os alunos estão vestindo as mesmas roupas, de modo que *a única coisa* que os diferencia são os rótulos em suas camisetas, do mesmo modo que aquilo que os torna "especiais", segundo o discurso adotado pela série, é justamente a característica que os faz diferentes dos outros.

É interessante destacar, no entanto, algumas vozes que se manifestam um pouco mais sutilmente por trás da aparente clareza dessa performance, começando pela escolha dos rótulos utilizados. Como se constata ainda na Figura 1, o rótulo utilizado por Kurt (o garoto no centro da imagem) é "*Likes Boys"*, e não "*Gay"* ou "*Homossexual"*, como se poderia esperar. Assim, o garoto que "gosta de garotos" está assumindo *seu próprio rótulo*, e não o rótulo que lhe é destinado pela sociedade. Ou seja: na escolha lexical desse enunciado, fica discursivamente implícito o fato de que Kurt está aceitando e assumindo aquilo que *é*, enquanto se rebela e recusa aquilo que *os outros* dizem que ele seja, um valor essencial para o modelo identitário oferecido não apenas pelo personagem de Kurt, mas em todo o discurso da série.

Similarmente, Artie, que é sempre identificado como "o garoto na cadeira de rodas" ou "o cadeirante" (mesmo nesse trabalho), nessa performance em especial carrega o rótulo de "*Four Eyes"* (quatro olhos). Desse modo, reiterando a imagem de "guerreiro que não precisa de ninguém" construída para Artie desde o início da série, o rótulo em sua camiseta parece deixar claro que o fato de não poder andar não representa para Artie um problema maior do que o problema de usar óculos, já que o personagem deveria escolher para si um rótulo que representasse sua maior vulnerabilidade. É ainda mais interessante perceber que a preocupação de Artie não está no problema de visão que o leva a usar óculos – mas sim no resultado *estético* de se usar os óculos, ou seja, os "quatro olhos".

Por fim, todos esses efeitos de sentido possuem ainda um realce final que passa facilmente despercebido pelo espectador-enunciatário, mas que ao mesmo tempo é facilmente identificável: durante essa performance, todos os personagens estão utilizando tênis *Converse* preto. Uma espécie de "*Coca-cola"* das marcas de calçados, os mundialmente famosos tênis *All Star* são como um símbolo de liberdade e ao mesmo tempo de pertencimento a um seleto grupo – e, mais do que isso, um grande símbolo da globalização para a juventude.

3 "*Você é o que você compra*": fenômeno transmídia e as práticas de consumo cultural

É bastante fácil perceber que a narrativa de *Glee* não se restringe apenas ao conteúdo televisivo quando podemos encontrar livros, DVDs CDs da série em livrarias e lojas de departamento; vídeos e clipes especiais veiculados pela internet e músicas que podem ser compradas direto no iTunes; uma completa grife de roupas com a marca da série; e mesmo o recente r*eality show* produzido pelo canal *Oxygen*, *The Glee Porject*.

É interessante observar como o fluxo que se propaga por diversos suportes de mídia intensifica e modifica o efeito de identificação do público com a série e também a ilusão de realidade proveniente dessa relação. Como discute Jenkins (2009), essas práticas constituem as chamadas *lovemarks*, em que o fã não é apenas um consumidor passivo e eventual – el*e dialoga* com o conteúdo que está adquirindo, cria uma *fidelidade* a respeito da marca, a ponto de ser capaz de comprar todo e qualquer produto veiculado sob aquele rótulo, criando assim um movimento de mercado em que o público não adquire meros bens de consumo, mas adquire sua própria realidade, sua cultura e sua *identidade*. E, como mencionado anteriormente, esse movimento não beneficia apenas os produtores do seriado, mas todos os artistas e musicais que disponibilizam suas músicas para regravação.

Como exemplo, podemos mencionar os CDs lançados com a longuíssima trilha sonora do seriado. Durante a primeira temporada, quatro discos foram gravados, com aproximadamente 70% das músicas cantadas durante os episódios: *Glee, the music: Volume 1* (2009); *Glee, the music: Volume 2* (2009); *Glee, the music: Volume 3 – Showstoppers* (2010); e *Glee, the music: The Power of Madonna*.

Devido ao imenso sucesso de vendas dos discos e das versões digitais compradas no iTunes, na segunda temporada foram gravados e lançados *seis* discos, com aproximadamente 90% das músicas cantadas nos episódios: *Glee, the music: Volume 4* (2010); *Glee, the music: Volume 5* (2010); *Glee, the music: The Christmas Album* (2010); *Glee, the music: The Rrocky Horror Glee Show* (2010); *Glee, the music: Volume 6* (2011); e o álbum especial apenas com músicas dos *Warblers*, grupo concorrente dos protagonistas da série, *Glee, the music presents: The Warblers* (2011).

Como é fácil de perceber, a produção da série respondeu diretamente a recepção do público, editando mais CDs e incluindo mais faixas em cada CD, para que nenhuma música importante da série estivesse ausente. Desse modo, na segunda temporada da série, o enunciador deu um retorno a o público que, por sua vez, tinha dado seu retorno à série na

temporada anterior, criando um movimento de mão dupla no mercado de consumo cultural, ainda conforme Jenkins (2009).

Também é interessante notar que álbuns como *The Power of Madonna* configuram um enunciado que não apenas manifesta vozes do discurso da série, como também dos discursos veiculados pela própria Madonna como "artista de resistência" que se pretende. Desse modo, "Madonna", como função enunciativa, é assumida como parte integrante do discurso da série, ao mesmo tempo em que a série "atualiza" Madonna numa geração em que ela talvez não possua tanta força quanto possuía nas anteriores.

A grife de roupas da série e outro ponto de bastante interesse quando se pensa na identificação do público com as personagens que assiste. Com seus figurinos bastante característicos (e muitas vezes bastante extravagante), cada personagem parece representar todas as nuances de sua personalidade apenas nas roupas que veste (como podemos observar na Figura 2). Assim, Kurt (o segundo da esquerda para a direita) está sempre vestido com roupas da alta costura e repleto de acessórios – casacos, coletes, cachecóis, boinas e até uma luva de brilhantes quando realiza sua performance de *Single Ladies*; Tina (a quinta da esquerda para a direita), a garota tímida que fingiu ser gaga para não ser obrigada a "socializar", parece esconder-se embaixo de suas toucas e seu figurino sempre escuro com tendências para o gótico; Rachel, por sua vez, em sua própria definição, prefere o estilo "*sexy school girl librarian chic"*, com polainas, saias curtas de pregas e suéteres de cavalinhos que, segundo ela, refletem as nuances de sua personalidade cheia de surpresas e, segundo seus colegas, refletem o quão irritante ela consegue ser.

Figura 2: Figurino dos personagens[1]

[1] GLEE, 2010.

Assim, enquanto você "aprende" com suas experiências e sonha em ser talentoso como Rachel, linda como Quinn ou corajoso como Kurt para assumir todos os seus riscos, você pode *vestir*-se como eles. Desse modo, o efeito de sentido de participação e interação é ampliado a tal ponto que o público não se sente mais um elemento externo: ele *faz* a série, *participa* dela – ele *é* a série.

Esse tipo de relação parece atingir seu ponto máximo em *The Glee Project*, *reality show* criado pelos produtores da série com o objetivo escolher um membro entre os fãs de *Glee* para participar de sua terceira temporada, exibida a partir de setembro de 2011.

Figura 6: Elenco de *The Glee Project*[1].

Nesse *reality show* foram selecionados, dentre aproximadamente 40.000 inscritos, doze integrantes que "representassem" os objetivos de *Glee*, para participar durante dez semanas de competições de canto, dança e atuação. Assim, foram selecionados fãs da série de vários lugares do mundo garotos e garotas que reiterassem o discurso de orgulho e superação da série (uma garota ruiva e obesa, um garoto negro e gay que canta exatamente como uma mulher e inclusive um brasileiro de 20 anos com 1,48m de altura, por exemplo) criando um

[1] THE GLEE PROJECT, 2011.

efeito de maior proximidade a cada dia entre a série-enunciador e o público-enunciatário, em que as vozes subjacentes aos enunciados produzidos pelo programa parecem sussurrar para o fã que “mesmo sentado no sofá de sua casa há milhares de quilômetros dos Estados Unidos, você está perfeitamente representado e, mais do que isso, participando diretamente do processo de construção do seriado”.

4 Considerações finais

O trabalho apresentado é uma síntese da monografia de conclusão do curso de Letras que deu origem ao projeto de Mestrado “Convergência cultural, divergência nos olhares: práticas discursivas e produção de subjetividades na Cultura da Convergência”, em que exploramos a produção de subjetividades e efeitos de identidade para minorias sociais na série *Glee* por meio de uma articulação das teorias discursivas com bases nos trabalhos de Michel Foucault e um projeto de Semiologia Histórica idealizado por Jean-Jacques Courtine.

Após extenso trabalho de aquisição de material teórico, coleta e análise dos dados e reflexão sobre o conjunto de enunciados que formam o discurso de *Glee* (conjunto este que vai muito além dos episódios televisivos que compõem o núcleo da série, como pudemos comprovar ao longo da pesquisa), pode-se concluir que, utilizando-se dos amplos recursos oferecidos não apenas pela materialidade audiovisual mas também do universo de possibilidades criado pelas recentes revoluções e transformações no campo da mídia e da comunicação, esse produto midiático pode exercer (e exerce) uma grande influência nas práticas subjetivadoras que propõem modelos de identidade e práticas de consumo para o público jovem não apenas nos Estados Unidos mas em todo o mundo.

Podemos observar que em *Glee*, assim como em muitos outros produtos midiáticos, a juventude e, mais especificamente, as *minorias* são, ao mesmo tempo, *objetivadas* e *subjetivadas* – são o *objeto* de que tratam os discursos manifestados pela série, ao mesmo tempo em que são *subjetivadas* (ou seja, representadas, mas também sugeridas, constituídas e construídas) por suas práticas discursivas. Assim, cria-se uma ilusão de realidade, intimidade e mesmo de participação que cativa o enunciatário, mergulhando-o completamente nas práticas discursivas propostas e realizadas pela série.

Referências

BALSER, E.; GARDNER, S. **Glee:** Não deixe de acreditar. São Pulo: Rai, 2011.

BAUMAN, Z. **Globalização**: As conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

_____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GLEE. A primeira temporada completa. Los Angeles: Twentieth Fox Home Entertainement, 2010

_____. A segunda temporada complete. Los Angeles: Twentieth Fox Home Entertainement, 2011.

GREGOLIN, M. R. (org.) **Discurso e mídia**. A cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003a.

_____. AD: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Org.). **Teorias Lingüísticas:** problemáticas contemporâneas. Uberlândia: UFU, 2003b. p.21-34.

_____. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Org.). **Análie do discurso.** Unidade e dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004. p.19-42.

_____. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso**. Diálogos e duelos. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo,** São Paulo, v.4, n.11, p.11-25, nov. 2007.

THE GLEE PROJETC. Los Angeles: Oxygen Television, 2011.